Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras

BEATRIZ APARECIDA ALENCAR

O LÉXICO DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS INFANTIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

TRÊS LAGOAS - MS
2018

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras

BEATRIZ APARECIDA ALENCAR

O LÉXICO DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS INFANTIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

TRÊS LAGOAS - MS
OUTUBRO/2018

BEATRIZ APARECIDA ALENCAR

O LÉXICO DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS INFANTIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Tese defendida pela autora citada para a obtenção do título de DOUTORA EM LETRAS pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Campus de Três Lagoas.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Aparecida Negri Isquerdo – Orientadora
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

_____

Profª. Drª. Silvana Soares Costa Ribeiro
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

_____

Prof. Dr.ª Carla Regina de Souza Figueiredo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

_____

Prof.ª Dr.ª Elizabete Aparecida Marques
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

_____

Prof.ª Dr.ª Regiane Coelho Pereira Reis
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Três Lagoas, 26 de outubro de 2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que eu amo e que ainda irei amar e a todos a que a recíproca valer.

AGRADECIMENTOS

Os caminhos pela Dialetologia e pela Geolinguística surgiram em um momento muito especial em que o sonho pelo Mestrado se fazia uma constante em minha mente e, por extensão, assuntos como: rede de pontos, coletas, informantes, atlas não saiam da minha cabeça. O Mestrado se concretizou e foi uma das experiências mais significativas nesta minha curta passagem pela terra. E logo não tardou a ânsia pelo próximo degrau: o Doutorado. Ao contrário do tão almejado Mestrado, o Doutorado surgiu como uma consequência no caminhar em busca de conhecimentos, prosseguindo nos estudos dialetais. Em decorrência disso e de outros fatores, em alguns momentos essa etapa da Pós-Graduação tem sido mais pesada do que, de fato, tinha sido pensada. No começo exaltação, felicidade, e depois viagens, cansaço, esforço, desgaste (físico, mental, psicológico), renúncia/abdicação, claus ura, solidão... até que no decorrer do tempo esses sentimentos tão intensos se encaminharam para a força, a superação, para a conclusão deste trabalho. Para tanto, essa caminhada, assim como todos os passos não foram guiados apenas por mim e são dignos de muitos agradecimentos. Entre eles, cito alguns:

À Deus a quem qualquer adjetivação seria insuficiente.

Aos informantes tão sábios em dividir experiências e conhecimento.

À orientadora Aparecida Negri Isquerdo pela continuidade no caminhar, iniciado no curso de Mestrado e que se estendeu até a conclusão do Doutorado. Obrigada pelas reflexões proporcionadas/provocadas, pelas horas e ensinamentos dedicados para a execução deste trabalho e demais atividades realizadas durante esses últimos oito anos. Com certa audácia, mas com respeito e humildade, sigo pelos caminhos trilhados.

Aos professores da Banca de Qualificação e Defesa pelo convite aceito e pelas contribuições que forneceram/fornecerão para o fechamento desta Tese.

À professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera que foi a responsável pelos meus primeiros encontros com a apaixonante disciplina da Dialetologia e da Geolinguística, no ano de 2010, na Universidade Estadual de Londrina. Esses momentos despertaram em mim a curiosidade e o interesse pela área bem como

“plantaram as sementes” da busca pelo conhecimento sobre o fazer dialetal e pelos atlas linguísticos.

À professora Elizabete Marques que acompanhou toda a minha caminhada pela Pós-graduação *stricto-sensu*, e que sempre teve um sorriso e uma palavra confortadora e amiga para comigo e para todos os colegas. Mais do que uma professora, uma pessoa muito especial e que espero que esteja sempre próxima dos olhos e do coração.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, coordenadores, secretários pelo apoio prestado nas diferentes situações. Ao corpo docente, pelos momentos de estudos proporcionados quando do cumprimento dos créditos em disciplinas.

Ao IFMS, em especial aos *campi* de Aquidauana e de Campo Grande, na figura das direções, servidores e em especial aos professores da área de Letras com os quais tive oportunidade, mais direta, de criar vínculos pessoais e profissionais.

Aos motoristas da Viação São Luiz que estiveram atentos aos trajetos realizados e garantiram as idas e vindas durante o período de deslocamentos Campo Grande/Três Lagoas/Campo Grande com segurança, mesmo com tantas situações adversas. Estendem-se a eles as amizades que nasceram ou se fortaleceram nesse percurso.

A minha mãe e por extensão a meu pai (*in memoriam*) que sempre incentivaram, apoiaram e proporcionaram toda a minha caminhada escolar e acadêmica.

Aos irmãos-amigos que sempre me incentivaram na caminhada pessoal e que sempre serão o meu “bendito encontro na vida”. Ao meu irmão Humberto pela leveza que encara a vida e pelo modo com que a singulariza para as pessoas ao seu redor; à minha irmã Benazir que me auxiliou, sobremaneira, em atividades necessárias para a execução deste trabalho (formatação e conhecimentos informáticos) e minha amiga-irmã Vanessa pelo apoio, conselho e força em diferentes momentos.

Ao namorado-amigo que sempre soube estar ao meu lado, independente de onde estivesse, em diferentes papéis, mas em nenhum momento com menor preocupação e sem a sensação de ser o melhor lugar do mundo para estar. Apesar de todos os obstáculos, dificuldades e dúvidas, sempre tive a segurança de não

estar sozinha e a certeza de que poderia contar contigo (em termos pessoais e de execução de tarefas) para alcançar o que fosse necessário. Que sempre disse sim, mesmo quando eu não tinha mais forças/paciência para continuar, que sabia dar os melhores conselhos e os melhores abraços. Tenho certeza que o nosso encontro nesta vida não foi em vão e só me faz pensar, cada vez mais, que estamos aqui para somar e para nos ajudarmos neste mundo tão complexo e desafiador que a gente vive.

Aos novos amigos que marcam os “encontros proporcionados por esse curso”, aqui representados por três pelos momentos compartilhados durante a realização do curso: Suely Cazarotto, Andreza Sapata, Flávio Rocha, os quais gostaria que soubessem que estão sempre no meu pensamento e que foram com certeza uma das maiores conquistas humanas que o Doutorado me trouxe. Espero que nossa caminhada seja intensificada e mais feliz nas próximas etapas de nossas vidas.

Aos antigos amigos, que a cada dia parecem ser em menor quantidade, mas não menos importantes e preciosos para mim e que contribuem para a transformação do “eu” que fui ontem, do que “eu” que sou hoje e no que me transformarei no decorrer dos anos. Espero que entendam o silêncio e a ausência nos últimos tempos. Desejo que nossas vidas possam ser mais leves, felizes e que possamos ser “mais presença” do que lembrança.

Aos colegas de curso, que estiveram presentes nessa caminhada de quatro anos, em diferentes proporções e momentos. Um caminho que no começo parece tão agradável, novo, mas não tarda em tornar-se individual. À proporção dos passos que se caminha, mais solitária parece a caminhada. E de fato, quando menos se espera vira um labirinto que muitas vezes parece não ter fim. Eu pensei isso, muitas vezes, mas creio estar encontrando a saída, assim como a maioria dos colegas e sigo no túnel esperando os que rumam ao final para comemorarmos, pois, de repente, mas não tão de repente parece que o sol brilha lá fora, espero que sinceramente para todos.

Ao grupo das Negretes que contribuíram na execução deste trabalho em diferentes etapas. Agradeço pelos encontros que acontecem nessa equipe e sobretudo pelos diferentes contatos acadêmicos que muitas vezes transpõem a pós-graduação/gradução e acabam por nos aproximar. E, como “a vida é aquilo que

acontece enquanto fazemos planos”, muitas amizades foram fortalecidas no grupo durante esse período e outras começaram a desabrochar. Espero que a caminhada de todas(os) seja leve, feliz, saudável, respeitosa e bem sucedida.

Aos paliativos, caracterizados pelos profissionais da saúde, educadores físicos e demais colegas que compartilharam desse processo de Doutorado, saibam que esses momentos foram fundamentais para a busca do silêncio, do alívio e da paz (momentos off-line) que muitas vezes precisei, proporcionando, instantes de reflexão, de descontração, de conhecimento e de recuperação das forças intelectuais, mentais e psicológicas.

A todos os que apoiaram, torceram, rezaram, pediram, desejaram ou dedicaram energias, orações ou tempo para a concretização deste trabalho.

A todos os que contribuíram direta e indiretamente em qualquer uma das fases deste trabalho, meu eterno, muito obrigada!

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se [...].

O que pretendemos neste despretensioso trabalho (de que pedimos escusa aos componentes) é – caracterizar esse dialeto “caipira”, ou, se acham melhor, esse aspecto da dialetação portuguesa em S. Paulo. Não levaremos, por isso, em conta todos os paulistismos que se nos têm deparado, mas apenas aqueles que se filiam nessa velha corrente popular.

É claro que não é esta uma tarefa simples, para ser levada a cabo com êxito por uma só pessoa, muito menos por um hóspede em glotologia. Mas é bom que se comese, e dar-nos-emos por satisfeito, se tivermos conseguido fixar duas ou três ideias e duas ou três observações aproveitáveis, neste assunto, por enquanto, quase virgem de vistas de conjunto, sob critérios objetivos. Quanto aos erros que, apesar de todo o nosso esforço, nos hajam escapado, contamos com a benevolência dos entendidos.

(Amadeu Amaral, 1920, p.40-42)

ALENCAR, B. A. **O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo**. Três Lagoas, 2018, 575 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

RESUMO

Os entretenimentos infantis configuram-se como práticas constantes nas diferentes culturas que, por serem hábitos inerentes ao ser humano, vêm acompanhados, inconscientemente, do modo de executar as atividades e dos seus respectivos nomes. Essas manifestações se mostram diversificadas, considerando-se a criatividade do falante e a riqueza do léxico da sua língua. Esta tese tem como objetivo geral investigar, no estado de São Paulo, por meio do vocabulário analisado, a vitalidade ou não da divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953) quanto ao subfalar sulista, no que se refere ao estado de São Paulo. O estudo ainda prevê como objetivos específicos, entre outros: i) descrever, dos pontos de vista diatópico e semântico, o vocabulário relacionado aos entretenimentos infantis empregado pelos paulistas na primeira década do século XXI; ii) analisar por meio do vocabulário selecionado a inter-relação entre léxico, cultura e a história social do Estado de São Paulo e iii) descrever a norma lexical paulista na área dos brinquedos e diversões infantis. Para a concretização desses objetivos, utilizam-se como aparato teórico os pressupostos da Dialetologia, da Geolinguística, da Lexicologia, da Semântica, da Etnolinguística, entre outras disciplinas. A área delimitada para o estudo são as 37 localidades que integram a rede de pontos do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) no estado de São Paulo acrescidos de 10 pontos dessa mesma rede pertencentes aos estados vizinhos a São Paulo: um no Mato Grosso do Sul, dois no Rio de Janeiro, três no Paraná e quatro em Minas Gerais, considerados neste trabalho como área de controle (RIBEIRO, 2012), procedimento metodológico que tem como finalidade identificar possíveis expansões e/ou retenções das unidades lexicais documentadas como denominações dos brinquedos e brincadeiras selecionados para este estudo, para além da fronteira geográfica do estado de São Paulo. O *corpus* da pesquisa foi composto pelas denominações fornecidas por 188 informantes do Projeto ALiB, quatro pertencentes a cada ponto linguístico do interior do estado de São Paulo e dos estados que formam a área de controle, para as 13 perguntas que compõem a área semântica *Jogos e Diversões Infantis* que integra o Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p.34-35). Os informantes entrevistados são de ambos os sexos, de duas faixas etárias (Faixa I: 18-30 anos; Faixa II: 50-65 anos) com no máximo o ensino fundamental incompleto. O *corpus* analisado tem caráter inédito e reuniu 330 unidades lexicais/variantes, num total de 2.637 ocorrências, denominações obtidas como respostas para as 13 perguntas da área semântica selecionada para a pesquisa. A análise do *corpus* considerou aspectos diatópicos e léxico-semânticos, com destaque para as quatro variantes mais produtivas obtidas como resposta para cada pergunta selecionada que foram cartografadas por meio de dois tipos de cartas lexicais, uma com os dados documentados nas 37 localidades do interior de São Paulo e outra com os dados da área de controle, perfazendo um montante de 26 cartas. A área semântica selecionada demonstrou grande vitalidade em termos de registros de nomeações dos entretenimentos infantis. O resultado da pesquisa apontou caminhos para a delimitação de um falar paulista desvinculado do falar sulista (NASCENTES, 1953), tendência essa já antecipada por Romano (2015). Como os dados desta pesquisa circunscreveram-se ao estado de São Paulo e área de controle, não permitiram o delinear de limites do falar paulista como o realizado pela de Romano (2015), mas considerando a área investigada foi possível identificar três subáreas, assim delimitadas: i) área que circunscreve-se desde a proximidade ao Vale do Ribeira e Caminho dos Tropeiros (Itapetininga e Sorocaba), atingindo em alguns casos a mesorregião do Vale do Paraíba; ii) área coberta desde a Região Oeste e Noroeste do estado de São Paulo até o Norte do Paraná, subárea associada à difusão da cultura do café e iii) área que cobre o território das fronteiras Minas Gerais/São Paulo que aponta para uma expansão do falar paulista para o Sul do estado de São Paulo e Triângulo Mineiro, esta última área definida por Zágari (1998) como falar paulista, dentre os falares mineiros. Os demais estudos do Projeto ALiB com dados do interior de São Paulo poderão referendar ou ampliar as conclusões deste estudo. E, por fim, entende-se que a Tese cumpre a sua função de contribuir para o exame da vitalidade da divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) com base em dados contemporâneos, também do nível lexical, e, por extensão, fornece elementos para a confirmação da existência de um *falar paulista* independente do falar sulista, considerando-se, dentre outros fatores, a importância de São Paulo no cenário nacional do ponto de vista linguístico-cultural e como ponto de partida para a expansão do processo colonizador do centro do Brasil.

Palavras-Chave: Dialetologia; Léxico; Jogos e Diversões Infantis; Projeto ALiB; falar paulista.

ALENCAR, B. A. **The lexicon of toys and children's games of São Paulo state**. Três Lagoas, 2018, 575 p. Thesis (Doctoral Degree) p. Posgraduate Program in Languages. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

ABSTRACT

Children's entertainments are configured as constant practices in different cultures that, for be inherent habits to the human being, come accompanied, unconsciously, of the way of executing the activities and of their respective names. Those manifestations are diversified, considering the speaker's creativity and the richness of the lexicon of his language. This thesis has as general objective to investigate, in the state of São Paulo, through the analyzed vocabulary, the vitality or not of the dialectal division proposed by Antenor Nascentes (1953) about southern subspeech. The study still foresees as specific objectives, among others: i) to describe, from the diatopical and semantic points of view, the vocabulary related to the children's entertainments used by the paulistas in the first decade of the 21st century; ii) to analyze through the selected vocabulary the interrelation among lexicon, culture and the social history of São Paulo State and iii) to describe the Paulista lexical norm in the area of toys and children's amusements. For the materialization of those objectives, the presuppositions of Dialectology, Geolinguistics, Lexicology, Semantics, Ethnolinguistics, and other disciplines are used as theoretical apparatus. The delimited area for the study is 37 localities that integrate the network points of ALiB Project (Linguistic Atlas of Brazil) in the state of São Paulo, besides 10 points that belong to the same network in the neighboring states of São Paulo: 1 in Mato Grosso do Sul, 2 in Rio de Janeiro, 3 in Paraná and 4 in Minas Gerais, considered in this work as a control area (RIBEIRO, 2012), a methodological procedure whose purpose is to identify possible expansions and/or retentions of the lexical units documented as denominations of the toys and games selected for this study, beyond the Paulista geographical border. The *corpus* of the research was composed by denominations provided by 188 informants of ALiB Project, 4 from each linguistic point in the interior of São Paulo and the states that form the control area, for the 13 questions that integrate the semantic area *Games and Children's Amusement,* which integrates the Semantic-Lexical Questionnaire of ALiB Project (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 34-35). The informants interviewees are of both sexes, of two age groups (Group I: 18-30 years, Group II: 50-65 years) with a maximum of incomplete elementary education. The *corpus* analyzed has unpublished character and it gathered 330 lexical units/variants, in a total of 2.637 occurrences, denominations obtained as answers to the 13 questions of the semantic area selected for the research. The analysis considered diatopical and lexical-semantic aspects, highlighting the four most productive variants obtained as answer for each selected question that were mapped through two types of lexical maps, one with the data documented in the 37 localities of the São Paulo interior and another with data from the control area, amounting to 26 linguistic maps. The selected semantic area demonstrated great vitality in terms of nominations registrations of the children's entertainments. The result of the research pointed out ways to delimit a Paulista speech that was not related to the southern speech (NASCENTES, 1953), a trend already anticipated by Romano (2015). As the data of this research are from to the state of São Paulo and control area, they did not allow the delineation of the limits of the Paulista speech as accomplished by Romano (2015). But, considering the area investigated, it was possible to identify three subareas, delimited like this: i) an area that is circumscribed from the proximity to the Vale do Ribeira and Caminho dos Tropeiros (Itapetininga and Sorocaba), reaching in some cases the mesoregion of the Vale do Paraíba; ii) area covered from the West and Northwest region of São Paulo to the North of Paraná, subarea associated with the diffusion of the coffee cultivation and iii) area that covers the territory of the borders of Minas Gerais/São Paulo that points to a Paulista speech expansion towards the south of São Paulo state and Triângulo Mineiro, the last one defined by Zágari (1998) as Paulista speech, among the miner speeches.

Others ALiB Project studies that also use data from the interior of São Paulo will may countersign or to enlarge the conclusions of this work. Finally, it is understood that the thesis fulfills its function of contributing to the examination of the dialectal division vitality proposed by Nascentes (1953) based on contemporary data, also of the lexical level, and, for extension, provides data for confirmation of a Paulista speech existence regardles the sulista one, considering, among other factors, the importance of São Paulo in the national scenario from a linguistic-cultural point of view and as a starting point for the expansion of the central Brazil colonizing process.

Keywords: Dialectology; Lexicon; games and children's amusement; ALiB Project; Paulista speech

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Definição proposta por Biderman (1984) das classificações de palavras 19

Figura 2 – Síntese da classificação dos processos cognitivos 20

Figura 3 – Adaptação do Triângulo da significação.....24

Figura 4 – Termo ambiente: fatores físicos e sociais 29

Figura 5 – Perspectivas para norma no português do Brasil.....33

Figura 6 – Inovações metodológicos utilizadas no Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e do Sul da Suíça Meridional 46

Figura 7 – Divisão dos estudos geolinguísticos em dois momentos 58

Figura 8 – Dimensões contempladas por um atlas linguístico de acordo com a pluridimensionalidade.....60

Figura 9 – Proposta de divisão dialetal de Júlio Ribeiro 72

Figura 10 – Proposta de divisão dialetal de Maximino Maciel 72

Figura 11 – Proposta de divisão dialetal de Rodolfo Garcia.....73

Figura 12 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922).....74

Figura 13 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953).....76

Figura 14 – Capitanias hereditárias.....88

Figura 15 – Capitanias de São Vicente e São Amaro no século XVI 90

Figura 16 – Esquema das Entradas 94

Figura 17 – Esquema das Bandeiras Paulistas.....95

Figura 18 – Percentual por município de propriedades agrícolas de italianos em SP 104

Figura 19 – Imagens de atividades sendo realizadas no espaço escolar 109

Figura 20 – Divisão das mesorregiões do estado de São Paulo.....136

Figura 21 – Planilha para armazenamento de dados brutos.....145

Figura 22 – Planilha para armazenamento de dados brutos.....146

Figura 23 –Tela inicial do SGVCLin 152

Figura 24 – Modelo de carta diatópica com produtividade geral 154

Figura 25 – Modelo do verso da carta.....155

Figura 26 – Criança fazendo “cambalhota” 164

Figura 27 – Crianças brincando de “esconde-esconde”.....196

Figura 28 – Crianças brincando de “cobra-cega”. 227

Figura 29 – Crianças brincando de “pega-pega”.....250

Figura 30 – Crianças buscando o *pique* para a proteção.....271

Figura 31 – Crianças brincando do “lenço-atrás” 303

Figura 32 – Crianças brincando de “amarelinha” 334

Figura 33 – Frequência de uso do termo ‘marelle’ ao longo do tempo.....354

Figura 34 – Bolinhas de gude.....361

Figura 35 – Estilingue.....387

Figura 36 – Rotas dos tropeiros que ligavam a região Sul ao Sudeste brasileiro. ..400

Figura 37 – Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos 410

Figura 38 – Pipa.....414

Figura 39 – “Capucheta” e modo de fazer.....435

Figura 40 – Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos 455

Figura 41 – Gangorra.....457

Figura 42 – Demarcação de subárea dialetal do *balanço* e do *balango* como respostas para a questão 165/QSL/ALiB 468

Figura 43 – Balanço 474

Figura 44 – Mapa do estado de São Paulo no final do século XIX.....486

Figura 45 – Indicação das áreas com ocorrências de *cambota* e *pirueta* na totalidade da área investigada.....496

Figura 46 – Indicação das áreas com ocorrências de *pique-esconde e pique* na área investigada (total).....497

Figura 47 – Rede de pontos (total) com a localização das denominações *rela-rela e mãe* 499

Figura 48 – Identificação das localidades com registro de *pique* na área investigada 500

Figura 49 – Indicação das localidades com ocorrências de *corre-cotia* na área estudada 501

Figura 50 – Indicação das ocorrências de *amarelinha* e *marelinha* em SP e pontos de controle.....502

Figura 51 – Indicação das denominações obtidas para a questão 156/QSL/ALiB na totalidade da área investigada.....503

Figura 52 – Indicação das localidades com registro de *bola/bolinha de gude* e *bola/bolinha de vidro* 504

Figura 53 – Indicação das localidades com ocorrências das demais denominações na área investigada 505

Figura 54 – Rede de pontos (total) com a localização das denominaçoes cartografadas para a questão 157/QSL/ALiB 506

Figura 55 – Rede de pontos (total) com a localização das denominaçoes cartografadas para a questão 158/QSL/ALiB 507

Figura 56 – Indicação das localidades com registro de *capucheta* na área investigada 508

Figura 57 – Mapa de Minas Gerais identificando os três falares do estado 509

Figura 58 – Indicação das localidades com ocorrências das demais denominações na área investigada 510

Figura 59 – Denominações cartografadas para “gangorra” considerando a área investigada 511

Figura 60 – Denominações cartografadas para “balanço” considerando a área investigada 512

Figura 61 – Localização geográfica dos falares sulista e paulista.....514

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definição de alguns termos segundo Glossário publicado na Revista Alfa (1984) 18

Quadro 2 – Definições propostas para Regionalismo 35

Quadro 3 – Critérios/classificação de brasileirismos 36

Quadro 4 – Classificação das variações 39

Quadro 5 – Atlas linguísticos publicados no Brasil com dados coletados entre 1963 e 1996 56

Quadro 6 – Síntese dos atlas linguísticos produzidos no estado de São Paulo 65

Quadro 7 – Pesquisas dialetais/geolinguísticas realizadas no estado de SP 67

Quadro 8 – Síntese das principais propostas de divisões dialetais do Brasil (Nascentes, 1955) 70

Quadro 9 – Questões analisadas em artigo de Romano (2018) 83

Quadro 10 – Síntese dos ciclos e respectivas localizações das Bandeiras 96

Quadro 11 – Objetivos das Entradas e das Bandeiras 96

Quadro 12 – Ramos de atividades desempenhadas pelos italianos no interior de São Paulo 104

Quadro 13 – Danos ocorridos durante/decorrente do trabalho infantil 108

Quadro 14 – Definição de termos ligados aos entretenimentos infantis 111

Quadro 15 – Jogos e Diversões Infantis investigados: definição e classificação 115

Quadro 16 – Nome das brincadeiras/brinquedos registrados em *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920) 118

Quadro 17 – Brinquedos e brincadeiras cartografados nos atlas regionais brasileiros e nº da carta nos respectivos atlas 120

Quadro 18 – Estrutura do Questionário Linguístico do ALiB 129

Quadro 19 – Estrutura do questionário semântico-lexical do ALiB 130

Quadro 20 – Distribuição dos informantes desta pesquisa conforme variável social 131

Quadro 21 – Pontos de inquérito do Projeto ALiB no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões 137

Quadro 22 – Composição da área de controle, considerando os diferentes estados 138

Quadro 23 – Aplicação das questões 155 a 167 do QSL - comentários 142

Quadro 24 – Prática da bolinha de gude utilizando a forma do triângulo 149

Quadro 25 – Distribuição dos entretenimentos infantis na área semântica *Jogos e Diversões Infantis* 158

Quadro 26 – Dicionários consultados para a análise léxico-semântica do *corpus* ..161

Quadro 27 – Agrupamento de denominações para “a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado” 167

Quadro 28 – Variantes lexicais com ocorrência única para nomear a “cambalhota”, segundo a localidade e o perfil do informante 184

Quadro 29 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos 184

Quadro 30 – Distribuição das denominações para “cambalhota”, considerando a relação do movimento acrobático na execução da brincadeira.....188

Quadro 31 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam a brincadeira “cambalhota” nos dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX 189

Quadro 32 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam a brincadeira “cambalhota” ou outras diversões 190

Quadro 33 – Agrupamento de variantes que nomeiam “a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?” 199

Quadro 34- Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 160/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes 214

Quadro 35 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos 214

Quadro 36 – Distribuição das denominações para “esconde-esconde”, segundo os agrupamentos realizados para análise léxico-semântica 218

Quadro 37 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira “esconde-esconde”.....220

Quadro 38 – Agrupamento de variantes para “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”.....228

Quadro 39 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 161/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes. 240

Quadro 40 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos....240

Quadro 41 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira "cobra- cega".....244

Quadro 42 – Comparação entre as denominações para a brincadeira "cobra-cega" obtidas em estudos já realizados sobre o léxico das brincadeiras infantis.....246

Quadro 43 – Modos de brincar de "pega-pega" 249

Quadro 44 – Agrupamento de variantes para "brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?" 253

Quadro 45 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 162/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes. 268

Quadro 46 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos....268

Quadro 47 – Agrupamentos de variantes para "o ponto combinado".....273

Quadro 48 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 163/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes 284

Quadro 49 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos....284

Quadro 50 – Distribuição das denominações para *pega-pega* e *pique*, segundo os processos associativos que relacionam as perguntas 162 e 163 287

Quadro 51 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira "pique" e/ou "ponto combinado" registradas nos dicionários gerais do século XX 288

Quadro 52 – Agrupamento de variantes que nomeiam "a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras" 306

Quadro 53 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 164/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes 317

Quadro 54 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos....318

Quadro 55 – Distribuição das denominações para "lenço-atrás", segundo a motivação da pergunta.....321

Quadro 56 – Distribuição das variantes formadas a partir do item lexical "*lenço"*, segundo a motivação ou possível associação realizada pelo informante 321

Quadro 57 – Descrição da brincadeira do "lenço-atrás".....326

Quadro 58 – Versões da música cantada na execução da brincadeira “lenço-atrás” conforme informações prestadas pelos informantes 327

Quadro 59 – Comparação entre as denominações obtidas para a questão 164 QSL/ALiB nos estudos sobre os falares de diferentes regiões do Brasil 331

Quadro 60 – Agrupamentos de variantes que nomeiam “a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só” 336

Quadro 61 – Respostas únicas para a pergunta 167/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes 349

Quadro 62 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos 349

Quadro 63 – Distribuição das denominações para “amarelinha”, segundo os traços semânticos 352

Quadro 64 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira “amarelinha” 353

Quadro 65 – Registro das outras denominações em Aulete (2006). 356

Quadro 66 – Respostas agrupadas para as “coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” 364

Quadro 67 – Produtividade das denominações para a “bolinha de gude”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo 366

Quadro 68 – Respostas únicas para a pergunta 156/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes 377

Quadro 69 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos 378

Quadro 70 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” nas obras lexicográficas contemporâneas 381

Quadro 71 – Respostas agrupadas para o “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha” 390

Quadro 72 – Produtividade das denominações para “estilingue”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo 391

Quadro 73 – Respostas únicas para a pergunta 156/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes 403

Quadro 74 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos 403

Quadro 75 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam “o brinquedo feito de uma forquilha e de duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?” nos dicionários gerais do século XIX.....406

Quadro 76 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam “o brinquedo feito de uma forquilha e de duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?” nos dicionários gerais do século XX.....408

Quadro 77 – Agrupamento de variantes que nomeiam o “brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha” ..416

Quadro 78 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos...428

Quadro 79 – Dicionarização da unidade léxica *papagaio* nos dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX.....431

Quadro 80 – Registro das unidades léxicas em dicionários gerais da língua portuguesa do século XXI 432

Quadro 81 – Agrupamentos de variantes que nomeiam “um brinquedo parecido com a pipa também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha”.....438

Quadro 82 – Respostas únicas para a pergunta 159/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes.....450

Quadro 83 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos...450

Quadro 84 – Registro das unidades léxicas nos dicionários de língua portuguesa do século XX.....453

Quadro 85 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam ou fazem referência a animais.....454

Quadro 86 – Agrupamento de variantes que nomeiam “uma uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, outra desce” 458

Quadro 87 – Respostas únicas para a pergunta 165/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes.....469

Quadro 88 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos...469

Quadro 89 – Dicionarização das unidades léxicas nos dicionários de língua portuguesa do século XX 471

Quadro 90 – Agrupamento de variantes que nomeiam “uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás”.....476

Quadro 91 – Respostas únicas para a pergunta 165/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes.....488

Quadro 92 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos...488

Quadro 93 – Dicionarização das unidades léxicas registradas nos dicionários de língua portuguesa do século XX 491

Quadro 94 – Variantes registradas considerando o traçado das áreas dialetais.....512

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de imigrantes que chegaram ao Brasil (XIX/XX) 98

Tabela 2 – Percentual de inquéritos realizados por cada inquiridor na área investigada 134

Tabela 3 – Denominações para “cambalhota” nas localidades investigadas 166

Tabela 4 – Produtividade das denominações para “cambalhota”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo.....169

Tabela 5 – Denominações para “esconde-esconde” nas localidades investigadas 197

Tabela 6 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde” segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo.....201

Tabela 7 – Denominações para “cabra-cega” nas localidades investigadas.....228

Tabela 8 – Produtividade das denominações para “cobra-cega”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo.....230

Tabela 9 – Denominações para “pega-pega” nas localidades investigadas 251

Tabela 10 – Produtividade das denominações para “pega-pega”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo.....254

Tabela 11 – Denominações para “pique” nas localidades investigadas.....272

Tabela 12 – Produtividade das denominações para “pique”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo.....275

Tabela 13 – Denominações para brincadeira do “lenço-atrás” nas localidades investigadas 305

Tabela 14 – Produtividade das denominações para a brincadeira “lenço-atrás”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo 308

Tabela 15 – Denominações para “amarelinha” nas localidades investigadas.....335

Tabela 16 – Produtividade das denominações para a “amarelinha”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no Estado de São Paulo 337

Tabela 17 – Denominações para “bola/bolinha de gude” na área investigada.....363

Tabela 18 – Denominações para “estilingue” na área pesquisada.....389

Tabela 19 – Denominações para “pipa” nas localidades investigadas.....415

Tabela 20 – Produtividade das denominações para “pipa”, segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo.....418

Tabela 21 – Denominações para *capucheta* nas localidades investigadas 437

Tabela 22 – Produtividade das denominações para “capucheta”, segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo 440

Tabela 23 – Denominações para “gangorra” nas localidades investigadas 458

Tabela 24 – Produtividade das denominações para “gangorra”, segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo 460

Tabela 25 – Denominações para “balanço” nas localidades investigadas 475

Tabela 26 – Produtividade das denominações para “balanço” segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo 477

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição temporal da coleta de dados no estado de São Paulo 133

Gráfico 2 – Distribuição temporal da coleta de dados na área de controle 133

Gráfico 3 – Produtividade das denominações para “cambalhota” no interior de São Paulo. 168

Gráfico 4 – Produtividade das denominações para “cambalhota” no conjunto da área de controle 170

Gráfico 5 – Produtividade das denominações para “cambalhota” segundo a unidade da federação/área de controle.....170

Gráfico 6 – Produtividade da unidade lexical *cambalhota,* segundo a mesorregião do IBGE no estado de São Paulo.....176

Gráfico 7 – Produtividade da unidade lexical *cambota* no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões do IBGE.....178

Gráfico 8 – Produtividade da unidade lexical *pirueta* no estado de São Paulo, conforme as mesorregiões do IBGE 180

Gráfico 9 – Realização da unidade lexical *cambota* segundo as dimensões diassexual e diageracional 186

Gráfico 10 – Realização da unidade lexical *salto mortal* segundo as dimensões diassexual e diageracional 187

Gráfico 11 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde” no interior de São Paulo.....200

Gráfico 12 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde” no conjunto da área de controle 202

Gráfico 13 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde”, segundo a unidade da federação/área de controle 202

Gráfico 14 – Produtividade da unidade lexical *esconde-esconde* segundo as mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo 208

Gráfico 15 – Realização de *esconde-esconde* considerando as dimensões diassexual e diageracional 215

Gráfico 16 – Realização do *pique-esconde* considerando as dimensões diassexual e diageracional 215

Gráfico 17 – Produtividade das denominações para “cobra-cega” no interior de São Paulo. 229

Gráfico 18 – Produtividade das denominações para “cobra-cega” no conjunto da área de controle. 231

Gráfico 19 – Produtividade das denominações para “cobra-cega” segundo a unidade da federação/ área de controle....231

Gráfico 20 – Produtividade da unidade lexical *cobra-cega* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo....236

Gráfico 21 – Produtividade da unidade lexical *cabra-cega* no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões do IBGE....237

Gráfico 22 – Realização de *cobra-cega* segundo as dimensões diassexual e diageracional....242

Gráfico 23 – Realização de *cabra-cega* segundo as dimensões diassexual e diageracional....242

Gráfico 24 – Produtividade das denominações para “pega-pega” no interior de São Paulo....254

Gráfico 25 – Produtividade das denominações para “pega-pega” no conjunto da área de controle....256

Gráfico 26 – Produtividade das denominações para “pega-pega” segundo a unidade da federação/ área de controle....256

Gráfico 27 – Produtividade da unidade lexical *pega-pega* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo....262

Gráfico 28 – Produtividade da unidade lexical *pique* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo....263

Gráfico 29 – Realização de *pega-pega* considerando as dimensões diassexual e diageracional....269

Gráfico 30 – Realização de *pique* considerando as dimensões diassexual e diageracional....270

Gráfico 31 – Produtividade das denominações para “pique” no interior de São Paulo 274

Gráfico 32 – Produtividade das denominações para “pique” na área de controle ...276

Gráfico 33 – Produtividade das denominações para “pique” segundo a unidade da federação/ área de controle....276

Gráfico 34 – Produtividade da unidade lexical *pique* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo....282

Gráfico 35 – Realização de *pique* considerando as dimensões diassexual e diageracional....285

Gráfico 36 – Realização de *ponto* considerando as dimensões diassexual e diageracional 286

Gráfico 37 – Produtividade das denominações para brincadeira do “lenço-atrás” no interior de São Paulo 307

Gráfico 38 – Produtividade das denominações para o “lenço-atrás" no conjunto da área de controle 309

Gráfico 39 – Produtividade das denominações para o “lenço-atrás” segundo a unidade da federação/área de controle 309

Gráfico 40 – Produtividade da unidade lexical agrupada como “lenço-atrás” nas mesorregiões do IBGE/ estado de São Paulo 314

Gráfico 41 – Percentual de respostas e de não-respostas para a questão 164/QSL/ALiB 318

Gráfico 42 – Percentual de não-respostas para a questão 164/QSL/ALiB considerando as dimensões diassexual e diageracional 319

Gráfico 43 – Realização das unidades léxicas agrupadas como “*lenço-atrás*” considerando as dimensões diassexual e diageracional 319

Gráfico 44 – Produtividade das denominações para “amarelinha” no interior de São Paulo 336

Gráfico 45 – Produtividade das denominações para “amarelinha” no conjunto da área de controle 338

Gráfico 46 – Produtividade das denominações para “amarelinha” segundo a unidade da federação/ área de controle 338

Gráfico 47 – Produtividade da unidade lexical *amarelinha* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo 344

Gráfico 48 – Produtividade da unidade lexical *marelinha* no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões do IBGE 346

Gráfico 49 – Realização de *amarelinha* considerando as dimensões diassexual e diageracional 351

Gráfico 50 – Realização de *marelinha* considerando as dimensões diassexual e diageracional 351

Gráfico 51 – Denominações para “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” e respectivo índice de ocorrência no interior de São Paulo 365

Gráfico 52 – Denominações para “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” e respectivo índice de ocorrência na área de controle 367

Gráfico 53 – Denominações para “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” e respectiva ocorrência nos estados da área de controle.....367

Gráfico 54 – Produtividade da denominação *bola/bolinha de gude* no estado de São Paulo 372

Gráfico 55 – Produtividade da denominação *bola/bolinha de vidro* no estado de São Paulo. 373

Gráfico 56 – Produtividade da denominação *burca* no estado de São Paulo 374

Gráfico 57 – Realização de *bola/bolinha* de gude considerando as dimensões diassexual e diageracional 379

Gráfico 58 – Realização da unidade lexical *bola/bolinha de vidro* segundo as dimensões diassexual e diageracional.....380

Gráfico 59 – Produtividade das denominações para “estilingue” no interior de São Paulo 390

Gráfico 60 – Produtividade das denominações para “estilingue” no conjunto da área de controle.....392

Gráfico 61 – Produtividade das denominações para “estilingue” segundo a unidade da federação/área de controle.....392

Gráfico 62 – Produtividade da unidade lexical *estilingue,* segundo a mesorregião do IBGE no estado de São Paulo.....398

Gráfico 63 – Realização de “estilingue” considerando as dimensões diassexual e diageracional.....404

Gráfico 64 – Realização de *setra* considerando as dimensões diassexual e diageracional.....405

Gráfico 65 – Produtividade das denominações para “pipa” no interior de São Paulo 417

Gráfico 66 – Produtividade das denominações para “pipa” no conjunto da área de controle 419

Gráfico 67 – Produtividade das denominações para “pipa” segundo a unidade da federação/área de controle 419

Gráfico 68 – Produtividade da unidade lexical *pipa* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo.....424

Gráfico 69 – Produtividade da unidade lexical *papagaio* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo.....425

Gráfico 70 – Realização de *pipa* considerando as dimensões diassexual e diageracional 429

Gráfico 71 – Realização de *papagaio* considerando as dimensões diassexual e diageracional 430

Gráfico 72 – Produtividade das denominações para “capucheta” no interior de São Paulo 439

Gráfico 73 – Produtividade das denominações para “capucheta” no conjunto da área de controle 441

Gráfico 74 – Produtividade das denominações para “capucheta” segundo a unidade da federação/área de controle 441

Gráfico 75 – Produtividade da unidade lexical *capucheta* no interior do estado de São Paulo 446

Gráfico 76 – Produtividade da unidade lexical *pipa* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo 447

Gráfico 77 – Realização de *capucheta* considerando às dimensões diassexual e diageracional 451

Gráfico 78 – Realização de *pipa* considerando às dimensões diassexual e diageracional 452

Gráfico 79 – Produtividade das denominações para “gangorra” no interior de São Paulo 459

Gráfico 80 – Produtividade das denominações para “gangorra” no conjunto da área de controle 461

Gráfico 81 – Produtividade das denominações para “gangorra” segundo a unidade da federação/área de controle 461

Gráfico 82 – Produtividade da unidade lexical *gangorra* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo 466

Gráfico 83 – Realização de *gangorra* considerando as dimensões diassexual e diageracional 470

Gráfico 84 – Produtividade das denominações para “balanço” no interior de São Paulo 476

Gráfico 85 – Produtividade das denominações para “balanço”, no conjunto da área de controle 478

Gráfico 86 – Denominações para “uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” 478

Gráfico 87 – Produtividade da unidade lexical *balanço nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo*.....484

Gráfico 88 – Produtividade da unidade lexical *balango* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo.....485

Gráfico 89 – Realização de *balanço* considerando as dimensões diassexual e diageracional.....489

Gráfico 90 – Produtividade da denominação *balango* no estado de São Paulo.....489

LISTA DE CARTAS

Carta 1a – Denominações para “cambalhota” no estado de São Paulo.....173
Carta 1b – Denominações para “cambalhota” na área de controle.....175
Carta 2a – Denominações para “esconde-esconde” no estado de São Paulo.....205
Carta 2b – Denominações para “esconde-esconde” na área de controle.....207
Carta 3a – Denominações para “cobra-cega” no estado de São Paulo.....233
Carta 3b – Denominações para “cobra-cega” na área de controle.....235
Carta 4a – Denominações para “pega-pega” no estado de São Paulo.....259
Carta 4b – Denominações para “pega-pega” na área de controle.....261
Carta 5a – Denominações para “pique” no estado de São Paulo.....279
Carta 5b – Denominações para “pique” na área de controle.....281
Carta 6a – Denominações para “lenço atrás” no estado de São Paulo.....311
Carta 6b – Denominações para “lenço atrás” na área de controle.....313
Carta 7a – Denominações para “amarelinha” no estado de São Paulo.....341
Carta 7b – Denominações para “amarelinha” na área de controle.....343
Carta 8a – Denominações para “bolinha de gude” no estado de São Paulo.....369
Carta 8b – Denominações para “bolinha de gude” na área de controle.....371
Carta 9a – Denominações para “estilingue” no estado de São Paulo.....395
Carta 9b – Denominações para “estilingue” na área de controle.....397
Carta 10a – Denominações para “pipa” no estado de São Paulo.....421
Carta 10b – Denominações para “pipa” na área de controle.....423
Carta 11a – Denominações para “capucheta” no estado de São Paulo.....443
Carta 11b – Denominações para “capucheta” na área de controle.....445
Carta 12a – Denominações para “gangorra” no estado de São Paulo.....463
Carta 12b – Denominações para “gangorra” na área de controle.....465
Carta 13a – Denominações para “balanço” no estado de São Paulo.....481
Carta 13b – Denominações para “balanço” na área de controle.....483

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Área de Controle
AIS	Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e do Sul da Suíça Meridional
ALESP	Atlas Linguístico do Estado de São Paulo
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	Atlas Linguístico da França
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPR I	Atlas Linguístico do Paraná I
ALPR II	Atlas Linguístico do Paraná II
ALTOSP	Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo
APFB	Atlas Prévio do Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INQ	Inquiridor
INF	Informante
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
PR	Paraná
QSL	Questionário Semântico-Lexical
RJ	Rio de Janeiro
ReNAT	Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê
SP	São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS TEÓRICOS 15

1.1 Da palavra ao objeto de estudo: um delinear de ideias.....15

1.2 O léxico e a sociedade: da homo a heterogeneidade 30

1.3 Variação diatópica, diastrática e diafásica.....38

1.4 Interfaces entre a Dialetologia, a Lexicologia, a Sociolinguística e a Etnolinguística.....41

1.5 A Dialetologia e a Geolinguística no Brasil: pressupostos históricos e metodológicos 52

1.6 Áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) e estudos delas provenientes .69

1.6.1 Críticas atribuídas às propostas de Divisão Dialetal 71

CAPÍTULO 02: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO GEOGRÁFICA INVESTIGADA E DA ÁREA SEMÂNTICA ESTUDADA.....86

2.1 São Paulo: território e histórico do povoamento.....86

2.2 Formação das Capitanias.....87

2.3 Capitanias de São Vicente e Santo Amaro 89

2.4 Entradas e Bandeiras.....92

2.5 Do Brasil Colônia ao século XX.....97

2.6 São Paulo: um estado de contrastes.....101

2.7 Crianças desfavorecidas X crianças abastadas.....106

2.8 A importância do brincar: considerações sobre seu valor na sociedade.....111

2.9 Descrição dos brinquedos e brincadeiras analisadas neste estudo.....114

2.10 Os entretenimentos infantis no Brasil e no Estado de São Paulo 116

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....124

3.1 Projeto ALiB: concepções e breve histórico 124

3. 2 Critérios metodológicos: 127

3.2.1 Rede de Pontos:.....127

3.2.2 Questionário Linguístico.....128

3.2.3 Perfil do Informante.....130

3.3 *Corpus* da pesquisa.....131

3.3.1 Das localidades.....135

3.3.2 Das perguntas da área semântica consideradas nesta pesquisa.....139

3.3.3 Das respostas consideradas neste estudo.....144

3.3.4 Levantamento e Tratamento dos Dados.....150

3.3.5 Etapas da pesquisa.....150

3.3.6 Descrição do banco de dados e sistema de visualização/produção de cartas linguísticas.....151

3.3.7 Cartografia dos dados.....153

CAPÍTULO 04: ANÁLISE DOS DADOS.....157

4.1 Brincadeira.....164

4.1.1 Cambalhota.....164

4.1.1.1 Cambalhota: a brincadeira.....164

4.1.1.2 Cambalhota: os nomes da brincadeira.....165

4.1.1.3 Produtividade das variantes.....167

4.1.1.4.1 Unidade lexical: *cambalhota*.....176

4.1.1.4.2 Unidade lexical: *cambota*.....177

4.1.1.4.3 Unidade lexical: *pirueta*.....180

4.1.1.4.4 Unidade lexical: *salto mortal*.....181

4.1.1.4.5 Unidade lexical: *camboleta, estrela, (plantar) bananeira*.....182

4.1.1.4.6 Outras denominações com ocorrência única.....183

4.1.1.5 Denominações para “cambalhota” em São Paulo e área de controle: variáveis sociais.....185

4.1.1.6 Análise léxico-semântica.....188

4.1.1.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 155/QSL/ALiB.....194

4.1.2 Esconde-esconde.....196
4.1.2.1 Esconde-esconde: a brincadeira.....196
4.1.2.2 Esconde-esconde: os nomes da brincadeira.....197
4.1.2.3 Produtividade das variantes.....199
4.1.2.4 Análise diatópica das denominações para “esconde-esconde”.....208
4.1.2.4.1 Unidade lexical: *esconde-esconde*.....208
4.1.2.4.2 Unidade lexical: *pique-esconde*.....209
4.1.2.4.3 Unidade lexical: *pique*.....210
4.1.2.4.4 Unidade lexical: *cobra-cega*.....210
4.1.2.4.5 Unidade lexical: *mãe-esconde, pega-pega, bate-cara, trinta e um*.....211
4.1.2.4.6 Outras denominações com ocorrência única.....213
4.1.2.5 Denominações para “esconde-esconde” – SP/área de controle: variáveis sociais.....214
4.1.2.6 Análise léxico-semântica.....218
4.1.2.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 160/QSL/ALiB.....224
4.1.3 Cobra-cega.....226
4.1.3.1 Cobra-cega: a brincadeira.....226
4.1.3.2 cobra-cega: os nomes da brincadeira.....227
4.1.3.3 Produtividade das variantes.....229
4.1.3.4 Análise diatópica das denominações para “cobra-cega”.....236
4.1.3.4.1 Unidade lexical *cobra-cega*.....236
4.1.3.4.2 Unidade lexical *cabra-cega*.....237
4.1.3.4.3 Unidade lexical *cego/cega*.....238
4.1.3.4.4 Unidade lexical *pega-pega*.....239
4.1.3.4.5 Outras denominações com ocorrência única.....239
4.1.3.5 Denominações para “cobra-cega” – SP/área de controle: variáveis sociais240
4.1.3.6 Análise léxico-semântica.....243
4.1.3.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 161/QSL/ALiB.....247

4.1.4 pega-pega 249
4.1.4.1 pega-pega: a brincadeira 249
4.1.4.2 pega-pega: os nomes da brincadeira 250
4.1.4.3 Produtividade das variantes 253
4.1.4.4 Análise diatópica das denominações para “pega-pega” 262
4.1.4.4.1 Unidade lexical: *pega-pega* 262
4.1.4.4.2 Unidade lexical: *pique* 263
4.1.4.4.3 Unidade lexical: *rela-rela* 264
4.1.4.4.4 Unidade lexical: *mãe, salva, pais, boi, esconde, barata e duro-mole* 265
4.1.4.4.5 Outras denominações com ocorrência única 267
4.1.4.5 Denominações para “pega-pega” – SP/área de controle: variáveis sociais 269
4.1.5 Pique 271
4.1.4.5.1 Pique: “o ponto combinado” na brincadeira 271
4.1.5.2 *Pique*: os nomes do “ponto combinado” na brincadeira 272
4.1.5.3 Produtividade das variantes 273
4.1.5.4 Análise diatópica das denominações para “pique” 282
4.1.5.4.1 Unidade lexical: *pique* 282
4.1.5.4.2 Unidade lexical: *ponto* 283
4.1.5.4.3 Unidade lexical: *bate-cara/bate-mão* 283
4.1.5.4.4 Unidade lexical: *salva, prim, árvore/parede/poste* 283
4.1.5.4.5 Outras denominações com ocorrências únicas 284
4.1.5.5 Denominações para “pique” – SP/área de controle: variáveis sociais 285
4.1.5.6 Análise léxico-semântica 286
4.1.5.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 162 e 163/QSL/ALiB 299
4.1.6 Lenço-atrás 302
4.1.6.1 Lenço-atrás: a brincadeira 302
4.1.6.2 Lenço-atrás: os nomes da brincadeira 304

4.1.6.3 Produtividade das variantes 306
4.1.6.4 Análise diatópica das denominações para “lenço-atrás” 314
4.1.6.4.1 Unidade lexical: *lenço-atrás* 314
4.1.6.4.2 Unidade lexical: *corre-cotia* 315
4.1.6.4.3 Unidade lexical: *pato choco* 315
4.1.6.4.4 Unidade lexical: *ciranda* 316
4.1.6.4.5 Unidade lexical: *ovo choco, passa-passa, queimada, esconde-varinha* ..316
4.1.6.4.6 Outras denominações com ocorrências únicas 317
4.1.6.5 Denominações para “lenço-atrás” – SP/área de controle: variáveis sociais 318
4.1.6.5 Análise léxico-semântica 320
4.1.6.6 Considerações sobre os dados apurados na questão 164/QSL/ALiB 332
4.1.7 Amarelinha 334
4.1.7.1 Amarelinha: a brincadeira 334
4.1.7.2 Amarelinha: os nomes da brincadeira 335
4.1.7.3 Produtividade das variantes 336
4.1.7.4 Análise diatópica das denominações para “amarelinha” 344
4.1.7.4.1 Unidade lexical *amarelinha* 344
4.1.7.4.2 Unidade lexical *marelinha* 345
4.1.7.4.3 Unidade lexical *maré* 347
4.1.7.4.4 Unidade lexical *pula-pula* 348
4.1.7.4.5 Outras denominações com ocorrências únicas 349
4.1.7.5 Denominações para “amarelinha” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais 350
4.1.7.6 Análise léxico-semântica 352
4.1.7.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 167/QSL/ALiB 358
4.2 Brinquedos 361
4.2.1 Bolinha de gude: o brinquedo 361
4.2.1.2 Bolinha de gude: os nomes do brinquedo 362

4.2.1.3 Produtividade das variantes 364

4.2.1.4 Análise diatópica das denominações para “bola/bolinha de gude” 372

4.2.1.4.1 Unidade lexical: *bola/bolinha de gude* 372

4.2.1.4.2 Unidade lexical: *bola/ bolinha de vidro* 373

4.2.1.4.3 Unidade lexical: *burca* 374

4.2.1.4.4 Unidade lexical: *bolinha* 375

4.2.1.4.5 Unidades lexicais: *biroca, fubeca, birola, biloca* 375

4.2.1.4.6 Outras denominações com ocorrências únicas 377

4.2.1.5 Denominações para “bola/bolinha de gude” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais 378

4.2.1.6 Considerações sobre os dados apurados na questão 156/QSL/ALiB 386

4.2.2 Estilingue 387

4.2.2.1 Estilingue: o brinquedo 387

4.2.2.2 Estilingue: os nomes do brinquedo 388

4.2.2.3 Produtividade das variantes 390

4.2.2.4 Análise diatópica das denominações para “estilingue” 398

4.2.2.4.1 Unidade lexical: *estilingue* 398

4.2.2.4.2 Unidade lexical: *setra* 399

4.2.2.4.3 Unidade lexical: *bodoque* 401

4.2.2.4.4 Unidade Lexical: *atiradeira* 402

4.2.2.4.5 Outras denominações com ocorrência única: 403

4.2.2.5 Denominações para “estilingue” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais 404

4.2.2.6 Análise léxico-semântica 406

4.2.2.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 157/QSL/ALiB 412

4.2.3 Pipa/papagaio 414

4.2.3.1 Pipa/papagaio: o brinquedo 414

4.2.3.2 “Pipa/papagaio”: os nomes da brincadeira 415

4.2.3.3 Produtividade das variantes 416

4.2.3.4 Análise diatópica das denominações para “pipa” 424

4.2.3.4.1 Unidade lexical: *pipa* 424

4.2.3.4.2 Unidade lexical: *papagaio* 425

4.2.3.4.3 Unidades lexicais: *maranhão, raia, quadrado, papa-vento, peixinho, índio e rabiola* 426

4.2.3.4.4 Outras denominações com ocorrência única 427

4.2.3.5 Denominações para “Pipa” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais 428

4.2.3.6 Análise léxico-semântica 431

4.2.3.7 Considerações sobre os dados apurados na pergunta 158/QSL/ALiB: 434

4.2.4.1 Capucheta: o brinquedo 435

4.2.4.2 *Capucheta*: os nomes da brincadeira 436

4.2.4.3 Produtividade das variantes 438

4.2.4.4 Análise diatópica das denominações para “capucheta” 446

4.2.4.4.1 Unidade lexical: *capucheta* 446

4.2.4.4.2 Unidade lexical: *pipa* 447

4.2.4.4.3 Unidades lexicais: *papagaio, aviãozinho, cartola, maranhão, balão, papa-vento, rabiola, sapim, cuica, arraia, jereco* 448

4.2.4.4.4 Outras denominações com ocorrência única 450

4.2.3.5 Denominações para “Capucheta” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais 451

4.2.4.6 Análise léxico-semântica 452

4.2.4.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 159/QSL/ALiB 456

4.2.5 Gangorra 457

4.2.5.1 Gangorra: o brinquedo 457

4.2.5.2 Gangorra: os nomes do brinquedo 457

4.2.5.3 Produtividade das variantes 459

4.2.5.4 Análise diatópica das denominações para “gangorra” 466

4.2.5.4.1 Unidade lexical: *gangorra* 466

4.2.5.4.2 Unidade lexical: *balanço* 466

4.2.5.4.3 Unidade Lexical: *balango* 467

4.2.5.4.4 Outras denominações com ocorrência única 468

4.2.5.5 Denominações para “gangorra” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais 469

4.2.5.6 Análise léxico-semântica 470

4.2.5.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 165/QSL/ALiB 472

4.2.6 Balanço 474

4.2.6.1 Balanço: o brinquedo 474

4.2.6.2 Balanço: os nomes do brinquedo 474

4.2.6.3 Produtividade das variantes 476

4.2.6.4 Análise diatópica das denominações para “balanço” 484

4.2.6.4.1 Unidade lexical: *balanço* 484

4.2.6.4.2 Unidade lexical: *balango* 485

4.2.6.4.3 Unidades lexicais: *balançador*, *gangorra*, *rede e beló* 486

4.2.6.4.4 Outras denominações com ocorrência única 488

4.2.6.6 Análise léxico-semântica 490

4.2.6.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 166/QSL/ALiB 493

4.3 Contribuições do léxico de entretenimentos infantis para a delimitação do falar paulista 494

CONSIDERAÇÕES FINAIS 516

REFERÊNCIAS 520

APÊNDICE 534

Quadro A – Informações gerais sobre os inquéritos no estado de São Paulo 535

Quadro B – Informações gerais sobre os inquéritos na área de controle 541

Quadro C – Perfil dos informantes do estado de São Paulo 543

Quadro D – Perfil dos informantes da área de controle 566

ANEXOS 572

Anexo A – Autorização para o uso dos dados documentados pelo Projeto ALiB....573

Anexo B – Apresentação da rede pontos.....574

Anexo C – Brinquedos e brincadeiras cartografadas nos atlas linguísticos/trabalhos dialetais produzidos na área investigada 575

INTRODUÇÃO

O estudo do vocabulário de um povo deve considerar a indissociável relação entre o léxico e a cultura, pois “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” (OLIVEIRA; ISQUERDO 2001, p. 09). Sendo assim, as diferentes manifestações culturais, crenças, valores e costumes influenciam o processo de nomeação dos objetos e coisas que existem no entorno das pessoas, razão pela qual “o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p.09).

O processo de nomeação das coisas do mundo e, consequentemente, o repertório lexical que cada pessoa constrói no decorrer de sua vida revelam escolhas pessoais que são realizadas consciente ou inconscientemente pelos indivíduos e que são motivadas pelos hábitos do grupo a que pertencem. Essa situação, muitas das vezes, acaba por revelar a identidade do falante, além de características sociais ou da região em que ele vive, ou seja, o modo do indivíduo usar a linguagem.

Consequentemente, observa-se que, o uso da língua pelos falantes acaba por refletir a dinamicidade do léxico, marcando a presença de variações linguísticas de diversas naturezas (diatópica, social) e, por vezes, mudanças linguísticas em curso. Tendo em vista as especificidades da língua, uma opção é analisá-la a partir de registros orais e coletados *in loco*. Nesse contexto, destacam-se os estudos dialetais que são, “por excelência, uma investigação de cunho horizontal, ou seja, busca-se uma fotografia da realidade nos espaços geográficos considerados” (CARDOSO, 2010, p. 12). Em se tratando de questões espaciais, ressalta-se a importância dos atlas linguísticos:

> Um atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Em outras palavras, é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares (BRANDÃO, 1991, p. 25).

O registro da linguagem oral em atlas linguístico foi concretizado pela primeira vez na França por Gilliéron, que publicou entre os anos de 1902-1910, os fascículos

do Atlas Linguístico da França. Esse trabalho pioneiro tinha como princípio o controle da variação diatópica, nas perspectivas lexicais e fonéticas. No Brasil, a inauguração desses trabalhos, iniciou-se com o Atlas Prévio dos Falares Baianos – ROSSI, 1963) também produzido considerando os critérios da monodimensionalidade, ou seja, o controle de uma variável, no caso, a diatópica. Com o passar do tempo, os atlas ampliaram as variações examinadas, tornando-se progressivamente bidimensionais e pluridimensionais com a inserção de diferentes critérios sociais para a seleção do informante, como a variação diassexual, a diageracional[1], a diastrática, entre outras.

Além disso, os atlas linguísticos seguem os princípios da Geolinguística que se consagrou como o método para cartografação dos dados dialetais. Dessa forma, a metodologia de pesquisa prevê três procedimentos fundamentais[2]. São eles: i) rede de pontos (relação de localidades a serem pesquisadas); ii) informantes (selecionados de acordo com um perfil pré-determinado); e iii) questionário linguístico (norteando a realização dos inquéritos). Essas características demonstram a preocupação com o rigor metodológico que possibilita a comparabilidade dos dados.

Portanto, a produção de um atlas ou a realização de estudos a partir de dados dialetais (coletados pela metodologia da Geolinguística) trazem contribuições para a descrição da língua[3] observável do ponto de vista da variação diatópica/espacial e auxiliam, sobremaneira, no reconhecimento da norma linguística em uso em um determinado espaço geográfico.

Ao eleger o estado de São Paulo como a área geográfica para ser pesquisada neste trabalho, dentre outros aspectos, considerou-se que os estudos sistemáticos sobre a linguagem falada nesse estado foram inaugurados com a publicação do livro O *Dialeto Caipira,* de Amadeu Amaral (1920), obra que, segundo Ferreira e Cardoso (1994), marca o início da segunda fase dos trabalhos dialetais no Brasil (1920-1952), período em que predominavam as pesquisas de natureza gramatical e lexicológica.

[1] A variação diatópica é caracterizada pelas diferenças areais/espaciais ou geográficas; as variações diageracionais estão ligadas às relações que envolvem faixas etárias (jovem/adulto); as diassexuais apuram a variação segundo o sexo (feminino/masculino) e as diastráticas consideram fatores como escolaridade, classe econômica.

[2] Mouton (1987) enfatiza a importância do inquiridor como um possível 4º elemento para a aplicação da metodologia da Geolinguística.

[3] Salienta-se que os atlas linguísticos contribuem não só para a descrição do léxico, no sentido puramente linguístico, mas que também possibilita identificar os fatores sociais, históricos, culturais refletidos na língua, sobretudo no léxico.

Amaral (1920) estudou a língua portuguesa falada em algumas cidades do estado de São Paulo, sob a perspectiva dialetológica, buscando descrever o falar caipira nos aspectos fonético, lexical, morfológico e sintático.

Castro (2006), em pesquisa sobre *O dialeto caipira*, esclarece que o modo de caracterizar a língua na obra: "[...] é feita por Amaral com riqueza de pormenores, exemplificação pertinente, freqüentes comparações com o português lusitano e com as realizações de outras regiões do Brasil, e remissões à história da língua" (CASTRO, 2006, p. 1938)[4].

Castro (2006, p. 1937) ainda reitera a relevância dessa pesquisa para os estudos dialetais do estado de São Paulo, especialmente por dois motivos: i) "Trata-se da primeira tentativa de se descrever de forma abrangente um falar regional brasileiro [...] procurando descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos (fonético, lexical, morfológico e sintático" e, ii) pelo rigor metodológico expresso na descrição dos dados.

Em relação à metodologia adotada por Amaral (1920), destacam-se algumas recomendações, no âmbito da fonética, quando da obtenção dos dados: "[...] grafá-la sempre tal qual for ouvida; se houver diferentes modos de pronunciar o mesmo vocábulo, reproduzi-los todos com a mesma fidelidade; ter especial cuidado em anotar os sons peculiares à fonética regional... (AMARAL, 1920, p. 44).

Como referenciado por Amaral (1920), a essência da sua obra discute e comprova a presença de um falar diferenciado dos habitantes do Estado de São Paulo: o *falar caipira*.

> Tivemos, até cerca de vinte e cinco anos atrás, um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de São Paulo. É de todos sabido que o nosso falar caipira – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência" (AMARAL, 1920, p. 41).

O argumento de Amaral (1920) enfatiza a percepção de um falar próprio nos falantes naturais do Estado de São Paulo, desde épocas antigas, opinião que está em desacordo com o ponto de vista expresso por Antenor Nascentes, na obra *O*

[4] Segundo a autora, "[...] O autor trata dos diferentes aspectos do dialeto em capítulos específicos [...] permitindo ao leitor ter uma visão abrangente dessa variedade popular de São Paulo (CASTRO, 2006, p. 1938-1939).

Linguajar Carioca (NASCENTES, 1953), que considera São Paulo como parte do falar sulista:

> O Rio Grande do Sul, com que Rodolfo Garcia quase constituiu uma zona à parte, é muito típico, por vários motivos, mas não a ponto de destacar-se das linhas fundamentais do subfalar sulista. Por conseguinte, está muito bem, junto com São Paulo (NASCENTES, 1953, p. 24).

Segundo Nascentes, o português falado no Brasil não era homogêneo, em razão, sobretudo, do tamanho do país: “a enorme extensão territorial sem fáceis comunicações interiores quebrou a unidade do falar, fragmentando-o em subfalares” (NASCENTES, 1953, p. 18). Esse estudioso propôs uma divisão dialetal para o falar brasileiro, composta por seis subfalares reunidos em dois grupos: Norte e Sul e uma região chamada de “Território Incaracterístico” que compreenderia as fronteiras com a Bolívia e a de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

Considerando a divisão em dois grupos, seria classificado como Norte, os subfalares Amazônico (Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás) e Nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, parte de Goiás).

No segundo grupo, seria classificado como Sul, os subfalares: Baiano (Sergipe, Bahia, as regiões norte, nordeste e Noroeste de Minas Gerais) e parte de Goiás); Fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro e região da mata e parte do Leste de Minas Gerais); Mineiro (as regiões do Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais) e o Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, sul de Goiás, Mato Grosso e as regiões do Triângulo Mineiro e Sul de Minas Gerais).

Ao examinar os pontos de vista dos dois autores citados, constata-se, pois, uma divergência teórica-metodológica. De um lado, tem-se a percepção de Amadeu Amaral que acreditava em um falar próprio dos habitantes naturais do Estado de São Paulo e, por outro lado, o olhar de Nascentes classificando o falar de São Paulo dentro do falar sulista. Essa situação que permeia os estudos dialetais paulistas ainda se mantém, pois, não há, até o momento, um atlas linguístico que descreva a realidade linguística, no que se refere à língua portuguesa no Estado de São Paulo. Na década de 1980, entretanto, houve uma tentativa de realização do atlas estadual, o Projeto ALESP (Atlas Linguístico do Estado de São Paulo), coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Caruso, da Unesp/Assis. Infelizmente, esse atlas não foi concluído por eventualidades várias relacionadas à equipe, o que acaba por representar uma

grande lacuna na descrição do português do Brasil do ponto de vista da Dialetologia do século XX, sobretudo considerando a relevância da própria história social do estado e por ser um dos mais antigos na formação do país o que, possivelmente, possa trazer informações muito preciosas sobre a língua portuguesa praticada no Brasil no decorrer dos séculos. Quanto a essa linguagem, chamada de "dialeto brasileiro",[5] Amaral (1920) afirmava que, na época, não havia como assegurar em que consistia: "[...] cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão ... enquanto não fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões" (AMARAL, 1920, p. 43). Para esse fim, o registro em um atlas linguístico que englobasse a área total do Estado de São Paulo seria de grande valia, feito esse que até o momento não foi concretizado.

Porém, no século XXI, alguns micros atlas foram produzidos como trabalhos acadêmicos com o objetivo de descrever a língua em uso em algumas regiões paulistas específicas: *Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC* (CRISTIANINI, 2007*); Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo (*ENCARNAÇÃO, 2010); *Atlas Semântico-Lexical da região norte do alto Tietê (ReNAT) - São Paulo* (SOARES**,** 2012); *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo* (SANTOS-IKEUCHI, 2014), entre outros.

Além disso, registra-se que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) coletou, entre os anos de 2001 e 2008, dados dialetais numa rede de pontos composta por 38 localidades que recobrem todo o estado de São Paulo e está colaborando para o conhecimento da realidade linguística do território paulista em termos de descrição da língua falada em São Paulo. Esse recurso mostra-se como uma alternativa fundamental e que supre, em partes, a não existência do atlas estadual (ALESP). Como os dados coletados pelo Projeto ALiB referente ao Estado de São Paulo ainda não foram divulgados, acredita-se que esta pesquisa, que tem como objetivo analisar o léxico relacionado aos *Jogos e Diversões Infantis*, poderá trazer uma contribuição para essa ausência de estudos do léxico do referido estado, fornecendo, assim, um primeiro recorte de análise desses dados inéditos que foram coletados *in loco* de um estado tão pouco conhecido sob o ponto de vista dos

[5] Segundo Amaral (1920, p. 43), "dialeto brasileiro" era uma expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar.

estudos dialetais. Além disso, os dados do Projeto ALiB por englobar todas as regiões do estado e também das diferentes partes do país sob uma mesma metodologia, possibilitará, futuramente, a comparação de dados.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi lançado em 1996, no *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em Salvador. Trata-se de um projeto sediado na Universidade Federal da Bahia e coordenado por um Comitê Nacional formado por pesquisadores vinculados a universidades das diferentes regiões brasileiras e tem como objetivo mais amplo o registro e a descrição da Língua Portuguesa falada no país.

Desde o seu lançamento, os pesquisadores que participam do projeto já cumpriram várias etapas, como a coleta de dados em 250 localidades por meio de inquéritos com 1100 informantes em todo o Brasil. Atualmente, o projeto conta com a publicação de dois volumes, o primeiro, dedicado aos princípios metodológicos da pesquisa (CARDOSO *et al*, 2014a) e o segundo, de cartas linguísticas produzidas com dados obtidos nas capitais brasileiras (CARDOSO *et al*, 2014b).

Entre as cartas já produzidas no ALiB - volume II (CARDOSO *et al*, 2014b) destacam-se as que se referem ao léxico dos *Jogos e Diversões Infantis*, área semântica também contemplada por vários atlas estaduais e que vem demonstrando grande relevância para a descrição da norma lexical, pois essas cartas "[...] têm-se mostrado bastante produtivas dada a recorrência da mesma brincadeira em todas as localidades e a diversidade de formas léxicas de que se revestem as brincadeiras em cada região do Brasil" (AGUILERA, 2007, p.11)[6].

O volume II do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014b) reúne 42 cartas sobre o léxico dos *Jogos e Diversões Infantis*, contemplando sete perguntas do Questionário ALiB relativas a essa área semântica: c*ambalhota (Carta L17,17a, 17b, 17c, 17d, 17e); bolinha de gude (L18, 18a, 18b, 18c, 18d,18e); estilingue (L19, 19a, 19b, 19c, 19d, 19e); brinquedo de empinar - com varetas (L 20, 20a, 20b, 20c, 20d, 20e); brinquedo de empinar - sem varetas (L 21 , 21a, 21b, 21c, 21d, 21e); cabra-cega (L 22,22a, 22b, 22c, 22d,22e) e amarelinha (L 23, 23a, 23b, 23c,23d, 23e)*. Essas cartas evidenciam a riqueza de variantes elencadas como respostas

[6] No estudo referenciado, realizado por Aguilera (2007), foram indicados como atlas linguísticos brasileiros analisados: o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963); o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais- EALMG (RIBEIRO; PASSINI; GAIO; ZÁGARI, 1977), o Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (MENEZES; ARAGÃO, 1984), o Atlas Linguístico do Sergipe – ALS (FERREIRA *et al*, 1987), o Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994) e o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004).

para perguntas que tratam das brincadeiras. A carta L17, por exemplo, reúne designações obtidas como resposta para a questão 155/QSL/ALiB: "*Como se chama a brincadeira em que gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado*?" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34) em 25 capitais brasileiras, e registra um número significativo de variantes lexicais: *cambalhota, carambela/carambola, bunda-canastra, pirueta, mortal e outras (aú, cabriola, cambona, cangapé e virar/virando perereca*), cartografadas numa única carta (L17 - *cambalhota*). Portanto, o montante de cartas produzidas com dados relativos à área semântica dos *Jogos e Diversões Infantis* apontam para a diversidade lexical existente no território brasileiro para nomear o referente em pauta.

Ainda destacando os dados documentados acerca dessa área semântica, o tema já rendeu a produção de uma Tese de Doutorado, Dissertações de Mestrado e Monografias sobre os dados relacionados aos *Jogos e Diversões Infantis*, tendo como base os inquéritos do Projeto ALiB. Listam-se, respectivamente, os trabalhos acadêmicos: *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar Baiano* (RIBEIRO, 2012); *O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB* (PORTILHO, 2013); *Brincando na área do falar fluminense* (SANTOS, 2016), *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais* (D´ANUNCIAÇÃO, 2016), sem citar os inúmeros artigos que examinam esse vocabulário[7]. A despeito dessas pesquisas cobrirem regiões do Brasil, é possível constatar que determinados estados ainda não foram inventariados com trabalhos específicos sobre o léxico dos *Jogos e Diversões Infantis*, entre eles, o estado de São Paulo.

Nesse panorama, esta pesquisa tem caráter inédito e desafiador, pois, no domínio do estado de São Paulo é a primeira tese produzida com dados extraídos[8], do Banco de Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Nesse sentido, é importante afirmar que o referido estado é singular no que tange à sua história, não podendo ignorar a sua importância no cenário nacional, já que é o estado mais

[7] Além dos trabalhos citados, informa-se que a tese de Doutorado: *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil* (ROMANO, 2015) analisa a pergunta nº 156 do Questionário do Projeto ALiB referente aos Jogos e Diversões Infantis: "bolinha de gude". Registra-se também a dissertação de Mestrado em andamento: *Os jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino*, de Graziele Ferreira da Silva Santos, sob orientação da profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro.

[8] O estudo de Romano (2015) foi realizado considerando algumas perguntas pontuais, em um território mais amplo. Nesta pesquisa, os dados se referem a um conjunto de perguntas, no caso, a uma área semântica completa no Estado de São Paulo.

populoso do Brasil, um centro importantíssimo do país, sendo considerado, portanto, o maior polo de industrialização, tecnologia e modernidade. Além disso, São Paulo tem desempenhado papel singular na história do Brasil, com alguns dos seus municípios criados no século XVI e por ter sido palco de fatos históricos e de ciclos econômicos importantes nos séculos posteriores a sua fundação: foi porta de entrada de imigrantes vindos da Europa e de diferentes lugares do mundo pelo influente porto de Santos; acolheu os milhares de migrantes que se fixaram em uma das maiores capitais da América Latina, em meados do século XX e também fez parte de diferentes rotas, tanto na sua história antiga (como ponto de partida dos bandeirantes, caminho dos tropeiros) quanto na mais recente, unindo o país pelas vias rodoviárias, ferroviárias e aéreas.

Tendo em vista, pois, a importância e a diversidade da formação populacional de São Paulo, considera-se que uma pesquisa de cunho lexical poderá evidenciar influências da história social do Estado, nas diferentes fases da sua formação: i) processo de colonização, ii) ciclos econômicos ocorridos em São Paulo, iii) urbanização da capital, iv) industrialização do Estado, v) presença de imigrantes e pessoas oriundas dos estados do Nordeste. Esses momentos representam alguns indicadores para análise da constituição da sociedade que se formou nesse espaço que, por sua vez, deu origem a uma unidade federativa multifacetada. Esses fatores, inclusive, podem ter auxiliado na fixação da população em diferentes partes do território paulista o que, consequentemente, acabou por contribuir para a distribuição demográfica da população.

Frente ao exposto, esta tese apresenta o produto de um amplo estudo sobre as denominações de *Jogos e Diversões Infantis* documentadas pelo Projeto ALiB no estado de São Paulo considerando-os como ato de caráter lúdico[9], entretenimento, recreação, atividade mental e física, divertimento, ação ou ato de brincar. Ressalta-se que as reflexões a respeito do lúdico e o reconhecimento do valor do brincar é primordial para o desenvolvimento do indivíduo e está ligado à sociedade e a outros temas como a história socia e a educação.

Verifica-se que o lúdico é fundamental para a formação escolar e também cultural de uma sociedade, pois se materializa na interação entre pessoas e na formação das crenças e costumes populares. Nesse sentido, pode-se conceber o folclore como algo inerente à própria concepção do ser humano.

[9] No decorrer desta tese, as definições para brinquedos e jogos serão melhor discutidas.

Sendo assim, o folclore pode ser caracterizado por diferentes manifestações de um povo e, neste particular, destacamos os entretenimentos infantis, pois segundo Ortêncio (2004, p.14): “[...] Tudo o que o povo pensa, sente e faz é sabedoria, resultando em parlendas, trava-línguas, encantamentos, ritos [...] brinquedos, jogos...”

Como se pode perceber, tanto o folclore quanto o lúdico apontam para o valor dos *jogos e diversões* na constituição de um povo e, por sua vez, revelam costumes e aspectos da cultura de uma determinada população, inclusive na língua de um grupo social, pois, nessa perspectiva, os entretenimentos são: “particularmente significativo por refletirem hábitos culturais distintos numa dada época da história da língua, haja vista que o folclore lingüístico reúne aspectos do saber acumulado pelo homem e representa a memória cultural das sociedades humanas” (ISQUERDO, 2007b, p. 533-534).

As manifestações folclóricas e, mais especificamente, as brincadeiras, recebem características particulares nas diferentes regiões do Brasil, delineando-se, como já pontuado, pela própria influência dos povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira e dos aspectos locais e/ou regionais. Assim, é nítido que as brincadeiras sofram modificações a depender daqueles que as utilizam, sobretudo porque fazem parte do imaginário e do lúdico da infância. Além disso, muitas vezes recebem adaptações para se manterem como uma recreação popular em diferentes momentos da história.

Ou seja, os *jogos e diversões* se recobrem de universalidade porque existem nas diferentes etnias e/ou populações de diferentes épocas e se aplicam, de modo particular, enquanto reflexo das diferentes nomeações ou atos que cada grupo social pode realizar para melhor adaptá-los à sua realidade.

Neste trabalho, propõe-se um estudo lexical das designações que nomeiam, no Estado de São Paulo, os referentes ligados a duas dessas expressões folclóricas: os Jogos e as Diversões. Para a realização da pesquisa foram tomadas como objeto de investigação as 13 questões relacionadas aos entretenimentos infantis que pertencem ao Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Em termos espaciais, o estado de São Paulo abriga 38 pontos da rede do Projeto ALiB. Porém, neste estudo foram analisados apenas os dados do interior, ou seja, 37 localidades e acrescidas 10 localidades pertencentes a mesma rede,

situadas em localidades limítrofes desse estado, neste estudo, considerada área de controle, segundo procedimento metodológico de Ribeiro (2012) [10]. Desse modo, esse espaço circunvizinho foi formado por: uma cidade em Mato Grosso do Sul, duas no Rio de Janeiro, três no Paraná e quatro em Minas Gerais, totalizando, assim, um montante de 47 localidades e 188 informantes (148 no estado de São Paulo e 40 na área de controle).

Essa ampliação dos pontos da rede, tem como objetivo verificar o comportamento linguístico dos falantes de espaços geográficos próximos à região selecionada para a pesquisa, no caso o Estado de São Paulo, no que se refere às respostas fornecidas para a pergunta em análise. Além disso, esse procedimento metodológico tem como finalidade identificar possíveis expansões e/ou retenções de uma unidade lexical para além da fronteira geográfica do Estado de São Paulo.

Considerando a riqueza de informação que os dados coletados *in loco* oferecem para a descrição da língua em uso, a tese *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no Estado de São Paulo* elegeu, como objeto de investigação, o léxico dos *Jogos e Diversões Infantis* documentado pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no Estado de São Paulo e tem a expectativa de contribuir para a descrição da língua falada nessa unidade da Federação, além de permitir comparabilidade entre os dados das outras localidades investigadas devido à comunhão dos mesmos princípios metodológicos na pesquisa de campo.

Em termos de objetivo geral, esta pesquisa busca investigar, no Estado de São Paulo, por meio do vocabulário selecionado, a vitalidade ou não da divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953) ao classificar o subfalar sulista, no que se refere ao Estado de São Paulo.

Nesse particular, é preciso alguns estudos que já têm questionado a vitalidade da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), em alguns pontos. A tese *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*, produzida por Valter Romano (2015), no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, por exemplo, concluiu pela existência do falar paulista e do falar sulista como dois falares distintos. Essa tese foi produzida com

[10] A adoção da área de controle refere-se ao procedimento metodológico utilizado por RIBEIRO (2012), porém a aplicação utilizada neste estudo foi reformulada quanto aos critérios para delimitação.

base nos dados do Projeto ALiB e analisou cinco perguntas do Questionário Semântico-Lexical, incluindo uma pertencente a área semântica dos *Jogos e Diversões Infantis*: a questão 156 (“bolinha de gude”).

Zágari (1998), por sua vez, já classificara como falar paulista o modo de falar da região sul de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro[11], apontando as seguintes características para a linguagem da região assinalada:

> Distingue esse falar, e é sua marca inconfundível nas Gerais o [r] retroflexo, como se constata nas cartas de aborto (pergunta 60), alpargata (pergunta 132) e embornal (pergunta 138), além de tantas outras, aqui resumidas, através dos mapas 5A e 5B. Marcado por filmes, programas de rádio e televisão, como um “R” caipira, pessoas há, de nível superior, nessas localidades, que afirmam e reafirmam não falarem assim. E, de fato, por vezes, tal ocorre, num diálogo tenso ou formal. Perdida a formalidade, o retroflexo retorna (ZÁGARI, 2005, p. 50-51).

Considerando os resultados mais contemporâneos, provenientes da tese de Doutorado de Romano (2015), a localização do falar paulista seria geograficamente difundida

> [...] a partir do Estado de SP, com influência na região norte do PR, oeste do MS, sudoeste e interior do Estado de GO, sul de MG e Triângulo Mineiro. Ademais, este falar, até onde se verificou, alcança também os pontos de controle, ou seja, não se limita à área geográfica do subfalar sulista definida por Nascentes (1953) e diferencia-se da região meridional do território investigado (ROMANO, 2015, p. 271).

É preciso pontuar, ainda, que a sociedade paulista passou por diferentes transformações, inclusive no que tange aos limites e proximidades aos estados vizinhos, o que se reflete na norma linguística dos seus habitantes. Assim, tomando como princípio que o léxico é o nível da língua “que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p.09), parte-se do pressuposto que o vocabulário relacionado aos *Jogos e Diversões Infantis* reflete especificidades da cultura veiculada no Estado de São Paulo nas diferentes fases da sua história e aponta para a existência de um falar paulista manifestado nas escolhas lexicais desses falantes.

[11] “[...] partindo do Sul do Estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo e a região sul do Estado (ZÁGARI, 2005, p. 50).

Este trabalho orientou-se pelos seguintes objetivos específicos: i) descrever, do ponto de vista diatópico e semântico, o vocabulário relacionado aos entretenimentos infantis empregado pelos paulistas na primeira década do século XXI; ii) identificar diferenças diatópicas e possíveis variações diageracionais, diassexuais e diastráticas no uso do vocabulário dos brinquedos/brincadeiras no universo investigado; iii) examinar possíveis casos de manutenção e de mudança no léxico investigado nos pontos linguísticos situados no Estado de São Paulo e no da área de controle; iv) analisar motivações subjacentes às escolhas lexicais dos falantes a partir de nomeções das brincadeiras catalogadas; v) analisar por meio do vocabulário selecionado a inter-relação entre léxico, cultura e a história social do Estado de São Paulo; vi) descrever a norma lexical paulista na área dos brinquedos e brincadeiras infantis.

Além do exposto, tem-se a expectativa de que o estudo do universo lexical selecionado também possa fornecer elementos para uma melhor compreensão da norma lexical paulista. Assim, este estudo busca responder as seguintes perguntas de pesquisa:

a) Na perspectiva sincrônica e com base no léxico de brinquedos e brincadeiras infantis, pode-se atestar a vitalidade da área dialetal do Falar Sulista considerado por Nascentes (1953), no que se refere aos dados recolhidos em São Paulo?
b) Há subáreas dialetais/faixas dialetais no que se refere à norma lexical no Estado de São Paulo que possam ser delineadas com base nos dados examinados nesta pesquisa?
c) Até que ponto os designativos para os *jogos e diversões infantis* fornecidas por falantes naturais de São Paulo são próprias desse Estado? Será que ultrapassam as fronteiras geográficas?

Sendo assim, entende-se que o estudo proposto se justifica por vários fatores: i) necessidade de preenchimento de uma lacuna na documentação e na descrição da Língua Portuguesa falada em uma região do país tão antiga e tão relevante considerando a sua história social; ii) contribuição que poderá fornecer para ampliação de resultados já alcançados por estudos de caráter regional sobre o falar do estado de São Paulo em diferentes épocas da sua história; iii) demonstração da língua em uso no que se refere ao recorte lexical selecionado; iv) identificação de

possíveis subnormas lexicais nas diferentes localidades do Estado de São Paulo na área semântica em estudo; v) identificação de possíveis áreas dialetais no Estado de São Paulo, em termos de denominações para os entretenimentos infantis.

A tese prioriza, pois, a investigação da variação diatópica com base nos estudos do léxico. Para tanto, pauta-se em pressupostos teóricos da Dialetologia, da Lexicologia, da Semântica, da Etnolinguística, da Antropologia Linguística, entre outras disciplinas.

Esta tese está estruturada em quatro capítulos: o primeiro, de caráter teórico, discorre sobre os pressupostos fundamentais para a realização da pesquisa, englobando: (i) da palavra ao objeto de estudo; (ii) reflexões sobre o léxico e a sociedade: da homo a heterogeneidade; (iii) variação diatópica, diastrática e diafásica; (iv) interfaces entre a Dialetologia, o método da Geolinguística e a Lexicografia; (v) a Dialetologia e a Geolinguística no Brasil: pressupostos históricos e metodológicos; (vi): áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) e estudos delas provenientes (análises e críticas).

O Capítulo 2, de natureza histórica, traz a descrição das localidades e de fatos importantes da história e da formação do estado de São Paulo em suas diferentes épocas, além de apresentar breve caracterização de brinquedos e brincadeiras bem como de estudos realizados sobre essa temática.

No Capítulo 3, de caráter metodológico, são recuperadas as diretrizes do Projeto ALiB, informações sobre a recolha dos dados e particularidades da composição do *corpora.* Além disso, registram-se as decisões tomadas para a realização do estudo em questão, no que tange à validação de respostas, cartografação e sistematização dos dados.

No capítulo 4, têm-se a análise propriamente dita dos dados lexicais, objeto de investigação desta tese, buscando relacionar elementos da história social e de outras disciplinas que fundamentam as possíveis escolhas lexicais dos falantes para denominar os j*ogos e diversões Infantis*.

O volume ainda inclui a conclusão da tese, as referências, as sessões de anexo e apêndice. Na primeira consta o documento de autorização da utilização do banco de dados inédito do Projeto ALiB, enquanto a segunda reúne as cartas produzidas, considerando a área investigada em dois blocos: i) estado de São Paulo e ii) área de controle, além dos quadros produzidos a partir da descrição da metodologia e das análises no decorrer do estudo, como: características dos

inquéritos da pesquisa de campo e inquiridores e perfil dos informantes no estado de São Paulo e área de controle.

À guiza de conclusão deste trabalho, busca-se contribuir para o maior conhecimento do léxico paulista, no que se refere aos *Jogos e Diversões Infantis* e ao menos, em uma pequena parcela, na descrição do Português do Brasil.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo são discutidos alguns fundamentos teóricos da Lexicologia, Geolinguística, Dialetologia, Etnolinguística e Semaântica com o intuito de discutir alguns temas abordados pela Linguística, como: a palavra, a norma lexical, a variação linguística, os atlas linguísticos (concepção e materiais produzidos no Brasil e no mundo), bem como esclarecer sobre a divisão dialetal proposta por Nascentes (1956) e os trabalhos que analisam a vitalidade dessa partição na contemporaneidade.

Iniciam-se as discussões tratando sobre a unidade lexical.

1.1 Da palavra ao objeto de estudo: um delinear de ideias

No início era a palavra, e apesar da presença constante na linguagem humana nos diferentes momentos da existência, os estudos sobre o léxico como ciência, tardaram a ocorrer. Na Antiguidade, esses trabalhos tinham como único objetivo auxiliar na compreensão dos textos anteriores e na correção de erros linguísticos, entre as produções realizadas de cunho 'vagamente lexicográfico' destacam-se os glossários (produzidos na escola grega de Alexandria e o *Appendix Probi* em latim).

Na Idade Média, destacam-se as Etimologias de Santo Isidoro de Sevilha (570-636) e alguns glossários, porém o pensamento que imperava na época era baseado: "[...] numa concepção mística do mundo e da linguagem que tende a referir a língua e as palavras a um sistema de significação que se reporta a Deus... Na verdade, documentam o mundo cultural da Idade Média e sua concepção de universo" (BIDERMAN, 1984a, p. 01).

Ao tratar da lexicografia latina, em especial da Espanha e da França, destacam-se as obras produzidas em tempos mais modernos. Entre eles, os dicionários: *Universal Vocabulario* de Alonso de Palencia (1490) e os *vocabulários Latino Español* (1492) e *Español Latino* (1945) de Antonio de Nebrija[12]. De fato, a preocupação com o estudo das línguas e consequentemente com a produção de dicionários surgiu apenas no Renascimento:

[12] Antonio de Nebrija foi o autor da primeira gramática espanhola.

> Quando o homem renascentista começou a ampliar os seus horizontes culturais abandonando de vez a sua reclusão medieval dentro de sua própria cultura, descobriu a necessidade de aprender línguas, evidentemente as línguas européias mais faladas na época (século XVI). Além da consciência adquirida da distância entre o latim e as línguas vernáculas do seu tempo, o homem renascentista precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico num mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre as jovens nações europeias. Assim, multiplicam-se os dicionários bilíngues na Espanha, na França, na Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas que se tornaram oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI (BIDERMAN, 1984a, p. 02).

Apesar dos estudos sobre o léxico terem sido experimentados em séculos passados, mesmo que de modo intuitivo ou místico, as discussões sobre a definição do conceito de palavra mostra-se um desafio para os teóricos da área ainda na atualidade.

O filósofo francês Georges Gusdorf discute esse tema em sua obra *Palavra* (1977), e para tanto, traça um histórico sobre as ideias que permeiam esse assunto. Dentre elas, destaca a fala como limiar do universo humano e sua possível relação com os deuses e com os homens[13]. Gusdorf (1977) destaca ainda que, desde tempos antigos, a fala e a palavra já eram consideradas termos complexos. Em decorrência disso, muitas vezes, esses conceitos eram marcados por contradições, sobretudo no que se refere ao domínio que o homem exerce sobre a palavra, pois "[...] as palavras não nos pertencem, protesta Sócrates, para que as moldemos aos nossos caprichos" (GUSDORF, 1977, p. 24). Entretanto, "[...] a verdade, ao nível da fala, deve ser construída e continuamente criticada. O homem tem jurisdição sobre as palavras, cabendo-lhe alinhá-las sobre o ser" (GUSDORF, 1977, p. 25).

Gusdorf (1977) pontua que os conhecimentos vinculados ao conceito de palavra, além de se relacionarem ao poder divino, à criação das culturas e à força humana, também estão presentes desde os primórdios da humanidade, auxiliando na criação de toda uma atmosfera mística da história do ser humano. Porém, mesmo tão comumente utilizado, o termo palavra é considerado de difícil definição, não havendo um consenso quanto ao conceito preciso dessa unidade léxica no âmbito da linguagem, de modo que o universo da palavra é tão complexo que célebres estudiosos não se atreveram a defini-la, porém houve vários ensaios e polêmicas sobre esse elemento da língua.

[13] Essa relação é discutida nos capítulos *A fala e os filósofos* e *A fala como realidade humana*.

Uma das tentativas de definição de palavra é fruto das reflexões de Rey-Debove (1984), no artigo *Léxico e Dicionário:*

> Uma palavra é formada sem dúvida de um só morfema (mar) ou de vários (declaração). Define-se como uma forma livre significativa que não pode ser decomposta em outras formas livres significativas menores e cuja unidade se manifesta por uma coesão interna (também pelo acento de palavra em numerosas línguas) (REY-DEBOVE, 1984, p. 48).

Ainda de acordo com a pesquidora, o morfema preso é considerado a unidade significativa mínima e a lexia, a unidade significativa máxima.

Esses termos, assim como a própria definição de palavra também já haviam sido fruto de outras experiências como a realizada por Pottier (1968, p. 54), pois para o autor, palavra é: "La unidad mínima construída. Toda palabra está compuesta por morfemas[14]". Por sua vez, os morfemas[15] seriam a menor parte do signo linguístico, ou seja, a menor parte compreensível de algo, consequentemente, não teria como subdividi-lo em partes menores.

Quanto à lexia, Pottier (1968, p. 55) define como: "[...] la unidad de comportamiento. Está compuesta por palabras[16]". Desse modo, de acordo com o autor, as lexias podem ser classificadas segundo as seguintes categorias[17]:

- Lexia simples – coincide com a palavra (ex. cachorro). Graficamente constituída de uma sequência gráfica separada por dois brancos, ou seja, coincide com a palavra (cachorro, cesta, guarda, dona, mãe).

- Lexia composta - contém várias palavras/unidades separadas ou totalmente integradas (guarda-roupa).[18]

[14] "A unidade mínima construída. Toda palavra está composta por morfemas" (POTTIER, 1968, p. 54) (TN).
[15] O morfema também foi definido por Pottier como: "el signo linguístico más pequeño, en sincronía, no es descomponible"(POTTIER, 1968, p. 53).
[16]"[...] A unidade de comportamento. Está composta por palavras" (POTTIER, 1968, p. 55) (TN).
[17] Exemplos e definições extraídos (e traduzidos) da obra *Presentación de la linguística* (POTTIER, 1968, p. 55-56).
[18]Definições e exemplos extraídos de Pottier (1968, p. 55-56) e de Biderman (1999, p. 89).

Lexia complexa – sequência estereotipada de palavras (cesta básica, dona de casa).

Biderman (1999) considera o termo lexia, proposto por Pottier (1968), bastante útil pelo seu caráter técnico também por dificultar possíveis relações de ambiguidade causadas pelos designativos *palavra*/*vocábulo* (conotações discursivas). Segundo a autora, "[...] o uso desses termos técnicos eliminaria as ambiguidades, indesejáveis em ciência" (BIDERMAN, 1999, p. 89).

Ao tratar dos estudos de Biderman, vale destacar o glossário publicado na Revista Alfa (1984b) em que a autora apresenta alguns conceitos para esses termos, conforme atesta o Quadro 1, a seguir:

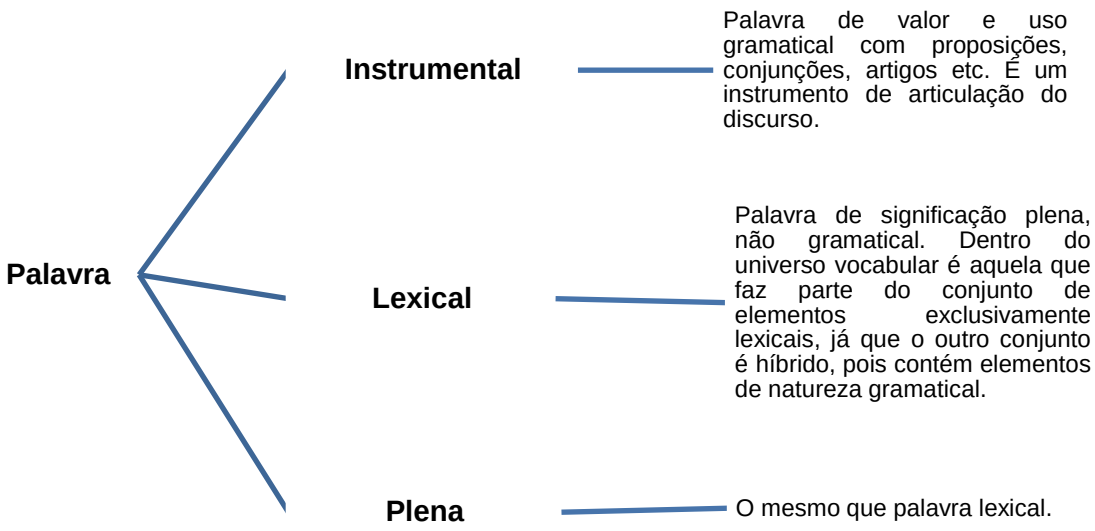
Quadro 1 – Definição de alguns termos segundo Glossário publicado na Revista Alfa (1984)

Termos	Conceito
Lexema	Unidade léxica abstrata que faz parte do léxico de uma língua. Ele se atualiza no discurso na forma de uma palavra flexionada com todas as marcas gramaticais exigidas pelo contexto. Cf. lexia, palavra.
Lexia	Forma que um lexema assume no discurso. Ex. O dia está claro. Temos ai quatro lexias. Em Lexicologia esse termo técnico se opõe a lexema; foi cunhado para evitar a imprecisão e ambiguidade de termos da língua comum, tais como: palavra, vocábulo.
Lema	Unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as demais formas do paradigma.
Palavra	Unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apreensão do universo pelos sujeitos. É termo da língua comum, sendo um pouco rigoroso para o uso técnico da Lexicologia e da Lexicografia.

Fonte: Elaboração da autora com base em Biderman (1984b).

Ainda considerando o Glossário que integra o suplemento da Revista Alfa, Biderman(1984b), subdivide a palavra em três categorias, respectivamente: palavra instrumental, lexical e plena. Verifique a Figura 1 que expõe a partição realizada pela autora.

Figura 1 – Definição proposta por Biderman (1984) das classificações de palavras



Fonte: Elaboração da autora com base em Biderman (1984b).

De acordo com a obra de Biderman, a definição de palavra ainda seria fruto de mais debates, desse modo, serão elencadas mais algumas considerações realizadas pela lexicógrafa sobre a discussão desse conceito em estudos posteriores[19].

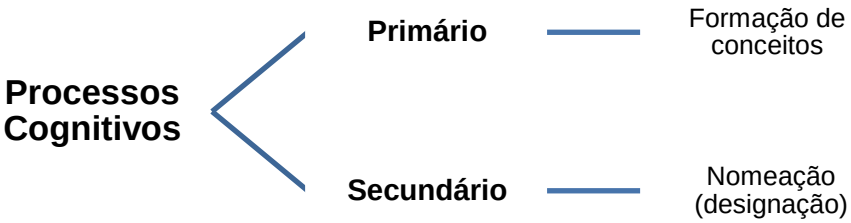
Ao tratar da dimensão da palavra, Biderman (1998) elenca três elementos: mágico-religiosa, cognitiva e linguística. Quanto à primeira dimensão, para muitas culturas, a palavra é considerada "[...] mágica, cabalística, sagrada que tende a constituir uma realidade dotada de poder" (BIDERMAN, 1998, p.81). Para o homem primitivo, a palavra que se referia ao nome de alguém tinha relação direta com o ser nomeado, ou seja, o nome era considerado parte vital de sua essência e por isso teria que ser protegido para que não se atingisse o próprio dono. "Acreditava-se, pois, que aquele que conhecesse o verdadeiro nome de alguém possuía o verdadeiro ser, a essência do deus ou do homem" (BIDERMAN, 1998, p. 84).

Já, a segunda dimensão, a cognitiva, parte do princípio de que a palavra é o parâmetro para que se possa denominar as coisas do mundo e que é inerente ao

[19] No decorrer deste capítulo serão elencadas várias discussões propostas por Biderman, que parecem se adequar ou, até mesmo, se complementar, possivelmente em decorrência do aprofundamento dos estudos e leituras realizadas pela pesquisadora. Isso pode ser notado, já que boa parte das informações fornecidas pela lexicógrafa parecem decorrer de uma linha de raciocínio crescente nos diferentes estágios de sua pesquisa.

ser humano. Biderman recupera algumas ideias de E. Lennenberg, do livro *Biological foundantions of language*, ao informar que nomear algo seria o resultado do processo de categorizá-lo. Neste caso, entende-se por categorização: "[...] a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente" (BIDERMAN, 1998, p. 88). Nesse processo, caberia a capacidade de "discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo" (BIDERMAN, 1998, p. 88). Além disso, as pessoas, de modo geral, dão conta de organizar o conhecimento através do processo de categorização que, por sua vez, pode ser bastante 'flexível[20]'. "A facilidade com que se pode mudar o critério de categorização evidencia o fato de que a categorização é um processo criativo e dinâmico de organização cognitiva" (BIDERMAN, 1998, p.89). Cabe ainda mencionar que os processos cognitivos podem ser primários e secundários, como sintetizado na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Síntese da classificação dos processos cognitivos



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Biderman (1998).

Esses conceitos (primários) são, por sua vez, "modos de ordenar ou de tratar os dados sensoriais. Assim sendo, a conceptualização vem a ser o próprio processo cognitivo" (BIDERMAN, 1998, p.90).

[20]Entende-se flexível, neste contexto, como algo que possa variar de diferentes modos, a partir de diferentes fatores, podendo subdividir, suprimir, reorganizar de modo geral ou específico.

Nesse processo de associar palavras e conceitos, há o modo individual[21] e o decorrente da coletividade, ou seja, do "acervo de conceitos transmitidos materialmente através das gerações por meio do vocabulário herdado e transmitido" (BIDEMAN, 1998, p. 90).

Além disso, cabe lembrar que no processo da cognição humana, há uma margem de liberdade biológica que é o que faz com que as pessoas possam ter compreensões particulares de determinadas falas. Por isso, "a semântica de uma dada língua natural constitui apenas uma das muitas maneiras pelas quais se pode organizar o universo cognitivo" (BIDERMAN, 1998, p. 91). Acresce-se, nesse particular, a informação de que ao realizar a categorização de um elemento da realidade, o processo de classificação pode realizar-se, por exemplo, a partir de um traço semântico que sobressaia. Sendo assim, as palavras "não podem estar ligadas às coisas de maneira essencial como acreditam culturas arcaícas" (BIDERMAN, 1998, p. 91), pois, na verdade, o "homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes" (BIDERMAN, 1998, p. 92). Esse processo de cognição e de apropriação do conhecimento é distinto nas diferentes culturas e, em sua maioria, são sistemas semânticos muito diferentes e variados.

Ainda no contexto da dimensão cognitiva é preciso considerar a hipótese Sapir-Whorf, também conhecida como a tese do 'relativismo linguístico' (1950/1960). Essa teoria sustenta a ideia de que cada língua e realidade social compreende o mundo de modo particular, consequentemente, "refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas" (BIDERMAN, 1998, p. 93). Portanto, essa hipótese contesta os universais linguísticos, particularmente no domínio da categorização. Sendo assim, uma determinada cultura pode denominar alguns elementos de sua realidade de modo mais detalhado do que outra que não possui tanta familiaridade com um determinado cenário. Ao contextualizar a teoria de Whorf, no âmbito do léxico, Biderman (1998, p. 93) recupera dois exemplos amplamente divulgados: i) "na língua esquimó não se tem só uma palavra para neve. No universo esquimó a neve é uma realidade cotidiana e fundamental"; ii) há uma diversidade de palavras na língua dos índios paiutes, oriundos de regiões

[21]Na dimensão individual, o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve (BIDERMAN, 1998, p. 90).

desérticas, para denominar especificidades da realidade geofísica, sobretudo, ligadas à água.

Outros exemplos dessa natureza podem ser elencados, entre elas: as possíveis traduções entre idiomas distintos ou de mesma origem, neste caso, destacam-se: i) as palavras heterossemânticas (falsos amigos) em espanhol que, ao traduzir para o português, possuem grafia igual ou muito semelhante, porém significados completamente distintos; e ii) a versão em português de expressões idiomáticas que para a compreensão adequada, muitas vezes acabam por exigir do tradutor, informações complementares sobre a tradição de uma determinada população.

Apesar de inúmeros exemplos que buscam comprovar essa hipótese, há estudiosos que não concordam com sua aplicabilidade nas diferentes culturas. Porém, é inegável afirmar que no processo de aprendizagem:

> [...] o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade. Essa cristalização da experiência social tanto cultural como linguística é o ponto de partida e o fundamento tanto do pensamento como da linguagem individual (BIDERMAN, 1998, p.104).

Considerando as dimensões linguísticas da palavra, a terceira trata do signo linguístico. Nesse particular, recuperam-se as ideias de Saussure que propõe manter o signo linguístico como termo técnico para o conjunto total, ou seja, a união entre significado e significante[22] e destaca como característica básica, a arbitrariedade. Sobre a arbitrariedade, Biderman faz uma ressalva: “não se deve pensar que o falante escolhe livremente o significante” (BIDERMAN, 1998, p. 105-106). Em relação a isso, cabe acrescentar que o signo linguístico não tem motivação (não tem ligação com a realidade), havendo assim, a falsa ideia de que o falante tem total liberdade (domínio ou poder) de escolha do signo linguístico, quando na verdade ele utiliza “modelos de categorização prontos que a educação linguística introjetou em sua mente. De outro lado, o vocabulário da língua manifesta-se como um acervo cultural – um produto herdado de gerações precedentes” (BIDERMAN, 1998, p. 106).

Por conta do acervo cultural, Saussure, em sua obra *Curso de Linguística Geral* (1916) tece algumas afirmações sobre o signo:

[22] Como substituição de conceito e imagem acústica, respectivamente.

- É imutável;
- Resiste a qualquer substituição arbitrária porque a língua é instituição social;
- É arbitrário não podendo ser substituído;
- Há um alto número de signos (palavras) em uma língua;
- É inerte à inovação linguística.

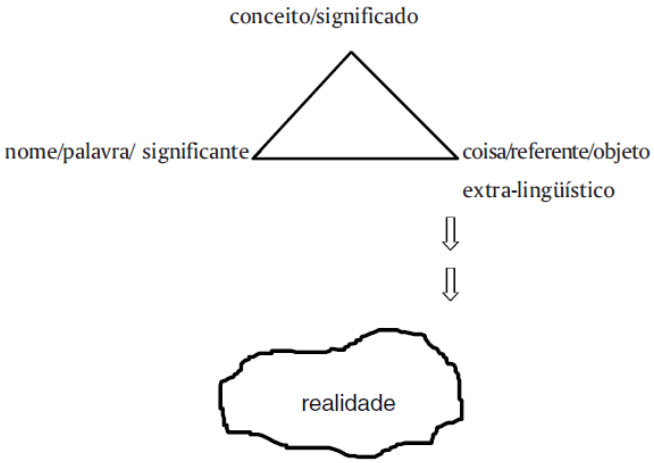
Seguindo no âmbito dos estudos saussurianos, Biderman (1998) pondera que, signo e língua podem ser considerados como elementos em oposição, pois a língua sofre influência de todos, nos diferentes momentos, enquanto o signo sofre alterações no decorrer da história, lentamente.

A autora afirma que o signo pode ser mutável, para tanto destaca o caso das palavras que desaparecem pelo fato de a coisa designada não existir mais: “nota-se o envelhecimento e morte de palavras em consequência do desaparecimento de instituições, costumes e objetos” (BIDERMAN, 1998, p. 107). Inclusive, a autora enumera alguns vocábulos para exemplificar essa circunstância (aguazil, bacamarte, candeeiro, canga, caravela, castiçal, ceroula, mucama, palmatória, senzala, tílbure,etc)[23].

Sobre as considerações de Saussure (1916), Biderman (1998) ainda contrapõe diferentes pontos de vista fornecidos por outros teóricos que discutem sobre variados temas explanados por Saussure, porém, cabe ainda indicar algumas informações relevantes extraídas dos estudos de Biderman (1998), como um dos aspectos do significado de uma palavra. “O valor de um signo resulta da presença simultânea dos outros signos dentro do sistema e aos quais ela se contrapõe, formando uma rede semântica” (BIDERMAN, 1998, p. 111). Pois, segundo Saussure, a característica fundamental de cada signo é ser o que os outros signos não são Saussure (1985, apud, BIDERMAN, 1998, p. 111). Ao discutir acerca do triângulo da significação proposto por Blinkstein em sua obra: Kaspar Hauser ou a fabrição da realidade, Biderman (1998) sugere uma outra versão dessa tríade/triângulo: conforme ilustra a Figura 3, a seguir:

[23] A autora acrescenta que, “[...] esses vocábulos só ocorrem em textos ou referências históricas do passado de nossas sociedades brasileira e portuguesa”(BIDERMAN, 1998, p. 108).

Figura 3 – Adaptação do Triângulo da significação



Fonte: Elaboração da autora com base em Biderman (1998).

Biderman (1998, p. 116), após sugerir sua versão do triângulo da significação, faz algumas reflexões afirmando que “o lado direito do triângulo não pode ser de modo algum ignorado, ou posto a sombra, ainda que introduza enormes complicadores para a teoria linguística”, e que “os linguistas ignoram indevidamente o referente. Ainda nessa perspectiva, a autora conclui trazendo algumas constatações sobre os conceitos discutidos no estudo, como, por exemplo, a superação da matriz triádica do triângulo semiótico sobre o modelo dicotômico do signo linguístico de Saussure, pois o referente é “parte integrante e essencial do signo linguístico” (BIDERMAN, 1998, p. 117). Além disso, a autora complementa:

> [...] Como bem diz Blikstein não é porque a realidade é extra-linguística que o referente deva ficar fora da Linguística. De fato, a significação se origina e lança as suas raízes no universo cognoscível, interpretado e simbolizado por palavras. E o conjunto dessas palavras vem a ser o léxico da língua. Podemos concluir, pois, que o conceito (significado) é tributário de uma realidade que o antecede e precede, realidade essa que nossa percepção/cognição percebe e interpreta, criando o objeto mental ou unidade cultural ao qual atribuímos um nome, isto é, a palavra ou significante. Assim o referente e o universo de que ele procede geram o fenômeno da significação (BIDERMAN, 1998, p. 117).

Ainda complementando as discussões na busca do complexo conceito de palavra, Biderman (1999) escreve o artigo: *Conceito Linguístico de Palavra* em que afirma que a palavra pode ser demarcada a partir de vários critérios, em especial: o fonológico, o morfossintático e o semântico.

A análise fonológica deve focar a potencialidade de pausa, o acento da palavra e outras regras fonológicas, trata-se, pois, de um critério que auxilia na segmentação das unidades discursivas.

Já no segundo critério, Biderman trata do aspecto gramatical ou morfossintático da palavra. Para a autora, "[...] nessa segunda etapa da análise haveria dois critérios atuando simultaneamente" (BIDERMAN, 1999, p.85): i) a classificação gramatical da palavra em função dos marcadores morfossintáticos que ela apresenta e, portanto, a filiação a determinados paradigmas e; ii) a função exercida pela palavra na sentença.

Por sua vez, o terceiro parâmetro é o mais importante para a delimitação e decisão final sobre o conceito de palavra, pois "[...] só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso" (BIDERMAN, 1999, p. 87). Isso ocorre porque o critério semântico é o que traz a informação ou o significado da palavra propriamente dita.

Ressalta-se, todavia, que o emprego do termo palavra[24] é bastante usual na linguagem comum, sendo, muitas vezes, utilizado como sinônimo de vocábulo, o que acaba por contribuir para a geração de equívocos. Na tentativa de elucidação dessa ambiguidade e na busca de uma definição mais científica, formal ou terminológica, Biderman (1999, p. 88-89) recupera alguns termos relativos às unidades léxicas do sistema e/do discurso, a seguir, explicitados:

> No caso de unidade lexical abstrata, será melhor utilizar o termo lexema para denominar as unidades virtuais que compõem o léxico e chamar de lema sua representação canônica no dicionário... léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades. No plano das realizações discursivas, qualquer sequência significativa será chamada indiferentemente e imprecisamente de palavra ou vocábulo [...]. As manifestações discursivas dos lexemas devem ser referidas tecnicamente como lexias (BIDERMAN, 1999, p. 88-89).

Ao observar o Quadro 1 produzido a partir da lista de entradas do Glossário (BIDERMAN, 1984b), nota-se que os conceitos de lexema e lema não se modificaram, apenas a autora sintetizou as definições nessa versão de 1999, já as noções de léxico e vocabulário não estavam contidas no estudo da década de 1980.

[24] Segundo Biderman (1999, p. 89): "O termo palavra é operacional apenas como elemento da linguagem comum. Num uso não específico, é a designação pertinente, já que qualquer falante do idioma identifica o seu designatum sem problemas".

Considerando ainda essa complexidade, Biderman (1999, p. 81-83) apresenta argumentos que evidenciam a dificuldade em definir a palavra[25] de modo universal, pois para a autora a palavra não pode ter um valor absoluto e como unidade psicolinguística ela se materializa no discurso (individualidade)[26].

Essa dificuldade em definir palavra, já salientado em outros momentos neste estudo, beirou situações cruciais, em que alguns autores acabaram por propor o banimento da noção de palavra como conceito operacional, e propuseram outras estruturas[27]. Essa estratégia, por sua vez, traria outros prejuízos para a Linguística, pois vários conceitos se estruturavam a partir do que se entendia por palavra.

Tendo em conta esse desafio, cabe salientar algumas discussões que foram fundamentais para a compreensão e, consequentemente, flexibilização desse conceito, como a discussão sobre a natureza da unidade léxica. Para tanto, mencionam-se os estudos realizados sobre a hipótese Sapir-Whorf[28]. Segundo essa teoria, "[...] a própria percepção que o indivíduo tem da realidade, de certa forma, é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, pois as categorias existentes nessa língua o predispõem para certas escolhas de interpretação do real" (BIDERMAN, 2001, p. 110).

Nota-se que, segundo essa concepção, não há espontaneidade em um ato de fala, porque na realidade, as ideias já permeiam o sistema/a sociedade em que o falante está vinculado.

Tendo em vista os estudos realizados, admitindo o fato do relativismo linguístico, Biderman salienta que a "hipótese de Whorf fornece a chave para a conceituação de palavra[29]" (BIDERMAN, 2001, p. 114), pois entende que esse

[25] Os contornos formais da palavra situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa, o morfema, e uma unidade sintagmática maior – o sintagma.

[26] Essa discussão foi tão forte na primeira metade do século XX, em especial no VI Congresso Internacional de Linguística (Paris, 1948) que "houve quem propusesse a proscrição definitiva deste termo da nomenclatura linguística, devido à sua imprecisão e à impossibilidade de se chegar a um acordo sobre a sua definição ideal" (BIDERMAN, 1999, p. 81).

[27] Como é o caso de Mikus que a substituiria pelas noções de sintagma lexicalizado e de sintagma semi-lexicalizado; Martinet que considerou o conceito de palavra como pré-científico; Bloomfield que optou por morfema e a forma livre mínima como conceitos operacionais e Z. Harris, classifica a palavra como um conceito irrelevante (BIDERMAN, 2001, p. 107-108).

[28] Os escritos de Sapir são cronologicamente mais antigos do que os de Whorf. Por sua vez, "[...] embora tais ideias já estejam claramente expressas nos escritos de Sapir de que mencionamos o essencial, foi Whorf quem procurou demonstrar factualmente essa teoria, desenvolvendo-a inclusive até as suas últimas consequências" (BIDERMAN, 2001, p. 110).

[29] Se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto. [...] A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade" (BIDERMAN, 2001, p. 114).

conceito não pode ter valor absoluto e/ou universal. Essa noção segue sendo defendida pela autora em estudos posteriores.

Ao verificar os escritos produzidos nos anos de 1990, Biderman (1999) pondera ser evidente que a definição de palavra passa pelo crivo de um grupo social[30], que, consequentemente, a cada uso, ressignifica sua utilização.

> Embora a noção empírica de palavra nas diversas línguas do globo refira vagamente um mesmo conceito psicolingüístico, os dados factuais de cada língua não permitem que formulemos uma única definição válida para todas, que seja suficientemente abrangente para recobrir as peculiaridades de cada uma e que nos permita ainda identificar e delimitar inequivocamente a unidade léxica em cada um desses idiomas. Assim sendo, devemos concluir que não é possível definir a palavra de um modo universal (BIDERMAN, 1999, p. 82).

Por sua vez, a lexicógrafa ainda enfatiza que não pode ser desconsiderado o fato de a palavra ser um elemento permanente da língua, o componente do léxico, pois:

> As palavras são elementos da língua e não da fala. Embora, na prática, o vocabulário seja indexado a partir de realizações discursivas, de fato as palavras são entidades abstratas que compõem o sistema lingüístico. Por sua vez, os discursos são atos de linguagem efêmeros, ao passo que a palavra é um elemento permanente da língua (BIDERMAN, 1999, p. 87).

Ou seja, a noção de palavra "varia de língua para língua" e apenas no espaço de sua realização é possível identificá-la, delimitá-la e conceituá-la.

Ainda considerando o relativismo linguístico, Sapir[31] (2013) corrobora o pensamento da autora ao afirmar que:

[30] A sistematização dos estudos da língua como fato social, na Linguística Moderna, surge no início do século XX, com os estudos de Saussure.

[31] Em alguns momentos na obra *A Linguagem: introdução aos estudos da fala*, Sapir parece ter uma postura mais radical sobre o conceito de palavra: "O nosso primeiro impulso, sem dúvida, teria sido definir a palavra como a contraparte simbólica, linguística, de um dado conceito. Já vemos que tal definição é impossível. Na realidade, é impossível definir o vocábulo dentro de seu aspecto funcional, pois pode ser tudo, desde a expressão de um conceito simples, concreto, abstrato ou puramente relacional (como nas partículas "de", "por", "e") até a expressão de um pensamento completo (como no latim dico, "digo", ou, sob forma mais elaborada, numa forma verbal nutka que designa "Estou acostumado a comer vinte coisas redondas", isto é, "maçãs", "enquanto faço isso ou aquilo"). Neste último caso, identifica-se com a sentença) (SAPIR, 2013, p.32). Porém, adiante no mesmo texto, o autor intenta conceituar a palavra como: "O melhor será dizer que a palavra é o menor trecho de significação, plenamente satisfatório, em que a sentença se resolve" (SAPIR, 2013, p. 33).

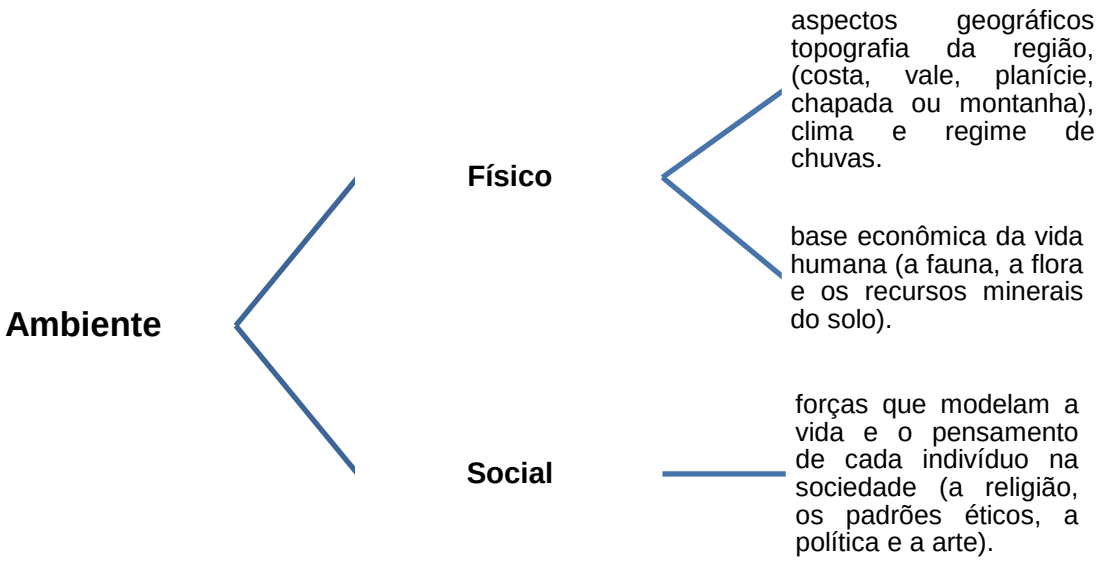
> Não se trata, entretanto, em regra de um valor inerente à própria palavra; é, antes, um enxerto no verdadeiro tronco da palavra, no seu cerne conceptual. Muda, não somente, de século para século (o que se dá também, naturalmente, com o conteúdo conceptual), mas varia notavelmente de um indivíduo para outro, de acordo com as associações pessoais de cada um: varia até, em verdade, de tempos a tempos na própria consciência de cada indivíduo, à medida que as suas experiências o amoldam e que ele muda de disposição" (SAPIR, 2013, p.37).

Para Sapir, esse pensamento parece atingir o ápice ao discutir o relativismo linguístico, por ressaltar a importância da cultura e, consequentemente, da sociedade nas interpretações e formulações sobre a língua.

Em se tratando da influência do ambiente físico e social sobre um idioma, no caso a língua portuguesa (variante brasileira), o léxico reúne singularidades de uso que decorreram da convivência do homem branco com o meio ambiente e, também, dos não menos importantes contatos da variante lusitana com os povos indígenas, com os africanos, com outros europeus e com os hispano-americanos que chegaram ao Brasil no período da colonização ou, posteriormente, a partir da difusão de contatos linguísticos em regiões fronteiriças. Desse modo, considera-se a relação indissociável da língua e da cultura, pois "[...] o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes" (SAPIR, 1969, p. 45).

Ao mencionar o termo ambiente, Sapir (1969) informa que ele deve ser compreendido quando em "[...] referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem" (SAPIR, 1969, p. 45). Além disso, consideram-se para a definição do termo, fatores físicos e sociais, que são descritos na Figura 4, a seguir:

Figura 4 – Termo ambiente: fatores físicos e sociais[32]



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Sapir (1969).

Ao detalhar o que seriam os elementos físicos e sociais na definição de ambiente de Sapir (1969), é nítida a possibilidade de conectar esses fatores a inúmeros episódios que ocorreram na história e na constituição da população brasileira, principalmente tendo em vista a diversidade étnica e, consequentemente, a linguística[33], na composição do povo brasileiro. Essa miscigenação pode se refletir nas peculiaridades lexicais de falantes das mais diversas regiões do país. Essas questões sociais e físicas, da história nacional cooperam ainda para a definição da norma lexical do português do Brasil. Para Isquerdo (2006c, p. 16), essa discussão remete a duas questões mais amplas:

> i) A necessidade premente de uma clara definição de políticas lingüísticas para o Brasil que estabeleçam diretrizes para o enfrentamento e o tratamento de questões que afetam a realidade lingüística brasileira, dentre outras, a dos regionalismos; e ii) a necessidade de uma ampla descrição da língua portuguesa do Brasil na sua modalidade oral e de estudos profundos acerca da produção na modalidade escrita, representativa de diferentes momentos da história da língua.

[32]Esquema produzido a partir do capítulo: Língua e Ambiente (SAPIR, 1969, p. 43 - 62) que integra a obra: A Linguística como Ciência.

[33] Neste particular, também consideram-se as línguas gerais utilizadas no Brasil em épocas anteriores.

O estudo, a ampla descrição e a divulgação da norma lexical atualizada nas regiões brasileiras auxiliarão, sobremaneira, na definição e na identificação dos regionalismos no português do Brasil. Para isso, é fundamental que não seja dissociada a dimensão histórico-social da linguagem e de seus falantes.

Desse modo, no próximo tópico, discutem-se os conceitos relativos ao léxico vinculado à sociedade, à norma, ao regionalismo e à variação lexical.

1.2 O léxico e a sociedade: da homo a heterogeneidade

Sendo a língua um sistema abstrato, há dois módulos componentes que a distinguem: 1) o léxico[34] e 2) a gramática.

Para Rey-Debove, é a partir do léxico que podem ser expressas as possibilidades de mudanças no seio da sociedade, por ser ele o nível, a parte do sistema linguístico constituído por um conjunto aberto, por isso “o léxico tem possibilidades infinitas de expansão” (REY-DEBOVE, 1984, p. 45).

Além disso, para a autora, o léxico de uma língua pode ser definido como: "[...] o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a conjunção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua” (REY-DEBOVE, 1984, p. 46). Porém, a autora alerta para a existência do conteúdo de gramática e de dicionários que revelam a fragilidade na distinção dos conceitos e seu caráter complementar.

Neste tópico, parte-se do pressuposto de que o léxico se configura como o nível da língua que evidencia as particularidades de um dado espaço geográfico e pode também auxiliar na identificação de diferentes momentos históricos, de processos de colonização, de contatos interétnicos, de características ambientais e da forma como o homem nomeia os elementos da realidade que o cerca, uma vez que “[...] o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998, p. 91). Além disso, o léxico também é destacado neste texto por ser objeto de estudo da tese.

Igualmente, por ser o léxico inerente ao homem e expresso a partir da linguagem, as possibilidades de uma escolha lexical particular ocorrem (consciente

[34] Em relação à configuração teórica do léxico. No léxico português podemos distinguir duas classes de lexemas: 1) as formas livres e 2) as formas dependentes, como os clíticos e os vocábulos instrumentais. As formas livres no português são geralmente substantivos, adjetivos e verbos. As formas dependentes são, de fato, vocábulos-morfema (BIDERMAN, 1999, p. 89).

ou inconscientemente) nas diferentes situações de uso da língua e podem sofrer influência de fatores que envolvem o ser humano em seus diferentes espaços/localidades e momentos/fatos histórico-sociais:

> Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema lingüístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo (ISQUERDO, 2001b, p. 91).

Nessa perspectiva, cabe salientar que o léxico é indissociável das questões histórico-sociais de um povo, sobretudo, quando o estudo for em âmbito regional, já que as transformações sociais que uma determinada população vivencia/vivenciou em sua trajetória de vida acabam por motivar as escolhas e/ou preferências léxicas distintas no processo de nomeação ou mesmo no valor semântico atribuído a uma unidade lexical em determinadas situações do cotidiano.

Assim, é por meio do léxico "[...] que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade" (ISQUERDO, 2009, p.43). Nesse sentido, as escolhas lexicais realizadas por uma comunidade linguística refletem as diferentes idiossincrasias que marcam a formação étnica dessa comunidade, como destaca Isquerdo (2003a, p. 166):

> Tratar da questão dos regionalismos implica levar em consideração a questão da norma linguística no nível lexical, o que nos remete à questão da variação. Assim, as marcas dialetais no âmbito do vocabulário de um grupo sócio-linguístico-cultural relacionam-se diretamente à variação espacial (regionalismos) e à variação temporal (arcaísmos). Nessa perspectiva, examinar um léxico regional significa necessariamente considerar o eixo do espaço e o eixo do tempo.

Nota-se, pois, que o eixo do espaço está ligado às especificidades de uma área geográfica e pode variar em decorrência de processos migratórios. Já o eixo do tempo está relacionado à tendência conservadora da língua, que comumente se manifesta de forma mais acentuada em regiões menos susceptíveis a influências dos meios de comunicação de massa (ISQUERDO, 2003a, p. 165-181).

Considerando a questão da norma linguística, sobretudo no nível lexical, parte-se do conceito de que norma é "[...] um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade[35]" (COSERIU, 1979, p. 74). Além disso, Coseriu informa que em uma mesma comunidade linguística nacional podem existir várias normas, as quais o autor exemplifica como: linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem erudita, linguagem vulgar, "[...] distintas sobretudo no que concerne ao vocabulário, mas amiúde também nas formas gramaticais e na pronúncia" (COSERIU, 1979, p. 75).

O autor ainda salienta que essa norma não pode ser ensinada em bancos escolares, a partir de estudo, pois "aprendemos as normas que guiam a criação numa língua, aprendemos a conhecer as diretivas, as flechas indicadoras do sistema e os elementos que o sistema nos proporciona como moldes para nossa expressão inédita" (COSERIU, 1979, p. 75). O que, de fato, se nota, é que de forma geral, o falante não tem a noção dessa complexidade, porque é algo naturalmente imposto, pois,

> em sua atividade linguística, o indivíduo conhece ou não conhece a norma e tem maior ou menor consciência do sistema. Ao não conhecer a norma, orienta-se pelo sistema, podendo estar ou não de acordo com a norma (criação analógica); conhecendo-a, pode repeti-la dentro de limites mais ou menos modestos de expressividade ou rechaçá-la, deliberadamente e ultrapassá-la, aproveitando as possibilidades que o sistema põe à sua disposição" (COSERIU, 1979, p. 75).

Tendo em vista a possibilidade de ultrapassar os limites do que seria a norma[36], Biderman (2001) afirma que a licença poética pode ser entendida como uma transgressão da norma, mas que devido às peculiaridades do sistema acaba sendo ela permitida. Assim, "as ousadias poéticas de um artista podem ser tratadas como violações da norma, permitidas, porém, pelo sistema ou existentes em estado latente da língua, aguardando apenas o impulso criador de um homem" (BIDERMAN, 2001, p. 20).

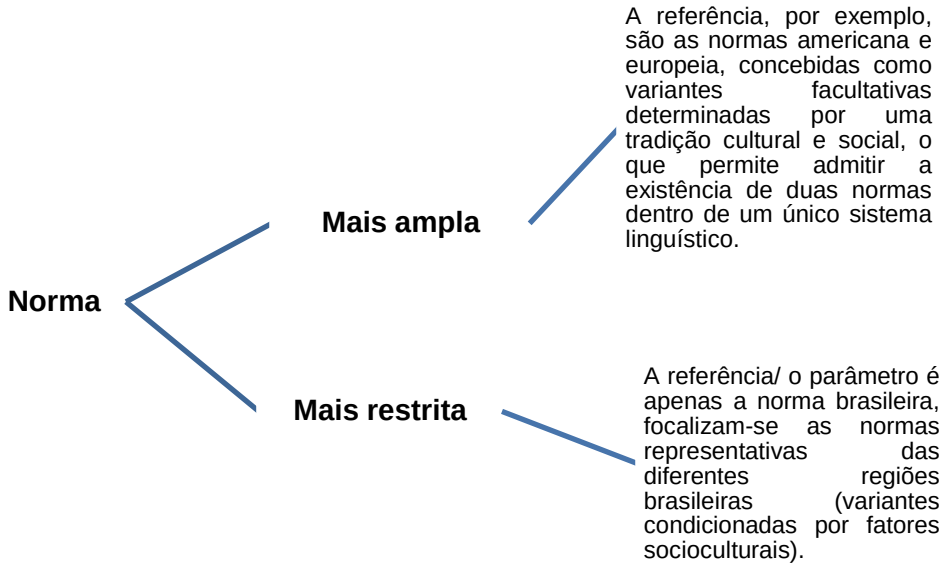
[35] "Num ensaio publicado originalmente em espanhol em 1952, intitulado *Sistema, Norma y habla,* Eugenio Coseriu propôs uma reformulação da dicotomia saussuriana tradicional – sistema [langue] vs. Fala [parole], introduzindo nela um terceiro elemento, situado a meio caminho entre o sistema e a fala ao qual chamou norma" (BAGNO, 2017, p. 307).

[36] "A variabilidade linguística é entendida por alguns teóricos como uma transgressão à norma, no caso, à norma culta. Porém, deve se compreender que as realizações 'acidentais' de fala que não atendem a normatização formal da Língua Portuguesa é que geram as variantes linguísticas" (ALENCAR, 2013, p. 30).

Para a autora, ainda caberia uma subdivisão quanto à norma (geral e parcial): “existe uma norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade” (BIDERMAN, 2001, p. 20).

Considerando essa subdivisão, Isquerdo (2006c) compreende norma, no caso do português do Brasil, sob duas perspectivas: uma num sentido mais amplo e outra mais restrita[37]. A Figura 5, na sequência, busca elucidar esse ponto de vista:

Figura 5 – Perspectivas para norma no português do Brasil



Fonte: Elaboração da autora com base em Isquerdo (2006c, p. 15).

Conforme essa perspectiva, percebe-se que a norma mais restrita/parcial diz respeito aos regionalismos. “Nessa linha de raciocínio, pode-se admitir a existência de diferentes níveis de regionalismos, considerando-se os diferentes graus de disseminação do fato linguístico” (ISQUERDO, 2006c, p. 15).

No contexto do regionalismo/brasileirismo, verifica-se grande complexidade na definição desse termo, sobretudo devido a multiplicidade que compõe o panorama histórico, cultural e social brasileiro. Nota-se que as diferenças de espaço e tempo e a própria diversidade que marcam o Brasil, acabam por corroborar com a indefinição do que seria o regionalismo no país, pois, segundo Isquerdo (2006d, p. 11) “[...] Essa diversidade lexical e o fenômeno da migração interna, tão comuns na

[37] Nota-se que essas duas perspectivas referem-se à subdivisão proposta por Biderman (1978): o sentido mais amplo corresponde à norma geral e o mais restrito, as normas parciais.

sociedade brasileira, dificultam o trabalho do lexicógrafo, sobretudo quanto à classificação de uma unidade lexical como regionalismo".

Verificando o assunto em outro país, discute-se o tema na realidade francesa. Boulanger (1985), em seu artigo *A propos du concept de 'régionalisme'*, traz contribuições para a definição do tema: "Notre but vise à contribuer à une meilleur connaissance du concept de 'régionalisme' en l´abordant sous la double perspective de la sémantique et du traitement lexicographique"[38](BOULANGER, 1985, p.126). Com esse intuito, o autor justifica-se sobre a temática:

> Afin de remédier quelque peu au malaise conceptuel qui vient d´être évoqué, nous proposons à notre tour une série de définitions pour le concept de 'régionalisme' – Seul le strict plan lexical sera considéré. Les aspects phonétiques et syntaxiques sont volontairement négligés. Nous parlerons de série, parce que, à notre avis, le terme est polysémique[39] (BOULANGER, 1985, p.131)[40].

Para tanto, o autor propõe as seguintes séries de definições, reproduzidas na sequência, no Quadro 2:

[38] Nosso objetivo é contribuir para um melhor conhecimento do conceito de regionalismo e abordá-lo sobre a dupla perspectiva (semântica e lexicográfica).

[39] Le trois énoncés définitionnels donnent nettement l´impression de ne retenir que l´aspect formel (le signifiant) des régionalismes et de réleguer aux oubliettes les régionalismes sémantiques. Qui plus est, les définitions sous-entendent que le régionalisme est toujours rattaché à la langue parlée ou qu´il est considéré comme relevant de ce niveau d´emploi, et cela même si le PR fournit des attestations d´emploi hittéraires pour certains des mots régionaux qu´il consigne"(BOULANGER, 1985, p. 129).

[40] Com a finalidade de remediar qualquer pequeno desconforto conceitual que poderá estar equivocado, nos propomos, de acordo com nosso ponto de vista, uma série de definições para o regionalismo, porém, apenas considerando o plano lexical (e, voluntariamente, negligenciando os aspectos fonéticos e sintáticos). Trataremos de série, pois no nosso ponto de vista o assunto é polissêmico (BOULANGER, 1985, p. 131) (TN).

Quadro 2 – Definições propostas para Regionalismo

Tout fait de langue (mot, expression, our les sens) propre à l´un ou à l´autre des français de France, à l´ exception de celui de la région parisienne qui constitue le français central ou de référence et a l´exclusion également des français de tous le autrés territoires francophones[41].
Tout fait de langue (mot, expression, our les sens) propre à l´un ou à l´autre des français hors de France, à l´exception du français de la région parisiénne qui constitue le central ou de référence et à l´ exclusion ègalement des français de toutes les autres parties de la France[42].
Tout fait de langue (mot, expression, our les sens) propre à l´un ou à l´autre des français intra- ou extrahexagonaux, à l´exception du français de la région parisiénne qui constitue le français central ou de référence[43].

Fonte: Elaboração da autora com base em Boulanger (1985, p. 131).

Nota-se nessa série de definições propostas por Boulanger (1985) que parece ser indissociável a relação de oposição entre o que é regional e o que seria a norma padrão/estándar, o que o autor chama de língua de referência.

Considerando os estudos realizados em âmbito latino-americano, verifica- se que essa relação se mantém. Ao verificar o artigo *Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a Lexicografia brasileira*, Isquerdo (2006d) lista uma série de estudos que foram realizados no país e também no mundo com a intenção de conceituar o regionalismo nesse espaço, como é o caso do estudo de Ambrosio Rabanales (1953) sobre o chilenismo; José Pedro Rona[44] (1969) que buscou diferenciar os americanismos dos regionalismo e Cardoso[45] (1961), contrapondo amerigenismo e americanismo.

Além disso, a autora elenca outros estudiosos que sugerem critérios na classificação de brasileirismo, na sequência, o Quadro 3, sintetiza as principais ideias/critérios e/ou procedência indicadas por seus proponentes:

[41] Qualquer coisa da língua (palavra, expressão ou sentido) próprio a um ou a outro do francês da França, a exceção daquele da região parisiense, que constitui o francês central ou de referência e a exclusão do francês de todos os outros territórios francofônicos (BOULANGER, 1985, p. 131) (TN).
[42] Qualquer coisa da língua (palavra, expressão ou seu sentido) próprio a uma ou outra região do francês fora da França, a exceção do francês da região parisiense que constitui o francês central ou de referência e a exclusão igualmente de francês de todas as outras partes da França (BOULANGER, 1985, p. 131) (TN).
[43] Qualquer coisa da língua (palavra, expressão ou seu sentido) próprio a um ou outro do francês intra/extrahexagonal a exceção do francês parisiense que constitui o francês central ou de referência (BOULANGER, 1985, p. 131) (TN).
[44] Para Rona, os americanismos estão mais ligados a questão do espaço em que se encontra o falante, ou seja, aos usos de termos na América, e não, consequentemente, às características do espanhol americano.
[45] Estudo realizado posterior à publicação da obra Amerigenismos, de Armando Levy Cardoso (1961).

Quadro 3 – Critérios/classificação de brasileirismos

Autor	Conceito	Critérios/ Classificação
Rodolpho Garcia[46]	Brasileirismo	I. Termos luso-brasileiros; II. Termos pan-americanos; III. Termos pan-brasileiros; IV. Termos locais ou regionais
Tenório D´Albuquerque (19?)	Brasileirismo	Vocábulos, pronúncias e construções de uso no Brasil e mais ou menos desconhecidos em Portugal porque lá nunca usaram ou porque se arcaizaram...; palavras originárias de línguas indígenas e incorporadas ao nosso léxico; vocábulos arcaizados em Portugal, mas conservados no Brasil; significações novas atribuídas a vocábulos recebidos de Portugal; vocábulos de origem duvidosa, aqui empregados e desconhecidos em Portugal, e vocábulos de outras línguas que aqui se deturpam.
Ana Maria Pinto Oliveira (1999)[47]	Brasileirismo	1. Indigenismos; 2. Africanismos; 3. Lexias transplantadas que, no Brasil, assumiram novos matizes – brasileirismos semânticos; 4. Formações e derivações brasileiras de base vernácula e de base híbrida - vernácula/ indígena e vernácula/ estrangeira. 5. Lexias de origem expressiva próprias do uso brasileiro.

Fonte: Elaboração da autora com base em Isquerdo (2006d, p. 12-16).

Ao verificar o Quadro 3, reafirma-se a dificuldade em determinar o termo brasileirismo. Segundo Ana Maria Pinto Oliveira, brasileirismo é definido como "todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa" (OLIVEIRA apud Isquerdo, 2006d, p. 16).

Ainda sobre a temática, Biderman (2001b) antecipa-se na definição de brasileirismo e critica um dicionário da língua portuguesa quanto a esse tema: "O dicionário Aurélio, por exemplo, classifica como brasileirismos um grande número de palavras; ora, essa perspectiva é evidentemente a da ex-metrópole – Portugal - tal critério remete ao português europeu como norma padrão" (BIDERMAN, 2001b, p. 135). Mais adiante, no texto, a autora propõe uma definição de regionalismo, com base em Boulanger (1985):

> [...] qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo linguístico Rio/São Paulo, que se considera como o português brasileiro padrão, isto é, a variedade de referência, e com exclusão também das variedades usadas em outros territórios lusófanos (BIDERMAN, 2001b, p. 135).

[46] Tentativa de representação da classificação presente na obra: Diccionario de brasileirismos: peculiaridades pernambucanas (1899).

[47] Esses critérios foram produzidos a partir da análise crítica de definições e de classificações de brasileirismos propostas por outros autores, particularmente a de Melo (1981). Além disso, alicerçou-se em conceito proposto pela própria autora para brasileirismo e com resultados sobre essa categoria no dicionário Aurélio (1994).

Após a leitura do excerto, nota-se que Biderman (2001b) em sua concepção de regionalismo se volta às características próprias do Brasil. Essa dualidade (regionalismo x norma padrão) é salientada por Isquerdo (2007a) ao argumentar que: "Essa definição de regionalismo pauta-se no critério contrastivo, pois considera como regional aquilo que difere da norma padrão" (ISQUERDO, 2007a, p. 200). Verifica-se que essa tendência foi utilizada nos diferentes estudos apontados, de modo particular, assinala-se o fragmento produzido por Biderman (2001b) que buscou em sua definição caracterizar o português brasileiro, e indicou o "eixo linguístico Rio/São Paulo" como padrão[48], assim como fez Boulanger (1985) com a adoção do francês parisiense como modelo[49].

Neste particular, retoma-se a reflexão proposta por Ferreira *et al* (1996), sobre a variedade considerada como língua padrão:

> Entre as variedades faladas num território, uma delas, por diversas razões, pode adquirir maior prestígio e impor-se como norma ou língua padrão. Os factores que determinam essa escolha são normalmente sócio-políticos, históricos, comunicativos e até pedagógicos. Nada, de um ponto de vista estritamente linguístico, leva a que uma determinada variedade seja preferida como norma de uma língua. Só factores extralinguísticos influem nessa escolha. A variedade proclamada padrão funcionará como língua oficial, de cultura, de ensino (FERREIRA et al, 1996, p. 483).

Ou seja, observa-se que as questões voltadas à norma são mais políticas do que linguísticas.

Considerando esse panorama, cabe ainda o questionamento se esse critério ainda seria válido. Pois, na atualidade, será que essa norma padrão Rio/São Paulo ainda é referência no Brasil, com os avanços da Sociolinguística, num mundo globalizado, com toda a interação social (real e virtual), com os deslocamentos geográficos cada vez mais facilitados por vias terrestres/fluviais/aéreas e com a não "exclusividade" do sotaque carioca nos telejornais/programas de TV aberta?

Frente ao exposto, as dificuldades para o estudioso na busca da definição do termo regionalismo são inúmeras e visíveis, porém a incorporação desses critérios teórico-metodológicos nesses estudos e a aplicação na produção dos dicionários é

[48] Essa tem sido a tendência adotada para a classificação de brasileirismos (a norma brasileira em oposição a européia), de chilenismos, argentinismos (variantes do espanhol americano que se distanciam do espanhol europeu)" (ISQUERDO, 2007a, p. 200).

[49] Entende-se modelo como sinônimo de norma padrão e, não como algo que deve ser reproduzido como ideal.

algo ainda mais desafiador[50]. Para essa empreitada, é primordial a colaboração que os atlas linguísticos e, consequentemente, a Geolinguística, podem trazer para a concretização dessa árdua tarefa, sobretudo pelas características de interdisciplinaridade que essa área contempla "[...] na qual diferentes especialistas podem contribuir para identificar e descrever áreas linguísticas e para conhecer as representações que os falantes constroem dos espaços linguísticos nos quais suas falas se dão em dinâmica territorial" (CARDOSO, 2010, p. 10).

Considerando esses espaços e as demais dimensões sociais que podem influenciar no funcionamento da língua/linguagem, na sequência, são discutidas as variações linguísticas.

1.3 Variação diatópica, diastrática e diafásica

É sabido que as experiências reveladas no modo de vivenciar as situações, conhecer ambientes e ter diferentes vínculos sociais influenciam na forma de designar e atribuir significado aos seres e aos objetos do mundo. Em relação aos contatos, as pessoas que nasceram e foram criadas em distintas localidades apresentam variadas denominações para objetos e coisas, o que é facilmente comprovado pela existência das variações na língua, neste caso, as lexicais.

Essas diferenças podem ser percebidas nas mais diversas culturas e atestadas pela fala dos indivíduos que compõem uma sociedade, pois a língua está sempre em movimento, ou seja, não é estática ou ainda estável. Igualmente, "[...] pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência, de formas diferentes de um mesmo significado" (CALVET, 2002, p. 89), pois, "[...] na realidade, a língua vive através da diversidade" (FERREIRA et al, 1996, p. 450).

Com base no artigo: *Variação linguística: perspectiva dialectológica* (FERREIRA et al, 1996), os autores salientam que a escola estruturalista estabeleceu uma divisão com o intuito de delimitar as diferentes variações utilizando-se, para tanto, do prefixo grego dia (ao longe de, através de). Na sequência, o Quadro 4 busca sintetizar essas concepções:

[50] Isquerdo (2007a) lista algumas reflexões sobre o papel do lexicográfico para a concretização desse objetivo: "Todavia, o grande desafio do lexicógrafo é a definição do percentual de regionalismos a ser incluído na nomenclatura de um dicionário geral da língua, como também os critérios que orientarão essa decisão. Além disso, a seleção das fontes que fornecerão os dados, não só em termos de unidades lexicais que integram a norma regional, como também sobre o grau de difusão geográfica do regionalismo, representa outro obstáculo a ser transposto pelo lexicógrafo, já que essa informação é determinante para subsidiar a inclusão da marca dialetal que delimitará o espaço de uso do regionalismo" (ISQUERDO, 2007a, p. 199).

Quadro 4 – Classificação das variações

Variações	Significado	Descrição
Variação diacrônica Histórica	Dia "ao longe de, através de" + kronos "tempo".	Designa as diversas manifestações de uma língua através dos tempos.
Variação diatópica Geolinguística ou diaclectal	Dia "ao longe de, através de" + topos "lugar".	Relacionada aos fatores geográficos, ou seja, diferentes usos da língua em regiões diferentes.
Variação diastrática ou social	Dia "ao longe de, através de" + stratos "camada, nível".	Relacionada aos fatores sociais.
Variação diafásica	Dia "ao longe de, através de" + phasis "fala, discurso".	Relacionada com fatores pragmáticos e discursos e que implica o conhecimento por parte do falante de um código socialmente estabelecido para cada situação.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Ferreira et al (1996).

Quanto à variação diacrônica, no Quadro 4, acresce-se a informação de que normalmente é estudada pela Linguística Histórica e que as mudanças nem sempre ocorrem de forma sistemática.

Quanto à variação diatópica (geolinguística/dialectal) também pode ser conhecida como variação geográfica, regional e volta-se para o uso da língua e suas mudanças em âmbito espacial, isto é, para as diferentes formas de falar que caracterizam uma região geográfica do país em detrimento de outra, ou ainda no que diz respeito a diferentes países que falam o mesmo idioma. No Brasil, por exemplo, é possível notar esse tipo de variação nos diálogos entre pessoas oriundas de distintas regiões do Brasil, uma conversa entre nordestinos, cariocas e gaúchos, por exemplo. Esse tipo de variação é estudado pela Dialetologia[51], disciplina que será focalizada ainda neste capítulo.

A variação diastrática (social) pode englobar diferentes dimensões sociais, entre elas, destacam-se: i) a variação diageracional que engloba as formas de falar de pessoas pertencentes a gerações ou a faixas etárias diferentes. É de fácil percepção entre os diálogos de jovens e idosos ou ainda em obras publicadas em séculos/décadas distintas e, ii) a variação diassexual, por seu turno, abrange as diferentes formas de falar entre pessoas de sexos diferentes (homens e mulheres). Pode ser observada em grupos de conversas formadas majoritariamente por homens ou por mulheres. Esse tipo de variação é estudado, em geral, pela Sociolinguística e pela Dialetologia.

[51] "A Dialectologia é a disciplina que procura descobrir e descrever, tentando identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os factores que levaram à sua formação" (FERREIRA et al, 1996, p. 480).

Ainda destacam-se as variações diafásicas, que se referem às diferenças na fala de pessoas de camadas socioculturais diferentes, sobretudo considerando o nível culto/padrão x popular dos membros da sociedade ou ainda as diferenças entre os tipos de modalidades de uso da língua (falada, escrita, literária). Esse tipo de variação também é estudado pela Sociolinguística, disciplina que surge a partir da década de 1950 e que, segundo Ramirez:

> […] se dedica a estudiar sistemas linguísticos en su contexto social. Esta orientación tiene distintos enfoques: 1) las relaciones entre lengua y sociedad, 2) los usos de la lengua en la sociedad, 3) la lengua en los contextos socioculturales y 4) la lengua y las redes sociales. Entre los objetivos centrales de la sociolinguistica está el identificar los procesos de cambios linguísticos en marcha y el establecer las fronteras sociales de ciertos patrones linguísticos. Las investigaciones típicamente se realizan en los centros urbanos, los cuales incorporan una gran diversidad lingüística y social (RAMÍREZ, 2009, p. 41)[52].

Atualmente, a Sociolinguística é uma das disciplinas que contribuem diretamente com a Dialetologia, pois além da variação diatópica, essa matéria tem se apropriado das demais dimensões sociais na seleção de informantes para a realização dos inquéritos e, consequentemente, para uma mais completa descrição de uma língua específica. Para Ramirez, as disciplinas se complementam: "[...] Las dos tradiciones, aun con distintos propósitos, se complementam mutuamente con sus hallazgos linguísticos y orientaciones metodológicas[53]" (RAMÍREZ, 2009, p. 46-47).

Na sequência, recuperam-se os primeiros estudos dialetais, os princípios da Dialetologia e a incorporação da metodologia da Geolinguística que viabilizou o mapeamento dos dados coletados e, consequentemente, da produção dos atlas linguísticos.

[52] "[...] se dedica a estudar sistemas linguísticos em seu contexto social. Esta orientação tem enfoques diferentes: 1) as relações entre língua e sociedade, 2) os usos da língua na sociedade, 3) a língua nos contextos socioculturais e 4) a língua e as redes sociais. Entre os objetivos centrais da sociolinguística está o de identificar os processos de mudança linguística em marcha e estabelecer as fronteiras sociais de certos padrões linguísticos. As investigações tipicamente se realizam nos centros urbanos, os quais incorporam uma grande diversidade linguística e social" (RAMÍREZ, 2009, p. 41).

[53] "[...] As duas tradições, ainda que com propósitos diferentes, se complementam mutuamente com seus critérios linguísticos e orientações metodológicos" (RAMÍREZ, 2009, p. 46-47).

1.4 Interfaces entre a Dialetologia, a Lexicologia, a Sociolinguística e a Etnolinguística

Como já sabido, com o advento dos atlas linguísticos, os estudos dialetais receberam um grande auxílio na apresentação dos dados de fala. Antes da publicação das primeiras produções, já se estudavam os dialetos[54], "[...] desde el enfoque de los neogramáticos, pero com um interés fundamental por el sonido, por lo fonético, que rara vez iba más allá[55]" (MOUTON, 2009, p. 63).

Além disso, no final do século XVIII, ocorreram na Europa muitos fatos culturais e políticos que indiretamente acabaram por impulsionar os estudos referentes ao folclore pelos eruditos alemães (início do século XIX), pela valorização do popular. "[…] Esta valoración de lo popular y el auge del nacionalismo con su necesidad de afianzar la conciencia diferencial, todo contribuyó a impulsar el estudio de los dialectos"[56] (MOUTON, 1987, p. 54).

Assim, a Dialetologia estudava os dialetos a partir do levantamento dos dados de fala de uma determinada população/localidade, já que a disciplina prioriza a relação espacial da sociedade analisada.

Porém, com o surgimento da metodologia da geografia linguística, os resultados passaram a ser visualizados com maior clareza e confiabilidade, pois o método contribuiu para a realização da coleta de dados, já que a geolinguística "consiste na representação cartográfica das variedades dialetais de uma determinada área" (MIAZZI, 1972, p. 37).

Foi com Gilliéron que a geografia linguística[57] se concretiza, a partir da publicação do *Atlas Linguístico da França - ALF (*GILLIÉRON, 1902), produzido com base em dados coletados em 639 localidades rurais do país, utilizando um

[54] Entende-se, neste estudo, dialeto como: "[...] falares regionais que apresentam entre si coincidências de traços linguísticos fundamentais" (CÂMARA JUNIOR, 2004). Acresce-se a esse conceito a reflexão de Ferreira e Cardoso (1994): "Depreende-se, então, que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estatos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nela contida. Desse modo chegar-se-á mais perto do conceito de dialeto, subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua".

[55]"[...] Desde o enfoque dos neogramáticos, mas com um interesse fundamental pelo som, pelo fonético, que raras vezes ia além" (MOUTON, 2009, p. 63) (TN).

[56]"[...] A valorização do popular e o auge do nacionalismo com sua necessidade de financiar a consciência diferencial, tudo contribuiu para impulsionar o estudo dos dialetos" (MOUTON, 1987, p. 54) (TN).

[57] Cabe recordar que "[...] a geografia linguística, movimento esboçado originalmente também na Alemanha, no fim do século passado, veio constituir-se realmente na França (MIAZZI, 1972, p. 37).

questionário com mais de 1900 perguntas e com a participação de apenas um inquiridor, Edmond Edmont que entrevistava um informante por ponto linguístico (obrigatoriamente nascido na localidade) e realizava a respectiva transcrição dos dados imediatamente à sua produção pelo falante. Os questionários aplicados por E. Edmont eram remetidos a Gilliéron, que produzia os mapas linguísticos. A importância do atlas[58], logo foi destacado, pois: "[...] la importancia de la obra de Gilliéron fue muy pronto reconocida en esferas cada vez más amplias, y el método geográfico ha llegado a ocupar hoy una posición de primer plano, sobre todo en la lingüística europea" (COSERIU, 1965, p. 17-18).[59]

Ao tratar os dados e publicá-los, Gilliéron ampliava um campo de estudos que permitia comparações e esclarecia muitos problemas apontados em várias áreas (biologia, sociologia da linguagem) e que, por conseguinte, transpunham a fonética da língua:

> A partir del análisis de los mapas se vio que las palabras, como los hablantes, se desplazan; que disponen de vías para avanzar y que a veces encuentran obstáculos que las detienen. En sus viajes luchan por imponerse y, en consecuencia, unas resultan vencedoras, y otras, vencidas. También se vio que hay centros de expansión fuertes (capitales, núcleos de poder económico, cultural, etc.), que dan prestigio a las palabras que difunden; que las regiones aisladas son menos receptivas ante lo nuevo, que los centros culturales lo son mucho más... Esto puso de manifiesto que es un error estudiar la vida de las palabras solo en su evolución fonética, sin atender a todas las vicisitudes por las que pasan, que son la causa de que cada palabra tenga su propia historia (MOUTON, 2009, p. 67)[60].

Observou-se, portanto, que era possível, com base nesse método, reconstruir, de algum modo, a história da palavra. Todavia, apesar das inovações trazidas por Gilliéron, não foi com o Atlas Linguístico da França - ALF que houve a

[58] "A pesar de algunas reservas y de ciertas inevitables incomprensiones parciales" (COSERIU, 1965, p. 17).

[59] A importância da obra de Gilliéron foi muito rapidamente reconhecida em esferas cada vez mais amplas e o método geográfico chegou a ocupar hoje uma posição de primeiro plano, sobretudo na linguística europeia (COSERIU, 1965, p. 17-18) (TN).

[60] "A partir da análise dos mapas se viu que as palavras, como os falantes se deslocam: que dispõem de vias para avançar e que às vezes encontram obstáculos que as detém. Em suas viagens, lutam para se impor e, em consequência, umas resultam vencedoras, e outras, vencidas. Também observaram que há centros de expansão fortes (capitais, núcleos de poder econômico, cultural, etc.), que dão prestígio as palavras que difundem; que as regiões isoladas são menos receptivas diante do novo, que os centros culturais são ainda mais conservadores... Isso mostrou que é um erro estudar a vida das palavras apenas em sua evolução fonética, sem atender a todas as vicissitudes que ela passa, que são o motivo pela qual cada palavra tem sua própria história" (MOUTON, 2009, p. 67) (TN).

aproximação entre a Dialetologia e a Cultura Popular. Mesmo a língua sendo o único interesse de Gilliéron, o estudioso sabia da estreita relação entre palavras e coisas – como é possível notar em alguns trabalhos interpretativos presentes nos mapas do ALF – porém, o questionário não abrangeu essas informações e, também, não foram incluídas as anotações feitas pelo inquiridor E. Edmont, sobre instrumentos (objetos), na redação do atlas (MOUTON, 2009).

A aproximação entre Dialetologia e Cultura Popular ainda iria ocorrer no século XX, tendo como antecedente o campo da Etimologia,[61] com as ideias de Worter und Sachen sobre "as palavras e as coisas". Mouton afirma que o método considera "[...] el léxico en relación con las 'cosas' a las que se refiere, teniendo en cuenta el medio y buscando en los referentes la explicación de la palabra"[62] (MOUTON, 1987, p. 49).

Ao crescer o interesse pelo estudo dos dialetos, houve uma mudança radical nos estudos linguísticos, antes de caráter eminentemente filológico e baseados em textos utilizados para reconstrução de tipo histórico ou de linguística comparada. Com essa mudança, há duas percepções que acabam por serem desveladas: i) a necessidade de uma coleta de dados de "falas vivas" (entrevista direta) e ii) a aproximação do dialetólogo com a área da Etnografia/Etnolinguística. Em relação ao primeiro ponto, as entrevistas, preferencialmente, deveriam ser realizadas no meio em que vivia o entrevistado, enquanto, para o segundo ponto, era necessário que o etnógrafo tivesse um conhecimento prévio sobre a cultura do local/população e, por conseguinte, dos valores concedidos para os elementos pertencentes a um povo.

Para Velarde (1991), a linguagem humana tem como uma das principais características a semanticidade, e na atribuição ou mesmo para a organização de significados, a cultura de um povo contribui sobremaneira na designação das 'coisas'.

Ao compararmos, por exemplo, a língua latina e a portuguesa, vemos que a mesma palavra pode adquirir diferentes significados, como no caso do adjetivo *velho*, que pode fazer referência a pessoas, animais, plantas e objetos antigos e/ou com mais idade. Por sua vez, em latim, o significado de *velho* (viejo) é designado de

[61]Na etimologia há uma relação antiga entre o estudo das coisas e das palavras, além da proposição do problema da nomeação, da arbitrariedade e a busca da palavra em sua origem.

[62] "O léxico em relação com as coisas as quais se refere, tendo em conta o meio e buscando nos referentes à explicação da palavra" (MOUTON, 1987, p. 49) (TN).

três formas diferentes, de acordo com o que será referido, senex (para pessoas), vetulus (para animais e plantas) e vetus (para coisas).

No exemplo, verificamos que as formas de nomear ocorrem de modo diverso em diferentes línguas e também entre culturas distintas, como já mencionado. Por isso, é importante esclarecer que:

> [...] La diferenciacón entre el contenido linguístico o significado y la realidad extralingüística - <las cosas> - o designación. El significado es propio de cada lengua histórica; la designación, en cambio, es algo universal, independiente de las diferentes lenguas humanas. Cada lengua posee una particular organización de sus significados: tiene una peculiar estructuración léxica […][63](VELARDE, 1991, p. 33).

Com o aumento dos estudos dialetais e a aproximação da análise dos dados relacionados à comunidade, no início do século XX, ocorreram muitas discussões acerca da relação 'palavras e coisas', inclusive foram os romanistas germânicos[64] que recolheram as tendências do momento e atribuíram caráter teórico à questão, sendo atualmente aceita a importância dos estudos de Meringer e Schuchardt para a história desse método, apesar das divergências entre a autoria dessa sistematização (MOUTON, 1987). De fato, quem primeiro aplicou o método ao estudo de uma comunidade completa foi Max Leopold Wagner (1921). Posteriormente, vieram as pesquisas realizadas por Fritz Krüger, Giese, A. Kuhn, W. Bierhenke e O. Fink, R. Wilmes, que recolheram dados sobre língua e cultura na França, Itália e Espanha, que apesar dos esforços, ainda se inclinavam mais para o objeto.

> Los idealistas no tenían prácticamente en cuenta el léxico, y consideraban la historia de la cultura como medio para conocer la historia de la lengua, en una concepción global que recogía, en parte, la igualación entre espíritu de lengua y espíritu de un pueblo de las teorías de Von Humboldt (MOUTON, 1987, p. 57)[65] .

---

[63] "[...] A diferenciação entre o conteúdo linguístico ou significado e a realidade extralinguística - <as coisas> - ou designação. O significado é próprio de cada língua histórica, a designação, em mudança, é algo universal, independente das diferentes línguas humanas. Cada língua possui uma organização particular de seus significados: tem uma estruturação léxica peculiar [...]" (VELARDE, 1991, p. 33) (TN).

[64] Em 1909, fundam a revista WörterundSachen, em que solicitavam "[...] mayor atención al significado de las palabras, a las cosas" (MOUTON,1987, p.55).

[65] "[...] Os idealistas praticamente não consideravam o léxico, mas a história da cultura como meio para conhecer a história da língua, em uma concepção global que recolhia, em parte, a igualdade entre espírito de língua e espírito de um povo das teorias de Von Humboldt" (MOUTON, 1987, p. 57) (TN).

Com o avançar das pesquisas, o método de estudo da relação entre palavras e coisas passou dos estudos monográficos para os atlas linguísticos. Com a publicação de *Sprach - und Sach atlas Italiens und der Südschweiz*[66]*(1928-1940),* mais conhecido como AIS, encurtou-se o distanciamento entre cultura popular e língua, pois, esse atlas, "[...] não se limitou à investigação linguística; inclui também a etnográfica e estudou as palavras relacionadas com as coisas" (ROMANO, 2014, p. 143).

Essa relação já havia sido salientada por Coseriu (1965) como a mais importante inovação do AIS: "Pero la novedad más importante del AIS es la que aparece en su título: es un atlas, no sólo linguístico, sino también etnográfico, un atlas de palavras y cosas"[67] (COSERIU, 1965, p. 18).

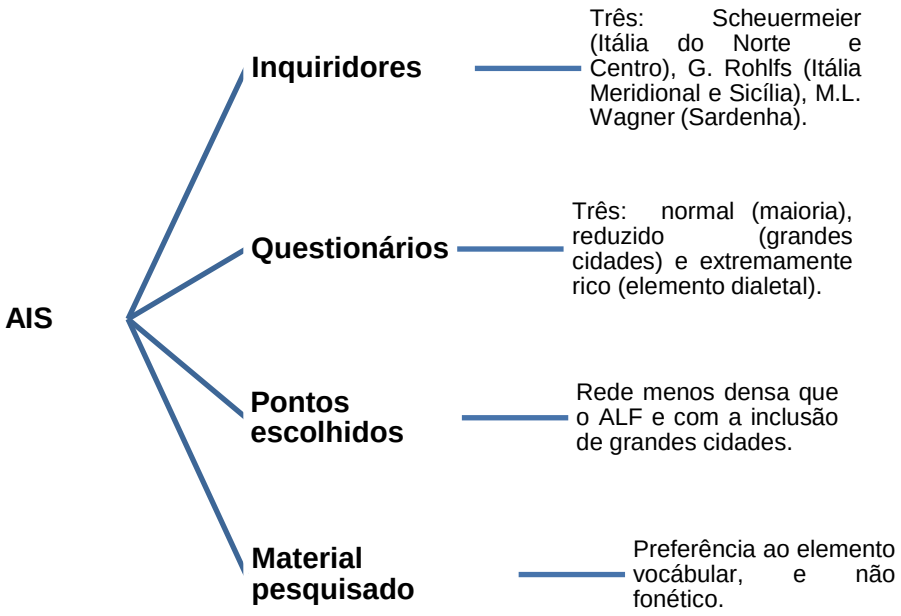
Miazzi também indica a superioridade do AIS em relação ao Atlas da França – ALF: [...] "mesmo do ponto de vista de apresentação, o material do AIS supera o do ALF, não só quanto ao tipo, mas especialmente pela disposição – não alfabética, mas por conceitos" (MIAZZI, 1972, p. 48).

Além disso, Miazzi (1972) cita várias inovações introduzidas pelo AIS em comparação ao atlas da França. A Figura 6, a seguir, resume algumas dessas novidades:

[66]Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e Sul da Suíça Meridional.

[67] Mas a novidade mais importante do AIS é a que aparece em seu título: é um atlas, não só linguístico, mas também etnográfico, um atlas de palavras e coisas (COSERIU, 1965, p.122) (TN).

Figura 6 – Inovações metodológicos utilizadas no AIS



Fonte: Elaboração da autora com base em Miazzi (1972, p. 47-48).

Sobre esse último tópico, o material pesquisado (AIS), o léxico, e não mais a fonética, teve prioridade, de modo que as questões buscavam recolher a cultura material e espiritual, preocupando-se, sobretudo, em recolher objetos de cultura material que estivessem prestes a desaparecer devido ao avanço da tecnologia. Para a autora, essa escolha se deu "[...] pois as palavras designam objetos, seres, que permitem o estudo de uma 'cultura', daí o nome 'etnográfico' aplicado ao Atlas" (MIAZZI, 1972, p. 48). Com esse intuito, a etnolinguística se uniu à Dialetologia[68], pois o dialetólogo necessitava ter um conhecimento prévio da cultura que está estudando. Dessa forma, inaugurava-se a segunda época da Geografia Linguística, em que se produziam atlas linguísticos-etnográficos[69].

A partir da publicação do AIS, os estudos passam a associar a Dialetologia e a Etnografia, que acabaram por se tornar complementares, assim como o trabalho de seus profissionais, o etnógrafo e o dialetólogo, pois "[...] sus disciplinas estudian

[68] Cabe recordar que os primeiros estudos dialetais eram exclusivamente realizados em áreas rurais ou distantes de grandes centros, por isso durante muito tempo o perfil buscado para as coletas era de homens moradores de localidades rurais e analfabeto. Essa série de característica ficou conhecida com a sigla HARAS - homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário (ZÁGARI, 2005, p. 52).

[69] No Brasil, a preocupação etnolinguística "[...] passa a figurar, com sistematicidade, em alguns projetos, que, como vimos, trazem no título essa referência (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro e Atlas Etnolingüístico do Acre)" (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 23).

facetas complementarias de una misma realidad[70]" (MOUTON, 1987, p. 66-67). Ambos os estudiosos[71] utilizam a metodologia da pesquisa de campo de modo similar, preparam questionários e realizam entrevistas de acordo com o perfil do informante. Primeiramente, observam e descrevem os dados e, posteriormente, classificam e analisam os materiais:

> Mientras los dialectólogos buscan en el conocimiento de las 'cosas' el papel que éstas desempeñan en la lengua, y los lingüistas descriptivos, el descubrimiento de las bases culturales del lenguaje en comunidades desconocidas, los etnógrafos estudian la lengua para llegar, a través de ella, a la cultura[72] (MOUTON, 1987, p. 68).

Pautando-se nessa diferença, Coseriu (1981) propõe duas disciplinas diferenciadas, porém, relacionadas entre si: a Etnolinguística[73] e a Etnografia da linguagem. A primeira corresponderia ao estudo dos fatos de uma língua motivada por saberes (ideias, crenças, concepções e ideologias), enquanto a segunda teria como objetivo identificar a "cultura" não linguística refletida nas línguas com ênfase nas experiências, saberes, ideias e concepções. Ainda sobre as duas disciplinas, é preciso considerar que a Etnografia da Linguagem trata, de modo mais concreto, do problema proposto pela Hipótese Sapir-Whorf, que estuda as influências que as condições de vida de uma comunidade exercem na sua linguagem. Segundo Velarde (1991, p. 53), a Etnografia da Linguagem "[…] tiene como objeto identificar los saberes universales acerca de las <cosas>, las ideas y las creencias universales que se manifiestan en el hablar en general (es decir, en cualquier lengua)" (VELARDE, 1991, p. 53)[74].

---

[70] "[...] Suas disciplinas estudam facetas complementares de uma mesma realidade" (MOUTON, 1987, p. 66-67) (TN).

[71] Em algumas pesquisas, sobretudo naquelas em que o pesquisador permanece na comunidade por um período maior, a coleta de dados pode ser feita sem o uso de um questionário, sendo o dado coletado a partir da observação direta, metodologia que comumente não é praticada na produção de atlas linguísticos.

[72] "Enquanto os dialetólogos buscam no conhecimento das coisas o papel que estas desempenham na língua, e os linguistas descritivos, o descobrimento das bases culturais da linguagem em comunidades desconhecidas, os etnógrafos estudam a língua para chegar, através dela à cultura" (MOUTON, 1987, p. 68) (TN).

[73] "Para Guizetti, "[…] el padre y precursor de la etnolingüística es Guillermo de Humboldt, especialmente por la contribución del sábio alemán en su obra póstuma <Sobre la diversidad de estructura del lenguaje humano y su influjo en la evolución espiritual de la humanidad>, escrita como introducción a sus estudios sobre el idioma kawi. En Humboldt descubre Guizetti los principios epistemológicos que configuran 'este campo del saber intermedio entre la antropología cultural y la linguística" (VELARDE,1991, p. 40).

[74] "[...] Tem como objeto identificar os saberes universais a respeito das <coisas>, as ideias e as crenças universais que se manifestam na fala de modo geral (em qualquer língua)" (VELARDE, 1991, p. 53) (TN).

Por sua vez, a Etnolinguística, muitas vezes, se confunde com a Sociolinguística e, por isso, é importante diferenciá-las:

> La sociolingüística (en cuanto disciplina linguística, no sociológica) se limita al 'estudio de la variedad y variación del lenguaje en relación con la estructura social de las comunidades hablantes', mientras que la etnolinguística (como disciplina lingüística, no etnológica o etnográfica) se dedica al estudio de la variedad y variación del lenguaje en relación con la civilización y la cultura' (VELARDE, 1991, p. 41)[75].

Ainda destacam-se duas definições no que concerne à Etnolinguística, a primeira sendo extraída do dicionário de linguística e a segunda do dicionário da sociolinguística. Verifique os excertos a seguir:

> Enfim, a etnolinguística ocupa-se igualmente dos problemas da comunicação entre povos de línguas diferentes ou da utilização, por um povo dominado, de duas ou mais línguas (plurilinguísmo). A existência de línguas sagradas (arcaizante ou mesmo esotérica), secretas (tanto a gíria dos malandros como a fala mista dos médicos callawaya da Bolívia) e técnicas tem aqui sua importância, assim como a escolha entre vários tipos de discurso (DUBOIS et al, 2001).

> Termo às vezes empregado para designar o estudo das inter-relações entre a língua e outros aspectos da cultura, valendo-se dos postulados da etnologia, definida como a ciência da cultura e da linguística. Os interesses da etnolinguística incluem os aspectos linguísticos de variedades linguísticas particulares; o léxico de uma língua como reflexo da cultura (por exemplo, a terminologia usada para conceitos físicos, sociais e culturais numa dada língua); a relação entre uso da língua e grupos sociais (por exemplo, status social, gênero); atitudes linguísticas, práticas de linguagem em comunidades específicas (por exemplo, saudações, linguagem dirigida à criança). A etnolinguística, portanto, se intersecciona com a antropologia linguística, com a sociolinguística de modo geral e com a etnografia da fala (BAGNO, 2017, p. 128).

Nota-se, pelas definições dos dicionários e, também, dos excertos dos estudiosos, que a etnolinguística e a etnografia da linguagem estão intimamente ligadas às questões culturais de uma população e à sua língua e que, a delimitação entre elas, pode parecer bastante tênue. Entretanto, é incontestável afirmar que as disciplinas e seus pesquisadores acabam se complementando e são necessários para atingir objetivos próprios de cada área.

[75]"A sociolinguística (enquanto disciplina linguística, não sociológica) se limita ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes, enquanto a etnolinguística (como disciplina linguística, não etnológica ou etnográfica) se dedica ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura" (VELARDE, 1991, p. 41) (TN).

Essa relação também acontece com outras disciplinas, por exemplo, a Dialetologia pode se relacionar com outras cadeiras, nas quais se citam, primeiramente, a Lexicografia. Segundo Ezquerra (2009, p. 49), os contatos entre Dialetologia e Lexicografia têm sido muito utilizados: "[...] La lexicografía ha necesitado acudir frecuentemente a la Dialectología para tomar sus informaciones, así como la Dialectología se ha dirigido a la Lexicografía para comprobar sus datos"[76]. Nesses casos, exemplificam-se as contribuições dos atlas linguísticos bem como das monografias dialetais na estruturação de dicionários/glossários regionais, sobretudo, no que tange as suas características e também na verificação dos dados como realmente típicos de um local:

> Es ya en nuestro siglo cuando comienzan a proliferar los diccionarios de regionalismos como consecuencia del auge de la dialectología y la preocupación por la realidad inmediata, en especial el mundo rural en una transformación profunda, con todo lo que conlleva de cambio y pérdida de vocabulario. Una buena parte de estos repertorios ha sido confeccionada por personas movidas por grandes sentimientos pero sin la formación necesaria para percibir y describir lo específicamente regional, razón por la que los resultados, en más de una ocasión, dejan mucho que desear y no merece la pena deternerse en ellos" (EZQUERRA, 2009, p. 53-54)[77].

Considerando essa especificidade, a contribuição do atlas linguístico é bastante valiosa tanto como documento como premissa para outros estudos, pois "[...] vale, assim, como registro documental da língua viva e como produto de uma reflexão sobre ela. Porém, como instrumento de trabalho, ele pode ser ponto de partida para novas investigações" (FERREIRA et al, 1996, p. 488).

Quanto à Lexicologia também pode estabelecer parceria com a Semântica, já que "embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa" (BIDERMAN, 2001a, p. 16). Cabe ainda nessa associação, a relação entre a Lexicologia, a Dialetologia e a

[76] "A Lexicografia tem necessitado recorrer frequentemente a Dialetologia para obter informações, assim como a Dialetologia se dirige a Lexicografia para comprovar seus dados" (EZQUERRA, 2009, p.49).

[77] É já em nosso século quando começam a proliferar os dicionários de regionalismos como consequência do auge da dialetologia e a preocupação pela realidade imediata, em especial o mundo rural em uma transformação profunda, com todo o que implica/envolve a mudança e a perda de vocabulário. Uma boa parte destes repertórios tem sido confeccionada por pessoas movidas por grandes sentimentos porém sem a formação necessária para perceber e descobrir o especificamente regional, razão pelo que os resultados, em mais de uma ocasião, deixam muito que desejar e não merece a pena deter-se neles" (EZQUERRA, 2009, p. 53-54).

Etnolinguística, pois já foram realizadas nesses segmentos estudos sobre palavras e coisas, “[...] isto é, sobre as relações entre a língua e a cultura” (BIDERMAN, 2001a, p. 16).

Ainda indicando outras disciplinas, o vínculo entre a Sociolinguística e a Dialetologia também está bem estabelecida, pois com os enfoques sociolinguísticos adotados pela Dialetologia e, consequentemente, pela Geolinguística, método por excelência, novas dimensões foram incorporadas nos trabalhos que culminaram na produção de atlas, sobretudo no final do século XX. Segundo Cardoso (2010), a incorporação dos fatores sociais pela Geolinguística, na execução dos atlas linguísticos, respondem ao apelo de uma necessidade contemporânea:

> [...] A ênfase que assumem os fatores sociais na consideração dos fatos linguísticos é, na verdade, uma resposta a exigências da nova configuração de que se reveste o mundo atual. E a geolinguística, ao adotar outros parâmetros que não o diatópico, está, apenas, respondendo aos apelos da realidade atual (CARDOSO, 2010, p. 63-64).

Haja vista os aspectos interdisciplinares que identificam as áreas de conhecimento mencionadas e seu respectivo reflexo na produção de atlas linguísticos, na sequência são destacados os pressupostos metodológicos da Geolinguística, esta que, por sua vez, compreende o tripé que alicerça tais produções: i) rede de pontos; ii) perfil do informante e iii) questionário linguístico.

Um dos quesitos fundamentais na metodologia de pesquisas geolinguísticas é a **rede de pontos**, que orienta a seleção de localidades para a pesquisa de campo. A coleta de informações prévias é fundamental para a escolha desses pontos de inquérito, como: a história da área, a antiguidade, o grau de isolamento da região, a natureza do desenvolvimento econômico, a densidade demográfica, entre outras informações. Considerando as características da sociedade atual, Cardoso (2010) salienta a importância de serem inseridos na rede de pontos polos de maior desenvolvimento e urbanização, o que marca um caráter diferenciado do início da Dialetologia, que coletava dados basicamente em áreas rurais.

Outro aspecto relevante nas pesquisas geolinguísticas é a definição do **perfil do informante**, que deve reunir as características que são perseguidas durante a busca pelo entrevistado. Nesse quesito, entre outros critérios, destacam-se: naturalidade do informante e respectivos pais, grau de escolaridade e domicílio (mobilidade ou não). O perfil pode variar de acordo com as especificidades da

pesquisa ou da região investigada, particularidades que normalmente são descritas na metodologia dos trabalhos.

Por fim, o terceiro elemento do tripé, o **questionário linguístico,** normalmente é estruturado a partir de outros instrumentos de coleta de dados adotados na produção de atlas e/ou produzidos pelo pesquisador, "[...] atentando-se para aspectos regionais, denominações rurais, nomes referentes à designação de produtos da área, entre outros" (CARDOSO, 2010, p. 95)[78].

Examinando-se os avanços da Dialetologia na produção de atlas no século XX e começo do século XXI, são inegáveis as contribuições da Sociolinguística nos trabalhos de caráter dialetal. Sobre o tema, Ramírez (2009) enfatiza a importância da junção dessas disciplinas:

> Cada individuo dispone de un repertorio verbal el cual abarca una gama de variedades linguisticas dentro del repertorio de habla de una comunidad. La lingüística teórica, nos dice Trudgil (1983), se ha empeñado en ver la lengua como producto de una comunidad homogénea. La sociolinguistica ha mostrado que esta visión es incorrecta y contraproductiva al no tener en cuenta la variación linguística dentro de una sociedad heterogénea. La dialectología con su noción de isoglosas ha expuesto claramente a través de los mapas geolinguísticos la variabilidad del sistema linguístico. Cada disciplina amplía nuestros conocimientos sobre la variación linguística a través del tiempo, el espacio y las personas. La dialectología, con sus estudios de la variaciones inter e intrarregionales (geolinguística) y los nuevos enfoques relacionados con la variación social (dialectología social y dialectología urbana), nos ofrecen valiosa información de la lengua en la sociedad. La sociolinguística de la sociedad (multilinguismo social, estudios del bilinguismo, lenguas en contacto y en conflicto, actitudes linguisticas y comunidades de habla) y la sociolinguistica de la lengua (estudios cuantitativos y comunidades de habla) y la sociolinguistica de la lengua (estudios cuantitativos de variacionismo probabilístico, gramáticas en contacto, etnografía de la comunicación y análisis del discurso) aportan otros importantes datos acerca del comportamiento de la lengua y de los hablantes (RAMÍREZ, 2009, p. 48)[79].

[78]Cabe informar que tanto a rede de pontos quanto o perfil do informante e o questionário linguístico variam de acordo com os objetivos propostos pelos trabalhos.

[79] Cada indivíduo dispõe de um repertório verbal no qual abarca uma gama de variedades linguísticas dentro do repertório de fala de uma comunidade. A linguística teórica, nos diz Trudgil (1983), se empenhou em ver a língua como produto de uma comunidade homogênea. A sociolinguística tem mostrado que esta visão é incorreta e contraprodutiva ao não ter em conta a variação linguística dentro de uma sociedade heterogênea. A dialetologia com sua noção de isoglosas tem exposto claramente através dos mapas geolinguísticos a variabilidade do sistema linguístico. Cada disciplina amplia nossos conhecimentos sobre a variação linguística através do tempo, do espaço e das pessoas. A dialetologia, com seus estudos da variação inter e intrarregionais (geolinguística) e os novos enfoques relacionados com a variação social (dialetologia social e dialetologia urbana) nos oferece valiosa informação da língua na sociedade. A sociolinguística da sociedade (multilinguismo social, estudos do bilinguismo, línguas em contato e em conflito, atitudes linguísticas e comunidades

De fato, o advento da Sociolinguística indicou um novo rumo para os estudos geolinguísticos, é o que enfatiza Isquerdo; Romano (2012): "Na verdade, a partir dos anos 60, os estudos geolinguísticos tomaram uma nova orientação, pois passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, agregando ao fator diatópico variáveis sociais" (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 894).

Na sequência, busca-se caracterizar o histórico da Dialetologia no Brasil e sua transição do caráter mono (predomínio da diatopia) para o pluridimensional (inclusão de outras variáveis/ dimensões sociais).

1.5 A Dialetologia e a Geolinguística no Brasil: pressupostos históricos e metodológicos

Como já salientado em outras partes do mundo, os estudos dialetais no Brasil também surgiram com a publicação de diferentes trabalhos que não culminavam em atlas linguísticos. Como uma das primeiras manifestações de natureza dialetal, tem-se a contribuição do então ministro plenipotenciário do Brasil na França, Domingo Borges de Barros, conhecido como visconde de Pedra Branca para o Atlas Etnographique du Globe (1826), produzido pelo geógrafo Adrien Balbi. Segundo Ferreira e Cardoso (1994), o material

> apontava características da língua no novo mundo. Descrevendo a língua do Brasil, o Visconde de Pedra Branca, dizia refletir, ela, a doçura do clima e dos habitantes e ter sido enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimo às línguas indígenas e inexistentes no português continental (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 37).

Observa-se que essa primeira expressão de caráter dialetal foi altamente descritiva, o que ocorre também em publicações que seriam produzidas nas décadas seguintes. Considerando a consolidação dessa disciplina, esses estudos podem ser divididos em alguns períodos[80]estabelecidos por alguns estudiosos, que

---

de fala) e a sociolinguística da língua (estudos quantitativos e comunidades de fala) e a sociolinguística da língua (estudos quantitativos de variacionismo probabilístico, gramáticas em contato, etnografia da comunicação e análises do discurso) aportam outros importantes dados acerca do comportamento da língua e dos falantes (RAMÍREZ, 2009, p. 48) (TN).

[80] Segundo Cardoso (2010, p. 131-132): "Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-62) atribuem três diferentes etapas, reformulando, assim, a periodização, proposta por Nascentes (1952, 1953), que estabelece apenas duas grandes fases". A esse dado acresce-a informação fornecida em Romano (2013, p. 206): "Estudiosos como Nascentes (1953), Ferreira; Cardoso (1994) e Mota; Cardoso (2006) sistematizam os estudos dialetais no Brasil dividindo-os em fases, cada qual com as características que as identificam. Mota; Cardoso (2006), considerando trabalhos anteriores, propõem quatro fases para os estudos dialetais brasileiros.

indicam que “[...] cada uma dessas fases tem em seu marco inicial e final obras ou iniciativas científicas que visam ao desenvolvimento dos estudos dialetais”. (ROMANO, 2013, p. 206). Na sequência, discutem-se esses períodos e suas principais contribuições:

1ª fase: 1826-1920

Esse período iniciou-se com a publicação do estudo de Domingos Borges de Barros (1826) e seguiu com produções voltadas ao léxico do português do Brasil, destacando-se trabalhos que foram produzidos como dicionários, glossários, vocabulários e léxicos regionais. Entre eles, citam-se: *Dicionário da língua brasileira* (1832), escrito por Luís Maria Silva Pinto; *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), escrito por Brás da Costa Rubim.

Além dos estudos lexicais, que foram as produções com maior destaque nessa primeira fase, Ferreira e Cardoso (1994) referenciam o primeiro trabalho de natureza gramatical, a obra *O Idioma Hodierno de Portugal comparado com o do Brasil* (1879), produzido por José Jorge Paranhos da Silva.

Já na segunda fase nota-se uma maior preocupação com outros aspectos da língua, além do viés lexical, por parte dos estudos dialetais produzidos, como será indicado no próximo tópico.

2ª fase: 1920-1952

Essa fase é iniciada pela realização de estudos de caráter prioritariamente gramatical, porém sem abandonar o aspecto lexicográfico, além das características monográficas e dos critérios metodológicos que também despontam. Esse período inicia-se com a publicação de O Dialeto Caipira (1920), escrita por Amadeu Amaral. Nessa obra, o autor além de demonstrar preocupação com o estudo das variações da língua portuguesa praticada no Brasil, ainda indica diretrizes necessárias para a realização de uma pesquisa dialetal de caráter científico. Ferreira e Cardoso (1994) salientam a contribuição de Amaral para os estudos realizados no Brasil:

> A porta se abriu para os estudos dialetais com O Dialeto Caipira. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. O tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 41).

No estudo do léxico paulista, aqui exposto, essa obra torna-se de fundamental importância porque destaca parte desse território para a análise do léxico: “Estudando uma área do Estado de São Paulo, aquela identificada como a do falar caipira, Amaral fornece, aos que a ele se sucederiam no tempo e no campo da investigação dialetal, a fundamentação para um trabalho sério” (CARDOSO, 2010, p. 135).

Outra obra que também se destaca neste momento é o *Linguajar Carioca em 1922*, escrita por Antenor Nascentes. O livro procura, primeiramente, “definir, o que se entende por falar brasileiro e em procurar situar o linguajar carioca no conjunto desses falares” (CARDOSO, 2010, p. 135). Nessa obra, Nascentes também apresenta uma proposta de divisão dialetal[81] no Brasil. Ainda neste período destacam-se obras como: *A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim; A língua do Brasil (1946), de Gladstone Chaves de Melo.

De modo geral, nota-se que a segunda fase é marcada pela realização de pesquisas em caráter monográfico, com abordagens que ultrapassavam o nível lexical e que caminham “[...] na direção de abordagens nos níveis da fonética, morfologia, sintaxe e semântica" (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 18).

Por sua vez, o terceiro período surge com a preocupação de criar uma mentalidade dialetológica e com o advento dos primeiros registros da manifestação de criação do atlas nacional, como será discutido, na sequência.

3ª fase: 1952-1996

A terceira fase da Dialetologia no Brasil é iniciada com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que institui como a principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a "elaboração do Atlas Linguístico do Brasil".

Nessa fase, notam-se: i) uma efetiva produção de obras que sedimentam a mentalidade dialetológica, entre elas, destacam-se os trabalhos produzidos por:

[81] Esse assunto será detalhado mais adiante, no tópico 1.6.

Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi e ii) a produção dos primeiros atlas regionais no Brasil, os quais serão citados cronologicamente, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO, *et.al.*, 1977)*, Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), Atlas Linguístico do Sergipe* (FERREIRA, *et.al.*,1987) e *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA,1994).

Segundo Mota e Cardoso (2006), é nessa fase que se incorporam mais características na seleção do informante, e, consequentemente, passam a ser considerados nos trabalhos dialetais produzidos no Brasil, os princípios bidimensionais e, progressivamente, os pluridimensionais na Dialetologia:

> Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional - monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc - que predominou na geolingüística hoje rotulada de 'tradicional' (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 21).

Ao retomar os primeiros atlas regionais[82], pode-se notar, em uma análise mais acurada, a gradual incorporação dos aspectos sociais às pesquisas. Na sequência (Quadro 5), são elencados alguns dos trabalhos realizados no Brasil que tiveram como objetivo cartografar os dados dialetais coletados pela metodologia da Geolinguística ainda no final do século XX (antes do advento do Projeto ALiB[83]), que tem como objetivo descrever a Língua Portuguesa vigente no Brasil a partir da produção de um atlas linguístico nacional, bem como algumas características metodológicas desses atlas.

[82]São citados os primeiros atlas regionais publicados que tiveram a coleta de dados realizada antes da criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB (1996).
[83] Mais informações sobre o Projeto ALiB serão fornecidas no capítulo metodológico.

Quadro 5 – Atlas linguísticos publicados no Brasil com dados coletados entre 1963 e 1996[84]

Atlas	Ano	Autores	Característica	Pontos	Questões
Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)	1963	Nelson Rossi[85].	Monodimensional	50 localidades	182 perguntas
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG)	1977[86]	José Ribeiro, Mário Roberto L. Zágari, José Passini e Antonio Gaio.	Monodimensional	116 localidades	415 perguntas
Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)	1984[87]	Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza de Bezerra de Menezes.	Monodimensional	25 localidades	877 perguntas[88]
Atlas Linguístico do Sergipe (ALS)	1987[89]	Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rolemberg.[90]	Bidimensional	15 localidades	700 perguntas
Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)[91]	1994[92]	Vanderci de Andrade Aguilera.	Bidimensional	65 localidades	325 perguntas
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)	2002/ 2011[93]	Mário Klassmann, Cléo Vilson Altenhofen, José Luiz da Veiga Mercer, Oswaldo Furlan, Hilda Gomes Vieira e Felício Wessling Margotti.	Monodimensional[94]	294[95] localidades	700 perguntas[96]
Atlas Linguístico do Ceará (ALCE)	2010	José Rogério Fontenele Bessa (coordenador).	Pluridimensional[97]	70 localidades	306 perguntas

Fonte: Elaboração da autora com base em Romano (2013).

[84]Os anos citados marcam o período de produção/coleta de dados dos primeiros atlas linguísticos no Brasil, não obrigatoriamente sua publicação.

[85] Dinah Callou e Carlota Ferreira são citadas como as principais colaboradoras para a realização do APFB. Ainda são considerados outros colaboradores.

[86] Apenas o volume I foi publicado.

[87] Até a atualidade foram publicados dois volumes do ALPB.

[88] O instrumento de coleta de dados foi dividido em duas partes: i) geral, com 289 perguntas, ii) específica, com 588, totalizando 877 questões.

[89] O ALS I foi publicado em 1987, porém os originais ficaram prontos em 1973. Posteriormente, Cardoso "[...] daria um tratamento, publicando o segundo volume, o ALS II, em 2005" (ROMANO, 2013, p. 212).

[90] As autoras do trabalho receberam orientação de Nelson Rossi.

[91]"Assim como o ALS, um grande número de questões não foram cartografadas, ficando, pois, a cargo de Altino (2007) dar um tratamento aos dados ainda inéditos do ALPR" (ROMANO, 2013, p. 212).

[92] Resultado da Tese de Doutorado defendida na UNESP, *campus* de Assis, em 1990.

[93]Os volumes I e II foram publicados em 2002. Posteriormente, em 2011, foram reeditados e agrupados em uma única edição.

[94] O Projeto ALERS foi concebido, conforme se disse, tendo por ênfase a dimensão diatópica e privilegiando, desta forma, a delimitação de áreas linguísticas que apontassem tendências de variação do português falado na área em estudo (ALTENHOFEN, 2011, p.26).

[95] Rede de pontos composta por 275 pontos rurais e 19 urbanos, totalizando 294 localidades.

[96]"O questionário do ALERS é composto por 700 questões que, desdobradas, chegam a 1000 itens, contemplando os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático" (ROMANO, 2013, p. 213).

[97] Na metodologia do atlas há alguns quadros que indicam o controle de variáveis: "O segundo, mais complexo, por correlacionar as variáveis 'escolaridade', 'idade' e 'sexo', permite, no entanto, uma visão geral mais detalhada da distribuição dos indivíduos da amostra em função dessas variáveis" (BESSA *et. al.*, 2010, p. 74).

4ª fase: 1996 - atual

Realização do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* na Universidade Federal da Bahia, evento que possibilitou a constituição de um Comitê Nacional, pelo qual se retomam considerações para a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil sob a perspectiva da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998).

Antes, porém, da culminância desse projeto, com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)[98] no ano de 2014, ponto máximo dessa fase, surgiram vários atlas de pequeno domínio que já possuíam a presença de algumas das diretrizes metodológicas do atlas nacional, o que é ressaltado em artigo de Romano (2013):

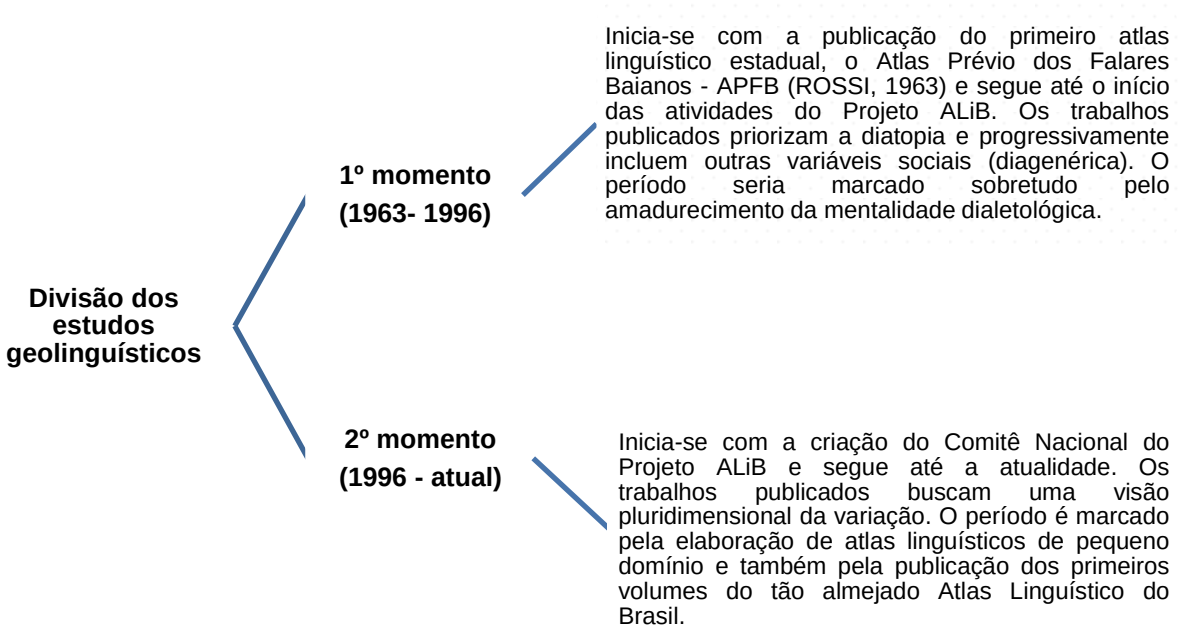
> Os trabalhos deste período já apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB, caminhando para uma visão pluridimensional da variação. É nesse segundo momento que há um incremento prodigioso da elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio, a partir de projetos incentivados pelos diretores científicos do ALiB (ROMANO, 2013, p. 207).

Além da publicação do atlas nacional e de atlas de pequeno domínio[99], há ainda diversos trabalhos (artigos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado) que vêm sendo desenvolvidos e que apresentam análises geolinguísticas com o *corpus* do Projeto ALiB.

Haja vista a divisão da Dialetologia brasileira em quatro fases, destacadas acima, concorda-se com Romano (2013)[100] quando afirma que as diferenças mais marcantes sobre os estudos geolinguísticos[101] ocorrem entre os trabalhos classificados entre a terceira e a quarta fase[102]. Por isso, o autor propõe em artigo, *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão (2013),* a organização dessas produções em apenas dois momentos. Observe a Figura 7 que sintetiza a proposta:

[98] Mais informações sobre o Atlas Linguístico do Brasil serão fornecidas no decorrer deste trabalho.
[99] Muitos desses atlas de pequeno domínio são frutos de estudos realizados em nível de pós-graduação (Dissertações ou Teses).
[100] Conforme se observa, os estudos geolinguísticos, para Mota; Cardoso (2006), encontram-se inseridos na terceira fase dos estudos dialetais brasileiros e marcam o início de uma 'mentalidade dialetológica' que aos poucos foi se difundindo pelo país (ROMANO, 2013, p. 206).
[101] Considerando os atlas publicados que utilizam, de fato, a metodologia da Geolinguística.
[102] Em ambas as fases houveram atlas sendo produzidos e publicados.

Figura 7 – Divisão dos estudos geolinguísticos em dois momentos



Fonte: Elaboração da autora com base em Romano (2013).

Nota-se que os dois momentos referem-se à produção de atlas linguístico no Brasil e, consequentemente, a consolidação da 'mentalidade científica' tão almejada no país. Como marco divisor desses momentos, há a criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB, que além de executar a produção do atlas nacional também traz a discussão da variação pluridimensional para a Dialetologia no Brasil. Segundo Romano (2014), "esses novos trabalhos passam a controlar sistematicamente, na coleta de dados, as variáveis sociais, tais como sexo, faixa etária, escolaridade, entre outras" (ROMANO, 2014, p. 147). E, como resultado, acabam por realizar "uma organização inteligente e racional do grande rol de dados coletados" (CARDOSO, 2010, p. 64).

É sabido que, inicialmente, os primeiros atlas tinham como característica o controle exclusivo da variável diatópica, o que inclusive foi de grande destaque no início do século XX, com a publicação do Atlas Linguístico da França por Gilliéron. Entretanto, com o passar do tempo, surgiram questionamentos de outras áreas sobre a fragilidade de controlar-se apenas a variação espacial. Segundo Thun (1998), "la géographie linguistique monodimensionnelle se dilate ou se resserre

quantitativement. Elle n' inove guère qualitativement mais pèche par monotonie méthodologique[103]"(THUN, 1998, p. 367).

Apesar de ter vigorado a monodimensionalidade por muitos anos, já havia sido realizado um trabalho, ao menos, parcialmente pluridimensional, nesse caso, o estudo realizado pelo abade Rousselot (1888), quando da realização dos seus inquéritos, pois os dados eram coletados considerando a monodimensionalidade, mas, quando possível, analisava em profundidade algumas particularidades, como a fala de pessoas mais velhas, em algumas localidades investigadas.

De fato, a opção pluridimensional só teria destaque no final do século XX, mesmo Gilliéron tendo a noção de movimento[104]/mudança linguística e optado pela monodimensionalidade na produção do ALF. Para Thun (1998), essa escolha de Gilliéron provoca algumas reflexões, conforme reproduzido, na sequência:

> C´est a partir de Jules GILLIÉRON, done dès ses dèbuts, que la gégraphie linguistique romane a pratiqué une scission que je n´ hesite pas d´appeler fatale: d´un côté l´atlas linguistique avec des cartes qui sont un assemblage de photographies instantanées de formes (en transcription phonétique) sans la moindre indication de configurations qui permettraient d´entrevoir des processus; de l´autre côté des ouvrages interprétatifs qui sont, par exemple, des atlas secondaires dialectométriques, des monographies ou des articles et dont la tâche comune est d´éviter que les arbres cachent la forêt, c´est-à-dire qui s´efforcent de rendre visibles les macrostructures et d´en déduire des mouvements (THUN, 1998, p. 370-371)[105].

Essas inquietações parecem ser respondidas pela aplicação da pluridimensionalidade, ao considerar a relação entre linguagem e fatos extralinguísticos, o que para o estudioso alemão é essencial para a geolinguística moderna.

Na contemporaneidade, verifica-se que com o advento dos trabalhos pluridimensionais, os atlas, que anteriormente eram apenas monodimensionais, ou seja, controlavam apenas uma variável social, têm incorporado novas características, que norteiam todas as suas fases de execução. Em relação a esse

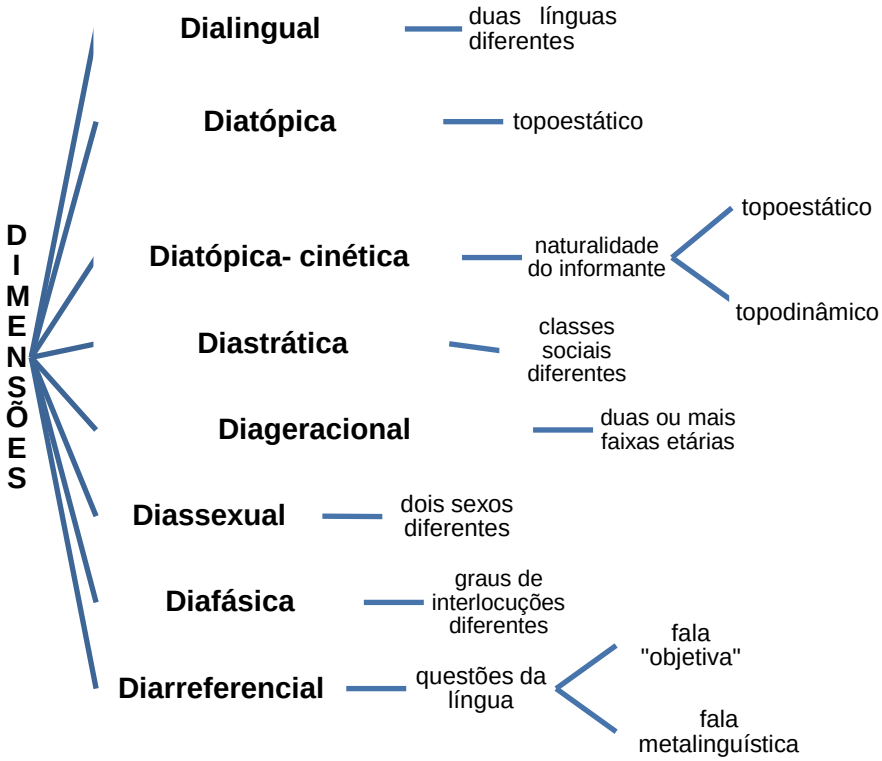
[103] "A geografia linguística inova pouco qualitativamente e peca pela monotonia metodológica" (TN).

[104] "Il est evident que selon Gilliéron lui-même la géographie linguistique n´a pas pour tâche unique de documenter un état de choses mais aussi de faire apparaître des mouvements"[104] (THUN, 1998, p. 370-371).

[105] Desde o início é com Jules Gilliéron que a geografia linguística românica realiza uma divisão, que eu considero fatal: de um lado os atlas linguísticos com mapas que são uma mistura de fotografias instantâneas de formas (fonéticas) sem qualquer indicação de configurações que permitem um vislumbre do processo; de outro lado, trabalhos interpretativos que são, por exemplo, dialectometrias, atlas dialectométricos secundários, monografias e artigos cuja tarefa é 'tentar tornar visíveis as macroestruturas e deduzir os movimentos" (THUN, 1998, p. 370-371) (TN).

critério, “[...] os atlas pluridimensionais podem contemplar até oito dimensões da variação linguística” (ROMANO, 2014, p. 146). A seguir, verifique o esquema (Figura 8) que sintetiza as dimensões que podem contemplar os estudos geolinguísticos, na atualidade.

Figura 8 – Dimensões contempladas por um atlas linguístico de acordo com a pluridimensionalidade



Fonte: Elaboração da autora a partir de Thun (2005, p.71) e Romano (2014).

Além das dimensões contempladas pelos atlas linguísticos, ainda é possível realizá-los considerando o universo da pesquisa, consequentemente, classificando-o conforme seu domínio. No caso, o atlas pode ser de pequeno domínio quando se caracteriza por uma pequena faixa territorial, ou seja, algumas cidades ou uma região específica de um estado e de grande domínio quando abrange um estado ou um território ainda maior, como um país, uma região.

Ademais, os atlas podem ser classificados conforme a geração: primeira, segunda e terceira. Segundo Cardoso (2010), o atlas de primeira geração é a “denominação para atlas linguísticos constituídos de mapas que podem conter informações diatópicas e/ou geossociolinguísticas, acompanhados ou não de notas, sem apresentação de estudos interpretativos” (CARDOSO, 2010, p. 197). Por sua

vez, os atlas de segunda geração se diferenciam dos de primeira por apresentarem estudos interpretativos, por isso podem também ser nomeados como atlas interpretativos. Já os atlas de terceira geração são também conhecidos como atlas sonoros (atlas parlants), ou seja, "fornecem ao lado dos dados mapeados a possibilidade de audição das elocuções cartografadas referentes a cada informante registrado" (CARDOSO, 2010, p. 197).

Haja vista as classificações dos atlas, pontua-se que os trabalhos produzidos no estado de São Paulo, até então, podem ser classificados como atlas de pequeno domínio, por concentrarem regiões específicas e de caráter pluridimensional, ou seja, controlam mais de uma variável social.

Esses atlas regionais desenvolvidos no estado de São Paulo buscam registrar os dados lexicais das localidades que assinalaram como pontos de inquérito. De modo geral, nota-se que eles compartilham o instrumento de coleta de dados do Projeto ALiB e alguns critérios metodológicos, como características para a seleção de informantes[106]. A seguir, enumeram-se alguns desses trabalhos que buscam descrever a fala paulista de algumas localidades[107], com informações pontuais:

i) Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC (Adriana Cristina Cristianini, 2007): produzido como tese de Doutorado na Universidade de São Paulo, sob orientação da profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos.

A tese teve como objetivo geral descrever a norma semântico-lexical da região do Grande ABC paulista com vistas a produzir um atlas. Para tanto, utilizou como instrumento de coleta de dados o questionário Semântico-Lexical do ALiB[108] (2001) aplicado em nove localidades da região (Santo André, Santo André - Paranapiacaba, São Bernardo do Campo, São Bernardo (rural), São Caetano do

[106] Pontua-se que a maioria desses atlas não é orientado por integrantes do Comitê Nacional do Projeto ALiB e também utilizam para o tratamento de dados noções de Estatística Lexical. Segundo CRISTIANINI, 2007, p. 117): "A estatística lexical, para Muller, é o estudo quantitativo de um texto ou de um *corpus*. Cabe ressaltar que, aqui, entende-se por texto todo enunciado ou fragmento de enunciado, todo discurso, falado ou escrito, fragmentado ou contínuo, proveniente de um mesmo locutor e que apresenta uma mesma unidade no *corpus*".

[107] As informações foram extraídas dos próprios atlas referenciados.

[108] A autora informa que: [...] para a pesquisa de campo, seguimos, sempre que possível, as diretrizes estabelecidas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB. A autora complementa, que "[...] é importante esclarecermos que o intuito de uma proximidade metodológica com o Projeto ALiB dá-se por conta de, posteriormente, termos base para um possível cotejamento entre a realidade linguística da região do Grande ABC e de outras localidades do Brasil" (CRISTIANINI, 2007, p. 69).

Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra). Foram entrevistadas 36 pessoas, divididas em faixas etárias I (18-30) e II (50-65 anos de idade).

O trabalho utilizou conceitos de Coseriu (1973) sobre a norma linguística e noções de Estatística Lexical[109] (MULLER, 1964), sobretudo referente à frequência. Como resultado, apresentou um conjunto de 202 cartogramas linguísticos[110], que segundo a autora "[...] não apenas revelam a norma semântico-lexical do Grande ABC, como também constituem um retrato, ainda que parcial, do falar paulista" (CRISTIANINI, 2007, p. 10).

ii) **Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo** (Márcia Regina Teixeira da Encarnação, 2010), produzido como tese de Doutorado, na Universidade de São Paulo, sob orientação da profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos.

O objetivo da tese foi descrever a norma semântico-lexical dos habitantes dos municípios do Litoral norte de São Paulo (Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba). Para isso, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário Semântico-Lexical do ALiB[111] aplicado em entrevistas com 16

[109] "A descrição do *corpus* orientou-se pelos postulados da Linguística Estatística de Muller (1968). [...] Assim, a elaboração de gráficos, tabelas e quadros baseou-se, principalmente, nas noções de frequência - absoluta e relativa – apresentadas por Muller quando ele discute as noções de vocábulo e palavra. Entretanto, como foi nossa preocupação apresentar a norma da região do ABC, às noções de frequência e distribuição espacial, esta última trazida para a descrição da variação diatópica, associamos o conceito de norma divisão "Sistema, Norma e Fala", de Coseriu, que também integra nossa fundamentação teórica" (CRISTIANINI, 2007, p. 68).

[110] A autora indica as seguintes informações pela opção dos cartogramas: "Apesar de Coseriu e outros estudos utilizarem o termo mapa e, ainda, outros pesquisadores preferirem o termo carta, em nosso trabalho, utilizamos o vocábulo cartograma, após consulta a dicionários e a especialistas em cartografia. No Dicionário Eletrônico Houaiss (2001), cartograma é 'quadro ou mapa em que se representa graficamente, por meio de linhas e figuras, a ocorrência quantitativa ou a intensidade de diversos fenômenos (índices de natalidade, distribuição de populações etc)". Segundo Sanchez (1973), o cartograma é um tipo de representação que se preocupa mais com informações que serão objetos da distribuição espacial no interior do mapa, que com os limites exatos e precisos ou com coordenadas geográficas. Verifica-se, então, que o termo cartograma remete ao conteúdo, ou seja, às informações que vão ser colocadas no interior do mapa (CRISTIANINI, 2007, p. 101)".

[111] O questionário do ALiB utilizado pela pesquisadora trata-se de uma versão (anterior) à publicação do utilizado pelo referido projeto em nível nacional. Nas referências são citadas as versões 1998 e 2000. Porém, no texto há a indicação de que: "A versao utilizada nas pesquisas de campo que será aplicada para a obtenção do corpus da nossa pesquisa é trabalho de uma equipe que reúne membros de quatorze Estados da União e que consta no II Workshop para a preparação dos inquiridores para o Atlas Linguístico do Brasil, realizado em Londrina de 3 a 7 de julho de 2000" (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 115-116). Segundo Encarnação, essa decisão foi baseada em: "[...] não só porque já a havíamos utilizado na dissertação de Mestrado, mas também pelo interesse em fazer, futuramente, um cotejamento com a tese de Imaguire (2004), Estudo Geolinguístico de alguns municípios do Litoral Sul Paulista: Abordagem de aspectos semântico-lexicais, analisando as lexias encontradas nos municípios do litoral sul e no litoral norte de São Paulo" (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 119).

pessoas[112] englobando duas faixas etárias (faixa I: 18-30 anos, faixa II: 50 a 65 anos) nas quatro localidades citadas. Quanto à escolaridade, os informantes deveriam possuir até a 8ª série do Ensino Fundamental (atual 9º ano). O *corpus* coletado foi tratado quantitativa e qualitativamente e resultou em 208 cartogramas linguísticos[113]. Além disso, obteve-se um total de 148 lexias com alta frequência e distribuição regular que caracterizam a norma da região[114].

iii) **Atlas Semântico-Lexical da região norte do alto Tietê (ReNAT) - São Paulo** (Rita de Cássia da Silva Soares, 2012), produzido como tese de Doutorado na Universidade de São Paulo, sob orientação da profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos.

A pesquisa foi realizada em cinco localidades[115]: Guarulhos, Arujá, Santa Isabel, Mairiporã e Nazaré Paulista e contou com a participação de 24 informantes dos sexos feminino e masculino em duas faixas etárias: I (18-30 anos) e II (50-65 anos).

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário composto de 202 perguntas extraídas do Questionário Semântico-Lexical (QSL/2001) do projeto ALiB e acrescentaram-se 31 questões do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Estudo Sociogeolinguístico do município de São Paulo, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística (GPDG) da Universidade de São Paulo. A análise tratou os dados quantitativamente (MULLER, 1968), privilegiando os aspectos semântico-lexicais a partir de Pottier (1975) e Rastier (2005) e baseou-se na concepção de norma de Coseriu (1979). Por sua vez, os dados foram dispostos a

[112] Na localidade de São Sebastião, deduz-se que os informantes da faixa etária II sejam casados, pois a autora da tese informa que: "[...] tomamos cuidado para fazer a aplicação individualmente, para evitar interferências nas respostas. Entrevistamos, nesta mesma tarde, os pais do rapaz, pois só eles ainda permanecem na cidade de São Sebastião, uma vez que seus filhos já estão vivendo em outros lugares" (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 124).

[113] A autora afirma que essa decisão foi tomada: [...] depois da consulta feita à Profa. Dra. Ana Maria Marangoni, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo e após a leitura de trabalhos dialetológicos recentes, como o de Cristianini (2007) e o de Silveira (2009). Os cartogramas, segundo Marangoni, visam à precisão e não à exatidão, e é com essa precisão, que nos preocupamos em documentar a realidade dialetal da região pesquisada" (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 131).

[114] Neste trabalho, foram estabelecidos critérios quanto ao registro do material coletado durante a entrevista: "a. No caso do sujeito dar duas respostas para uma única questão, pedir para que ele escolhesse apenas uma delas; [...] b. repetir a resposta mais devagar, no caso de o entrevistador não conhecer a lexia (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 123).

[115] Apesar de contar com 05 municípios, o referido atlas contou com seis pontos de inquérito, pois Guarulhos foi subdividido em zona rural e urbana.

partir de gráficos e/ou tabelas com informações e frequência absoluta e relativa. Segundo a autora,

> [...] A tese registrou a realidade linguística dos cinco municípios que compõem a região pesquisada, com relação ao léxico utilizado pelos sujeitos-entrevistados. Sabe-se que a área pesquisada tem dimensões pequenas, mas, ainda assim, revela sua importância para os estudos sociogeolinguísticos, pois expressa a situação real de uso da linguagem do sujeito num espaço e momento determinado, e também denota as características sócio-histórico-culturais de uma comunidade linguística (SOARES, 2012, p. 10).

iv) **Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP** (Ariane Cardoso dos Santos-Ikeuchi, 2014), produzido como dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Londrina sob a orientação da profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.

O objetivo geral da pesquisa foi registrar aspectos lexicais do português brasileiro observados na fala de usuários naturais da região Oeste de São Paulo, filhos de nordestinos, a fim de verificar influências da língua de falantes da região Nordeste do país migrados para a região investigada, em quatro localidades. Para a concretização da pesquisa, foram efetivadas 32 entrevistas nas cidades de Andradina, Adamantina, Rancharia e Presidente Epitácio. O instrumento de coleta de dados foi estruturado a partir do Questionário do Atlas Linguístico do Brasil (2001) e foi composto por 56 questões fonéticas, 116 questões semântico-lexicais, nove temas para discurso semidirigido, além de 15 perguntas que versavam sobre crenças e atitudes linguísticas.

Como um dos resultados, a pesquisa identificou um baixo índice de conhecimento da linguagem nordestina pelos filhos dos migrantes.

Considerando os dados indicados, no Quadro 6, é possível visualizar a exposição resumida de alguns dados gerais/metodológicos utilizados na execução dos atlas regionais paulistas citados.

Quadro 6 – Síntese dos atlas linguísticos produzidos no estado de São Paulo

Informações	ABC	LITORAL	ReNAT	ALTOSP
Pontos de inquérito	9 localidades	4 localidades	6 localidades	4 localidades
Questionário	202 QSL – ALiB	210 QSL-ALiB[116]	233 202 QSL- ALiB + 31 GPDG-USP	196[117]
Informantes e/ou sujeitos	36 sujeitos	16 Sujeitos[118]	24 sujeitos	32 informantes[119]
Sexo	1 homem e 1 mulher/ ponto	1 homem e 1 mulher/ ponto	1 homem e 1 mulher/ ponto	2 homem e 2 mulher/ponto
Faixa etária	FI: 18-30 FII: 50-65	FI: 18-30 FII: 50-65[120]	FI: 18-30 FII: 50-65	FI: 17-35 FII: 40-60
Escolaridade máxima	8º série	8º série[121]	9º ano	3º ano EM/ supletivo Superior completo[122]
Cartas e/ou cartogramas	202 cartogramas	208 cartogramas[123]	233 cartogramas[124]	116 cartas lexicais
Natureza do trabalho	Tese de Doutorado	Tese de Doutorado	Tese de Doutorado	Dissertação de Mestrado
Orientador	Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos	Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos	Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos	Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Fonte: Elaboração da autora com base nos referidos atlas.

Além desses atlas produzidos, verifica-se também um rol de trabalhos realizados no estado de São Paulo que buscam descrever a língua portuguesa vigente no estado. Ademais de atlas linguísticos, os trabalhos dialetais podem ser produzidos como estudos dialetais, no caso: as monografias dialetais, que tratam

[116] Versão preliminar do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

[117] As questões aplicadas foram estruturadas a partir do Questionário do ALiB. As perguntas realizadas eram fonéticas, semântico-lexicais, temas para discurso semidirigido e crenças e atitudes linguísticas.

[118] Segundo a autora do atlas: "Na orientação estabelecida pela Geolinguística, chamamos sujeito ou informante, o indivíduo que responde o questionário e que fornece os dados que constituem o *corpus* da pesquisa. Em nosso trabalho, utilizamos o termo ' sujeito" (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 111).

[119] Ao contrário dos três atlas que solicitaram a naturalidade dos entrevistados e pais da localidade/ região, no ALTOSP, os pais dos informantes deveriam ter vindo do Nordeste com mais de doze anos.

[120] "Os cartogramas trazem dados para a leitura dessa variável, o que nos permite recuperar eventual variação linguística, disponibilizando material necessário para trabalhos futuros em que se pretenda abordar apenas a variável faixa etária" (ENCARNAÇÃO, 2010, p 112).

[121] A autora alerta que, inicialmente, a pesquisa tinha intenção de entrevistar apenas sujeitos que tivessem cursado até a 4º série, porém, os informantes mais jovens tinham mais anos de estudo, portanto, decidiu-se ampliar o grau de escolaridade.

[122] Um homem e uma mulher para cada nível de escolaridade.

[123] Os cartogramas espelham a frequência e a distribuição dos fenômenos linguísticos na área pesquisada" (ENCARNAÇÃO, 2010, p. 108).

[124] A autora esclarece que "A adoção do termo cartograma, deve-se ao fato de acreditarmos que esse tipo de representação está associado mais às informações que serão mostradas, do que aos limites precisos de coordenadas geográficas (SANCHEZ apud CRISTIANINI, 2007). É importante ressaltar que o termo cartograma foi adotado pelos membros e pesquisadores do GPDG/USP a partir da tese de Cristianini (2007), sendo utilizado em artigos científicos, congressos, simpósios, dissertações de mestrado e teses de doutorado" (SOARES, 2012, p. 114).

sobre um único tema considerando os aspectos lexicais e etnográficos e os glossários que buscam descrever um vocabulário específico de um grupo social considerando às variações fonéticas e/ou lexicais. De modo geral, os três tipos de produção citadas buscam descrever a língua de uma determinada população que possui traços comuns (trabalho que exercem, região em que vivem). Segundo Coseriu (1965), esses trabalhos também se mostram bastante relevantes, pois complementam os dados de um atlas linguístico:

> Los atlas lingüísticos, ni siquiera los más ricos, no pueden proporcionar, para cada punto, una descripción 'exhaustiva' del hablar y, por lo tanto, no sustituyen las investigaciones dialectales monográficas". Y los indicios espaciales que los mapas ofrecen no sustituyen la documentación histórica, así como el simple conocimiento mecánico de la distribución de las formas en un territorio no dispensa del conocimiento de las condiciones de vida, sociales y culturales, que rodean, y en parte condicionan, el hablar (COSERIU,1965, p. 156)[125].

De certo modo, os estudos dialetais podem contribuir para o detalhamento de dados que podem ter sido cartografados por um atlas ou mesmo para realizar análises e discussões mais pontuais sobre determinadas informações. O estado de São Paulo elenca algumas pesquisas[126] produzidos na área[127](Quadro 7):

[125] Os atlas linguísticos, nem mesmo os mais ricos, não podem proporcionar, para cada ponto, uma descrição exaustiva da fala e, portanto, não substituem as investigações dialetais monográficas. E os indícios espaciais que os mapas oferecem não substituem a documentação histórica, assim como o simples conhecimento mecânico da distribuição das formas em um território não dispensa o conhecimento das condições de vida, sociais e culturais que compõem, e em parte condicionam, o falar (COSERIU, 1965, p. 156) (TN).

[126] Além das pesquisas citadas, há alguns projetos voltados ao português falado no estado de São Paulo, entre eles, destacam-se os seguintes: Estudo Geolinguístico do aspecto semântico-lexical da fala do município de São Paulo; Projeto de História do Português Paulista (PHPB).

[127] Os trabalhos citados foram listados no artigo *Ainda a geolingüística na USP: realizações e tendências* (SANTOS, 2008). Acreditamos que, na atualidade, o quantitativo de trabalhos deve ter sido ampliado.

Quadro 7 – Pesquisas dialetais/geolinguísticas realizadas no estado de SP

Título	Autor	Natureza do Trabalho	Orientador	Ano
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais do campo semântico 'alimentação e cozinha' (questionário do ALiB)[128] no município de Sorocaba.	Sonia Sueli Berti Santos	Dissertação de Mestrado	Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos	2002
Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB.	Sonia Sueli Berti Santos	Tese de Doutorado	Profa. Dra. Maria Vicentina de P. do A. Dick	2005
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela.	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	Dissertação de Mestrado	Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos	2006
Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais.	Lígia Maria Campos Imaguire	Tese de Doutorado	Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos	2014

Fonte: Elaboração da autora com base em Santos (2008).

Verifica-se que várias pesquisas já foram realizadas no território paulista, porém não se descreve nenhum trabalho que tenha contemplado o estado em sua totalidade, utilizando-se da mesma metodologia em toda a área investigada considerando os princípios da Dialetologia e da Geolinguística e culminado em um atlas linguístico do estado de São Paulo. De fato, já houve a proposta de produção de um atlas linguístico de grande domínio com pontos de inquérito em todo o território estadual, na década de 1980, coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Caruso, no entanto, o trabalho acabou não sendo concluído. Acredita-se que os dados poderiam fornecer ricas contribuições para a descrição da Língua Portuguesa no estado e também na história do país.

Tendo em vista a importância dos atlas linguísticos e considerando que o estado de São Paulo, sendo um dos mais antigos do país não possui registro de dados de fala em atlas linguístico que contemple todo o território paulista, faz-se necessário o preenchimento dessa lacuna, especificamente no que tange ao mapeamento do vocabulário do referido estado. Para tanto, o estudo proposto busca analisar o léxico dos *Jogos e Diversões Infantis* nessa unidade federativa. Desse modo, o estudo analisa dados não publicados, coletados *in loco* pelos pesquisadores do Projeto ALiB sob uma mesma metodologia no que se refere aos

[128]Salienta-se que, nos projetos descritos, os dados utilizados para análise não pertencem ao banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, apenas é utilizado o Questionário Semântico-Lexical (parcial/total) como instrumento de coleta de dados.

critérios de seleção do informante, questionário linguístico e preparação dos inquiridores. Dessa forma, a pesquisa configura-se como inédita e com caráter inovador, pois apresenta informações lexicais do falar de um estado tão antigo e, ao mesmo tempo, tão pouco conhecido em relação à norma lexical da língua portuguesa na atualidade. Além disso, a análise aqui proposta permite comparabilidade entre os dados dos estados vizinhos ou de outras regiões do Brasil devido ao *corpus* pertencer a um projeto de abrangência nacional e, consequentemente, possuir princípios metodológicos já pré-determinados e empregado de modo semelhante em toda a totalidade da rede (tanto em nível estadual quanto nacional).

De fato, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil e as pesquisas concluídas e/ou em andamento que utilizam o questionário do atlas nacional como instrumento de coleta de dados poderão contribuir, sobremaneira, para o conhecimento da língua e para o mapeamento dialetal do estado, pois um atlas é:

> […] en primer lugar, un valioso inventario de formas [...] sólo una investigación sistemática en uma red de puntos con 'mallas' suficientemente estrechas, como las que se exigen para los atlas lingüísticos, ofrece buenas garantías acerca de la amplitud del inventario y permite suponer razonablemente que no sean muy numerosas las formas no 'rastreadas'; [...] la forma cuya existência se comprueba adquiere especial significación en un mapa, puesto que se la ve en un conjunto: al lado de las formas a las que está eliminando (si se trata de una innovación) o que la han sustituido (si se trata de una conversación) (COSERIU, 1965, p. 128-129)[129].

Os trabalhos já produzidos sob essa perspectiva e com auxílio da geolinguística vem apresentando "retratos de fala" de determinadas localidades. Por isso, um atlas linguístico é tão importante para o conhecimento da língua falada em uma região/estado/país, de acordo com a extensão territorial que o trabalho visa descrever. Desse modo, frisa-se que os atlas linguísticos oferecem "[...] uma visão precisa, uma fotografia geolinguística que evidencia a medida do grau de vitalidade e da difusão do vocábulo em um espaço geográfico" (ISQUERDO, 2003, p. 169).

[129] Em primeiro lugar, um valioso inventário de formas [...] é só uma investigação sistemática em uma rede de pontos com 'malhas' suficientemente estreitas, como as que se exigem para os atlas linguísticos, oferece boas garantias acerca da amplitude do inventario e permite supor razoavelmente que não sejam muito numerosas as formas não 'rastreadas' [...] a forma cuja existência se comprova adquire especial significação em um mapa, pois é vista como um conjunto: ao lado das formas que estão sendo eliminadas (se se trata de uma inovação) ou que estão sendo substituídas (se se trata de uma conversação) (COSERIU, 1965, p. 128-129) (TN).

No Brasil, um dos marcos para a produção do atlas nacional foi a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953) que auxiliou na definição dos pontos de inquérito. Na sequência, discute-se sobre a concepção dessa proposição.

1.6 Áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) e estudos delas provenientes

A divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953) foi descrita e disposta em um mapa que consta na obra *O Linguajar Carioca,* publicada em 1953. De acordo com a percepção do autor, haveria uma partição horizontal, dividindo o país entre sul e norte e, a partir das duas regiões, outras subdivisões. O estudo de Nascentes (1953) é muito importante para o estudo da língua portuguesa no Brasil. Destaca-se a afirmação de Isquerdo (2006) sobre a relevância da divisão dialetal publicada pelo filólogo na década de 1950:

> Considerando a dimensão continental do Brasil, os diferentes 'brasis' que singularizam a realidade brasileira refletem-se no uso da língua, permitindo o estabelecimento de áreas dialetais no falar brasileiro. Nesse sentido, foi de suma importância a contribuição de Nascentes (1953, p. 20-24) que, partindo da discussão de propostas como a de Júlio Ribeiro (1891) e a de Garcia (1915); pautando-se na divisão de grupos locais formulada por João Ribeiro (1914), justamente por entender que 'sem uma base histórica não se pode fazer nada nesse assunto [divisão dialetal]' e, após ter realizado o seu 'ardente desejo de percorrer todo o Brasil, de Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá' propôs a divisão dialetal do Brasil que até na atualidade tem servido de referência para estudos sobre a língua portuguesa do Brasil (ISQUERDO, 2006, p. 16).

Antenor Nascentes, apesar de conhecer boa parte do território brasileiro, adverte que não haveria como traçar uma delimitação absolutamente segura enquanto não houvesse a produção de um atlas linguístico do Brasil. Nesse sentido, após a realização do atlas nacional seria necessário realizar uma revisão definitiva da proposta de divisão dialetal. Anteriormente à partição dialetal projetada por Nascentes (1955), o autor destaca alguns trabalhos com suas respectivas subdivisões geográficas e informações complementares[130]. Veja o Quadro 8:

[130]Informações extraídas do artigo *Divisão Dialectológica do território brasileiro*, escrito por Antenor Nascentes (1955, p. 213-219) e publicado na Revista Brasileira de Geografia e republicado, na obra *Estudos Filológicos*, organizada por Barbadinho Neto (2003, p. 691-704).

Quadro 8 – Síntese das principais propostas de divisões dialetais do Brasil (Nascentes, 1955)

Autor	Critério	Publicação	Divisão
Júlio Ribeiro (1891)	Geográfico	Introdução à História da Literatura Portuguesa de Mendes dos Remédios	**Norte** (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco). **Leste** (Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo). **Centro** (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso). **Sul** (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).
Maximino Maciel (1950)	Geográfico	Artigo de Serafim da Silva Neto em *A Manhã* (17/01/1950)	Brasilo-guianense ou setentrional; Idiodialetos estaduais ou centrais; Brasilo-castelhano ou meridional.
João Ribeiro[131]	Histórico	História do Brasil	**Extremo Norte** (Amazônia, Maranhão, Piauí e Ceará). **Norte** (Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte). **Centro** (Sergipe, Bahia, Ilhéus e Porto Seguro). **Interior** (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso). **Sul** (Espírito Santo, Rio de Janeiro, [Paraná], Santa Catarina e Rio Grande do Sul).
Rodolfo Garcia (1915)	Geográfico e histórico	Dicionário de Brasileirismos	**Norte** (Amazonas, Pará, Maranhão), **Norte Oriental** (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas). **Central-Marítima** (Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro). **Meridional** (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul). **Altiplana-Central** (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso).
Antenor Nascentes (1922)[132]	NI[133]	O Linguajar Carioca (1922)	**Nortista** (Amazonas, Pará, litoral dos estados desde o Maranhão até a Bahia). **Fluminense** (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais, Distrito Federal). **Sertanejo** (Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas Gerais, sertão dos estados litorâneos, desde o Maranhão até a Bahia). **Sulista** (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).
Antenor Nascentes (1950)[134]	NI[135]	NI[136]	**Norte Amazônico** (Acre, Amazonas, Pará, parte de Goiás que vai da Foz do Aquiquià Serra do Estrondo).

[131]Data não informada.
[132]Divisão alterada em 1933 após análise de algumas críticas de Lindolfo Gomes: "[...] criamos uma zona Norte para Amazonas e Pará, constituímos uma zona Nordeste com o litoral, desde o Maranhão até o norte do Espírito Santo, passamos o Sul de Minas Gerais para o subfalar sulista" (NASCENTES, 1955, p. 217).
[133]Dado não informado na fonte.
[134] Ano fornecido no artigo original, porém publicado na obra *O Linguajar Carioca* (1953).

			Nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Goiás Parnaíba). **Sul** **Baiano** (Sergipe, Bahia, norte, nordeste e noroeste de Minas, Goiás - parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos). **Fluminense** (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas - Mata e parte do Leste). **Mineiro** (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais). **Sulista** (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas – Sul e Triângulo – Goiás – sul e Mato Grosso).

Fonte: Elaboração da autora com base em Nascentes (1955) e Barbadinho Neto (2003).

Na sequência, são elencadas críticas atribuídas por Nascentes e por outros estudiosos às propostas apresentadas no quadro. Iniciando-se pela discussão sobre a primeira partição, datada de 1891.

1.6.1 Críticas atribuídas às propostas de Divisão Dialetal

Segundo Antenor Nascentes (1955), a divisão proposta por Júlio Ribeiro, em 1891, possui alguns aspectos negativos, entre eles: o fato de juntar o Norte com o Nordeste do Brasil tornando-o apenas uma região; por separar o estado de Alagoas do Nordeste; colocar os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro junto com a Bahia e também incluir o estado de São Paulo nessa região[137]; colocar Minas Gerais (sem discriminar) junto a Goiás e a Mato Grosso. Essa partição pode ser visualizada na Figura 9, a seguir,

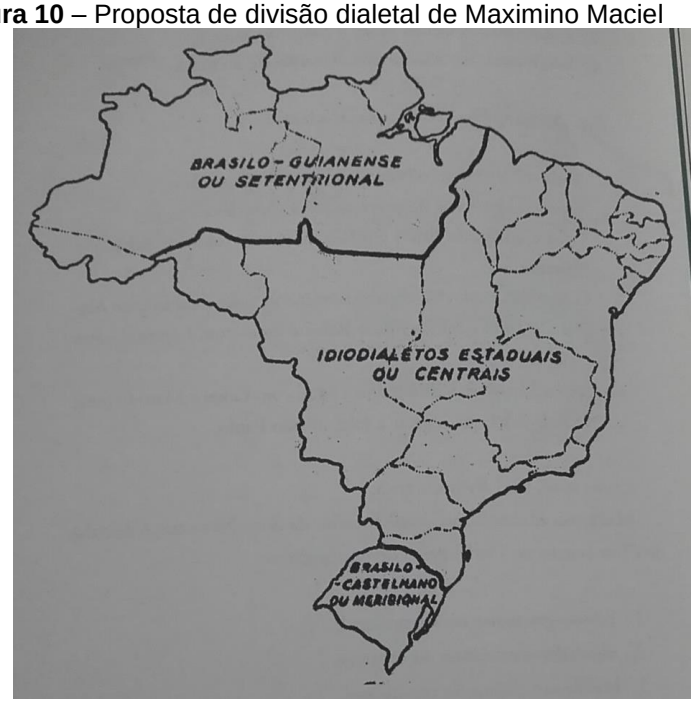
[135]Dado não informado na fonte.
[136] Dado não informado na fonte.
[137] Ainda estavam localizados nessa região os estados de Sergipe e Alagoas.

Figura 9 – Proposta de divisão dialetal de Júlio Ribeiro[138]

Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 692).

A segunda divisão dialetal criticada é a proposta por Maximino Maciel, em 1950. Segundo Nascentes (1955), essa divisão pecou por considerar, exclusivamente, o critério geográfico. Na Figura 10, é possível verificá-la:

Figura 10 – Proposta de divisão dialetal de Maximino Maciel



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 694).

[138] As figuras das divisões dialetais foram extraídas de Barbadinho Neto (2003) devido à melhor resolução da imagem.

Além disso, destacam-se: o fato da língua da Guiana Brasileira se estender à margem direita do Amazonas; haver uma indefinição do conceito de idiodialetos e pela discordância do domínio da influência castelhana/platina a ponto de dominar o subfalar do extremo sul.

Quanto à divisão dialetal proposta por João Ribeiro[139], as críticas de Nascentes (1955) recaem pelo fato de possuir uma base histórica, o que parece ser um critério insuficiente para uma divisão dialetal consistente.

No que tange a divisão dialetal de Rodolfo Garcia (1915), Nascentes (1955) aponta os seguintes defeitos: colocar o Maranhão na Zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre Zona Norte-Nordeste; inserir o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na Zona Central-Marítima e por agrupar Minas Gerais (sem discriminar) e, ainda, adicionar Goiás e Mato Grosso. Essa divisão pode ser conferida na (Figura 11), a seguir:

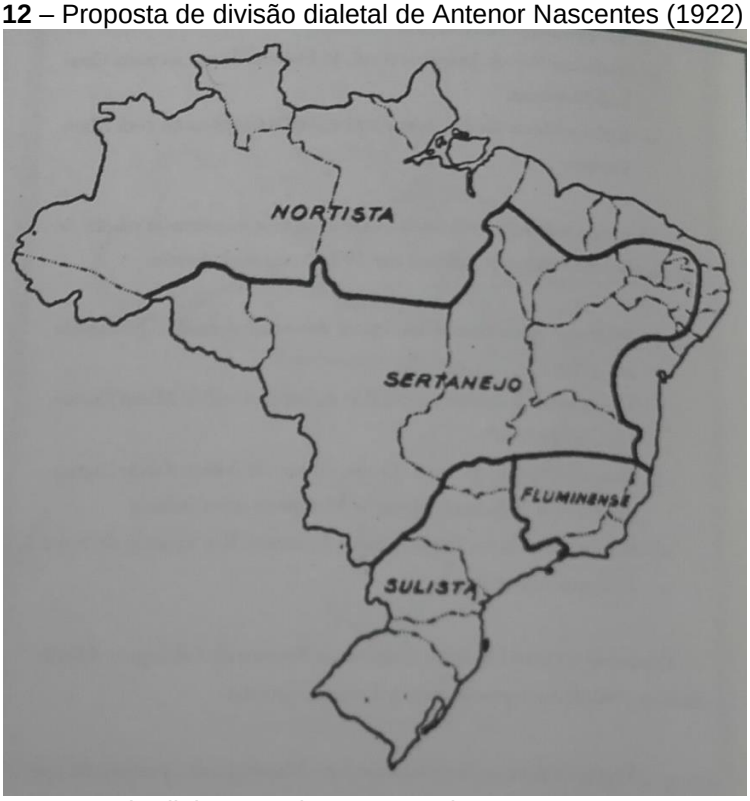
Figura 11 – Proposta de divisão dialetal de Rodolfo Garcia

Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 696).

Considerando a divisão de Rodolfo Garcia (1915), Antenor Nascentes realiza algumas alterações e compõe sua própria proposta que foi publicada na obra *O Linguajar Carioca em 1922* e pode ser verificada na Figura 12, a continuação:

[139]Para essa proposta, na obra de referência, não foi fornecida nenhuma ilustração.

Figura 12 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 698).

De modo semelhante às demais partições sugeridas pelos estudiosos mencionados, há também ressalvas quanto à divisão dialetal proposta por Nascentes (1922). Destaca-se a crítica de Lindolfo Gomes, publicada na Revista de Filologia e História II,[140] que se referia, sobretudo, à classificação do estado de Minas Gerais e suas subdivisões. Segundo o crítico, alguns questionamentos podem ser levantados:

- O sul de Minas pertenceria ao subdialeto fluminense ou sulista?
- Minas Gerais e o sertão da Bahia, Goiás e Mato Grosso pertenceriam ao subdialeto central ou sertanejo?
- A Mata Mineira não pertenceria ao grupo fluminense e capixaba?

Nascentes (1955) justifica que o conhecimento de pequena parte do Brasil até o momento da formulação da proposta da subdivisão do país pode ter colaborado para alguns problemas apontados por Gomes. Por isso, em 1933, ele realizou algumas alterações[141], como: a criação de uma zona Norte para o Amazonas e para

[140] Crítica relatada por Antenor Nascentes e que julga como justa (1955).
[141]Divisão publicada no mapa dialectológico constante da página 244 do quarto tomo da série *O idioma nacional*. Informação disponível no artigo: *Divisão Dialectológica do Brasil* (NASCENTES, 1955, p. 217).

o Pará; a delimitação do Nordeste com o litoral (desde o Maranhão até o norte do Espírito Santo) e a classificação do sul de Minas Gerais como falar sulista.

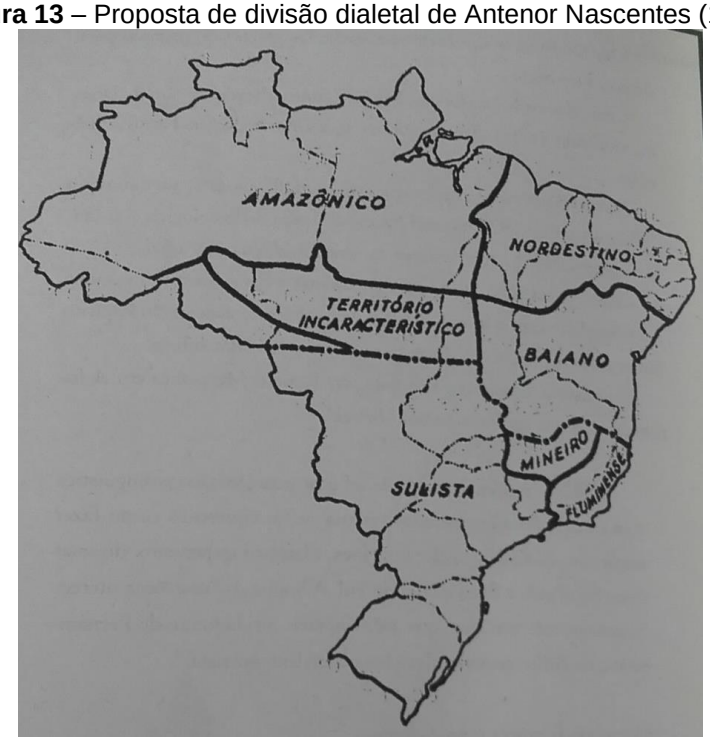
Mesmo com essas alterações de áreas/subáreas, houve nova crítica à proposta, desta vez formulada por Renato Mendonça (1933)[142] em *Influência Africana no Português do Brasil,* alertando basicamente para dois pontos: i) o agrupamento no dialeto sulista de estados como Rio Grande do Sul e São Paulo; ii) o fato de a língua da Amazônia ser tão distinta das regiões de Pernambuco e da Bahia, que estariam englobadas no Dialeto Nortista. Nascentes reage argumentando que apenas a segunda observação seria válida, pois a primeira já havia sido considerada em 1933.

Ponderando essas críticas e a partir de um maior conhecimento do território brasileiro, em 1953, Nascentes publica a nova versão da divisão dialetal com ajustes e alerta que: “[...] fizemos nova divisão que não consideramos nem pudéramos considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (NASCENTES, 1955, p. 217).

Na proposta de Antenor Nascentes, publicada na década de 1950, o Brasil estaria dividido em dois grupos e em seis subfalares. O grupo do Norte, que compreende os subfalares amazônico e nordestino; e o grupo do Sul, que abriga os subfalares baiano, fluminense, mineiro e sulista. Além dessa demarcação, Nascentes (1953) classificou uma faixa do país como território incaracterístico, por ser “praticamente despovoado” à época. A Figura 13 traz o mapeamento das subdivisões de Nascentes (1953):

[142] Acredita-se que a crítica tenha sido realizada em 1933 por ter sido esse o ano da publicação da 1ª edição da obra citada (NASCENTES, 1955, p. 217).

Figura 13 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

A divisão dialetal sinalizada por Nascentes (1953) tem sido considerada por uma série de trabalhos que analisam a obra e examinam sua vitalidade. Inclusive, o autor já indicava a necessidade da verificação dessa divisão, que ainda não conseguiu ser totalmente confirmada. Entre esses trabalhos, cita-se o que culminou na tese de Doutorado de Ribeiro (2012, p. 79) e que reforça sobre a dificuldade em realizar esse intento:

> [...] Passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil.

Alguns trabalhos, em diferentes níveis, vêm sendo desenvolvidos com a finalidade de contribuir para essa árdua tarefa de verificar a vitalidade da divisão dialetal proposta por Nascentes. Na sequência, destacam-se alguns desses trabalhos[143], conforme os anos de publicação:

Um dos primeiros materiais produzidos foi o artigo *Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal no Brasil* (CARDOSO, 1986). Na época,

[143]Outras pesquisas foram realizadas em nível de Mestrado, Especialização e Iniciação Científica e serão destacadas posteriormente.

verifica-se que, no que tange os dados analisados e sobretudo ao falar baiano, ‘Nascentes tinha razão’, pois segundo a autora:

> 1. há uma unidade linguística configurada pelo Estado da Bahia e a parte Norte/Nordeste/Noroeste de Minas Gerais explicitada na presença das vogais médias abertas pretônicas, documentadas majoritariamente na área; ii) a linha que demarca a fronteira entre o falar baiano e o mineiro e o fluminense, traçada a partir dos dados fornecidos pelos dois atlas, aproxima-se consideravelmente dos limites estabelecidos por Nascentes (CARDOSO, 1986, p. 53).

Além desse artigo publicado na década de 1980, nos últimos anos, a temática tem fomentado a produção de artigos e gerado trabalhos em nível de pós-graduação. Ou seja, iniciam-se as produções de teses de Doutorado e dissertações de Mestrado que discutem sobre a divisão dialetal de Nascentes (1953). Na sequência, elencam-se os trabalhos e apresentam-se alguns dos resultados obtidos:

- *Brinquedos e Brincadeiras Infantis na área do falar Baiano* (Silvana Soares Costa Ribeiro, 2012), Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação da Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso.

O trabalho tem por objetivo demonstrar a variação diatópica identificada a partir dos dados coletados com base na área semântica escolhida bem como examinar “a atualidade da divisão dialetal do Brasil, proposta por Nascentes (1953), especificamente no que se refere à àrea do Falar Baiano, e a pertinência dos limites estabelecidos, considera a realidade presente” (RIBEIRO, 2012). Como uma das conclusões do trabalho, atesta-se a vitalidade do Falar Baiano e há a sugestão de quatro subáreas dialetais: A, B, C e D subdivididas considerando alguns fenômenos evidenciados pelos registros realizados nas cartas linguísticas. Sendo assim, a autora conclui que:

> A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao Falar Baiano. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a diversidade na unidade (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Além disso, a autora indica que o produto de sua tese, acresce ao menos em duas considerações importantes aos rumos da Dialetologia brasileira e à

Geolinguística Pluridimensional Contemporâneas, as quais serão reproduzidas, na sequência:

> 1º) a delimitação da área dialetal do Falar Baiano, com a precisão possível de ser alcançada, empreendida por meio de procedimentos geográficos que consideraram a toponímia, os indicadores como latitude e longitude, as escalas e a associação entre os acidentes geográficos anotados por Nascentes (1953) e uma base cartográfica oficial brasileira (IBGE (bCIM)" [...] e 2º) "A segunda contribuição diz respeito a ser esta a primeira experiência de que se tem registro de cartografação de área dialetal tão extensa, sem estar atrelada aos critérios de demarcação geopolítica do país (um estado, uma região). A Dialetologia brasileira já produziu atlas estaduais (APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, para citar as cinco primeiras obras), atlas regionais - de macrorregiões geográficas (ALERS) ou de microrregiões (áreas litorâneas de estados brasileiros, por exemplo), mas ainda não havia produzido documento descritivo de área dialetal como a proposta nessa Tese" (RIBEIRO, 2012, p. 453- 454).

- *O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB* (Danyelle Almeida Saraiva Portilho, 2013), Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

O estudo "discute em que proporção a área dialetal do falar amazônico proposta por Nascentes (1953) se confirma nos dias atuais no nível lexical, por meio da análise de um acervo lexical relativo à àrea semântica de jogos e diversões infantis". E como conclusão evidencia-se que o falar amazônico é diferenciado do que se conhece no restante do país. Ou seja, [...] há um falar amazônico que o difere do das demais regiões do Brasil, porém sem delimitações rígidas, haja vista o contato com as áreas limítrofes e influências recebidas de outras regiões do Brasil em decorrência dos processos migratórios" (PORTILHO, 2013).

- *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico*, (Marigilda Antônio Cuba, 2015), Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

A pesquisa teve como objetivo documentar e descrever as variedades do português falado na área conhecida como "território incaracterístico" na proposta de Nascentes (1953), para quem essa região era localizada entre a fronteira da Bolívia (Rio Verde, Guaporé, Mamoré até Abunã) e a de Mato Grosso com os Estados do

Amazonas e o Pará, cuja área abrange, atualmente, localidades da região Centro-Oeste (norte de Mato Grosso e oeste de Goiás) e Norte (leste de Rondônia e oeste de Tocantins). Os resultados do estudo permitiram à pesquisadora propor a existência de uma área multivarietal e o contato de duas principais frentes migratórias: a nortista e a sulista, que estariam geograficamente situadas:

> uma mais nortista, que segue os caminhos do garimpo e da extração vegetal, que se estende a leste e a oeste do 'territorio incaracterístico', e outra mais sulista que avança, sobretudo, para o centro da área de estudo, acompanhando o caminho das rodovias BR 163, BR 164 de BR 158 (CUBA, 2015, p. 218).

Nota-se que esse fluxo populacional reflete a importância dos processos sócio-históricos no povoamento dessa região, de caráter denominado como 'território multivarietal', pois os migrantes que mudaram para a região: "contribuíram para a formação de um território caracteristicamente sulista dentro da divisão proposta por Nascentes em 1953, embora não se descarte a importância imensurável das variedades nortistas para a composição desse território multidialetal" (CUBA, 2015, p. 218).

Verifica-se que esse trabalho forneceu uma contribuição significativa para o conhecimento da realidade dialetal no país, pois uma parte até então desconhecida do português do Brasil foi revelada por meio da descrição da linguagem desses locais.

.- Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil[144] (Valter Romano, 2015), Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob orientação da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera. No estudo, o autor discute a divisão dialetal apresentada por Nascentes (1953) no que se refere à área geográfica do subfalar sulista, considerando a perspectiva lexical e propondo uma reformulação dessa classificação. Para o pesquisador, há o subfalar paulista[145] e o subfalar sulista, e não apenas um único falar para as localidades investigadas.

Ademais, salienta-se que Romano (2015) realiza o estudo investigando dados do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), recolhidos em 118

[144] Tendo em vista a região contemplada na pesquisa, serão discutidas algumas questões pontuais sobre a divisão dialetal com vistas a auxiliar no desenvolvimento do estudo sobre o falar paulista.

[145] A denominação falar paulista foi indicada por Zágari (2005) como um dos possíveis falares do estado de Minas Gerais e engloba o falar do Sul e do Triângulo Mineiro. No estudo de Romano (2015), verifica-se que o território que recebe essa denominação é mais amplo.

municípios dos estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, parte de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, perfazendo um total de 472 informantes. Para a pesquisa, foram selecionadas cinco perguntas que compõem o Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB: 001 (córrego), 039 (tangerina), 132 (menino), 156 (bolinha de gude) e 177 (geléia). Esse estudo demonstrou: 1º) que a região denominada de Falar Sulista (NASCENTES, 1953) não apresenta homogeneidade no que diz respeito ao léxico investigado; 2º) a existência de um subfalar paulista, dentro do falar sulista. Distingue-se, nesse particular, que uma das questões examinadas compõe o universo dos *Jogos e Diversões* infantis, área semântica que é objeto deste estudo. Em relação ao resultado obtido para essa pergunta, o estudo revela que as variantes mais produtivas na área selecionada foram: *bola/bolinha de gude, bolita e búrica*.

Além da pergunta estudada por Romano (2015) sobre os *Jogos e Diversões* Infantis, na pesquisa aqui proposta, são analisadas as demais questões que compõem essa área semântica com vistas a verificar a vitalidade da divisão dialetal do subfalar sulista (Nascentes, 1953) no tocante ao estado de São Paulo, sem desconsiderar a natureza dos locais investigados e os diferentes momentos da história e formação da população paulista.

A possível existência do falar paulista no que concerne “as coisinhas redondas de vidro”, já foi apontada na tese defendida por Romano (2015), pois os dados obtidos evidenciaram: “[...] heterogeneidade linguística dentro do território investigado no que se refere às variantes para a bolinha de gude e apontam, novamente, a existência de dois falares: um paulista (bolinha de gude) e o sulista (bolita)” (ROMANO, 2015, p. 219).

Cabe registrar que o debate sobre o pertencimento do estado de São Paulo ao falar sulista ainda é mais antigo, ao recuperar as críticas recebidas pela proposta de Nascentes (1953), verifica-se que, no artigo *Divisão Dialectológica do território brasileiro* (NASCENTES, 1955), o autor cita algumas indagações atribuídas ao seu plano de divisão dialetal em relação ao estado paulista, apresentadas por estudiosos da época. Por exemplo, Renato Mendonça, que julgava o trabalho com “[...] certos equívocos como fazer entrar no subdialeto sulista regiões dialectologicamente diversas como São Paulo e Rio Grande do Sul” (NASCENTES, 1955, p. 217). Essa observação foi considerada incoerente por Nascentes, visto que o falar do Rio

Grande do Sul, mesmo com aspectos muito característicos, não se destaca das linhas fundamentais do subfalar sulista.

Na mesma linha de Renato Mendonça, Silveira Bueno[146]também questionou a divisão proposta por Nascentes (1953). Tendo em vista as avaliações recebidas, salientam-se as que tratam o falar sulista, sobretudo, pertinentes ao estado de São Paulo:

- O /S/ sibilante (falado em Lisboa e no Rio), completamente desconhecido em São Paulo, Paraná e Minas Gerais;
- Vocabulário da língua alemã influencia o Sul;
- Vocabulário e pronúncia do espanhol fronteiriço predominando no Sul;
- Influências italianas em São Paulo.

Considerando os julgamentos realizados pelos estudiosos ao trabalho de Nascentes (1953), as críticas mostram-se válidas, ao menos na contemporaneidade, conforme os estudos realizados, pois o /s/ sibilante, por exemplo, não é um fenômeno registrado no Sul do Brasil ou mesmo no estado de São Paulo. Há também forte influência dos dialetos provenientes do alemão e do italiano no Sul do país, inclusive com a formação de colônias ou mesmo cidades majoritariamente fundadas por estrangeiros ítalos ou teutos, entre outras etnias originadas da Europa. Nessas localidades, há pessoas que falam alguns dialetos antigos e a língua estrangeira é utilizada ou mesmo valorizada pela comunidade local. Em relação ao espanhol fronteiriço, o idioma exerce influência na nomeação de objetos ou expressões no sul do Brasil, mesmo que não seja de uso predominante em toda a região.

Por sua vez, Nascentes defende-se da crítica argumentando que o idioma europeu (referindo-se ao italiano) dá apenas uma “cor local” ao subfalar de São Paulo, assim como o espanhol no Rio Grande do Sul.

No que tange à região Sul, o autor salienta que há pouquíssima diferença nessa área geográfica, mas que ela “[...] mantém as linhas gerais do dialeto sulista: cadência, protônica não aberta, /s/ sibilante, *e* e*o* finais fechados, hiato *io* reduzidos a ditongo, tendência para ditongar os hiatos, etc[147]” (NASCENTES, 1955, p. 219).

[146]Crítica publicada em *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*, de Silveira Bueno (1955, p. 312). Informação disponível em *Divisão Dialectológica do Brasil* (NASCENTES, 1955).

[147] Nota-se que Nascentes cita como exemplo, neste particular, apenas diferenças existentes no nível fonético.

Em sua defesa, ele atesta a dificuldade em delimitar diferenças dialetais entre os estados:

> As diferenças entre São Paulo e Santa Catarina não são nem grandes quanto mais muito grandes. Releva notar que no Brasil, apesar de sua enorme extensão territorial, as diferenças são pequenas em toda parte. Para se fazer um estudo de caráter dialetal, tem-se de andar catando pulgas aqui e ali (NASCENTES, 1955, p. 219).

Ainda considerando os estudos realizados, indica-se o seguinte trabalho:

- ***Brincando na área do falar fluminense*****,** Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro. Na dissertação, o autor analisa as designações obtidas como resposta para as perguntas da área semântica *Jogos e Diversões* Infantis na região nomeada como de "falar fluminense" (NASCENTES, 1953), buscando verificar a vitalidade dessa divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes na década de 50. Como resultado, a dissertação evidencia que,

> A partir das análises empreendidas, pode-se chegar à conclusão que Nascentes (1953) agiu de forma precisa ao dividir o Brasil em dois grupos (Norte e Sul), no entanto tal precisão não se comprova de forma eficaz quando analisados os limites do Falar Fluminense, pois não há distinção clara entre os pontos de controle e a área em análise. Portanto, sob o ponto de vista lexical, os dados apontam para a não confirmação do Falar Fluminense (SANTOS, 2016a).

Além da dissertação, ainda, elencam-se três artigos publicados sobre os dados analisados durante a pós-graduação e que discutem a vitalidade da divisão dialetal proposta por Nascentes (1953).

- Ao findar a brincadeira, o que revelam os dados do ALiB sobre áreas dialetais? **(SANTOS, 2016b).** No artigo, o autor realiza um trabalho comparativo identificando as variantes diatópicas para a questão 161/QSL/ALiB, “Como se chama a brincadeira em que uma criança com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p 34). Para tanto, o autor seleciona os trabalhos acadêmicos de Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016a), os “quais se utilizam dos dados do ALiB, em especial, o campo semântico dos *jogos e diversões* infantis, no intuito de testar, hoje, com base em dados empíricos, a divisão dialetal brasileira, datada de 1953” (SANTOS, 2016b, p. 1).

Como resultado, o autor índica que algumas considerações podem ser realizadas, mesmo que em caráter não definitivo, entre elas, citam-se: i) "há um espaço comum entre os falares do Sul, ao passo que, no falar do Norte, há uma forma predominante, a pata-cega" (SANTOS, 2016b, p 12); ii) a recorrência da área semântica *Jogos e Diversões* Infantis para testar a vitalidade da divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) e devido a esses trabalhos e, consequentemente, ao volume de dados catalogados há a possibilidade de produzir glossários sobre o assunto e iii) a indicação de várias formas de nomear a brincadeira, sobretudo, formada por "nome de um animal mais a palavra cega" (SANTOS, 2016b, p. 12).

***- Áreas dialetais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística* (ROMANO, 2018a).** No artigo, o autor busca discutir a divisão proposta por Antenor Nascentes, considerando os aspectos lexicais, no que tange a área denominada de falar sulista. Para tanto, o autor apresenta alguns resultados frutos da sua Tese de Doutorado, respectivamente, os dados que se referem a algumas perguntas do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB. A seguir, no Quadro 9 são apresentadas as questões analisadas no artigo:

Quadro 9 – Questões analisadas em artigo de Romano (2018)

Número	Resposta possível	Pergunta	Área Semântica
Questão 001	Córrego	Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	Acidentes Geográficos
Questão 132	Menino	Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	Ciclos da Vida
Questão 156	Bolinha de gude	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	Jogos e Diversões Infantis
Questão 177	Geleia	Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?	Alimentação e Cozinha

Fonte: Elaboração da autora com base em Romano (2018).

Após a exposição da análise, visualização e discussão das isoléxicas heteroléxicas, o autor informa que os dados analisados demonstram a heterogeneidade dessa área, pois "conclui-se que a porção setentrional do território investigado apresenta diferenças em relação a parte meridional, evidenciando a existência de dois possíveis falares: o paulista e o sulista[148]" (ROMANO, 2018, p. 103).

***- Áreas lexicais brasileiras: um novo olhar sobre a proposta de Antenor Nascentes nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Romano 2018b).**

[148] Na parte final das análises deste estudo, o trabalho será retomado.

No artigo, o autor discute a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes no que se refere à área do subfalar sulista (1955), considerando o nível lexical. Para tanto, o estudo analisa os designativos obtidos para a questão 039/QSL/ALiB: “Como se chama as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 39).

Segundo o autor, de acordo com o comportamento diatópico das variantes obtidas e o território investigado; há uma divisão que considera: i) a área meridional, como falar sulista e ii) setentrional como falar paulista. O que indica que, mesmo considerando as dificuldades em definir a questão de áreas dialetais no PB: “este trabalho dá indícios de heterogeneidade linguística de uma grande área do território brasileiro, considerada homogênea no mapa de Nascentes” (ROMANO, 2018b, p. 136).

Ao analisar os estudos que vem sendo realizados a respeito das ponderações acerca dos estudos de Nascentes (1955), suas observações e, até mesmo, a advertência de que sua proposta não poderia ser definitiva, mas que precisava ser refeita após a produção de um Atlas Linguístico do Brasil e, ainda, ao tomar por base os estudos realizados com os dados coletados pelo atlas nacional, certamente, concorda-se com a urgência em examinar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953) em relação ao estado de São Paulo. Em muitos aspectos, a proposta se confirma, mas mostra-se frágil em alguns pontos, como é possível verificar nos diferentes trabalhos desenvolvidos até o momento e que se traduz na reflexão de Santos (2016) quanto ao estudo das designações para os *Jogos e Diversões Infantis* no falar fluminense:

> É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao cotejar os dados das pesquisas alibianas (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas. No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do Falar Fluminense, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal (SANTOS, 2016a, p. 189-190).

Considerando a necessidade de estudos na atualidade sobre a divisão dialetal e os argumentos mencionados sobre a diversidade na fala dos habitantes do

estado de São Paulo, esta pesquisa busca atender essa condição, pois alguns estudos já indicam evidências de um subfalar paulista próprio, dentro do falar sulista, ou mesmo desvinculado da região Sul.

No próximo capítulo, serão apresentadas informações sobre a história e a formação do estado de São Paulo e sobre os *Jogos e Diversões Infantis* que serão analisados.

CAPÍTULO 02: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO GEOGRÁFICA INVESTIGADA E DA ÁREA SEMÂNTICA ESTUDADA

Este capítulo tem como objetivo tecer considerações gerais acerca de fatos importantes da história nacional, focalizando aspectos relativos à região Sudeste, mais especificamente ao estado de São Paulo. Para isso, recuperam-se alguns episódios da formação do território paulista e de seus estados limítrofes, como as capitanias hereditárias que integraram o espaço que resultou no atual estado de São Paulo; a transformação da capital em uma metrópole; os ciclos econômicos, os processos migratórios e a complexidade do cenário do estado em sua totalidade marcado por oposições e diversidades entre o interior e a capital, estrangeiros x brasileiros, pobres e ricos.

Ademais, destacam-se algumas informações sobre os entretenimentos infantis em épocas pretéritas (atividades mais rústicas) e contemporâneas (mais tecnológicas), além de breve descrição dos objetos/brincadeiras cujas denominações foram objeto de análise neste trabalho e uma relação de estudos concluídos sobre os entretenimentos infantis.

Esse panorama histórico proposto no capítulo tem como finalidade fornecer informações que auxiliem na compreensão da história-social do estado de São Paulo e áreas circunvizinhas e na sua possível influência sobre escolhas lexicais realizadas pelos habitantes dessas localidades investigadas.

2.1 São Paulo: território e histórico do povoamento

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o território que na atualidade compreende o estado de São Paulo era habitado por nativos, em sua maioria, povos indígenas tupi e guarani. Boa parte do litoral era ocupado pelos tupi, que se estendiam do Ceará até o litoral paulista, e pelos guarani, que estavam espalhados no litoral Sul e nas bacias do Rio Paraná e Paraguai. Além desses povos, existiam outros que residiam no interior do país e buscavam sobreviver durante o processo de reconhecimento do território. Segundo Mesgravis (2003, p. 7):

> A resistência indígena foi feroz e constante e as alianças entre tribos tradicionalmente inimigas revelam que os antigos habitantes do planalto e do litoral perceberam claramente o perigo que corriam e que a única solução era impedir o avanço e o fortalecimento dos estabelecimentos europeus.

Durante os primeiros anos pós-descobrimento, o cenário era de exploração das terras, busca por mão-de-obra e conquista do território pelos países da Europa, panorama esse que fez com que as regiões litorâneas e, neste particular, o estado de São Paulo fosse nos seus primeiros cinquenta anos, territórios "[...] plenos de um sobressalto constante, pois enquanto os jesuítas aliciavam os índios, os povoadores não cessavam suas entradas em busca de mão-de-obra e de mercadoria escrava para vendê-las às outras capitanias e, até, para Buenos Aires" (MESGRAVIS, 2003, p. 6-7).

Ao pontuar esses fatos, nota-se que a história dos primeiros anos do povoamento do Brasil foi marcada por diferentes cenários de disputa de mão-de-obra, poder e terras. Essas questões acabaram por exigir uma organização política interna do território, como uma das alternativas implantam-se os sistemas de Capitanias Hereditárias.

2.2 Formação das Capitanias

Após a descoberta da América por Cristovão Colombo (1492), o território considerado brasileiro, na atualidade, sofreu uma partição estabelecida pelo "Tratado de Tordesilhas" (1494), acordo assinado pelos reis de Portugal e Espanha, que definiu que as terras que viessem a ser descobertas seriam divididas entre os dois países e seriam demarcadas pelo meridiano a 370 léguas a oeste da ilha de Santo Antão, no Arquipélago de Cabo Verde[149].

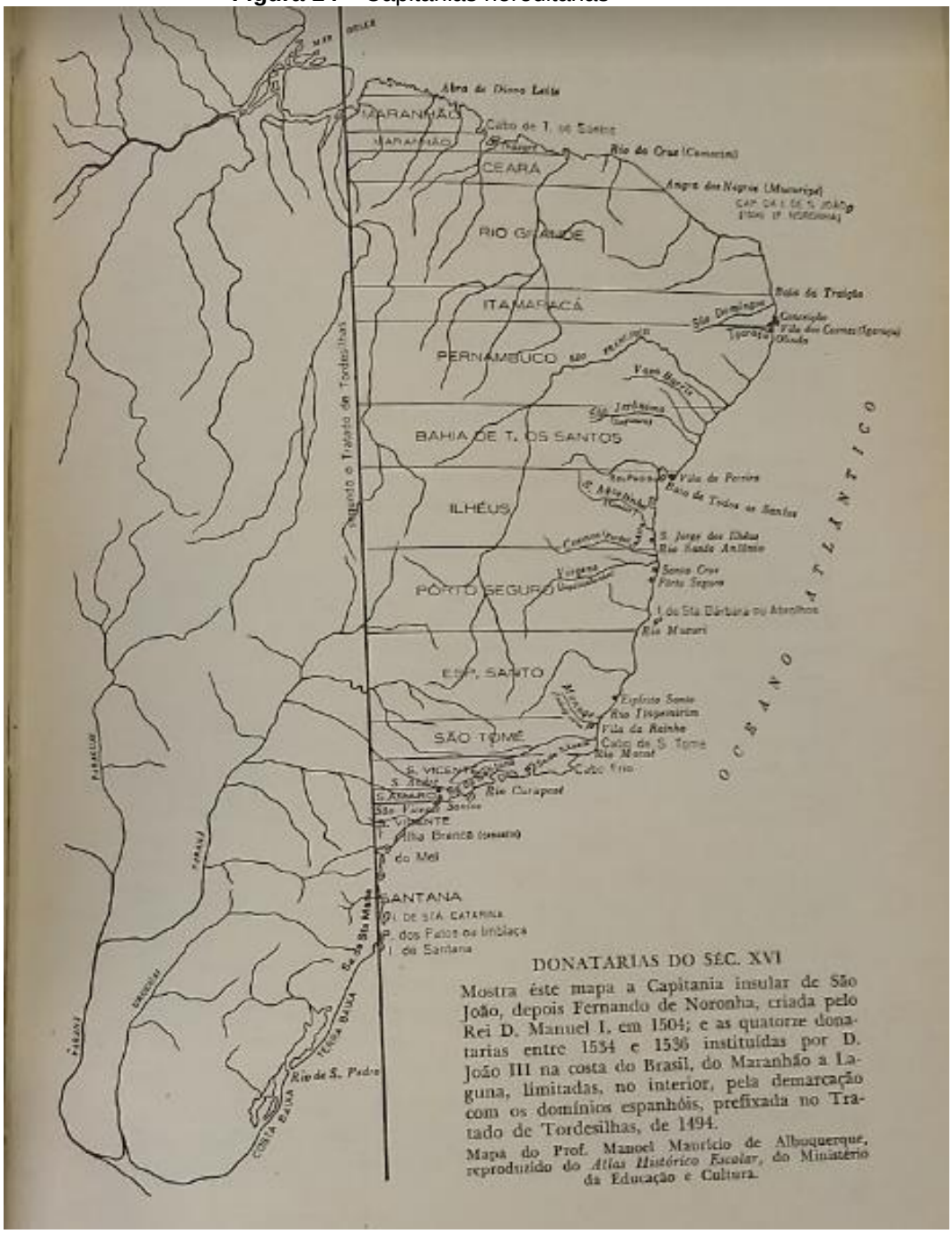
Depois do descobrimento do Brasil (1500), devido às dimensões continentais do futuro país, o Rei de Portugal optou por realizar uma divisão administrativa para facilitar a proteção do território e o melhor aproveitamento das terras no Brasil colonial, ou seja, porções de terra, doadas pelo então rei de Portugal, D. João III, para donatários. Como uma das primeiras divisões, o rei realizou uma partição em 14 capitanias[150]: Capitania do Maranhão (I); Capitania do Maranhão (II); Capitania do Ceará; Capitania do Rio Grande; Capitania de Itamaracá; Capitania de Pernambuco; Capitania da Baía de Todos os Santos; Capitania de Ilhéus; Capitania de Porto Seguro; Capitania do Espírito Santo; Capitania de São Tomé; Capitania de

[149] Além da demarcação do Tratado de Tordesilhas houve, posteriormente, outras alterações/acordos nos limites territoriais, como o Tratado de Madrid (1750).

[150] "Como grande parte das Capitanias foi destruída por ataques de índios e vários donatários sequer vieram ao Brasil, a Coroa criou, em 1549, o Governo Geral – estrutura administrativa que incluía um governador-geral, um punhado de magistrados e funcionários dependentes do rei" (PRIORE; VENÂNCIO; 2003, p. 34).

São Vicente; Capitania de Santo Amaro; Capitania de Santana. Veja, a seguir, mapa com as referidas divisões territoriais:

Figura 14 – Capitanias hereditárias[151]



Fonte: Viana (1965, p. 67).

O território que originou o atual estado de São Paulo foi fruto das Capitanias de São Vicente e de Santo Amaro, que estavam sob a responsabilidade dos irmãos

[151] Mapa extraído da obra História do Brasil – Vol 1 (1965, p. 67), de Hélio Vianna com a informação de que o mapa é de autoria do Prof. Manoel Maurício de Albuquerque, reproduzido do Atlas Histórico Escolar, do Ministério da Educação e Cultura.

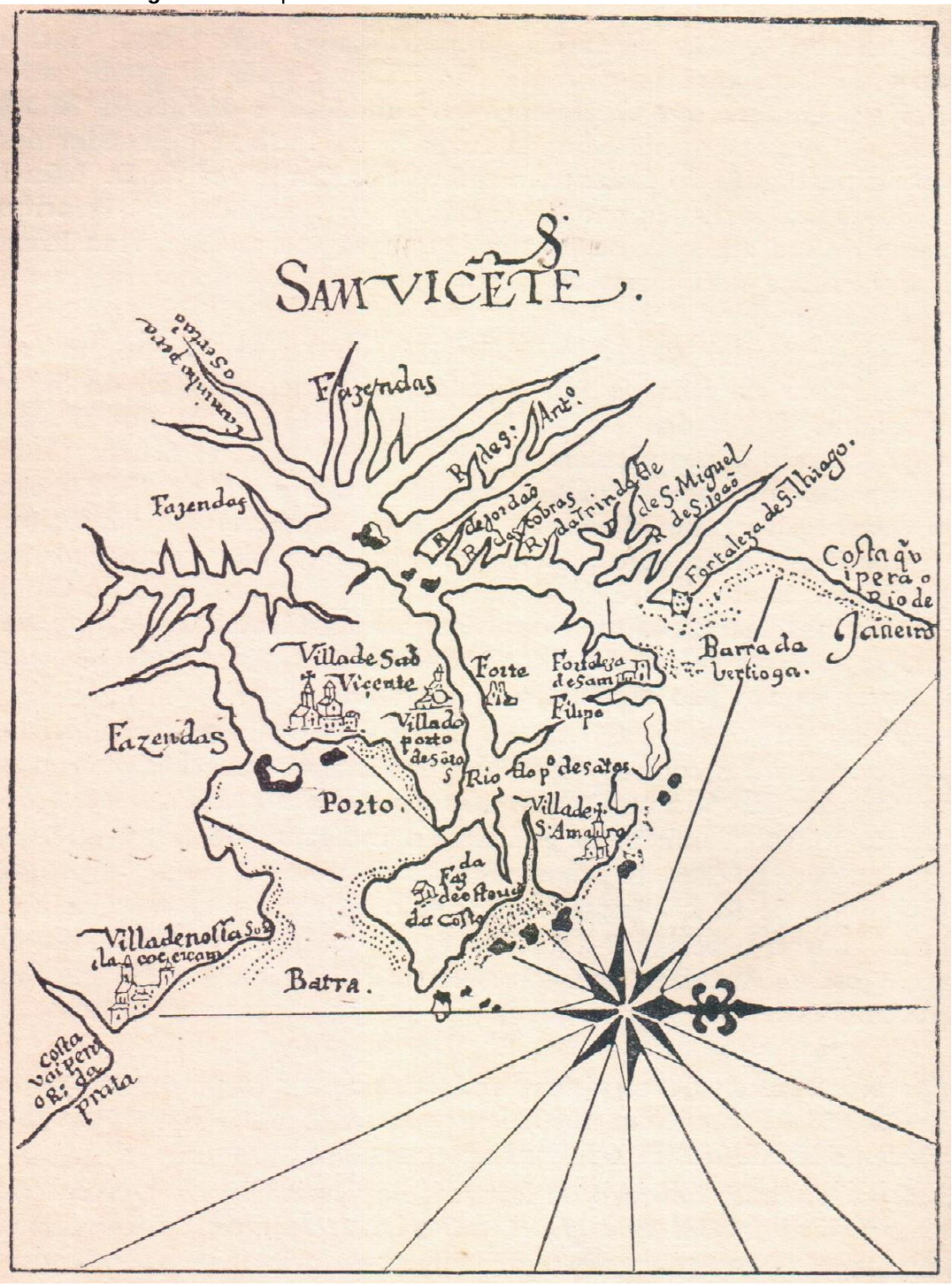
Martim Afonso e Pero Lopes de Souza. Essas capitanias compreendiam “110 léguas ao longo da costa e um sertão que confinava com terras da Espanha, segundo a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas” (BACELLAR; BRIOSCHI,1999, p. 36).

Na sequência, são pontuadas as informações acerca das capitanias que deram origem ao estado de São Paulo.

2.3 Capitanias de São Vicente e Santo Amaro

A Capitania de São Vicente foi criada em 1534 e era dividida em duas seções: sul, que compreendia a região de Bertioga (SP) até Cananéia/Ilha do Mel (PR), e norte, que abrangia a região de Macaé (RJ) até Caraguatatuba (SP). A Capitania de Santo Amaro, também criada em 1534, estendia sua área desde a foz do rio Juqueriquerê, em Caraguatatuba, até Bertioga. Visualize na Figura 15 o mapa dessas duas capitanias:

Figura 15 – Capitanias de São Vicente e São Amaro no século XVI[152]



Fonte: Viana (1965, p. 76)

[152] Mapa extraído de História do Brasil – Vol1 (1965, p. 76), de Hélio Vianna com a informação de que o mapa é reproduzido do Roteiro de todos os Sinais, Conhecimentos, Fundos, Baixos, Alturas e Derrotas que há na Costa do Brasil, desde o Cabo de Santo Agostinho até o Estreito de Magalhães, códice do século XVI que se guarda na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa.

Na seção sul da capitania de São Vicente, havia o cultivo da cana-de-açúcar que, apesar de ser uma cultura importante, não foi suficiente para competir com o Nordeste brasileiro. Por sua vez, a Capitania de Santo Amaro encontrava-se em situação pior, pois era composta basicamente pela faixa litorânea da região e "encravada na de São Vicente, à sua sombra prosperou um pouco a de Santo Amaro" (VIANNA, 1965, p.77). Gândavo, em seu *Tratado da Terra do Brasil: história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* ([1576], 2008), assim descreve a Capitania de São Vicente[153]*:*

> Tem três povoações, e uma fortaleza que está numa ilha junto da terra firme quatro léguas para o Norte que se chama Britioga; daqui defendem esta capitania dos índios, e franceses com artilharia que há na mesma fortaleza. A principal povoação se chama Santos, onde está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. A outra mais avante ao longo do rio uma légua é São Vicente; também há nela outro mosteiro de padres da Companhia. Pela terra dentro dez léguas edificarão os mesmos padres uma povoação entre os índios que se chama - o Campo, na qual vivem muitos moradores, a maior parte deles são mamelucos filhos de portugueses e de índias da terra. Aqui e nas mais capitanias têm feito estes padres da Companhia grande fruto e fazem com que a terra vá em muito crescimento, trabalham por fazer cristãos a muitos índios e metem muitas pazes entre os homens; também fazem restituir as liberdades de muitos índios que alguns moradores da terra têm mal resgatados: assim que sempre acodem aos que se desviam do serviço de Deus e de S.A.
> Haverá nesta capitania quinhentos vizinhos[154], tem quatro engenhos de açúcar e muitas terras viçosas de que os moradores tiram muitos mantimentos e fazenda e vivem todos mui abastados. Esta é a última capitania que há nestas partes do Brasil... (GÂNDAVO, 2008, p. 49-50).

Como é possível notar, mesmo com donatários diferentes, as duas capitanias tinham trajetórias muito semelhantes: "[...] na realidade quase que se imaginavam uma só; e inclusivamente tinha um só provedor, contador e alcaide-mor que era o velho Brás Cubas[155]" (VARNHAGEN, 1975, p. 17-18). O fato é que as capitanias de

[153] O livro foi um dos primeiros publicados sobre o Brasil e foi impresso pela primeira vez em 1576 pelo historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo. A edição consultada foi publicada em 2008, pela Editora do Senado.

[154] Em relação as localidades vizinhas, Vianna (1965, p.75) registra a esse respeito novas povoações que apareceram: "Todos os Santos ou simplesmente Santos, fundada por Brás Cubas, cujo porto substituiria o de São Vicente, tornado impraticável; Santo André da Borda do Campo e São Paulo do Campo de Piratininga, no planalto; Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém e Iguape, na costa sul; como Ilha Grande de Angra dos Reis, no litoral que corria para o Rio de Janeiro" (VIANNA, 1965, p. 75).

[155] Segundo Varnhagen (1975): "Brás Cubas nasceu em Portugal e foi um explorador português. Chegou ao Brasil em 1531 e a partir de 1536 recebeu sesmarias na Capitania de São Vicente. Em

São Vicente e Santo Amaro, administrativamente, eram consideradas como uma única, somando ao fato de terem tido o mesmo dono, em 1620, o Conde de Monsanto. Posteriormente (1709), a Capitania de São Vicente foi comprada pela coroa portuguesa:

> No ano de 1709, a Coroa Portuguesa comprou as Capitanias de Santos e São Vicente de seus antigos donatários, criando a Capitania Real de São Paulo e Minas do Ouro. A Capitania limitava-se ao sul e a oeste com os domínios espanhóis, ao norte com as Capitanias do Grão-Pará e Maranhão e a leste com a Bahia e Rio de Janeiro. A aquisição feita pela Coroa Portuguesa passava para seu controle direto, não somente a administração da zona de mineração, assim como toda a área de fronteira, em constante litígio com os espanhóis. Com o crescimento da atividade mineradora, a antiga Capitania Real de São Paulo e Minas do Ouro foi desmembrada em duas, no ano de 1720, dando origem às Capitanias de São Paulo e de Minas Gerais. Em 1738, a Ilha de Santa Catarina e o Continente de São Pedro (Rio Grande do Sul), situado no extremo sul da Capitania de São Paulo passaram para o governo do Rio de Janeiro. Em 1748, foram criadas as Capitanias de Goiás e de Mato Grosso, também destacadas do antigo território paulista (BACELLAR; BRIOSCHI,1999, p. 37).

Devido a essa nova conjuntura da colônia e, também, por uma questão de sobrevivência, os moradores das capitanias buscavam alternativas de trabalho, dentre as quais destacaram-se dois movimentos muito importantes para a exploração das diferentes regiões do país e que acabaram por influenciar sobremaneira a configuração territorial do Brasil: o movimento das entradas e o das bandeiras.

2.4 Entradas e Bandeiras

O movimento das Entradas eram caracterizadas por expedições oficiais organizadas pelo governo e o das Bandeiras, eram expedições financiadas por particulares-senhores de engenho, donos de minas, comerciantes. Esses grupos tinham como objetivo, de modo geral, capturar os índios, procurar pedras e metais preciosos. Porém, em decorrência das atividades que realizavam, acabaram por explorar grande parte do território brasileiro que não estava situado na faixa litorânea.

1545, foi considerado capitão-mor de São Vicente e em 1551 foi nomeado por D. João III Provedor e Contador das rendas e direitos da Capitania. Durante sua vida ainda destacou-se na defesa da Capitania de São Vicente, realizou expedições rumo ao interior do país em busca de ouro e prata e fundou uma vila, que futuramente se tornaria a cidade de Santos".

Para Cassiano Ricardo (1942), as Bandeiras foram quem verdadeiramente colaboraram para a expansão territorial do Brasil, porém é indiscutível a importância dos movimentos das Entradas, entre outros grupos para a marcha em direção ao oeste do país:

> A 'marcha para oeste' se faz, entre outros modos e feitios, com as entradas, com as missões jesuíticas, com a expedição agropastoril, com as expedições destinadas a repelir o invasor, com as migrações de povos do litoral e com as bandeiras, embora estas últimas tenham maior raio de ação e uma organização característica (RICARDO, 1942, p. 31).

Tratando-se das Bandeiras, os primeiros objetivos dessas expedições era a captura de nativos (sobretudo os mais jovens por serem mais maleáveis a dominação), para tornarem-se mão-de-obra. Porém, como resultado da própria exploração do território, suas intenções foram sendo alteradas diante das novas opções descobertas:

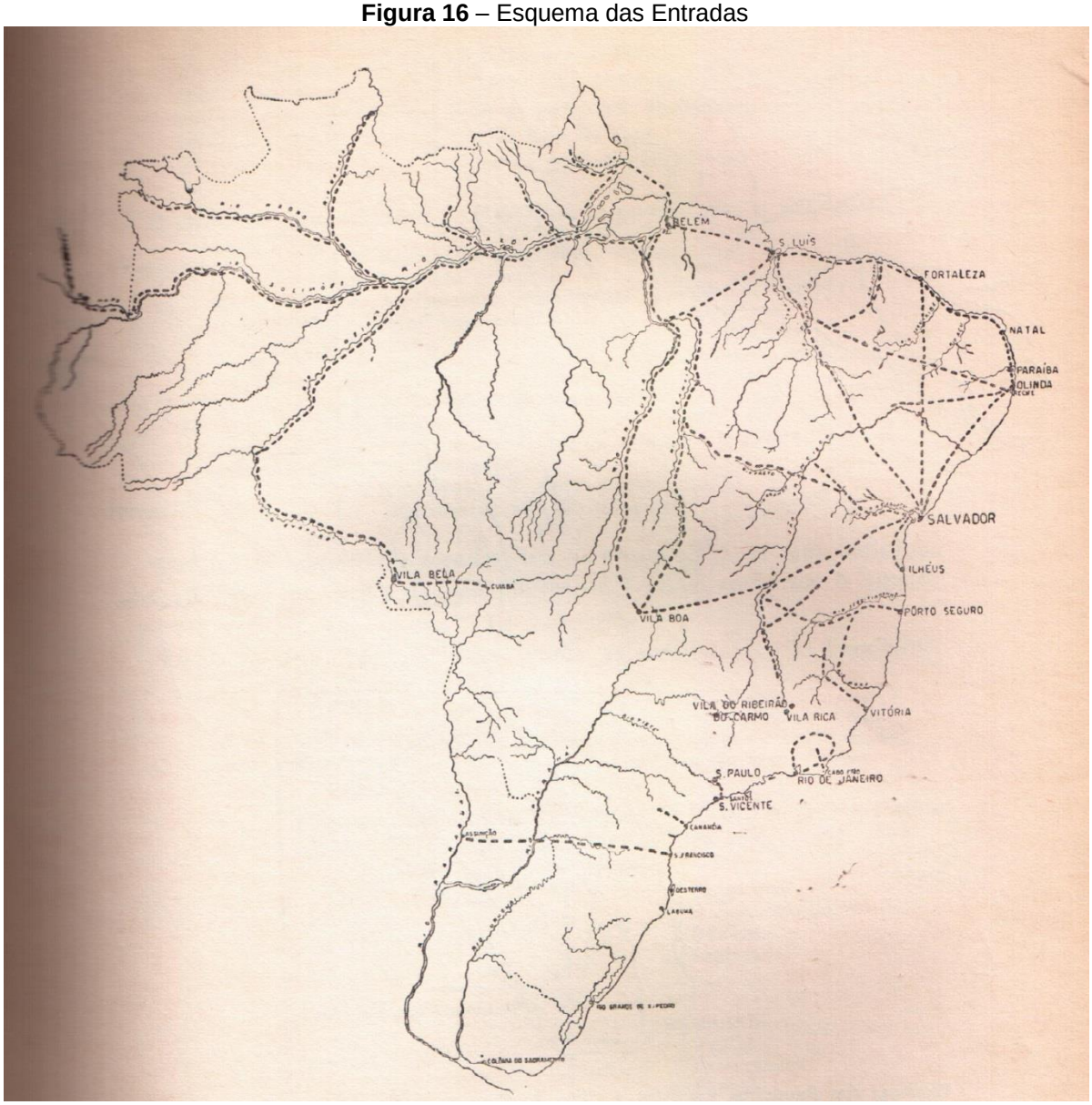
> O bandeirantismo, designação dada ao movimento de penetração realizado principalmente por moradores da capitania de São Vicente (depois denominada de São Paulo), começou com o ciclo da caça ao índio, ainda na segunda metade do século XVI; entrou no setor da mineração com o ciclo do ouro de lavagem; assumiu, depois, o original aspecto apresentado pelo ciclo do sertanismo de contrato; continuou já em fins do século XVII e primeira metade do seguinte, com o grande ciclo do ouro, e terminou, ainda na era de setecentos, nos ciclos de povoamento (VIANNA, 1965, p. 192).

Muitas informações sobre esses movimentos têm sido contestadas, inclusive Vianna (1965, p. 193) argumenta que: "Deve ser observado que tem variado muito a opinião de historiadores brasileiros quanto à significação exata do movimento bandeirantista, e, sobretudo, quanto ao paralelismo entre êle e as entradas[156]".

Considerando os dois movimentos, reproduzimos, com base em Vianna (1965) algumas figuras que demonstram a expansão/exploração do território realizado pelas Bandeiras e as Entradas. A Figura 16 indica os traçados das Entradas em relação aos pontos de partida e chegada:

[156] Mais informações podem ser obtidas em: *Entradas e Bandeiras* (capítulo XIX), na obra *História do Brasil: Período Colonial – volume 1* (1965), de Hélio Vianna.

Figura 16 – Esquema das Entradas



Fonte: Viana (1965, p. 197).

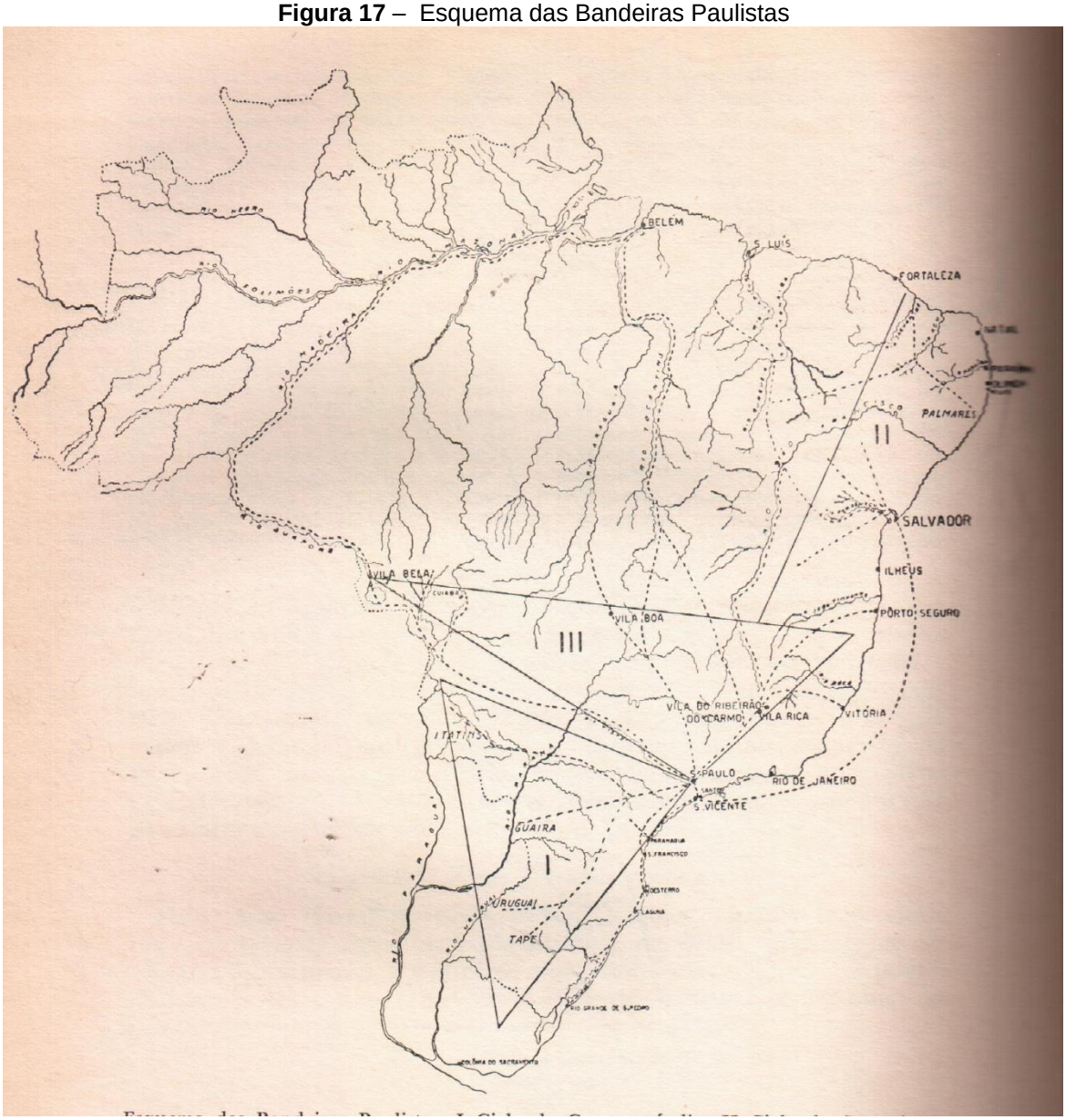
Verifica-se na Figura 16 que as Entradas estavam identificadas como: vicentinas (anteriores às bandeiras), cariocas, capixabas, de Porto Seguro, de Ilhéus, baianas, sergipanas, pernambucanas, cearenses, maranhenses, amazônicas.

Quanto às bandeiras, eram identificadas, considerando os ciclos: i) da caça ao índio, ii) sertanismo de contrato[157], iii) ciclo do ouro. Na sequência, é possível

[157] "[...] A ação de bandeirantes contratados pelo govêrno-geral para combater indígenas inimigos, primeiramente nas capitanias da Bahia de Todos os Santos e Ilhéus, depois nas do Rio Grande (do Norte) e Ceará, além de igualmente contratados para destruir os quilombos de negros fugidos dos Palmares, ao sul da Capitania de Pernambuco, inclusive em terras hoje alagoanas. Liga-se a êsse ciclo o devassamento do território do atual Piauí, em que vicentinos participaram do povoamento,

visualizar a Figura 17 que apresenta o esquema das Bandeiras Paulistas, considerando os ciclos indicados:

Figura 17 – Esquema das Bandeiras Paulistas



Fonte: Viana (1965, p. 198)

Após a visualização do esquema utilizado pelas Bandeiras considerando a indicação dos ciclos (Figura 17), é possível verificar no Quadro 10 a localização desse movimento conforme essa subdivisão:

iniciado por entradistas partidos da Bahia. É uma fase que decorre principalmente na segunda metade do século XVII, entrando nos primeiros anos da centúria seguinte" (VIANA, 1965, p. 218).

Quadro 10 – Síntese dos ciclos e respectivas localizações das Bandeiras

Bandeiras	**Sul**	Ciclo de caça ao índio	Capitania de São Vicente Guairá (oeste do Estado do Paraná) Tape (centro do Rio Grande do Sul) Itatim (sudoeste de Mato Grosso)
		Ciclo do ouro de lavagem	Capitania de São Viente (inclusive terras do atual estado do Paraná)
		Ciclos de povoamento	Litorâneo Paranaguá São Francisco do Sul Destêrro Laguna
			Interno Curitiba Tibagi Guarapuava Palmas Lajes
	Leste e Nordeste	Ciclo do sertanismo de contrato	Bahia e Ilhéus Rio Grande e Ceará (Guerra dos Bárbaros) Pernambuco (Palmares)
		Ciclos de povoamento	Rio S. Francisco Bahia Piauí Pernambuco (Palmares)
	Centro	Grande ciclo do ouro	Minas Gerais Mato Grosso (pelas monções) Goiás

Fonte: Elaboração da autora com base em Viana (1985, p. 199-200).

Além desses dados já fornecidos, cabe ainda elencar os objetivos de cada um dos movimentos de penetração (Quadro 11):

Quadro 11 – Objetivos das Entradas e das Bandeiras

Objetivos dos movimentos	
Entradas	**Bandeiras**
1. Exploração geográfica; 2. Pesquisas minerais; 3. Apresamento de indígenas; 4. Exploração econômica; (indústria extrativa –vegetal, agricultura e criação de gado); 5. Abertura de vias de transporte.	1. Apresamento de indígena; 2. Pesquisas minerais; 3. Combate aos indígenas rebelados e negros aquilombados; 4. Povoamento de novas terras; 5. Abertura de vias de transporte.

Fonte: Elaboração da autora com base em Viana (1985, p. 199).

Ao verificar as informações, nota-se que tanto as Bandeiras quanto as Entradas tinham concepções próprias e que, independente de suas motivações, a afirmação de Vianna sobre a importância dos movimentos é cabível, já que, ambos: "[...] cooperaram com as autoridades do Reino e da Colônia, os militares, diplomatas e sacerdotes portuguêses e brasileiros, para dar ao Brasil a expansão territorial, a

configuração geográfica e a unidade política que hoje possui" (VIANNA, 1965, p. 196).

Haja vista as contribuições empreendidas pelo movimento das Bandeiras e Entradas, verifica-se que a configuração territorial não apenas do Brasil, mas do estado de São Paulo e da área investigada neste estudo sofreram modificações. E, possivelmente, os deslocamentos desses grupos influenciaram na formação do território, da população, das migrações e da própria sócio-história de São Paulo e de seus habitantes.

Na sequência, são tratados alguns fatos referentes aos ciclos econômicos do Brasil Colônia, considerando o estado de São Paulo, e períodos subsequentes.

2.5 Do Brasil Colônia ao século XX

No Brasil Colônia, séculos XVI a XVIII, os ciclos econômicos se concentravam de forma mais intensa no Nordeste brasileiro, mas, a capitania de São Paulo ia tentando manter-se a partir da agricultura:

> Com a restauração da Capitania e o governo do Morgado de Mateus, São Paulo superou o período bandeirante e voltou-se para o desenvolvimento da agricultura, não apenas para o abastecimento interno, mas também para exportação. Antes do final do século XVIII, foram feitos os primeiros embarques de algodão e açúcar para Lisboa, a partir do porto de Santos. O povoamento mais intensivo do território, no entanto, só se deu a partir da última década do século XVIII, com a entrada maciça de mineiros no território paulista (BACELLAR; BRIOSCHI,1999, p. 38).

A introdução do café no Brasil foi primordial para que os olhares se voltassem mais para o Sudeste brasileiro. "Na segunda década do século XVIII, o café chegou ao Brasil trazido da Guiana Francesa e, no século XIX, destacou-se na economia da Região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo), sendo exportado para a Europa e os Estados Unidos" (ISQUERDO; TELES, 2014, p.64).

Com a necessidade de exportação do café, dois fatos importantes acabaram por destacar o estado de São Paulo no cenário nacional: o transporte ferroviário e a chegada de grupos de migrantes da Europa, sobretudo os italianos.

> Na passagem do século XIX para o XX e nas duas primeiras décadas deste último, era evidente o predomínio inconteste da força de trabalho estrangeira, especialmente a italiana, que chegou a ocupar três quartos do mercado de trabalho nas indústrias. São Paulo era uma cidade europeia, ao menos na configuração da sua população (VILLA, 2017, p. 12).

Nesse período de transição de século XIX/XX, além dos italianos (oriundos das áreas rurais), também vieram para o Brasil, suíços, alemães, portugueses, espanhóis e belgas e, na primeira metade do século XX, chegaram os orientais, sobretudo os japoneses. A Tabela 1 extraída de Truzzi (2016), indica o número de entrada dos principais grupos de imigrantes em São Paulo entre os anos de 1872 e 1949.

Tabela 1 – Número de imigrantes que chegaram ao Brasil (XIX/XX)

Ano	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Total das entradas
1872-1879	45467	55027	3392	---	176337
1880-1889	277124	104690	30066	---	448622
1890-1899	690365	219353	164293	---	1198327
1900-1909	221394	195586	113232	861	622407
1910-1919	138168	318481	181651	27432	815453
1920-1929	106835	301815	81931	58284	846647
1930-1939	22170	102743	12746	99222	332768
1940-1949	15819	45604	4702	2828	1140885

Fonte: Truzzi (2016, p. 22).

Esses fluxos imigratórios só começaram a diminuir no Estado Novo, na Era Vargas (1930-1945), momento em que o país deixou de investir numa política de imigração, pois, após 1934, a Constituição estabelecia um sistema de quotas, que: "[...] Restringia sensivelmente as imigrações estrangeiras: a cada ano não poderiam entrar no país mais que 20% sobre o total de cada nacionalidade que entrara nos últimos 50 anos. Além disso, 80% dos imigrantes deveriam ser agricultores" (SANTOS, 1994, p. 27).

Mesmo com a diminuição da entrada de estrangeiros no Brasil, é inegável a relevância que os imigrantes, em especial os advindos da Europa, tiveram na formação da população brasileira. Segundo Ribeiro (1995), na cidade de São Paulo, os estrangeiros alteraram sobremaneira a configuração da localidade:

> O que não aconteceu com o Brasil aconteceu em São Paulo, que se viu avassalado pela massa desproporcional de gringos que caiu sobre os paulistanos. Em 1950, os estrangeiros, principalmente italianos e seus descendentes, eram mais numerosos do que os paulistas antigos. A esse soterramento demográfico corresponde uma europeização da mentalidade e dos hábitos (RIBEIRO, 1995, p. 407).

Além das imigrações, na segunda metade do século XX, São Paulo recebeu um grande número de moradores provenientes de outras regiões do Brasil, sobretudo de nordestinos que, fugindo da seca e da pobreza, buscavam novas oportunidades de vida em uma região considerada a mais promissora do país. Esse processo migratório atingiu seu ponto máximo em 1950 e contribuiu para a formação das atuais metrópoles:

> As migrações internas, que no Brasil correspondem ao êxodo rural, intensificado a partir de 1930, atingiram o ápice na década de 50, com o adensamento demográfico das principais cidades do país. São Paulo e Rio de Janeiro foram as cidades que mais receberam imigrantes, que, em geral, foram expulsos do campo e dirigiam-se para essas metrópoles em busca de trabalho e melhores condições de vida (SANTOS, 1994, p. 30).

De fato, a migração começou ainda antes do início do século XX[158], porém o controle da chegada dos migrantes era bastante precária: "O registro do número de 'trabalhadores nacionais' – como eram denominados os migrantes – era muito falho, diferentemente do que ocorria com os estrangeiros" (VILLA, 2017, p 12). Levando em conta a migração nas décadas anteriores, o mesmo autor citado complementa a afirmação com os seguintes dados: "Desde o último quartel do século XIX, especialmente após a grande seca de 1877-1879, quando morreram 600 mil nordestinos, cerca de 4% da população brasileira da época, há notícias de migrantes em São Paulo" (VILLA, 2017, p. 11).

Essa situação, juntamente com outros fatores (processo de colonização, ciclos econômicos ocorridos no estado, urbanização da capital, industrialização, chegada e fixação de imigrantes e pessoas oriundas do Nordeste nas diferentes regiões do estado de São Paulo), contribuiu para a constituição da sociedade que, por sua vez, deu origem a um estado multifacetado. Ademais, esses elementos podem ter auxiliado na fixação da população em diferentes partes do território paulista o que, por conseguinte, contribuiu para a distribuição demográfica da população.

[158] Até 1930, os olhares estavam voltados para a mão-de-obra externa devido à política de imigração que financiava a vinda de estrangeiros ao Brasil. "[...] as famílias imigrantes chegavam a São Paulo com passagens pagas pelo estado" (TRUZZI, 2016, p. 28).

Confirmando essa proposição, Amaral (1920) assinala as mudanças pelas quais a sociedade paulista passou no século XX e das suas interferências no falar da população:

> De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra[159], modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal. Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. [...] A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social (AMARAL, 1920, p. 41-42).

O cenário descrito por Amaral[160] (1920) aponta para as transformações de uma sociedade na transição de um país rural para a urbanização[161] e que tinha os olhares atraídos para a região Sudeste do Brasil, sobretudo para São Paulo (capital e estado):

> São Paulo atraía cada vez mais as populações de outras regiões, assim como a população, nas décadas anteriores, migrara para outras cidades do estado, atendendo principalmente à demanda por mão-de-obra para a cafeicultura. Durante a década de 80, o estado de São Paulo recebeu cerca de 7 milhões de imigrantes, sendo que 50% foram para a Grande São Paulo. Entre 1970 e 1980, somente em São Paulo e no Rio de Janeiro vivia cerca de 11% da população brasileira (SANTOS, 1994, p. 34).

Verifica-se que o estado de São Paulo bem como sua capital se transformaram com as (i)migrações o que, consequentemente, colaborou para o aumento demográfico. Esses fatores histórico-geográficos contribuiram para a criação de estereótipos (caipira, baiano) entre as diferentes etnias que viviam no mesmo território e, consequentemente, para a diversidade na população das

[159] Situação também relatada na obra: *Quando eu vim-me embora: história da migração nordestina para São Paulo* (VILLA, 2017, p. 14): "Até nos espaços urbanos de sociabilidade a presença de negros, mulatos e caboclos foi desaparecendo. No lugar das congadas e dos batuques foram surgindo salões de bailes, teatros e, no início do século XX, cinemas".

[160] Monteiro Lobato publicou sobre o título de Dialeto Caipira uma crítica sobre a obra de Amadeu Amaral. Iniciando o texto com a seguinte informação: "Sob este título modesto acaba Amadeu Amaral de compor a primeira gramática da língua portuguesa" (LOBATO, 1979, p. 78).

[161] Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contacto permanente com a civilização exterior (AMARAL, 1920, p.41-42).

diferentes regiões e da capital. Alguns desses acontecimentos são destacados a continuação e acabam por marcar as diferenças pelas quais passaram a sociedade paulista.

2.6 São Paulo: um estado de contrastes

Levando em conta o crescimento populacional do estado de São Paulo e sua miscigenação no século XX, enumeram-se a seguir diferentes situações que fazem parte da sociedade da época e que, acabam por exemplificar diferentes pontos de vista e oposições entre a população.

Entre os elementos contraditórios, tem-se, por um lado, o crescimento da capital que se torna uma das maiores cidades da América Latina, com alta urbanização, geração de emprego, aberta às inovações tecnológicas e industriais, considerada o centro da vida econômica e cultural do país e, por outro, o interior do estado, que conserva características mais tradicionais: com aspecto rural, voltado à agricultura[162] e com a contribuição dos imigrantes e migrantes que chegaram na primeira metade do século XX. Neste particular, discutem-se as migrações internas x externas no território paulista, com destaque para o papel dos estrangeiros vindo da Itália[163] e o distanciamento entre as classes sociais, com ênfase nos papéis desenvolvidos pelas crianças e adolescentes desses grupos.

Considerando as migrações internas e externas, vários aspectos sociais devem ser salientados:

i) o morador do interior do país foi visto como mão-de-obra inferior comparado ao internacional, pois “nos setores mais dinâmicos da economia do centro sul do país o trabalhador nacional, como é sabido, permaneceu como reserva latente de força de trabalho até 1930” (VILLA, 2017, p. 83);

ii) a povoação do interior do estado recebeu diferentes moradores, entre eles, os nacionais, os nordestinos, que, “[...] inicialmente, a ampla maioria destinou-se às fazendas de café ou algodão. Posteriormente dirigiram-se para a região metropolitana de São Paulo, especialmente a capital e o ABC” (VILLA, 2017, p. 8) e os estrangeiros, sobretudo italianos.

[162] Há destaques no interior para a área comercial, informação que será detalhada na sequência.
[163] Opta-se por priorizar os italianos por ser a etnia que numericamente se sobressaiu no cenário da imigração (séc. XIX/XX).

Da Itália vieram boa parte dos imigrantes, sobretudo de quatro regiões (Vêneto, Campânia, Calábria e Lombardia)[164] que, em sua maioria, também passaram a trabalhar nas lavouras do café: "[...] os imigrantes de Vêneto não titubearam em compor a massa de colonos do café espalhados por todo o oeste paulista" (TRUZZI, 2016, p. 33).

Já os imigrantes originados da região da Calábria, ao chegarem a São Paulo, "alternaram-se entre as lides rurais mais atinentes ao trabalho de formação das fazendas (ou como diaristas) e a de mascates, pequenos negociantes ou artesãos instalados tanto na capital quanto em muitos municípios do interior" (TRUZZI, 2016, p.34).

De modo geral, os estrangeiros vinham casados e buscavam trazer os filhos e parte dos membros do núcleo familiar, já que a passagem era subsidiada pelos fazendeiros brasileiros que viram na imigração a solução para a substituição do trabalho escravo, pois, de modo geral: [...] tratou-se de uma imigração muito pouco qualificada, mas, por isso mesmo, adequada aos propósitos das elites rurais que desejavam tão somente substituir a mão de obra escrava nas fazendas de café (TRUZZI, 2016, p.32).

No processo de fixação da população de origem italiana no estado de São Paulo, houve comportamentos distintos quanto à autonomia, aglomeração e até mesmo desenvolvimento econômico dessas pessoas.

Não havia uma regularidade nos lugares de permanência dos estrangeiros, inclusive algumas populações vindas de uma região específica da Itália, às vezes, fixavam-se nas mesmas cidades do estado, ou havia agrupamentos de pessoas de diferentes origens da Itália em uma mesma localidade.

> Em São Carlos, por exemplo, tomando-se por base os registros paroquiais de casamento de italianos entre 1869 e 1940, pode-se avaliar o mosaico das diversidades regionais: foram identificados casamentos de cônjuges originários de todas as vinte regiões italianas em que o país se divide, quatorze delas apresentando no mínimo cinquenta indivíduos. Assim, casaram-se apenas em São Carlos, no período em questão, cônjuges nascidos em mais de quinhentos municípios e vilas distintas do território italiano (TRUZZI, 2016, p. 35).

[164] Segundo Truzzi (2016, p. 34): "Vêneto, Campânia, Calábria e Lombardia foram as quatro regiões que mais contribuíram para o fluxo de italianos ao Brasil (cerca de 60%, entre os anos de 1876 a 1920), mas a emigração para cá abrangeu também muitas outras regiões da Itália".

Para o sul do Brasil (meio rural), entretanto, era mais homogêneo o deslocamento para um mesmo ponto das pessoas que eram originadas de uma região da Itália.

Porém, em algumas fazendas, a depender dos patrões e, sobretudo, das cidades do interior de São Paulo, observa-se que não havia formação de agrupamentos, pois “o isolamento imposto aos colonos pelo sistema disciplinar das fazendas inibia formas de organização política ou étnica” (TRUZZI 2016, p. 47-48), ações essas que minimizavam ou mesmo impediam as oportunidades de estudo[165] dos imigrantes, mesmo que em escolas italianas da região.

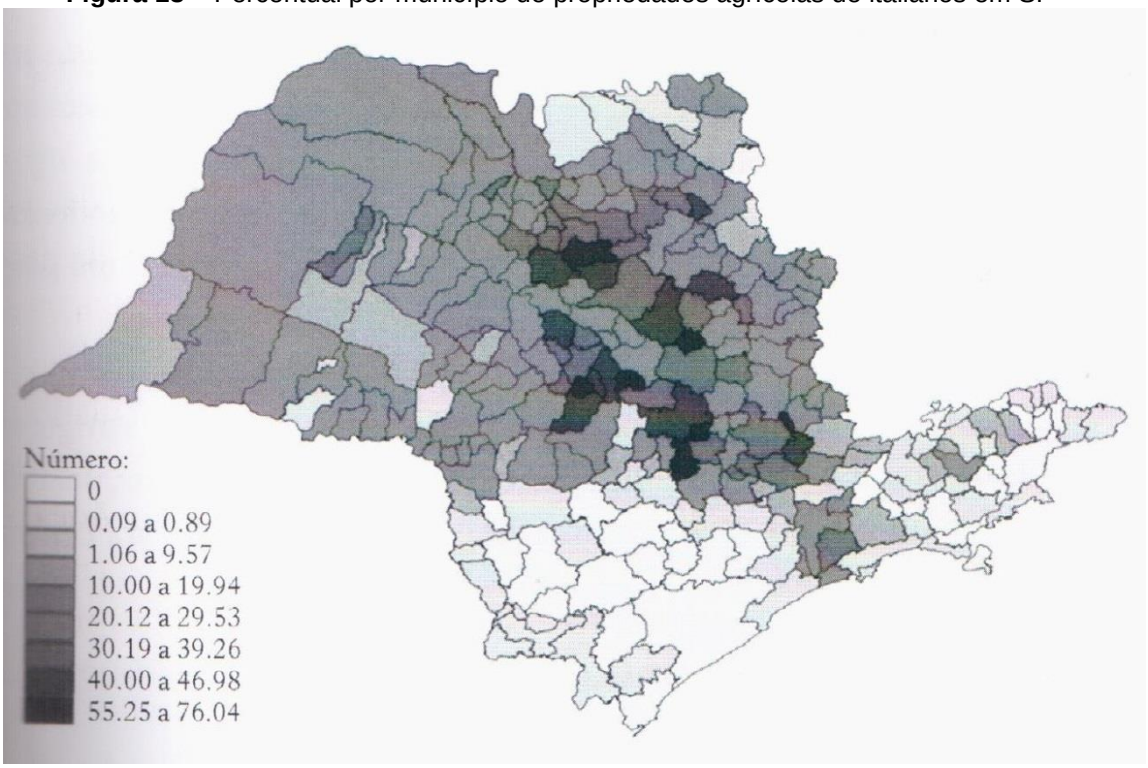
Apesar de um cenário bastante complexo, a imigração italiana teve situações de sucesso, como foi o caso de algumas propriedades rurais que foram adquiradas pelos estrangeiros.

> Desse modo, e especialmente entrados os anos de 1920, para algumas famílias de imigrantes – particularmente aquelas oriundas do Vêneto – o velho sonho de se tornarem proprietárias finalmente pôde ser atingido, mesmo que às custas de uma longa e penosa trajetória, por vezes iniciada duas ou três décadas antes. A crescente ocorrência desse fenômeno deveu-se ao dinamismo da economia cafeeira e, principalmente, à existência de uma fronteira agrícola em expansão, o que significava que famílias de italianos puderam em alguma medida usufruir de uma ascensão socioeconômica sem que isso significasse ameaçar a posição das oligarquias rurais nativas, sobretudo adquirindo pequenas e médias propriedades nas regiões mais a oeste do estado (TRUZZI, 2016, p. 59).

Considerando os anos de 1934-1935, a Figura 18 traz o percentual por município de propriedades agrícolas pertencentes a italianos no estado de São Paulo.

[165] Nota da obra Italianidade no interior paulista (Oswaldo Truzzi, 2016, p. 48) referindo-se a Corradini, apud Foerster, op. Cit., p. 317 relata que: “Eu pessoalmente visitei algumas das 120 ou 150 escolas em São Paulo. Com poucas exceções – julgadas sob critérios pedagógicos e sanitários – são um horror e uma vergonha para o nome da Itália”.

Figura 18 – Percentual por município de propriedades agrícolas de italianos em SP[166]



Fonte: Truzzi (2016, p. 59).

No interior do estado, nas áreas urbanas, os italianos também tiveram destaque no comércio. Em algumas cidades acabaram desenvolvendo atividades que auxiliaram sobremaneira no desenvolvimento regional. A seguir, o Quadro 12 indica algumas atividades desenvolvidas pelos imigrantes italianos:

Quadro 12 – Ramos de atividades desempenhadas pelos italianos no interior de São Paulo

Cidades	Atividades desenvolvidas
Araraquara	- óleos e ramos comestíveis; - Instalação de oficinas e escritórios das estradas de ferro;
Bauru	- Instalação de oficinas e escritórios das estradas de ferro; - Funções comerciais;[167]*
Catanduva	- Funções comerciais;*
Descalvado	- Indústria têxtil;
Franca	- Ramo calçadista;
Ribeirão Preto	- Indústria alimentícia, bebida e têxtil;
Rio Claro	- Instalação de oficinas e escritórios das estradas de ferro;
São Carlos	Parque industrial diversificado;
São José do Rio Preto	- Funções comerciais*.

Fonte: Elaboração da autora com base em Truzzi (2016, p. 27-61).

[166] A figura foi extraída de Truzzi (2016, p. 59) e indicada como fonte a obra de Bassanezi, M.S.; Scott, A.S.V.; Bacellar, C.; Truzzi, O., Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1850, p. 78.

[167] Cidades assinaladas com asterisco destacam-se como centros que polarizavam municípios do entorno regional.

Em relação às áreas econômicas na zona urbana, salienta-se que “a constatação mais importante a se fazer é que, aos poucos, constituíram-se elites locais de origem italiana na maior parte das cidades médias do interior paulista” (TRUZZI, 2016, p. 76-77).

O êxito no Brasil representava a realização do sonho de muitos que abandonaram sua terra natal em busca de prosperidade no novo continente. Porém, isso contribuía, ainda mais, para a segregação social e para reforçar a ideia da “distinção estereotipada, mas bastante frequente entre o ‘imigrante trabalhador’ e o ‘brasileiro ou caboclo preguiçosos’” (TRUZZI, 2016, p. 59).

O personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato, nos contos de Urupês (1914), reforça o pensamento de uma parcela da sociedade. O personagem é descrito como “homem simples, atrasado e até, considerado, preguiçoso” que vivia no interior paulista, no Vale do Paraíba. Características que reforçam o valor negativo atribuído ao caipira durante algumas décadas do século passado[168].

Possivelmente, o perfil do personagem foi um dos reflexos da criação dos estereótipos do homem rural paulista do século XX. Além do caboclo nacional, os italianos também buscavam diferenciar-se dos negros, mesmo que vários patrões entendessem que as suas atribuições eram as mesmas:

> Assim, apesar de conviverem durante muitos anos com escravos ou, de modo geral, com mão de obra nacional alocada em tarefas que precediam ou complementavam os cuidados e a colheita nos cafezais, os italianos trataram de enfatizar, a todo momento, suas distâncias em relação a negros e mulatos (TRUZZI, 2016, p. 38).

Essas informações elencadas, acentuam a distância entre os mundos de brancos e não brancos: mestiços, mulatos, negros, passaram, pois, a ser discriminados também pelos próprios italianos que muitas vezes buscavam preservar aspectos de sua identidade (por exemplo, publicações de jornais na língua de origem). Para a camada da população mais abastada, a presença da “italianada” também foi vantajosa, pois o “embranquecimento trazido pelos imigrantes era apontado como uma fórmula redentora”[169].

[168] No decorrer de sua trajetória, Monteiro Lobato justifica que os adjetivos negativos atribuídos a Jeca Tatu são decorrentes de doença e/ou falta de informação.

[169] Nota extraída da *obra Italianidade no interior paulista* (Oswaldo Truzzi, 2016, p. 39) referindo-se a Schwarcz e Queiroz, Raça e diversidade; Maio e Santos, Raça, ciência e sociedade, e eu próprio (Truzzi, Assimilação re-significada: novas interpretações de um velho conceito, Dados, Rio de Janeiro, v.55, 2012).

Fora o distanciamento entre as etnias referenciadas, havia ainda o abismo existente entre pessoas oriundas de diferentes classes sociais. Entre os minoritários destacam-se as crianças, que eram fruto de exploração na época, realizando trabalhos extremamente pesados para suas condições físicas. Na sequência, a oposição entre classes, assim como já discutida entre pessoas de diferentes origens, será explanada considerando dois universos em oposição: os menores de idade mais e menos abastados.

2.7 Crianças desfavorecidas X crianças abastadas

Ao considerar o espaço da infância, a principal preocupação é com o bem estar e segurança dos pequenos, porém, a criança não era vista como um ser frágil, delicado e promissor por toda a sociedade, como entendida hoje por boa parte da população.

Nesse panorama, indicam-se dois extremos, sendo que de um lado, têm-se os estudantes do Jardim de Infância da Caetano de Campos, na cidade de São Paulo, que tiveram várias de suas atividades escolares registradas na obra *Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis*[170], entre os anos de 1923 e 1935, e, no outro extremo, o trabalho infanto juvenil realizado pelos menores mais pobres.

Partindo-se do meio mais privilegiado, o funcionamento do Jardim de Infância da Caetano de Campos começou nos anos de 1896 em prédio alugado e, um ano depois, o estabelecimento foi transferido para a sede própria. As atividades realizadas na escola pública eram bastante diversificadas de acordo com o citado na obra e, também, pode se averiguar, pelos espaços disponíveis na instituição, que contava com uma intensa área externa apta para o lazer e para desenvolvimento de diferentes ofícios:

[170] A obra tem como autora a professora Drª Tizuko Morchida Kishimoto: “as fontes de inspiração para este livro surgem com a doação, em 1982, de um rico acervo fotográfico e escrito de Alice Meirelles Reis, professora do Jardim da Infância da Caetano de Campos”... “As imagens utilizadas neste livro foram retiradas de cinco álbuns de fotografias e dois livros datilografados e não publicados que se encontram no Museu da Educação e do Brinquedo – MEB” (KISHIMOTO, 2014, p. 4).

> A professora Alice, em suas descrições sobre a estrutura física dos jardins de infância (Reis, II, volume, s/d) prevê para cada turma: vestiário, sala de jogos, sala para exercícios tranquilos, instalações sanitárias e lavatórios. A sala de jogos deveria conter: marcenaria, blocos para construção, mesa de areia (se não tiver ao ar livre), brinquedos que exigem maior espaço e movimento como a casa de boneca. A sala de atividades tranquilas deveria prever mesas, cadeiras, biblioteca, vitrola, piano, armário com divisão para material individual, armário com cortina de correr para os jogos educativos, uma mesa para a professora, quadro negro na parede para a escrita e outro quadro, fixado em barra de celotex destinado à documentação em gravuras" (REIS, II volume, s/d, p. 63[171]) (KISHIMOTO, 2014, p.7).

Quanto ao trabalho desenvolvido pela professora Alice na preparação dos ambientes e na realização das atividades, a autora assinala que "a organização desse ambiente educativo mostra crianças em atividades diversificadas, que escolhem o que fazer conforme seus interesses[172]" (KISHIMOTO, 2014, p. 20).

Por sua vez, em se tratando das crianças mais carentes (filhos de imigrantes ou de classes mais baixas) o cenário descrito é marcado pela oposição, pois eram, em boa parte dos casos, mão-de-obra barata nas indústrias.

> A implantação da indústria e a sua consequente expansão norteou o destino de parcela significativa de crianças e também de adolescentes das camadas economicamente oprimidas em São Paulo, como havia norteado em outras partes do mundo [...] Nos pequenos trabalhadores, as lideranças saberiam identificar a causa preciosa, capaz de revelar aos olhos dos contemporâneos e também da posteridade, a condição da classe operária no que esta tinha de mais miserável (MOURA, 2015, p. 260).

Apesar de existirem algumas normas para o trabalho infantil (Códigos Sanitários do Estado, Lei Estadual e Decretos), em sua maioria as ações para proteger crianças e adolescentes não eram executadas ou eram de certo modo "flexíveis". Por exemplo, nos anos de 1894, o Decreto Estadual nº 233 permitia a admissão no trabalho comum nas fábricas e oficinas aos 12 anos: "no entanto, as autoridades poderiam determinar 'certa ordem de trabalho acessível' às crianças compreendidas entre dez e 12 anos de idade" (MOURA, 2015, p. 272).

[171] A informação é extraída do livro datilografado de Alice Meirelles Reis. Volume II, que contém informações sobre escolas maternais e jardins de infância, ilustrado, desenhos de mobiliário, fotos, desenhos das crianças e partituras musicais. S/d. (com sugestões escritas à mão por Noemy Silveira, professora de Psicologia da Escola Normal – não publicado).

[172] A autora complementa informando que o trabalho desenvolvido era "uma prática que até hoje não se consegue introduzir na educação infantil, mesmo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil indicando a brincadeira e as interações como eixos da prática pedagógica" (KISHIMOTO, 2014, p.20).

Além dos empregadores não se preocuparem com as questões ligadas ao trabalho infantil, para a família, a cidade, no princípio do século XX, ofertava um diferencial, por representar "um leque maior de oportunidades, atraindo assim famílias inteiras com a possibilidade de empregar seus filhos" (MOURA, 2015, p. 274).

Diante desse panorama, não raras vezes, os menores sofriam diferentes tipos de agressão, causado pelo próprio trabalho (impróprio) ou mesmo pela força exercida pelos patrões:

> Merecem destaque, também, os ferimentos resultantes dos maus-tratos que patrões e representantes dos cargos de chefia – como mestres e contramestres – infligiam aos pequenos operários e operárias, no afã de mantê-los 'na linha', situação igualmente reveladora da extrema violência que permeava o cotidiano do trabalho (MOURA, 2015, p. 266).

A seguir, o Quadro 13 apresenta uma síntese de alguns resultados desastrosos do trabalho infantil entre final do século XIX e início do século XX.

Quadro 13 – Danos ocorridos durante/decorrente do trabalho infantil

Ano	Criança	Idade	Dano sofrido
1902	Francisco Augusto da Fonseca	NI[173]	Chineladas no rosto por não ter feito com cuidado o serviço.
1904	Vitto Lindolpho	10 anos	Espancamento por ser acusado por furto.
1904	Antonia de Lima	12 anos	Perda de parte do braço direito (atingida pela faca em uma máquina de cortar fumo).
1913	Arnaldo Dias	NI	Choque elétrico ao entrar no local de trabalho.
1916	Cesare Battiferri	14 anos	Queimaduras de segundo grau nas mãos e no rosto quando, trabalhando um recipiente com água fervente entornou e o atingiu.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Moura (2015, p. 259-288).

Além das penalidades decorrentes da falta de aptidão da criança para o trabalho e dos maus-tratos de empregadores, há registro de agressões sofridas quando a criança/o adolescente iniciava alguma brincadeira: "Em maio de 1905, Antonio Lombardo, de 14 anos de idade, aprendiz em uma oficina de sapateiro, foi castigado pelo patrão, que o atingiu com uma correia, em virtude de suas brincadeiras durante o horário de serviço" (MOURA, 2015, p. 268).

[173] Dado não informado.

Quando em horário de lazer na jornada de trabalho, também há notícia de catástrofes que ocorriam entre as próprias crianças/adolescentes:

> Em julho de 1907, André Francisco, de 12 anos de idade, acabou atingindo Marcellino Villa Mizal, de 16 anos, com quem brincava à hora do almoço no pátio da Fábrica Penteado, onde trabalhavam, ao arremessar em sua direção, um pedaço de ferro. Ao que tudo indica, os superiores hierárquicos não lograram exercer sobre crianças e adolescentes o controle que era efetivamente esperado (MOURA, 2015, p. 269).

Ao contrário do que acontecia nas classes menos favorecidas, os momentos ligados às atividades de lazer ou de contato com possíveis ofícios pelas crianças que pertenciam a famílias com poder aquisitivo eram realizados em ambientes escolares. Ao retomar o exemplo citado, na escola Caetano de Campos, na obra *Práticas Pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis (1923-1935)* mencionam-se algumas das atividades desenvolvidas pelas crianças; tais como: marcenaria, trabalhos manuais, lavar roupa, brincar com bonecas, brincadeiras motoras, plantio, rega, colheita e alimentação, entre outras que eram desempenhadas nestes ambientes e monitoradas por professores. Informa-se que, muitas vezes, as atividades eram eleitas pelo interesse da criança.

Figura 19 – Imagens de atividades sendo realizadas no espaço escolar[174]

Fonte: Kishimoto (2014, p. 23; 27).

As realidades descritas pela autora da obra referenciada demonstram as divergências existentes entre as crianças das duas classes sociais apontadas e a sua relação com o ambiente escolar e com as atividades de lazer. Na sociedade

[174] Imagens extraídas da obra: Práticas Pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis (1923-1935).

atual, as práticas relacionadas ao lúdico e ao labor também são desenvolvidas de modo diferente das situações descritas, pois a aprendizagem de atividades profissionais na escola e o espaço das brincadeiras está mais restrito aos ambientes internos. A autora salienta que,

> [...] em nome da 'segurança' e 'saúde', aprisionam as crianças no interior da sala impedindo que elas usem o tempo cotidiano para brincar e aprender na área externa, incluindo brincadeiras na água e explorar os jogos da tradição infantil como o ioiô, argolas ou passear com a boneca, ou até em subir em árvores como era comum naqueles tempos (KISHIMOTO, 2014, p. 70).

Nota-se, no excerto de Kishimoto (2014), um extremo zelo com a prática de atividades lúdicas por esses menores mais abastados, enquanto que para os mais pobres, quando a vontade infantil prevalecia, em muitos casos, o que ditava era o castigo.

Essas características ligadas à proteção nem sempre foram utilizadas ao tratar dos entretenimentos, pois os locais para realização das brincadeiras, sobretudo coletivas, tendem a ser em ambientes externos, livres. Além disso, as diversões infantis foram sendo alteradas ou adaptadas no decorrer dos anos, porém algumas brincadeiras/brinquedos seguem nas diferentes gerações, sendo que alguns podem ser classificados como antiquíssimos e, em decorrência disso, até mesmo com informações pouco precisas a respeito.

> Sabe-se, apenas, que são provenientes de práticas abandonadas por adultos, de fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos. A tradicionalidade e universalidade dos jogos assentam-se no fato de que povos distintos e antigos como os da Grécia e do Oriente brincaram de amarelinha, empinar papagaios, jogar pedrinhas e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Tais jogos foram transmitidos de geração em geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil (KISHIMOTO, 2015, p. 24).

Percebe-se que as brincadeiras sempre estiveram vinculadas ao ser humano, mesmo quando impossibilitado de praticá-las, e nem sempre foram executadas por crianças. Haja vista a importância dos entretenimentos para a sociedade, destacam-se a seguir a relevância dos *jogos e diversões infantis*.

2.8 A importância do brincar: considerações sobre seu valor na sociedade

Ao analisar os entretenimentos infantis, três noções devem nortear os estudos: os conceitos de folclore, do lúdico e de brincadeira. Na sequência, o Quadro 14 sintetiza algumas ideias sobre o assunto:

Quadro 14 – Definição de termos ligados aos entretenimentos infantis

Folclore	Lúdico	Brinquedo/Brincadeira
É a cultura do popular, tornada normativa pela civilização. Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico. [...] Onde estiver um homem aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica. O folclore deve estudar todas as manifestações tradicionais na vida coletiva.	[De lud(i)- + ico[2]] *Adj* referente a, ou que tem caráter de jogos, brinquedos e divertimentos: a atividade lúdica das crianças; 'Temos entre nós, sentado à mesa da pequena casa lusitana, José Lins do Rego, que na companhia de um punhado de jogadores do Flamengo atravessou o Atlântico. Na adulta consciência de um dos seus maiores escritores, e na destreza lúdica da sua mocidade, visita-nos a descomunal grandeza do Brasil" (Miguel Torga, Traço de União, p. 31). V. linguagem – a.	Brinquedo é ainda o objeto material para brincar, carro, arco, boneca, soldados. As brincadeiras de meninos, as mais populares, são logicamente as mais universais, de livre movimentação individual. Menos preferidas são as que restringem o direito de alguma improvisação no gesto e na carreira. Esgotam depressa o o desejo de brincar e monotonizam o grupo. As brincadeiras dificilmente desaparecem e são das mais admiráveis constantes sociais, transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra, numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto, quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo, na velha tendência modificadora. Infalivelmente, as crianças brincam como gostam de brincar, escolhendo livremente o processo de encaminhar e expandir essa força viva, pura e ampla, que as possui totalmente.

Fonte: Elaboração da autora com base em Câmara Cascudo (2012) e Ferreira (2010)

Ao observar o Quadro 14 verifica-se que as definições se associam ao fator humano e, de forma geral, permeiam o universo infantil, pois muitas brincadeiras são mantidas de gerações a gerações e são transmitidas pela cultura popular entre diferentes grupos sociais (famílias/vizinhos/colegas).

Além disso, os entretenimentos são relevantes para o desenvolvimento infantil. Vários estudos na área de ensino/educação ou mesmo os da Psicologia já revelaram a importância do brincar, entre eles destaca-se aqui Lev Vygotsky, teórico que fez inúmeras pesquisas relacionando o desenvolvimento infantil aos brinquedos: "É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de

uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos" (VYGOTSKY, 1998, p. 126).

Também é possível estabelecer relações entre brincadeira/brinquedo e o modo como a criança enxerga o mundo, como ela vivencia a experiência, o que é salientado por Luckesi (2005, p. 2)[175]:

> [...] tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a 'plenitude da experiência'. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos.

Considerando as concepções teóricas pontuadas, é possível notar que as brincadeiras são frutos de uma convivência social e, que acabam por refletir valores ou expectativas de uma coletividade em um determinado período. Esse ponto de vista é apontado por Kishimoto (2015, p. 28):

> Ao analisar o cotidiano infantil, é preciso constatar as marcas da heterogeneidade e a presença de valores hierárquicos que dão sentido às imagens culturais de cada época. Tais imagens construídas por personagens que fazem parte desse contexto não decorrem de concepções psicológicas e científicas, mas muito mais de informações, valores e preconceitos oriundos da vida cotidiana.

De certa forma, a ideia de que a brincadeira se relaciona à vida das pessoas, reforça a tese de que a brincadeira em si não está apenas ligada apenas ao ato realizado, mas, sim, a elementos externos ao próprio jogo (valores, significados). Para Huizinga (2017, p. 3-4), o jogo é:

> [...] mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa 'em jogo' que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação (HUIZINGA, 2017, p. 3-4).

O mesmo autor discute algumas hipóteses sobre a definição dos jogos, de acordo com a Psicologia, Fisiologia e áreas afins, porém, a única afirmação que lhe parece apropriada sobre as possibilidades é a de que: "todas elas partem do pressuposto de que o jogo se acha ligado a alguma coisa que não seja o próprio

[175] Esse texto foi publicado, anteriormente, em Interfaces da Educação, Cadernos de Pesquisa-Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol 2, nº1, 1998, pág 09-25, posteriormente publicado em www.luckesi.com.br em 21/11/2005.

jogo, que nele deve haver alguma espécie de finalidade biológica" (HUIZINGA, 2017, p. 4).

Ainda em Benjamin (2009), há a indicação da naturalidade que as brincadeiras acabam por incutir na infância e destaca o caráter demasiadamente saudosista fortemente relacionado aos jogos e diversões infantis:

> Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto de maneira lúdica, com o acompanhamento do ritmo dos versinhos. O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira [...] Mas quando um poeta moderno diz que para cada um existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro submerge, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos? (BENJAMIN, 2009, p. 102).

Dessa forma, independente da concepção de jogo, é inegável a relação existente entre a ação praticada pelo ser humano, sobretudo considerando os significados que podem ser atribuídos, inclusive os valores podem ser diferentes conforme cada povo. Eis que, "se para a criança europeia a boneca significa um brinquedo, um objeto, suporte de brincadeira, para populações indígenas tem o sentido de símbolo religioso" (KISHIMOTO, 2014, p. 29). Como exemplificado, os valores atribuídos a objetos/brinquedos ou brincadeiras variam a depender do grupo social e de suas crenças.

Em relação aos entretenimentos contemporâneos, no Brasil, nas últimas décadas, nota-se a diminuição de brincadeiras de rua, como esconde-esconde, pega-pega, balança-caixão, passa-anel, corre-cutia, entre outras, jogos que, de modo geral, demonstravam gestos, canções simples, coletivas, aliadas a atividades físicas. Provavelmente, a diminuição de práticas coletivas de divertimento infantil estejam ligadas ao aumento da população, da violência, da carga horária de trabalho dos pais, de maior número de crianças vivendo em apartamentos e grandes cidades e, consequentemente, um maior distanciamento entre vizinhos. Ademais, atualmente, boa parte das atividades de lazer desenvolvidas pelas crianças acontece nos Centros de Educação Infantil, local em que têm contato com outras pessoas de sua idade. Outro recurso muito utilizado é o amplo acesso aos eletroeletrônicos (celular, televisão, tablet, computador) que vem diminuindo as relações com o outro e com o caráter rústico que era uma forte característica das brincadeiras das gerações anteriores. Na verdade, a escola vem assumindo mais o

papel de preservar o lúdico, valorizando, assim, a importância do entretenimento infantil na sociedade, pois, "[...] as atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento" (TASSIGNY, GUERRA, ROLIM, 2008, p. 180).

Haja vista a relevância do brinquedo para a coletividade e a sua relação intrínseca com o homem, por vezes descrita pelos teóricos como elemento de cultura ou mesmo como uma necessidade biológica, e, sendo, neste particular, o objeto de estudo os nomes atribuídos a esses entretenimentos, na sequência, destaca-se, uma breve descrição dos jogos e diversões investigados nesta tese.

2.9 Descrição dos brinquedos e brincadeiras analisadas neste estudo

Em relação aos entretenimentos infantis verifica-se que alguns podem ser classificados como brinquedos ou brincadeiras de acordo com as características próprias de cada atividade ou objeto utilizado. Considerando essa subdivisão, compartilha-se da posição utilizada por Ribeiro (2012) quanto à definição dos itens em dois grupos:

(i) brincadeiras e jogos tradicionais: jogos infantis tradicionais[176]

(ii) brinquedos: brinquedos tradicionais confeccionados manualmente (artesanal) ou industrializado.

No Quadro 15, a seguir, são elencadas as brincadeiras cujas denominações são alvo de análise deste trabalho, respectivamente, descritas e classificadas como brincadeira ou brinquedo (RIBEIRO, 2012):

[176] Considerando as características indicadas para a classificação dos entretenimentos como brincadeiras ou brinquedos, recupera-se a informação fornecida por Ribeiro (2012, p. 105) ao indicar que dois dos entretenimentos não se enquadram nessas classificações, porém foram considerados como brincadeiras e jogos tradicionais: "a brincadeira amarelinha e, finalmente, a brincadeira cambalhota, que não se constitui propriamente num jogo e nem em um brinquedo, mas pela sua característica de execução, muitas vezes em equipes, foi incluída no grupo.

Quadro 15 – Jogos e Diversões Infantis investigados: definição e classificação

Classificação	Número	Definição
Brincadeiras e jogos tradicionais	**155**	"brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado".
	160	"brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras".
	161	"brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras".
	162	"brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado**"**.
	163	"esse ponto combinado".
	164	"brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair**"**.
	167	"brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só".
Brinquedos	**156**	"coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar".
	157	"brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha".
	158	**"**brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha".
	159	**"**brinquedo parecido com o (cf. item 158) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha".
	165	**"**tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce".
	166	"tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás".

Fonte: Elaboração da autora com base no Questionário do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) e adaptação de proposta classificatória de Ribeiro (2012).

Ao listar as definições dos brinquedos/brincadeiras e considerando as informações históricas acerca dos entretenimentos em questão pode-se observar que as denominações utilizadas para nomear os objetos ou brincadeiras revelam muito sobre diferentes momentos de sua existência e da permanência da brincadeira, tanto pelo uso do brinquedo quanto pela representação musical ou corporal de determinadas atividades. Mesmo que algumas brincadeiras estejam em desuso, muitas delas receberam influências do momento em que foram criadas ou mesmo do contexto em que são empregadas, situação já destacada por Duranti (2000) ao referir-se à linguagem:

> A través del uso del lenguaje penetramos en un espacio interaccional que ha sido en parte construido a nuestra manera, un mundo en el que algunas distinciones parecen importar más que otras, un mundo dónde cada opción que elegimos es parcialmente contingente con lo que ocurrió antes y contribuye a la definición de lo que ocurrirá después[177] (DURANTI, 2000, p. 25).

Tendo em vista o valor dos entretenimentos infantis para a sociedade, evidencia-se que muitas análises já foram realizadas sobre este tema. No prosseguimento do texto, são enumerados alguns dos estudos já realizados no Brasil sobre os Jogos e Diversões Infantis que comprovam seu mérito e o caráter de fonte de pesquisa ainda não esgotada.

2.10 Os entretenimentos infantis no Brasil e no Estado de São Paulo

Ao verificar alguns estudos que tratam sobre o léxico dos entretenimentos e suas inter-relações com a sócio-história cabe relacionar alguns artigos[178]:

- *Marcas do popular rural no nível lexical um estudo no campo do entretenimento infantil* (ISQUERDO, 1998)[179];
- *Um caminho para a história do português brasileiro: cruzando os brinquedos infantis com a história social* (AGUILERA, 2005);
- *Lexicografia e Geolinguística: Interfaces* (ISQUERDO, 2006);
- *Um caminho para o conhecimento da história da Língua Portuguesa no Brasil: as brincadeiras infantis* (AGUILERA, 2007);
- Designações para *estilingue* em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópicas e léxico-histórica (ISQUERDO, 2007);
- *Jogos e diversões infantis: preferências linguísticas e variáveis sociais* (RIBEIRO, 2009);
- *O estilingue na região norte do Brasil: análise de designações documentadas pelo Projeto ALiB* (ISQUERDO; PORTILHO, 2011);

[177] "Através do uso da linguagem penetramos em um espaço interacional que tem sido em parte construído a nossa maneira, um mundo em que algumas distinções parecem importar mais que outras, um mundo onde cada opção que escolhemos é parcialmente contingente com o que ocorreu antes e que contribui para a definição do que acontecerá depois" (TN).

[178] A maioria dos artigos elencados sobre o léxico dos Jogos e Diversões Infantis podem ser acessados no site do Projeto ALiB (Disponível em: <https://alib.ufba.br/artigos>. Acesso em: 30 out 2017).

[179] Em tempo, informa-se que o estudo sobre *A cambalhota nos atlas regionais: um estudo semântico-lexical*, realizado por Denise Gomes Dias Santos foi realizado em 1998, porém é indicado no currículo lattes da professora (Acesso: 30 out 2017), apenas como resumo publicado em anais de congressos. Por esse motivo, o estudo não foi listado acima.

- *A brincadeira cambalhota na Bahia e em Sergipe* (RIBEIRO, 2011);
- *Notas sobre o léxico de brincadeiras infantis usado em MG à luz de dois trabalhos geolinguísticos: o ALEMIG (1977) e o Projeto ALiB* (ROCHA, 2012);
- *Variantes lexicais para a brincadeira amarelinha* (MARGOTTI; BASSI, 2012);
- *Brinquedos e diversões no Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: análise léxico-semântica* (ALENCAR, 2014);
- *Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis* (ROMANO; SEABRA, 2016);
- *Ao findar a brincadeira, o que revelam os dados do ALiB sobre áreas dialetais?* (SANTOS, 2016);
- *A unidade lexical 'bolita' no Mato Grosso do Sul: perspectiva geolinguística (ALENCAR, 2015)*;
- *A unidade lexical funda: dados geolinguísticos evidenciando marcas históricas no interior do Mato Grosso do Sul (ALENCAR, 2017)*;
- *Brinquedos e diversões no estado de São Paulo: panorama e análise léxico-semântica da questão 157 do Projeto ALiB (ALENCAR, 2018).*

Um dos primeiros registros encontrados com a ocorrência de unidades léxicas que se refiram a alguns entrenimentos é indicado na obra *O Dialeto Caipira*[180], de Amadeu Amaral (1920), que disponibiliza um glossário produzido a partir da coleta de dados orais no estado de São Paulo, em que contém extensa lista de itens lexicais cujo uso foi atestado pelo autor como vocabulário caipira.

No que se refere aos entretenimentos infantis, o glossário registra denominações para algumas diversões, dentre as quais destacamos as seguintes. Veja o Quadro 16:

[180]Dentre os aspectos analisados pelo autor, destacamos o nível lexical discutido em O *Dialeto Caipira*, sobretudo pelo autor e a relação entre o objeto de pesquisa desta tese.

Quadro 16 – Nome das brincadeiras/brinquedos registrados em *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920)

BRINCADEIRA	DEFINIÇÃO
Bodóque	"s.m - arco, quase idêntico ao com que os índios atiram frechas, mas de pequenas proporções (cinco, seis, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos..."
Câmbote	"s.m – brinquedo que consiste em pôr a cabeça no chão e virar o corpo até que os pés toquem novamente o solo: "virá(r) cambote".
Gangôrra	"s.f. – aparelho conhecido, de que usam meninos para se divertir. Consiste num pau colocado transversalmente no topo de um outro e girando sobre este, preso por um espigão ou por um prego servindo de eixo..."[181]

Fonte: Elaboração da autora com base em Amaral (1920).

O registro dessas designações em Amaral (1920) dá mostras da existência de brincadeiras já bastante antigas na vivência do grupo pesquisado e que possui caráter de diversão para uma sociedade, porém apenas *câmbote* faz referência aos brinquedos/brincadeiras solicitados nas questões analisadas neste estudo e é uma variante de cambota/cambalhota. Por sua vez, *gangorra* possui descrição distinta do solicitado no questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, mas que remete a alguns elementos que caracterizam o objeto (movimento, pau). Além disso, essa unidade lexical, na atualidade, ainda nomeia "uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?" (165/QSL/ALiB). A descrição indicada por Amaral (1920) coincide com a proposta por Meireles (2007) que classifica esse tipo de brinquedo como um tipo de gangorra: "O giramundo é uma espécie de gangorra giratória feita com um pedaço de bambu bem grosso, atado em um toco de madeira fixa no chão [...] É a reunião de dois brinquedos de playground em um: o gira-gira e a gangorra" (MEIRELLES, 2007, p.132). Já o *bodoque*, apesar de configurar como outro tipo de brinquedo, é utilizada para nomear o "brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha" (157/ QSL/ALiB) em algumas regiões do país, inclusive tendo sido fornecida como resposta neste estudo sobre o léxico paulista.

Considerando ainda estudos mais antigos e o universo interioriano, destaca-se, neste particular, o artigo *Marcas do popular rural no nível lexical um estudo no campo do entretenimento infantil*[182] por ser um texto produzido com o vocabulário analisado e também por tratar das relações das brincadeiras infantis com o ambiente rural. O objetivo do artigo é "examinar a questão da influência do meio ambiente, dos

[181] Neste caso, refere-se a uma variante física da tradicional gangorra. Ver giramundo e discussão que segue.
[182] O estudo descrito não está listado no site do Projeto ALiB e não utilizou dados do referido projeto.

elementos geo-sócio-culturais nos hábitos de entretenimento de crianças na zona rural" (ISQUERDO, 1998, p. 227).

Ao tratar das atividades de lazer das crianças na área rural[183], Isquerdo (1998) elenca algumas unidades léxicas e/ou expressões que designam brincadeiras da infância dos informantes:

- Brincar de casinhas (meninas) → brinquedos: tampinhas de vidro, pratinhos, latinhas, bonecas de cabinho e de galinho de vassoura.
- Brincar de curral (meninos) → brinquedos: sabugos de espigas de milho = bois, cavalos, cerca de curral.
- Brincar embaixo do laranjal (meninos/meninas) → brinquedos: laranjinhas e manguinhas verdes; ossos de boi = boiada e mangueira de gado.
- Subir em árvores; apostar corrida em cabo de vassoura; caçar de estilingue/matar passarinho; fazer farinha com mandioca; passear no campo e na casa dos vizinhos; tomar banho no rio; pescar; brincar de esconder; jogar bola.

Uma das conclusões do estudo, foi que as brincadeiras indicadas como lazer infantil, na época da pesquisa, reproduziam as atividades dos adultos no ambiente em que viviam:

> Verificamos que a criança do meio rural reestrutura as ações dos pais transformando-as em objeto de entretenimento e, nessas brincadeiras, reforçam, desde a tenra idade, o papel social da mulher e do homem na estrutura familiar (ISQUERDO, 1998, p. 230).

Além de refletir a figura do adulto, as brincadeiras descritas também apontaram para uma representação do ambiente não-urbano: " 'tomar banho no rio', 'caçar de estilingue' e 'pescar', que também sinalizam para as características do meio e representam brincadeiras muito comuns na infância de crianças do meio rural' (ISQUERDO, 1998, p. 231).

Vários outros estudos lexicais já concluídos, contemplam as brincadeiras e diversões infantis, dos quais, de modo particular, destacam-se os que discutem

[183]O texto foi produzido com dados do projeto *Aspectos Linguísticos do Português de Fronteira na Região de Dourados (MS)*, que analisou "um corpus que reúne 80 entrevistas (34 informantes do sexo masculino e 46 do sexo feminino) realizadas com informantes acima de 35 anos, preferencialmente analfabetos ou semi-alfabetizados, nascidos em Dourados ou em municípios circunvizinhos.

dados de cartas lexicais sobre o tema que integra os atlas linguísticos já publicados no Brasil.

Isquerdo (2006; 2007) e Aguilera (2007) realizaram diferentes estudos sobre o tema brinquedos e brincadeiras infantis a partir dos registros em cartas de atlas linguísticos. “Dos nove atlas regionais já produzidos no Brasil, sete apresentam cartas léxicas relativas a brinquedos e a brincadeiras infantis” (ISQUERDO, 2006, p. 121). Na sequência, reproduz-se quadro produzido no estudo da pesquisadora:

Quadro 17 – Brinquedos e brincadeiras cartografados nos atlas regionais brasileiros e nº da carta nos respectivos atlas

Tema/ atlas e nº da carta	**APFB**	**EALMG**	**ALPB**	**ALS**	**ALPR**	**ALAM**	**ALS II**
Cambalhota	109/109R	27,28,29	102,103	113/113R	88	76	
Pega-pega	---	35,65	104	---	90	80	98
Estilingue	---	43,44,45,72,73	---	---	86/180	78	95
Bolinha-de-gude	---	30,31,58,59,60	105	---	---	77	97
Papagaio	---	41,42,70,71	100,101	---	87	---	---
Amarelinha	---	---	---	---	91	82	---
Esconder	---	34	---	---	89	---	---
Gangorra	---	---	---	---	92/181	81	---
Cabra-cega	---	38	---	---	---	79	---
Pinto-galo	---	---	---	---	---	---	96
Palito	---	39	---	---	---	---	---
Búrica	32,33,61,62, 63,64	---	---	---	---	---	---
Chicote-queimado	36,66,67	---	---	---	---	---	---
Pular carniça	40,68,69	---	---	---	---	---	---

Fonte: Aguilera (2005) apud Isquerdo (2006).

Cabe assinalar que, entre as cartas indicadas sobre os Jogos e Diversões no Quadro 17, podem-se somar mais cartas, considerando a crescente produção de atlas.

Além dos registros em Atlas Linguísticos de diferentes domínios produzidos no Brasil e nos estudos sobre o assunto mencionado, diversos trabalhos acadêmicos vêm sendo produzidos na UFMS e na UFBA sobre a área semântica *Jogos e Diversões Infantis* a partir de dados documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil[184]. Entre eles, destacamos as seguintes pesquisas em nível de pós-graduação já concluídas, que focalizam o tema dos entretenimentos infantis e

[184] O projeto Atlas Linguístico do Brasil surgiu em 1996 e tem como objetivo produzir um atlas sobre a Língua Portuguesa falada no Brasil na atualidade. Por isso, realizou 1100 entrevistadas em 250 cidades do país. Os dados obtidos estão sendo analisados por diferentes estudos (artigos, monografias, dissertações e teses) além de ser analisado especificamente pelo Comitê Nacional do Projeto. Mais informações serão fornecidas no capítulo 3 (Procedimentos Metodológicos).

consideram, diretamente, a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), na abordagem dos dados:

- ***Brinquedos e Brincadeiras Infantis na área do Falar Baiano***" (RIBEIRO, 2012), Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) sob orientação da Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso. Na tese, a autora analisa os dados obtidos a partir das 13 perguntas do QSL/ALiB da área semântica *Jogos e Diversões Infantis* (registrados pelo Projeto ALiB) na região conhecida como de "falar baiano" (NASCENTES, 1953) e em áreas limítrofes. O estudo inclui um volume composto por 40 cartas linguísticas que registram as denominações de brinquedos/diversões. Além disso, atesta a vitalidade do falar baiano e sugere a existência de quatro subáreas dialetais no espaço estudado.
- ***O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do projeto ALiB*** (PORTILHO, 2013), Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo. A autora analisa os itens lexicais coletados como resposta para as 13 perguntas da área semântica *Jogos e Diversões* na região Norte e nas áreas limítrofes do falar Amazônico (NASCENTES, 1953). No caso, discute também sobre a confirmação na atualidade do *falar amazônico* (NASCENTES, 1953) no nível lexical. Como resultado, a dissertação evidenciou que o *falar amazônico* apresenta peculiaridades que o diferenciam das outras regiões do país e que recebe influência dos falares das áreas geográficas limítrofes do Norte do Brasil.
- ***Brincando na área do falar fluminense*** (SANTOS, 2016), Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) sob orientação da Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro. Na dissertação, o autor também analisa as designações obtidas como resposta para as 13 perguntas da área semântica *Jogos e Diversões Infantis*, na região nomeada como de "falar fluminense" (NASCENTES, 1953) buscando verificar a vitalidade dessa divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes na década de 1950. Como resultado, a dissertação evidencia que, considerando o léxico das *brincadeiras e diversões infantis*, Nascentes estava correto em dividir o país

em dois grupos, porém a mesma precisão não ocorre ao tratar-se do Falar Fluminense, “pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal” (SANTOS, 2016a, p. 189)[185].

- *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais* (Eliana Souza D´Anunciação, 2016), Monografia defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) sob orientação da profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro. A monografia buscou divulgar a análise de 05 perguntas da área semântica *Jogos e Diversões* coletados pelo projeto ALiB, no estado de Minas Gerais. O trabalho demonstrou a variação diatópica em Minas Gerais na área semântica selecionada a partir de gráficos e cartogramas.

Merece ressaltar que, mesmo tendo sido objeto de diferentes análises, o léxico dos *Jogos e Diversões Infantis*, pode ser considerado inédito ao tratar dos estudos lexicais no estado de São Paulo, a partir dos dados coletados pelo projeto ALiB.

A tese *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil,* produzida por Valter Pereira Romano, 2015, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob orientação da Profa. Dra. Vanderci Aguilera, que também analisa dados lexicais de diferentes áreas semânticas do *corpus* do Projeto ALiB, examinou os dados obtidos para uma das questões relativas à área semântica *Jogos e Diversões Infantis,* no caso a *bolinha de gude* no falar considerado sulista por Nascentes (1953), que abrange o estado de São Paulo. Como resultado, a tese evidenciou a existência de dois grandes falares: o sulista e o paulista e sugeriu delimitações geográficas para esses falares. Já quanto a produtividade para “bolinha de gude”, observou-se que *bolinha de gude* foi a variante mais produtiva "[...] em seis dos nove estados que compõem a pesquisa: GO, MG, PR, RJ, SC e SP, atingindo, no entanto, em apenas quatro desses estados, produtividade acima de 50%” (ROMANO, 2015, p. 198). Como segunda denominação, foi registrada *bolita* que, por sua vez, foi mais produtiva nos estados de MS, MT e RS. Essa produtividade 'revela traços de empréstimos lexicais do português com línguas de contato fronteiriço, no caso o espanhol” (ROMANO, 2015, p. 202).

[185] Além dos trabalhos listados, indicam-se o estudo: *Os jogos e diversões infantis o corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino* (Graziele Ferreira da Silva Santos), Dissertação em andamento sendo produzida na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação da profª Drª Silvana Soares Costa Ribeiro.

Considerando o rol de pesquisas apresentadas, verifica-se que os estudos sobre o léxico dos Jogos e Diversões Infantis já vem sendo investigado há algum tempo e recobrem algumas regiões do país. Sendo assim, a tese aqui proposta, busca auxiliar nas análises dessa área semântica com a finalidade de cobrir mais essa parcela de localidades brasileiras. Após a conclusão desse trabalho, pode-se afirmar que haverá um panorama parcialmente completo da Região Sudeste no que tange ao léxico dos entretenimentos infantis. E, consequentemente, um maior conhecimento desse vocabulário no país.

No próximo capítulo são informados os procedimentos metodológicos para a realização do estudo discutido bem como as diretrizes utilizadas pelo Projeto ALiB na coleta dos dados a serem analisados.

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No capítulo 3, apresentam-se os fundamentos que orientaram a realização desta pesquisa. Tendo em vista que o estudo analisa os dados do *corpus* do Projeto ALiB, são recuperadas as diretrizes do atlas nacional bem como são fornecidas informações específicas acerca deste trabalho, como: etapas da pesquisa, validação e cartografação dos dados, entre outros procedimentos, que serão expostos a seguir.

Em razão da natureza dos dados analisados neste estudo, primeiramente, contextualiza-se a metodologia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (número de informantes, pontos de inquérito, questionário linguístico) e focaliza-se, de forma sintética, a concepção teórico-metodológica que orienta a execução dessa pesquisa dialetal. Na sequência, são disponibilizadas as informações específicas que caracterizam a pesquisa aqui desenvolvida.

Inicialmente, é necessário informar que nesta tese analisam-se dados de caráter inédito, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto ALiB, cuja utilização foi autorizada pelo Comitê Nacional de coordenação do projeto (Anexo 01 desta tese).

3.1 Projeto ALiB: concepções e breve histórico

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil é um empreendimento de caráter nacional que teve início em 1996, a partir do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, em Salvador. O encontro reuniu estudiosos brasileiros e europeus da área da Dialetologia “para repensar a ideia de um atlas linguístico do Brasil no tocante à língua portuguesa” (CARDOSO, 2005, p. 04).

A intenção da produção do Atlas Linguístico do Brasil surge nos idos da década de 1950, quando se estabeleceu, através do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, a missão da "elaboração do atlas linguístico do Brasil" atribuída à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa.

Por motivos diversos[186], a realização do atlas linguístico nacional não foi concretizada naquele momento, porém várias obras marcaram a década de 1950 e subsequentes que promoveram o amadurecimento da Dialetologia no Brasil. Como protagonistas deste momento têm-se as contribuições de estudiosos como: Antenor Nascentes com a publicação de *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1952; 1961); Serafim da Silva Neto com a produção do *Guia para estudos dialectológicos* (1957). Além dessas publicações, também Celso Cunha produz a obra *Uma política do idioma* (1968), entre outros trabalhos em que trata sobre "questões relativas a uma política de conhecimento e ensino da língua portuguesa". Esse estudioso também assevera a necessidade da produção do atlas linguístico do Brasil, porém "[...] reconhecendo, todavia, como se mostra no item 'A geografia linguística', que a impraticabilidade de realização de um atlas nacional indicava o caminho da construção de atlas regionais" (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 47).

Por seu turno, Nelson Rossi foi quem deu o passo mais concreto no campo da Geolinguística ao publicar o primeiro atlas regional: o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963), aos quais se seguiriam muitos outros até o advento do projeto de atlas nacional, em curso.

Quando do lançamento do Projeto ALiB optou-se pelo início da produção de um atlas nacional com a definição de todas as etapas para a produção da obra (diretrizes, elaboração do instrumento de coleta de dados, pesquisa de campo, entre outras) e não apenas a realização de um agrupamento de trabalhos regionais, já produzidos no Brasil:

> Preliminarmente, esses atlas publicados, embora todos pautados pelos princípios da Geografia Linguística – e não poderia ter sido outro o caminho – seguem metodologias próprias na escolha de informantes, no tipo de questionário aplicado, na forma de registro dos dados, nas prioridades estabelecidas. Em segundo lugar, os dados vêm sendo recolhidos em diferentes momentos de que resultam diferentes sincronias espelhadas nos resultados cartografados (CARDOSO, 2005, p. 05).

[186] Nascentes (1958, p.7) justifica, na obra *Base para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil,* alguns motivos para a não realização de um atlas linguístico nacional, naquele momento, dentre eles, destaca-se às dificuldades ligadas ao difícil deslocamento no país e, para tanto, sugere a produção de atlas regionais: "Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração dos atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto e, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação".

A impossibilidade de reunir os dados de atlas já publicados é reforçada por Cardoso (2005) ao citar o quantitativo de apenas quatro cartas semântico-lexicais coincidentes nos cinco primeiros atlas publicados. Porém, esses materiais bem como de outros estudos dialetais já realizados foram fundamentais para a realização do atlas nacional, pois atlas linguísticos nacionais e regionais não se substituem.

> [...] Desse modo, fica evidente que, reunindo-se toda a produção acadêmica hoje encontrada nos vários programas de pós-graduação, as descrições que marcam a segunda fase da história dos estudos dialetais no Brasil (Cf Nascentes, 1958 e 1961; Cardoso e Ferreira, 1994) e os atlas linguísticos publicados, já se dispõe de uma base preliminar de estudos descritivos sobre diferentes áreas do país, estudos que podem funcionar como sondagem preliminar para uma empreitada maior (CARDOSO, 2013, p. 20).

Em 1996, retoma-se o projeto do Atlas Linguístico do Brasil que inicia seus trabalhos com a criação de um Comitê Nacional com representantes de atlas publicados e em andamento. Atualmente, a equipe está composta por um Diretor Presidente, um Diretor Executivo e onze Diretores Científicos. Esse comitê é presidido pela Diretora Presidente, Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota, da Universidade Federal da Bahia[187].

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) pauta-se nos princípios da Geolinguística e prioriza a descrição da Língua Portuguesa com enfoque prioritário para a variação diatópica (espacial ou geográfica), nos níveis fonéticos, morfossintáticos e léxico-semânticos.

Entre os objetivos específicos são destacados os que esta tese pretende contribuir de forma direta. São eles:

> 4. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais por meio de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
> 5. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil (CARDOSO, 2014, p. 23).

Ao considerar os objetivos mencionados, o estudo do léxico dos entretenimentos infantis, objeto desta tese, tem a expectativa de contribuir para a

[187] A formação da equipe foi modificada a partir de setembro/2018 após falecimento da então Diretora Presidente, Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva.

descrição da norma lexical vinculada por falantes do estado de São Paulo e, consequentemente, pretende delimitar as diferenças e/ou semelhanças quanto ao uso do léxico da área semântica dos *Jogos e Diversões Infantis* nas distintas regiões do estado e das áreas limítrofes. Além disso, a tese busca analisar os dados sob a luz de diferentes disciplinas, procurando respostas na sócio-história do estado de São Paulo, no processo de formação da região e nas ciências humanas que abordam disciplinas que tratam sobre a cultura.

Em termos operacionais, a pesquisa de campo do Projeto ALiB está concluída e dois volumes do atlas foram publicados em 2014, o primeiro dedicado aos princípios metodológicos e o segundo composto por cartas linguísticas produzidas com dados obtidos nas capitais brasileiras.

Quanto à metodologia, o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil segue os princípios da Dialetologia Pluridimensional, "conceito desenvolvido por pesquisadores alemães como Edgar Radtke e Harald Thun" (ROMANO, 2014, p.145). Segundo a Dialetologia Pluridimensional, torna-se necessário incorporar na pesquisa dimensões sociais à diatópica (espacial): dialingual, diatópico-cinética, diageracional, diassexual, diastrática, diafásica, diarreferencial (THUN, 2005). Isso significa que, a grosso modo, os inquéritos passam a ser realizados com maior número de informantes por localidade, ao contrário da perspectiva monodimensional que realiza apenas um inquérito por ponto. Considerar aspectos sociais, no perfil dos informantes, significa realizar a pesquisa com vários falantes de uma região/ localidade relacionadas segundo variáveis como: i) sexo (diassexual); ii) idade (diageracional); iii) classes sociais (diastrática) e iv) interlocuções variadas (discurso controlado, discurso livre, texto de leituras, entre outros). Além do perfil do entrevistado, é fundamental para a elaboração dos atlas linguísticos a definição da rede de pontos e do instrumento de coleta de dados, o questionário linguístico, elementos esses essenciais em uma pesquisa geolinguística para garantir a comparabilidade de dados.

3. 2 Critérios metodológicos:

3.2.1 Rede de Pontos:

De acordo com os princípios da Geolinguística, a rede de pontos é composta por um conjunto de localidades definidas para a realização dos inquéritos segundo

critérios pré-definidos[188]. No caso, do Projeto ALiB, a rede é composta por 250 localidades, que abrangem tanto as capitais do estado, com exceção de Palmas (TO) e Brasília (DF), quanto municípios situados no interior de todas as unidades da Federação. Assim,

> a) as localidades apresentadas por Antenor Nascentes, em 1958, em Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil; b) a densidade demográfica; c) as zonas dialetais já determinadas por meio de pesquisas anteriores, por pesquisadores da área; d) a distribuição espacial das localidades, para que um ponto não ficasse demasiadamente próximo de outro e se mantivesse, em cada estado, um distanciamento mais ou menos homogêneo [...] e por fim, e) a importância da localidade para o levantamento de bilinguismo e/ou diglossia, se localizada em zonas fronteiriças de limites internacionais ou se em zona limítrofe interestadual[189] (ISQUERDO; TELES, 2014, p. 39).

O estado de São Paulo, em decorrência da alta densidade demográfica, reúne um alto número de localidades em sua rede de pontos (38)[190]. Entre outros critérios, o histórico foi decisivo para a seleção desses pontos de inquérito, no caso de São Paulo não pode ser desconsiderada a sua importância na formação do país, por ser uma das unidades federativas mais antigas do Brasil. Os dados coletados nesses pontos linguísticos são objeto de estudo desta pesquisa.

3.2.2 Questionário Linguístico

A coleta de dados em pesquisas geolinguísticas são estruturadas a partir de um Questionário Linguístico, recurso que auxilia, sobremaneira, na posterior sistematização dos dados. O instrumento de coleta de dados do Projeto ALiB, por exemplo, foi produzido para fins próprios e para sua elaboração foram considerados trabalhos dialetológicos já existentes, sobretudo os relacionados aos atlas regionais brasileiros publicados até o ano de 1996.

---

[188] "A rede de pontos do ALiB conta com um total de 250 localidades distribuídas por todo o país e selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada Estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área [...]Muito contribuiu para a escolha das localidades a consulta aos pontos sugeridos por Antenor Nascentes em Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, v. I, 1958), tendo sido mantidas as localidades que ainda se mostravam pertinentens para os objetivos do trabalho" Informação disponível em: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>. Acesso em 10.nov.2018.

[189] Para mais detalhes sobre os critérios da escolha da rede de pontos do ALiB, confira Isquerdo e Teles (2014, p. 37-78). Além disso, para mais informações sobre o Projeto ALiB, sugere-se a consulta ao site: www.alib.ufba.br.

[190] Neste estudo, foi desconsiderado os dados da cidade de São Paulo (capital). Portanto, foram consideradas 37 localidades (interior do estado).

O Questionário do Projeto ALiB contém perguntas de ordem fonético-fonológica (QFF), semântico-lexical (QSL), morfossintática (QMS), questões de pragmática, de prosódia, temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e um texto para leitura, totalizando 436 perguntas, que são distribuídas conforme o Quadro 18, a seguir:

Quadro 18 – Estrutura do Questionário Linguístico do ALiB

Questionário	Número de perguntas
Questionário Fonético-Fonológico	159
Questões de Prosódia	11
Questionário Semântico-Lexical	**202**
Questões de Pragmática	04
Questões Morfossintáticas	49
QuestõesMetalinguísticas	06
Temas para Discurso Semidirigido	04
Texto para leitura	01
Total de Questões	**436**

Fonte: Elaboração da autora com base no Questionário do Projeto ALiB (2001).

O Questionário Semântico-Lexical (QSL), por exemplo, é composto por 14 áreas semânticas, totalizando 202 perguntas, e tem como objetivo registrar a variação lexical, "buscando denominações de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos, que se admite devam figurar em questionários de atlas ou monografias regionais" (MOTA, 2014, p.85). Para o estudo, no âmbito desta tese, foram selecionadas as designações obtidas como resposta para as 13 perguntas vinculadas à área semântica *Jogos e Diversões Infantis*, do Questionário Semântico-Lexical (QSL). O Quadro 19 reúne as áreas contempladas pelo QSL do Projeto ALiB, com destaque para o quantitativo de questões que estão sendo objeto de análise neste trabalho.

Quadro 19 – Estrutura do questionário semântico-lexical do ALiB

Áreas semânticas	Número de perguntas
Acidentes Geográficos	06
Fenômenos Atmosféricos	15
Astros e Tempos	17
Atividades Agropastoris	25
Fauna	25
Corpo Humano	32
Ciclos da Vida	15
Convívio e Comportamento Social	11
Religião e Crenças	08
Jogos e Diversões Infantis	**13**
Habitação	08
Alimentação e Cozinha	12
Vestuário e Acessório	06
Vida Urbana	09
Total de perguntas	**202**

Fonte: Elaboração da autora com base no Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (2001).

3.2.3 Perfil do Informante

A definição do perfil dos 1.100 informantes (550 homens e 550 mulheres) pelos pesquisadores do Projeto ALiB considerou características diatópicas e sociais (sexo, idade, escolaridade). Nos pontos de inquéritos localizados no interior dos estados, foram entrevistadas quatro pessoas de escolaridade fundamental e, nas capitais, o número se eleva para oito informantes, distribuídos igualmente no sexo masculino e feminino. A ampliação do número de entrevistados na capital se deve ao fato de que metade dos informantes devem ter escolaridade superior. Quanto à faixa etária, foram considerados um homem e uma mulher para cada faixa etária, a saber: I (18-30 anos) e II (50-65 anos).

Sintetizando, os informantes do Projeto ALiB foram selecionados conforme o seguinte perfil:

- **Idade:** *Faixa etária I:* 18-30 anos; *Faixa etária II*: 50-65 anos;
- **Sexo:** Um homem e uma mulher por faixa etária;
- **Escolaridade:** Ensino Fundamental (interior) e Ensino Fundamental e Universitário (capitais);
- **Naturalidade:** nascidos na localidade com pais naturais da mesma região linguística.

No estado de São Paulo foram, pois, entrevistados 148 informantes. Para esta pesquisa, ainda foram acrescidos 40 informantes naturais das localidades da

área de controle. A seguir; o Quadro 20 traz a síntese da distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais:

Quadro 20 – Distribuição dos informantes desta pesquisa conforme variável social

Variáveis Sociais		**Total de informantes**
Faixa etária	F1: 18-30 anos	94
	F2: 50-65 anos	94
Gênero	Masculino	94
	Feminino	94
Grau	G1: fundamental incompleto	188
Total		188

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na fase da coleta de dados, em sua grande maioria, os critérios indicados foram seguidos rigidamente. Alguns casos foram admitidos pela coordenação do Projeto ALiB[191] devido a grande dificuldade em encontrar informante em determinados perfis. Particularidade já assegurada por Mota (2014) ao citar casos de alguns informantes (faixa etária II) do Oeste Paulista que não possuem pai com origem local: "[...] 161, Presidente Epitácio; 162, Adamantina; 164, Teodoro Sampaio; 165, Presidente Prudente, tendo em vista o fato de essas cidades serem muito recentes e povoadas por um grande contingente de migrantes de outras áreas brasileiras" (MOTA, 2014, p. 92).

Essa peculiaridade também foi identificada durante a audição de outros áudios[192]. No apêndice, é possível conferir as características principais dos informantes das diferentes localidades.

3.3 *Corpus* da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é formado pelas respostas fornecidas por 148 informantes naturais das 37 localidades do estado de São Paulo (interior) e das dez que cobrem a área de controle (RIBEIRO, 2012), sendo distribuídas nos seguintes estados: uma localidade no Mato Grosso do Sul, quatro em Minas Gerais, três no Paraná e duas no Rio de Janeiro.

[191] Decisões como essas são tomadas em reunião do Comitê Nacional.
[192] Também foi identificado durante a audição dos inquéritos, algumas características de mobilidade por parte de alguns informantes.

Ribeiro (2012), em sua tese de Doutorado sobre o *Falar Baiano,* definiu uma área de controle com o objetivo de "testar se a posição e o dimensionamento do traçado refeito na atualidade estão corretos e se a área prevista pelo autor para o *Falar Baiano* ainda tem vitalidade" (RIBEIRO, 2012, p. 138).

Esse procedimento metodológico também foi adotada por Portilho (2013) e Santos (2016) em seus estudos dialetais sobre o vocabulário de entretenimentos infantis. Em ambos os trabalhos, essa delimitação teve como objetivo analisar o comportamento linguístico dos falantes frente às perguntas relacionadas bem como examinar as variantes lexicais como resposta para as perguntas relacionadas à área semântica assinalada em um espaço geograficamente próximo à região selecionada para a pesquisa.

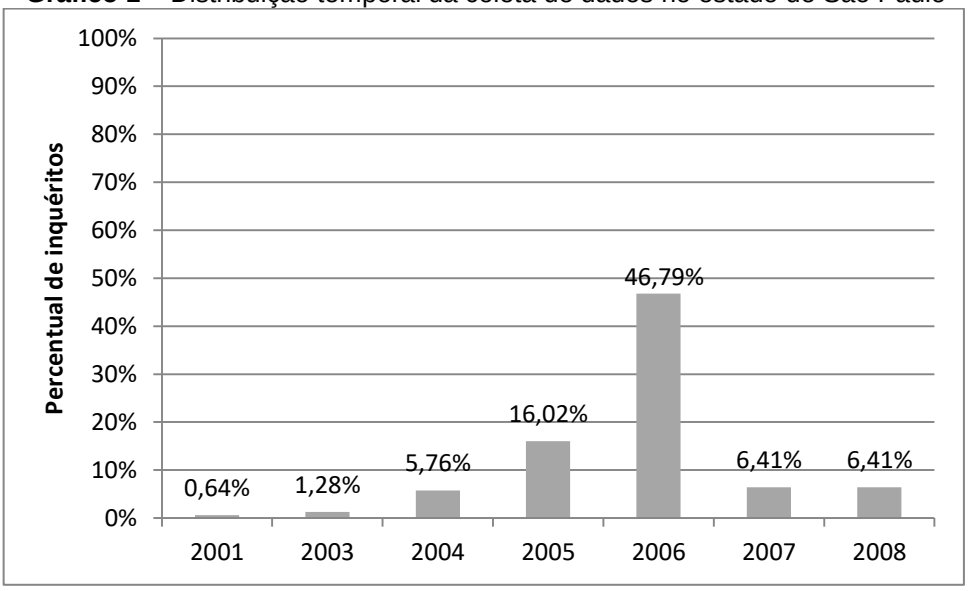
Ressalte-se que, nesta pesquisa, a concepção de área de controle foi tomada enquanto conceito genérico, ou seja, foi adaptada aos propósitos deste estudo, pois a área de controle foi delimitada considerando às fronteiras paulistas e os pontos do ALiB nos estados vizinhos num raio de 200km do limite estadual.

Os dados lexicais analisados foram obtidos por meio de consulta a 188 inquéritos, como já assinalado, dos quais 148 se referem ao interior do estado de São Paulo e 40 a localidades pertencentes ao Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro.

A análise dos dados foi realizada após a constituição do *corpus*, pois todas as localidades já tinham os inquéritos realizados pela equipe de inquiridores do Projeto ALiB. Assim, foi possível realizar as atividades de modo sequencial.

Em relação aos inquéritos, a maioria dos dados foi coletado pela equipe ALiB da regional Paraná entre os anos de 2001 e 2008 (estado de São Paulo) e 2002 e 2013 (área de controle). Nos Gráfico 1 e Gráfico 2 é possível visualizar o percentual de entrevistas realizadas por ano. Iniciando-se pelos dados paulistas:

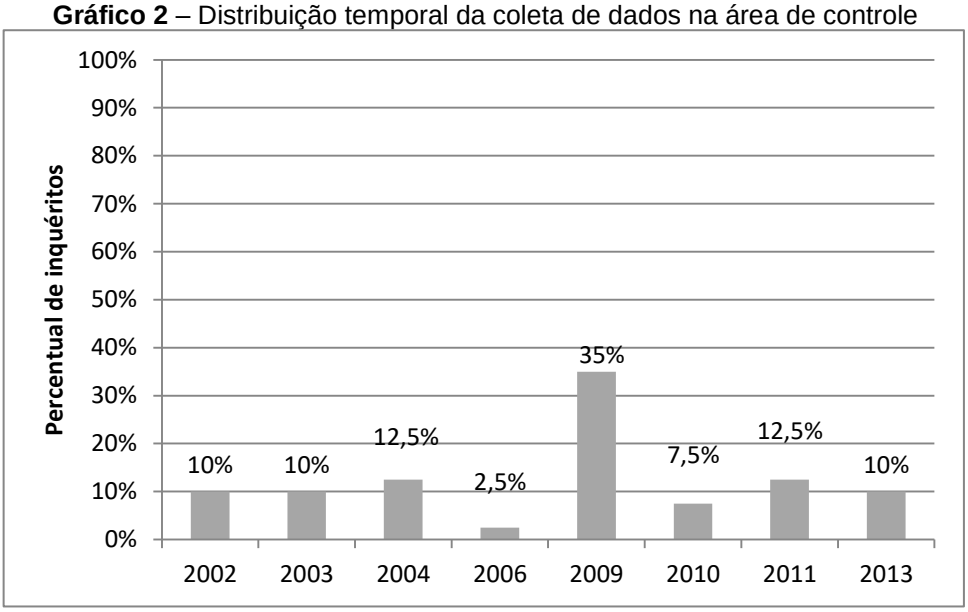
Gráfico 1 – Distribuição temporal da coleta de dados no estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB

Verifica-se no Gráfico 1 que a maioria dos inquéritos realizados no estado de São Paulo foram coletados no ano de 2006, ao passo que as entrevistas na área de controle ocorreram, em sua maioria, no ano de 2009, como atesta o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Distribuição temporal da coleta de dados na área de controle



Fonte: Elaboração dos dados com base no Projeto ALiB

Já a Tabela 2, por sua vez, traz o percentual de entrevistas realizadas pelos diferentes inquiridores durante a pesquisa de campo, respectivamente no estado de São Paulo e na área de controle.

Tabela 2 – Percentual de inquéritos realizados por cada inquiridor na área investigada

Inquiridor	São Paulo	Área de Controle
Vanderci A. Aguilera	23,8%	31,7%
Fabiane C. Altino	19,5%	17,1%
Greize A. Silva	18,2%	9,75%
Ariane C. dos Santos	11,3%	--
Rosa E. S. B. Rodrigues	7,5%	2,44%
Ivã A. Munhoz	4,50%	--
Rosana G. Amâncio	4,50%	2,44%
Vandersi Sant´anna	4,50%	--
Aparecida N. Isquerdo	2,51%	7,31%
Gilma de R. Bordinassi	2,50%	2,44%
Giovanna M. de C. Paes	1,25%	2,44%
Regiane Coelho P. Reis	--	2,44%
Janaina Gabriel da S. Kami	--	2,44%
Claudia de Souza Cunha	--	19,52%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nota-se que a grande maioria dos inquéritos do estado de São Paulo foram realizados por inquiridores da regional Paraná, porém também houve inquéritos realizados pela regional Mato Grosso do Sul. Quanto aos inquéritos da área de controle, a maioria também foi realizada pela Regional Paraná.

Já em relação à presença do inquiridor auxiliar, a audição dos inquéritos e a consulta às fichas dos informantes demonstrou que poucas entrevistas foram realizadas com a colaboração dessa figura no universo de inquéritos consultados para esta pesquisa. Isquerdo ressalta a importância desse ajudante na boa execução dos inquéritos, pois contribui sobremaneira na atenção às condições fundamentais para a efetivação da entrevista:

> A realização dos primeiros inquéritos definitivos do Projeto ALiB tem demonstrado, por exemplo, que a atuação dos inquiridores em dupla resulta em melhores resultados, já que facilita um melhor controle da execução das tarefas - monitoração do gravador, anotação das perguntas não respondidas pelos informantes e das eventualmente puladas pelo inquiridor. Desta forma, os registros efetivados pelo pesquisador auxiliar durante a entrevista facilitam a retomada das questões não respondidas no final da entrevista (ISQUERDO, 2003b, p. 50).

Todavia, as vicissitudes que envolvem uma coleta de dados em uma rede de pontos tão densa como a do Projeto ALiB, especialmente a fração correspondente ao estado de São Paulo acabou por fazer com que a recomendação da presença do inquiridor auxiliar não se tornasse uma regra, já que envolvia custos adicionais para a pesquisa de campo. No apêndice, o Quadro A e B trazem uma síntese dos dados referentes à realização dos inquéritos em São Paulo e na área de controle (nome da

localidade, identificação dos informantes, dos inquiridores principais e auxiliares, data dos inquéritos), respectivamente.

Destaca-se que, concluída a pesquisa de campo, todos os materiais são armazenados. No caso dos áudios são realizadas cópias em diferentes mídias como meio de preservação da qualidade da gravação para posterior transcrição grafemática e fonética. Também é organizado o cadastro das fichas de Informantes. Em relação aos áudios referentes ao estado de São Paulo, todos já estavam transcritos na época da realização do levantamento de dados para este estudo, tarefa realizada pela equipe da Regional Paraná.

Na maior parte dos casos, os inquéritos estavam com uma boa qualidade de gravação, com exceção de algumas entrevistas cujas condições deixam a desejar em virtude da qualidade do som, da presença de ruídos externos (rádio/música/proximidade a ambientes agitados), limitações essas que não comprometeram a audição e a compreensão das entrevistas.

3.3.1 Das localidades

O Projeto *O Léxico de Brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo* cobriu todas as localidades da rede de pontos do ALiB do estado de São Paulo, além dos pontos de inquéritos circunscritos à área de controle. As localidades do estado de São Paulo foram distribuídas segundo as mesorregiões do IBGE: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Campinas, Itapetininga, Litoral Sul Paulista, Macro Metropolitana Paulista, Marília, Metropolitana de São Paulo, Piracicaba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Vale do Paraíba Paulista. A Figura 20 traz o mapa dessas microrregiões e o Quadro 21 contém a relação das localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB em São Paulo, com a indicação do número de cada uma no universo dos 250 pontos da rede do Projeto ALiB e da mesorregião a que se vincula cada localidade:

Figura 20 – Divisão das mesorregiões do estado de São Paulo

Fonte: Disponível em: <http://www.sanderlei.com.br/img/Ensino-fundamental/Sao-Paulo-Historia-Geografia-11-01.jpg.>. Acesso em: 18 julho 2016.

Quadro 21 – Pontos de inquérito do Projeto ALiB no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões

Nº do ponto/ ALiB	Localidade	Mesorregião
150	Jales	São José do Rio Preto
151	Votuporanga	São José do Rio Preto
152	São José do Rio Preto	São José do Rio Preto
153	Barretos	Ribeirão Preto
154	Franca	Ribeirão Preto
155	Andradina	Araçatuba
156	Araçatuba	Araçatuba
157	Ribeirão Preto	Ribeirão Preto
158	Lins	Bauru
159	Ibitinga	Araraquara
160	Mococa	Campinas
161	Presidente Epitácio	Presidente Prudente
162	Adamantina	Presidente Prudente
163	Araraquara	Araraquara
164	Teodoro Sampaio	Presidente Prudente
165	Presidente Prudente	Presidente Prudente
166	Marília	Marília
167	Bauru	Bauru
168	Mogi Mirim	Campinas
169	Assis	Assis
170	Bernardino de Campos	Assis
171	Botucatu	Bauru
172	Piracicaba	Piracicaba
173	Campinas	Campinas
174	Bragança Paulista	Macrometropolitana Paulista
175	Taubaté	Vale do Paraíba Paulista
176	Guaratinguetá	Vale do Paraíba Paulista
177	Itapetininga	Itapetininga
178	Sorocaba	Macrometropolitana Paulista
179	São Paulo	São Paulo
180	Caraguatatuba	Vale do Paraíba Paulista
181	Itararé	Itapetininga
182	Capão Bonito	Itapetininga
183	Itanhaém	Litoral Sul Paulista
184	Santos	Metropolitana de São Paulo
185	Ribeira	Itapetininga
186	Registro	Litoral Sul Paulista
187	Cananéia	Litoral Sul Paulista

Fonte: Elaboração da autora com base no IBGE.

Já no que tange à área de controle, é preciso considerar que a delimitação desse espaço circunvizinho à área investigada teve o intuito de verificar uma possível manutenção - ou não - das variantes lexicais relacionadas às 13 perguntas vinculadas à área semântica *Jogos e Diversões Infantis,* além da fronteira do estado de São Paulo.

Sendo assim, para a constituição da área de Controle da rede de pontos estabelecida para este estudo, foi considerada a proximidade dos pontos de inquérito do ALiB às fronteiras paulistas, ou seja, localidades geograficamente circunvizinhas ao estado de São Paulo, em uma distância máxima de 200 Km, nas quatro orientações: norte, sul, leste e oeste, independente da classificação dialetal proposta por Nascentes (1953; 1958). Portanto, nesta pesquisa, utilizou-se o conceito *àrea de controle* cunhado por Ribeiro (2012), com sua aplicação reformulada, pois "Para a Área de Controle (23 localidades) tomou-se como critério único para escolha dos pontos a posição geográfica (ser o ponto ALiB mais próximo à linha do Falar Baiano) [193]" (RIBEIRO, 2012, p. 138); enquanto, nesta pesquisa, delimitou-se a distância de 200 km nas diferentes direções a partir da fronteira do estado de São Paulo.

Assim, a área de controle reuniu dez pontos de inquérito da rede do Projeto ALiB distribuídos entre os quatro estados que fazem fronteira a São Paulo, como o especificado no Quadro 22.

Quadro 22 – Composição da área de controle, considerando os diferentes estados

Nº do ponto/ ALiB		Localidades	Número de Informantes
114	Mato Grosso do Sul Oeste de SP	Paranaíba	04
137	Minas Gerais Norte de SP	Campina Verde	04
140		Passos	04
147		Poços de Caldas	04
149		Itajubá	04
205	Rio de Janeiro Leste de SP	Barra Mansa	04
206		Parati	04
207	Paraná Sul de SP	Nova Londrina	04
211		Tomazina	04
216		Adrianópolis	04

Fonte: Elaboração da autora.

Consequentemente, em termos de entrevistas, os informantes se dividem em dois grupos: i) pontos de inquérito no estado de SP, computando 148 entrevistados e ii) pontos de inquérito da área de controle, contando com 40 informantes, distribuídos entre sul-mato-grossenses, mineiros, fluminenses e paranaenses,

[193] Consolidou-se a proposta da rede de pontos para a pesquisa, utilizando-se, como dito anteriormente, os pontos estabelecidos por NASCENTES (1958) para o Atlas do Brasil; e sua Divisão dialetal do Brasil (NASCENTES, 1953) e a importância dos acidentes geográficos para o estudo da variação linguística (RIBEIRO, 2012, p. 137).

computando 40 informantes[194]. Desse modo, o número total de informantes foi de 188.

De acordo com a divisão dialetal de Nascentes (1953), os pontos de inquérito contemplados por esta pesquisa pertencem ao Falar Sulista, com exceção de Barra Mansa e Parati (RJ), que, segundo a mesma divisão, situam-se entre as pertencentes ao Falar Fluminense. Para Nascentes, o Falar Sulista compreende: "São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso". (NASCENTES, 1953, p. 26).

Salienta-se que a divisão proposta por Nascentes (1953) foi realizada em um tempo em que a divisão territorial/geográfica brasileira era bem distinta da atual. Romano (2015) questiona essa divisão e propõe uma subdivisão no falar sulista que compreenderia uma partição nesta classificação, assim delimitada geograficamente:

> [...] a partir do Estado de SP, com influência na região norte do PR, oeste do MS, sudoeste e interior do Estado de GO, sul de MG e Triângulo Mineiro. Ademais, este falar, até onde se verificou, alcança também os pontos de controle, ou seja, não se limita à área geográfica do subfalar sulista definida por Nascentes (1953) e diferencia-se da região meridional do território investigado (ROMANO, 2015, p. 271).

O estudo de Romano, como já salientado, baseou-se no amplo estudo de cinco questões de diferentes áreas semânticas do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (2001). Para o estudo realizado com os dados do estado de São Paulo, neste particular, o ponto de partida será o mesmo questionário, porém contemplando toda a área semântica: *jogos e diversões infantis*.

3.3.2 Das perguntas da área semântica consideradas nesta pesquisa

A área semântica *Jogos e Diversões Infantis* foi selecionada para a realização deste estudo, em virtude da necessidade de complementação do vocabulário selecionado nas diferentes regiões do Brasil, pois, vários trabalhos já vem

[194] Ao considerarmos o Quadro 21 (Pontos de inquérito do estado de São Paulo e respectivas mesorregiões) e Quadro 22 (Composição da área de controle) obtém- se a rede de pontos total desta pesquisa, com exceção de São Paulo (capital). A rede total também pode ser visualizada nos Anexos, que apresenta a carta com o conjunto de pontos e respectiva localização geográfica.

descrevendo essa área semântica nas regiões norte, nordeste[195] e na região sudeste.

Como já salientado, apesar dessa área semântica já ter sido contemplada por estudos que cobrem várias regiões do Brasil, ainda não havia sido estudada em um dos estados mais antigos do país, São Paulo. Além disso, o fato de já terem sido realizadas análises dos dados vinculados a essa vocabulário em diferentes regiões justificaria uma pesquisa que pudesse colaborar com a cobertura nacional da descrição da área semântica em questão em todo o território brasileiro, além de permitir comparabilidade com os dados já mapeados.

A área semântica *Jogos e Diversões Infantis,* no Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB é composta por 13 questões (perguntas 155 a 167) conforme especificação a seguir:

155 - cambalhota

156 – bolinha de gude

157 – estilingue

158 – papagaio de papel/ pipa

159 – pipa/ arraia

160 – esconde-esconde

161 – cabra-cega

162 - pega-pega

163 – pique

164 – lenço-atrás

165 – gangorra

166 – balanço

167 – amarelinha

Em uma pesquisa dialetológica é fundamental que o inquiridor tenha conhecimento do referente, objeto da pergunta, pois, muitas vezes, é necessário fornecer características adicionais ao informante para obtenção de respostas. Essa situação foi bastante comum ao considerarmos o léxico dos *Jogos e Diversões Infantis*, sobretudo com a pergunta 164 (lenço-atrás), que teve que ser reformulada, em alguns casos, para a obtenção de alguma resposta.

[195] Quanto ao Nordeste, destaca-se o estudo sobre o falar baiano (RIBEIRO, 2012) e SANTOS (em andamento) sobre o falar nordestino. Já quanto ao Sudeste, destaca-se a dissertação sobre o falar fluminense (SANTOS, 2016).

Nos inquéritos consultados, houve poucos casos de antecipação de resposta por parte do inquiridor, o que acaba custando a anulação da questão. Também houve perguntas que foram omitidas ("puladas") pelo inquiridor e que poderiam ter sido formuladas na retomada ao final do inquérito, o que, em alguns casos, acabou não sendo realizado.

Além disso, em termos de interação, é importante ressaltar a importância do estabelecimento de uma relação amigável/humana entre inquiridor e entrevistado, o que ocorreu em todos os inquéritos consultados para este estudo.

Ainda, considerando a totalidade dos inquéritos, informa-se que: i) a proposição da pergunta, em geral, não causou problemas de compreensão por parte dos informantes[196] e que ii) - não há como afirmar se foi utilizada a realia para a formulação de alguma das perguntas, pois nos áudios não houve menção a imagem/foto ou objeto.

Na sequência, são descritas algumas observações, extraídas dos inquéritos na fase de audição para levantamento de dados lexicais, objeto deste estudo. O Quadro 23 traz comentários sobre o observado, procedimento também utilizado por Ribeiro (2012) e que favorecerá futuras comparações de dados.

[196] A exceção ocorreu, sobretudo, na proposição das questões 163 e 164/QSL/ALiB.

Quadro 23 – Aplicação das questões 155 a 167 do QSL - comentários

QSL	Formulação da pergunta	Comentários à aplicação
155	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?	A grande dificuldade observada foi a não ênfase, por parte de alguns inquiridores, do sema "cair sentado", o que motiva a validação de variantes como "mortal", "pirueta" (definida como salto em que se dá uma volta no ar, apoiando as mãos no chão, ou não, e caindo sobre os pés)". Por não indicar na definição cair sentado, a resposta foi invalidada por fazer referência a outro movimento acrobático, que não era o objeto da questão.
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	- Notou-se que eventuais menções as "coisinhas redondas de vidro", na formulação da pergunta, provavelmente pode ter influenciado o informante. - Alguns inquiridores questionaram o informante quando fornecia a resposta "bolinha", talvez na tentativa de compreender se a referência era para *bolinha de gude* ou *bolinha de vidro.*
157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?	- Em relação às diferentes designações apresentadas, alguns inquiridores questionaram se todas as denominações fornecidas (quando mais de uma resposta era dada) se referiam ao objeto solicitado na questão. Entre os informantes, apenas um informou, de forma enfática, as diferenças/semelhanças entre bodoque, estilingue, setra... Por sua vez, detalhes distintivos entre os brinquedos bodoque (versão em arco ou forquilha) que são homônimas não foram exploradas durante os inquéritos.
158	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?	- Muitos inquiridores exploraram, quando possível, detalhes distintivos entre os diversos fomatos que uma pipa pode apresentar, objetivando apurar se para formatos distintos seriam utilizados nomes distintos. - A formulação admite qualquer brinquedo feito com varetas e coberto por papel, tornando válidas as respostas para quaisquer formatos de pipas.
159	Como se chama um brinquedo parecido com o (cf.item 158) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?	- Questão interligada à anterior, pois, muitas vezes, quando realizada a pergunta, os informantes retomavam ou relacionavam à pergunta 158. Por isso, muitas vezes, a pergunta necessitou ser reformulada.
160	Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?	- Alguns informantes associaram o caráter coletivo da pergunta e a presença de “uma criança fecha os olhos” e acabaram, antecipadamente, respondendo algumas questões, no caso 160, 161 e 162/QSL/ALiB. Nesta situação, alguns inquiridores exploraram a questão, valendo-se da resposta dada pelo informante e solicitando a descrição da brincadeira. Dessa forma, na maioria dos casos, eram solucionadas as dúvidas sobre a nomeação das brincadeiras previstas para a questão. Por outro lado, ao reformular a questão alguns inquiridores acabaram por, acidentalmente, fornecer a resposta.
161	Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	- Alguns informantes associaram a pergunta ao QSL 160, QSL 161 e QSL 162 e, por isso, acabaram por responder algumas questões antecipadamente no todo. Nesta situação, alguns inquiridores exploraram a questão, valendo-se da resposta dada pelo informante e solicitando a descrição da brincadeira. Dessa forma, na maioria dos casos, eram solucionadas as dúvidas sobre a nomeação da brincadeira prevista para a questão, sobretudo quando, na reformulação, o inquiridor não acabava por fornecer a resposta, acidentalmente.

162	Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?	- Alguns informantes associaram a pergunta ao QSL 160, QSL 161 e QSL 162 e, por isso, acabaram por responder algumas questões antecipadamente. Nesta situação, alguns inquiridores exploraram a questão, valendo-se da resposta dada pelo informante e solicitando a descrição da brincadeira. Dessa forma, na maioria dos casos, eram solucionadas as dúvidas sobre a nomeação das brincadeiras previstas para a questão. Por outro lado, ao reformular a questão alguns inquiridores acabaram por, inconscientemente, fornecer a resposta.
163	Como se chama esse ponto combinado?	- A proposição da pergunta, em geral, apresentou alguns problemas de compreensão por parte dos informantes. Quando a questão era vinculada à pergunta anterior, os problemas eram minimizados. - Dentre as respostas coletadas, percebeu-se que alguns inquiridores não esclareceram exatamente como era o ponto combinado e/ou não insistiram na questão, por isso admitiram respostas como: ponto ou mesmo "parede" como resposta para a pergunta QSL 163.
164	Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?	- A proposição da pergunta, em geral, apresentou muitos problemas de compreensão por parte dos informantes. - Apesar da formulação prévia da questão ter a presença do sema "lenço", acredita-se que este item não influenciou muito nas respostas devido ao alto número de abstenções. - Muitos inquiridores necessitaram explorar a questão referindo-se à execução da brincadeira. Explicações que detalhavam a estrutura da brincadeira de roda, o uso de musiquinha para acompanhar o desenrolar da brincadeira foram soluções adotadas que tiveram bom resultado. Quando o inquiridor não apresentava muitos detalhes ou não insistia no questionamento, a resposta acabou não sendo obtida ou quando fornecida pelo informante não contemplava a brincadeira solicitada.
165	Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (mímica)	- Há poucos registros de não distinção entre os brinquedos questionados no QSL 165 e QSL 166, quando ocorreram, a maioria das vezes, foi desfeita após a realização da pergunta consecutiva.
166	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (mímica)	- Há poucos registros de não distinção entre os brinquedos questionados no QSL 165 e QSL 166.
167	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?	- Muitos inquiridores deixaram de solicitar "descrição detalhada" prevista na formulação inicial da questão.

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Essas peculiaridades descritas na fase de realização das entrevistas atestam que um inquérito bem sucedido depende muito do desempenho do inquiridor que,

dentre outras características, necessita ser persistente na busca do perfil desejado, ter paciência e respeito com o informante para ouvi-lo com extrema atenção e ser perspicaz para verificar a viabilidade da resposta obtida. Outra condição não menos importante é o conhecimento do inquiridor sobre o que é solicitado ao informante:

> Demonstrar clareza quanto aos objetivos do questionário linguístico como um todo, dos diferentes questionários específicos e de cada questão em particular (compreensão do solicitado na pergunta) é um requisito básico para o pesquisador conquistar o status de inquiridor" (ISQUERDO, 2003b, p. 48).

Ainda é fundamental, a consciência do inquiridor da constante necessidade de aprendizado durante o período da realização dos inquéritos, pois [...] “nos causa muita preocupação ouvir um colega que está começando a atuar em pesquisas dialectológicas e geolinguísticas afirmar, categoricamente, que está preparado para atuar como inquiridor" (ISQUERDO, 2003b, p. 46).

Dessa forma, conclui-se que as experiências de coletas de dados acabam por comprovar que boa parte do sucesso da gravação vem do compromisso do inquiridor tanto na seleção dos informantes quanto na atenção máxima depreendida na realização dos inquéritos.

3.3.3 Das respostas consideradas neste estudo

O levantamento dos dados foi realizado pela autora do trabalho a partir da audição dos inquéritos realizados pelos pesquisadores do Projeto ALiB e, quando possível, acompanhada da consulta às transcrições.

Os dados foram armazenados inicialmente em planilhas do excel que contêm as seguintes informações sobre os inquéritos linguísticos: região brasileira, estado, número e nome da localidade, número da questão, número do informante e respostas (todas as indicadas) e comentários fornecidos pelos informantes.

A seguir, a Figura 21 ilustra o modelo de tabela utilizada para armazenamento dos dados brutos.

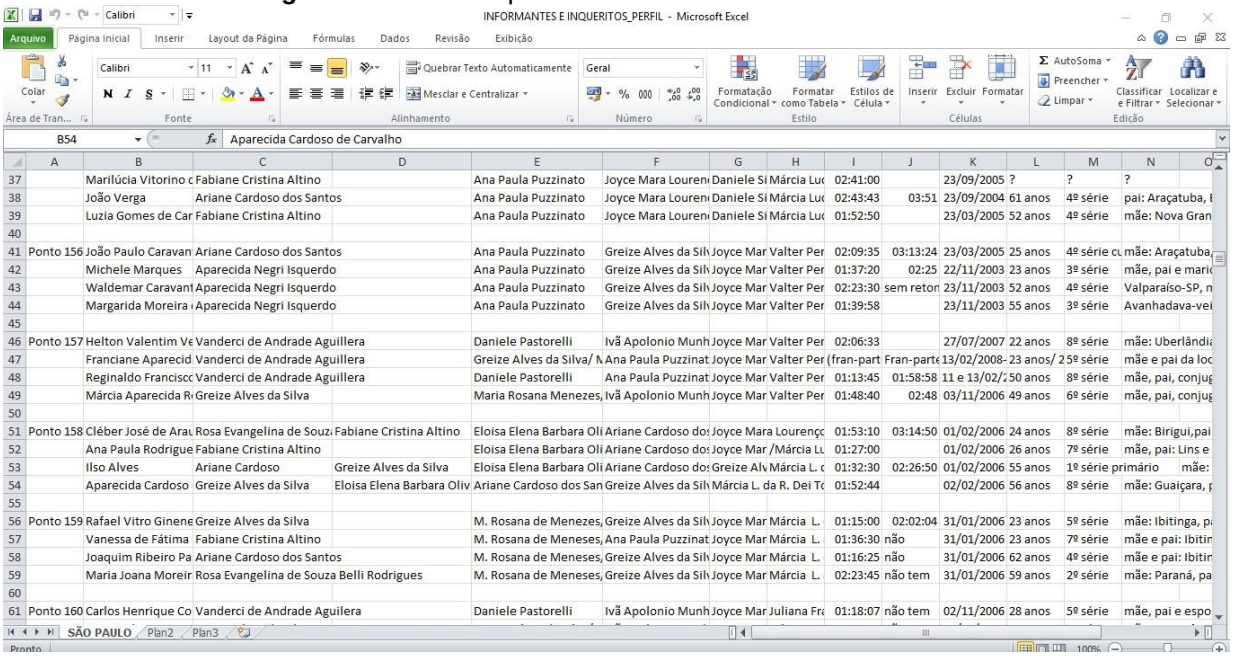
Figura 21 – Planilha para armazenamento de dados brutos

Região	Estado	Localidade /Ponto	Nº questão	Inf.	1ª resposta	2ª resposta	3ª resposta
Sudeste	SP	São Paulo/179	155	1	cambalhota		
Sudeste		São Paulo/179	156	1	bola de gude	paredinha	
Sudeste		São Paulo/179	157	1	estilingue		
Sudeste		São Paulo/179	158	1	pipa	quadrado	papagaio
Sudeste		São Paulo/179	159	1	cabucheca	catequinha	
Sudeste		São Paulo/179	160	1	bate-cara	esconde	
Sudeste		São Paulo/179	161	1			
Sudeste		São Paulo/179	162	1	pega-pega		
Sudeste	SP	São Paulo / 179	163	1	piques	pega-pega	batê na parede
Sudeste	SP	São Paulo / 179	164	1			
Sudeste	SP	São Paulo / 179	165	1	gangorra		
Sudeste	SP	São Paulo / 179	166	1	balanço	balança	
Sudeste	SP	São Paulo / 179	167	1	amarelinha		
Sudeste							
Sudeste	SP	São Paulo / 179	155	2	cambalhota		
Sudeste	SP	São Paulo / 179	156	2	bolinha de gude	botigão	
Sudeste		São Paulo / 179	157	2	estilingue		
Sudeste		São Paulo / 179	158	2	pipa	peixinho	raia
Sudeste		São Paulo / 179	159	2	capuxeta		
Sudeste		São Paulo / 179	160	2	esconde-esconde		
Sudeste		São Paulo / 179	161	2	cobra-cega		
Sudeste		São Paulo / 179	162	2	pega-pega		
Sudeste		São Paulo / 179	163	2	parede	pique	
Sudeste		São Paulo / 179	164	2	lencinho-branco		
Sudeste		São Paulo / 179	165	2	gangorra		

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados lexicais catalogados também foram sistematizados inicialmente em planilhas do Excel que contêm dois grupos de informação, algumas fazem referência ao inquérito e outras ao informante: número do ponto, nome do informante, inquiridor principal, inquiridor auxiliar (se houver), transcritor, revisores da transcrição, tempo da gravação em que é realizado o recorte da área semântica, tempo da gravação em que se realiza a retomada (quando houver), data do inquérito referindo-se aos dados da entrevista. Em relação aos dados do informante, a planilha permite o registro da idade do informante, da escolaridade, da naturalidade dos pais e comentários gerais sobre o inquérito e/ou perfil do informante. Verifique a Figura 22:

Figura 22 – Planilha para armazenamento de dados brutos



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Após a compilação dos dados brutos e registro nas planilhas, foram realizadas as validações e agrupamentos das respostas fornecidas pelos informantes para fins de análise e cartografação, considerando os seguintes critérios:

- Agrupamento de variantes morfofonêmicas que apresentem o mesmo radical nos seguintes casos:
  - i) omissão ou troca de vogais e consoantes: cambota/cambote;
  - ii) simplificação da flexão em gênero e/ou número: bolinha de gude/bolinhas de gude/ bola de gude/bolinha de gude;
  - iii) simplificação da derivação por grau (diminutivo ou aumentativo): bola de gude/bolinha de gude; burca/burquinha; búlica/buliquinha.
- agrupamento de formas lexicais cujo sema já está expresso na formulação da questão, como, por exemplo, a variante: lenço que corre/lenço atrás;
- Agrupamento de formas inadequadas por serem genéricas ou específicas. Conforme os casos: i) contempla os itens lexicais que, apesar de possuírem traços semânticos comuns ao referente, não designam, especificamente, o item buscado, como, por exemplo, as formas *leitera* e *paraguainha* para as coisinhas redondas de vidro. Essas variantes denominam outro referente ou classificação do objeto/brincadeira solicitada de acordo com especificidades do jogo; ii) quando em referência a um lugar genérico como, por exemplo,

algumas respostas obtidas para a questão 163/QSL/ALiB: poste, parede, árvore por fazerem referência ao "ponto" físico que se utiliza na brincadeira;

- Agrupamento de respostas contendo o verbo que indica a ação realizada por determinada brincadeira e não a designação do entretenimento. Exemplo: virar cambota ➡ cambota,
  pular amarelinha ➡ amarelinha.
  Exceto em casos em que o verbo é fundamental para a compreensão do significado da palavra, no caso (plantar) bananeira, pois sem a presença do verbo não se esclarece qual é a brincadeira.
- Simplificação de lexias complexas em lexias simples, em casos de uso de "brincar de" e "brincadeira de" durante a formulação das questões.
- As lexias complexas/compostas foram computadas com a lexia simples (que, normalmente, foi a mais produtiva) para fins de cartografação[197].

Para a validação dos dados, levou-se em conta além das respostas obtidas, as informações prestadas pelos informantes quando da caracterização das brincadeiras.

Sendo assim, foram consideradas válidas também as respostas que estabelecem:

- Relações entre o nome do objeto com as suas partes como o que acontece no processo metonímico de utilizar a unidade léxica *garrote* como designação para "o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha", pois *garrote* designa a borracha que compõe o objeto, ou seja, obtém-se uma relação de nomear que considera a parte pelo todo, o mesmo acontece com *funda.*
- Relações de analogia entre a função do objeto e o nome indicado, uma provável organização de pensamento. Por exemplo, a denominação *caça-passarinho* para nomear "o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha".
- Casos em que o informante tece comentários acerca do uso da unidade léxica a partir de estímulo do inquiridor: "eu falo assim..." "hoje é assim, mas eu falava assim..." ou mesmo quando o inquiridor questiona: Qual é a mais

[197] Nas notas das cartas correspondentes (verso) foi registrada o agrupamento.

comum/usada? Nestes casos, todas as respostas fornecidas foram consideradas como formas de nomear o conceito pelo informante.

- Respostas fornecidas pelo entrevistado marcando o não comprometimento do falante, consequentemente, seguido de comentários, como: o pessoal fala/falava, eles falam/falavam, o(s) outro(s) fala(m)/falavam... Estas respostas foram aceitas considerando as possíveis interpretações de que: i) muito provavelmente, o informante indicou a resposta por não estar seguro se a denominação estava correta; ii) por indicar um modo popular que as pessoas do seu convívio utilizam a denominação; iii) a forma como o próprio informante designa o conceito solicitado.

- Respostas fornecidas pelo entrevistado marcando o não comprometimento do falante, porém com indicação de localidade coincidente com a qual pertence o informante ou de faixa etária/sexo. Normalmente, essas respostas são produzidas nos seguintes contextos: “Eles, aqui em (localidade), falam assim... Ou, o (morador da localidade) fala muito assim...” (exemplos de respostas).

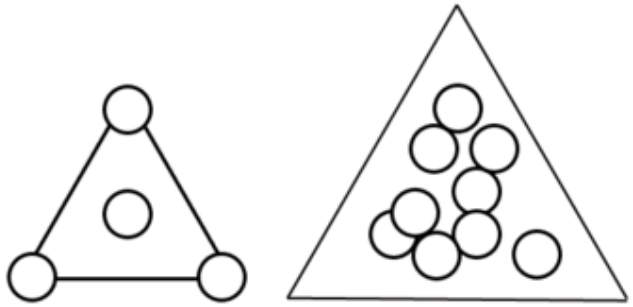
Por sua vez, foram desconsideradas as respostas em situações como as listadas a seguir[198]:

- Quando o inquiridor sugere ou informa a resposta por não ter obtido nenhum designativo, mesmo que o informante confirme a utilização da denominação. Exemplo: “INQ: Lenço atrás, você lembra? Chicote queimado... Você lembra? Era esse nome, será? (Campinas).
- Respostas fornecidas por circunstantes.
- Resposta que fazem referência aos nomes de outros jogos praticados com o objeto nomeado, como é o caso de *triângulo* que indica uma modalidade de prática que se pode realizar com “as coisinhas de vidro”. Observe o quadro, a seguir, que descreve a forma de jogar com essa forma geométrica:

[198] Além das situações listadas, não houve como computar os dados quando a resposta foi prejudicada ou não informada pelo entrevistado (por diferentes circunstâncias).

Quadro 24 – Prática da bolinha de gude utilizando a forma do triângulo

Bolinha de gude em Triângulo: Desenhe um triângulo no chão – o tamanho depende da quantidade de bolinhas a ser colocada, conforme aparece nos desenhos.



1 2

1. No primeiro esquema, jogam até quatro crianças.
Cada bolinha colocada no triângulo pertence a um jogador.
Risca-se uma linha abaixo do triângulo e, a uma distância de três metros ou um pouco menos, cada criança joga uma bolinha.
Quem acertar mais perto da linha joga primeiro; se acertar a bolinha do que jogou antes, fica com ela.
Um de cada vez, os jogadores tem que desentocar as bolinhas de dentro do triângulo; perde a vez quando não conseguir acertar.
Quem conseguir desentocar as quatro fica com todas.
Se sobrarem duas bolinhas, é preciso jogar de novo, desta vez de perto.
Se conseguir acertar a primeira, tentar acertar a última.
Se, no fim do jogo um dos jogadores tiver apenas uma bolinha, ele tem de entregá-la ao que ganhou mais.
Esta versão do triângulo é muito apreciada pelos garotos de Sapiranga, na Bahia.
2. No triângulo do desenho 2, coloca-se três bolinhas de cada jogador dentro (por isso ele é um pouco maior).
A forma de jogar é basicamente a mesma do triângulo menor: acertar as bolinhas que ficam dentro do desenho, mas vale também acertar as jogadas pelos adversários para atrapalhá-los.
Há uma versão mais competitiva, na qual o jogador que conseguir acertar a bolinha do adversário não apenas o exclui do jogo mas também fica com as bolinhas que este ganhou.

Fonte: Disponível em: <http://www.fazfacil.com.br/lazer/como-jogar-bolinha-de-gude/>. Acesso em: 07 out. 2017.

Ainda foram indicadas, as respostas não obtidas com as seguintes convenções: (i) NL - não lembra - quando o informante declara não se lembrar o que se pede, mas afirma conhecer/saber o que está sendo perguntado; (ii) NS - não sabe - quando o informante declara não conhecer o que se pede, com ou sem a insistência do inquiridor ao questionar de diferentes formas obter a resposta e (iii) NO - não obtida - quando não se obteve a resposta por diversos motivos, entre eles: quando a pergunta foi perdida (por omissão da pergunta, pelo inquiridor ou circunstante fornecer a resposta) ou quando houve algum problema com a gravação.

3.3.4 Levantamento e Tratamento dos Dados

Conforme já informado, os dados foram registrados inicialmente em planilhas do Excel e, posteriormente, armazenadas no Banco de Dados do sistema SGVCLin (obtido a partir do endereço: http://sgvclin.altervista.org), que "é uma ferramenta computacional de uso livre que objetiva facilitar o processo de armazenamento e tratamento de dados da língua oral, pautadas na metodologia da Dialetologia, Geolinguística e/ou da Sociolinguística Variacional[199]". Além do armazenamento dos dados, o sistema realiza a geração e a visualização de cartas linguísticas.

A análise das unidades lexicais contempla os tratamentos quantitativo e qualitativo, considerando as dimensões diatópica e léxico-semântica.

3.3.5 Etapas da pesquisa

A constituição do *corpus* e a análise obedeceram às seguintes etapas:

1) **organização do material a ser utilizado e audição dos inquéritos relativos às localidades pesquisadas** consulta à transcrição grafemática (quando disponível) e levantamento das respostas fornecidas pelos informantes do Projeto ALiB, dos pontos de inquérito do estado de São Paulo e das localidades consideradas área de controle, para as perguntas selecionadas para este estudo;

2) **registro dos dados em planilhas do Excel** para posterior transferência para o Banco de Dados utilizando o modelo Ficha do Informante que contempla o cadastro das seguintes informações: cidades do estado de São Paulo e área de controle, número e conceito relativos a cada pergunta selecionada, dados pessoais do informante: idade, sexo, escolaridade, entre outros relevantes para o estudo, respostas fornecidas pelos entrevistados. Outras informações podem ser inseridas nesta ficha;

3) **consulta a dicionários** i) gerais, como: Bluteau (1712-1728), Silva (1813), Silva Pinto (1832), Figueiredo (1899), Freire (1940), Houaiss (2001/2009), Borba (2004), Ferreira (2010), Aulete (2006); ii) etimológicos, como: Guérios (1979), Cunha (1986), e também materiais que tratam sobre folclore, como Dicionário do Folclore Brasileiro (CASCUDO, 2012), Cartilha do Folclore Brasileiro (ORTÊNCIO, 2004); Entre os dicionários consultados, optou-se pela consulta inicial em Ferreira (2010), Houaiss (2009), Aulete (2006) e Cascudo (2012). As demais obras listadas foram utilizadas

[199] Informação disponível no endereço eletrônico: <http://sgvclin.altervista.org/>. Acesso em: 01.jul.2017.

de modo complementar ou para dirimir dúvidas pontuais. Em relação à pesquisa em dicionários, compartilhou-se de um dos critérios adotados em Ribeiro (2012, p. 156): "(i) pesquisar, nas quatro obras adotadas, todas as lexias constantes da amostra" (RIBEIRO, 2012, p. 156). A seleção dos dicionários e a adoção do critério mencionado foi utilizado por permitir possíveis comparações ou diálogos futuros entre os dados das diferentes regiões;

4) **análise semântico-lexical** de uma amostra das designações obtidas, considerando a dicionarização das variantes, a etimologia e as definições de cada uma das designações catalogadas;

5) **seleção de contextos** nos quais os informantes fazem comentários significativos para a caracterização do jogo ou da brincadeira, com o objetivo de melhor compreender as particularidades da atividade lúdica; ou ainda, apontar possível desaparecimento ou adaptação do entretenimento infantil;

6) **análise sociolinguística** das variantes registradas com foco na identificação da norma lexical dos habitantes do estado de São Paulo e área de controle, além do exame dos dados segundo às dimensões diageracional e diassexual[200], priorizando a dimensão espacial. Na análise semântica, examinam-se possíveis motivações para as escolhas lexicais, considerando aspectos culturais, econômicos, históricos e antropológicos de São Paulo como, por exemplo, os fenômenos migratórios, os ciclos da economia, a urbanização e a industrialização do Estado que podem ter motivado as designações apontadas pelos informantes;

7) **exame dos fenômenos da conservação e mudança** na forma de nomear os brinquedos/brincadeiras nas áreas limítrofes com o estado de São Paulo;

8) **apresentação dos resultados** obtidos por meio de quadros, gráficos e cartas linguísticas. Os gráficos visualizam dados de natureza diatópica e sociolinguística, segundo duas perspectivas: 1) interior do Estado e 2) área de controle.

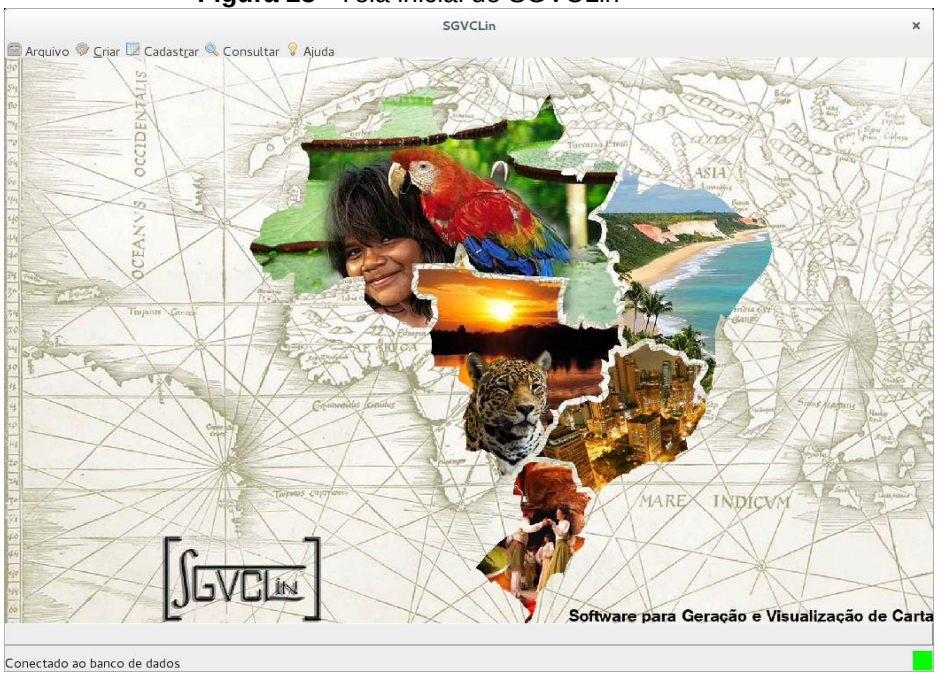
3.3.6 Descrição do banco de dados e sistema de visualização/produção de cartas linguísticas

O Banco de dados utilizado pelo Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SGVCLin) é uma ferramenta computacional que auxilia nos estudos realizados a partir das pesquisas que se pautam na Dialetologia e na

[200] A dimensão diastrática foi examinada apenas no ponto 179 (São Paulo - capital), localidade em que há informantes com dois níveis de escolaridade.

Geolinguística, pois permite armazenar e tratar dados de língua oral. O SGVCLin foi desenvolvido por um profissional da área de Estudos de Linguagens e dois profissionais da área da Informática, respectivamente, pelo Prof. Dr. Valter Pereira Romano, Prof. Dr. Rodrigo Duarte Seabra e pelo Me. Nathan Oliveira. O software foi escolhido por se tratar de um sistema de fácil manuseio e de uso gratuito. Na Figura 23 a seguir, visualiza-se a tela de entrada do SGVCLin.

Figura 23 –Tela inicial do SGVCLin[201]



Fonte: SGVCLin (2014)

O uso do banco de dados do SGVCLin permitiu a visualização de possíveis cartas e a reflexão da importância de cada uma das possibilidades dos dados cartografáveis, com a vantagem de não ter ônus para a realização dos testes.

Ainda entre as vantagens possibilitadas pelo sistema, situa-se a maior autonomia do pesquisador por várias questões: i) a não obrigatoriedade de contratar um profissional que produza as cartas, apenas de um geógrafo que produza o "mapa-base" que servirá para a montagem das cartas linguísticas; ii) permitir que o pesquisador armazene os dados no próprio sistema[202], selecione as informações que julgar conveniente para sua análise, escolha os modelos de cartas, visualize

[201] Imagem do programa - Disponível em: <http://sgvclin.altervista.org/>. Acesso em: 01.jul.2017.

[202] Neste trabalho, essa funcionalidade do programa não foi priorizada. O armazenamento de dados foi usado, basicamente, para a produção das cartas.

diferentes dados e perspectivas de análise, por conseguinte, propiciando uma maior familiaridade com o produto final.

De modo geral, o SGVCLin facilita consideravelmente o processo de cartografação, porém algumas especificidades poderiam contribuir ainda mais para o pesquisador da área de linguagens, como, por exemplo, a inserção de mais modelos de cartas e uma ferramenta de exclusão ou inclusão de elementos na carta dentro do próprio sistema, dando maior possibilidade de personalizar as cartas linguísticas de cada pesquisador.

3.3.7 Cartografia dos dados

Para a confecção das cartas foi utilizada a carta base para a disposição dos dados do Atlas Linguístico do Brasil, elaborada por Ana Regina Teles, integrante da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB e a geração foi subsidiada pelo sistema SGVCLin. A partir da figura/mapa fornecida pelo sistema, as edições para finalização da carta foram realizadas no Paint 3D.

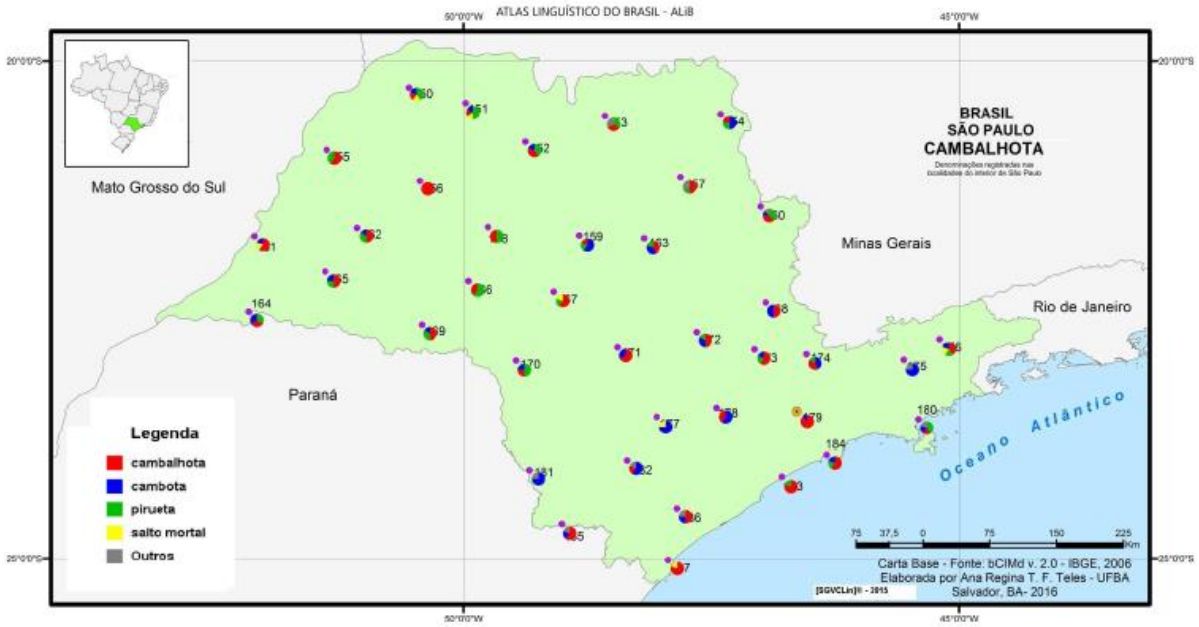
As cartas linguísticas são de natureza diatópica e contêm os seguintes elementos: título (cabeçalho, item lexical mapeado, no caso, o mais produtivo dentre os catalogados), mapa com distribuição diatópica, legenda e pergunta (parte inferior). Todas as unidades lexicais documentadas nas cartas foram objeto de discussão no capítulo destinado à análise dos dados, recuperando-se a informação de que apenas as quatro respostas mais produtivas foram cartografadas. A seguir, segue um modelo de carta[203] contemplado pelo estudo:

Diatópica com produtividade geral: permite listar as quatro variantes mais produtivas para a questão analisada e a indicação de *outras* para indicar o agrupamento das demais respostas, considerando todo o universo da pesquisa.

[203] O programa ainda permite a produção de cartas que demarcam **isoglossas com a demarcação da arealidade,** porém não foram produzidas porque o modelo proposto prevê a cobertura de todas as localidades do mapa, sem a possibilidade de assinalar apenas os pontos de inquérito. Portanto, julgou-se que utilizar esse modelo, neste estudo, poderia possibilitar a falsa interpretação de que houvesse uma unidade no falar de todas as pessoas da região coberta, e não apenas dos pontos de inquérito.

Figura 24 – Modelo de carta diatópica com produtividade geral

Figura X - Carta 07a- Denominações para "cambalhota" no estado de São Paulo



"Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?" - 155/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Fonte: SVGCLin (carta editada pela autora).

Quando da análise, a carta foi produzida considerando os pontos de inquérito do estado de São Paulo e da área de controle, individualmente, e foram inseridas como figuras no decorrer do exame das questões.

Em relação ao verso da carta, são registradas as notas que podem ser compostas de: indicação das respostas agrupadas no sistema como outras; registro de cartas de outras denominações com ocorrências únicas; comentários do informante sobre o uso das variantes; apresentação das respostas obtidas sem os agrupamentos (ou seja, da forma como foi obtida) com a indicação de informante de e localidade.

No verso das cartas são informados os dados sem agrupamento, como ilustra o modelo do verso da carta, a seguir:

Figura 25 – Modelo do verso da carta

CARTA 01b – Denominações para cambalhota- Síntese da carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 155 – Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?

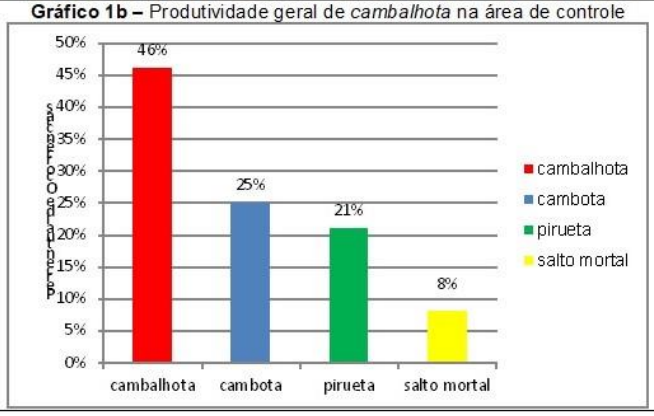
Denominações únicas: *capoeira* (Parati – ponto 206, informante do sexo masculino, faixa etária II), *camborota* (Parati – ponto 206, informante do sexo masculino, faixa etária I).
Todas as respostas foram fornecidas por informantes com grau de escolaridade fundamental.

Comentários sobre dados cartografados:

Variantes agrupadas a cada item léxico:
Cambalhota: cambalhota, cabalhota, cambaiota, cambaioti, cambalhote, cambolhota, dar cambalhota, virar cambalhota.
Cambota: cambota, cambote, camboti, dar cambote, vira cambata, vira cambota, virar cambote, virar cangote, viram cambote, virô cambota.
Pirueta: pirueta, piroleta, piruleta(s), pirulito, virar piroleta.
Salto mortal: mortal, dar mortal, salto mortal, sarta mortal, sarto mortal, sarto mortar, virar mortal.
Camboleta: camboleta, cambuleta, virar camboleta.
Bananeira: plantar bananeira.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 1b – Produtividade geral de *cambalhota* na área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Além dessas cartas, algumas figuras foram produzidas para demonstrar fenômenos evidenciados pela análise. Por exemplo, quando da apresentação dos resultados, todo o território foi agrupado para melhor demonstrar a diatopia da(s) variante(s) cartografada(s) ou para o estabelecimento/sugestão de subáreas dialetais.

Para tanto, foram identificadas isoléxicas[204], quando da cartografação dos dados, e buscaram-se informações histórico-sociais, geográficas que pudessem justificar possível motivação para essa denominação naquelas localidades. Assim como Ribeiro (2012): "o critério definido para o delineamento de subáreas dialetais consistiu em estarem as localidades constituintes da área dialetal em contínuo geográfico atestado pela coexistência de, no mínimo, quatro lexias distintas coocorrendo em tais localidades" (RIBEIRO, 2012, p.160).

[204] Quanto à definição de isoléxicas, retoma-se o conceito de isoglossa: “Por isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e consequentemente apontar semelhanças [...] Quanto à natureza dos fatos linguísticos analisados, uma isoglossa pode ser lexical, ou seja, isoléxica...”(FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13).

Para essa finalidade, também, em alguns momentos, foi utilizado do modelo de carta com seleção de variantes (uma ou mais denominações). Sendo assim, foram produzidas 26 cartas inseridas nas análises individuais de cada pergunta e 13 cartas como resultados.

Na continuação, o capítulo IV que tratará do detalhamento e do exame dos dados propriamente ditos.

CAPÍTULO 04: ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo é dedicado à descrição e à análise dos fenômenos lexicais evidenciados pelo *corpus* da pesquisa. Como já mencionado nos pressupostos metodológicos, o objeto deste estudo são as denominações para os brinquedos/brincadeiras contemplados pelas 13 perguntas vinculadas à área semântica dos *Jogos e Diversões Infantis*, do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34-35). O levantamento do *corpus* resultou em um montante de 2857 ocorrências de resposta fornecidas por 188 informantes oriundos de 47 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB (148 do estado de São Paulo e 40 da área de controle).

Ao considerar o conjunto das respostas relativas às perguntas vinculadas à área em estudo no estado de São Paulo e à área de controle, alguns apontamentos preliminares acerca dos dados obtidos fazem-se necessários:

i) nenhuma questão motivou apenas uma resposta;

ii) as brincadeiras de caráter coletivo apresentaram maior diversidade de nomeações, se considerados todos os pontos de investigação, é o caso das questões 160 e 162 (QSL/ALiB), dentre outras;

iii) algumas perguntas não motivaram alto número de respostas; é o caso da questão 164/QSL/ALiB para a qual mais de 50% dos informantes não indicaram resposta e da questão 163/QSL/ALiB em que cerca de 40% dos informantes também não souberam a resposta.

Por uma questão didática, para fins de análise, as perguntas foram agrupadas com base na classificação proposta por Ribeiro (2012, p. 105), que considera dois grupos de questões: o relativo às brincadeiras e jogos tradicionais e o que agrupa os brinquedos, como pode ser observado no Quadro 25:

Quadro 25 – Distribuição dos entretenimentos infantis na área semântica *Jogos e Diversões Infantis*

Classificação	Número	Entretenimentos Infantis
Brincadeiras e jogos tradicionais	**155**	Cambalhota
	160	Esconde-esconde
	161	Cobra-cega
	162	Pega-pega
	163	Pique/salva
	164	Lenço-atrás
	167	Amarelinha
Brinquedos	**156**	Bolinha de gude
	157	Estilingue
	158	Pipa (com varetas)
	159	Pipa (sem varetas)
	165	Gangorra
	166	Balanço

Fonte: Elaborado pela autora com base em Ribeiro (2012, p. 105).

Na verdade existem controvérsias quanto à classificação de determinados entretenimentos como jogo ou como brincadeira. Ao consultar diferentes obras que tratam do assunto verifica-se que as opiniões se dividem. Alguns autores não diferenciam os termos enquanto outros estabelecem diferenças, é o caso de Kishimoto (2002, p. 21), que relaciona a brincadeira à ação lúdica.

Por sua vez, alguns estudiosos estabelecem outras relações atrelando o brinquedo à criança ou, ainda, às questões simbólicas associadas à cultura, como é o caso de Huizinga (1986, p. 35) que considera jogo: “sempre uma luta por alguma coisa ou uma representação de alguma coisa” (1986, p. 35). Ainda nesse prisma, recupera-se aqui a assertiva de que “[...] a linguagem caracteriza o jogo como um elemento da cultura” (NOGUEIRA, 2016, p. 115). Para o autor,

> Pode-se concluir que o jogo, como código linguístico, signo ou símbolo, traz para discussão a polissemia de sua noção, a pluralidade de suas funções, a multiplicidade de pontos de vista ou dos ângulos de análise psicológica, sociológica, iconográfica, psicanalítica, lexicográfica, jurídica dos documentos, já apontados pelos historiadores e suas pesquisas (NOGUEIRA, 2016, p. 115-116).

Recorre-se ainda, nesse particular, a um fragmento extraído da obra *O jogo e a educação infantil* (KISHIMOTO, 2015) esclarecedor acerca dessa temática que sintetiza a posição assumida nesta tese:

> Para evitar essa indiferenciação neste trabalho, brinquedo será entendido sempre como objeto, suporte de brincadeira, brincadeira com a descrição de uma conduta estruturada, com regras e jogo infantil para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança (brinquedo e brincadeiras) (KISHIMOTO, 2015, p. 7).

Realizadas essas considerações acerca da concepção de brinquedo e brincadeira, discutem-se a seguir os procedimentos que nortearam o exame dos dados da pesquisa, considerando o critério adotado para a análise de cada pergunta, a saber:

1) **A brincadeira/o brinquedo**: registro de informações gerais sobre a caracterização da brincadeira/brinquedo descrito (a) na proposição da pergunta, indicando possível origem e curiosidades em geral sobre a diversão, sempre que possível acompanhada de imagem extraída de sites da internet que ilustrem alguma ação realizada durante a execução do divertimento;
2) **Os nomes da brincadeira/brinquedo:** indicação das denominações obtidas e produtividade nos diferentes segmentos da área investigada: interior do estado de São Paulo e dados da área de controle. Neste tópico, também são indicados o quantitativo de variantes e respectivas ocorrências, os agrupamentos realizados para fins de análises. Além disso, são introduzidas, nessa etapa de análise, a cartografia dos dados, segundo os parâmetros apresentados no capítulo 3, considerando os dois segmentos: i) estado de São Paulo e ii) área de controle.

   Salienta-se que nesse tópico, alguma possível particularidade quanto às ausências de respostas, podem ser fornecidas. Porém, de modo geral, essa situação foi caracterizada por: i) desconhecimento por parte do informante do nome e/ou da brincadeira; ii) problemas técnicos ocorridos durante o processo de gravação; iii) pergunta não formulada pelo inquiridor na realização do inquérito por motivos diversos e iv) resposta fornecida involuntariamente pelo inquiridor ou por algum circunstante, durante a realização da entrevista.

3) **Análise diatópica das denominações produtivas:** essa etapa da análise considerou os dados quantitativos com destaque para a distribuição das variantes segundo as mesorregiões do estado de São Paulo, recurso esse utilizado quando a variante for registrada no mínimo em cinco mesorregiões distintas, porém não registradas como ocorrência única/mesorregião, com o intuito de verificar concentração ou não de determinados itens lexicais nessas localidades. Além disso, a análise prevê a comparação do comportamento da

variante analisada em outros trabalhos dialetais realizados no estado de São Paulo e área de controle, respectivamente: *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et. al.*, 1977); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007); *Atlas Linguístico do Paraná II* (ALTINO et al, 2007); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH; ALTENHOFEN; KLASMANN, 2011); *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo* (SANTOS-IKEUCHI, 2014); *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais* (D´ANUNCIAÇÃO, 2016) e *Brincando pelos caminhos do falar fluminense* (SANTOS, 2016) com sua respectiva carta que trata do entretenimento analisado (Anexos)[205]. Essa comparação será destacada quando da análise das variantes e como quadros síntese ao final desse tópico. Além disso, ainda serão indicadas as variantes com ocorrências únicas obtidas como resposta para a pergunta em questão.

4) **Denominações para a 'brincadeira/brinquedo' (São Paulo/área de controle) - variáveis sociais:** discussão dos dados segundo as dimensões diassexual e diageracional com destaque para as duas denominações mais produtivas.

5) **Análise léxico-semântica:** exame das unidades lexicais produtivas para a questão analisada, considerando a dicionarização. Para tanto, foram consultadas obras lexicográficas que podem ser agregadas em três categorias: i) dicionários gerais de língua portuguesa de diferentes épocas, ii) dicionário etimológico da Língua Portuguesa e, iii) dicionário do Folclore, conforme o Quadro 26:

[205] No anexo, o quadro informa rol de cartas contempladas pelos trabalhos/atlas utilizados no cotejo dos dados.

Quadro 26 – Dicionários consultados para a análise léxico-semântica do *corpus*

Classificação	Ano	Título	Autor
Geral	1712-1728	Vocabulario portuguez & latino: áulico, anatômico, architectonico...	Raphael Bluteau
	1813	Diccionario da língua portuguesa	Antônio de Moraes Silva
	2002	Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa	Antônio Houaiss; Mauro de Sales Villar
	2006	Aulete Digital	Francisco J. Caldas Aulete; Antonio Lopes dos Santos Valente
	2010	Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
Etimológico	1986	Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo da Cunha
Folclore	2012	Dicionário do Folclore Brasileiro	Luis da Câmara Cascudo

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados dos dicionários.

Além dessas obras elencadas, quando necessário, foram consultados os seguintes materiais: Diccionario da Lingua Brasileira (PINTO, 1832); Novo dicionário da Língua Portuguesa (FIGUEIREDO, 1899); Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa (FREIRE, 1940); Dicionário de etimologias da Língua Portuguesa (GUÉRIOS, 1979); Cartilha do Folclore Brasileiro (ORTÊNCIO, 2004) e a Arte de Brincar (FRIEDMANN, 2014) com o objetivo de sanar dúvidas sobre a diversão, ou ainda, ampliar o rol de sinônimos indicados como denominações para o entretenimento infantil.

Também na análise léxico-semântica são apontadas possíveis motivações que podem ter influenciado no processo de nomeação por parte do informante, bem como recuperados fragmentos das entrevistas que justifiquem determinadas respostas para a questão selecionada. Para fins de validação da resposta fornecida pelo informante, foram consideradas: i) respostas que nomeiam o referente solicitado; ii) resposta justificada por parte do informante e iii) denominação registrada em estudos dialetais já realizados sobre os nomes da brincadeira. Neste caso, além dos trabalhos realizados sobre o léxico dos brinquedos na área investigada foram considerados para fins de cotejo os seguintes trabalhos: *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB* (PORTILHO,

2013), dissertação de Mestrado, e *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano* (RIBEIRO, 2012), tese de Doutorado[206].

6) **Outras considerações sobre os dados apurados na questão analisada:** indicação de considerações gerais, de forma sintética, sobre os dados obtidos na análise das unidades léxicas fornecidas como resposta para a questão selecionada. Também foram apontadas áreas com formação de isoléxicas, quando for o caso.

Ainda sobre a validação das respostas e critérios de análise, como exposto na metodologia e aqui retomados, cabe acrescentar algumas orientações complementares com a intenção de elucidar algumas decisões realizadas durante o estudo:

- em casos de variantes formadas com verbo como em 'pular amarelinha' buscou-se neutralizar o verbo não o indicando como resposta, pois acredita-se que, em muitos casos, esclarecem sobre a execução da brincadeira e não se configuram como o seu nome. Porém, na análise, quando auxilia na motivação da elucidação da resposta, o verbo foi considerado.
- as denominações foram grafadas em itálico quando tratava-se do nome do entretenimento, por exemplo: *amarelinha,* e a referência à brincadeira (execução) entre aspas, como "amarelinha".
- respostas acompanhadas de observações por parte dos informantes e que não especificavam localidades distintas da do informante foram validadas. Portanto, respostas como "A gente vê a turma falá", "Aqui todo mundo sabe!", "Meus pais falavam" foram aceitas. Esse critério foi pautado em argumentos como: i) muitas vezes o informante se vê inserido nesse grupo/turma ou espaço social e acaba não se desintegrando quando da indicação da denominação; ii) o informante intimida-se ou omite a utilização do "eu" incluindo outras pessoas para dar mais credibilidade à sua resposta, podendo utilizar recursos como: a gente, nós, a turma.

[206] Embora os dois trabalhos não estejam vinculados à região estudada, os estudos foram consultados com o objetivo de verificar a existência de determinada denominação em outras localidades até mesmo como forma de indicar algum tipo de influência de outra região do Brasil na norma lexical dos habitantes do estado de São Paulo.

- respostas outras foram desconsideradas, quando indicadas por circunstantes ou apenas solicitadas confirmações por parte do inquiridor, em situações de não respostas. Como esse recurso não foi regular em todos os inquéritos, optou-se por não considerar essas denominações fornecidas.

Na conclusão da análise das unidades lexicais vinculadas às 13 perguntas da área semântica foram tecidas, em caráter de síntese, considerações gerais sobre os nomes de *Jogos e Diversões Infantis* contemplados por este estudo. Ressalva-se que as perguntas 162 e 163/QSL/ALiB, respectivamente “pega-pega” e “pique” foram analisadas léxico-semanticamente ao mesmo tempo/espaço, pois tiveram dados praticamente idênticos, por isso foram desobedecidas algumas etapas de análise com o intuito de que o texto não ficasse tão repetitivo.

Descrito os critérios e os procedimentos adotados na análise dos dados, na sequência, apresenta-se o exame das respostas registradas como denominações para os conceitos expressos em cada pergunta do QSL/ALiB, iniciando pelas perguntas incluídas na categoria das brincadeiras.

4.1 Brincadeira

4.1.1 Cambalhota

4.1.1.1 Cambalhota: a brincadeira

O entretenimento infantil contemplado pela pergunta 155/QSL/ALiB “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35), é conhecida popularmente como “cambalhota”, diversão praticada amplamente por crianças de diferentes idades. Segundo o portal da Educação Física[207], a “cambalhota” “é um padrão de movimento fundamental que faz parte dos esportes como ginástica acrobática, artes marciais, natação (virada olímpica), mergulho (entrada na água), dentre vários outros”.

Além disso, segundo o mesmo portal, a brincadeira da “cambalhota” proporciona várias vantagens para a criança:

* desenvolver a adaptação e o domínio da alternância de posições corporais;
* experimentar a sensação de rolar e recuperar o equilíbrio;
* promover a adaptação às rotações;
* exigir da criança controle muscular;
* dar elasticidade à coluna;
* trabalhar toda a circulação.

A Figura 26 traz o desenho de uma criança executando a brincadeira.

Figura 26 – Criança fazendo “cambalhota”[208]

Fonte: Blogspot criando crianças (2018).

[207] Informação disponível em: <http://www.educacaofisica.com.br/s21-voce-ef/rh-virtual/por-que-virar-cambalhotas/>. Acesso em: 31. mar. 2018.
[208] Informação disponível em: <http://criandocriancas.blogspot.com.br/2012/08/projeto-educacao-fisica-o-circo-aula-6.html>. Acesso em: 31. mar. 2018.

4.1.1.2 Cambalhota: os nomes da brincadeira

O levantamento de dados nos 148 inquéritos relativos ao estado de São Paulo e nos 40 relativos à área de controle resultou em 40 variantes lexicais apontadas como denominação para “a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?”, num total de 242 ocorrências. Houve apenas cinco casos de ausência de resposta, todos no interior de São Paulo. A Tabela 3**,** a seguir detalha os dados brutos obtidos:

Tabela 3 – Denominações para “cambalhota” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	Área de Controle	Total	
Calhambota/cabalhota/cambolhota	1,53%		3	1,21%
Cambaiota	0,51%	1,96%	2	0,81%
Cambaioti		1,96%	1	0,40%
Cambalhota	35,20%	39,20%	89	36,03%
Cambalhote	1,02%		2	0,81%
Camboleta/cambuleta	2,05%		4	1,62%
Cambota	7,65%	15,68%	23	9,31%
Cambote/camboti	6,12%	3,92%	14	5,67%
Capoeira		1,96%	1	0,40%
Carambola	0,51%		1	0,40%
Comborota		1,96%	1	0,40%
Dar cambalhota	0,51%		1	0,40%
Dar cambote	0,51%		1	0,40%
Dar mortal	0,51%		1	0,40%
Estrela	1,53%		3	1,21%
Mortal	0,51%		1	0,40%
Piroleta	6,12%	7,85%	16	6,48%
Pirueta	2,05%	1,96%	5	2,02%
Piruleta(s)	11,24%	5,90%	25	10,12%
Pirulito		1,96%	1	0,40%
Plantar bananeira	1,53%		3	1,21%
Rabo de arraia	0,51%		1	0,40%
Rodopia	0,51%		1	0,40%
Salto mortal	0,51%	7,85%	5	2,02%
Sarta/sarto mortal/mortar	1,53%		3	1,21%
Toca de piorra	0,51%		1	0,40%
Tonteira	0,51%		1	0,40%
Virá aranha	0,51%		1	0,40%
Virá cambalhota	1,02%		2	0,81%
Vira camboleta		1,96%	1	0,40%
Virar cangote	0,51%		1	0,40%
Virar estrela	0,51%		1	0,40%
Virar cambota/cambata	5,10%	3,92%	12	4,86%
Virar cambote	5,60%		11	4,45%
Virar mortal	0,51%		1	0,40%
Virar piroleta	0,51%	1,96%	2	0,81%
Não respostas	2,55%		5	2,02%
Total	100%	100%	247	100%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados da Tabela 3 atestam o alto número de denominações fornecidas como resposta para a questão 155/QSL/ALiB, muitas delas, inclusive, variantes. Assim, para computar a frequência, foram realizados agrupamentos que, em sua maioria, obedeceram a critérios fonéticos.

Desse modo, foram computadas sete unidades lexicais e variantes que totalizaram 242 ocorrências: *cambalhota, cambota, pirueta, salto mortal, camboleta, estrela, (plantar) bananeira* e somam-se a elas três variantes como denominações únicas, sendo que a maioria delas é passível de associação e/ou relação com a brincadeira.

No Quadro 27 , a seguir, apresenta-se o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados.

Quadro 27 – Agrupamento de denominações para "a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado"

Variantes lexicais	Itens agrupados
Cambalhota	Cambalhota, cabalhota, cambaiota, cambaioti, cambalhote, cambolhota, (dar) cambalhota, (virar) cambalhota, calhambota.
Cambota	Cambota, cambote, camboti, dar cambote, vira cambata, vira cambota, virar cambote, virar cangote, viram cambote, virô cambota.
Pirueta	Pirueta, piroleta, piruleta, piruletas, pirulito, virar piroleta.
Salto mortal	Mortal, dar mortal, salto mortal, sarta mortal, sarto mortal, sarto mortar, virar mortal.
Camboleta	Camboleta, cambuleta, virar camboleta.
Estrela	Estrela, virar estrela.
(Plantar) Bananeira	Plantar bananeira.
Denominações com ocorrências únicas	Virar aranha, carambola, camborota,

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB

Segue a discussão sobre a produtividade das variantes cartografadas, considerando as divisões territoriais do estudo. Desse modo, primeiramente citam-se informações gerais relacionadas à capital paulista, seguido pelos das localidades do interior do estado e da área de controle.

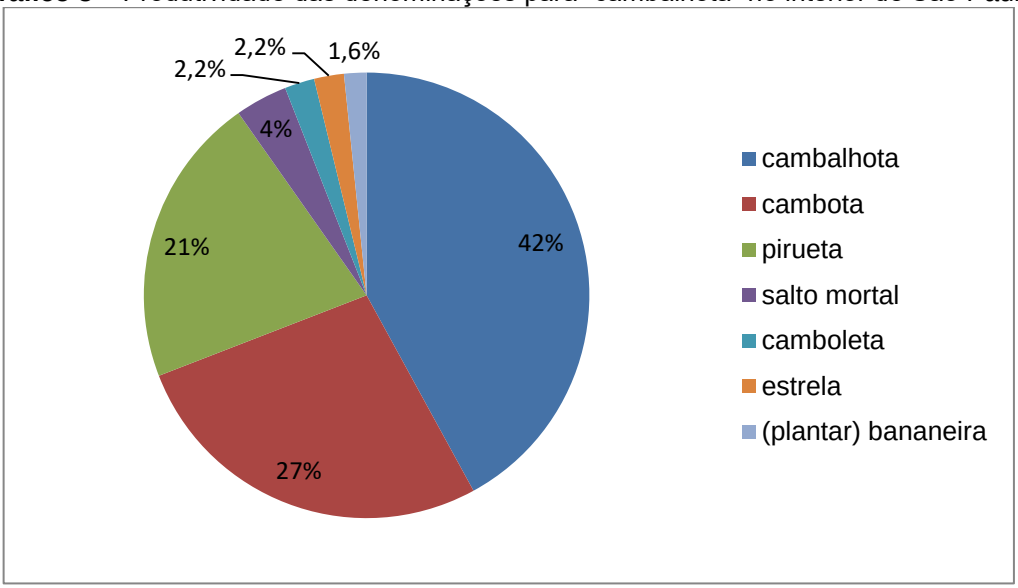
4.1.1.3 Produtividade das variantes

Considerando os dados da Tabela 3, nota-se a supremacia da denominação *cambalhota* em toda a área investigada.

Observando apenas os dados obtidos no interior de São Paulo, as denominações *cambalhota* e *cambota* foram as mais produtivas, porém há um grande quantitativo de denominações indicadas como resposta para a questão

analisada. Verifique no Gráfico 3, o rol de denominações e os valores percentuais obtidos:

Gráfico 3 – Produtividade das denominações para “cambalhota” no interior de São Paulo.



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 3, 42% dos entrevistados do interior do estado mencionaram a unidade lexical *cambalhota* e variantes, 27% *cambota* e 21% *pirueta*. As demais denominações: *salto mortal*, *camboleta*, *estrela* e *bananeira* atingiram valores percentuais inferiores a 5%. A Tabela 4 contém a distribuição dos percentuais de cada item lexical de acordo com a mesorregião paulista (IBGE) em que foram registradas.

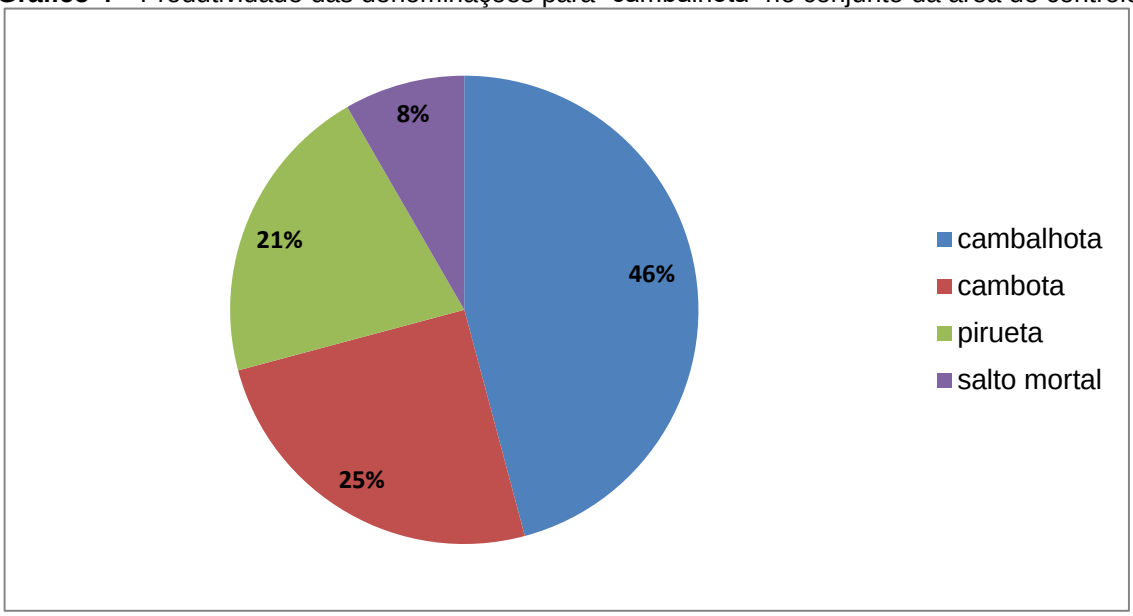
Tabela 4 – Produtividade das denominações para “cambalhota”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

VARIANTES	Cambalhota (%)	Cambota (%)	Pirueta (%)	Salto mortal (%)	Camboleta (%)	Estrela (%)	(Plantar) bananeira (%)
Araçatuba	8,2	0,0	5,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Araraquara	3,5	9,8	5,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Assis	4,7	3,9	10,2	0,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	7,1	2,0	5,1	14,3	0,0	0,0	0,0
Campinas	9,4	7,8	10,2	0,0	25,0	0,0	0,0
Itapetininga	4,7	23,5	0,0	14,3	0,0	50,0	33,3
Litoral Sul Paulista	11,8	2,0	2,7	14,3	0,0	0,0	33,3
Macrometropolitana Paulista	5,9	13,7	2,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Marília	3,5	0,0	7,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	11,8	3,9	2,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Piracicaba	3,5	3,9	2,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	10,6	7,8	10,2	14,3	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	7,1	3,9	10,2	0,0	50,0	25,0	33,3
São José do Rio Preto	4,7	5,9	18	28,6	0,0	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	3,5	11,8	7,7	14,3	25,0	25,0	0,0
Total	100,0	100,0	100	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados já expostos (Gráfico 3 e Tabela 4), a continuação se observa que na área de controle não há mudança significativa quanto à manutenção das denominações mais produtivas. Verifique, a seguir, o Gráfico 4.

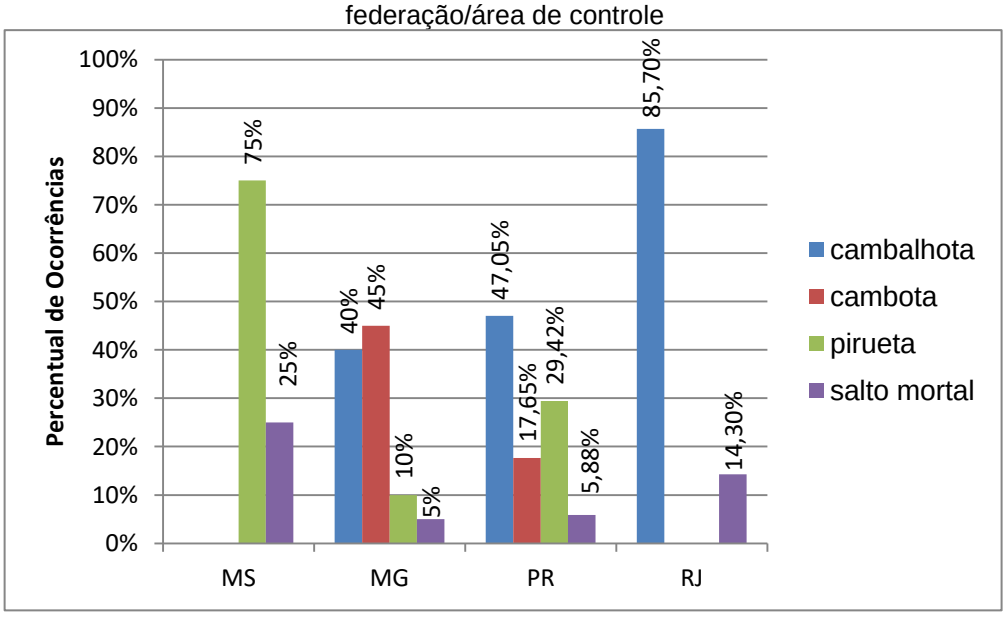
Gráfico 4 – Produtividade das denominações para “cambalhota” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se que os dados obtidos na área de controle são coincidentes com as denominações mais produtivas no interior de São Paulo. Porém, ao considerar os estados de modo individual verificam-se algumas mudanças no que tange ao registro das denominações e aos valores percentuais, como atesta o Gráfico 5.

Gráfico 5 – Produtividade das denominações para “cambalhota” segundo a unidade da federação/área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao verificar o Gráfico 5 notam-se algumas particularidades, dentre elas destacam-se as seguintes: i) *cambalhota* não foi a unidade lexical mais produtiva em

todos os estados, inclusive nem sendo citada no Mato Grosso do Sul; ii) a unidade lexical *pirueta* foi a única documentada em todos os estados; iii) *cambalhota* foi a resposta mais produtiva apenas nos estados do Paraná e do Rio de Janeiro; iv) em Minas Gerais, a unidade lexical *cambota* superou as ocorrências de *cambalhota;* v) em Mato Grosso do Sul e no Rio de Janeiro apenas duas respostas foram fornecidas pelos informantes, respectivamente: *pirueta/salto mortal* e *cambalhota/salto mortal.*

Na sequência, as cartas 1a e 1b indicam, respectivamente, a distribuição diatópica das variantes em exame no interior de São Paulo e na área de controle para a pergunta 155/QSL/ALiB.

Carta 1a – Denominações para “cambalhota” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 155 – “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?”

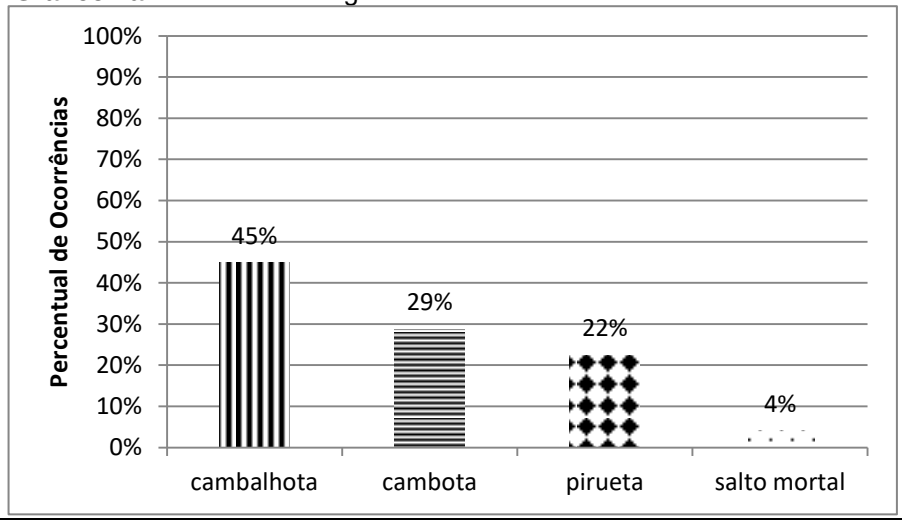
Denominações com ocorrência única: *(virar) aranha* (Ribeira – ponto 185, informante do sexo feminino, faixa etária I); *carambola* (Presidente Prudente – ponto 165, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:
“INF. Põe a mão e vira o corpo? Istrela! INF. Tem outro nome? Bota a mão assim e... INF. Cambalhota.[...] INQ. Você quando criança dizia que ia virar o quê? INF. Virá estrela! INQ. É o mesmo que a cambalhota? INF. Memo que a cambalhota (Ribeirão Preto, ponto 157, informante do sexo masculino, faixa etária I).

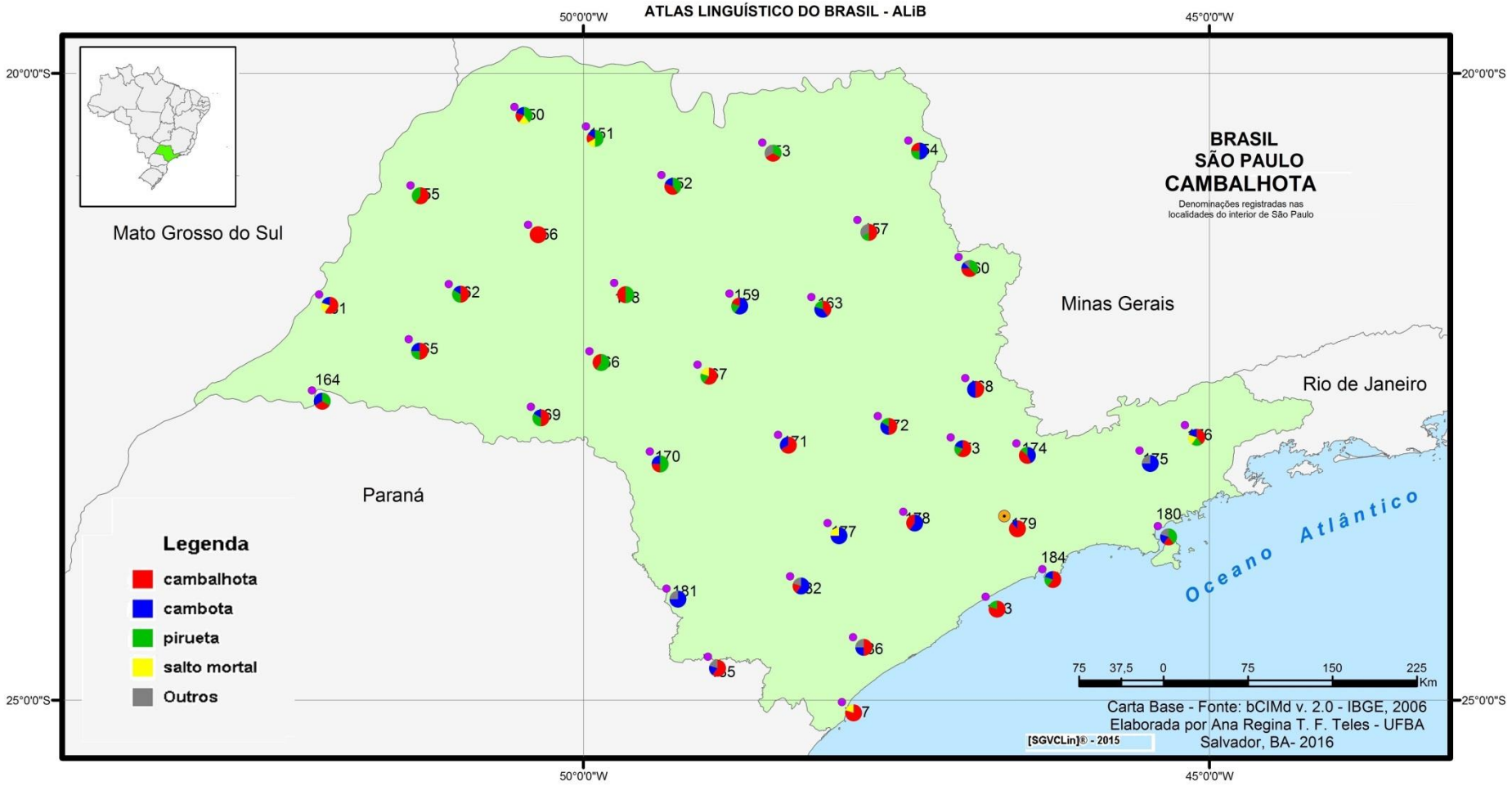
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Cambalhota: cambalhota, cabalhota, cambaiota, cambaioti, cambalhote, cambolhota, dar cambalhota, (virar) cambalhota, calhambota.
Cambota: cambota, cambote, camboti, dar cambote, vira cambata, vira cambota, virar cambote, virar cangote, viram cambote, virô cambota.
Pirueta: pirueta, piroleta, piruleta(s), pirulito, virar piroleta.
Salto mortal: mortal, dar mortal, salto mortal, sarta mortal, sarto mortal, sarto mortar, virar mortal.
Camboleta: camboleta, cambuleta, virar camboleta.
Estrela: estrela, (virar) estrela.
(Plantar)bananeira: plantar bananeira.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 1a – Produtividade geral de “cambalhota” no estado de São Paulo



Carta 1a – Denominações para “cambalhota” no estado de São Paulo



“Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” - 155/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 1b – Denominações para “cambalhota” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 155 – “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?”

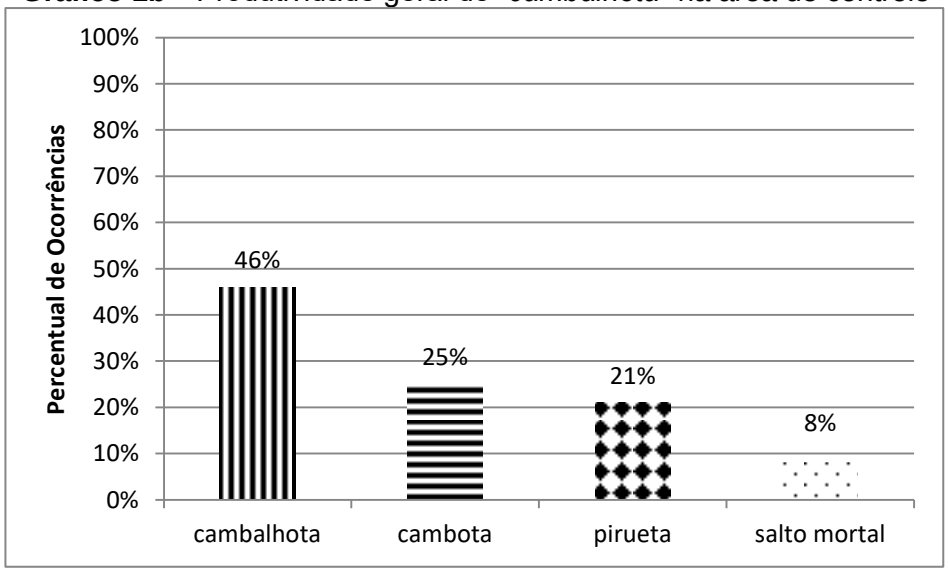
Denominações com ocorrência única: *camborota* (Parati – ponto 206, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:

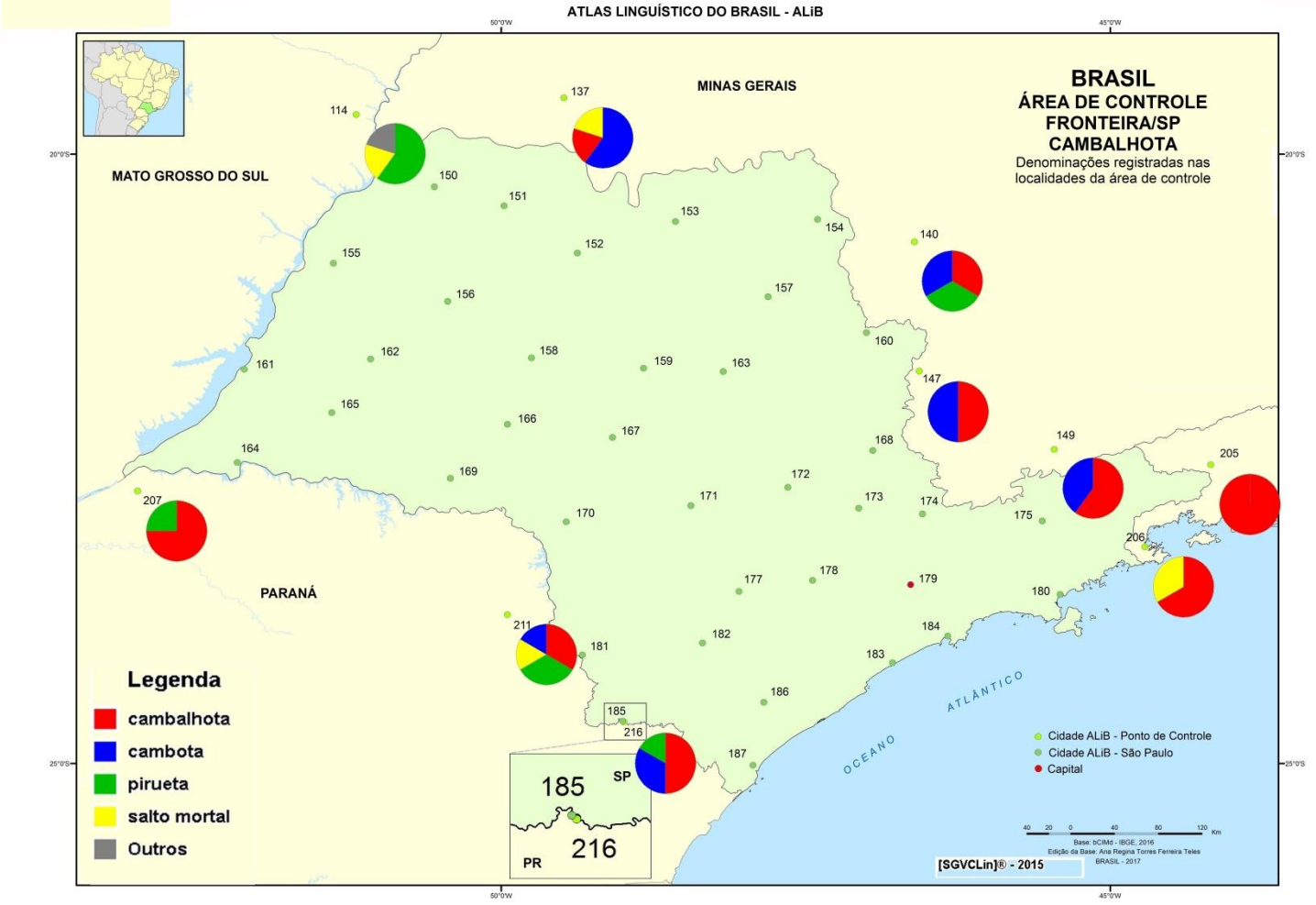
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Cambalhota: cambalhota, cabalhota, cambaiota, cambaioti, cambalhote, cambolhota, dar cambalhota, (virar) cambalhota, calhambota.
Cambota: cambota, cambote, camboti, dar cambote, vira cambata, vira cambota, virar cambote, virar cangote, viram cambote, virô cambota.
Pirueta: pirueta, piroleta, piruleta(s), pirulito, virar piroleta.
Salto mortal: mortal, dar mortal, salto mortal, sarta mortal, sarto mortal, sarto mortar, virar mortal.
Camboleta: camboleta, cambuleta, virar camboleta.
Estrela: estrela, (virar) estrela.
(Plantar)bananeira: plantar bananeira.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 1b – Produtividade geral de “*cambalhota”* na área de controle



Carta 1b – Denominações para “cambalhota” na área de controle



“Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” - 155/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

. .

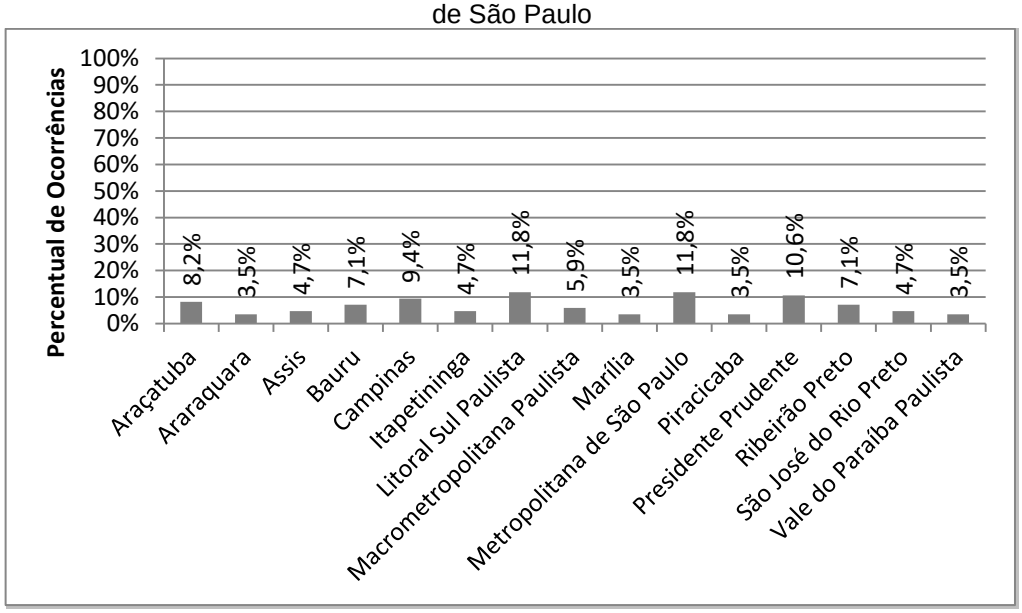
4.1.1.4 Análise diatópica das denominações para “cambalhota”

A análise das denominações fornecidas pelos informantes considerou a produtividade de cada variante, em ordem decrescente, priorizando os dados obtidos no estado de São Paulo.

4.1.1.4.1 Unidade lexical: *cambalhota*

O item lexical *cambalhota* teve alta produtividade em toda a área investigada para este estudo. Embora tenha atingido um alto percentual, a unidade lexical não foi registrada nas seguintes localidades: i) estado de São Paulo: Taubaté (ponto 175); Itapetininga (ponto 177) e Itararé (ponto 181) e, ii) área de controle: Paranaíba (ponto 114). No Gráfico 6 é possível verificar a produtividade de *cambalhota* nas mesorregiões paulistas.

Gráfico 6 – Produtividade da unidade lexical *cambalhota,* segundo a mesorregião do IBGE no estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observando o Gráfico 6, nota-se que, nas mesorregiões Litoral Sul Paulista e Metropolitana de São Paulo, o item lexical *cambalhota* alçou os maiores percentuais de ocorrência.

Ao verificar os dados nacionais mapeados no Atlas Linguístico do Brasil, carta L17 (CARDOSO *et. al.*, 2014b, p. 261), a unidade lexical mais produtiva como denominação para o referente expresso na pergunta 155/QSL/ALiB, também foi *cambalhota*. No estado de São Paulo, verificou-se que a denominação concorre apenas com *cambota*, assim como indicado na totalidade dos dados deste estudo.

Além disso, observando os dados da área de controle, constata-se que houve comportamento distinto nos estados fronteiriços com SP, pois, em Mato Grosso do Sul e no Paraná, a unidade lexical *cambalhota* concorre com *cambota e pirueta*; enquanto no estado de Minas Gerais, a denominação *cambalhota* concorre com *mortal.* Já no Rio de Janeiro, *cambalhota* é forma categórica.

Outro trabalho produzido com dados do estado de São Paulo que contempla a unidade lexical *cambalhota* como resposta mais produtiva é o Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014). Ao examinar a carta 075 do ALTOSP percebe-se que a unidade lexical *cambalhota/cambaiota* além de ser a variante mais produtiva, está propagada em todos os pontos de inquérito do atlas.

A alta produtividade de *cambalhota* também está documentada na dissertação de Santos (2016), que trata sobre o Falar Fluminense.

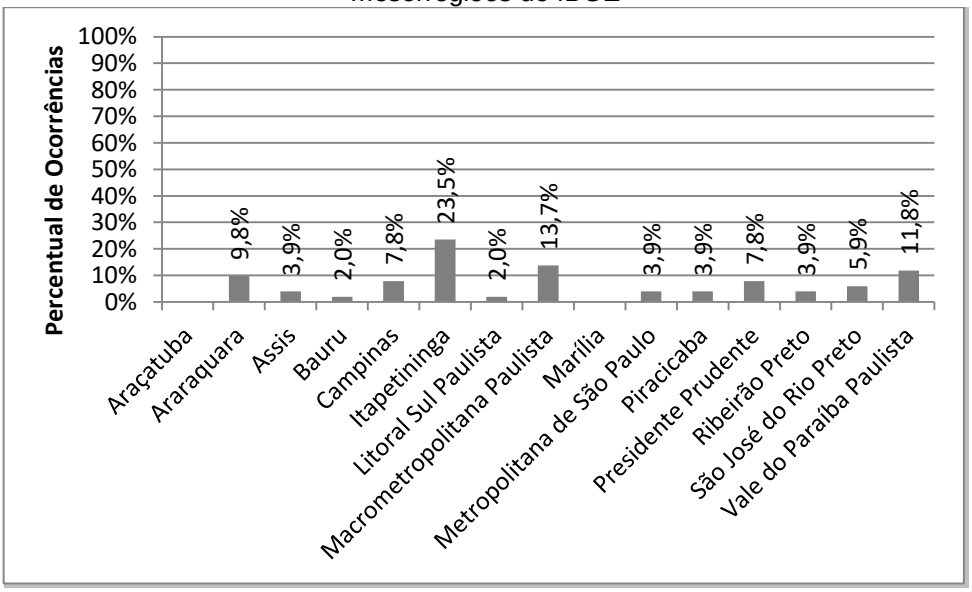
Na sequência, o foco recai sobre a unidade lexical *cambota*.

4.1.1.4.2 Unidade lexical: *cambota*

O item lexical *cambota,* embora tenha figurado como segunda resposta mais produtiva, apresentou valores percentuais bastante significativos alçando mais de 24% do total das ocorrências.

Considerando as localidades em que foi registrada, observou-se que as unidades lexicais estão concentradas em algumas regiões do estado de São Paulo, dentre elas destacam-se as mesorregiões de Itapetininga e Macrometropolitana Paulista, seguidas de Vale do Paraíba Paulista, Araçatuba e Araraquara como atesta o Gráfico 7.

Gráfico 7 – Produtividade da unidade lexical *cambota* no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões do IBGE



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 7 demonstra ainda que nas mesorregiões de Araçatuba e Marília não houve ocorrência de *cambota*. Saliente-se que essas mesorregiões estão geograficamente próximas.

Por seu turno, na área de controle verificou-se que o item lexical *cambota* foi documentado nos estados de Minas Gerais, sendo registrado em todos os pontos de inquérito e, no Paraná, onde figurou como ocorrência única (Adrianópolis – ponto 216).

Ao verificar os dados registrados no Atlas Linguístico do Brasil, a carta L17 (CARDOSO *et. al.*, 2014b, p. 261) registra *cambota* como a terceira denominação mais produtiva no cenário nacional com ocorrências no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país.

Ao comparar aos dados dos estados vizinhos, pontua-se que no Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) e no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO *et. al.*, 1977), a unidade lexical *cambota* foi a mais produtiva. No Paraná, *cambota* foi documentada em todas as regiões. Além disso, *cambota* ocorre a par das unidades lexicais *pirueta* e *salto mortal.* A primeira encontra-se mais ao norte do estado e *salto mortal* foi mais produtiva na parte central e em

localidades isoladas entre si. Destaca-se a informação de que no referido atlas não há nenhum registro da variante[209] *cambalhota.*

Essa situação é divergente do que se verifica nos dados cartografados em Minas Gerais, no EALMG (RIBEIRO *et. al.*, 1977), pois *cambota* foi a denominação mais produtiva em Minas Gerais, seguida por *cambalhota*.

Ao verificar a carta 27 do EALMG, nota-se que *cambota* é a resposta mais produtiva, sendo propagada em boa parte do território mineiro, com exceção da região que faz divisa com o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, onde a denominação *cambalhota* se mostra mais produtiva. Ainda registram-se as ocorrências de *salto mortal* em diferentes localidades do estado, oscilando em alguns momentos com ocorrências em localidades vizinhas e ora em registros isolados. Já, as demais denominações registradas, tiveram baixa produtividade: i) *carambota* ocorre em quatro pontos próximos entre si, nas imediações com o estado de Rio de Janeiro; ii) *pirueta* foi registrada em três pontos próximos e um isolado, todos nas cercanias do estado de São Paulo e iii) *escambota* obteve três registros em localidades do norte do estado de Minas Gerais.

Nota-se, nesses atlas circunvizinhos produzidos no século XX, a presença de *cambota* com produtividade considerável, o que denota uma marca de conservadorismo no léxico, quadro que tem se alterado no século XXI.

Além disso, alguns informantes indicam que a denominação *cambota* é/era a forma antiga de nomear a brincadeira. Destaca-se, a seguir, os seguintes excertos da entrevista: i) “INF.- Ah, nóis falava que era cambota. Agora num... Piruleta, uma cambota” (Mococa, ponto 160, informante sexo masculino, faixa etária II); ii) INF.- “Cambalhota, né? O nome certo... Cambote. No meu tempo era virá cambote” (Bragança Paulista, ponto 174, informante sexo masculino, faixa etária II).

Ainda considerando os demais estudos dialetais, recupera-se a carta *cambalhota* produzida por Santos (2016) sobre o falar fluminense. Observando a carta, pontua-se que a unidade lexical *cambota* foi registrada nos pontos paulistas e no ponto mineiro de Itajubá (149).

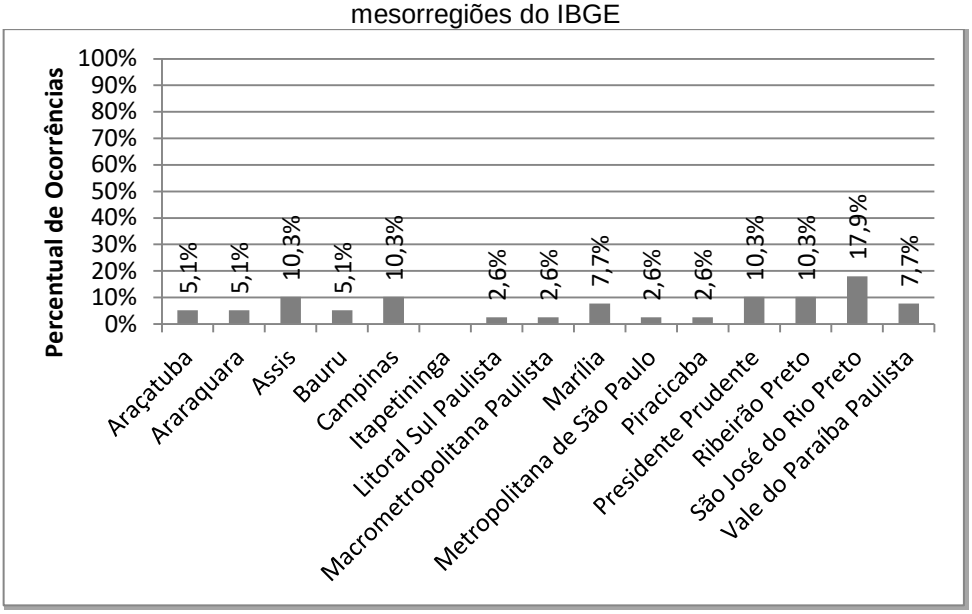
A seguir, discutem-se os dados referentes à denominação *pirueta*.

[209] Há uma menção nas notas à cambaiota (“cambaiota, né?”), neste trabalho, agrupado como cambota.

4.1.1.4.3 Unidade lexical: *pirueta*

O item lexical *pirueta* foi documentado apenas em algumas localidades do estado de São Paulo, sendo mais recorrente na mesorregião de São José do Rio Preto. O Gráfico 8 indica o valor percentual do item léxico *pirueta* de acordo com as mesorregiões paulistas:

Gráfico 8 – Produtividade da unidade lexical *pirueta* no estado de São Paulo, conforme as mesorregiões do IBGE



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

No Gráfico 8, é possível visualizar que, em sua maioria, as mesorregiões em que a unidade lexical *pirueta* foi mais produtiva situam-se nas imedições de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul (São José do Rio Preto, Ribeirão Preto...).

Considerando a área de controle, a variante *pirueta* foi documentada nos seguintes estados: i) Mato Grosso do Sul, em Paranaíba (114), como resposta mais produtiva; ii) Minas Gerais, com ocorrências em Passos; iii) Paraná, documentada nos três pontos de inquérito.

Cotejando-se os dados deste estudo com os de outras pesquisas, constata-se que a unidade lexical *pirueta* foi registrada na carta L17a (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 261) nas capitais de Mato Grosso do Sul e do Paraná, estados em que, neste estudo, o item lexical *pirueta* foi documentado em pontos de inquérito do interior que integram a área de controle.

Examinando o Atlas Linguístico do Paraná[210], constata-se que a unidade lexical *pirueta* é a segunda mais produtiva, tendo sido documentada em diferentes regiões do estado na divisa com Santa Catarina; em Curitiba, capital do Paraná e na maioria das localidades do norte e do noroeste do estado.

Já no Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO *et al.*, 1977), na carta 27, há o registro de *pirueta* em quatro localidades da rede de pontos do EALMG: Poços de Caldas (ponto 85), Muzambinho (80), São Sebastião do Paraíso (78) e Veríssimo (44), todos nas cercanias com o estado de São Paulo, pois três desses pontos estão situados ao sul de Minas Gerais. Salienta-se que Poços de Caldas (ponto 85) é indicado por Zágari (1998) como pertencente ao falar paulista em MG bem como a região sul do referido estado.

O Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 284), por sua vez, traz a unidade lexical *pirueta* como a terceira mais produtiva no oeste paulista, documentada em apenas dois pontos de inquéritos: Adamantina (ponto 2) e Presidente Epitácio (ponto 4).

Já, na carta *cambalhota* produzida por Santos (2016, p. 104), *pirueta* ocupa a quarta posição em termos de produtividade com uma ocorrência em São Paulo, em Caraguatatuba (ponto 180) e duas em Minas Gerais; Lavras (ponto 144) e Belo Horizonte[211] (ponto 138).

Na sequência, discute-se a unidade lexical *salto mortal.*

4.1.1.4.4 Unidade lexical: *salto mortal*

O item lexical *salto mortal* teve produtividade restrita, pois foi citado por apenas um informante nas localidades em que foi registrada, com exceção da mesorregião de São José do Rio Preto em que teve duas ocorrências. No que diz respeito à área de controle, a unidade lexical *salto mortal* é mencionada apenas uma vez em cada estado. Tanto no EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977) quanto no ALPR (AGUILERA, 1994, p. 199), há o registro de *salto mortal* como terceira variante mais produtiva. Em ambas as cartas, o registro ocorreu em localidades próximas às fronteiras com o estado de São Paulo e com Mato Grosso do Sul. No Paraná, ainda

[210] Cabe informar que o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007) não possui carta que faça referência à brincadeira *cambalhota*.
[211] Nas cartas L17a e L17c, do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et. al.*, 2014b, p. 261-266) há o registro apenas de *cambalhota* e *mortal* para a capital mineira.

há ocorrências dessa denominação nos municípios de Mangueirinha (ponto 59), Guarapuava (ponto 51), Prudentópolis (ponto 42) e Ponta Grossa (ponto 43).

Em Santos (2016), o item lexical *mortal* foi registrado em três pontos do falar fluminense, dois no estado do Rio de Janeiro (um deles na divisa RJ-MG) e um em Minas Gerais. Já em Santos-Ikeuchi (2014), há a indicação de *mortal* como ocorrência única, nas notas do ALTOSP.

Ao verificar a documentação da unidade lexical *salto mortal* em trabalhos dialetais já realizados na área investigada e/ou adjacentes, observou-se que a unidade lexical *salto mortal* parece ser mais produtiva em localidades mais próximas a Minas Gerais e nas fronteiras paulistas. Essa característica se revela também nos dados de Ribeiro *et al.* (1977) e Santos (2016). Além disso, acredita-se que *salto mortal*, ao contrário de *cambota* que tem caráter conservador, têm influências de espetáculos circenses do século XX, como salienta Aguilera (2007, p. 19): “[...] são as inovações certamente levadas pela mídia e pelas atividades circenses representadas pelo teatro mambembe que percorria as regiões interioranas, principalmente a partir da 2º metade do século passado”.

Na sequência, discute-se a denominação *camboleta*, *estrela, (plantar) bananeira.*

4.1.1.4.5 Unidade lexical: *camboleta, estrela, (plantar) bananeira*

A unidade lexical *camboleta* teve baixa produtividade na área investigada contando apenas com uma ocorrência em cada localidade pertencente às mesorregiões de Campinas e Vale do Paraíba Paulista e duas ocorrências na mesorregião de Ribeirão Preto.

Considerando a área de controle, houve apenas um registro em Paranaíba-MS (ponto 114).

Algumas localidades com registro de *camboleta* são próximas entre si, além de se situarem nas imediações da divisa estadual entre São Paulo e Minas Gerais, estado onde não houve menção a essa variante, nem no EALMG e nem nos dados do ALiB.

A unidade lexical *camboleta* não foi registrada nos trabalhos que analisam os dados do estado de São Paulo ou área adjacente consultados para este estudo. Também não figura em dois outros trabalhos que versam sobre os nomes de entretenimento infantil: Ribeiro (2012) e Portilho (2013), respectivamente, na área do

falar baiano e amazônico (NASCENTES, 1953). Essas constatações indicam, por ora, uma marca regional paulista de *camboleta.*

Quanto à unidade lexical *estrela*, teve apenas quatro ocorrências, sendo todas registradas no estado de São Paulo, duas delas fornecidas por informantes da mesorregião de Itapetininga.

Verificando-se a localização dos pontos em que *estrela* figurou como resposta, nota-se que apenas as localidades da mesorregião de Itapetininga estão geograficamente próximas: Itararé (ponto 181) e Ribeira (ponto 185).

Cabe salientar a menção de *estrelinha/estrela parcela* em nota de rodapé no estudo de Portilho (2013), mas como resposta não válida no âmbito do falar amazônico.

Por sua vez, a unidade lexical (plantar) *bananeira* foi registrada como resposta única em três mesorregiões, (Ribeirão Preto, Itapetininga e Litoral Sul Paulista). Verificando-se a localização dos pontos em que *(plantar) bananeira* figurou como resposta, apenas as localidades Capão Bonito (ponto 182) e Registro (ponto 186) estão geograficamente próximas.

Considerando-se os estudos realizados sobre a “cambalhota” consultadas para este estudo, a variante plantar *bananeira* figura como nota em dois atlas linguísticos: i) ALPR (AGUILERA, 1994) com o registro de “prantano bananeira e plantá bananera” e ii) ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014) como ocorrência única. Além dos atlas, há a documentação da unidade lexical *bananeira* em Ribeiro (2012), no falar baiano, em duas localidades nos estados de Alagoas (ponto 075 – Santana do Ipanema) e Goiás (ponto 121 – Formosa).

Na sequência, discutem-se as outras denominações registradas.

4.1.1.4.6 Outras denominações com ocorrência única

Os casos de ocorrências únicas foram registrados no Quadro 28, a seguir, que traz também a indicação da localidade e do informante que as menciona:

Quadro 28 – Variantes lexicais com ocorrência única para nomear a “cambalhota”, segundo a localidade e o perfil do informante

RESPOSTA ÚNICA	LOCALIDADE/PONTO	PERFIL DO INFORMANTE
Carambola[212]	Presidente Prudente – 165	Mulher, faixa etária I
Camborota	Parati- 206	Homem, faixa etária I
(Virar) aranha	Ribeira – 185	Mulher, faixa etária I
Capoeira	Parati - 206	Homem, faixa etária II

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as variantes produtivas neste estudo e as registradas em outros trabalhos dialetais selecionados para o cotejo de dados, produz-se o Quadro 29:

Quadro 29 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	*Cambalhota*	*cambota*	*pirueta*	*salto mortal*	*(plantar) bananeira*
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 27 (RIBEIRO *et al*, 1977, s/p)[213]	X	X	X	*X*	
Atlas Linguístico do Paraná I – carta 88 (AGUILERA, 1994, p. 199)		x	X	*X*	*X*
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 075 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 284).	X	x	X	*x*	*X*
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 104)	X	x	X	*X* [214]	

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

O Quadro 29 indica a presença de *cambota, pirueta e salto mortal* nos diferentes trabalhos que cartografaram os dados relativos à “cambalhota”.

Na sequência são discutidos os aspectos sociais dos informantes que apresentaram as denominações analisadas.

[212] A variante *carambola* foi registrada no Atlas Linguístico do Brasil – carta L17 (CARDOSO *et. al.*, 2014b, p. 261) como a segunda denominação mais produtiva nas capitais brasileiras. Além disso, foi documentada nas cartas L17a (CARDOSO *et. al.*, 2014b, p. 263) relativa às capitais do Norte como a segunda em número de ocorrências e na carta L17b (CARDOSO *et. al.*, 2014b, p. 265) referente ao Nordeste, como a oitava denominação mais produtiva.
[213] No EALMG, ainda foram documentadas as variantes *carambota* e *escambota*.
[214] No falar fluminense, a variante foi registrada como *mortal*.

4.1.1.5 Denominações para “cambalhota” em São Paulo e área de controle: variáveis sociais

Focalizada a questão da variação diatópica das denominações para “cambalhota” apuradas, analisam-se as denominações mais produtivas no *corpus* considerando as dimensões de caráter social: diassexual e diageracional.

De acordo com os dados obtidos, observou-se maior número de variantes para nomear o conceito contemplado pela pergunta 155/QSL/ALiB entre os informantes do sexo masculino, o que corrobora a afirmação de uma entrevistada que aponta a “cambalhota” como brincadeira, sobretudo de menino:

> “INF.- Cambote que fala, né?
> INQ.- E a senhora brincou disso?
> INF.- Eu não.
> INQ.- Mais os meninos?
> INF.- Mais o meu... neto brinca (risos)... “Dá cambote”. Os muleque, os irmão, eles brincava, né?
> INQ.- É mais uma brincadeira de menino?
> INF.- De mu, de menino do que de menina, né?” (Mogi Mirim - ponto 168, informante feminino, faixa etária II).

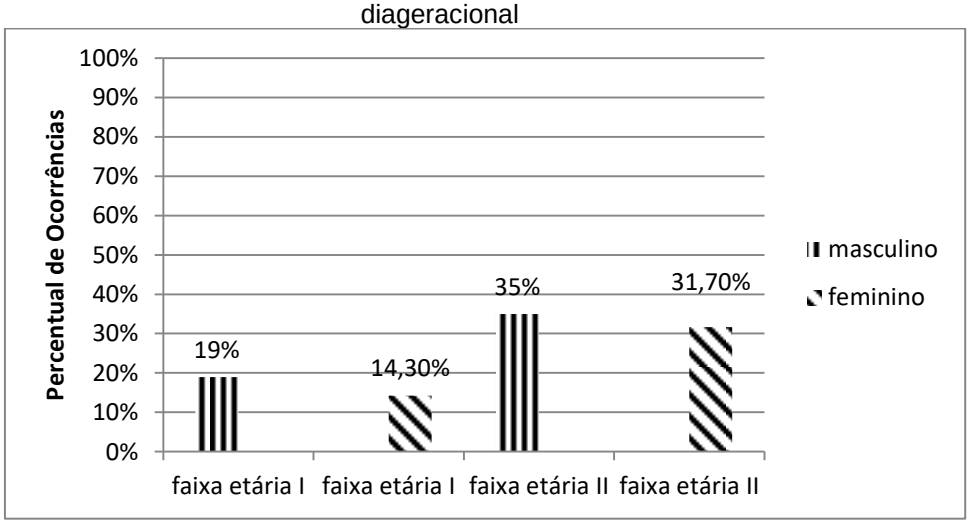
Embora as respostas indiquem predominância de usos entre os falantes do sexo masculino, as diferenças entre os dados obtidos considerando os sexos é bastante tênue, inclusive verificando o quantitativo de respostas não obtidas, há duas ausências entre os do sexo masculino e três entre os de sexo feminino. Essa baixa abstenção de respostas, representa a vitalidade da prática da “cambalhota”.

Quanto às denominações produtivas, pontua-se que a forma *cambalhota* obteve percentuais bastante próximos de ocorrências, considerando as variáveis sociais estabelecidas, atingindo maiores percentuais entre os informantes do sexo feminino (60%) em relação aos do sexo masculino (40%). Em se tratando do fator idade, foi mais produtiva na faixa etária I, atingindo 54,20% das ocorrências de *cambalhota*.

Essa situação de proximidade entre os perfis dos informantes não foi verificada no conjunto dos dados para a forma *cambota* que obteve maior índice de ocorrência entre os falantes do sexo masculino, atingindo 54% das denominações obtidas. Já em relação às faixas etárias foi mais indicada pelos informantes de maior idade alçando 66,7% das ocorrências. Em um exame mais cuidadoso da relação entre o perfil dos informantes e a maior produtividade de *cambota* observa-se que os

informantes dos sexos masculino, faixa etária II foram os que mais mencionaram a forma *cambota*, como confirma o Gráfico 9, na sequência.

Gráfico 9 – Realização da unidade lexical *cambota* segundo as dimensões diassexual e diageracional

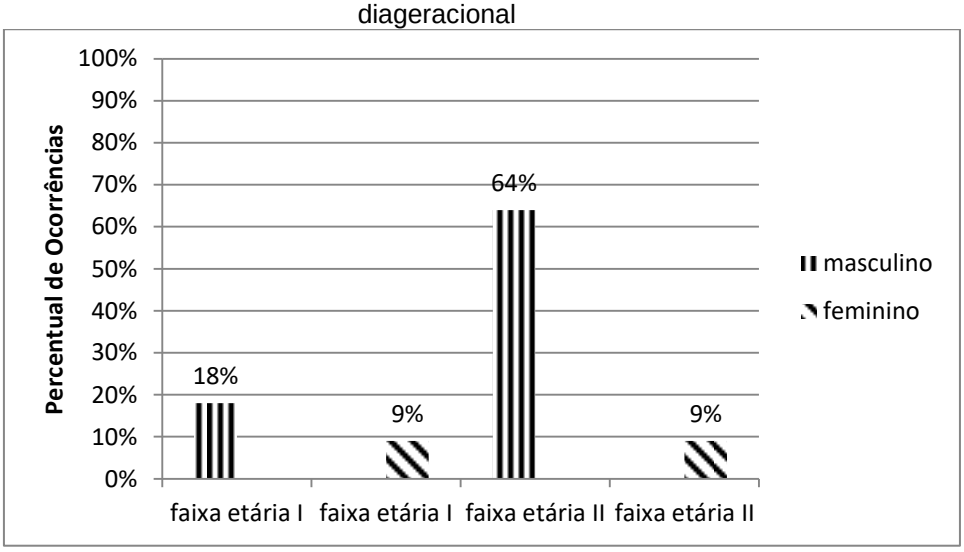


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados do Gráfico 9 demonstram que o perfil mais produtivo (sexo masculino, faixa etária II) alçou 35% das ocorrências de *cambota*. Essa predominância na faixa etária II, indica o caráter conservador da forma *cambota*, tendência anteriormente destacada, quando do cotejo dos dados deste estudo com os documentados em atlas linguísticos brasileiros com coleta de dados entre 1970 e 1980.

Esse perfil (masculino, faixa etária II) também se destacou na produtividade da unidade lexical de *salto mortal,* porém com valor percentual superior a 60%.

Gráfico 10 – Realização da unidade lexical *salto mortal* segundo as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao visualizar o Gráfico 10, constata-se que a produtividade de *salto mortal* foi pouco equilibrada entre os diferentes perfis de informantes, atingindo percentuais de 9% entre as do sexo feminino de ambas as faixas etárias e 18% entre os informantes masculinos, da faixa etária I. A denominação é destacada no perfil masculino, faixa etária II.

Ainda considerando a alta produtividade de respostas entre os falantes do sexo masculino, a denominação *pirueta* também atingiu percentuais maiores entre homens (67,30%), sobretudo entre os informantes mais jovens (51%).

Por sua vez, a variante *camboleta* foi mais produtiva entre os entrevistados do sexo feminino atingindo 80% das ocorrências nesse segmento, com maior incidência entre as mulheres mais jovens, o que pode sugerir a dificuldade de denominar a brincadeira por parte dessas entrevistadas[215] ou ainda um indicativo de possível marca regional.

Já à forma *estrela*, foi citada por ambos os sexos com equilíbrio quanto ao número de ocorrências, com leve destaque entre os informantes de faixa etária I, que concentra 75% das menções de *estrela.*

A variante (plantar) *bananeira,* por seu turno, foi mais produtiva entre os informantes do sexo feminino (66,66%) e, quanto à variável diageracional, foi exclusiva na faixa etária II.

[215] Recupera-se a informação de que a denominação analisada reúne as variantes *camboleta, cambuleta, virá camboleta*, como informado no Quadro 27.

As denominações com ocorrência única também foram mais produtivas entre falantes do sexo feminino (66,66%), porém registradas apenas na faixa etária I.

Na sequência, discutem-se os aspectos léxico-semânticos relacionados às unidades lexicais que compõem o *corpus* de estudo neste tópico.

4.1.1.6 Análise léxico-semântica

Para fins de análise semântica, as variantes lexicais foram agrupadas levando em conta alguns processos associativos realizados quando da obtenção das denominações. Para tanto, foi considerado, neste caso, o sema "movimento acrobático" que, por sua vez, permite a associação com diferentes tipos de ações.

No Quadro 30 a seguir, as denominações foram agrupadas segundo esse sema e as ações realizadas no ar ou ao redor do próprio corpo que foram indicadas como resposta para a questão 155/QSL/ALiB.

Quadro 30 – Distribuição das denominações para "cambalhota", considerando a relação do movimento acrobático na execução da brincadeira.

Processo associativo	Tipo de volta	Descrição do movimento	Denominação obtida
Movimento acrobático	**Volta no corpo**	Movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça...	Cambalhota Cambota
	Volta no corpo	Movimento acrobático de ginástica que consiste em fazer um giro de 360 graus no sentido lateral do corpo ... um aú, denominado estrela na língua comum[216].	Estrela
	Volta no corpo	passo para frente, inclinar o corpo, bater no chão com as mãos e erguer as pernas[217].	(Plantar) bananeira
	Volta no ar	Salto em que se dá uma volta no ar...	Salto mortal
	Volta no ar	Rodopio sobre um pé.	Pirueta
	Volta no ar	Dar muitos giros; GIRAR	Rodopiar
	Volta no ar	um aú, denominado estrela na língua comum.	Estrela

Fonte: Elaboração da autora com base no dicionário Aulete Digital (2006) e demais fontes consultadas.

[216] "Conversando com mestres e praticantes de capoeira baianos, cariocas e paulistas, percebemos que há uma flexibilidade muito grande na denominação dos movimentos e golpes da capoeira, principalmente quanto às variações desses movimentos. Por exemplo, **um aú, denominado estrela na língua comum**, pode ter muitas variações como aú agulha, aú, bico-de papagaio, aú camaleão, aú chibata, aú escurrugido, entre outras. Essas variações, que se originam da criatividade de movimentação individual do capoeirista ou de determinado grupo de capoeira, podem inclusive ser adotadas por outros grupos e chegar a conhecimento geral dos praticantes, recebendo denominações diferentes nos diversos grupos e regiões" (ANJOS, 2003, p. 15).

[217] Informação disponível em: https://pt.wikihow.com/Fazer-uma-Parada-de-Mão-(Plantar-Bananeira)> Acesso em: 30. jun.2018.

Observa-se que os agrupamentos foram realizados tomando por base a execução de algum tipo de movimento acrobático (ao redor do corpo ou no ar). Nesse processo, fez-se necessário a consulta ao dicionário e foi fundamental a seguinte informação lexicográfica extraída de Houaiss (2002), ao definir a unidade lexical *cambalhota* com a seguinte acepção: "qualquer salto acrobático", sublinhe-se que nem todas as unidades lexicais em exame estão dicionarizadas e, ainda, que algumas dessas estão dicionarizadas com acepção distinta das atribuídas à brincadeira selecionada.

Nas obras lexicográficas dos séculos XVIII e XIX, encontram-se registradas apenas as seguintes unidades léxicas, elencadas no Quadro 31, com acepção que indica algum tipo de movimento.

Quadro 31 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam a brincadeira "cambalhota" nos dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX

DICIONÁRIOS	ENTRADA E ACEPÇÃO
Silva Pinto (1832)	**"Cambalhota:** s.f (t baixo) Volta do corpo sobre as costas, assentando o alto da cabeça no chão".
Silva Pinto (1832)	**"Salto:** s.m. Ação de saltar pela qual o animal se levanta da terra com esforço e se levanta ao ar, ou se lança do alto abaixo. Acção de saltar".
Silva (1813)	**"Cambalhota:** Volta que se dá sobre o costado, firmando a cabeça no chão".
Silva (1813)	**"Cambota**[218] - **Voltar cambota**: dar cambalhota".

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Já os dicionários do século XX, ampliam o número de variantes lexicais registradas, embora boa parte delas não esteja relacionada a algum entretenimento infantil e/ou a brincadeira em pauta. Na sequência, verifique o Quadro 32 que contém o registro das unidades léxicas que remetem a jogos e/ou diversões infantis.

[218] Bluteau (1712-1728) e Silva Pinto (1832) fazem referência à cambota como um "paão com meia volta...".

Quadro 32 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam a brincadeira "cambalhota" ou outras diversões

Dicionários	Houaiss (2001)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Cambalhota	"Datação 1789. substantivo feminino 1.**movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para a frente ou para trás,** com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os **pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão**; bagaço, cabriola, cambota 2. Derivação: por extensão de sentido. **qualquer salto acrobático** 3. Derivação: por extensão de sentido. qualquer movimento em que **algo gira ou rodopia sobre si mesmo; reviravolta**".	"1. **Movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça, apoiando ou não as mãos no chão ou em qualquer superfície sólida.** CAMBOTA, CABRIOLA. 2. **Acrobacia no ar**. 3. **Giro ou rodopio sobre si mesmo** (na direção vertical, de baixo para cima ou vice-versa) sem apoio; REVIRAVOLTA. 4. **Queda desastrada com as pernas para o ar**; TRAMBOLHÃO".	"[De cambalear] Sf. 1. Movimento que se faz **girando o corpo sobre a cabeça e voltando à posição normal**/ catrâmbias. 2. P. ext. **salto acrobático**".
Cambota	"substantivo feminino Regionalismo: Brasil. Uso: informal. m.q. **cambalhota** ('movimento ou exercício', **'reviravolta'**)".		"s.f Bras. Fam. **Cambalhota"**.
Salto mortal	"substantivo masculino 1.**volta completa do corpo no ar,** sem tocar as mãos no chão, praticado ger. por atletas ou acrobatas 2. Rubrica: capoeira. Regionalismo: Brasil. Golpe em que o capoeirista, com apoio nas duas ou em uma das mãos, ou sem nenhum apoio, **gira o corpo no ar**, tentando atingir o adversário com um ou os dois pés".		"S.m 1 **Acrobacia em que o atleta dá uma volta completa no ar,** para diante, para trás ou para um lado, sem as mãos tocarem o chão. Cap. Golpe traumatizante em que o capoeirista, **girando o corpo no ar,** com apoio nas duas ou em uma das mãos, ou livremente, sem nenhum apoio, procura atingir o adversário com um ou os dois pés".
Pirueta	"substantivo feminino 1 **rodopio** realizado sobre um único pé. 3 salto, **cabriola".**	"1. **Rodopio** sobre um pé. 4. Salto em que se dá uma **volta no ar**, apoiando as mãos no chão, ou não, e caindo sobre os pés; **CABRIOLA".**	1. **Rodopio** sobre um pé. 2. Pulo, salto, **cabriola"**.

Estrela		"Movimento acrobático de ginástica que **consiste em fazer um giro** de 360 graus no sentido lateral do corpo, com apoio no solo, apoiando sucessivamente **no giro uma das mãos** (com o braço estendido), depois a outra, depois o pé correspondente a esta (com a perna estendida), depois o outro pé, terminando de pé".	
Plantar bananeira[219]	"Regionalismo: Brasil. postar-se com a **cabeça para baixo** e os pés levantados".	"Ficar (pessoa) com as **pernas para o ar** apoiando-se no **chão com as mãos** (entrada: bananeira)".	**"Ficar de cabeça para baixo**, com o corpo apoiado nas mãos e as pernas para cima".

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Além dos dados lexicográficos apresentados no Quadro 32, evidencia-se algumas particularidades: i) a acepção da unidade lexical *carambola*[220] não se refere à "cambalhota, mas nomeia outra modalidade de jogo, no caso, ligado ao bilhar; ii) capoeira, por sua vez, engloba vários tipos de giros, inclusive consultou-se a descrição indicada na obra *A arte de brincar* (FRIEDMANN, 2014) que informa que o jogo: "consiste em dar saltos, giros, apoio com evoluções acrobáticas" (FRIEDMANN, 2014, p. 80); iii) quanto à denominação *estrela*, os dicionários não documentam acepção que contemple o entretenimento infantil, porém alguns informantes afirmaram que a questão 155 (QSL/ALiB) referia-se à brincadeira *estrela*, considerada sinônimo de *cambalhota*. Verifique o fragmento da entrevista com ênfase na informação citada:

> INF.- Põe a mão e vira o corpo? Istrela?
> INQ.- Tem outro nome? Bota a mão assim e...
> INF.- Cambalhota.
> INQ.- A cambalhota tem outro nome?
> INF.- Num conheço não.
> INQ.- Você quando criança dizia que ia virar o quê?
> INF.- Virá istrela.
> INQ.- É mesmo que a cambalhota?
> INF.- Memo que a cambalhota (Ponto 157- Ribeirão Preto– informante masculino, faixa etária I).

[219] Consultou-se no dicionário a entrada *plantar bananeira* por ser uma expressão popular.
[220] No Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014b), há o registro de *carambola* e *carambela* nas cartas das capitais de: i) todos os estados - L17a (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 261); ii) da Região Norte (CARDOSO *et al.,* 2014b, p. 263) e, iii) da Região Nordeste (CARDOSO *et al.,* 2014b, p. 265).

Em Cunha (1986) são destacadas as entradas que possuem informação relacionada a algum tipo de movimento e/ou brincadeira. Sendo assim, ressaltam-se os registros de *cambota* e *cambalhota* fazendo remissão à entrada cambiar assim definida: trocar (moedas ou letras de um país pelas de outro), transformar, alterar XIII, cambar XIII etc. Do lat. Cambiare, sem dúvida de um radical celta camb – arqueado, curvo 'alternado, trocado'. Ainda na entrada desse verbete, há uma informação específica à unidade léxica *cambalhota* com datação em 1813. Nota-se pela definição que, apesar de não se referir a movimento acrobático, traz a essência da mudança/da transformação, não estabilidade em seu conceito e também faz menção a uma possível postura humana/animal. Em Cunha (1986), ainda há a inserção dos verbos plantar, saltar[221] e virar utilizados em algumas respostas indicadas por informantes dos quais se destacam as seguintes informações que reforçam o caráter de ação/movimento relacionada à brincadeira discutida: **plantar** - "parte do pé que assenta no chão XIV", apesar de referir-se ao membro do corpo, nota-se que esta é uma etapa da execução do movimento de plantar bananeira; **saltar** – "vb. 'dar saltos', 'brotar' 'atravessar pulando' XIII e **virar –** "vb – mudar de um para outro lado a direção ou a posição de XVII. Do fr *virer*, deriv. do lat. Virare, que se supõe resultar do cruzamento de gyrare 'girar' com vibrare 'vibrar' ou com vertere 'voltar, virar" (CUNHA, 1986).

Ainda no dicionário etimológico, Cunha (1986) registra duas entradas que remetem a entretenimento, são os casos de *carambola* ao indicar para o verbete a seguinte informação: "s.f bola vermelha do jogo de bilhar, XVII. Do fr. Carambole, de mesma origem de carambola" (CUNHA, 1986). Ambas também registradas em dicionários do século XVIII e XIX. *Carambola* foi definida como: "s.f. No jogo do truque de taco, o embate das duas bolas com a terceira mais pequena, que se diz carambola" (SILVA, 1813).

Quanto às demais variantes registradas como ocorrências únicas, algumas delas já foram documentadas em outros trabalhos dialetais, entre eles: i) Ribeiro (2012), *carambola* (Itaberaba-BA/ponto 90) e *combolota*[222] (São Mateus-ES/ponto 189) e; ii) Portilho (2013), de *capoeira*[223] e *giro*. Ressalta-se que, nesta análise, *capoeira* também foi indicada como resposta por um informante. Quanto à sua

[221] Os verbos referem-se às respostas: plantar bananeira, salto mortal e virar cambalhota, cambota, aranha.
[222] Em Ribeiro (2012), a resposta *combolota* foi agrupada a denominação cambalhota.
[223] No trabalho, não foi informado a(s) localidade(s) em que ocorreu/ocorreram à denominação.

validação, verifica-se que foi considerada como denominação para “cambalhota”, pois em Portilho (2013), também foi considerada e registrada como ocorrência única[224].

Além disso, acredita-se que a denominação *camboleta* pode ser fruto da associação entre as unidades léxicas *camboleta* com *cacholeta* que significa “pancada, geralmente leve, com o dorso da mão ou das duas mãos, na cabeça de alguém, cascudo” (AULETE, 2006), possivelmente uma consequência da má execução da “cambalhota”, por isso pode ter ocorrido uma certa dificuldade em nomear a brincadeira ou mesmo um equívoco relacionando a reação da brincadeira má executada com a ação de sua realização.

Considerando os agrupamentos realizados, no Quadro 27, verificou-se que as denominações estão ligadas a dois tipos de movimentos. No primeiro grupo, nota-se que as denominações referem-se a movimentos executados por alguém quando em volta/ao redor do próprio corpo, contemplando as denominações: *cambalhota, cambota, estrela, (plantar) bananeira*, já, no segundo grupo, quando a ação é executada no ar, situam-se as unidades léxicas: *salto mortal, pirueta*. Além disso, considerando as denominações obtidas, ainda caberia a proposição de dois agrupamentos: i) entretenimentos diversificados: *carambola* e ii) reações da má execução da cambalhota: *camboleta*.

Em face das informações expostas, verifica-se que boa parte das unidades lexicais utilizadas para denominar a brincadeira “cambalhota” está registrada nos dicionários consultados, embora algumas sejam utilizadas para designar movimentos diversificados em relação à execução da brincadeira. Sendo assim, foram consideradas válidas, neste estudo, as denominações que atenderam os seguintes critérios: i) não ser ocorrência única; ii) respostas que tratem do referente solicitado; iii) resposta justificada por parte do informante e iv) denominação registrada em estudos dialetais já realizados sobre a brincadeira: *cambalhota, cambota, salto mortal, pirueta, estrela e (plantar) bananeira*.

[224] Recupera-se Ribeiro (2012, p. 172) ao tratar de denominações como *salto mortal e aú:* “Definições como aú e salto mortal quando associados à capoeira, não descaracterizam sua utilização como sinônimo de cambalhota, se consideradas exclusivamente as descrições estabelecidas pelos dicionaristas ou as comparações que os informantes fazem ao fornecerem as respostas”.

4.1.1.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 155/QSL/ALiB

Conforme os dados expostos no decorrer da análise da pergunta selecionada e a leitura das cartas 1a e 1b sobre os dados documentados foi possível observar que:

i) Em todas as localidades investigadas houve o registro de resposta;

ii) A unidade lexical *cambalhota* ocorre na maioria das localidades investigadas no estado de São Paulo e em boa parte da área de controle, com exceção do estado de Mato Grosso do Sul.

iii) As unidades lexicais *cambalhota e cambota* foram as mais produtivas, resultado que se confirma por meio do cotejo desses dados com os de outros trabalhos dialetais já concluídos: Ribeiro *et al.* (1977), Santos-Ikeuchi (2014) e Santos (2016) com inversão em termos de índice de produtividade (*cambota* como primeira e *cambalhota* como segunda mais produtiva) e no ALiB (cartas das capitais em que *cambalhota* figura como a terceira).

iv) Os dados obtidos, neste estudo, comparados aos já cartografados e consultados, apontam que *cambota* está registrada nos atlas mais antigos (EALMG e ALPR) como resposta mais produtiva, enquanto *cambalhota* figura como a forma com maior índice de ocorrência nos atlas produzidos a partir dos anos 2000.

v) A unidade lexical *cambota* configura-se como uma unidade lexical tradicional para nomear a brincadeira em questão. Essa predominância tem as seguintes características: i) maior produtividade entre os falantes da faixa etária II; ii) variante citada pelos informantes durante a realização das entrevistas como uma denominação usada em outra época e, iii) no cotejo com outros trabalhos dialetais, apurou-se que foi registrada como resposta mais produtiva nos atlas do Paraná e de Minas Gerais, ambos com dados coletados e cartografados no século XX.

vi) A unidade lexical *pirueta* teve baixo índice de ocorrência no estado de São Paulo, sobretudo em regiões limítrofes com os estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, dados que transpõem o espaço geográfico estadual, pois, no ponto de pesquisa sul-mato-grossense, Paranaíba (114), a resposta *pirueta* foi a mais produtiva. Nos demais estados da área de controle, houve registro dessa variante tanto em Minas Gerais quanto no Paraná.

vii) O item lexical *salto mortal*, teve maior número de ocorrências na área de controle do que no interior do estado de São Paulo, corroborando aos dados já cartografados nos atlas estaduais consultados.

viii) Apesar de a brincadeira “cambalhota” estar disseminada entre as diferentes faixas etárias e sexos, observa-se uma pequena vantagem no quantitativo de respostas fornecidas pelos informantes do sexo masculino. Além disso, algumas informantes ressaltaram que a “cambalhota” é uma brincadeira mais praticada por meninos, o que é corroborado pelo grau de não respostas entre os informantes do sexo feminino.

ix) Outras respostas foram mencionadas pelos informantes como unidades léxicas por nomearem outros referentes ou outros tipos de brinquedos. É o caso de *tonteira*, uma possível reação a má execução da brincadeira; *capoeira*, um conjunto de saltos/giros; rabo *de arraia*, um dos golpes da capoeira e toca de *piorra,* em que piorra refere-se ao brinquedo pião[225].

[225] Ainda houve o registro de rodopia, que não foi considerado por referir-se ao verbo rodopiar.

4.1.2 Esconde-esconde

4.1.2.1 Esconde-esconde: a brincadeira

A brincadeira contemplada pela pergunta 160/QSL/ALiB “Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34) conhecida popularmente como “esconde-esconde” é considerada um tipo de brincadeira bastante comum no universo infantil e com registros do século XVIII.

Esse entretenimento "nasceu na Europa aproximadamente no século XVIII e quem provavelmente trouxe para o Brasil foram os portugueses"[226].

A Figura 27 reproduz o desenho de uma criança executando a brincadeira “esconde-esconde”.

Figura 27 – Crianças brincando de “esconde-esconde”

Fonte: Baú da Web (2018)[227]

[226] Informação disponível em: <http://ovanguardista.ig.com.br/velha-infancia/2017-01-26/brincadeiras-crinaca-origem.html>. Acesso em: 16. abr.2018.
[227] Imagem disponível em: <http://baudaweb.blogspot.com.br/2017/10/20-desenhos-dia-das-criancas-criancas.html>. Acesso em: 16. abr. 2018.

O levantamento e a tabulação dos dados evidenciaram que a pergunta 160/QSL/ALiB foi bastante produtiva, à medida que gerou um quantitativo considerável de respostas e um baixo número de abstenções. Na sequência, discutem-se os dados relativos à pergunta em questão.

4.1.2.2 Esconde-esconde: os nomes da brincadeira

O levantamento dos dados nos 148 inquéritos relativos ao estado de São Paulo e nos 40 pertencentes à área de controle resultou em 31 variantes lexicais como denominação para a "brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?" – perfazendo um total de 224 ocorrências. Além disso, houve sete casos de ausência de resposta no estado de São Paulo.

A Tabela 5, a seguir, detalha os dados brutos obtidos como resposta para a pergunta 160/QSL/ALiB:

Tabela 5 – Denominações para "esconde-esconde" nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	**Área de controle**	**Total**	
Balança caixão		1,89%	1	0,43%
Barra mansa		1,89%	1	0,43%
Bate-cara	1,68%		3	1,29%
Bate-pique	0,56%		1	0,43%
Boca de forno		1,89%	1	0,43%
Brinca de esconde	0,56%		1	0,43%
Brinca de escondê	1,12%		2	0,86%
Brincá de escondê	0,56%		1	0,43%
Brincando de se esconde	0,56%		1	0,43%
Brincar de esconde	0,56%	0,00%	1	0,43%
Brincar de pique		1,89%	1	0,43%
Brinquiesconde	0,56%		1	0,43%
Cabra-cega	1,12%		2	0,86%
Ceguinho	0,56%		1	0,43%
Chicotinho queimado		1,89%	1	0,43%
Cobra-cega	1,12%		2	0,86%
Conde-esconde	0,56%		1	0,43%
Esconde	0,56%	5,66%	4	1,72%
Escondê	0,56%	3,77%	3	1,29%
Esconde-esconde	62,01%	32,08%	128	55,17%
Esconderijo		3,77%	2	0,86%

Esconderijo de esconder		1,89%	1	0,43%
Mãe é mãe	0,56%		1	0,43%
Mãe esconde-esconde	0,56%		1	0,43%
Mãe se esconde		1,89%	1	0,43%
Mãe-esconde		1,89%	1	0,43%
Maria escondê	0,56%		1	0,43%
Maria-escondê	0,56%		1	0,43%
Pais	0,56%		1	0,43%
Pega-pega	2,23%		4	1,72%
Pigue-esconde		1,89%	1	0,43%
Pique	2,23%	3,77%	6	2,59%
Pique de esconde	0,56%	3,77%	3	1,29%
Pique de escondê	0,56%	3,77%	3	1,29%
Pique esconde	0,56%	3,77%	3	1,29%
Pique escondê		1,89%	1	0,43%
Piquê esconde	0,56%		1	0,43%
Pique esconde-esconde		1,89%	1	0,43%
Pique-esconde	9,50%	16,98%	26	11,21%
Pique-lata	0,56%		1	0,43%
Piques	0,56%		1	0,43%
piques de esconde	0,56%		1	0,43%
Pique-salva	0,56%		1	0,43%
Quebra-cega	0,56%		1	0,43%
Salva	0,56%		1	0,43%
Se escondê	0,56%		1	0,43%
Trinta e um	0,56%	1,89%	2	0,86%
Não respostas	3,91%	0,00%	7	3,02%
Total	100,00%	100,00%	232	100,00%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados da Tabela 5 demonstram alto índice de denominações para a brincadeira, por isso, para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que, em sua maioria, obedeceram aos critérios lexicais, fonéticos, morfológicos e/ou por associação. Além disso, para essa questão optou-se por realizar uma junção semelhante ao realizado por Ribeiro (2012) ao classificar as formas a partir da base “esconde”. Essa decisão se justifica, ao menos, por três motivos: i) maior facilidade para realizar comparabilidade dos dados já que ambos os estudos analisam as mesmas perguntas; ii) grande quantitativo de variantes fornecidas a partir da base “esconder” e dificuldade em estabelecer critérios para diferenciá-las e iii) alto índice de ocorrências de variantes que incorporou o formante “esconder” (83,2%).

Sendo assim, computaram-se oito variantes lexicais que correspondem as 239 ocorrências de respostas listadas em dois subgrupos: i) unidades que evidenciam o formante “esconder”: esconde-esconde, pique-esconde, mãe-esconde; e ii) outras formas: pique, pega-pega, cobra-cega, bate-cara, trinta e um e acrescido a elas, houve quatro casos agrupados como outras denominações com ocorrências únicas. No Quadro 33 e na Tabela 5, apresentam-se o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados.

Quadro 33 – Agrupamento de variantes que nomeiam “a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?”

Agrupamentos	Variantes lexicais	Itens agrupados
Itens lexicais com formante “esconde”	**Esconde-esconde**	Conde-esconde, esconde-esconde, esconde, escondê, brinca(r) de esconde(r), brinca de escondê, brincando de esconder, esconde(r), se esconder, brinquiesconde
	Pique-esconde	pique esconde(r), pique(s) de esconde(r), pique-esconde-esconde
	Mãe-esconde	mãe esconde-esconde, mãe se esconde, mãe-esconde, Maria escondê
Outras formas	**Pique**	Pique, pique-lata, piques, pique-salva, brincar de pique, bate-pique
	Cobra-cega	Cobra-cega, cabra-cega, quebra-cega
	Pega-pega	Pega-pega
	Bate-cara	Bate-cara
	Trinta e um	Trinta e um
	Denominações com ocorrências únicas	Ceguinho, pais, salva, Mãe é mãe

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

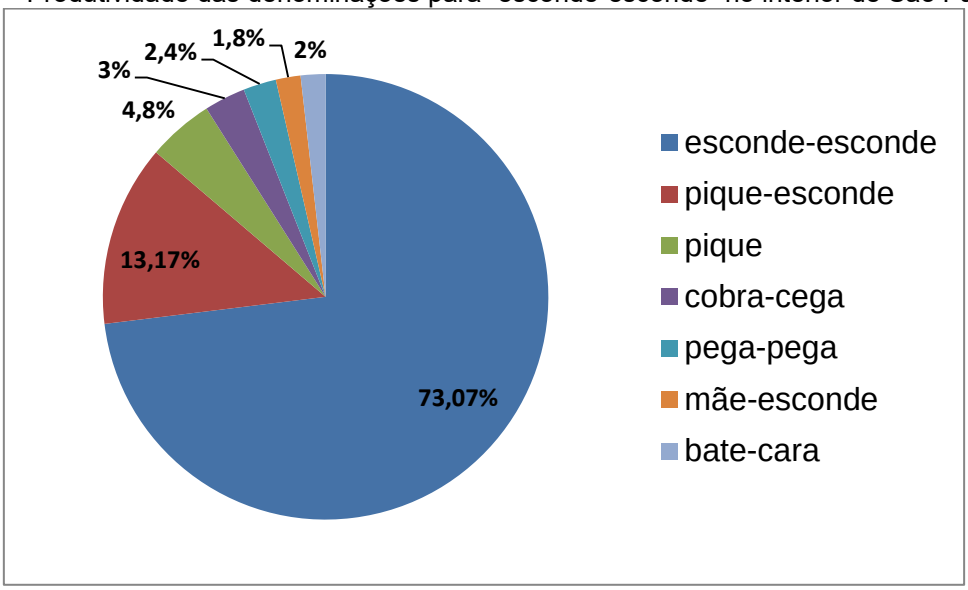
Na sequência, são discutidos os dados com ênfase na produtividade das variantes cartografadas considerando as áreas investigadas enquanto blocos (estado de São Paulo e área de controle).

4.1.2.3 Produtividade das variantes

Os dados analisados que são apresentados nas cartas 2a e 2b e a Tabela 5 apontam a supremacia da unidade lexical *esconde-esconde* em toda a área investigada, tanto no que se refere à capital quanto ao interior e área de controle.

Nas localidades do interior do estado de São Paulo, o item lexical *esconde-esconde* atingiu 73% das ocorrências. O Gráfico 11 indica a produtividade das outras variantes lexicais documentadas no interior de São Paulo:

Gráfico 11 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com os dados do Gráfico 11, a segunda variante mais produtiva é a unidade lexical *pique-esconde* com 13,17% das ocorrências, seguida da denominação *pique* (4,8%). Outras variantes tiveram menos de quatro por cento de ocorrências: *cobra-cega, pega-pega, mãe-esconde e bate-cara*.

Na sequência, a Tabela 6 informa a produtividade das denominações de acordo com as mesorregiões do IBGE em São Paulo.

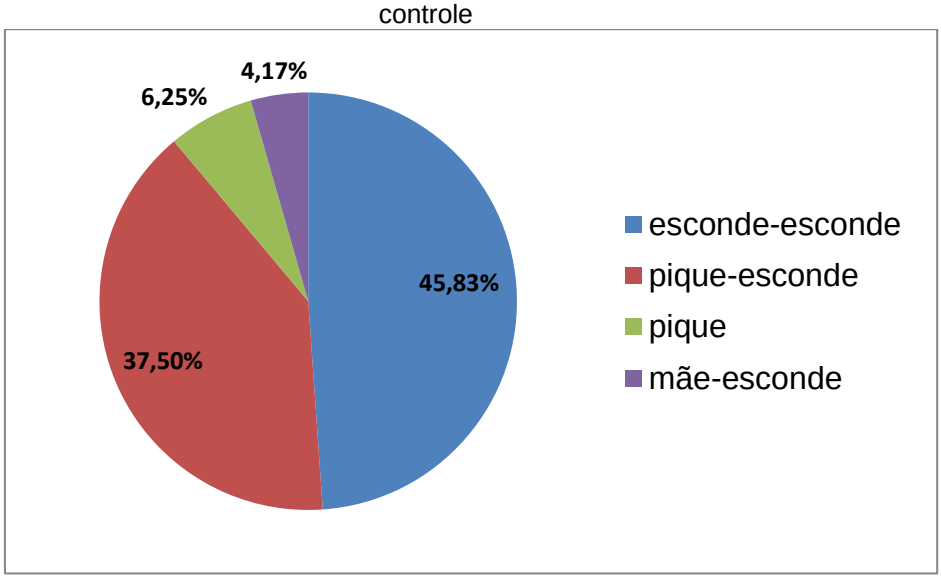
Tabela 6 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde” segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

VARIANTES	Esconde-esconde (%)	Pique-esconde (%)	Mãe-esconde (%)	Pique (%)	Pega-pega (%)	Bate-cara (%)	Cobra-cega (%)	Trinta e um (%)
Araçatuba	5,9	0,0	0,0	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Araraquara	4,2	8,7	66,7	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Assis	6	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	8,4	0,0	0,0	0,0	25	0,0	0,0	0,0
Campinas	6,7	17,4	0,0	0,0	0,0	0,0	28,6	0,0
Itapetininga	27,1	0,0	33,3	11,1	25	0,0	14,3	100
Litoral Sul Paulista	9,2	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Macrometropolitana Paulista	4,2	0,0	0,0	0,0	25	0,0	14,3	0,0
Marília	3,4	0,0	0,0	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	18,2	4,3	0,0	33,3	0,0	25	28,6	0,0
Piracicaba	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	0,0
Presidente Prudente	30,8	4,3	0,0	11,1	0,0	25	0,0	0,0
Ribeirão Preto	11,5	47,8	0,0	0,0	0,0	25	0,0	0,0
São José do Rio Preto	18,1	4,3	0,0	11,1	25	25	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	26,6	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na Tabela 6, é possível notar que o maior número de ocorrências da unidade lexical *esconde-esconde* ocorre na mesorregião de Presidente Prudente. Considerando a área de controle, verifica-se que a predominância de *esconde-esconde* é mantida, porém, observa-se que, de modo geral, nas áreas limítrofes ocorrem denominações com o formante “esconder”, pois apenas a unidade lexical *pique* não possui essa construção. Verifique o Gráfico 12:

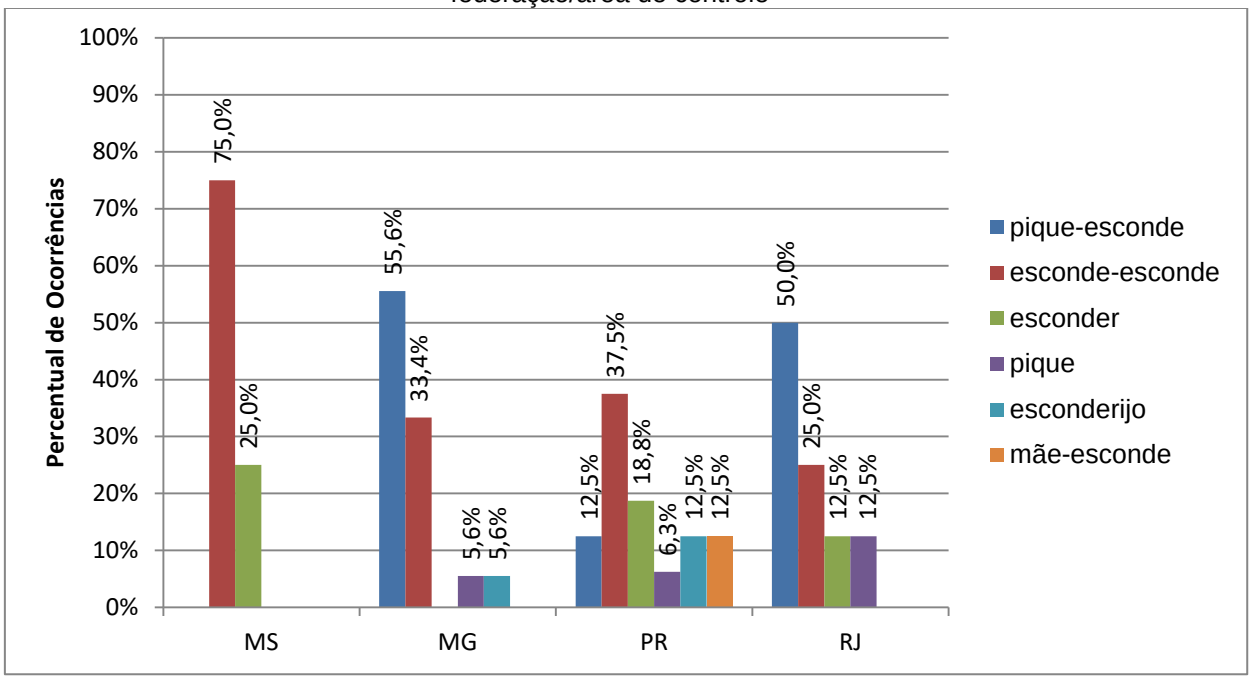
Gráfico 12 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as duas respostas mais produtivas, observa-se que a diferença entre os valores é significativa. Já, em relação a terceira mais produtiva, *pique* há uma larga distância percentual entre ela e as duas primeiras. Veja, a seguir, as preferências pelas denominações, na área de controle, segundo os informantes dos diferentes estados:

Gráfico 13 – Produtividade das denominações para “esconde-esconde”, segundo a unidade da federação/área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados do Gráfico 13 demonstram que a unidade lexical *esconde-esconde* foi a única documentada em todos os estados da área de controle, embora tenha sido a resposta mais produtiva apenas nos estados de Mato Grosso do Sul e do Paraná. Por sua vez, nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, a denominação *pique-esconde* foi a mais produtiva. Esses dados acabam por evidenciar a proximidade percentual das duas variantes mais recorrentes na área de controle.

As cartas 2a e 2b registram a distribuição diatópica para as variantes lexicais documentadas como resposta para a pergunta 160/QSL/ALiB no interior do estado de São Paulo e na área de controle.

Carta 2a – Denominações para “esconde-esconde” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 160 – “Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?”

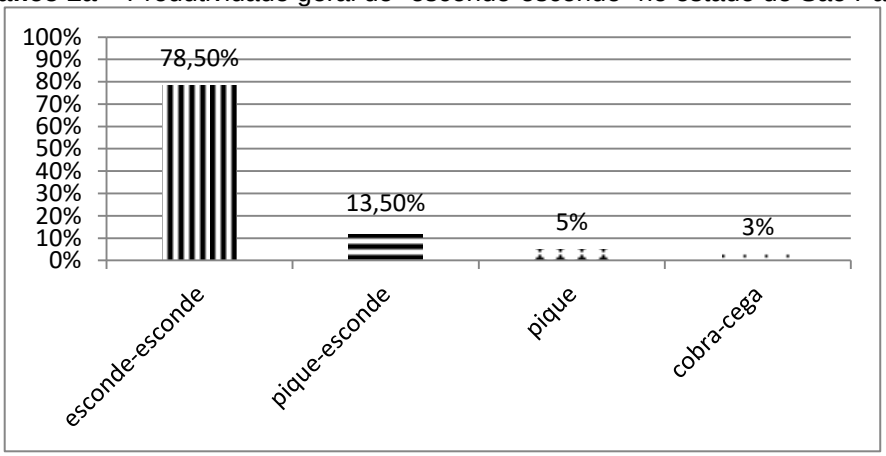
Denominações com ocorrência única: ceguinho (Jales – ponto 150, informante do sexo feminino, faixa etária II), pais (Botucatu – ponto 171, informante do sexo masculino, faixa etária II), salva (Andradina – ponto 155, informante do sexo masculino, faixa etária II) e mãe é mãe (Cananéia – ponto 187, informante do sexo masculino, faixa etária II).

Comentários sobre dados cartografados: “INF. Como que é o pique-esconde? /INF.- Ah, a pessoa vai lá na parede, fica lá contano até déiz ou então até vinte enquanto as outra vai se escondê. Aí depois a pessoa sai procurando. Se uma pessoa vê que ela tá longe da parede vai lá e bate” (Franca – ponto 154, informante do sexo feminino, faixa etária I).

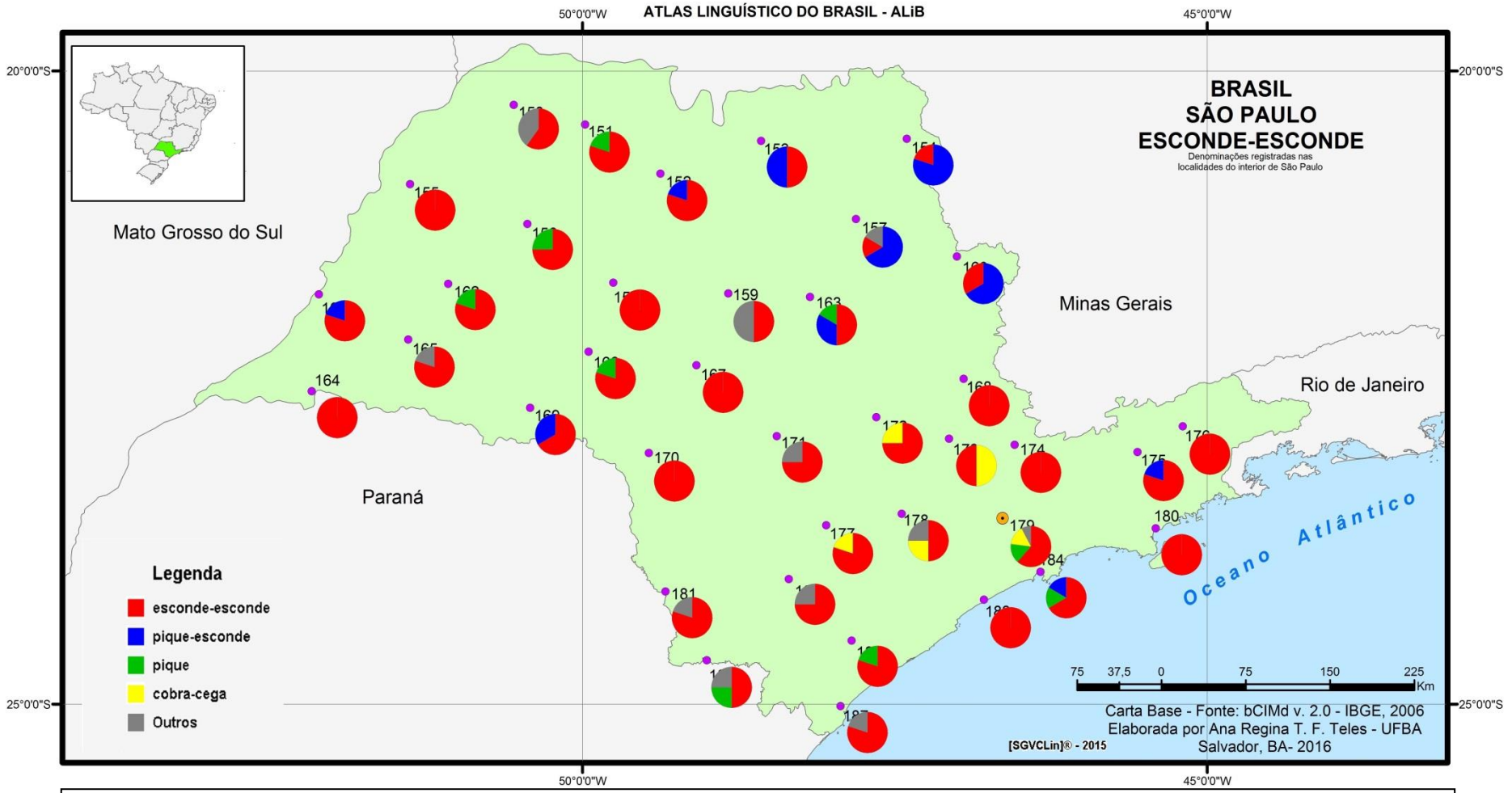
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Esconde-esconde: conde-esconde, esconde-esconde, esconde; escondê; brinca(r) de esconde(r, brincando de esconder, esconde(r), se esconder, brinquiesconde.
Pique-esconde: pique esconde(r), pique(s) de esconde(r), pique-esconde-esconde.
pique: pique, pique-lata, piques, pique-salva, brincar de pique, bate-pique.
Cobra-cega: cobra-cega, cabra-cega, quebra-cega.
Mãe-esconde: mãe-esconde-esconde, mãe se esconde, mãe-esconde, Maria-escondê.
Pega-pega: pega-pega.
Bate-cara: bate-cara.
Trinta e um: trinta e um.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 2a – Produtividade geral de "esconde-esconde" no estado de São Paulo



Carta 2a – Denominações para “esconde-esconde” no estado de São Paulo



“Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar a outra?” - 160/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 2b – Denominações para “esconde-esconde” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 160 – “Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?”

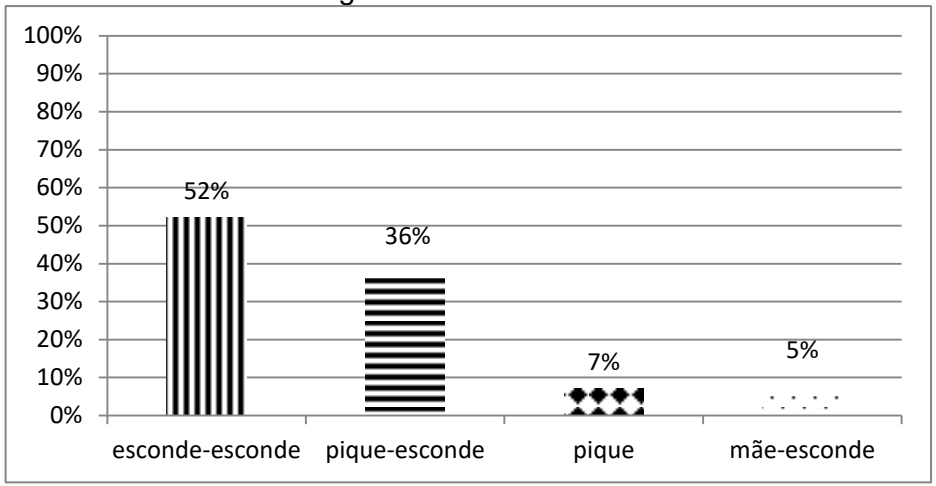
Denominações com ocorrência única:

Comentários sobre dados cartografados:
INF. É 31, né! É a brincadeira do 31. Eles conta até trinta e um pra todo mundo se esconder e daí vão achar. O que achar primeiro bate o 31 e depois tem que voltar pra fazer de novo (Adrianópolis, ponto 216, informante do sexo feminino, faixa etária II).

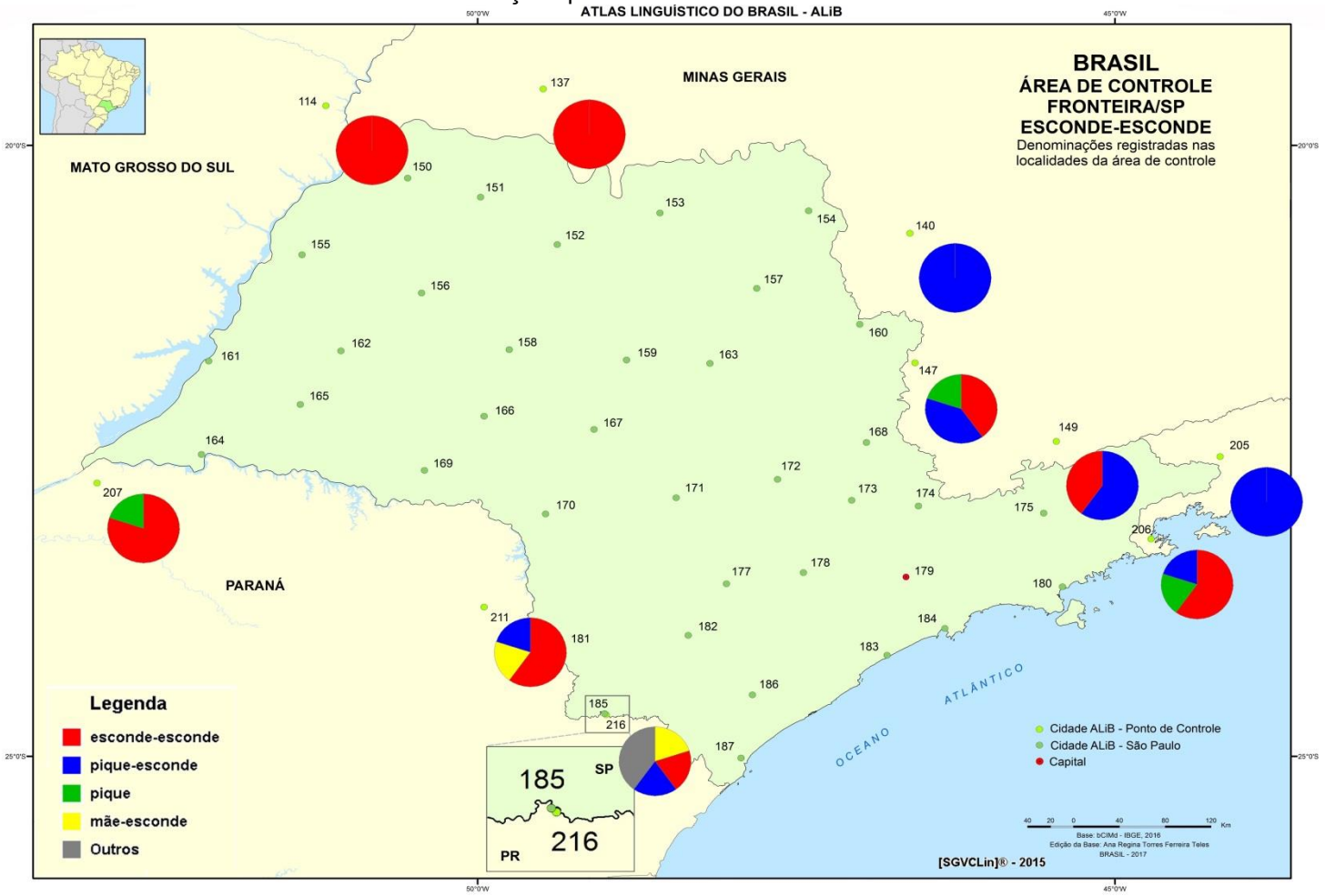
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Esconde-esconde: conde-esconde, esconde-esconde, esconde; escondê; brinca(r) de esconde(r, brincando de esconder, esconde(r), se esconder, brinquiesconde.
Pique-esconde: pique esconde(r), pique(s) de esconde(r), pique-esconde-esconde.
pique: pique, pique-lata, piques, pique-salva, brincar de pique, bate-pique.
Cobra-cega: cobra-cega, cabra-cega, quebra-cega.
Mãe-esconde: mãe-esconde-esconde, mãe se esconde, mãe-esconde, Maria-escondê.
Pega-pega: pega-pega.
Bate-cara: bate-cara.
Trinta e um: trinta e um.

Representação dos dados cartografados por gráfico – produtividade geral

Gráfico 2b – Produtividade geral de “esconde-esconde” na área de controle



Carta 2b – Denominações para “esconde-esconde” na área de controle



“Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar a outra?” - 160/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

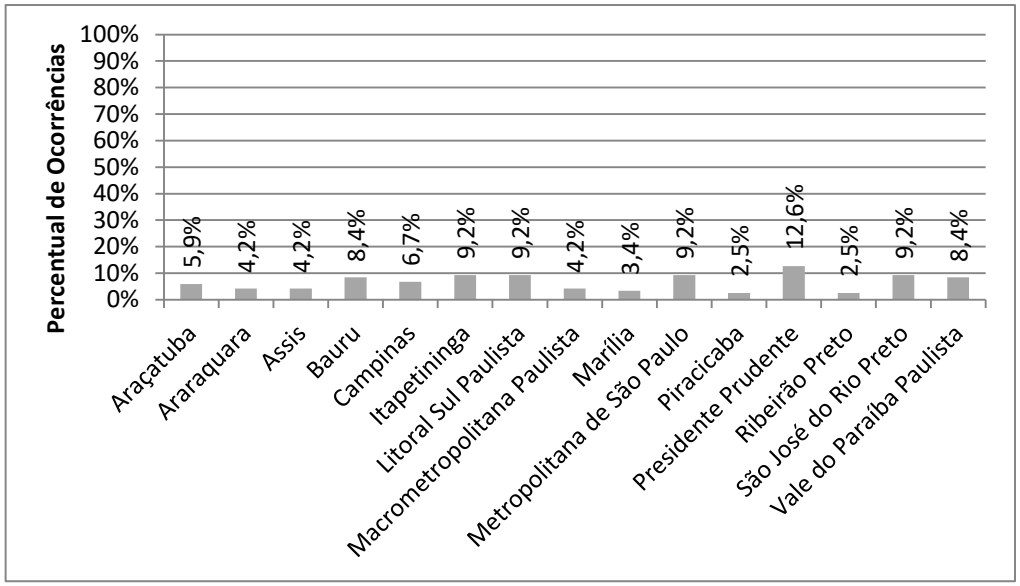
4.1.2.4 Análise diatópica das denominações para “esconde-esconde”

A análise das denominações catalogadas é apresentada de acordo com a produtividade de cada variante, com prioridade para os dados obtidos no estado de São Paulo.

4.1.2.4.1 Unidade lexical: *esconde-esconde*

O item lexical *esconde-esconde* teve alta produtividade em toda a área investigada neste estudo, tendo sido registrado em todas as localidades paulistas. No Gráfico 14 é possível observar a produtividade de *esconde-esconde*, segundo as mesorregiões paulistas.

Gráfico 14 – Produtividade da unidade lexical *esconde-esconde* segundo as mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

No Gráfico 14, nota-se pelo conteúdo do gráfico que a maior produtividade de *esconde-esconde* ocorreu na mesorregião de Presidente Prudente. Quanto à área de controle, duas localidades não registraram ocorrência para *esconde-esconde*: Passos (MG/ponto 140) e Barra Mansa (RJ/ponto 205).

O exame dos trabalhos dialetais já produzidos que contemplam carta com dados sobre a brincadeira “esconde-esconde”, como é o caso do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994) e do Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014) há o registro da denominação *esconde-esconde* como mais produtiva para nomear essa brincadeira.

Na carta 089 do ALPR (AGUILERA, 1994, p. 201), verifica-se a alta produtividade de *esconde-esconde* que está disseminado por todo o estado do Paraná e concorre com as denominações que registram baixo percentual, como: *trinta e um, barata e Maria-condê*.

A alta produtividade para *esconde-esconde* também está documentada na região limítrofe entre Paraná e São Paulo. Na carta 080 do ALTOSP, verifica-se o registro de *esconde-esconde* em todos os pontos de inquéritos e indicações de *bater pique/pique* em dois pontos de inquérito do referido atlas. Ainda, há o registro do sema "esconder"[228] no falar fluminense com maior produtividade entre as variantes cartografadas (*pique e pegador*). Já no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), as variantes *esconde-esconde* e (brincar de) se *esconder/esconder* são as mais produtivas nos limites geográficos SP-PR.

Na sequência, discutem-se os dados sobre a unidade lexical *pique-esconde.*

4.1.2.4.2 Unidade lexical: *pique-esconde*

O item lexical *pique-esconde* teve produtividade significativa no estado de São Paulo alçando 13% das ocorrências, embora não tendo sido registrada em várias localidades da rede de pontos, entre elas indicam-se as seguintes mesorregiões: Araçatuba, Bauru, Itapetininga, Macrometropolitana Paulista, Marília, Piracicaba, Litoral Sul Paulista. Ainda considerando os dados do estado de São Paulo, a variante *pique-esconde* foi indicada por todos os informantes das seguintes localidades: Franca (ponto 154), Ribeirão Preto (ponto 157) e Mococa (ponto 160).

Já na área de controle, há registros no Paraná e no Rio de Janeiro, mas o maior quantitativo de *pique-esconde* ocorreu em Minas Gerais, em que foi indicada por todos os informantes de Passos (ponto 140) e pela maioria dos entrevistados das outras localidades mineiras, com exceção de Campina Verde (ponto 137).

A seguir, discutem-se os dados agrupados à unidade lexical *pique*.

[228] Ao analisar a carta sobre a brincadeira do "esconde-esconde" em Santos (2016), recupera-se a informação de que o sema-esconder é fruto do agrupamento das seguintes variantes obtidas: *pique-esconde, esconde-esconde, pique (de) (se) esconder, (se) esconder, pega-esconde*.

4.1.2.4.3 Unidade lexical: *pique*

O item lexical *pique* foi documentado em diferentes mesorregiões paulistas, porém as respostas foram indicadas por apenas um informante em cada localidade, com exceção de pontos de inquéritos na mesorregião metropolitana de São Paulo.

A comparação entre os resultados deste estudo com dados do Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014) revela que a variante bater *pique/pique* teve baixa produtividade nas localidades de Andradina (ponto 01), como ocorrência única, e em Adamantina (ponto 02) com duas ocorrências. Cabe sublinhar que a cidade de Marília dista apenas 140 km de Adamantina, local em que o ALTOSP obteve maior índice de registro de bater pique/*pique*, o que pode indicar que essa denominação seja utilizada na região como uma preferência lexical para nomear o "esconde-esconde".

Em se tratando dos dados documentados na área de controle, constatou-se a presença de *pique* somente nos estados de Minas Gerais (Poços de Caldas – ponto 147) e Rio de Janeiro (Parati – ponto 206). Em Santos (2016) confirma-se a ocorrência da unidade lexical *pique* nos estados de Minas Gerais (três registros) e Rio de Janeiro (um registro), além do estado do Espírito Santo (dois registros).

Na sequência focaliza-se a unidade lexical *cobra-cega.*

4.1.2.4.4 Unidade lexical: *cobra-cega*

O item lexical *cobra-cega* foi registrada em poucas localidades paulistas, obtendo maior percentual de respostas nas mesorregiões de Campinas e Metropolitana de São Paulo, onde foi citada por dois informantes em cada localidade. Já nas mesorregiões de Itapetininga, Macrometropolitana Paulista e Piracicaba, *cobra-cega* foi fornecida como resposta por apenas um entrevistado.

Ao verificar as mesorregiões em que foi mencionada a variante *cobra-cega* nota-se a existência de dois pontos comuns entre as localidades: i) anos de fundação e ii) proximidade geográfica.

Considerando o primeiro ponto de semelhança, destacam-se em dois grupos os anos para a fundação das localidades: i) meados dos séculos XVI e XVII, respectivamente com as cidades de São Paulo e Sorocaba que diferenciam entre si 100 anos de existência e, ii) meados do século XVIII em que surgem as cidades de: Piracicaba (1767), Itapetininga (1770) e Campinas (1774), em um período inferior a dez anos entre elas.

Já o segundo elemento indica uma pequena distância territorial entre as localidades com registro de *cobra-cega*.

Ao recuperar informações históricas sobre as localidades, constata-se que a denominação pode ter sido utilizada para nomear a brincadeira contemplada pela pergunta 160/QSL/ALiB pelo caráter conservador, pois a brincadeira "cobra/cabra-cega" é uma diversão com datação mais antiga do que a brincadeira do "esconde-esconde"[229]. Ademais, considerando as variações sociais, antecipa-se a informação de que a denominação *cabra-cega* foi fornecida por informantes, em sua grande maioria, da faixa etária II (50-65 anos), elemento que corrobora a hipótese aventada.

Na sequência, discute-se a unidade lexical *mãe-esconde* e outras denominações com produtividade mais restrita.

4.1.2.4.5 Unidade lexical: *mãe-esconde, pega-pega, bate-cara, trinta e um*

O item lexical *mãe-esconde*[230] foi documentado na fala de informantes paulistas das mesorregiões de Araraquara e Itapetininga. Na localidade pertencente à mesorregião de Itapetininga (Ibitinga – ponto 159) houve duas menções de *mãe-esconde.* Na área de controle, essa variante foi mencionada apenas no Paraná, com uma ocorrência em Adrianópolis (ponto 216) e uma em Tomazina (211). De modo geral, as localidades são geograficamente distantes entre si.

No Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), na carta 089, a presença da unidade lexical *Maria* na formação da denominação, também figura em Guarapuava (ponto 51) e em Palmas (ponto 60). As notas registradas na carta 089/ALPR são esclarecidas:

> [...] 51 - (Inf A) maria-condê. A seguir explicou que falavam: maria-condê, vira as costas e vai s(e) escondê".
> 60 - (Inf A) Na repergunta: "dizem que é Maria, Maria-Macondê tamém". Explicou a seguir: maria macondê, já dizem, bate na bunda vô m(e) iscondê (...) tem o acusado, tamém, brincam de se escondê" (AGUILERA, 1994, p. 200).

O conteúdo das notas, sugere duas possibilidades que parecem elucidar o uso da variante: i) o uso de Maria ou mãe, figura genérica feminina que marca a presença de meninas na brincadeira e; ii) associação entre as brincadeiras do

[229] As informações sobre a origem/datação da brincadeira "cobra-cega" serão fornecidas quando na análise da questão 161/QSL/ALiB.
[230] Para a denominação *mãe-esconde* foram agrupadas as respostas: *mãe esconde-esconde, mãe se esconde, mãe-esconde e Maria-escondê*.

“esconde-esconde” com “balança-caixão[231]” considerando, sobretudo, o verso recitado na brincadeira que remete ao ritmo do verso e, também, ao texto reproduzido como “bater na bunda e vai se esconder”.

Quanto à segunda possibilidade, Friedmann (2014) assim descreve os procedimentos para a realização da brincadeira “balança-caixão”:

> O ‘rei’ senta-se no ‘trono’. O ‘servo’ apoia o rosto no seu colo; os outros formam uma fileira atrás do ‘servo’ apoiando-se uns nas costas dos outros. O último da coluna dá um tapa nas costas da pessoa da frente e vai se esconder. Assim por diante até chegar a vez do ‘servo’, o qual irá procurar todos recitando: Balança caixão/balança você/ Dá um tapa nas costas[232]/ E vai se esconder (FRIEDMANN, 2014, p. 26).

A descrição de Friedmann (2014) comparada ao verso indicado pela informante paranaense, no ALPR, evidencia semelhanças.

Além das informações já prestadas, salienta-se que a denominação parece configurar-se como conservadora, hipótese reforçada pelo fato de o maior número de respostas ter sido fornecido por informantes da faixa etária II.

Quanto ao item lexical *pega-pega*, foi registrado nas seguintes mesorregiões paulistas: São José do Rio Preto, Macrometropolitana Paulista, Bauru e Itapetininga, porém as respostas foram fornecidas por apenas um informante em cada localidade. Além da pouca ocorrência no estado de São Paulo, inteira-se que a denominação não foi registrada na área de controle.

Assim, como a denominação *cobra-cega*, nota-se que as ocorrências de *pega-pega* como resposta para a questão 160/QSL/ALiB foram citadas, em sua totalidade, apenas por informantes de faixa etária II, o que pode indicar uma forma mais antiga de denominar a brincadeira ou, ainda, pouca familiaridade do entrevistado com a brincadeira devido ao esquecimento/confusão na caracterização do divertimento.

Apesar de não haver registro sobre *pega-pega* como denominação para a brincadeira “esconde-esconde”, nos trabalhos que analisam os dados do estado de São Paulo ou estados fronteiriços consultados para este estudo, houve a

[231] Antecipa-se aqui alguns comentários sobre a variante *balança-caixão* indicado como resposta no estado de São Paulo, porém não aceito como denominação válida para nomear o “esconde-esconde”.

[232] É de conhecimento popular que, em algumas regiões do Brasil, na execução do verso o tapa nas costas é recitado como tapa na bunda.

documentação de *pegador* no espaço do falar fluminense, com indicação de duas localidades situadas no estado das Minas Gerais (SANTOS, 2016).

Já a unidade lexical *bate-cara* teve quatro ocorrências em quatro localidades do estado de São Paulo. Apesar dos pontos de inquéritos estarem situados em mesorregiões distantes, salienta-se que dois deles encontram-se próximos à fronteira oeste de São Paulo: Jales e Ribeirão Preto. Não houve registro de *bate-cara* nas áreas adjacentes a São Paulo (área de controle), o que indica não expansão da variante *bate-cara* para além das fronteiras estaduais.

O item lexical *trinta e um* teve baixa produtividade (duas ocorrências) e foi documentada em duas cidades-vizinhas: é o caso de Ribeira (ponto 185), situada na fronteira de São Paulo com a cidade paranaense de Adrianópolis (ponto 216).

Tendo em vista as localidades em que foi documentada a denominação *trinta e um* acredita-se que esse nome da brincadeira seja frequente na região, sobretudo, considerando a intensa movimentação entre essas cidades, que distam entre si cerca de 2 km, e o fato de as duas menções de *trinta e um* terem sido pelas informantes femininas da faixa etária II.

Além disso, o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) registra *trinta e um* como a segunda resposta mais produtiva no ALPR, sendo registrada na década de 1980 em várias localidades paranaenses, dentre elas: Adrianópolis (ponto 38[233]), que repete a ocorrência no ALiB, e em cidades próximas, como é o caso de: Rio Branco do Sul (ponto 44) e Curitiba (ponto 54), com registro dessa variante na fala do informante do sexo masculino e Cerro Azul (37), localidade em que apenas *trinta e um* foi registrada como denominação para a brincadeira em questão.

Na sequência, são descritas as denominações únicas.

4.1.2.4.6 Outras denominações com ocorrência única

Os casos de ocorrências únicas estão indicadas no Quadro 34, com a indicação de localidade, número do ponto e o perfil do informante que as mencionaram:

[233] O número indicado para as localidades referem-se à rede de pontos do Atlas Linguístico do Paraná.

Quadro 34- Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 160/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

RESPOSTA ÚNICA	LOCALIDADE	PERFIL DO INFORMANTE
Ceguinho	Jales/150	Mulher, faixa etária II
Pais	Botucatu /171	Homem, faixa etária II
Salva	Andradina/155	Homem, faixa etária II
Mãe é mãe	Cananéia/ 187	Homem, faixa etária II

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as variantes produtivas neste estudo e as registradas em outros trabalhos dialetais selecionados para o cotejo de dados, produz-se o Quadro 35:

Quadro 35 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/ atlas	Esconde-esconde	Pique	31
Atlas Linguístico do Paraná – carta 89 (AGUILERA, 1994, p. 201)	X		X
Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – carta 080 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 295)	X	X	
Falar Fluminense (SANTOS, 2016, p. 139)	X	X	
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – carta 305 (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, 2011, p. 702)	X		X

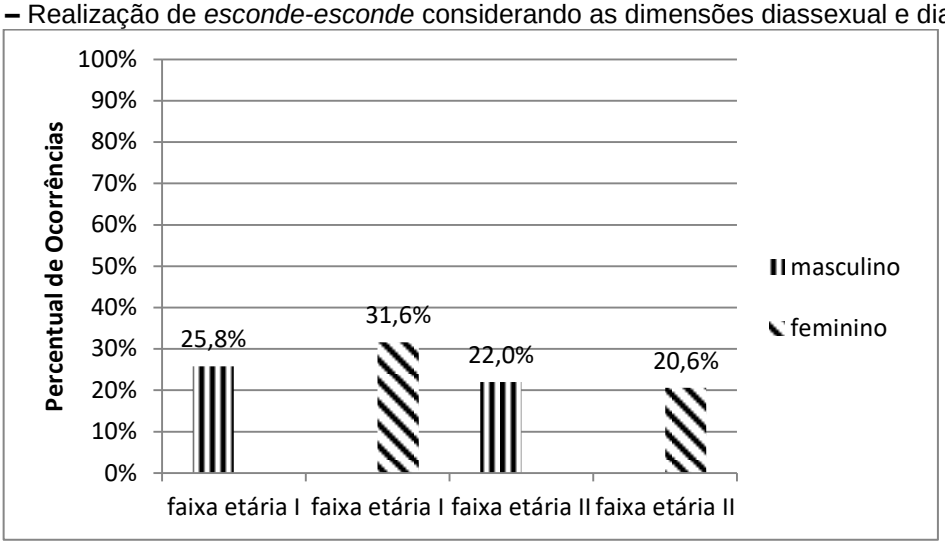
Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

4.1.2.5 Denominações para "esconde-esconde" – SP/área de controle: variáveis sociais

Examinam-se, nesta etapa da análise, as denominações cartografadas segundo aspectos sociais (diassexual, diageracional).

O item lexical *esconde-esconde* foi a resposta preferida pelas informantes do sexo feminino, faixa etária I. Nos demais perfis também houve registro significativo dessa unidade lexical, como demonstra o gráfico que segue:

Gráfico 15 – Realização de *esconde-esconde* considerando as dimensões diassexual e diageracional

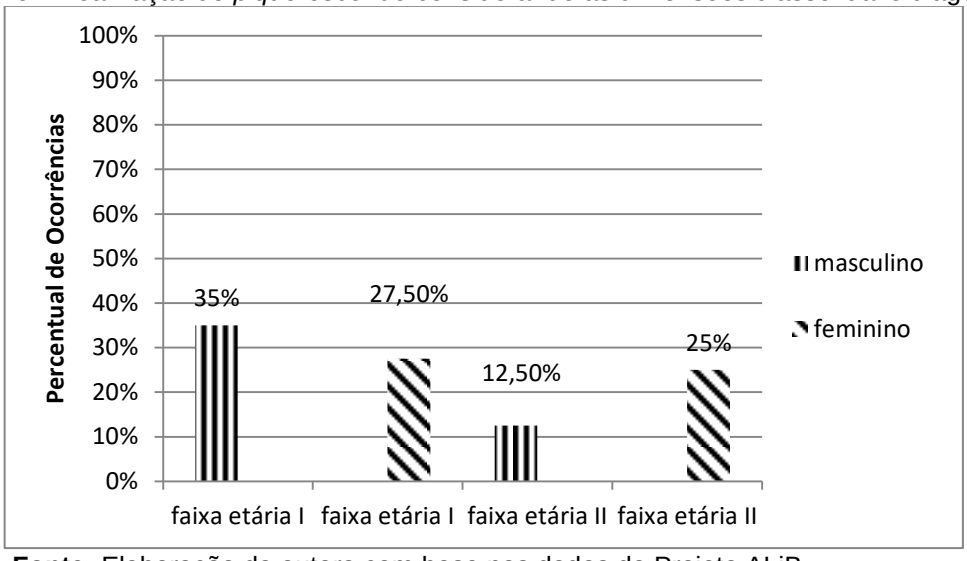


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observa-se que a unidade lexical *esconde-esconde* atingiu percentuais bastante próximos, considerando as variáveis sociais selecionadas, sendo levemente mais produtivo entre os informantes da faixa etária I (57%) e do sexo feminino (52%).

Esse panorama se repete com relação a *pique-esconde* que também alçou maior produtividade entre os falantes jovens, atingindo um percentual de 62,5% das respostas obtidas. Entre as mulheres, *pique-esconde* atingiu 52,5% das ocorrências registradas como atesta o Gráfico 16, a seguir:

Gráfico 16 – Realização do *pique-esconde* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na verdade, as denominações *esconde-esconde e pique-esconde* estão disseminadas entre os quatro perfis sociais analisados neste estudo, com ênfase

entre os informantes mais jovens, o que indica a vitalidade da brincadeira na atualidade.

Na sequência, reproduz-se o fragmento de uma entrevista que destaca a relação de sinonímia entre os nomes atribuídos à brincadeira “esconde-esconde”, além da riqueza de detalhes na execução do divertimento:

> INF.- Pique-esconde.
> INQ.- Como que é o pique-esconde?
> INF.- Ah, assim é, vamos imaginar um grupo de dez pessoa, né? Aí vai lá tira um dois ou um ou um toquim, entendeu, aí o último fica.
> INQ.- Tira...
> INF.- Dois ou um ou toquim.
> INQ.- Que que é isso?
> INF.- Ah, assim, uns fala assim: "toquim ((cantando))", aí põe lá os dedo, aí conta, um, dois, trêis, quatro, tem deiz, né, aí vai lá um, dois, trêis, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, deiz, então cê sai, então num tá c'ocê, até ficá o último intendeu? Aí o último que fica bate cara lá, né? Aí fecha os olho, conta até cinquenta, cem, aí os otro se esconde aí, quem acha, o primero, o último achado é que vai pegá os otro, depois, é assim que brinca, vixê, brinquei muito isso daí.
> INQ.- É só esse nome aqui?
> INF.- Ah, uns fala esconde-esconde, oto fala pique-esconde. Eh, mais tudo tem esconde.
> INQ.- E qual que é mais comum?
> INF.- Pique-esconde (Ribeirão Preto – Ponto 157 – informante do sexo masculino, faixa etária I).

Além das denominações fornecidas pelo informante, verifica-se a percepção do falante sobre a presença da base “esconde” para denominar a brincadeira.

Considerando a dimensão diageracional e diassexual, sintetizam-se os dados: i) a unidade lexical *pique* atingiu 84% das ocorrências registradas com leve predominância entre os homens (54%); ii) *cobra-cega* alçou 72% das ocorrências na faixa etária II e foi fornecida por um número maior de informantes do sexo feminino; iii) a variante *mãe-esconde* atingiu 60% das ocorrências entre as mulheres; iv) o item lexical *pega-pega* alçou 100% das ocorrências na faixa etária II e número semelhante de registros entre os falantes dos dois sexos; v) a unidade lexical *bate-cara* atingiu o mesmo percentual de registro nas duas faixas etárias e maior incidência na fala do informante do sexo feminino; e vi) a variante *trinta e um* foi obtida apenas entre informantes do sexo feminino, faixa etária II.

Verificando as produtividades das unidades léxicas analisadas, observa-se que os casos de menor produtividade recaem sobre os informantes de faixa etária II,

esses dados também não se diferem ao tratar-se das ocorrências únicas[234]. Esse cenário pode resultar de diversos fatores, como o esquecimento da brincadeira em decorrência da distância temporal entre a execução do entretenimento quando criança e na atualidade e/ou não ter praticado/conhecido a brincadeira na infância – essa possibilidade pode justificar o fornecimento de variadas denominações pouco produtivas, como: *cobra-cega, pega-pega, pique* que nomeiam outra brincadeira. Além disso, essa distância temporal também pode ter influenciado no apagamento de particularidades/característica da brincadeira "esconde-esconde" que não foram levadas em conta pelo informante de mais idade ao diferenciar as diversões.

O ALPR (AGUILERA, 1994) registra em nota no verso da carta 089, "brincadeiras de esconder", a seguinte informação sobre a presença da unidade lexical *pega-pega* para nomear a brincadeira "esconde-esconde":

> Dada a multiplicidade de nomes para a brincadeira infantil de esconder e pegar, optou-se pela elaboração de duas cartas distintas: uma que registra as brincadeiras que têm como característica o fato de os participantes se esconderem; a outra (c.90) que registra as variantes lexicais para a brincadeira que tem dentre suas regras correr e pegar. Nem sempre as explicações foram claras o suficiente para se distinguirem as duas formas de brinquedo (AGUILERA, 1994, p. 200).

O conteúdo dessa nota aplica-se aos dados analisados neste estudo, pois possivelmente a situação registrada nos idos de 1980, quando da coleta dos dados do Atlas linguístico do Paraná, coincida com a realidade vivenciada pelos informantes do ALiB.

Ainda considerando os dados do ALPR (AGUILERA, 1994), cabe assinalar que a variante *trinta e um* foi a segunda mais produtiva no referido atlas, elemento que corrobora a tese de que essa unidade lexical configura-se como um arcaísmo, pois, neste estudo sobre o léxico do falar paulista, *trinta e um* foi citada apenas pelos informantes mais idosos.

Na sequência, discutem-se os aspectos léxico-semântico das variantes registradas para essa questão.

[234] Considerando as ocorrências únicas registra-se que 100% das respostas foram fornecidas por informantes da faixa etária II.

4.1.2.6 Análise léxico-semântica

Para fins de análise léxico-semântica, as variantes documentadas foram agrupadas segundo dois eixos: itens lexicais formados com a base "*esconde"* e outras denominações.

Observe o Quadro 36, que indica as denominações agrupadas no que se refere à questão 160/QSL/ALiB:

Quadro 36 – Distribuição das denominações para "esconde-esconde", segundo os agrupamentos realizados para análise léxico-semântica

Agrupamentos Realizados	**Denominações**
Unidades léxicas com o formante "esconde"	Esconde-esconde, pique-esconde, esconde, mãe-esconde.
Outras formas	Pique, cobra-cega, pega-pega, bate-cara, trinta e um, ceguinho, pais, salva e mãe é mãe.

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se no Quadro 36 que os agrupamentos foram realizados considerando dois grandes grupos. No primeiro têm-se nomes ligados diretamente ao *formante esconde* abrangendo tanto verbos quanto substantivos que se referem diretamente ao principal sema que caracteriza a brincadeira: "ocultar-se".

No segundo grupo foram vinculados nomes de brincadeiras diversas, inclusive algumas sem solicitações de pormenores por parte do inquiridor ou sem esclarecimentos (voluntariamente) por parte do informante quando da realização dos inquéritos. Essa situação não nos permitiu definir, com segurança, se a denominação fornecida pelo informante aplica-se ou não à brincadeira solicitada pela questão 160/QSL/ALiB.

Entre as outras denominações, duas motivações que se referem à execução do entretenimento ainda parecem ser relevantes na obtenção das variantes: i) a característica da brincadeira de fechar os olhos (*cobra-cega, ceguinho*) e, ii) o local (pré-determinado) em que a criança fica com os olhos fechados enquanto as outras se escondem (*pique, bate-cara, salva*).

Quanto às demais denominações classificadas como brincadeiras, não parecem demonstrar relação tão direta/lógica com a execução do "esconde-esconde", como é o caso de *pega-pega*.

Quanto à dicionarização das unidades léxicas obtidas, constatou-se que há unidades léxicas não dicionarizadas ou, ainda, registradas com acepção distinta da contemplada pela questão 160/QSL/ALiB.

Em relação às denominações que contemplam o formante “esconde”, ressalta-se que *esconder* está registrada em Bluteau (1712-1728) e Silva (1813), respectivamente, dicionários dos séculos XVIII e XIX.

Em Bluteau (1712-1728), *esconder* é definido como “pór alguma coufa em lugar feparado, donde não poffa fer vifta, nem achada facilmente” e em Silva (1813) como: v.at. Resguardar, occultar, tirar da vista. s.fig. "não se me esconde", "não ignoro”.

Quanto aos dicionários do século XX, verifica-se um maior número de unidades léxicas documentadas. Observe o Quadro 37 que destaca as denominações e suas respectivas definições:

Quadro 37 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira "esconde-esconde"

Dicionários	Aulete (2006)	Houaiss (2009)	Ferreira (2010)
Esconde-esconde	"1. Infan. Lud. **Brincadeira** infantil em que uma criança fica de rosto **encoberto** por algum tempo e, depois, **sai à procura das outras**, **que se esconderam;** a primeira que for encontrada toma o lugar da que a achou".	"1899 - substantivo masculino de dois números. Rubrica: ludologia. **jogo infantil** em que um participante **deve encontrar os demais que estão escondidos**. Sinônimos/Variantes: bacondê, escondidas, escondido, manja, pegador, tempo-será".	"S.m 2n. Jogo infantil em que uma criança deve sair **à procura das demais, que se esconderam**; jogo das escondidas, escondidas, escondido, manja, pegador, tempo-será".
Pique	"Pique: Lud. Brincadeira infantil em **que uma criança deve pegar uma das restantes, antes que alcancem certo local (o pique);** ANGAPANGA; BOTA; PEGA; PEGADOR; PEGA-PEGA".	"Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. brincadeira infantil em que **uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto,** escolhido de comum acordo, onde se está a salvo, pega-pega. Derivação: por metonímia. Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. **o lugar em que os participantes dessa brincadeira estão a salvo**; bandeira-vogais, bota, ganzola".	"3. Bras. Brinquedo infantil em que uma criança tem de **pegar** alguma das outras antes que esta chegue a certo ponto determinado – **o pique**. [(Sin. Bras). Nesta acepç.: angapanga, maria-macumbé, pegador, pega-pega]. 4. Bras. P. ext. **O local que os que estão brincando de pique têm de alcançar antes de ser pegados**".
Pega-Pega	"3. O m. q. pique (**brincadeira** infantil)".	"Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. **Brincadeira infantil** em que **uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo,** onde se está a salvo; pega-pega".	"4. Bras. V. **pique**".
Cabra-Cega	"sf.1.**Brincadeira** de crianças em que uma delas, de **olhos vendados**, tenta **pegar** uma das outras, que a substituirá s2g.2. Aquele (ou aquela) participante da brincadeira que fica **vendado(a)** e tenta **pegar** algum dos outros [Pl.: cabras-cegas.]"	"1712: substantivo feminino: 1. Rubrica: ludologia.certo tipo de **brincadeira** infantil, em que **um participante fica vendado** e deve conseguir agarrar outro participante (e, em certas modalidades, identificá-lo) para ser por este substituído; batecondê; 3. participante **vendado** dessa brincadeira infantil".	"s.f Brincadeira em que **uma criança, vendada, tenta agarrar outra**, para ser por esta substituída [Sin. (em SE) batepandé] ".

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

As denominações *pique-esconde* e *mãe-esconde* não estão registradas nos dicionários selecionados para este estudo. Possivelmente, em *pique-esconde*, o falante tenha associado o verbo esconder (ação realizada) à unidade lexical *pique,* fruto da relação estabelecida entre as duas brincadeiras: *esconde-esconde* e *pique.*

Já no item léxico *mãe-esconde,* a associação foi estabelecida com a unidade lexical *mãe,* resgatando, provavelmente, a importância da figura materna para a criança. Houve também registros de Maria-escondê, possivelmente, outra relação com a figura materna. Ainda, é possível que o falante possa conhecer e/ou ter sido influenciado pela denominação Maria-condê, registrada no Atlas Linguístico do Paraná como a quarta variante mais produtiva.

Quanto às denominações *cabra-cega e pique* estão registradas em dicionário dos séculos XVIII e XIX, com acepção que refere-se a entretenimento distinto do contemplado pela questão 160/QSL/ALiB.

Ao consultar o Dicionário Etimológico Nova Fronteira (CUNHA, 1986), não há registro de nenhuma das denominações obtidas, apenas a indicação de alguns verbos que compreendem parte da resposta, como o caso do verbo esconder (esconde-esconde, pique-esconde), *bater* que integra a denominação bate-cara (verbo bater), verbo cegar (denominação *ceguinho*) ou, ainda, salvar (denominação *salva*). Ao observar esses casos, pontua-se que, boa parte das ações indicadas pelos verbos é executada quando da realização da brincadeira em questão. Além dessas situações, também é possível associar o verbo cegar com a ação de fechar os olhos, ser privado da visão e não enxergar.

Considerando o Dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012), apenas a denominação *pique* está registrada com acepção que remete a um lugar específico: “Os mateiros e toqueiros, conhecedores da mata amazônica, escolhem os pontos onde estão as melhores seringueiras. Marcam essas árvores e essa marcação é o “pique”. Ver Margem”. Além disso, a entrada *pique,* em Câmara Cascudo indica uma sinonímia que contempla um tipo de brincadeira: “O mesmo que Maria Macumbé”. (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 565).

No verbete *Maria Macumbé,* o dicionário fornece a seguinte definição: “Brinquedo infantil, que consiste em esconderem-se as crianças para que uma, que fica de costas ou de olhos vendados, as procure e agarre alguma. O mesmo que pique” (CÂMARA CASCUDO, 2012). Verifica-se, pois, que essa variante nomeia um tipo de entretenimento infantil, distinto do contemplado pela questão 160/QSL/ALiB.

Importante assinalar que algumas denominações fornecidas pelos informantes não estão dicionarizadas nas obras consultadas, mas a explicação dos entrevistados justifica a seleção lexical:

i) *Trinta e um*: unidade lexical motivada pelo ato de contar, provavelmente até o número referido, que faz parte da brincadeira “esconde-esconde”.

> INF. É trinta e um, né? É a brincadeira do trinta e um. Eles conta até trinta e um pra todo mundo se esconder e daí vão achar. O que achar primeiro bate o trinta e um e depois tem que voltar pra fazer de novo.
> INF. [...] Eles ficam assim contando: um, dois, três, quatro.... e todo mundo fica procurando lugar pra se esconder, pra dar tempo, né... quando ele diz trinta e um, quem não se escondeu ele pega no ato, se for correr para se esconder... quem ele achar primeiro, ele já bate trinta e um, ele já sai do esconderijo e vem (Adrianópolis – ponto 216 - informante do sexo feminino, faixa etária II).

A variante *trinta e um* foi produtiva no Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994), tendo sido documentada nos pontos de inquéritos, localizados na fronteira estadual Paraná-São Paulo.

ii) *Bate-cara:* a denominação deve resultar da associação com a posição da pessoa enquanto é realizada a contagem (rosto debruçado em um local - árvore, poste, parede) e pelo fato de que os que “tentam se salvar” precisam bater/encostar no local onde foi feita a contagem, consequentemente, onde estava o rosto da pessoa que fazia a contagem:

> INQ.- Num sei, como que é bate-cara?
> INF.- Não, bate-cara é esconde-esconde, essa que fica aqui, fica bate-cara e as outras se esconde, né? Só que fala esconde-esconde (Jales – ponto 150 - informante do sexo feminino, faixa etária II).

Além das denominações mais produtivas, já apontadas, houve casos de ocorrências únicas, algumas referindo-se a divertimento distinto, e, outras, mesmo com características diferentes são confirmadas pelas explicações dos falantes como denominações possíveis para a brincadeira. Na sequência, alguns fragmentos de entrevistas que se referem a ocorrências únicas:

i) *Salva* como sinônimo de esconde-esconde: possivelmente, o informante pautou-se no fato de a criança que não é alcançada pela pessoa que conta, acaba por “salvar-se”.

> INF.- Ah, esconde-esconde.
> INQ.- Isso. Tem outro nome pra esconde-esconde?
> INF.- Não, que eu saiba é só, eu vejo a mulecada gritá e (inint.) corrê lá per'de casa: "Vamo brincá de esconde-esconde?", "Vamo, vamo'". Aí que eu vejo só... (riso) esses, essa palavra só.
> INQ.- E aquela brincadeira...
> INF.- Tem a... uma brincadera de salva tamém, que a pessoa...
> INQ.- Como que é essa?
> INF.- Aí a... a salva ele, ele tranca o oio aqui e a pessoa vai tudo escondê, depois sai, caçano eles. Aí vai pegano uma de um, de um a um, de um a um... e vai trazeno. Aí o último que fica vai salvano que fica vai salvano aquelas pessoa e vai correno de novo. Até pegá... do primero até o último. Mais o que ocorre aqui mai negócio que eles fecha o olho mais é esconde-esconde.
> INQ.- E a salva...
> INF.- ...Que sai caçano.
> INQ.- A salva é igual?
> INF.- A salva sai caçano tamém. Mai só que...
> INQ.- É igual?
> INF.- É. Mais só que é o... esconde-esconde é... a mai preferida da molecada que nói trata. Eles fecha o olho e começa a contá: "Um, dois, trêis...", "ainda não... inda não", aí "pode vim". Aí é a hora que a pessoa que escondeu, aí a pessoa sai caçano. Aí nói trata aqui de esconde-esconde.
> INQ.- É a mesma que a salva ou é diferente?
> INF.- É a mesma coisa. Salva é... vai escondê tamém, a pessoa sai caçano tamém. Aí depois começa a corrê atráis pa pegá (Andradina – ponto 155 – informante do sexo masculino, faixa etária II).

II) *Mãe é mãe*: provavelmente considerando "mãe" a criança que procura as que estão escondidas:

> INF. Nós chamamo de esconde-esconde. Ou mãe é mãe.
> INQ. Ah, tem esses dois nomes, mãe é mãe.
> INF. Tem, mãe é mãe ou esconde-esconde, né? [...] Isso ai quando a gente quando era bem criança, a gente brincava de mãe é mãe. Vamo brincá de mãe é mãe, tal...
> INQ. Ai se escondia?
> INF. Isso, escondia outro ia procura (Cananéia – ponto 187- informante do sexo masculino, faixa etária II).

Em Friedmann (2014), há o registro da brincadeira "mãe de rua", assim descrita:

> É um tipo de pegador. A "mãe" fica no meio da rua e os outros participantes na calçada. As crianças devem atravessar de uma calçada a outra, pulando em um pé só. Quem for pego pela "mãe" que corre pelo meio da rua usando os dois pés, passa a ser também o pegador (FRIEDMANN, 2014, p. 57).

De acordo com a descrição, notam-se algumas diferenças entre as brincadeiras, por serem realizadas na rua e com participação de várias crianças que executam movimentos como pular, correr, pegar, é possível que o informante tenha realizado algum tipo de associação entre as duas brincadeiras cujo nome contém o formante “mãe”.

Considerando o exposto, verifica-se que nem todas as unidades lexicais utilizadas apontadas como nomes para a brincadeira “esconde-esconde” estão contempladas nos dicionários consultados. Ao agrupá-las, constata-se que as formadas com a base “esconder” evidenciam uma relação direta à brincadeira descrita na questão 160/QSL/ALiB. Já, as demais, em sua maioria, são passíveis de relação com o “esconde-esconde” e, também, com outras brincadeiras infantis, como: *pega-pega, cabra-cega* entre outros divertimentos, o que impossibilita assegurar que se tratam do mesmo referente descrito na pergunta 160/QSL/ALiB.

Na sequência, em caráter de síntese, são elencadas considerações gerais acerca do conjunto de unidades lexicais obtidas para a questão em análise.

4.1.2.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 160/QSL/ALiB

De acordo com os dados discutidos e a leitura da carta 2a e 2b verifica-se que:

i) A brincadeira recebeu denominações em todas as localidades investigadas.

ii) A variante *esconde-esconde* foi a mais produtiva tendo sido registrada em toda a área geográfica estudada, com ocorrências tanto no estado de São Paulo quanto nos estados da área de controle. Além disso, foi mencionada pelos falantes dos diferentes perfis contemplados pela metodologia do Projeto ALiB.

iii) As unidades lexicais *esconde-esconde e pique-esconde* foram as mais produtivas no interior de São Paulo e na área de controle[235].

iv) Muitos informantes indicaram: *pique, pique-esconde* como sinônimos de *esconde-esconde*.

v) As ocorrências únicas foram indicadas, exclusivamente, por informantes da faixa etária II .

[235] Na capital paulista, *esconde-esconde* concorre com outras denominações como: *cobra-cega e pique*.

vi) A variante *esconde-esconde* está disseminada entre os informantes das diferentes faixas etárias e sexos.

vii) As denominações menos produtivas, como *cobra-cega, mãe-esconde, pega-pega e trinta e um* ocorreram em maior número na faixa etária II.

viii) A brincadeira “esconde-esconde” mantém-se com vitalidade nas áreas investigadas, pois foi nomeada por falantes de ambas as faixas etárias e sexos.

ix) Outras respostas foram fornecidas pelos entrevistados como unidades léxicas, porém nomeavam outros referentes (barra mansa), outros tipos de brinquedos (chicotinho-queimado, balança-caixão, boca de forno[236]), e/ou especificavam um possível local (esconderijo/esconderijo de esconder).

[236]A unidade lexical *boca de for*no é definida como: “sf. 1. Bras, Infan. Lud. Brincadeira infantil em que um dos participantes, chamado de "mestre", distribui tarefas que os demais devem cumprir sob pena de receber tapas na palma da mão” (AULETE, 2006).

4.1.3 Cobra-cega

4.1.3.1 Cobra-cega: a brincadeira

A brincadeira contemplada pela pergunta 161/QSL/ALiB “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35), conhecida popularmente como “cobra-cega” é bastante antiga, possuindo registros nos anos de 500 a.C, na China e desde o seu surgimento teve caráter de divertimento:

> Acredita-se que a brincadeira, que já foi popular entre a criançada, tenha sido originada durante a Dinastia Zhou, da China, perto do ano 500 a.C”. Na Idade Média e na Era Vitoriana, era um divertimento aristocrático: na Casa dos Tudor (dinastia inglesa que reinou entre 1485 e 1603), jogos de cabra-cega eram opção para recreação (REVISTA SUPER INTERESSANTE, 2017)[237].

Considerando os registros no mundo latino, Câmara Cascudo (2012) registra a menção à brincadeira da “cobra-cega” no “Auto do Nascimento de Cristo e Edito do Imperador Augusto César (1667).

No final do século XVIII, o artista espanhol Francisco Goya pinta a tela intitulada de “La gallina ciega” como encomenda para decorar o quarto das filhas de Carlos IV (1748-1819) e Maria Luísa de Parma (1751-1818), no Palácio de El Pardo en Madrid. Na tela, o pintor registra a brincadeira realizada por membros de classes superiores[238]. Segundo informações disponíveis no site do Museu do Prado[239], na época estava na moda entre os aristocratas as diversões com jogos e trajes das classes mais populares.

No Brasil, “no Denunciações da Bahia, 567, Pero de Moura, em outubro de 1592, aludo aos olhos fechados como a cobra-cega (ed. São Paulo, 1925)” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 151). A Figura 28 ilustra a brincadeira, na contemporaneidade.

---

[237] Informação disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/conheca-a-origem-de-6-brincadeiras-populares/>. Acesso em: 17. mar. 2018.

[238] O fato de referir-se a classes mais abastadas é comprovada em virtude de as vestimentas utilizadas pelos participantes serem mais refinadas.

[239] Informação disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-gallina-ciega/0e23d968-5a4a-426f-ab7b-075d1dc1c03b>. Acesso em: 22. Mar. 2018.

Figura 28 – Crianças brincando de “cobra-cega”.

Fonte: Educolorir (2018)[240].

A audição dos inquéritos do Projeto ALiB relativos às áreas investigadas e o consequente levantamento dos dados demonstraram que a pergunta foi produtiva, embora alguns casos particulares tenham se destacado, como o percentual de 10,7% de abstenção de respostas e a obtenção de respostas que também denominam outras brincadeiras, como é o caso de *pega-pega*. Na sequência, analisam-se os dados relativos à pergunta 161/QSL/ALiB.

4.1.3.2 cobra-cega: os nomes da brincadeira

O levantamento de dados nos 148 inquéritos relativos ao estado de São Paulo e nos 40 pontos de inquéritos relativos à área de controle resultou em 16 variantes lexicais como denominação para “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”, num total de 176 ocorrências. Além disso, houve 21 casos de ausência de resposta (20 no interior do estado de São Paulo e uma na área de controle).

A Tabela 7, a seguir, detalha os dados brutos obtidos como resposta para a pergunta em causa:

[240] Imagem disponível em: <https://www.educolorir.com/paginas-para-colorir-cabra-cega-pega-pega-i12915.html>. Acesso em: 17. mar.2018.

Tabela 7 – Denominações para “cabra-cega” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	Área de Controle	Total	
Cobra-cega	65,2%	69,0%	130	66,0%
Cabra-cega	11,6%	14,3%	24	12,2%
Cobrinha-cega	1,9%	2,4%	4	2,0%
Pega-pega	1,3%	2,4%	3	1,5%
Cego(a)	1,3%		2	1,0%
Ceguinho(a)	1,3%		2	1,0%
Brincar de ceguinho	0,6%		1	0,5%
Caba-cega		2,4%	1	0,5%
Capa-cego		2,4%	1	0,5%
Coba-cega	0,6%		1	0,5%
Esconde-esconde	0,6%		1	0,5%
Gato-mia	0,6%		1	0,5%
Mãe pega-pega	0,6%		1	0,5%
Maria-cega		2,4%	1	0,5%
Múmia		2,4%	1	0,5%
Que esse	0,6%		1	0,5%
Tampa-caixão	0,6%		1	0,5%
Não respostas	12,9%	2,4%	21	10,7%
Total	100%	100%	197	100%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Para fins de computação da frequência, os agrupamentos seguiram critérios lexicais, fonéticos, morfológicos e, também, por associação, em sua maioria.

Sendo assim, computaram-se quatro variantes lexicais que correspondem as 176 ocorrências de respostas listadas de acordo com a produtividade: *cobra-cega, cabra-cega, cego, pega-pega,* além de três variantes registradas como ocorrências únicas. O Quadro 38 apresenta as variantes documentadas e agrupamentos realizados:

Quadro 38 – Agrupamento de variantes para “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”

Variantes lexicais	Itens agrupados
Cobra-cega	Cobra-cega, cobrinha cega, coba-cega.
Cabra-cega	Cabra-cega, caba-cega, capa cego.
Itens lexicais com o formante “cego/cega”	Cego, cega, ceguinho, ceguinha, brincar de ceguinho.
Pega-pega	Pega-pega, mãe pega-pega.
Denominações com ocorrências únicas	Esconde-esconde, Gato mia, Maria-cega.

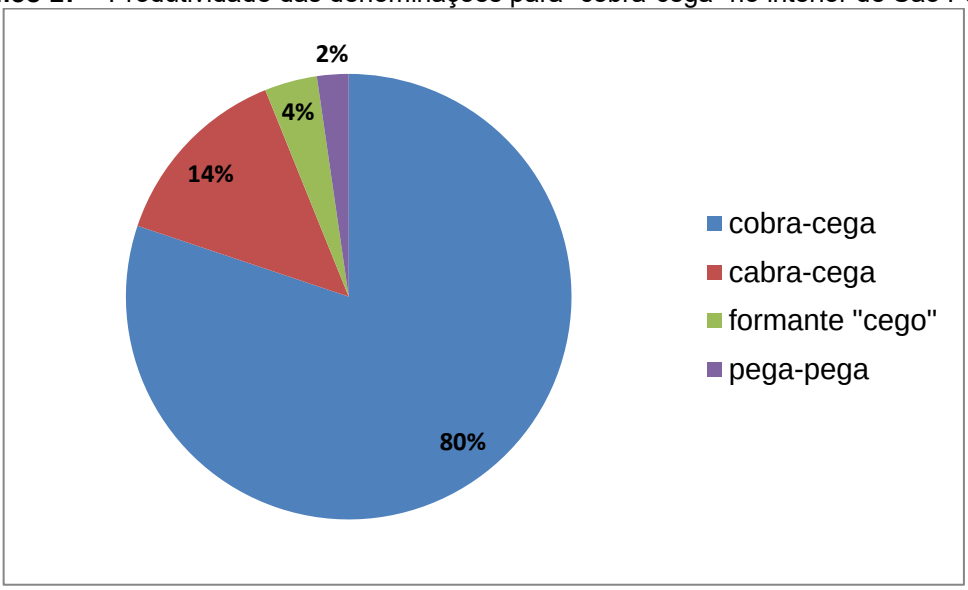
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência são discutidos os dados na perspectiva da produtividade das variantes cartografadas, considerando as áreas investigadas: i) estado de São Paulo e ii) área de controle.

4.1.3.3 Produtividade das variantes

Considerando os dados da Tabela 7, verifica-se a predominância da unidade lexical *cobra-cega* em toda a área investigada, no Gráfico 17 é possível visualizar os dados do estado de São Paulo:

Gráfico 17 – Produtividade das denominações para “cobra-cega” no interior de São Paulo.



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com os dados do Gráfico 17, a maioria dos informantes do ALiB do interior do estado mencionou *cobra-cega* como nome da brincadeira em questão (80%), seguida de *cabra-cega*, segunda variante mais produtiva com 14% de registros. Na sequência aparecem *cego (4%)* e *pega-pega* (2%).

A Tabela 8 traz a produtividade das variantes cartografadas conforme as mesorregiões do IBGE.

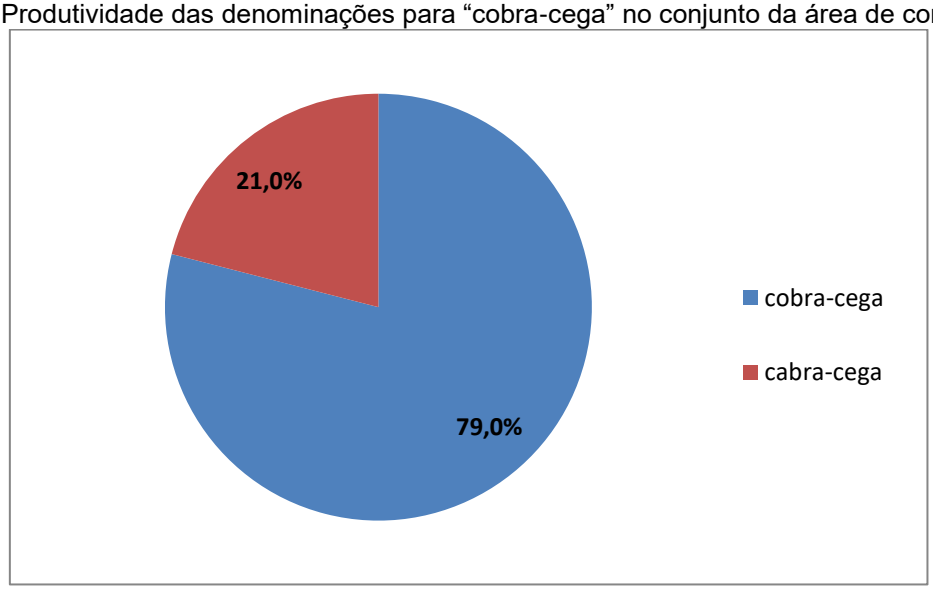
Tabela 8 – Produtividade das denominações para “cobra-cega”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo.

VARIANTES	Cobra-cega (%)	Cabra-cega (%)	Cego(a) (%)	Pega-pega (%)
Araçatuba	5,4	0,0	0,0	0,0
Araraquara	6,3	10,0	0,0	0,0
Assis	6,3	5,0	0,0	0,0
Bauru	4,5	15,0	20,0	0,0
Campinas	6,3	15,0	0,0	0,0
Itapetininga	9,9	10,0	40,0	66,7
Litoral Sul Paulista	8,1	0,0	0,0	0,0
Macrometropolitana Paulista	5,4	5,0	0,0	0,0
Marília	2,7	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	8,1	20,0	0,0	0,0
Piracicaba	2,7	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	10,8	15,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	8,1	5,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	6,3	0,0	20,0	33,3
Vale do Paraíba Paulista	9,0	0,0	20,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Corroborando aos dados já indicados, na área de controle os valores percentuais não sofrem grandes modificações. Apenas duas variantes foram produtivas nessas localidades: *cobra-cega e cabra-cega*. Veja o Gráfico 18, a seguir:

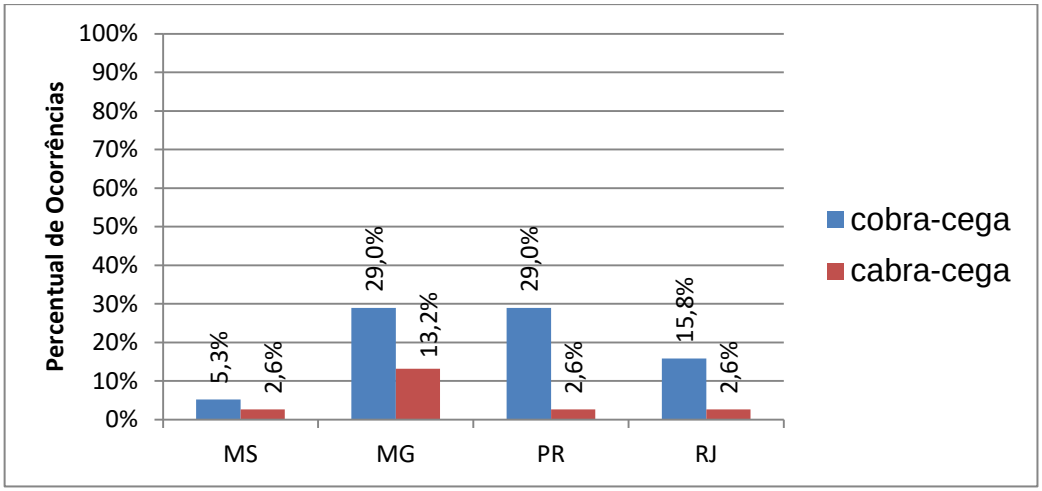
Gráfico 18 – Produtividade das denominações para “cobra-cega” no conjunto da área de controle.



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados dos Gráfico 17 e Gráfico 18 atestam a supremacia da denominação *cobra-cega* como resposta mais produtiva para a questão 161/QSL/ALiB. Considerando os diferentes estados que compõem a área de controle, nota-se a manutenção de *cobra-cega* como denominação mais produtiva (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Produtividade das denominações para “cobra-cega” segundo a unidade da federação/ área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Além da supremacia de *cobra-cega* na área de controle, o Gráfico 19 indica que *cabra-cega* teve produtividade significativa apenas em Minas Gerais, alçando 13,2% das ocorrências, contra os 2,6% obtidas nas outras unidades federativas.

As cartas 3a e 3b trazem a representação cartográfica das variantes produtivas.

Carta 3a – Denominações para “cobra-cega” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 161 – “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”

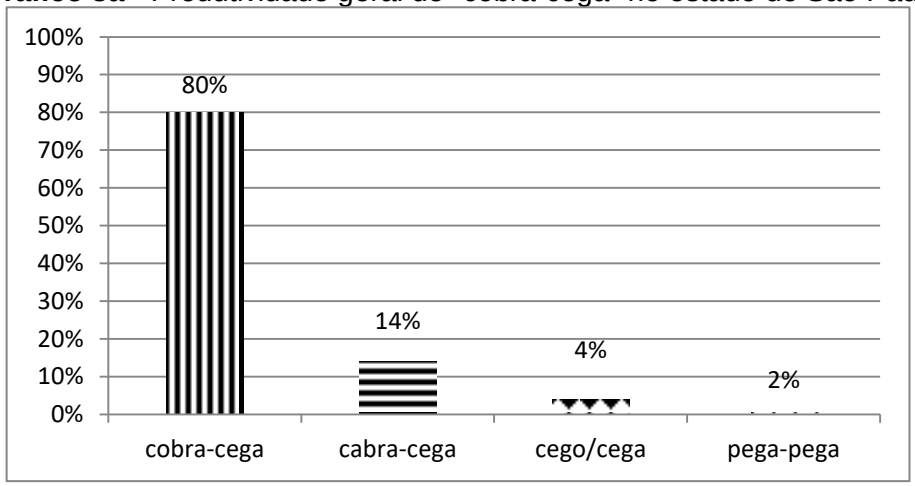
Denominações únicas: esconde-esconde (Cananéia – ponto 187, informante do sexo masculino, faixa etária II), gato mia (Assis – ponto 169, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:
INQ.- E como que é a cobra-cega?/ INF.- Cobra-cega você põe um, um, uma... um... uma fralda no rosto e roda, aí você fica parada pensan’, não parada, você tem que corrê, aí a pessoa tem que... ficá vendado os olhos e vê na onde a pessoa tá (Teodoro Sampaio – ponto 164, informante do sexo feminino, faixa etária I).
INF.- Cabra-cega/ INQ.- Tem mais algum nome?/INF.- Gato mia/ INQ.- É a mesma?/INF.- É./ INQ.- Qual que vocês falam mais aqui: cabra-cega ou como gato-mia?/ [...] INF.- Cobra-cega (Assis – ponto 169, informante do sexo feminino, faixa etária I).

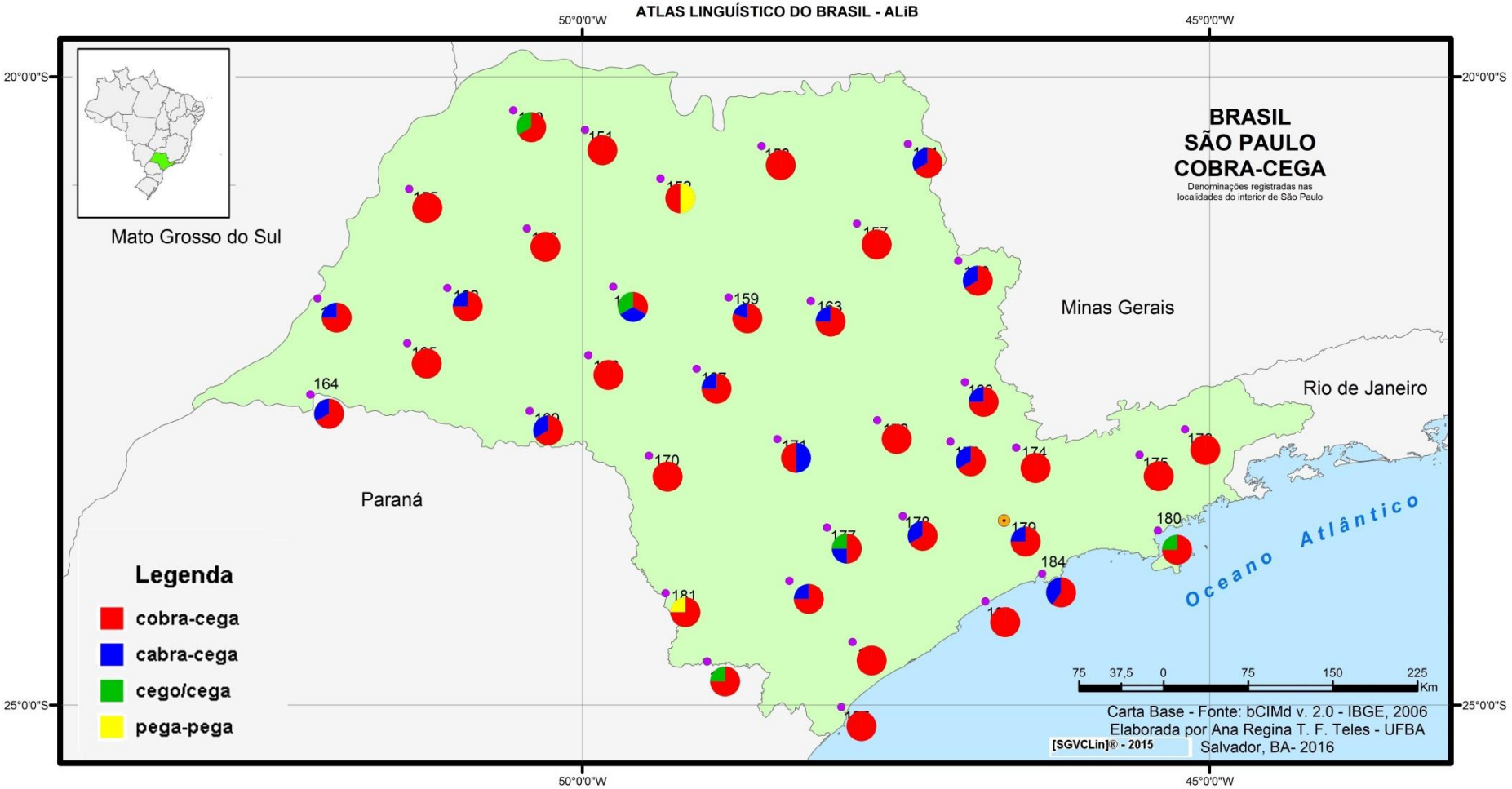
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Cobra-cega: cobra-cega, cobrinha-cega, coba cega.
Cabra-cega: cabra-cega, caba-cega, capa cego.
Cego/cega: cego, cega, ceguinho, ceguinha, brincar de ceguinho.
Pega-pega: pega-pega, mãe pega-pega.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 3a - Produtividade geral de "cobra-cega" no estado de São Paulo



Carta 3a – Denominações para “cobra-cega” no estado de São Paulo



“Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” - 161/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 3b – Denominações para “cobra-cega” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 161 – “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”

Denominações únicas: Maria-Cega (Campina Verde-ponto 161, informante do sexo masculino, faixa etária II).

Comentários sobre dados cartografados:

INF.- Capa cego /INQ.- Como?/INF.- Capa cego./INQ.- Capa?/INF.- É, capa cego que dizê de capo né, ficô cego né. Capa cego né (Paranaíba – ponto 114, informante do sexo feminino, faixa etária II).

INF. Uns fala múmia, né? Brincar de múmia porque tá todo vendado. É a mesma coisa se tivesse enrolado, né? Cê não tá vendo nada, né?

INQ. Como é brincar de múmia?

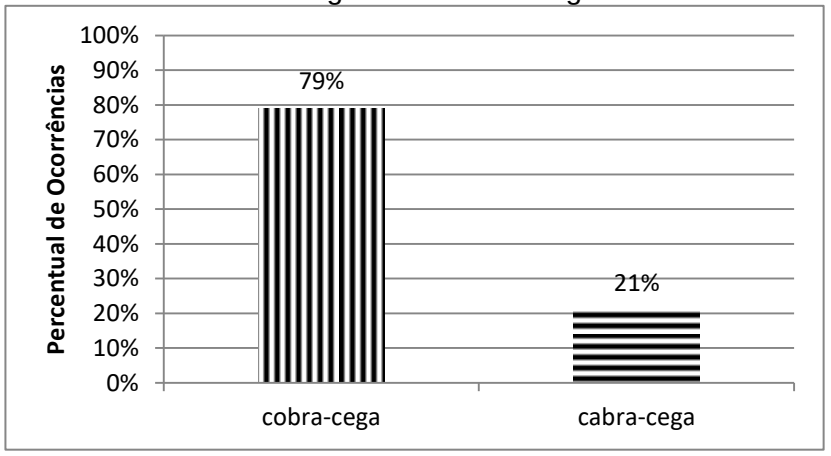
INF. Tampa assim tipo assim ... fica todo mundo assim perto, manda fechar o olho, ai se amarra um pano, gira ela e sai correndo, fica... sai correndo não, né... fica todo mundo quieto em silêncio... ela fica rodando em círculo para ver quem que é, pra tentar descobrir (Barra Mansa – ponto 205, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Variantes agrupadas a cada item léxico:

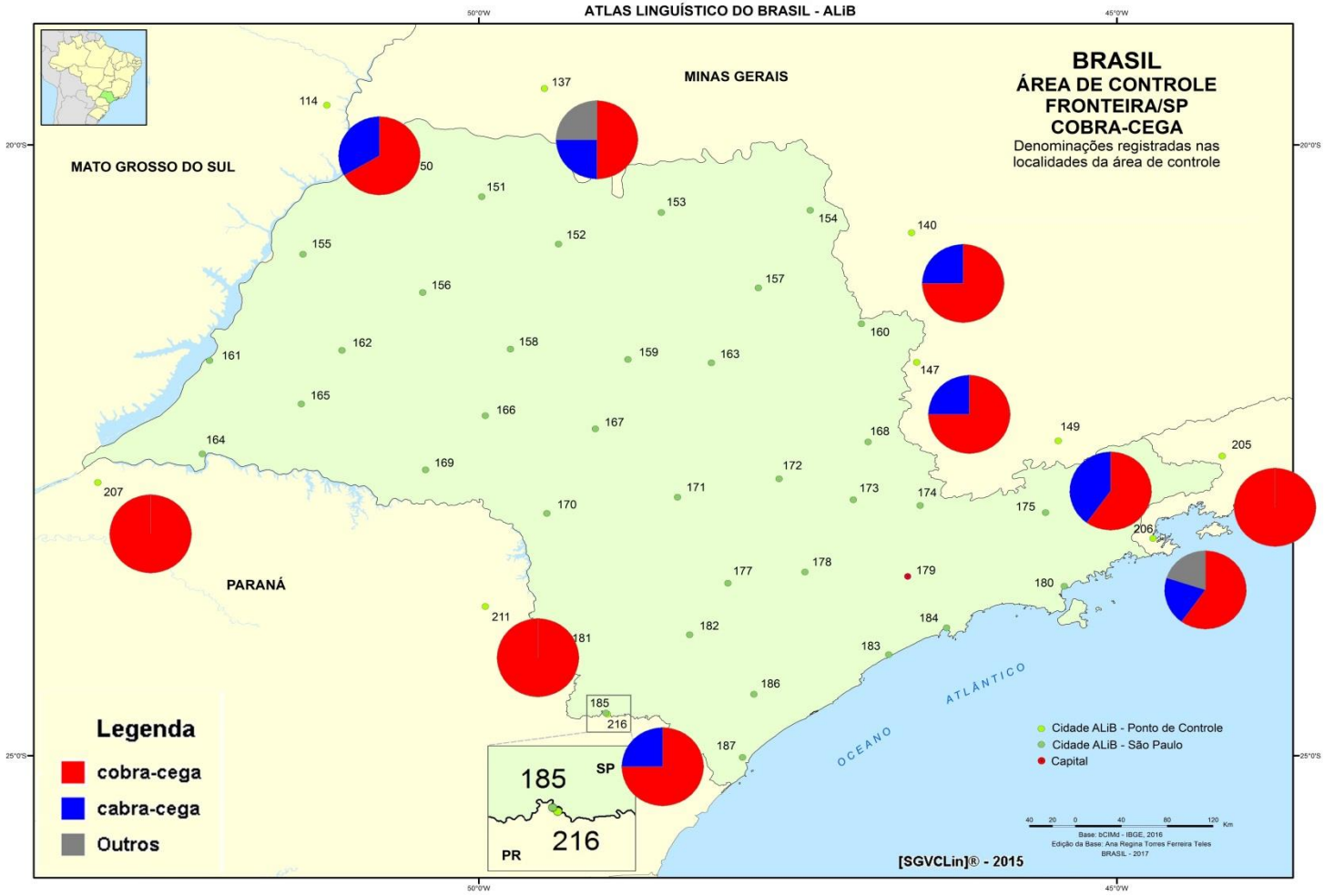
Cobra-cega: cobra-cega, cobrinha-cega, coba cega.
Cabra-cega: cabra-cega, caba-cega, capa cego.
Cego/cega: cego, cega, ceguinho, ceguinha, brincar de ceguinho.
Pega-pega: pega-pega, mãe pega-pega.

Representação dos dados cartografados por gráfico – produtividade geral

Gráfico 3b – Produtividade geral de "cobra-cega" na área de controle



Carta 3b – Denominações para “cobra-cega” na área de controle



“Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” - 161/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

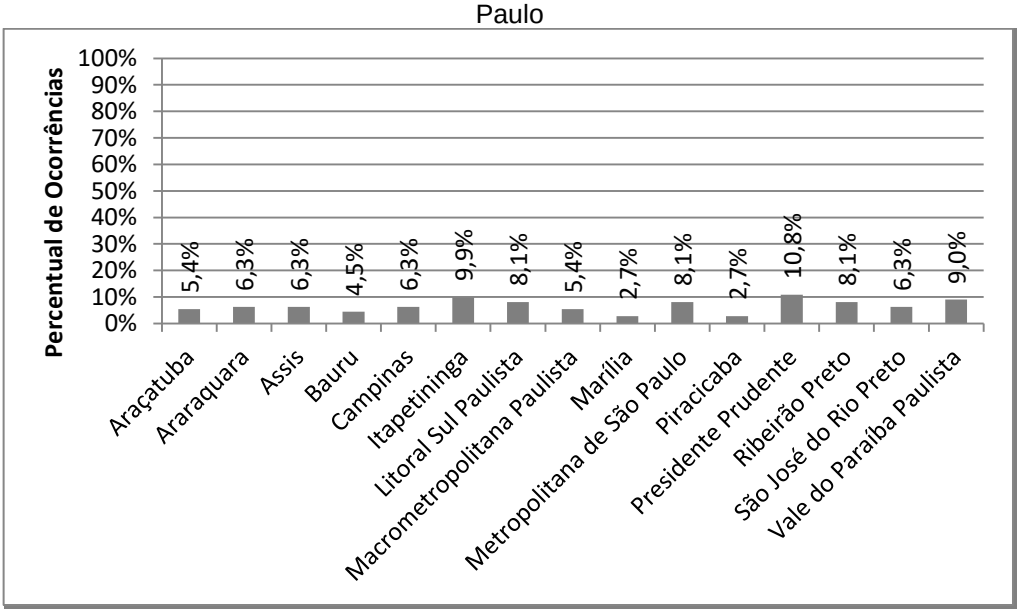
4.1.3.4 Análise diatópica das denominações para “cobra-cega”

O exame das denominações fornecidas pelos informantes é discutida conforme a produtividade de cada variante, em ordem decrescente, iniciando pelos dados obtidos no estado de São Paulo.

4.1.3.4.1 Unidade lexical *cobra-cega*

O item lexical *cobra-cega* teve alta produtividade e foi registrado em todas as localidades investigadas para este estudo, como pode ser verificado no Gráfico 20:

Gráfico 20 – Produtividade da unidade lexical *cobra-cega* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Como pode ser visto no Gráfico 20, a maior produtividade de *cobra-cega* foi registrada na mesorregião de Presidente Prudente, seguida de Itapetininga e Vale do Paraíba Paulista.

Quanto à produtividade de *cobra-cega* em outros trabalhos, a sua predominância também foi registrada em Santos (2016), na área do falar fluminense, incluindo alguns pontos na divisa SP-RJ e em pontos próximos ao litoral carioca.

A alta produtividade de *cobra-cega* também é coincidente com a região oeste do estado de São Paulo, conforme o constatado por Santos-Ikeuchi (2014).

Considerando as divisas estaduais, a denominação *cobra-cega* foi: i) a variante mais produtiva[241] nos limites SP-MS nos dados cartografados pelo Atlas

[241] Considerando a fronteira SP-MS, no ALMS (OLIVEIRA, 2008) há o registro de apenas uma ocorrência distinta de *cobra-cega*, a variante *cego* mencionada por um informante em Batagassu.

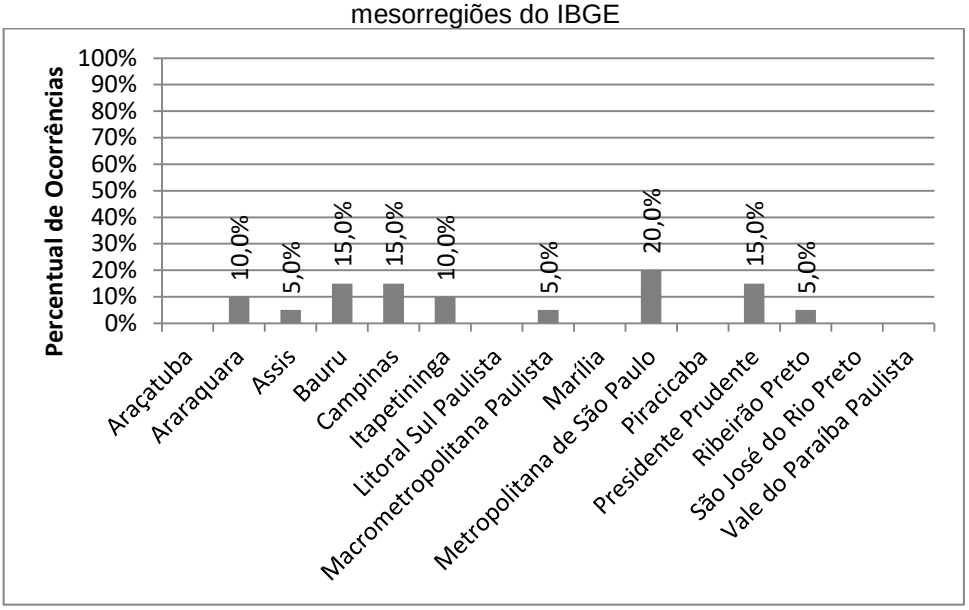
Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007); ii) *a* segunda mais produtiva, predominando na faixa limítrofe SP-PR[242], no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) e iii) a mais produtiva no Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2007) com registro em toda a fronteira SP-PR.

Na sequência, discute-se o item lexical *cabra-cega*.

4.1.3.4.2 Unidade lexical *cabra-cega*

O item lexical *cabra-cega* foi documentado em algumas localidades do estado de São Paulo, sobretudo nas mesorregiões de Bauru, Campinas, Presidente Prudente e Metropolitana de São Paulo (Gráfico 21).

Gráfico 21 – Produtividade da unidade lexical *cabra-cega* no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões do IBGE



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se que a mesorregião Metropolitana de São Paulo abrigou o maior índice de produtividade para *cabra-cega* (20%). Embora tenha sido documentada em diferentes regiões do estado, na maioria das localidades teve apenas uma ocorrência. Essa situação torna a aparecer em Minas Gerais onde *cabra-cega* teve um registro em cada ponto de inquérito. Nas demais localidades da área de controle, houve apenas uma ocorrência por estado.

[242] Considerando a fronteira SP-PR, no ALERS (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) registram-se quatro ocorrências de *gata-cega,* em localidades distintas das analisadas neste estudo.

De acordo com os dados nacionais documentados no Atlas Linguístico do Brasil, na carta L22 (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 311) relativos às capitais brasileiras, a variante mais produtiva como nomeação para "a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras" é *cabra-cega*, seguida de *cobra-cega*[243].

O *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977) também registra *cabra-cega* como a variante mais produtiva, seguido de *gata-cega, cobra-cega e pata-cega*, respectivamente, sendo que as três primeiras unidades léxicas foram documentadas em regiões mais próximas à divisa MG-SP.

Em Santos (2016), a denominação *cabra-cega* não foi registrada como resposta única em nenhum ponto linguístico, concorrendo, na maioria das vezes, com *cobra-cega* (Minas Gerais e Rio de Janeiro) e com *gata-cega* (Minas Gerais e Espírito Santo). Já nas localidades paulistas que pertenciam à rede de pontos da dissertação produzida sobre o falar fluminense, não houve registro de *cabra-cega*.

No Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 297) apenas as duas denominações *cabra-cega e cobra-cega* foram documentadas, sendo que a maior produtividade de *cabra-cega* foi indicada no ponto 3 (Rancharia) com duas ocorrências.

A continuação, discutem-se os dados sobre o item lexical *cego/cega*.

4.1.3.4.3 Unidade lexical *cego/cega*

Foram documentadas as seguintes variantes agrupadas como *cego*: *cego, cega, ceguinho, ceguinha, brincar de ceguinho* sendo registradas como ocorrência única nas localidades paulistas de Jales (150), Lins (180), Itapetininga (177), Caraguatatuba (180) e Ribeira (185).

Examinando as localidades que documentaram a denominação *cego/cega* é possível verificar uma larga distância entre os pontos selecionados. Esse fato torna-se mais compreensível ao recuperamos a informação de que nenhum desses itens lexicais formados a partir da base *cego* foi repetida pelos informantes, no caso acredita-se que, possivelmente, os entrevistados tenham sido motivados por *cego/cega* que determinou o agrupamento das unidades léxicas assinaladas.

[243] Na carta L22a do ALiB (CARDOSO *et al.,* 2014b, p. 313), verifica-se que as variantes *cobra-cega* e *cabra-cega* foram registradas em todas as capitais da região Sudeste.

Considerando os registros de *cego(a)* nos trabalhos realizados, informa-se que essa variante foi registrada com baixa produtividade no ALPR II e no ALMS.

Na sequência são discutidos os dados sobre a unidade lexical *pega-pega.*

4.1.3.4.4 Unidade lexical *pega-pega*

O item lexical *pega-pega* foi pouco produtivo e registrado apenas nas mesorregiões de Itapetininga e São José do Rio Preto, em ambas as localidades com uma ocorrência. Esses dados também foram documentados na área de controle, todavia houve apenas uma menção a essa variante em Parati-RJ (ponto 206).

As localidades com registro de *pega-pega* estão geograficamente distantes, mas todas são de colonização antiga (São José do Rio Preto - século XIX; Itapetininga - século XVIII e Parati - século XVII). Ademais, as duas localidades paulistas têm em comum o fato de estarem ligadas por linhas férreas, o que pode ter influenciado processos migratórios que tenham disseminado a variante.

Cabe ainda assinalar que, apesar de nomear outra brincadeira (questão 162/QSL/ALiB), é recorrente o uso de *pega-pega* para nomear a brincadeira em foco (pergunta 161/QSL/ALiB). Além disso, o Atlas Linguístico do Brasil, na carta L22 (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 313) cartografou a unidade lexical *pega-pega* como a quarta denominação mais produtiva nas capitais brasileiras.

Na sequência são discutidas as outras denominações catalogadas.

4.1.3.4.5 Outras denominações com ocorrência única

Os casos de ocorrências únicas foram reunidos no Quadro 39, a seguir, que informa as variantes e algumas características do informante e da localidade que a mencionou:

Quadro 39 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 161/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes.

RESPOSTA ÚNICA	LOCALIDADE	PERFIL DO INFORMANTE
Esconde-esconde	Cananéia – 187	Homem, faixa etária II
Gato mia	Assis – 169	Mulher, faixa etária I
Maria-cega	Campina Verde - 137	Homem, faixa etária II

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando o registro das variantes cartografadas neste estudo em comparação a outros trabalhos já concluídos no estado de São Paulo e área de controle, produz-se o Quadro 40:

Quadro 40 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Cobra-cega	Cabra-cega	Cego(a)	Pega-pega
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 38 (RIBEIRO *et al*, 1977, s/p).	X	X		
Atlas Linguístico do Paraná II – carta 313 (ALTINO, 2007, s/p).	X	X	X	
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – carta QSL464a (OLIVEIRA, 2007, p. 231).	X	X	X	
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 081 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 297).	X	X		
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 145).	X	X		
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - carta 306 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011, p. 704).	X	X		

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

Nota-se que os registros de *cobra-cega* e *cabra-cega* são recorrentes em diferentes trabalhos na região assinalada. Quanto à cego(a), observa-se que, na maioria dos trabalhos citados no Quadro 40, muitas denominações foram cartografadas considerando a base "*cego"* associado ao nome de um animal[244], como se vê no próximo tópico.

4.1.3.5 Denominações para "cobra-cega" – SP/área de controle: variáveis sociais

A brincadeira da "cobra-cega", como já anunciado, configura-se como um entretenimento antigo no Brasil. Apesar de ter sido citado por falantes de diferentes idades e sexos, dois informantes da faixa etária II, do sexo feminino,

[244] A continuação, no tópico, essa característica será focalizada.

complementaram suas respostas com uma música/verso, característica não comum na realização atual da diversão e não prevista no texto da pergunta 161/QSL/ALiB. Seguem os dois fragmentos com as versões recitadas pelas informantes:

> INF.- E vai... cobra cega, da onde veio... (risos).
> INQ.- Como que é?
> INF.- É, eles diz, a pessoa... a criança mais pequena, põe o... um pano assim no olho, tampa a vista né, do olho assim e vai procurano. "Cobra-cega, da onde venho? Venho de Minas! Fazeno o quê? Pegano gente. Gordo ou magro? É do gordo que eu gosto." Ah, a criançada corre. E isso vai... tudo isso distrai, ainda usa isso. Aqui nas festa do sítio usa. Usa muito isso (Bernadino de Campos - ponto 170, informante do sexo feminino, faixa etária II).

> INF.- É cobra-cega.
> INQ.- Brincou também?
> INF.- Brinquei.
> INQ.- Chamavam assim?
> INF.- É de cobra-cega. Ainda tinha a musiquinha né? "Cobra-cega da onde vieste? Do muinho. Que troxeste? Pão e vinho. Dá um pedacinho? Não." Aí a gente chama..."cucuinho, cocuinho" e saia e aí falava cocuinho e saía procurando onde que tava as pessoas.
> INQ.- Hoje em dia...
> INF.- Num existe mais, só computador, vídeo, né?
> INQ.- Que pena.
> INF.- Cabô as brincaderas de rua (Itanhaem – Ponto 183, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Além do verso/música ter sido citado por informantes da faixa etária II, o fato ser proferida por entrevistadas do sexo feminino, possivelmente tenha influenciado na manutenção da brincadeira em alguns espaços.

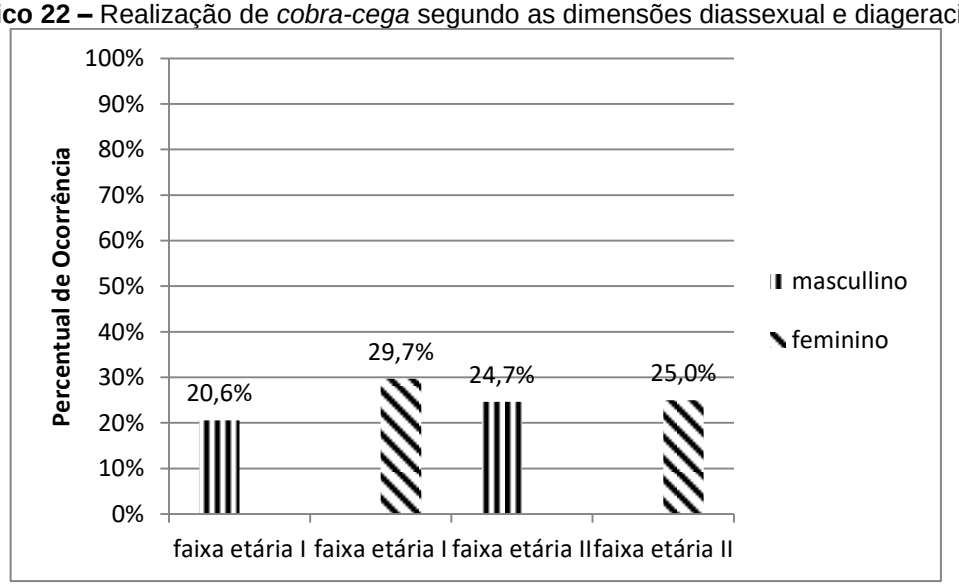
A presença de um verso/música na execução da brincadeira foi ressaltada também por Câmara Cascudo (2012) que indica três possibilidades de trechos: O autor informa a versão de Portugal: "Cabra-cega, donde vens?/ De Vizela (ou de Castela)/ Que trazes na cesta,/ Pão e canela./ Dás-me dela?/ Não, que é pra mim e para minha velha./ Zique-tanela!"[245], como versão brasileira: "Cabra-cega, de onde vens?/ Do castelo/ Trazes ouro ou trazes prata?/ Trago ouro!/ Vá beijar no cu do besouro/. Trago prata!/ Vá beijar no cu da barata". Câmara Cascudo ainda destaca uma versão própria do Sergipe: "Cabra-cega/ Non me nega;/ Donde vem?/ Do sertão! / Trais oro, prata ou requeijão?/ Trago oro/. Pois rode, como besoro"[246].

[245] Como referência, Câmara Cascudo (2012) indica: Augusto C. Pires de Lima, *Jogos e Canções Infantis*, 54, segunda edição, Porto, 1943.
[246] Como referência, Câmara Cascudo (2012) indica Clodomir Silva (*Minha Terra*, 8-9, Rio de Janeiro, 1926).

Nota-se coincidência entre alguns elementos do verso mencionado pelo informante do ALiB com os registros no Dicionário do Folclore (CÂMARA CASCUDO, 2012).

Os gráficos que seguem demonstram a produção das unidades lexicais *cobra-cega* e *cabra-cega* segundo as variáveis idade e sexo.

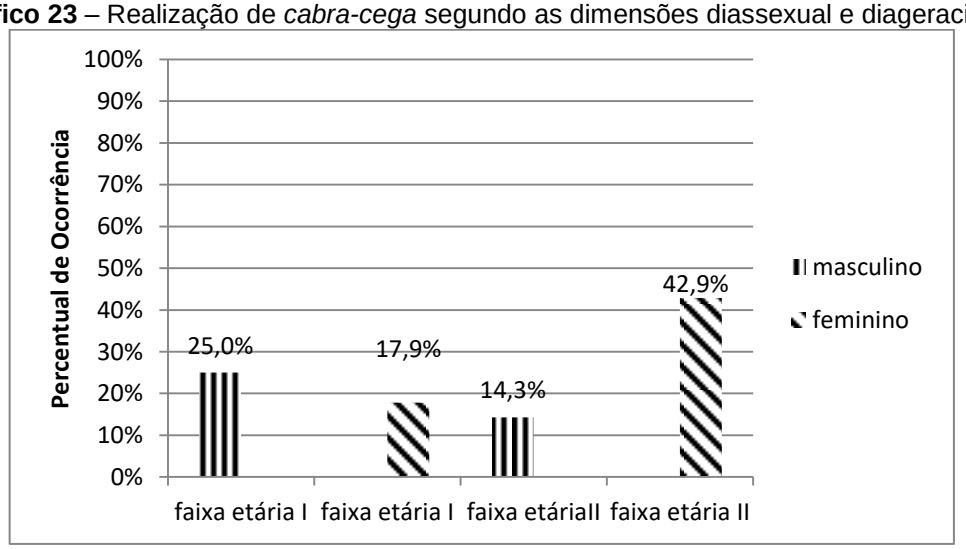
Gráfico 22 – Realização de *cobra-cega* segundo as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A visualização do Gráfico 22 revela que a unidade lexical *cobra-cega* teve discreto predomínio de ocorrência entre as mulheres, sobretudo da faixa I. Na faixa etária II, houve equilíbrio em termos de produtividade.

Gráfico 23 – Realização de *cabra-cega* segundo as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto à unidade lexical *cabra-cega,* a maior produtividade também recai no sexo feminino (60%) e quanto às faixas etárias ao informante mais idoso (57%).

Ao contrário dos resultados destacados até o momento sobre a produtividade das denominações entre as mulheres, as unidades lexicais agrupadas pelo formante "*cego/cega"* atingiram maior percentual entre os informantes do sexo masculino (60%) e da faixa etária II (60%). Os informantes desse perfil também indicaram o maior percentual de ocorrências únicas.

Já a unidade lexical *pega-pega* como denominação da "cobra-cega" foi citada apenas por mulheres, faixa etária I.

4.1.3.6 Análise léxico-semântica

Para fins de análise léxico-semântica, as variantes foram agrupadas segundo processos associativos realizados quando da obtenção das denominações. Para tanto, foram considerados o sema comum em um conjunto de respostas ou mesmo alguma possibilidade de combinação, neste caso priorizou-se o conteúdo expresso na pergunta analisada: 161/QSL/ALiB.

Ao examinar as respostas obtidas, observa-se que todas estão relacionadas a três partes da pergunta: "brincadeira", em que possivelmente o informante relacione a denominação a qualquer tipo de entretenimento (*esconde-esconde e gato mia*); "olhos vendados", motivado pelo fato da criança não poder enxergar/cegar (*cobra-cega, cabra-cega e cego/cega*) e pegar associada a alguma ação realizada durante a brincadeira (*pega-pega*).

Para a realização das associações também foram consultados os dicionários de língua portuguesa de diferentes épocas. A consulta a dicionários demonstrou que algumas unidades léxicas estão dicionarizadas, como atesta o Quadro 41:

Quadro 41 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira "cobra- cega"

Dicionários	Bluteau (1712-1728)	Silva (1813)	Aulete (2006)	Houaiss (2009)
Cabra-cega	"Jogo de meninos, em que hum delles **com os olhos vendados** anda bufcando os outros, para pôr no feu lugar o primeiro, que apanhar. Andabatarion ludicrum, i. Neut. ou Ludus, i. Mafe. Aquelle, que nefte jogo faz a cabra-cega".	"jogo de moços, no **qual se tapão os olhos** a um, que **anda vendado** em quanto não apanha algum, que fique em seu lugar".	"sf.1.**Brincadeira** de crianças em que uma delas, de **olhos vendados**, tenta **pegar** uma das outras, que a substituirá s2g.2. Aquele (ou aquela) participante da brincadeira que fica **vendado(a)** e tenta **pegar** algum dos outros[Pl.: cabras-cegas.]"[247]	"1712: substantivo feminino: 1. Rubrica: ludologia.certo tipo de **brincadeira** infantil, em que um participante fica **vendado** e deve conseguir agarrar outro participante (e, em certas modalidades, identificá-lo) para ser por este substituído; batecondê; 3. participante **vendado** dessa brincadeira infantil".
Pega-pega			"3. O m. q. pique (**brincadeira** infantil)".	"Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. **Brincadeira infantil** em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e **pegá**-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo, onde se está a salvo; pega-pega".
Cego	"Aquelle, que por vicio, & corrupação dos órgãos da vidta, **não enxerga coufa alguma"**.	"adj. Que **não ve** de todo em todo".	**"Privado da visão**; organicamente incapaz de ver".	"adjetivo e substantivo masculino: que ou aquele **que é privado da visão".**

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Embora a variante *gato mia* não esteja dicionarizada e, em alguns estudos, como o realizado por Friedmann (2014) sobre as brincadeiras corresponda a outra brincadeira,[248] a descrição do informante atesta a existência de gato-mia como sinônimo de "cobra-cega":

[247] Em Aulete Online, há a indicação do verbete original: cabra-cega: s. f. || Jogo ou folguedo de crianças em uma delas de olhos vendados, se esforça por apanhar, qualquer das outras para ser por ela substituída. Também lhe chamam galinha-cega. || Jogar a cabra-cega, (fig.) andar alguém às apalpadelas em um negócio em que outros veem claramente e procuram enganá-lo.||

[248] Friedmann (2014, p. 154) descreve a brincadeira "gato-mia": "Apaga-se a luz do recinto e as crianças se calam. Uma das crianças, que foi sorteada antes, pergunta 'gato mia?', e quem responder tem que disfarçar a voz para que a outra (sorteada) não acerte quem respondeu" (FRIEDMANN, 2014, p. 154).

> INF.- Cabra-cega.
> INQ.- Tem mais algum nome?
> INF.- Gato-mia.
> INQ.- É a mesma?
> INF.- É.
> INQ.- Qual que vocês falam mais aqui: cabra-cega ou como gato-mia?
> INF.- Esconde-esconde.
> INQ.- Que brinca mais, mas o da cabra-cega, dessa que fecha, venda os olhos assim, vocês chamam mais de cabra-cega ou de gato-mia?
> INF.- Cabra-cega (Assis - ponto 169 – informante do sexo feminino, faixa etária I).

Ainda no fragmento de gravação, ressalta-se que, pelo que se analisou até agora, as unidades lexicais *esconde-esconde*, *cobra-cega e pega-pega*[249] são recorrentes nas três perguntas (161, 162 e 163/QSL/ALiB), o que talvez ocorra devido às características comuns entre as três brincadeiras. Outra possibilidade é a que o informante urbano devido a falta de convivência direta com o entretenimento não estabeleça diferenças entre elas, o que justificaria a mesma unidade lexical nomear as diferentes diversões infantis.

Ainda em comparação aos dados obtidos em outros trabalhos dialetais que cartografaram o vocabulário dos jogos e diversões infantis verificou-se uma marca na nomeação da brincadeira formada a partir de nome de um animal associado a um qualificativo. Outros tem como base, a palavra cego(a). E ainda em alguns o zoomorfismo combina o nome do animal e a falta de visão (cego). Observe o Quadro 42 que apresenta algumas das denominações registradas nessas pesquisas dialetais:

[249] *Pega-pega* foi registrada como resposta para a questão 161/QSL/ALiB nos trabalhos de Portilho (2013) e na carta L22, do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 313). Em Ribeiro (2012), há o registro da ocorrência única *pega.*

Quadro 42 – Comparação entre as denominações para a brincadeira “cobra-cega” obtidas em estudos já realizados sobre o léxico das brincadeiras infantis

PESQUISA	ZOOMORFISMO	CEGO	ZOOMORFISMO +BASE CEGO
RIBEIRO et al (1977)		Capa-cego Pago-cego	Cabra-cega, Gata-cega Cobra-cega, Pata-cega
RIBEIRO (2012)	Cobra		Cabra-cega, Cobra-cega Gata-cega
PORTILHO (2013)	Pata-choca Barata-tonta	Pira-cega Nó-cego	Pata-cega, Cobra-cega Cabra-cega
SANTOS (2016)	Cobra-morta	Brincar de cego Tapa-cego	Cabra-cega, Cobra-cega Gata-cega
ALENCAR (2018)	Gato-mia	Cego (a)	Cobra-cega, Cabra-cega

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos citados.

Ao analisar o alto número de denominações com a indicação das duas particularidades, é possível notar que a manutenção de nome de animal e o formante *cega(o)* para a brincadeira foi mantida durante a “exportação” da brincadeira: como é o caso de gallina-ciega, na Espanha, na “Itália, de Mosca cieca (‘mosca cega’); Alemanha, Blindekuh (‘vaca cega’)”[250].

Essa característica já foi salientada em alguns trabalhos e, também, está registrada na descrição apresentada no Dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012) sobre a *cabra-cega:*

> jogo infantil, que consiste em uma criança vendada, a cabra-cega, agarrar uma outra que a substituíra no posto. O mesmo que cobra-cega, batecondê (ver), etc. Muito comum em Portugal e Espanha, de onde veio para o continente americano. Rodrigo Caro, citado por Maria Cadilla de Martínez (Juegos y Canciones Infantiles de Puerto Rico, 76) informa ter sido jogo popular entre crianças da Roma Imperial, onde a denominavam musca aenea, chalké muia, na Grécia. É de fácil encontro no documentário da Idade Média e Renascimento. Em Espanha e América espanhola chamam-na La Gallina Ciega (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 151).

Percebe-se, enfim, que a unidade lexical *cabra-cega* é a única registrada nos dicionários consultados. Já as denominações *cobra-cega, cego (a), pega-pega, gato-mia, esconde-esconde* foram validadas em virtude da produtividade, por confirmação da resposta fornecida pelo informante ou pela presença em outros trabalhos dialetais já realizados.

[250] Informação disponível em: <http://varievo.com/infantil/brincadeiras-de-crianca-cabra-cega>. Acesso em: 29.ago.2018.

4.1.3.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 161/QSL/ALiB

De acordo com os dados discutidos no decorrer da análise das respostas para a pergunta 161/QSL/ALiB e a leitura da carta 3a e 3b, é possível afirmar que:

i) A pergunta foi respondida em todas as localidades de São Paulo e da área de controle.

ii) O item lexical c*obra-cega* foi registrada em toda a área geográfica estudada, ou seja, no estado de São Paulo e na área de controle.

iii) A variante *cobra-cega* foi a resposta mais produtiva neste estudo, tendência que se repete na tese de Doutorado de Ribeiro (2012) e na dissertação de Santos (2016).

iv) A unidade lexical *cabra-cega* foi a segunda mais produtiva neste estudo e, também, nas seguintes pesquisas: *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al, 1977) e no *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.*, 2014b) – capitais.

v) O zoomorfismo é uma característica das denominações obtidas para "cobra-cega", muitos deles associados à base lexical "cego (a)", como é o caso de *cobra-cega, cabra-cega.*

vi) As denominações *cobra-cega* e *cabra-cega* estão disseminadas no estado de São Paulo e na área de controle.

vii) A unidade lexical *cobra-cega* foi mais produtiva entre mulheres da faixa etária I, enquanto a variante *cabra-cega* destacou-se entre as mulheres da faixa etária II. Essa característica aliada ao fato das informantes saberem recitar os versos, o registro da denominação *cabra-cega* em trabalhos dialetais mais antigos (RIBEIRO *et al.*, 1977) e, também, a dicionarização dessa unidade lexical em obras do século XVIII/XIX, aponta para um possível mudança linguística no que tange a preferência de determinada variante no decorrer do tempo para nomear o referente.

viii) Devido ao número de abstenções, a alta produtividade das denominações apuradas e o fato de as variantes, de modo geral, ocorrerem nas diferentes faixas etárias, sobretudo no sexo feminino, acredita-se que a brincadeira continua ativa como uma atividade lúdica, ao menos na época da infância dos informantes.

ix) Outras respostas foram fornecidas pelos entrevistados como unidades léxicas, como é o caso de *múmia*[251], provavelmente fornecida pelo fato de que a múmia está impossibilitada de ver; *tampa–caixão*, possivelmente associado a outra brincadeira "balança-caixão" e *que esse*[252].

[251] Em Ribeiro (2012) há a indicação da ocorrência única *múmia*, também fornecida como resposta no estudo do falar paulista. Ao verificar o perfil do falante que citou a variante, observa-se coincidência com o mesmo no estado de São Paulo, pois ambos são do sexo masculino, faixa etária I.

[252] Essa denominação foi fornecida como resposta: INF. Tipo que é esse, que eles falam aqui. INQ. Como? INF. Qué esse! INQ. Amarra alguma coisa no olho? Como é que é? INF. É, tipo eles amarra alguma coisa no olho e fica apontando com o dedo. INQ. E tenta pegar? INF. É, e tenta pegá (Caraguatatuta/ ponto 180, informante do sexo feminino, faixa etária I).

4.1.4 pega-pega

4.1.4.1 pega-pega: a brincadeira

A brincadeira contemplada pela pergunta 162/QSL/ALiB “Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35), é conhecida popularmente como *pega-pega*. Segundo o site Vanguardista[253], "essa brincadeira foi criada na Holanda em 1830 e logo se popularizou por todo o continente europeu".

Além disso, segundo o site Brasileirinho[254], nota-se que a brincadeira é marcada pela diversidade, tanto na forma de jogar quanto nos modos de nomeá-la, pois “[...] pode ser jogada por um número ilimitado de jogadores e possui inúmeras variantes. De modo geral, o jogo consiste em dois tipos de jogadores, os pegadores e os que devem evitar ser apanhados”. O site ainda fornece outros dados que indicam quais os procedimentos para a realização desse entretenimento: “cada variante do jogo possui uma forma diferente de se estabelecer como os demais serão pegos, em geral por meio de um toque. Quem for tocado, automaticamente vira o pegador a depender do modo da brincadeira”.

Friedmann (2014) também elenca uma série de variações para a brincadeira do “pega-pega” e as principais características de cada uma delas (Quadro 43):

Quadro 43 – Modos de brincar de “pega-pega”

Denominação	Descrição
Agarra-agarra	Agarrar o fugitivo, que passa a auxiliar o pegador.
Rela-rela	O pegador corre cantando: ‘limão galego, relou tá pego’.
Trepa-trepa	O pique é subir em algum objeto.
Ajoelha-ajoelha	O pique é ficar ajoelhado.
Abaixa-levanta	Correr ficando livre quando abaixa.
Abaixa-abaixa	Idem ao abaixa-levanta.
Pega-pega aos pares	O pegador sai em perseguição dos pares a fim de segurar um jogador que passa a ser seu par.

Fonte: Friedmann (2014, p. 60).

Na sequência, a Figura 29 reproduz o desenho de duas pessoas executando ações do “pega-pega”.

[253] Informação disponível em: <http://ovanguardista.ig.com.br/velha-infancia/2017-01-26/brincadeiras-crinaca-origem.html.>. Acesso em: 10 jun. 2018.
[254] Informação disponível em: <https://www.obrasileirinho.com.br/brincar-criancas/brincadeira-pega-pega/>. Acesso em: 10. Jun. 2018.

Figura 29 – Crianças brincando de “pega-pega”

Fonte: Tudo desenhos (2018)[255].

O levantamento e a tabulação dos dados demonstrou que a pergunta 162/QSL/ALiB foi bastante produtiva à medida que motivou a documentação de um rol de denominações para a brincadeira. A seguir, analisam-se os dados catalogados:

4.1.4.2 pega-pega: os nomes da brincadeira

O levantamento de dados nos 148 inquéritos relativos ao estado de São Paulo e dos 40 que compõem à área de controle resultou em 37 variantes lexicais como denominação da brincadeira: “em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado,” somando um total de 192 ocorrências. Além disso, houve 23 casos de ausência de resposta (16 no interior de São Paulo e 07 na área de controle). A Tabela 9, a seguir, detalha os dados brutos obtidos:

[255] Imagem disponível em: <http://www.tudodesenhos.com/d/elsa-e-anna-brincando-de-pique-pega>. Acesso em: 12. Jun.2018.

Tabela 9 – Denominações para “pega-pega” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	Área de Controle	Total	
Barata	0,60%	4,30%	3	1,40%
Bate boi	0,60%	0,00%	1	0,47%
Bate pique	1,20%	0,00%	2	0,93%
Bate prim	0,60%		1	0,47%
Brinca de piques	0,60%	0,00%	1	0,47%
Brinca de didas	0,60%		1	0,47%
Brinca de mãe	1,80%	0,00%	3	1,40%
Brinca de pais	0,60%	0,00%	1	0,47%
Brincá de pega		2,10%	1	0,47%
Brinca de vinte e um	0,60%	0,00%	1	0,47%
Brincadeira de pique	0,60%	0,00%	1	0,47%
Brincadera de boi	0,60%	0,00%	1	0,47%
Brincar de mãe		2,10%	1	0,47%
Cada macaco no seu galho	0,60%	0,00%	1	0,47%
Corre-corre	0,60%	0,00%	1	0,47%
Duro-mole	0,60%	2,10%	2	0,93%
Esconde-esconde	1,20%		2	0,93%
Feda	0,60%		1	0,47%
Figa	0,60%	0,00%	1	0,47%
Livre	0,60%	0,00%	1	0,47%
Livre na mão	0,60%	0,00%	1	0,47%
Mãe	2,40%	2,10%	5	2,33%
Mãe pega	-	6,40%	3	1,40%
Mãe pega-pega	0,60%	0,00%	1	0,47%
Pais pega-pega	0,60%	0,00%	1	0,47%
Pais-duro mole	0,60%	0,00%	1	0,47%
Passa anel	0,60%	0,00%	1	0,47%
Pega boi	0,60%	0,00%	1	0,47%
Pega jocá		2,10%	1	0,47%
Pegador	1,20%	2,10%	3	1,40%
Pega-pega	50,60%	19,10%	94	43,72%
Pique	3,60%	10,60%	11	5,12%
Pique de pegá		2,10%	1	0,47%
Pique-cola		2,10%	1	0,47%
Pique-esconde	4,80%	4,30%	10	4,65%

Pique-pega		6,40%	3	1,40%
Pique-rela	1,80%	0,00%	3	1,40%
Pique-salva	0,60%	2,10%	2	0,93%
Queimada		4,30%	2	0,93%
Rela-rela	5,40%	0,00%	9	4,19%
Salva	1,20%	2,10%	3	1,40%
Salva e pega	0,60%	2,10%	2	0,93%
Salvação		2,10%	1	0,47%
Soldado-ladrão		2,10%	1	0,47%
Taco/brincadeira de taco	1,20%	0,00%	2	0,93%
Trinta e um		2,10%	1	0,47%
vinte e um de abril	0,60%	0,00%	1	0,47%
Não respostas	14,90%	9,50%	23	10,70%
Total	100%	100%	215	100,00%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados da Tabela 9 evidenciam um número significativo de denominações para a brincadeira, por isso, para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que, em sua maioria, obedeceram a critérios lexicais, fonéticos, morfológicos e por associação. Desse modo, resultaram 192 ocorrências de respostas listadas de acordo com a produtividade: *pega-pega, pique, mãe, rela-rela, salva, pais, barata, duro e mole, esconde,* e acrescido a elas ocorreram cinco ocorrências únicas. No Quadro 44, a seguir, apresenta-se a lista de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados.

Quadro 44 – Agrupamento de variantes para “brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?”

Variantes lexicais	Itens agrupados
Pega-pega	Pega-pega, brincá de pega, pega jocá, pegador.
Pique	Pique, bate pique, piques, brincadeira de pique, brinca de piques, pique de pegá, pique-cola, pique-esconde, pique-pega, pique-rela, pique-salva.
Rela-rela	Rela-rela
Mãe	Brinca de mãe, é a mãe, mãe, mãe pega, mãe pega-pega, brincar de mãe.
Salva	Salva, salva e pega, salvação
Pais	Brinca de pais, pais duro mole, pais pega-pega
Barata	Barata
Duro e mole	Duro e mole
Esconde	esconde-esconde
Pega-boi	Bate boi, brincadeira do boi, pega boi
Denominações com ocorrências únicas	Bate prim, corre-corre, soldado-ladrão, feda

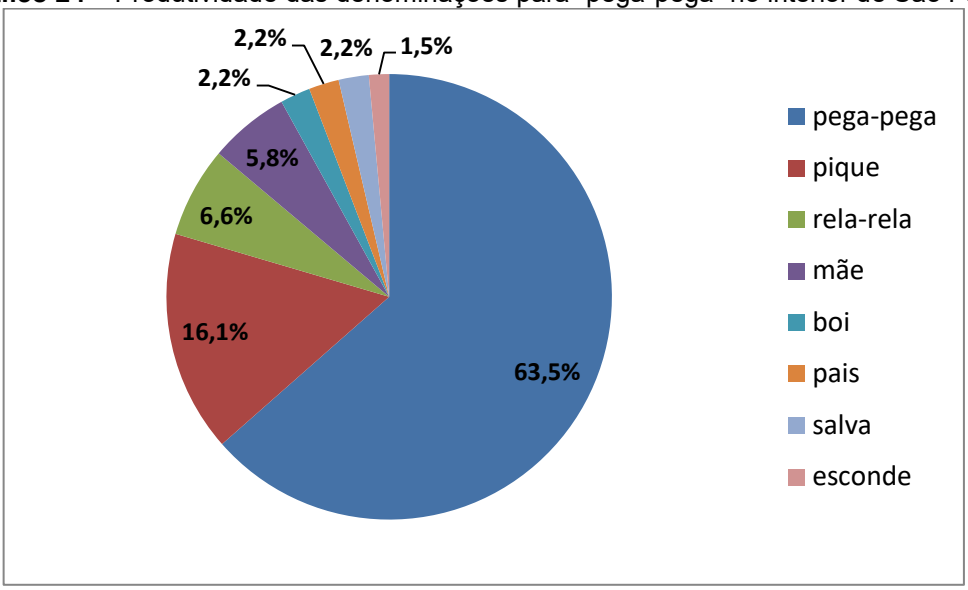
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência, discutem-se os dados sobre a produtividade das variantes em exame.

4.1.4.3 Produtividade das variantes

Ao examinar os dados obtidos para a questão 162/QSL/ALiB constata-se que a denominação *pega-pega* é a mais produtiva, atingindo mais de 46% das respostas indicadas pela totalidade dos informantes. Assim, no interior do estado de São Paulo, foi documentado um conjunto significativo de denominações para a brincadeira em questão, como indica o Gráfico 24:

Gráfico 24 – Produtividade das denominações para “pega-pega” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 24, a predominância de *pega-pega* é mantida, seguida pela variante *pique*, que obteve valor percentual significativo (16,1%). Algumas denominações oscilam entre 6% e 5% nos casos de *rela-rela* e *mãe*. E, as demais variantes, atingiram percentual inferior a 5% (*boi, pais, salva)* com 2,2% cada e *esconde* com 1,5% das ocorrências. A Tabela 10 traz a produtividade dessas variantes conforme as mesorregiões do IBGE.

Tabela 10 – Produtividade das denominações para “pega-pega”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

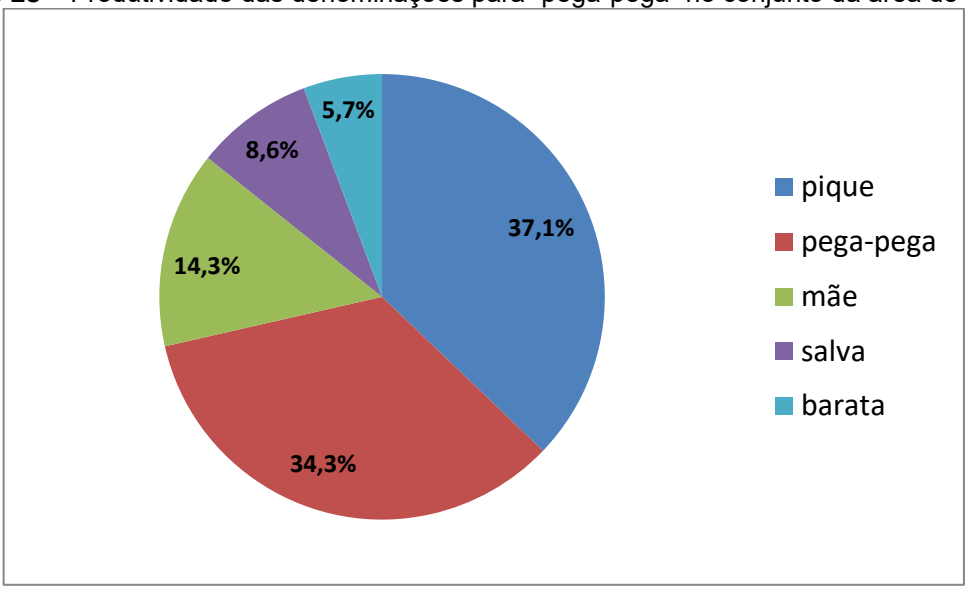
VARIANTES	Pega-pega (%)	Pique (%)	Mãe (%)	Rela-rela (%)	Salva (%)	Pais (%)	Boi (%)	Barata (%)	Duro e mole (%)	Esconde (%)
Araçatuba	5,4	4,3	0,0	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Araraquara	6,5	8,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Assis	4,3	8,7	0,0	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	8,6	8,7	0,0	11,1	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Campinas	9,7	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Itapetininga	7,5	4,3	75,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Litoral Sul Paulista	6,5	13,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0
Macrom. Paulista	6,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marília	2,2	4,3	0,0	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Metrop. de São Paulo	9,7	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Piracicaba	3,2	0,0	0,0	0,0	0,0	66,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	10,8	13,0	0,0	33,3	66,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	4,3	21,7	0,0	22,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	5,4	4,3	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	100,0	100,0	50,0
Vale do Paraíba Paulista	9,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se que a mesorregião de Presidente Prudente foi a que abrigou o percentual maior de ocorrências da unidade léxica *pega-pega*. Ao verificar os dados da área de controle, percebe-se que essa variante lexical foi a segunda mais produtiva nessa área, sendo levemente ultrapassada por *pique*:

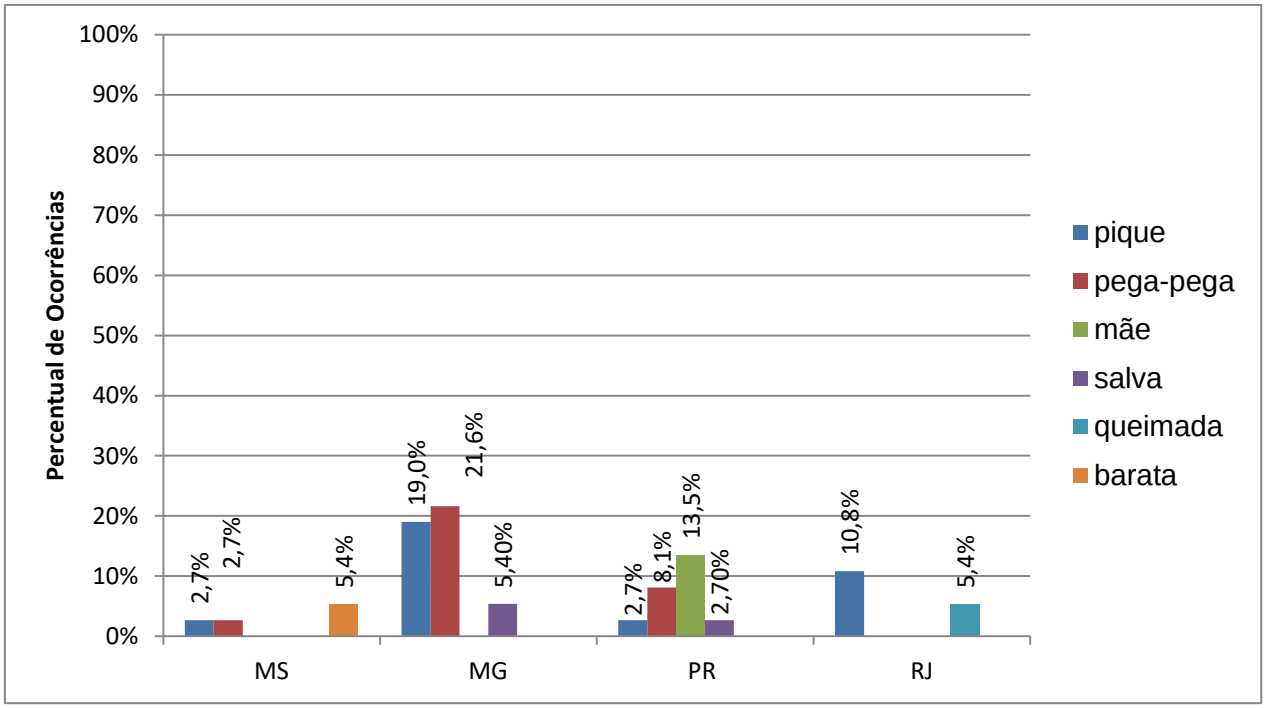
Gráfico 25 – Produtividade das denominações para “pega-pega” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao examinar os dados oriundos dos estados da área de controle em separado, constata-se que *pique* é a única variante documentada em todos os estados que foram investigados neste estudo, conforme se observa no Gráfico 26.

Gráfico 26 – Produtividade das denominações para “pega-pega” segundo a unidade da federação/ área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 26 demonstra ainda que apenas as unidades léxicas *pique e pega-pega* tiveram produtividade significativa nos quatro estados. Por sua vez, *salva* ocorre em Minas Gerais e no Paraná, com baixa frequência e as demais denominações foram registradas apenas em uma unidade federativa: *mãe* no Paraná e *barata* em Mato Grosso do Sul. O que, consequentemente, confirma que, popularmente, a brincadeira é mais conhecida como *pique* e *pega-pega* em toda a área investigada.

As cartas 4a e 4b demonstram a distribuição espacial das variantes registradas, respectivamente, no interior de São Paulo e da área de controle.

Carta 4a – Denominações para “pega-pega” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 162 – “Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance o ponto combinado?”

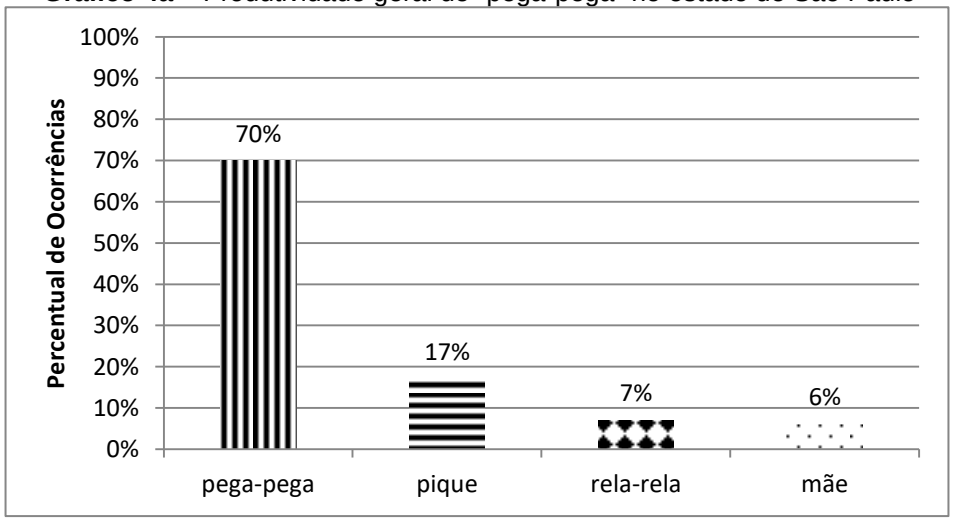
Denominações únicas: corre-corre – Caraguatatuba - ponto 180, informante do sexo feminino, faixa etária I); bate-prim (Ibitinga-ponto 159, informante do sexo masculino, faixa etária II); feda (Adamantina - ponto 162, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:

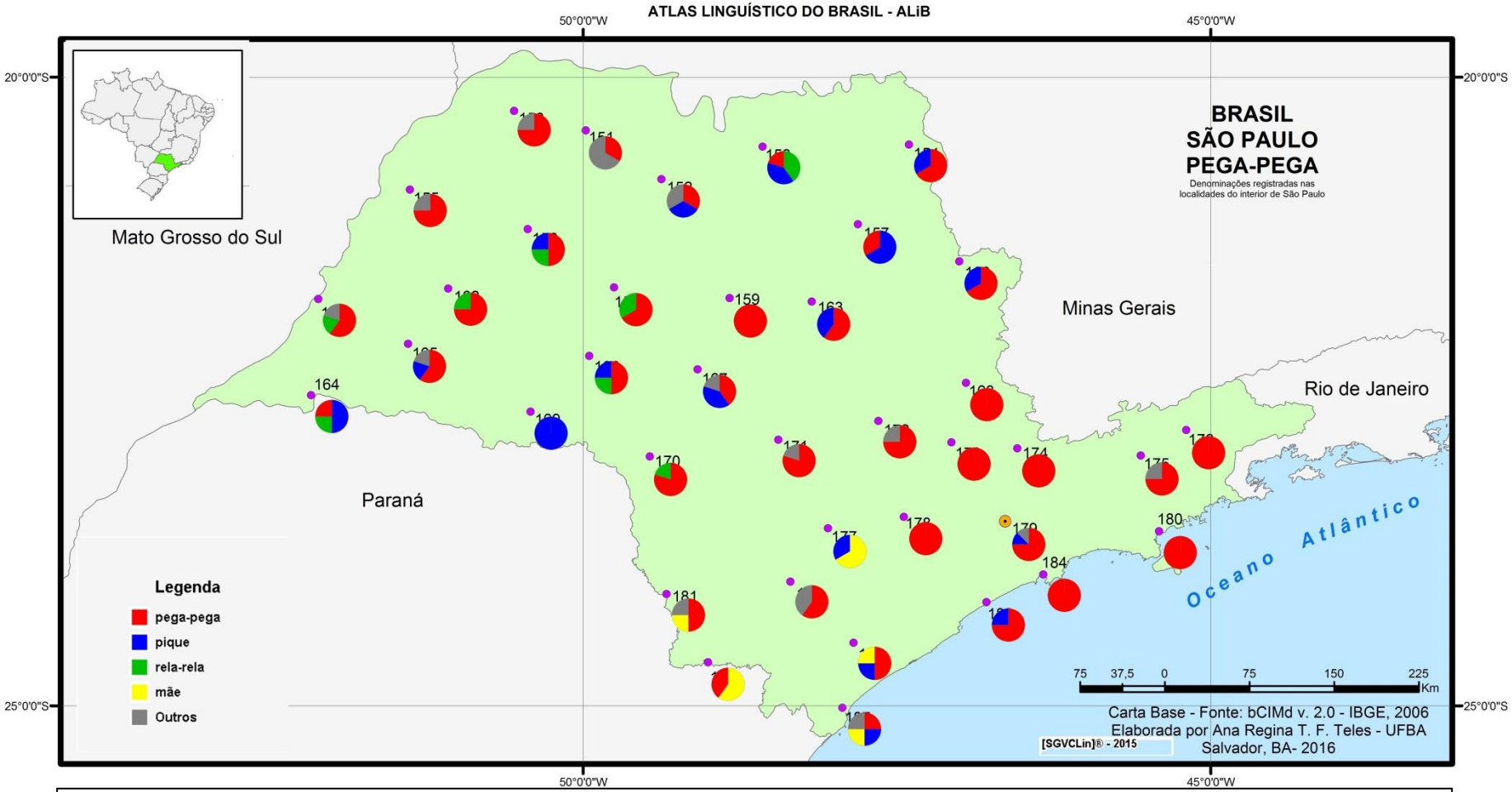
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Pega-pega: pega-pega, brinca(r) de pega, pega jocá, pegador.
Pique: pique(s), bate pique, brincadeira de pique, brinca de piques, pique de pegá, pique-cola, pique-esconde, pique-pega, pique-rela, pique-salva.
Rela-rela: rela-rela.
Mãe: brinca de mãe, é a mãe, mãe, mãe pega, mãe pega-pega, brincar de mãe.
Salva: salva, salva e pega, salvação
Pais: brinca de pais, pais duro mole, pais pega-pega
Boi: bate boi, brincadeira de boi, pega boi.
Barata: barata.
Duro e mole: duro e mole.
Esconde: esconde-esconde.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 4a – Produtividade geral de "pega-pega" no estado de São Paulo



Carta 4a – Denominações para “pega-pega” no estado de São Paulo



“Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?” - 162/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 4b – Denominações para “pega-pega” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: “QSL 162 – “Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance o ponto combinado?”

Denominações únicas: soldado-ladrão (Poços de Caldas - ponto 147, informante do sexo masculino, faixa etária I)

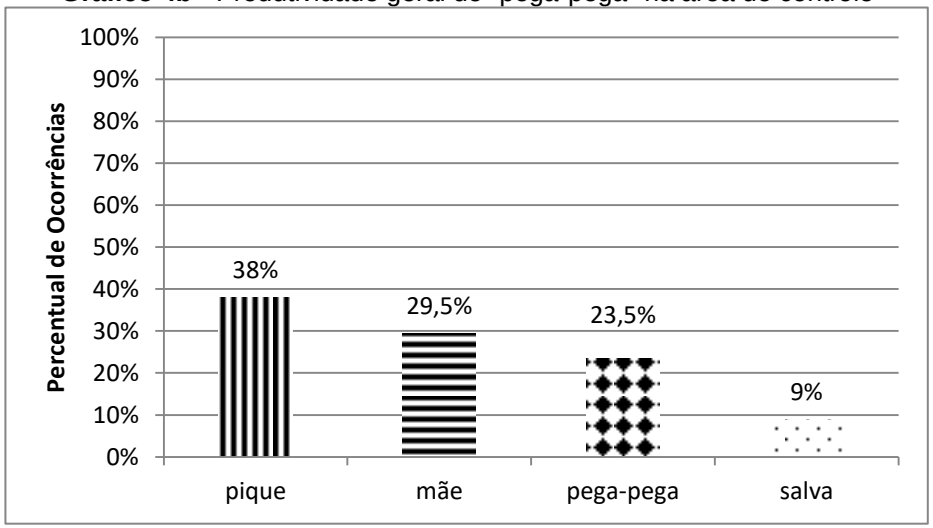
Comentários sobre dados cartografados:

Variantes agrupadas a cada item léxico:

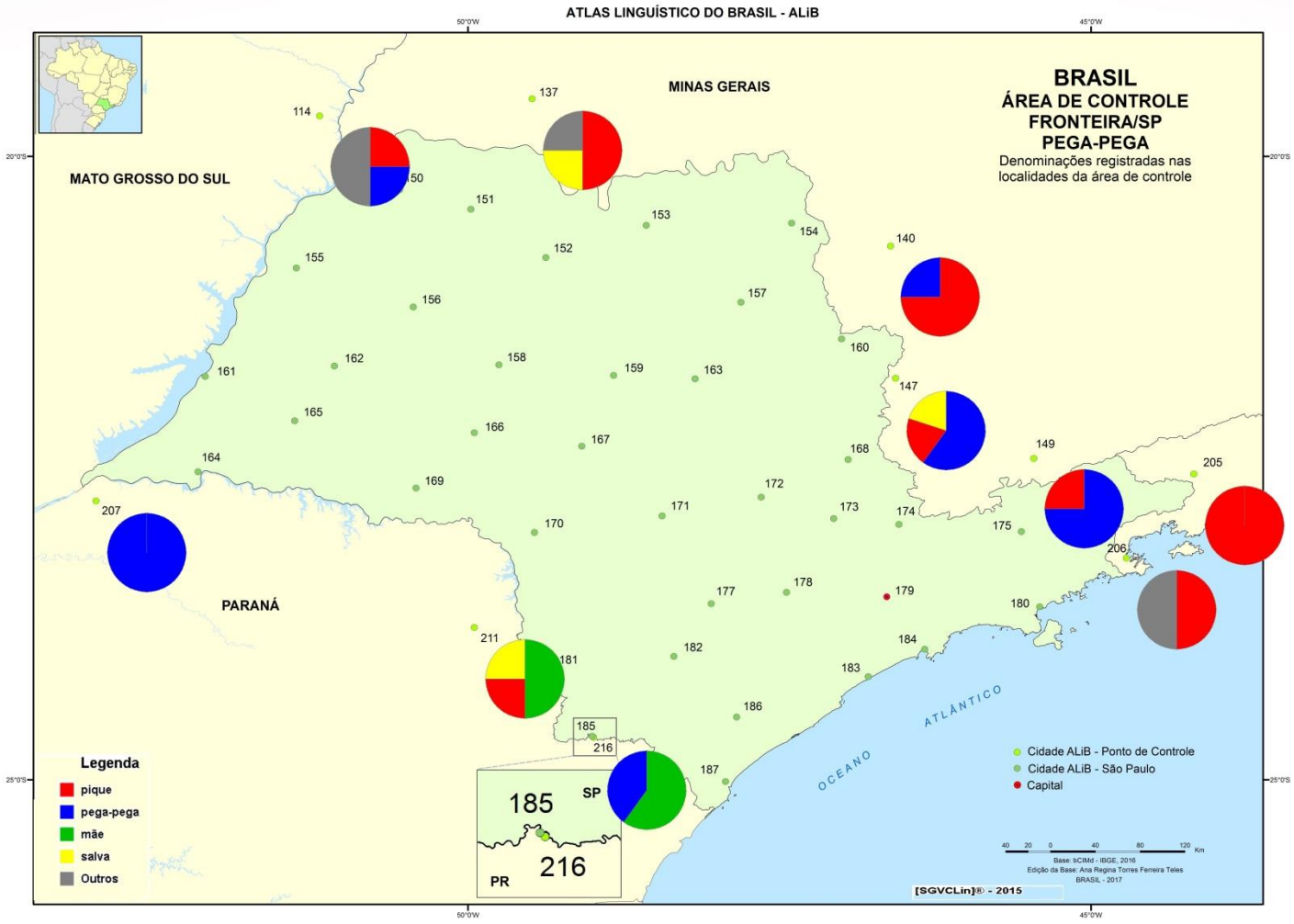
Pega-pega: pega-pega, brinca(r) de pega, pega jocá, pegador.
Pique: pique(s), bate pique, brincadeira de pique, brinca de piques, pique de pegá, pique-cola, pique-esconde, pique-pega, pique-rela, pique-salva.
Rela-rela: rela-rela.
Mãe: brinca de mãe, é a mãe, mãe, mãe pega, mãe pega-pega, brincar de mãe.
Salva: salva, salva e pega, salvação
Pais: brinca de pais, pais duro mole, pais pega-pega
Boi: bate boi, brincadeira de boi, pega boi.
Barata: barata.
Duro e mole: duro e mole.
Esconde: esconde-esconde.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 4b - Produtividade geral de "pega-pega" na área de controle



Carta 4b – Denominações para “pega-pega” na área de controle



“Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?” - 162/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geracão de cartas automatizadas: SGVCLin

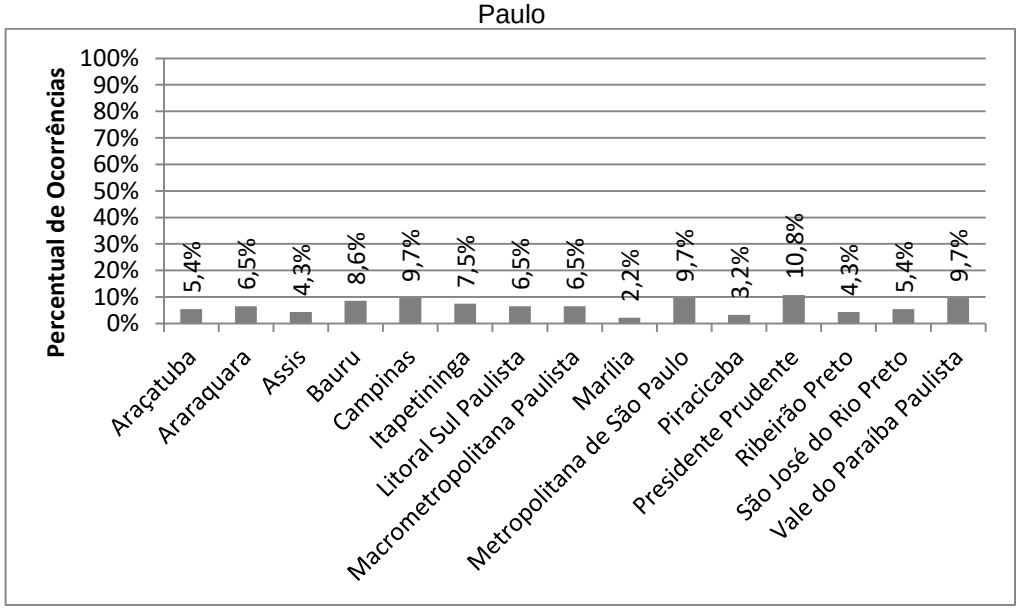
4.1.4.4 Análise diatópica das denominações para “pega-pega”

A análise das denominações fornecidas pelos informantes é apresentada conforme a produtividade de cada variante, em ordem decrescente, considerando os dados do estado de São Paulo e da área de controle, respectivamente.

4.1.4.4.1 Unidade lexical: *pega-pega*

O item lexical *pega-pega* teve alta produtividade e foi registrada em todas as mesorregiões do estado de São Paulo, como pode ser verificado no Gráfico 27:

Gráfico 27 – Produtividade da unidade lexical *pega-pega* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nota-se que dentre as cinco mesorregiões com maior índice de registro de *pega-pega*, a mesorregião de Presidente Prudente foi a que a variante atingiu o maior montante, embora sem grande destaque em relação às demais. Já na área de controle, a variante *pega-pega* não foi registrada apenas no Rio de Janeiro, sendo relativamente produtiva nos demais estados que integram esse segmento da área pesquisada.

Ao consultar outros atlas produzidos, recupera-se o Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014) que indica como denominação mais produtiva a variante *pega-pega*. Essa superioridade da variante *pega-pega* ainda é registrado no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul e no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul. Considerando a área limítrofe SP-MS, no ALMS (OLIVEIRA, 2007), há registros de *pega-pega e pique;* já no ALERS (KOCH;

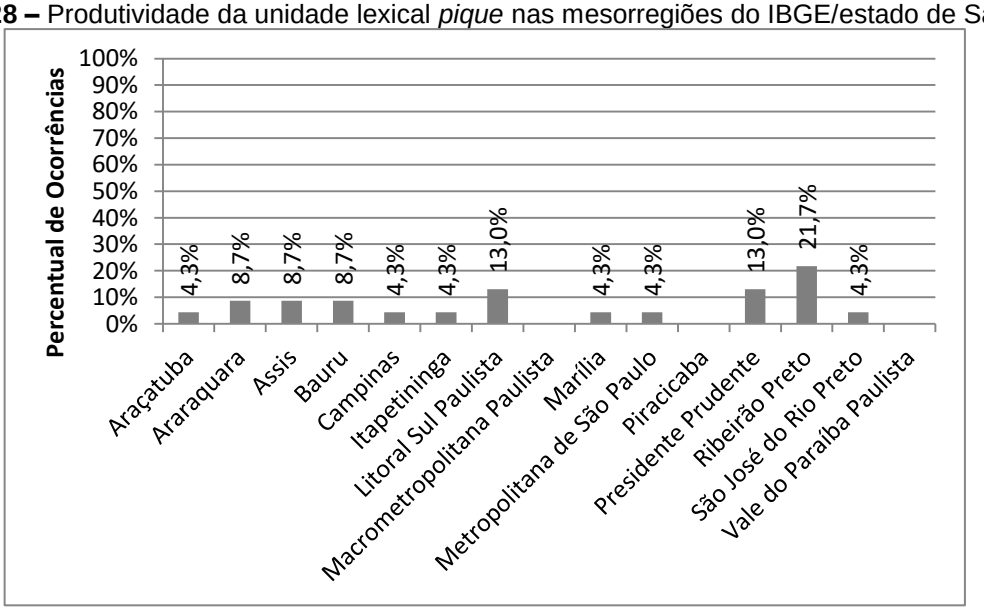
ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), a variante *pega-pega* foi documentada nas áreas limítrofes SP-PR concorrendo com as denominações: *pique (de cola-cola), barata e mãe*.

Na sequência, discute-se a denominação *pique*.

4.1.4.4.2 Unidade lexical: *pique*

O item lexical *pique,* também foi bastante produtivo na área pesquisada tendo sido documentado na grande maioria das mesorregiões paulistas (Gráfico 28).

Gráfico 28 – Produtividade da unidade lexical *pique* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se pelos dados do Gráfico 28 que a variante lexical *pique* foi indicada na maioria das mesorregiões paulistas, não sendo registrada apenas em quatro delas: Macrometropolitana Paulista, Campinas, Piracicaba e Vale do Paraíba Paulista, regiões geograficamente próximas, o que, possivelmente, favoreça muitos contatos entre seus habitantes. O item lexical *pique* também foi documentado nos outros quatro estados que compõem o território de estudo, como área de controle.

Ainda é preciso considerar que, no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG* (RIBEIRO *et al.*, 1977), a variante *pique* é a mais produtiva[256] na carta 34.

[256] Apesar de não ter acesso ao questionário, deduz-se que a carta refere-se ao nome da brincadeira e não ao ponto combinado, pois uma das denominações refere-se a brinquedo-de-esconder: além disso, nenhuma delas refere-se especificamente a um lugar.

Os dados da carta 34 do EALMG demonstram que nas localidades próximas à fronteira com São Paulo, há o predomínio da variante *pique*, concorrendo com *pude* em Liberdade (ponto 91[257]) e com *brinquedo de esconder* em Passos (ponto 070) que ocorre juntamente com uma ocorrência de *pique*[258]. A carta ainda registra a variante *pegador*.

Os registros de *pique*, no Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), ocorreram em localidades mais próximas à divisa com o estado de São Paulo e no norte do Paraná. Além de *pique,* outras denominações foram registradas nas áreas limítrofes com o estado de São Paulo: *mãe, pega-pega, salva, feda, rela, corre-corre*. A carta registra ainda as variantes: *pegador, late e pai*.

Considerando estudos dialetais mais contemporâneos, no ALMS (OLIVEIRA, 2007) há o registro de *pique*, porém na divisa MS-SP figura com apenas uma ocorrência, em Três Lagoas. No ALERS, há o registro de *pique-cola*, com pouca ocorrência e em diferentes regiões do Paraná.

Em Santos (2016, p. 153) verifica-se o registro de *pique-pega*[259] como a forma mais produtiva na área do falar fluminense.

Nesse estudo, *pique-pega* não foi documentada nos pontos de inquérito do estado de São Paulo, há alguns registros no Rio de Janeiro e a maioria das ocorrências recai sobre Minas Gerais. Além disso, no estudo na área do falar fluminense foram documentadas as variantes *pega-pega e pegador*.

Considerando a cronologia dos estudos mencionados que contemplam trabalhos produzidos desde a década de 1970 até a atualidade, verifica-se que a unidade lexical *pique* se mantém no vocabulário dos falantes, inclusive com produtividade considerável.

4.1.4.4.3 Unidade lexical: *rela-rela*

O item lexical *rela-rela* foi pouco produtivo, atingindo o maior percentual de registros nas mesorregiões de Presidente Prudente e Ribeirão Preto. Nas demais mesorregiões (Araçatuba, Assis, Bauru, Marília), ocorreu apenas uma menção dessa unidade lexical.

[257] O número da localidade refere-se à rede de pontos do EALMG.
[258] Ressalta-se, neste estudo, que *pique* foi a resposta mais produtiva em Passos (MG) com três menções e *pega-pega* teve apenas uma ocorrência.
[259] Recupera-se a informação de que *pique-pega* foi agrupado como *pique* neste estudo.

Apesar das mesorregiões com maior representatividade de *rela-rela* estarem situadas próximas às fronteiras estaduais, respectivamente Ribeirão Preto próxima a Minas Gerais e Presidente Prudente ao Paraná, não houve documentação da unidade lexical *rela-rela* na área de controle. Salienta-se que a denominação *rela-rela* foi registrada tanto no ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014) quanto no ALPR (AGUILERA, 1994), sendo que no Paraná foi cartografado na forma reduzida *rela*.

No ALTOSP, a variante *rela-rela* foi documentada em Adamantina e Rancharia, com a maioria dos registros entre os informantes do sexo masculino. Cabe relembrar que esse atlas sobre o oeste paulista apesar de não contemplar Presidente Prudente como ponto de inquérito, tem cidades próximas dessa região, na mesma rede. Já no ALPR, a forma *rela* foi registrada em pontos do norte do Paraná e em duas cidades limítrofes com o estado de São Paulo: Primeiro de Maio (ponto 3) e Cambará (ponto 5).

4.1.4.4.4 Unidade lexical: *mãe, salva, pais, boi, esconde, barata e duro-mole*

O item lexical *mãe* foi representativo de uma determinada região, pois foi documentado em duas mesorregiões paulistas: Itapetininga e Litoral Sul Paulista, nos municípios de: Ribeira, Itapetininga, Itararé, Registro e Cananéia, localidades antigas e representativas do início da povoação de São Paulo (XVII). A mesorregião de Itapetininga, por exemplo, foi passagem de tropeiros desde o século XVIII. Já as cidades que compõem o Litoral Sul Paulista, no caso de Registro, por exemplo, apesar de ter se tornado município apenas em meados do século XX, já era um povoado desde o século XVIII, pois “recebia as embarcações com ouro que desciam o Rio Ribeira de Iguape em direção a Iguape, onde eram registradas as suas valiosas cargas e cobrados os impostos da Coroa portuguesa” (ODALIA; CALDEIRA, 2010, p. 236-237).

Já, em se tratando da área de controle, a maioria das ocorrências do item lexical *mãe* acontece em Adrianópolis/PR, cidade que possui duas semelhanças com as localidades mencionadas, sobretudo as situadas na mesorregião do Litoral Sul Paulista: o caráter antigo e o fato de estar localizada no Vale do Ribeira assim como as cidades de Ribeira e Registro. Além disso, devido a particularidades geográficas, o acesso a cidade de Adrianópolis foi bastante limitado durante boa parte da história do município, o que contribuiu, para o seu isolamento e consequente conservação do vocabulário vinculado.

Nesse contexto, entende-se que a documentação do item lexical *mãe*, nessas localidades antigas, reforça o caráter conservador dessa unidade lexical como denominação da brincadeira. Essa afirmação se torna mais sólida ao recuperar a carta 90 do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) que traz a unidade lexical *mãe* como a segunda denominação mais produtiva para nomear a "brincadeira de correr e pegar". O registro dessa variante ocorre, sobretudo, nas localidades próximas à capital Curitiba, inclusive, destaca-se que o ponto de inquérito nº 38 é Adrianópolis e os pontos 20 e 18, do ALPR, respectivamente São João da Boa Vista e Ibaiti, são localidades próximas à Tomazina (ponto do ALiB) que também documentaram a unidade lexical *mãe* como nome da brincadeira em foco neste tópico da análise.

Ao consultar o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) verifica-se que as ocorrências da unidade lexical *mãe* estão situadas em região coincidente ao ALPR, pois, os registros de *mãe* foram mencionados nas localidades situadas no litoral e próximo às divisas com SP: Adrianópolis, São José da Boa Vista, Sengés, Guaraqueçaba e Paranaguá, entre outras cidades.

A unidade lexical *salva* teve baixa produtividade e foi documentada apenas em duas mesorregiões paulistas: Presidente Prudente e São José do Rio Preto, ambas distantes entre si e situadas próximas às fronteiras estaduais, respectivamente do Paraná e de Minas Gerais.

Ao contrário do que ocorre com *rela-rela*, a unidade lexical *salva* ultrapassa as localidades paulistas, pois foi documentada nos estados vizinhos a essas mesorregiões, no caso, nos pontos de inquéritos mineiros de Campina Verde (ponto 137) e Poços de Caldas (147) e na localidade paranaense de Tomazina (211).

A unidade lexical *salva* foi documentada no ALPR (AGUILERA, 1994) e no ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014)[260]. No atlas paranaense, foi registrada em localidades limítrofes com o estado de São Paulo e, no atlas do oeste paulista, foi citada em Andradina e em Rancharia, cidades próximas a Mato Grosso do Sul, porém, no ALMS (OLIVEIRA, 2007), os registros de *salva* não foram situados em localidades próximas à fronteira estadual com SP.

[260] Cabe informar que ainda foi registrada no ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014) a variante *pique-salva* com duas ocorrências, nos pontos de inquéritos 03 e 04, respectivamente, Rancharia e Presidente Epitácio.

A unidade lexical *pais*[261]*,* por sua vez, teve baixa produtividade e foi registrada apenas em duas localidades paulistas bastante próximas, entre si, nas mesorregiões de Piracicaba e Bauru. Não houve registro dessa variante nas localidades pertencentes à área de controle. Ressalta-se, todavia, que o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) registra apenas uma ocorrência da forma lexical *pais* no ponto de inquérito 43, Ponta Grossa.

Outra variante pouco produtiva para nomear a brincadeira em foco, foi *boi*, sendo registrada em Taubaté (ponto 175), na mesorregião de Vale do Paraíba Paulista, citada apenas por um informante que forneceu diferentes respostas utilizando a unidade lexical *boi*.

O item lexical *esconde* também foi documentado para nomear a brincadeira "pega-pega" em duas mesorregiões no estado de São Paulo: São José do Rio Preto e Litoral Sul Paulista, nas localidades de São José do Rio Preto e Cananéia, ambas próximas às àreas limítrofes do estado de São Paulo, no caso Minas Gerais e São Paulo. Quanto aos informantes que forneceram essa variante, nota-se que não há coincidência entre os perfis.

A unidade lexical *barata,* por seu turno, também foi pouco produtiva, sendo documentada apenas em duas localidades: Jales (mesorregião de São José do Rio Preto) e Paranaíba (Mato Grosso do Sul), esta última da área de controle, mas geograficamente próxima com distância média de 120 km entre elas. A variante *barata* foi fornecida apenas por informantes da faixa etária I.

A variante *duro e mole* foi outra denominação para a brincadeira "pega-pega" com pouca produtividade, apenas duas ocorrências em localidades distintas: São José do Rio Preto (São Paulo) e Campina Verde (Minas Gerais), cidades relativamente próximas entre si: cerca de 200 km as separam. Essa variante foi fornecida apenas por informantes da faixa etária I, ou seja, é uma preferência dos falantes mais jovens.

4.1.4.4.5 Outras denominações com ocorrência única

Os casos de ocorrências únicas foram arrolados no Quadro 45, a seguir, que informa a localidade/número do ponto e o perfil do informante que forneceu a variante:

[261] Optou-se por escrever a denominação como *pais*, porém não há como assegurar se a grafia é *paz, pas ou pais.*

Quadro 45 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 162/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes.

RESPOSTA ÚNICA	LOCALIDADE	PERFIL DO INFORMANTE
bate prim	Ibitinga – 159	Homem, faixa etária II
Corre-corre	Caraguatatuba – 180	Mulher, faixa etária I
Feda	Adamantina – 162	Homem, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando o registro das variantes cartografadas neste estudo e a presença dessas unidades léxicas em outros trabalhos já concluídos no estado de São Paulo e área de controle, produz-se o Quadro 46:

Quadro 46 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Pega-pega	Pique	Mãe	Rela-rela	Salva	Pais	Barata
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 34 (RIBEIRO *et al*, 1977, s/p).		X					
Atlas Linguístico do Paraná II[262] – carta 313 (AGUILERA, 1994, p. 203.	X	X	X	X	X	X	
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo[263] – carta 082 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 299).	X	X	X	X			
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – carta QSL474a (OLIVEIRA, 2007, p. 233).	X	X			X		X
Falar fluminense[264] (SANTOS, 2016, p 153).	X						
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul[265] - carta 307 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), p. 706.	X		X				X

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

Nota-se que os registros de *pega-pega* e *pique* são recorrentes nos trabalhos examinados. Quanto às demais unidades léxicas, verifica-se que tem ocorrências significativas na região de estudo, pois se repetem em sua maioria em dois ou mais trabalhos analisados, com exceção da variante *pais*.

[262] Duas das denominações assinaladas foram cartografadas com grafias distintas no ALPR: *rela e pai*.
[263] Além de pique, ainda foram registrados no ALTOSP: *pique-salva e pique-bandeira.*
[264] No estudo do falar fluminense foram cartografadas as denominações: *pique-pega e pega-pega* além de *pegador*.
[265] No ALERS foi cartografada a variante *pique (de cola-cola)*.

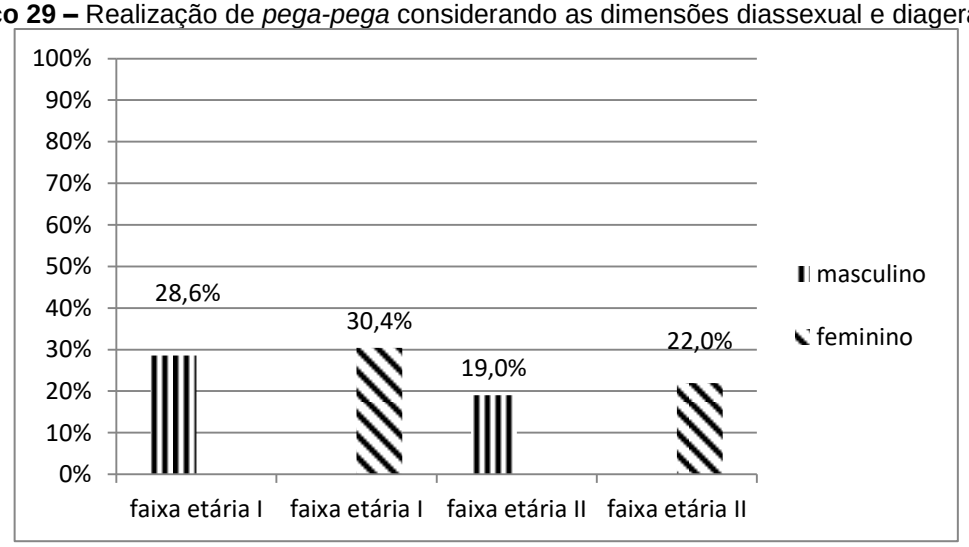
4.1.4.5 Denominações para “pega-pega” – SP/área de controle: variáveis sociais

Na sequência, são analisadas as variantes cartografadas conforme as dimensões diassexual e diageracional.

A respeito das denominações fornecidas para a brincadeira “*pega-pega”* cabe duas observações: i) apesar de claramente anunciada no texto da pergunta como uma brincadeira, muitas vezes, as pessoas acabam nomeando o local em que se está protegido durante a realização do jogo e; ii) apesar da pergunta detalhar os movimentos que são executados na brincadeira, alguns informantes indicam nomes de brincadeiras que parecem não se referir ao conteúdo da questão 162/QSL/ALiB.

Considerando as dimensões diageracional e diassexual, a forma *pega-pega* foi mais recorrente entre os informantes da faixa etária I:

Gráfico 29 – Realização de *pega-pega* considerando as dimensões diassexual e diageracional

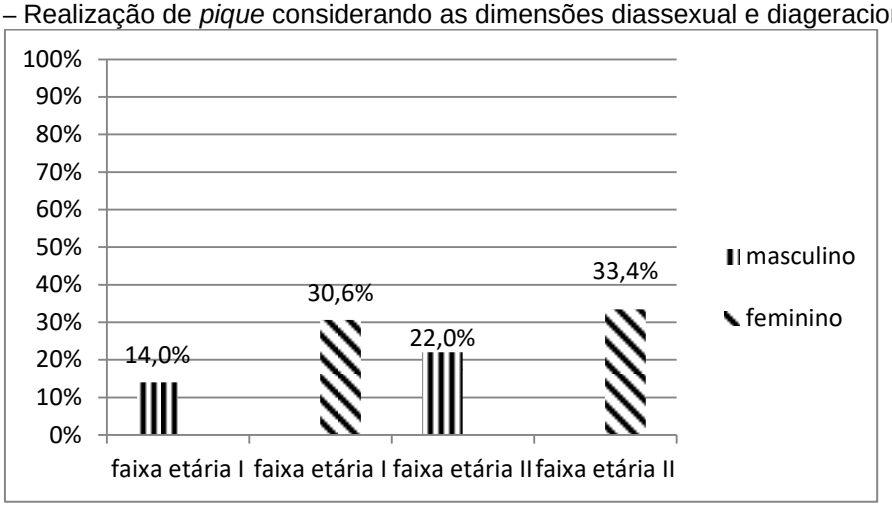


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Pontua-se que 59% das ocorrências de *pega-pega* recaem sobre a faixa etária I e 41% sobre os informantes mais idosos. Por sua vez, observando os sexos, o feminino atinge um maior percentual de 52,4% das respostas.

Em se tratando da variante *pique*, a maior incidência ocorre na fala das mulheres (64%). Quanto à faixa etária, a maior produtividade de *pique* ocorre entre os informantes mais idosos (55,40%), em especial, os informantes do sexo feminino, faixa etária II.

Gráfico 30 – Realização de *pique* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto à denominação *mãe,* a exemplo de *pique*, foi mais produtiva entre as falantes mulheres, faixa etária II. Quanto aos valores percentuais obtidos nas diferentes faixas etárias, atinge-se 54% para os mais jovens e 46% para os mais idosos. As informantes femininas atingiram 69% e os masculinos 31%.

Já, no que diz respeito à denominação *rela-rela*, destacaram-se os informantes do sexo masculino, faixa etária I (55,55%). Essa unidade lexical se diferencia das demais já mencionadas por não ter tido uma ocorrência na faixa etária II, o que indica ser essa variante uma forma inovadora atualizada entre jovens.

Já *salva* parece ser uma preferência do sexo masculino porque não foi mencionada por mulheres. Quanto às faixas etárias, foi registrada em ambas com o mesmo valor percentual (50%). No que tange à variante *pais*, observou-se que a sua produtividade, além de baixa, mostra-se bastante equilibrada, pois foi citada por falantes de ambos os sexos e faixas etárias. O mesmo ocorre com a variante *esconde*.

Quanto às outras denominações, merecem ressalva: i) *barata* que foi citada apenas por falantes de faixa etária I, atingindo valor percentual de 66,67%, número que se repete ao considerar apenas os informantes do sexo masculino.

Ao examinar as denominações com ocorrências únicas, nota-se que foram mais produtivas entre os falantes do sexo masculino (80%) e na faixa etária II (60%).

Na sequência, discutem os dados relativos à questão 163/QSL/ALiB, para posterior análise léxico-semântica e considerações gerais sobre os dados.

4.1.5 Pique

4.1.4.5.1 Pique: “o ponto combinado” na brincadeira

O referente contemplado pela pergunta 163 “Como se chama esse ponto combinado?" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35) é conhecida popularmente como *pique*. Segundo o site do Tesauro[266] de Folclore e Cultura Popular Brasileira, o *pique* é definido como uma:

> brincadeira que consiste basicamente em corridas e perseguições. De modo geral possui os seguintes componentes: o perseguidor, que corre atrás dos outros participantes, e o pique, que pode ser um objeto, um local, uma palavra ou um gesto, com a função de colocar os participantes a salvo da perseguição.

Verifica-se que na descrição do Tesauro, o item lexical *pique* nomeia ao mesmo tempo uma brincadeira e um lugar específico que faz parte dessa brincadeira, ou seja, o nome identifica tanto a brincadeira quanto o espaço físico, em que a criança se encontra protegida durante o entretenimento. A Figura 30 contém crianças buscando atingir o *pique*, no caso, o ponto combinado está representado por uma árvore.

Figura 30 – Crianças buscando o *pique* para a proteção

Fonte: Educolorir (2018)[267].

[266] Informação disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001248.htm>. Acesso em: 18. jun. 2018.
[267] Imagem disponível em: <https://www.educolorir.com/paginas-para-colorir-pega-pega-i27567.html>. Acesso em: 18. jun. 2018.

Na sequência, são analisados os dados relativos aos nomes obtidos para a pergunta 163/QSL/ALiB:

4.1.5.2 *Pique*: os nomes do "ponto combinado" na brincadeira

Considerando o levantamento de dados na área investigada para a questão 163/QSL/ALiB, foram documentadas 28 variantes lexicais como denominação para "esse ponto combinado" na brincadeira "pega-pega" perfazendo um montante de 115 ocorrências. Além disso, houve 78 casos de ausência de resposta[268] (65 no interior de São Paulo e 13 na área de controle). A Tabela 11, a seguir, detalha os dados brutos obtidos:

Tabela 11 – Denominações para "pique" nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	**Área de Controle**	**Total**	
Arraia	0,7%		1	0,5%
Árvore		2,4%	1	0,5%
Bate-cara	1,3%		2	1,0%
Bate-mão	0,7%		1	0,5%
Café-com-leite	0,7%		1	0,5%
Esconderijo	0,7%		1	0,5%
Livre	0,7%		1	0,5%
Lugar onde bate-cara	0,7%		1	0,5%
Mãe	0,7%		1	0,5%
Paredão	0,7%		1	0,5%
Parede		2,4%	1	0,5%
Pau-a-pique		2,4%	1	0,5%
Pico	0,7%		1	0,5%
Pique/piquis	33,8%	50,0%	72	37,3%
Pique-esconde	0,7%		1	0,5%
Pique-nique	0,7%		1	0,5%
Piques	2,0%		3	1,6%
Pique-salva	0,7%		1	0,5%
Ponto	2,0%	2,4%	4	2,1%
Ponto de encontro	0,7%		1	0,5%
Ponto final	1,3%		2	1,0%
Ponto xis	0,7%		1	0,5%
Poste	0,7%	7,1%	4	2,1%
Poste de salvá		2,4%	1	0,5%

[268] Considerando os pontos de inquéritos no estado do RJ, nessa pergunta, em especial, os dados foram bastante prejudicados, pois a pergunta não foi formulada na maioria das localidades.

Pri	0,7%		1	0,5%
Prim	0,7%		1	0,5%
Raia	0,7%		1	0,5%
Rela	0,7%		1	0,5%
Salva	1,3%		2	1,0%
Salva-pega	0,7%		1	0,5%
Santim	0,7%		1	0,5%
Tanda	1,3%		2	1,0%
Não respostas	43,0%	31,0%	78	40,4%
Total	100,0%	100,0%	193	100,0%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados da Tabela 11, demonstram grande variedade de denominações para o local definido como ponto na brincadeira “pega-pega”. Para fins de computação de frequência alguns agrupamentos foram realizados considerando os critérios léxicos, fonéticos, morfológicos ou por associação, o que resultou em seis variantes lexicais agrupadas, listadas considerando a produtividade: *pique, árvore/parede/poste, ponto, bate-cara/mão, salva, pri,* e acrescidos a ela cinco respostas agrupadas como denominações únicas.

No Quadro 47, a seguir, apresentam-se o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados.

Quadro 47 – Agrupamentos de variantes para “o ponto combinado”

Variantes lexicais	Itens agrupados
Pique	Pique, pau a pique, pique-esconde, pique-nique, piques, pique-salva, pico.
Ponto	Ponto, ponto de encontro, ponto final, ponto xis,
Bate-cara/mão	Bate-cara, bate mão, lugar onde bate cara
Salva	Salva, salva-pega
Prim	Pri, prim
Árvore/parede/poste	Poste, poste de salvá, parede, paredão, árvore
Outras denominações com ocorrências únicas	Café-com-leite, livre, mãe, rela, santim

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

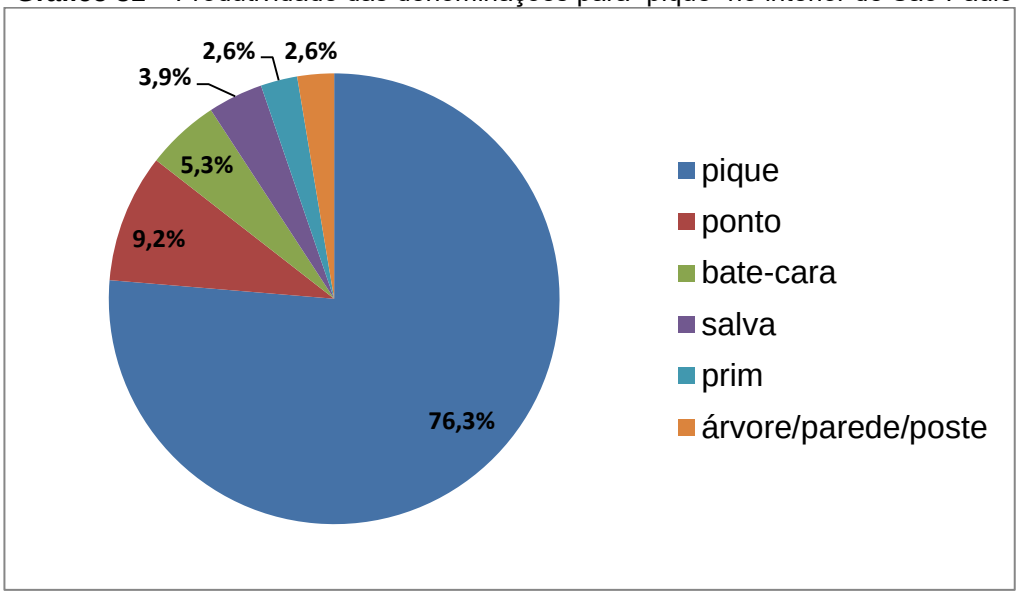
A continuação são discutidos os dados sobre a produtividade das variantes cartografadas conforme a subdivisão dos espaços investigados neste trabalho: i) o estado de São Paulo e ii) a área de controle.

4.1.5.3 Produtividade das variantes

Considerando os dados discutidos e a Tabela 11 é possível notar a superioridade da denominação *pique* na área investigada, com percentuais bastante

significativos e crescentes nos diferentes agrupamentos territoriais analisados. Quanto aos dados obtidos no interior de São Paulo, há uma grande variedade de denominações, porém a mais produtiva é a denominação *pique*[269] como atesta o Gráfico 31:

Gráfico 31 – Produtividade das denominações para "pique" no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com os dados do Gráfico 31, nota-se que no interior do estado a preferência pela denominação *pique* foi significativa concorrendo com denominações com percentuais abaixo de 10% (ponto, bate-cara, salva, pri, árvore/poste/parede). Na sequência, a Tabela 12 informa a produtividade das denominações cartografadas conforme as mesorregiões do IBGE.

[269] A unidade léxica *pique* também é a mais produtiva na capital, alçando 54% dos registros, seguida pelas denominações *árvore/parede/poste e pega-pega.*

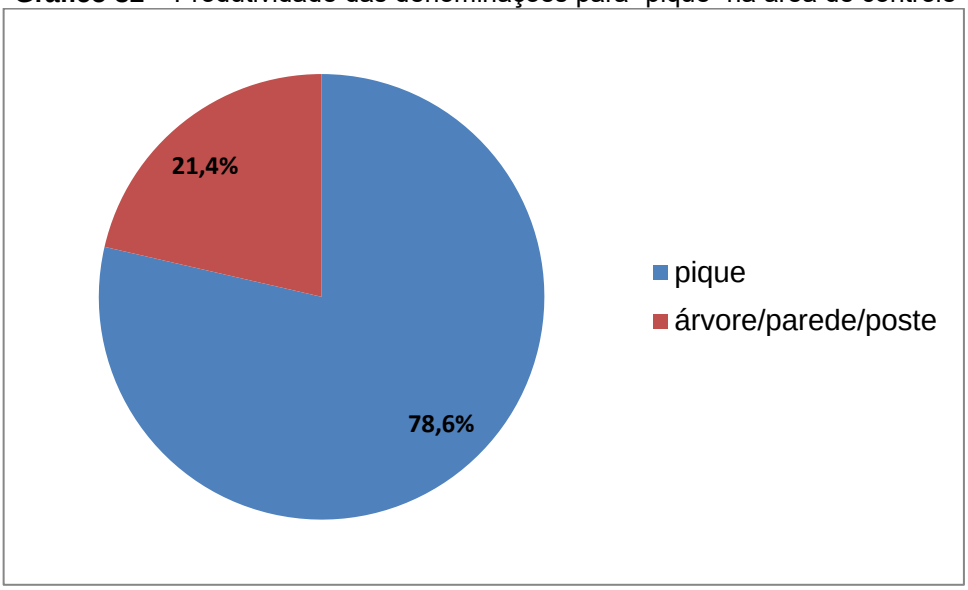
Tabela 12 – Produtividade das denominações para “pique”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

VARIANTES	Pique (%)	Árvore/ Poste/ parede (%)	Ponto (%)	Bate-cara/ Mão (%)	Salva (%)	Raia (%)	Pri (%)	Pega-pega (%)	Tanda (%)
Araçatuba	6,3	0,0	14,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Araraquara	4,8	0,0	14,2	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
Assis	4,8	0,0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	7,9	20,0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Campinas	7,9	0,0	0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Itapetininga	9,5	0,0	42,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Litoral Sul Paulista	9,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Macrom. Paulista	3,2	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0
Marília	6,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	11,1	60,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Piracicaba	0,0	0,0	0,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Presidente Prudente	11,1	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	7,9	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	4,8	20,0	14,2	25,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	4,8	0,0	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados da área de controle, a predominância de *pique* ainda está mais acentuada, pois atingiu 78% das respostas obtidas concorrendo apenas com as denominações *árvore/parede/poste*, como atesta o Gráfico 32:

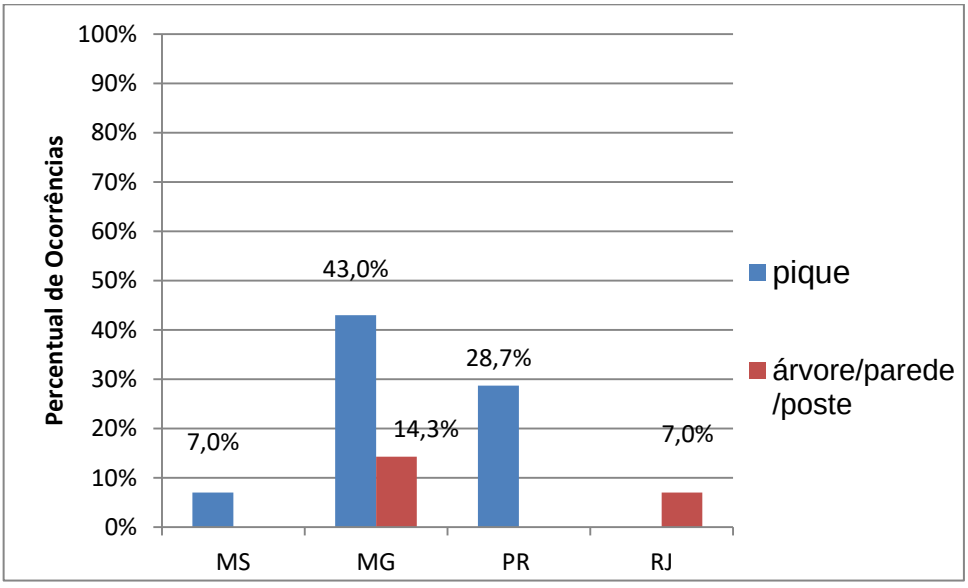
Gráfico 32 – Produtividade das denominações para “pique” na área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verificando os gráficos apresentados para a análise dessa questão é nítida a supremacia da denominação *pique* como resposta mais produtiva para a questão 163/QSL/ALiB em toda a área investigada. Considerando os dados dos estados, de modo individual, verifica-se que a maior incidência de *pique* ocorre no estado de Minas Gerais, conforme o Gráfico 33:

Gráfico 33 – Produtividade das denominações para “pique” segundo a unidade da federação/ área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se que *pique* foi registrado em três estados da área de controle. Essa informação foi prejudicada, como já comentado, pois a pergunta só foi formulada em dois inquéritos, sendo que apenas um informante forneceu resposta.

Tendo em vista, os dados descritos, visualize as cartas 5a e 5b que exibem, respectivamente, a distribuição diatópica para o “pique” no interior do estado de São Paulo e na área de controle, considerando apenas as quatro variantes mais produtivas.

Carta 5a – Denominações para “pique” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 163 – “Como se chama esse ponto combinado?”

Denominações únicas: Café-com-leite (Sorocaba – ponto 178, informante do sexo masculino, faixa etária I), livre (Capão Bonito – ponto 182, informante do sexo masculino, faixa etária II), mãe (Registro – ponto 186, informante do sexo feminino, faixa etária II), rela (Bernardino de Campos – ponto 170, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:

“INQ.- Tem um nome aquele ponto ali, a sehora sabe?/INF.- Eles chega, ba, bati a mão... fala assim: “Bati no, no prim./ INQ.- E a brincadeira, a senhora lembra o nome?/ INF.- Pega-pega (Ibitinga – ponto 159, informante do sexo feminino, faixa etária II).

INQ.- E o ponto combinado?

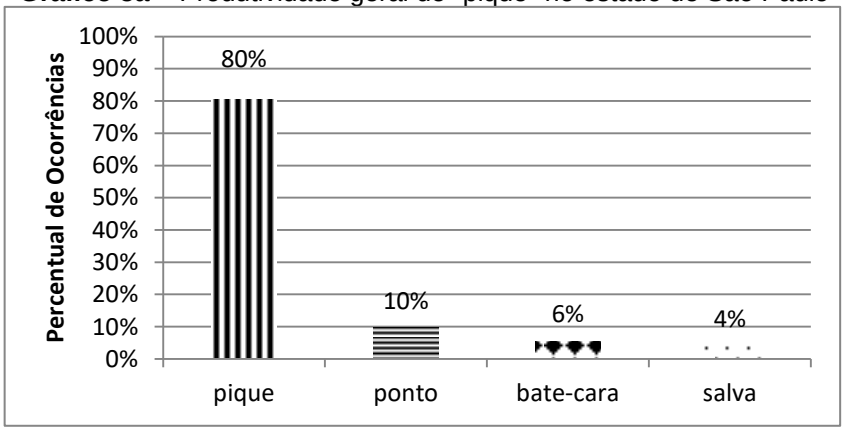
INF.- É o pique. O ponto é o pique que não pode pegá aí você corre aqui” (Mococa – ponto 160, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Variantes agrupadas a cada item léxico:

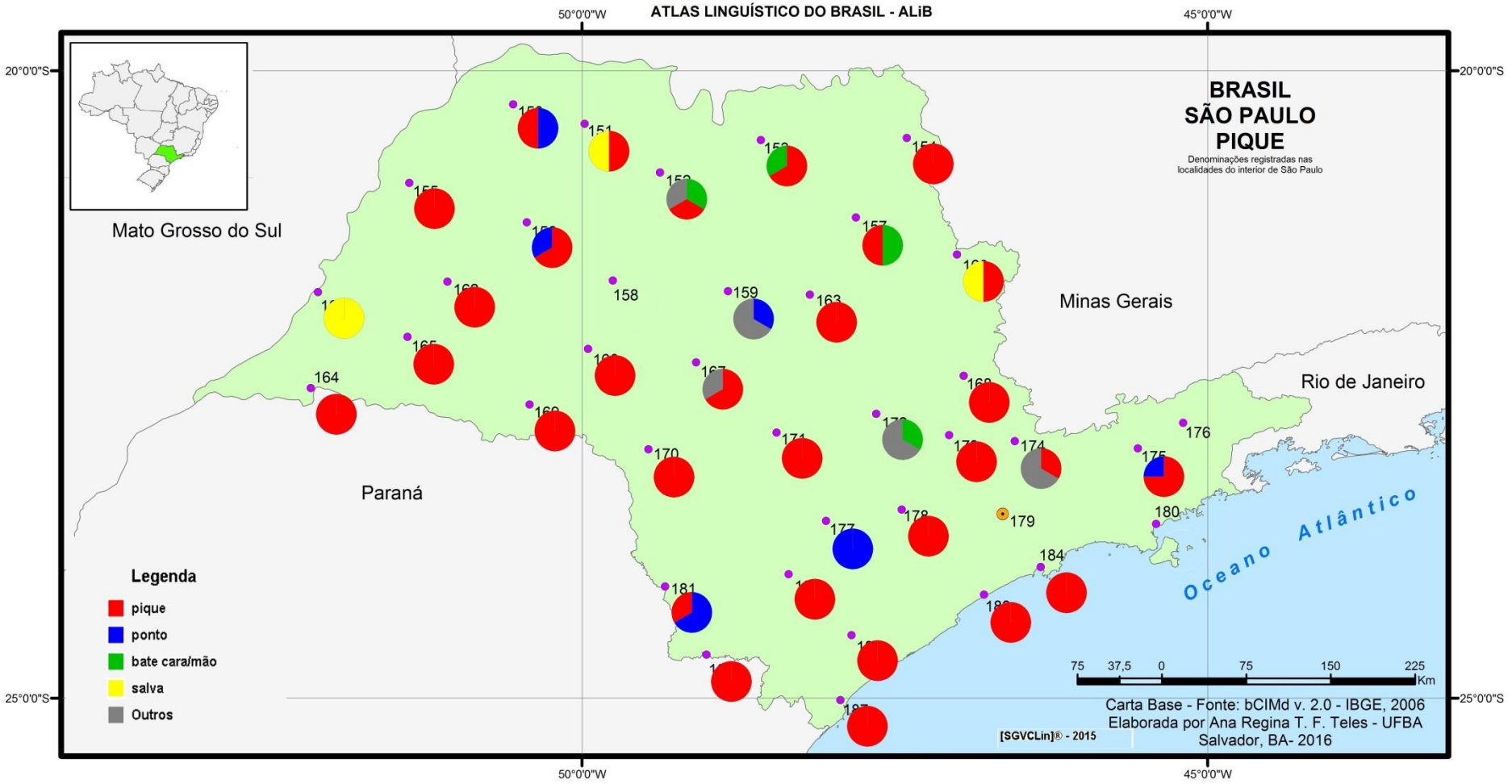
Pique: pique, pau a pique, pique-esconde, pique-nique, piques, pique-salva, pico.
Árvore/parede/poste: poste, poste de salvá, parede, paredão, árvore.
Ponto: ponto, ponto de encontro, ponto final, ponto xis.
Bate-cara/mão: bate-cara, bate mão, lugar onde bate cara.
Salva: salva, salva-pega.
Prim: pri, prim.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 5a – Produtividade geral de "pique" no estado de São Paulo



Carta 5a – Denominações para “pique” no estado de São Paulo



“Como se chama esse ponto combinado?” - 163/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 5b – Denominações para “pique” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 163 – Como se chama esse ponto combinado?

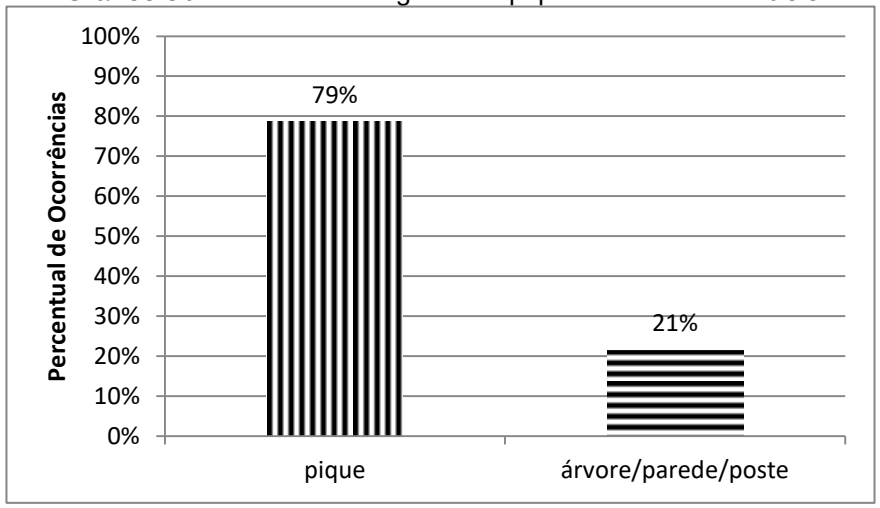
Denominações únicas: santim (Caraguatatuba – ponto 180, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:

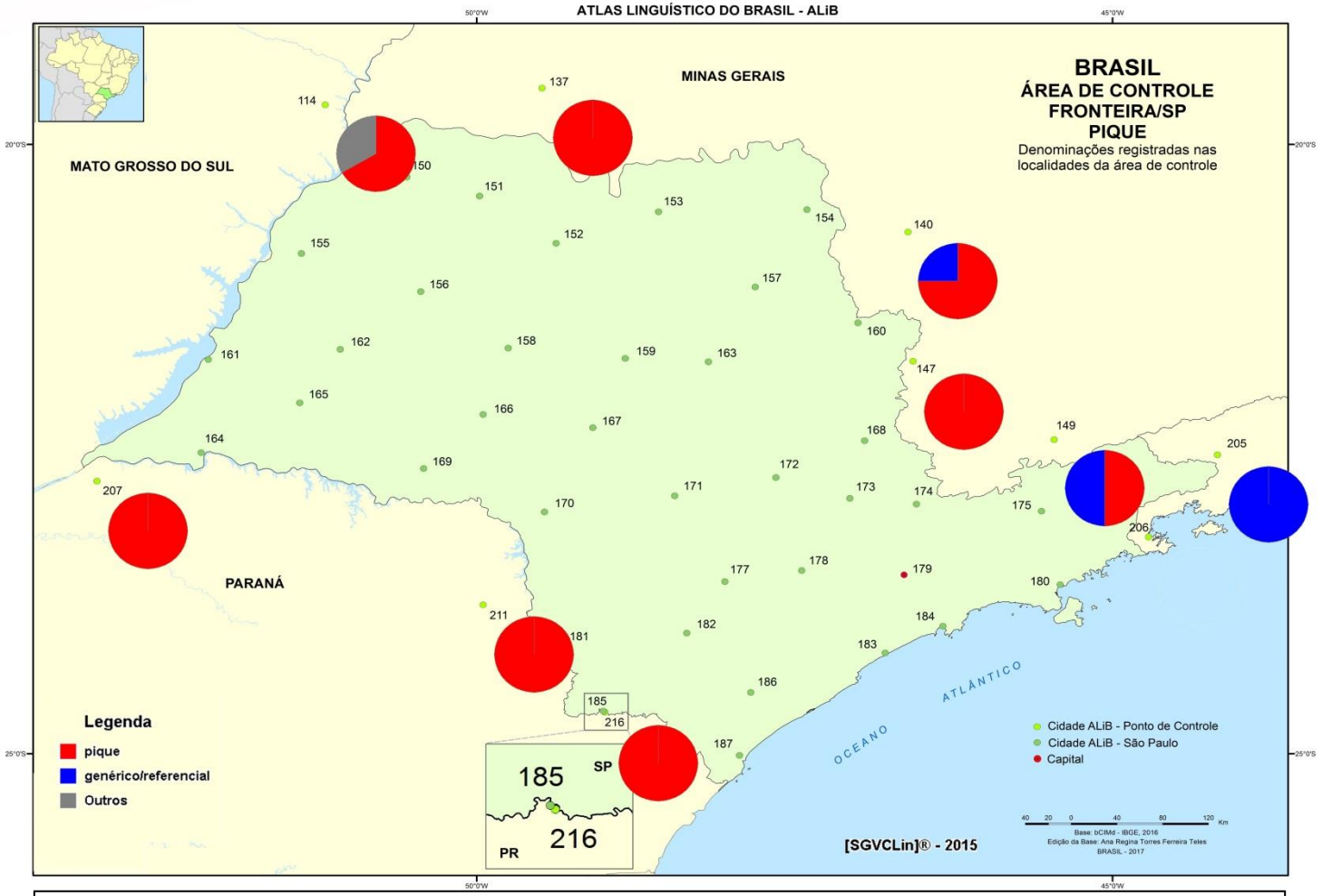
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Pique: pique, pau a pique, pique-esconde, pique-nique, piques, pique-salva, pico.
Árvore/parede/poste: poste, poste de salvá, parede, paredão, árvore.
Ponto: ponto, ponto de encontro, ponto final, ponto xis.
Bate-cara/mão: bate-cara, bate mão, lugar onde bate cara.
Salva: salva, salva-pega.
Prim: pri, prim.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 5b – Produtividade geral de “pique” na área de controle



Carta 5b – Denominações para “pique” na área de controle



“Como se chama esse ponto combinado?” - 163/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

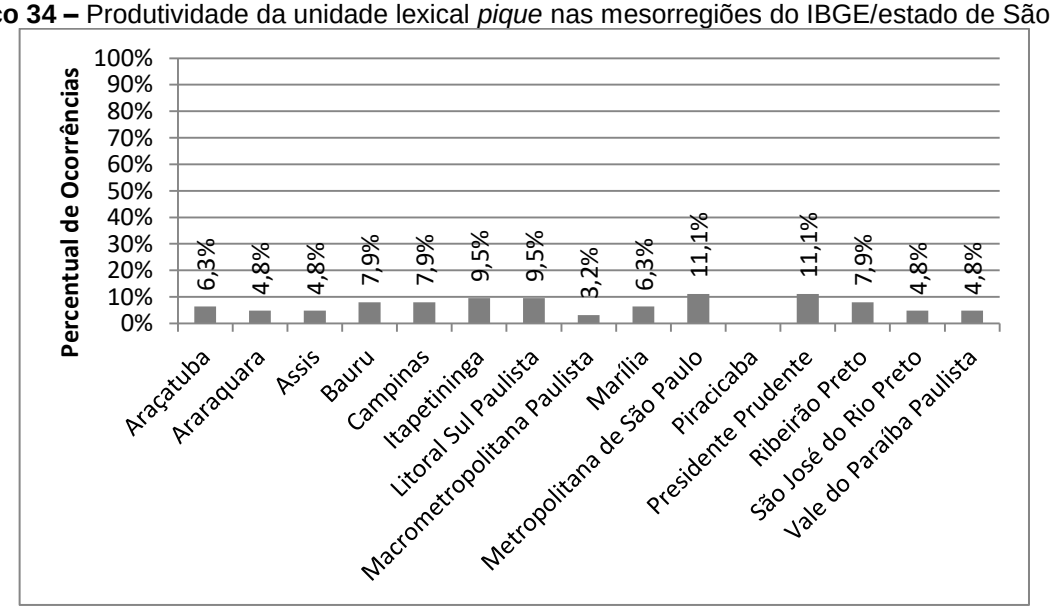
4.1.5.4 Análise diatópica das denominações para “pique”

A análise das denominações fornecidas pelos informantes é apresentada de acordo com a produtividade de cada variante, em ordem decrescente, priorizando os dados obtidos no estado de São Paulo.

4.1.5.4.1 Unidade lexical: *pique*

O item lexical *pique* teve alta produtividade e foi registrada em todas as localidades investigadas no estado de São Paulo, exceto na mesorregião de Piracicaba, como pode ser verificado no Gráfico 34:

Gráfico 34 – Produtividade da unidade lexical *pique* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

No Gráfico 34, observa-se que, nas mesorregiões de Presidente Prudente e Metropolitana de São Paulo, a unidade lexical *pique* atingiu maior produtividade. Já na área de controle, a denominação foi fornecida pelos informantes de todos os estados, com exceção dos entrevistados do Rio de Janeiro.

Considerando os dados já cartografados sobre a questão 163/QSL/ALiB, verifica-se que a unidade lexical *pique* foi a mais produtiva na área do falar fluminense (SANTOS, 2016, p. 158). Ainda, nessa carta, destaca-se o alto número de abstenção de respostas, indicada por X (não obtida)[270].

Um número considerável de abstenção também é indicada pela carta extraída do Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP (SANTOS-

[270] O autor, por decisão metodológica, opta por registrar as abstenções nas cartas.

IKEUCHI, 2014). Além disso, nota-se que a denominação *pique* é a mais produtiva, sendo registrada em todos os pontos de inquérito.

O registro de *pique* ainda é cartografado no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; ALTHENHOFEN; KLASSMANN, 2011) como a segunda variante mais produtiva.

Na sequência, discute-se a variante *ponto*.

4.1.5.4.2 Unidade lexical: *ponto*

O item lexical *ponto* teve ocorrências em algumas mesorregiões paulistas, com destaque para a de Itapetininga em que é registrada com um maior número de ocorrências. Nas demais mesorregiões (Araçatuba, Araraquara, São José do Rio Preto e Vale do Paraíba Paulista) houve apenas um registro de *ponto.*

Na sequência discute-se a denominação *bate-cara/bate-mão*.

4.1.5.4.3 Unidade lexical: *bate-cara/bate-mão*

O item lexical *bate-cara/bate-mão* foi uma denominação com produtividade restrita ao estado de São Paulo, sendo registrada em três mesorregiões: São José do Rio Preto, Ribeirão Preto e Piracicaba.

Ao verificar o histórico das localidades, nota-se que Ribeirão Preto e São José do Rio Preto aproximam-se por serem terras que foram utilizadas para o cultivo do café, após a diminuição dessas plantações no Vale do Paraíba.

Na sequência, discute-se a denominação *salva*.

4.1.5.4.4 Unidade lexical: *salva, prim, árvore/parede/poste*

O item lexical *salva* foi resposta fornecida apenas em três mesorregiões paulistas, respectivamente: São José do Rio Preto, Campinas e Presidente Prudente. Apesar das localidades serem distantes entre si, verifica-se que as cidades encontram-se próximas à divisa estadual de Minas Gerais e Paraná.

A denominação *salva* também foi cartografada na carta 083, do Atlas Liguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014), nas localidades de: 1- Andradina, 2- Adamantina e 4 - Presidente Epitácio com apenas uma ocorrência por ponto de inquérito. Ainda sobre a carta 083, informa-se que a denominação foi obtida apenas nas entrevistas com informantes do sexo masculino.

O item lexical *prim*, como já antecipado, teve registro apenas na mesorregião de Araraquara, na cidade de Ibitinga (ponto 159). Apesar de ser documentada em apenas um município, não há semelhança entre as características sociais dos informantes que forneceram essa resposta.

A denominação *árvore/parede/poste* foram agrupadas, pois, essas unidades léxicas configuram-se como resposta, porém entende-se que não nomeiam o nome do lugar na brincadeira, e sim, o nome físico do local.

Considerando a documentação dessas denominações, registra-se que figuram em três mesorregiões paulistas: Metropolitana de São Paulo, Bauru e São José do Rio Preto. Por sua vez, na área de controle registram-se nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

4.1.5.4.5 Outras denominações com ocorrências únicas

Os casos de ocorrências únicas foram registradas no Quadro 48**,** com informações complementares sobre o perfil do informante e a localidade em que foram fornecidas:

Quadro 48 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 163/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

RESPOSTA ÚNICA	LOCALIDADE – Ponto	PERFIL DO INFORMANTE
Café com leite	Sorocaba-178	Homem, faixa etária I
Livre	Capão Bonito – 182	Homem, faixa etária II
Mãe	Registro – 186	Mulher, faixa etária II
Rela	Bernardino de Campos – 170	Mulher, faixa etária I
Santim	Caraguatatuba – 180	Mulher, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Tendo em vista as variantes produtivas neste estudo e as registradas em outros trabalhos dialetais selecionados para o cotejo de dados, produziu-se o Quadro 49:

Quadro 49 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Pique	Ponto	Salva
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 083 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 301).	X		X
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p. 158).	X		
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - carta 308 (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) p.708 .	X		

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados dos trabalhos referenciados.

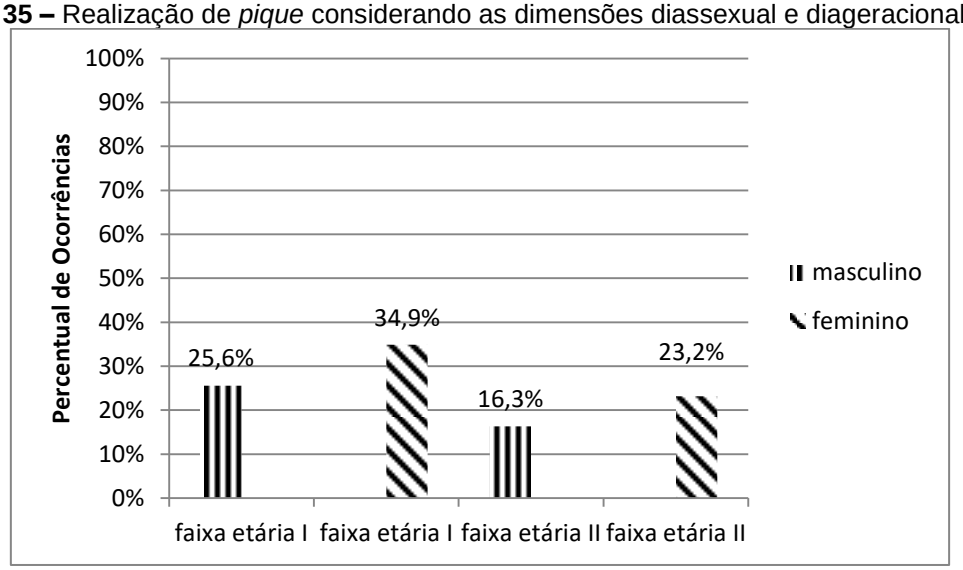
No Quadro 49 verifica-se que poucas cartas foram produzidas com a denominações para “o ponto combinado” na brincadeira do “pega-pega”.

4.1.5.5 Denominações para “pique” – SP/área de controle: variáveis sociais

A continuação são analisadas as denominações cartografadas considerando as dimensões sociais (diassexual, diageracional).

Ao verificar os dados obtidos para a questão 163/QSL/ALiB, nota-se que as respostas foram informadas tanto por homens quanto por mulheres, nas duas faixas etárias selecionadas. No entanto, ao analisar a unidade lexical *pique* sua produtividade tem maior representatividade na fala dos informantes do sexo feminino, como atesta o Gráfico 35, a seguir:

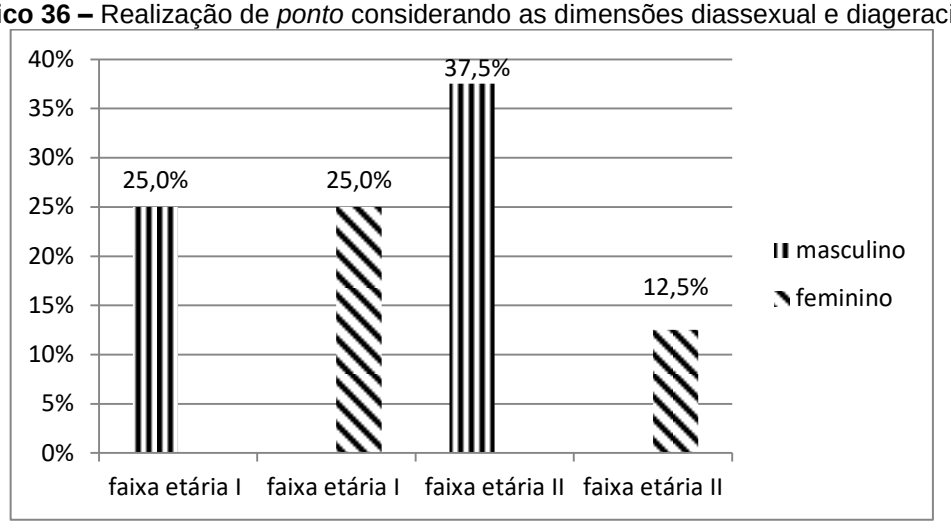
Gráfico 35 – Realização de *pique* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as faixas etárias investigadas, observa-se que as informantes da faixa etária I (60,5%) foram as que mais indicaram *pique* como resposta. Já *ponto* foi indicado pelos informantes do sexo masculino (62,5%) enquanto as mulheres atingiram um percentual menor (37,5%). Considerando as faixas etárias I e II, os resultados para *ponto* foram semelhantes.

Gráfico 36 – Realização de *ponto* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto às denominações agrupadas como *árvore/parede/poste* ocorreram de modo equilibrado entre os sexos e faixas etárias investigadas, computando um valor percentual de 45,5% para os informantes mais jovens e 54,5% para os mais idosos. Quanto ao sexo, os percentuais se mantem, indicando 54,5% para os entrevistados homens e 45,5% para as mulheres.

Considerando a denominação *bate-cara*, verifica-se que foi preferida por informantes do sexo feminino, quanto às faixas etárias destacou-se entre os mais jovens, sendo que em ambas as características atingiram 75% das ocorrências.

Quanto à denominação *salva,* apenas um perfil indicou essa resposta, no caso, os informantes do sexo masculino, faixa etária I.

Em relação às denominações únicas, pontua-se que a maioria dos informantes que indicaram essas respostas pertencem ao sexo feminino (60%) e quanto às faixas etárias, as ocorrências únicas registraram maior percentual entre os informantes mais jovens (60%).

A seguir, analisam-se as variantes obtidas para nomear “a brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance o ponto combinado?” (162/QSL/ALiB) e os designativos para o “ponto combinado?” (163/QSL/ALiB).

4.1.5.6 Análise léxico-semântica

Para fins de análise léxico-semântica, a exemplo das perguntas anteriores, variantes documentadas e validadas foram agrupadas seguindo alguns processos associativos. Para tanto, foram considerados o sema comum em um conjunto de

variantes ou mesmo alguma possibilidade de combinação entre elas. Neste caso, priorizou-se o conteúdo expresso nas perguntas analisadas: 162 e 163/QSL/ALiB, que são relacionadas entre si. O Quadro 50 sintetiza possíveis associações entre o conteúdo semântico das variantes em estudo:

Quadro 50 – Distribuição das denominações para *pega-pega* e *pique*, segundo os processos associativos que relacionam as perguntas 162 e 163

	Traços semânticos/ texto das perguntas 162 e 163	**Processos associativos**	**Relação**	**Denominações para QSL/162**	**Denominações para QSL/163**
162	Uma **brincadeira** em que uma criança corre atrás das outras **para tocar em uma delas**, antes que alcance um ponto combinado?	Ações que se relacionam diretamente ao modo de executar a brincadeira	Execução da brincadeira	Pega-pega Pique Rela-rela Duro e mole Bate prim Corre-corre	--
		Brincadeiras de modo geral	Nomes de brincadeiras	Esconde Soldado-ladrão Feda	Pega-pega rela salva
163	Como se chama esse **ponto combinado**?	Resultado de estar no ponto combinado	Relação desempenhada pela pessoa ao tocar no ponto combinado	Salva Mãe Pais	Salva Livre Mãe Santim Café-com-leite
		Brincadeiras que possuem um ponto combinado	Local possível indicado como "ponto combinado"	Pique	Pique Árvore/parede/poste Ponto Prim Bate-cara/bate-mão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Com base no Quadro 50, pontua-se que, os agrupamentos foram realizados segundo o conteúdo das perguntas 162 e 163/QSL/ALiB, cujos conteúdos estão diretamente associados, pois uma refere-se à brincadeira (162) e, a outra, a um local específico que faz parte da execução do entretenimento (163).

Ainda notou-se que algumas denominações não se enquadravam na associação entre as perguntas assinaladas, como é o caso da variante *barata* que, possivelmente, foi motivada pelo nome do animal (zoomorfismo).

Para a realização desses agrupamentos, foram consultados dicionários de língua portuguesa de diferentes épocas. Ao verificar essas obras, informa-se que *piques* está dicionarizada como algum tipo de entretenimento:

> no jogo dos centos, he quando o que he de mão póde contar trintra pontos, tem q a pessoa, com quem joga, conte algum, porque então em lugar de trinta conta sessenta. Neste sentido tomamos pique, ou dos castelhanos que chamao ao mesmo jogo piquet (BLUTEAU, 1712-1728).

Em Silva (1813), há o acréscimo de informações, como: “Pique, no jogo dos centos, é contar um parceiro 60, tendo só 30 e o outro nada [...] Piques: jogo de quatro parceiros aos dois, dão-se nove cartas”.

Quanto às demais denominações, em Silva (1813) ainda destaca-se a entrada lívre indicada como “salvo do perigo”. Adverte-se que essa acepção, apesar de não referir-se ao universo lúdico, retrata a situação em que se encontra a criança ao tocar no ponto combinado e livrar-se do castigo ou de ser pega.

Quanto aos dicionários contemporâneos, há o registro das denominações documentadas que contemplam os referentes solicitados nas perguntas 162 e 163/QSL/ALiB, como atesta o Quadro 51:

Quadro 51 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira “pique” e/ou “ponto combinado” registradas nos dicionários gerais do século XX

Dicionários	**Aulete (2006)**	**Houaiss (2009)**	**Ferreira (2010)**
Pega-pega	**“o m.q. pique (brincadeira infantil)”.**	“Rubrica: ludologia.m.q. **1pique ('brincadeira infantil')”.**	“**Bras. V. pique**”
Pique	“**1. Bras. Lud. Brincadeira infantil em que uma criança deve pegar uma das restantes, antes que alcancem certo local (o pique);** ANGAPANGA; BOTA; PEGA; PEGADOR; PEGA-PEGA. **Bras. O lugar** aonde essas crianças têm de chegar para não serem pegas”.	**“brincadeira infantil em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s),** o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo, onde se está a salvo; pega-pega. Derivação: por metonímia. Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. **o lugar** em que os participantes dessa brincadeira estão a salvo; bandeira-vogais, bota, ganzola”.	“**3. Bras. Brinquedo infantil em que uma criança tem de pegar alguma das outras antes que esta chegue a certo ponto determinado - o pique**. [Sin. (bras)nesta acepção.: angapanga, maria-macumbé, pegador, pega-pega}. 4. Bras. P. ext. **O local** que os que estão brincando de pique têm de alcançar antes de ser pegados”.
Ponto	“**Lugar determinado ou fixado** (ponto de encontro)”.	“**Lugar determinado [...],** suspensão de um processo qualquer; fim, parada, ponto final”.	“**Lugar fixo e determinado”.**

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Considerando as demais denominações, em Ferreira (2010) encontram-se dois registros, respectivamente de *salva*, definida como: “[...] série consecutiva de chutes a gol” e do verbo *relar* que também indica entretenimento diverso: “Int. 2 Jogar o ás sobre a carta sete, no jogo de bisca”. Logo, as acepções dicionarizadas não contemplam a atribuída a *salva* pelos informantes do ALiB, apesar de denominarem diversões que podem ser praticadas por crianças.

Ainda destacam-se as denominações que se referem ao ato de estar no ponto combinado, impossibilitada de que seja tocada pela criança que está pegando, no caso as unidades lexicais: *livre e salva*. Quanto à *livre* é definido como: [...] que é senhor de si e de suas ações; [...] isento de restrições controle ou limitações; [...] desprovido, isento" (HOUAISS, 2002). E*,* ao considerar o verbo *salvar*, entende-se que a pessoa ao salvar, acaba por “tirar ou livrar (alguém, algo ou a si mesmo) de perigo, dificuldades etc. [...] conservar(-se) salvo ou intacto; defender (-se), resguardar(-se)” (HOUAISS, 2002). Provavelmente, nesses casos*,* o informante relacionou o nome da brincadeira ou local como o espaço para ficar protegido durante a realização da brincadeira, sem poder ser tocado.

Considerando o sema “proteção”, ainda registra-se a denominação *mãe* indicada pela seguinte definição: “mulher que deu à luz, que cria ou criou um ou mais filhos. **2** fêmea de animal que teve crias ou que cuida ou cuidou delas (HOUAISS, 2002). Também*,* a unidade lexical *pais* recupera o sema “proteção”: “O pai e a mãe. Antepassados, ancestrais. V. pai (FERREIRA, 2010).

No dicionário etimológico Nova Fronteira (CUNHA, 1986), as denominações documentadas se dividem em três grupos: i) as que remetem ao resultado de estar no ponto combinado indicadas com acepções semelhantes as que estão nos dicionários gerais; ii) as que estão indicadas ou originadas de um verbo[271], como: pegar (remetendo a pega-pega), bater (bate-prim), correr (corre-corre), esconder (esconde), passar (passa-anel), salvar (salva), boa parte delas relacionadas com alguma ação (de modo geral) e, iii) as que se relacionam com algum animal, como: *rela-rela* (sf. perereca, 1813)[272], *barata* (sf. inseto [...] XVI).

Algumas denominações fornecidas para nomear “o ponto combinado” 163/QSL/ALiB, apesar de não dicionarizadas são passíveis de associação à

[271] Tendo em vista as acepções registradas nos dicionários gerais, é preciso considerar a questão de alguns verbos presentes nas denominações e/ou que as integram, como é o caso de *relar, esconder e corre-corre* que indicam ações que fazem parte da brincadeira.
[272] Do lat. ranella, diminutivo de rana, em vez de ranula, pelo arc. *raela.

pergunta, pois tem significado que, por extensão, pode se relacionar à função desse local. Nesse caso, é possível dividi-las em grupos:

i) referencial, pois são lugares pré-determinados, no caso: árvore, poste e parede quando da realização da brincadeira;

ii) "bate-cara/mão, lugar" (ponto combinado) que se pode encostar parte do corpo, no caso o rosto (cara) ou mão durante a realização da brincadeira;

iii) lugares que progressivamente indiquem neutralidade na brincadeira e/ou que se encontre protegido quando da realização da brincadeira, no caso transmitindo as sensações de ser *salva* e, consequentemente, *livre*, ou ainda, de estar neutro, no caso *café-com-leite*. Ainda como indicativo de proteção mais eficiente, indicam-se as denominações: *mãe*, *santim* e *pai* respectivamente que remete a figura materna, consequentemente: "Instituição ou pessoa muito dedicada, generosa, benfazeja, ou que ampara quando é necessário (AULETE, 2006); *santim*, palavra que provavelmente remete a santo, definida como, algo "que não deve ser infringido, desrespeitado" (AULETE, 2006), ou seja, a pessoa que está no lugar do santim ou no lugar assim nomeado não pode ser tocado e *pai* "[...] "genitor, progenitor" (AULETE, 2006).

Quanto as denominações que indicam proteção ou liberdade: Cunha (1986) registra as unidades léxicas: *Salvar*: "tirar ou livrar (de ruína ou perigo), conservar, salvaguardar, XIII Do lat. Salvare" e livre: "que não está sujeito a algum senhor', 'não ocupado, solto, descomedido, espontâneo, XIIII libre XIII, Do lat. Libêr". Essa associação à proteção se torna mais intensa ao pesquisar a denominação *santim*, registrada como santo: "sagrado' 'que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina' 'segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um dos seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina' XIII. Do lat. Sanctus-a-um". No caso, permitindo uma possível relação com o fato de que a pessoa está protegida por Deus.

O Dicionário do Folclore registra também: ii) unidades léxicas que seriam indicadas como resultado de estar no ponto combinado, respectivamente: *salva* como manifestação folclórica, *pai* (pais) como figura de chefe e também de genitor: "[...] O pai, como gerador, fecundador, dizia-se em sânscrito ganitar, e como protetor e defensor pitar... Pai é o mantenedor, protetor, guerreiro que caça e guarda a prole

[...]" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 518) e *mãe* é definida no Dicionário do Folclore como: "Igualmente um tabu verbal" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 412), o verbete é caracterizado pelo respeito em invocar o nome materno e remete a figura da Virgem Maria. Verifica-se que apenas as unidades léxicas *mãe* e *pais* podem se relacionar a um possível significado de proteção, situação a que a criança que executa a brincadeira estará suscetível ao atingir o ponto combinado do entretenimento infantil e ii) alguns verbos que compõem unidades lexicais em exame, como esconder (esconde), bater (bate prim), sem referir-se a brincadeiras, os demais registros foram divididos em dois grupos, além de fazer remissão a *boi* com possível significado que descreva o valor desse animal em algumas culturas.

Além disso, o dicionário do Folclore (CÂMARA CASCUDO, 2012) documenta a denominação *pique* como sinonímia de Maria Macumbé, que, por sua vez, é definida como: "Brinquedo infantil, que consiste em esconderem-se as crianças para que uma, que fica de costas ou de olhos vendados, as procure e agarre alguma" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 434).

Verifica-se que essa descrição corresponde ao referente descrito no texto da pergunta 162/QSL/ALiB. Registram-se, ainda, com acepção de entretenimento, as denominações *fede (feda)* que remetem a entrada jogo de baralho. Como pode se notar, a descrição não se refere ao brinquedo/brincadeira solicitada no questionário semântico-lexical 162 e 163/QSL/ALiB, porém foi confirmada como sinônimo da brincadeira "pega-pega" pelo informante.

Na sequência, destacam-se alguns fragmentos da transcrição de entrevistas com intuito de elucidar alguns dos processos de nomeação utilizados pelos informantes e/ou destacar informações sobre o entretenimento. Iniciam-se as exposições pela brincadeira do "pega-pega".

i) Descrição da brincadeira do *pega-pega*:

> INF.- Então, esse aí é o pique um dois, três, né? Batê na... nas costas da fulana, fala: "Te peguei, pique." Agora quando a pessoa a pessoa chegava e... o... a pessoa não tava no pique, chegava lá e batia o pique, então quer dizer que num era pego (Araçatuba, ponto 156, informante do sexo feminino, faixa etária II).

ii) A brincadeira recebeu nomes diversos, muitas vezes com ocorrência única, porém, em sua maioria, confirmados pelos informantes, no caso: i) *boi,* ii) *feda,* iii) *salva e* iv) *soldado-ladrão*.

INF.- Eh pega, né? Pegá boi, brincadera de boi.
INQ.- Ah, de boi? Ah, tá.
INF.- Tem que pegá, né? Esse negócio, né? Aí bate "boi..." num sei o quê assim que falava, algumas, né.
INQ.- O senhor brincava disso?
INF.- Ah, de vez em quando, né (Taubaté, ponto 175, informante do sexo masculino, faixa etária II).

INF.- pega-pega é feda.
[...]
INF.- Não. A brincadera tem rela-rela tamém, né?
INQ.- Como que é o rela-rela?
INF.- É essa mesma brincadera, né?
INQ.- Como que é?
INF.- De pega-pega.
INQ.- A de pega-pega.
INF.- Memo nome né? Pega-pega, é... rela-rela né?
INQ.- E o feda?
INF.- E o feda.
INQ.- São todos iguais?
INF.- É (Adamantina, ponto 162, informante do sexo masculino, faixa etária I).

INF. Pega-pega
[...]
INF.- Salva.
INQ.- Ah! A brincadeira chama salva?
INF.- Isso.
[...] INF.- Vai pegando o cara e o cara fica ali, né? Todo mundo fica no poste e outro vem e salva (Presidente Epitácio, ponto 161, informante do sexo masculino, faixa etária II).

INF.- Pega-pega?
INQ.- E esse pega-pega tem um lugar combinado não tem?
INF.- É um tempo, a gente falava soldado-ladrão e, às vezes, pega-pega.
INQ.- Pega-pega, né?
INF.- Isso.
INQ.- E o soldado-ladrão é o mesmo?
INF.- É o mesmo (Poços de Caldas, ponto 147, informante do sexo masculino, faixa etária I).

iv) Ainda como denominação para "pega-pega", as respostas *pais e mãe* para a brincadeira 162/QSL/ALiB foram justificados por meio de descrição ou por sinonímia:

INF.- Então, esse é o pega-pega, né?
INQ.- Já ouviu outro nome também?
INF.- Brincá de pais, ele fala. "Vamô brincá de pais?" Aí um fica encostado, aí os otos sai. Aí, fala: "Pronto, pode vim". Aí ele vai correndo pegá (Piracicaba, ponto 172, informante do sexo masculino, faixa etária I).

INQ. [...] E o nome da brincadeira que eles brincam assim, um fica correndo atrás do outro. Daí eles encostam no lugar.
INF.- Ah, esse aí es' também falavam: "Vamo brincá de mãe?" (Ribeira, ponto 185, informante do sexo feminino, faixa etária I).

INF.- A mãe, eles falam mãe. "Ah, tá na mãe!" não pode pegar.
INQ.- Então aquele ponto combinado chama mãe?
INF.- É mãe, é a mãe, encostou ali não pode pegá.
INQ.- E eles estão brincando do quê?
INF.- Eles tão brincando de, de... de, de como que é? De corrê, tão brincano de corrê, não tem outro nome. "Vamo brincá de mãe", eles falam: "Vamo brincá de mãe", é brincá de mãe, aí saia correno chega lá não pudia encostá porque tava, né?
INQ.- Estava na mãe.
INF.- Tava na mãe (Registro, ponto 186, informante do sexo feminino, faixa etária II).

INF. Mãe... um corre, é a mãe... aquele que se eu esbarrar em você, você passa a ser a mãe e eu passo a correr, e assim por diante, um atrás do outro (Adrianópolis, ponto 216, informante do sexo masculino, faixa etária II).

INF. Brincar de mãe, brincar de pega-pega, só o que eu sei!
INQ. Pega-pega e mãe é a mesma coisa?
INF. É.... Brinca de mãe, ele diz mãe... se ele pegar esbarra o dedo antes de chegar no pique, porque tem o pique ou se não tem daquela de se abaixar... porque não pode por a mão naquele de abaixar ou pegar onde eles marcaram para pegar (Adrianópolis, ponto 216, informante do sexo feminino, faixa etária II).

iv) A unidade lexical *barata*, assim explicada pelos informantes:

INF.- Barata.
INQ.- Como que é a barata[273]?
INF.- É um... corre, a hora que ele rela nela, ela que tá c'a barata, aí ela que tem que corre atráis dos otros (Paranaíba, ponto 114, informante do sexo feminino, faixa etária I).

INF. Corre uma atrás das outras? Barata... barata no ar?
INQ. Como é que é ?
INQ. Uma criança corre atrás das outras, pra tocar em uma delas, antes que elas encontrem um ponto combinado?
(...)
INF. Corrida! E a barata no ar... fica a pessoa que tá pega, eu tô pega, você sai correndo, se for no ar, se você tirar os pés fora da terra, ai eu não posso te pegar. Ai se você colocar na terra, eu posso te pegar. E vai até pegar! (Nova Londrina, ponto 207, informante do sexo masculino, faixa etária I).

[273] A informante também indicou a resposta *pique* durante a realização da retomada.

v) A unidade lexical *duro-mole* parece ter sido motivada por uma das ações executadas, pois a descrição fornecida pela informante esclarece que a criança ao ser "pega" automaticamente fica dura/imóvel: INQ.- Vai correr até encostar nela assim./ INF.- Encosta que ela fica dura e a outra pode corrê (Itapetininga, ponto 177, informante do sexo feminino, faixa etária I).

vii) Algumas descrições parecem indicar a não existência de um *pique*[274], porém os informantes confirmam que o conceito expresso na questão 162/QSL/ALiB recebe determinada denominação, como é o caso de *rela-rela*:

> INF.- Rela-rela. Será que era isso?
> INQ.- Como que é o rela-rela.
> INF.- Rela-rela era quase igual esse aí. Saia correndo relava num o outro tinha que relá no outro mai eu acho que num tinha o ponto.
> INF. [...] Esse assim, tinha um monte de criança, eles saem correndo e uma delas vai tentar alcançar (as outras) e por a mão. Daí o primeiro que ela por a mão, ele vai tentar e pegar os outros.
> INQ.- Um põe a mão no outro só que não tem um ponto, né? Porque esse que eu tô falando tem um ponto lá, né? Que nem, por exemplo, a porta. Se eu puser a minha mão lá na porta nem adianta ela me tocar que eu não vou.
> INF.- Ah, eu acho que é rela-rela sim (Ponto 158 – Lins, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Como já pontuado anteriormente, a brincadeira do "pega-pega", de fato provoca uma grande diversidade nas formas de execução e de nomear a diversão (Quadro 43).

Diante das informações expostas, foram consideradas as seguintes denominações: *pega-pega, pique, rela-rela, salva, duro-mole, barata, livre, soldado-ladrão, corre-corre, mãe e pais*, pois correspondem ao menos a um dos seguintes critérios: i) respostas que sejam coincidentes ao referente solicitado; ii) resposta justificada pelo informante e iii) denominação registrada em estudos dialetais já realizados sobre a brincadeira.

A parte desses critérios, a denominação *bate-prim* também foi considerada válida neste estudo, por ter sido relacionada ao ponto combinado, ao qual alguns informantes nomearam como *prim*.

Considerando ainda "o ponto combinado" destacam-se os fragmentos da transcrição da entrevista buscando elucidar o processo de nomeação indicada pelos informantes:

[274] Algumas descrições parecem indicar a não existência de um *pique*, por sua vez, não há consenso entre eles, pois alguns informantes afirmam se referir ao "pega-pega" e outros não.

i) Definição do local combinado: *pique:*

> INF. [...] e aí normalmente tem o pique e tal, e aí as pessoas saem correndo, tem que colocá a mão no outro, aí tá pego.
> INQ. Aham.
> INF. Entendeu?
> INQ. E o que que é o pique?
> INF. O pique é aon, é a área que cê... tá imune a sê pego.
> INQ. Uhum. Então, vê se é esse aqui. É um ponto combinado, né? Os meninos combinam: "Olha, aqui vai ser o ... pra ele não me pegar eu chego ali e bato a mão.
> INF. Isso, é. Isso, é.
> INQ. Aham. Ali é o pique.
> INF. Ali é o pique (São Paulo, ponto 179, informante do sexo masculino, faixa etária I, grau universitário).

ii) Quanto a unidade lexical *pique*, a denominação é usada tanto para nomear a brincadeira (162/QSL/ ALiB) quanto para nomear o local em que as crianças se encontram protegidas.

> INF.- No pique.
> INQ.- E tão brincando do quê?
> INF.- De pique.
> [...] INF.- O pique, é o lugar do pique lá, se você chegasse lá, por exemplo seu fosse pra toca, se você chegasse primeiro do que eu, ai eu perdia o ponto, porque você tocou lá e eu perdi. Aí eu tinha que ficar na vez lá contano os números pra vocês se escondê, tudo de novo, é o pique.
> INQ.- Tem outro nome?
> INF.- Não é o pique (Campina Verde, ponto 137, informante do sexo feminino, faixa etária II).

> INF.- Lá é o pique, né? É, aquela madeira lá que é onde ela... é o pique.
> [...]
> INF.- É, tem que chegá primero, se num chegá primero a ota ganha. Aí aquela lá fica debruçada, as otras vão brincá.
> INQ.- Aí a gente diz que...
> INF.- Lá é o pique.
> INQ.- Isso, que eles estão brincando...
> INF.- De pique (Teodoro Sampaio - ponto 164, informante do sexo feminino, faixa etária II).

iii) Além de *pique*, em algumas situações, nota-se que a ação realizada na brincadeira (162/QSL/ ALiB) motiva a nomeação do ponto combinado.

> INF.- Salva.
> INQ.- Ah! A brincadeira chama salva?
> INF.- Isso.
> INQ.- E o ponto que eles combinam como que chama? Tem um nome esse local, às vezes, é um poste, às vezes, é...
> INF.- Sempre é no poste, né?
> INQ.- E tem nome que ele dão para aquele local?
> INF.- Não assim, que'eu saiba não.
> INQ.- A brincadeira chama salva.
> INF.- Salva é.
> INQ.- E o local?
> INF.- Vai pegando o cara e o cara fica ali, né? Todo mundo fica no poste e outro vem e salva.
> INQ.- E se for uma parede por exemplo?
> INF.- É salva é o memo nome.
> INQ.- O local também chama salva?
> INF.- É (Presidente Epitácio - ponto 161, informante do sexo masculino, faixa etária II).

> INF.- Eh, eles falam o rela. Quem bateu lá num pode...
> INQ.- Ali é o rela, então?
> INF.- É... se correu antes, se não pegô a gente antes de chegá ali, né? Cê bateu ali, num pode pegá mais que já tá salvo (Bernardino de Campos, ponto 170, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Acrescenta-se a informação que a denominação *salva*[275] foi indicada como ocorrência única no estudo sobre o falar baiano realizado por Ribeiro (2012).

iv) Algumas denominações fornecidas como *árvore, poste, parede* foram considerados como nomes referenciais, pois durante a audição das gravações houve dois comportamentos quando da obtenção dessas respostas: i) em alguns momentos o inquiridor questiona se o local indicado tem nome e, ii) outras vezes, não, o que dificulta a anulação da resposta quando da indicação desses locais. Verifique o fragmento com diferentes abordagens por parte do entrevistado[276]:

> INQ.- E aquele lugar, como é que chama ?
> INF.- Parede?
> INQ.- Essa parede que nós combinamos, vai ter um nome pras crianças, né?
> INF.- Ah, isso eu não sei (Cananéia, ponto 187,informante do sexo feminino, faixa etária II).

[275] No referido estudo também foi registrado como denominação única, *salva-latinha*. Neste estudo, foram agrupadas as respostas *salva* e *salva-pega*.
[276] Essas diferentes abordagens dificultaram no processo de não validação dessas denominações.

> INQ.- E essa criança que falou que está salva...ela relo em alguma coisa.
> INF.- Ela rela na parede, por exemplo, se cê tá brincando num poste... ou relô no poste ou rela na parede, conta até trêis bate: “um, dois, trêis”.
> INQ.- E esse poste, essa parede tem um nome?
> INF.- Não é comum, mesma coisa (Ribeirão Preto, ponto 157- informante 04 – mulher, faixa etária II).

> INF. - Aqui pelo menos quando a gente corria, brincava, o poste era o... Pique, batia e pronto, tava salvo (Franca, ponto 154, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Sobre a denominação *poste*, cabe informar que foi registrada como ocorrência única no estudo de Portilho (2013) sobre o falar amazônico.

v) Por sua vez, a denominação *ponto*, que será comentada, na sequência, foi documentada no estudo de Ribeiro (2012). Verifique o fragmento de transcrição em que o informante busca justificar sua resposta:

> INF.- É o ponto.
> INQ.- Vocês chamam de ponto?
> INF.- Ponto.
> INQ.- É o lugar que pode descansar um pouquinho...
> INF.- É. E ficá ali... saiu dali ele pode pegá (Ibitinga - ponto 159, informante do sexo feminino, faixa etária I).

> INQ.- O senhor sabe o nome desse lugar combinado?
> INF.- É o ponto, né? Pico[277], né? (162) (Taubaté – ponto 175, informante do sexo masculino, faixa etária II).

vi) Algumas denominações fornecidas como *prim* não estão dicionarizadas, porém o informante busca justificar a resposta indicada.

> INQ.- Tem um nome aquele ponto ali, a senhora sabe?
> INF.- Eles chega, ba, bati a mão... fala assim: “Bati no, no prim.
> INQ.- E a brincadeira, a senhora lembra o nome?
> INF.- Pega-pega (Ibitinga - ponto 159, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Considerando os demais estudos realizados sobre os diferentes falares no Brasil, ainda acrescenta-se a informação de que a resposta *mãe* (indicada como denominação única neste trabalho) foi registrada no falar baiano, como ocorrência única e no falar amazônico como variante mais produtiva, alcançando, no estudo de Portilho (2013), um valor percentual de 32,8% das repostas indicadas. E a

[277] A resposta *pico* foi agrupada como *pique*.

denominação *tanda*[278] pode ter alguma relação ao registro de tonga no estudo do Falar Baiano (RIBEIRO, 2012).

Diante das informações elencadas, constata-se que as unidades léxicas dicionarizadas se dividem em dois grupos: i) contempladas nos dicionários buscados, considerando a acepção almejada e, consequentemente, ligadas à questão 163/QSL/ALiB: *pique, ponto e pega-pega* ii) por associação ao benefício/consequência da ação realizada pela criança de tocar no ponto combinado: salva, livre.

Além dessas, foram aceitas como válidas as denominações: *salva, rela, ponto, prim* e *mãe* porque estão presentes em outros trabalhos dialetais ou ainda por confirmação da resposta fornecida pelo informante.

Nota-se, ao analisar a questão e as respostas obtidas, que as constatações de Ribeiro (2012) sobre a relação entre as perguntas 162 e 163 do Questionário Semântico-Lexical (QSL/ALiB) se repetem neste estudo bem como a possibilidade existente entre o informante que o mesmo nome contemple os referentes das duas perguntas:

> As questões 162 e 163 do QSL guardam entre si ampla relação semântica, pois estão diretamente interligadas e constituem o todo e uma parte do todo. Ao ser concebido o Questionário do Projeto ALiB, como especificado na metodologia, objetivava-se esclarecer justamente a proximidade entre as lexias que denominavam a 'brincadeira' e o 'ponto combinado' para estar salvo do 'pegador'.
> Para muitos dos informantes não há diferença entre as denominações para a brincadeira e para o local combinado, o que torna a produtividade de respostas para QSL 163 baixa (RIBEIRO, 2012, 343).

Verifica-se que além dos elementos já citados como comuns entre as pesquisas, o número de informantes dos quais não se obteve nenhuma resposta para o QSL 163 também se destaca, pois atinge 40,3% dos entrevistados (78 informantes, sendo 65 do estado de São Paulo e 13 da área de controle)[279].

[278] A denominação tonga foi registrada na localidade 098 (Vitória da Conquista – BA).
[279] Não se diferenciou os informantes que não apresentaram resposta dos que a resposta foi fornecida pelo inquiridor ou ainda que a pergunta não foi realizada.

4.1.5.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 162 e 163/QSL/ALiB

No decorrer da análise dos dados relacionados às perguntas 162 e 163/QSL/ALiB foram apontadas algumas tendências que são sintetizadas neste tópico. Iniciando-se pelas considerações relativas à questão 162:

i) A pergunta motivou resposta em todas as localidades investigadas.

ii) A unidade lexical *pega-pega* foi a mais produtiva e foi registrada na maioria das localidades investigadas no estado de São Paulo, com exceção dos pontos 169 (Assis) e 177 (Itapetininga) e, na área de controle, não foi documentada apenas no estado do Rio de Janeiro. Trata-se da variante mais produtiva no Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014) e no estudo sobre os brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano (RIBEIRO, 2012).

iii) A denominação *pique,* apesar de ser a segunda variante mais produtiva, não foi registrada em boa parte do estado de São Paulo. Já, no Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO, 1977) e no Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), configurou-se como a variante mais produtiva.

iv) A variante *mãe* foi registrada por Portilho (2013) como ocorrência única, na área do falar amazônico.

v) A variante *pega-pega* parece ser uma denominação mais utilizada por jovens (59%), mas com maior índice de produtividade entre falantes do sexo feminino. Já as variantes menos produtivas (em sua maioria) e as ocorrências únicas foram citadas por informantes do sexo masculino.

vi) Os dados apurados no estado de São Paulo, podem ser assim sintetizados: i) as variantes lexicais *pega-pega*, *pique* e *rela-rela* foram registradas na região central e oeste do estado de São Paulo; ii) as denominações *pega-pega* e *mãe* concentram-se em áreas próximas à divisa com o estado do Paraná (leste) e; iii) a denominação *pega-pega* e as variantes com ocorrências únicas são produtivas na região central do estado em direção ao litoral. Quanto à área de controle, o fenômeno que mais se destaca é o fato de nas fronteiras com o estado de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, o item lexical *pique* ser

documentado em todos os pontos e de modo significativo. No Paraná, houve maior destaque das unidades léxicas *pega-pega e mãe*.

vii) Outras respostas foram fornecidas pelos entrevistados como unidades léxicas, como é o caso de *brincar de didas, passa-anel, queimada*, por se tratarem de outros entretenimentos não contemplados pela questão 162/QSL/ALiB não foram validados. Além dessas, respostas como: *taco, livre, figa e vinte um* também não foram validadas por falta de elementos que os relacionasse a brincadeira em questão.

Quanto à questão 163/QSL/ALiB, é possível afirmar que:

i) A pergunta 163/QSL/ALiB não foi produtiva em todas as localidades investigadas, como é o caso de: i) Lins (ponto 158), Guaratinguetá (ponto 176) e Parati[280] (206).

ii) A variante *pique* foi a resposta mais produtiva neste estudo e na Tese de Doutorado de Ribeiro (2012).

iii) A variante *pique e bate-cara* foram as mais utilizadas entre os informantes do sexo feminino, já as unidades léxicas *árvore/parede/poste, ponto e salva* foram preferidas pelos informantes do sexo masculino.

iv) Há um predomínio da denominação *pique* para essa questão, sobretudo ao considerar a região mais ao sul do estado de São Paulo. Essa situação é confirmada ao verificar que os registros para os pontos de inquérito do estado do Paraná documentam, exclusivamente, *pique* como denominação para a pergunta 163/QSL/ALiB. Ainda considerando a área de controle há uma demarcação das áreas que selecionaram as diferentes denominações obtidas: i) Paraná: predomínio de *pique;* ii) Minas Gerais: predomínio de *pique*, ocorrendo apenas com as denominações árvore/parede/poste e iv) Mato Grosso do Sul: predomínio de *pique* com registro de *ponto*. Quanto ao estado do Rio de Janeiro, em Barra Mansa (*205)*, houve a documentação de *árvore/parede e poste*, porém, devido ao baixo número de denominações obtidas decorrentes da ausência da realização da pergunta no inquérito em boa parte dessas localidades, não há como

[280] Recupera-se a informação de que em Parati a pergunta foi realizada apenas em um inquérito.

assegurar que seja uma variante produtiva nos pontos de inquérito do RJ.

v) Apesar do alto número de respostas não obtidas, acredita-se que o local é conhecido e utilizado na brincadeira do "pega-pega". Possivelmente, o alto número de respostas não obtidas ocorra devido à relação que o informante estabeleceu com a questão 162/QSL/ALiB.

vi) Outras respostas foram fornecidas pelos entrevistados como unidades léxicas, como é o caso de *tanda*[281]*, esconderijo, arraia e raia*[282]*,* porém não foram validadas por não se relacionarem ao referente solicitado na questão 163/QSL/ALiB, não foram validadas.

[281] O item lexical *tanda*, assim como as últimas denominações discutidas, foi indicado como resposta por dois informantes da localidade de Piracicaba (ponto 172) pertencentes ao sexo masculino. INF.- Tanda. Fica na tanda/ INQ.- O que que acontece?/INF.- Chama de tanda, daí num pode pegá 'ocê (Piracicaba, ponto 172, informante do sexo masculino, faixa etária I).

[282] *Raia* foi a variante mais produtiva no ALERS (KOCH, ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), porém obteve poucos registros no estado do Paraná.

4.1.6 Lenço-atrás

4.1.6.1 Lenço-atrás: a brincadeira

A brincadeira do “lenço-atrás” é uma atividade realizada em grupos de crianças que recebe diferentes nomes e tem formas distintas de execução. Entre os nomes conhecidos destacam-se os seguintes: *corre-cotia, lencinho, lencinho branco, lenço na mão, que lenço* (FRIEDMANN, 2014, p. 55).

Segundo informações do site Mapa do Brincar[283] há três modos de executar a brincadeira, em que, em todas essas formas, as crianças ficam dispostas em círculos e sentadas no chão. De acordo com as descrições apresentadas, a primeira versão tem origem em Minas Gerais, na cidade de Araguari e as ações são realizadas enquanto todos cantam a música:

> “Corre cutia de noite e de dia
> Debaixo da cama da sua tia
> Comendo um pedaço de melancia
> Pintinho piou: piu, piu
> O galo cantou: corococó
> Lencinho branco[284] caiu no chão
> Quem roubou foi o ladrão
> Menina bonita do meu coração
> Titica de galinha, cocô de leitão
> Tam, tam” (Mapa do brincar, 2018).

Ao finalizar a música, a bola deve ser arremessada atrás de outra criança que tentar pegar a que estava do lado de fora. Se conseguir, a outra terá que pagar uma prenda e continuar do lado de fora até conseguir trocar de lugar com alguém.

Para a segunda versão, há a repetição dos mesmos procedimentos e difere-se pela procedência da brincadeira, no caso em Belo Horizonte (MG), e pela diferença da letra da música cantada:

> "Corre cutia de noite e de dia
> Debaixo da cama da dona Maria
> Corre cipó na casa da avó
> Eu tenho um cachorrinho chamado Totó
> Ele é bonitinho de um lado só
> É um, é dois, é três, acabou sua vez” (Mapa do Brincar, 2018).

Já, a terceira versão origina-se na cidade paulista de Taboão da Serra e, assim como as demais formas de execução, possui uma letra para ser cantada durante a execução da brincadeira, como se vê a seguir:

---

[283] Informações disponíveis em:<http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/roda/554-corre-cutia-1>. Acesso em: 20. Mai. 2018.

[284] Houve registro da variante *lencinho branco* na capital paulista.

"Corre cutia na casa da tia
Corre cipó, na casa da vó
Lencinho na mão caiu no chão
Moça bonita do meu coração
Quem olhar é um bobão
E vai levar um beliscão
Bem na ponta do dedão."
Corre cutia de noite e de dia
Corre cipó na casa da avó
Lencinho na mão
Caiu no chão
Moça (o) bonita (o) do meu coração
Pode jogar?
Pode!
Ninguém vai olhar?
Não!" (Mapa do brincar, 2018).

A Figura 31 contém o desenho de um grupo de crianças executando a brincadeira “lenço-atrás.

Figura 31 – Crianças brincando do “lenço-atrás”

Fonte: Educarekids(2018).[285]

O resultado da coleta de respostas à pergunta revela que ela foi pouca produtiva[286] em termos de registros de nomeações alçando mais de 50% de abstenções de resposta, sendo apontada por muitos informantes como uma brincadeira desconhecida ou que era lembrada, de modo remoto, mas sem saber o nome da diversão. Os entrevistados indicaram várias denominações como resposta, dentre as quais alguns nomes que não se referem diretamente à brincadeira apresentada, como é o caso de *balança-caixão e passa-anel*, respostas recorrentes

[285] Imagem disponível em: <http://educarekids.blogspot.com/2013/02/cantigas-da-educacao-infantil.html>. Acesso em: 20.jul.2018.
[286] Devido ao baixo número de variantes registradas e ao alto número de abstenções, buscou-se tentar discutir e validar, ao máximo, as denominações obtidas com intuito de verificar a vitalidade da diversão.

que se referem a outro entretenimento. Na sequência, analisam-se os dados relativos à pergunta 164/QSL/ALiB.

4.1.6.2 Lenço-atrás: os nomes da brincadeira

Os 148 inquéritos do Projeto ALiB no estado de São Paulo acrescido dos 40 relativos à área de controle geraram 35 variantes lexicais como denominação da "brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34) num total de 89 ocorrências. Além disso, houve 106 casos de ausência de resposta (83 no interior do estado de São Paulo e 23 na área de controle).

A ausência de resposta nessa pergunta decorre, sobretudo, do desconhecimento da brincadeira e de seus nomes e/ou desconhecimento do nome, apesar de conhecer a brincadeira. Foram consideradas válidas duas respostas mencionadas na localidade de Itajubá- MG (ponto 149). Na primeira situação, a informante começou a cantar a música e o inquiridor pergunta se aquele não seria o nome da brincadeira e, no segundo caso, o inquiridor ao perceber que a informante conhecia a brincadeira e não se recordava do nome, recupera a informação de que outro informante havia cantado uma música, mencionando o verbo correr. O informante, por sua vez, complementa com a cotia e começa a cantar a música que se costuma cantar durante a execução da brincadeira. Como o informante complementou e iniciou a canção, deduz-se que a denominação de fato pertencia ao cotidiano do informante[287]. Na sequência, a Tabela 13 detalha os dados brutos obtidos sobre a brincadeira:

[287] Esse critério foi utilizado para análise dessa pergunta devido ao baixo número de informantes que souberam o nome da brincadeira.

Tabela 13 – Denominações para brincadeira do “lenço-atrás” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	Área de controle	Total	
Bota-ovo		2,2%	1	0,5%
Brinca/brincadeira de lenço	2,7%	2,2%	5	2,6%
Brincar de roda	0,7%	2,2%	2	1,0%
Ciranda	0,7%	4,4%	3	1,5%
Corre atrás do lenço	0,7%		1	0,5%
Corre-cotia	4,0%	13,3%	12	6,2%
Corre-lenço	2,0%		3	1,5%
Corrida do lenço	0,7%		1	0,5%
Esconde-varinha		4,4%	2	1,0%
Joga lencinho/ lenço	1,3%		2	1,0%
Jogo de fazer de bobo	0,7%		1	0,5%
Lencinho	0,7%		1	0,5%
Lencinho cor-de-rosa	0,7%		1	0,5%
Lencinho/ lenço branco	2,0%	2,2%	4	2,1%
Lenço que corra	0,7%		1	0,5%
Lenço-atrás	7,4%	6,7%	14	7,2%
Lenço-escondê	0,7%		1	0,5%
Maria-cega	0,7%		1	0,5%
Gato e o rato	0,7%		1	0,5%
Ovo choco	1,3%		2	1,0%
Passa-anel	3,4%		5	2,6%
Passa-lenço	2,7%		4	2,1%
Passa-passa	1,3%		2	1,0%
Pata-choca	2,0%		3	1,5%
Patinho feio	1,3%		2	1,0%
Pato-choco	2,0%	4,4%	5	2,6%
Pega o bobo	0,7%		1	0,5%
Põe atrás	0,7%		1	0,5%
Queimadinha	0,7%		1	0,5%
Roda ciranda	0,7%		1	0,5%
Roda-roda	2,0%		3	1,5%
Serra-serra	0,7%		1	0,5%
Vai queimá		2,2%	1	0,5%
Não respostas	54,6%	53,5%	106	54,4%
Total	100%	100%	195	100%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados da Tabela 13 demonstram um grande número de denominações para a brincadeira, por isso, para fins de computação da frequência, foram

realizados agrupamentos que, em sua maioria, foram estabelecidos considerando os aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e por processos associativos. Desse processo, resultaram as 89 ocorrências, assim distribuídas segundo a produtividade: *lenço-atrás, corre-cotia, pato choco, ciranda, passa-anel, esconde-varinha, passa-passa, bobinho, ovo choco* e, acrescido a elas, ocorreram cinco respostas agrupadas como ocorrências únicas, todas relativas aos entretenimentos infantis, embora não pareçam ser a diversão especificamente contemplada pela questão 164/QSL/ALiB.

No Quadro 52, a seguir, apresentam-se o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados.

Quadro 52 – Agrupamento de variantes que nomeiam "a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras"

Variantes lexicais	Itens agrupados
Lenço-atrás	Brincar de lenço, brincadeira de lenço, corre atrás do lenço, corre-lenço, corrida do lenço, lenço-atrás, lenço-escondê, joga lenço/joga-lencinho, lenço que corra, lencinho branco/lenço branco, lencinho cor-de-rosa, passa-lenço, lencinho
Corre-cotia	Corre-cotia
Pato choco	Pata choca, pato choco, patinho feio
Ciranda	Ciranda, roda ciranda, brincar de roda, roda-roda
Esconde-varinha	Esconde-varinha
passa-passa	Passa-passa
Queimada	Queimadinha, vai queimá
Ovo choco	Ovo choco, bota ovo
Denominações com ocorrências únicas	Serra-serra, põe-atrás, Maria-cega, gato e rato

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência são discutidos os dados na perspectiva da sua produtividade.

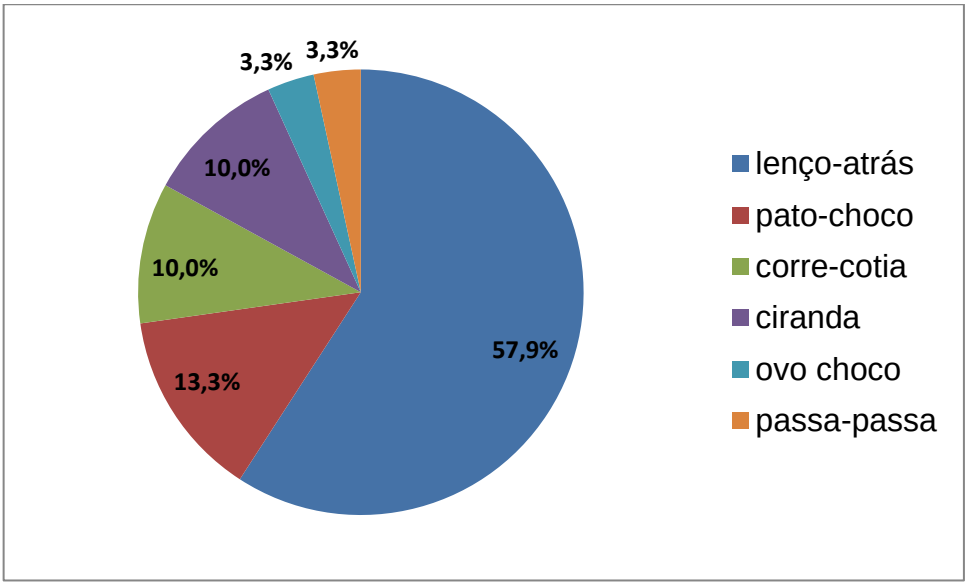
4.1.6.3 Produtividade das variantes

Considerando os dados registrados das cartas 6a e 6b e a Tabela 13, visualiza-se a superioridade de *lenço-atrás* em toda a área investigada[288].

No interior de São Paulo, as denominações agrupadas como *lenço-atrás* foram as mais produtivas. O Gráfico 37 indica os percentuais de ocorrências relativos às variantes lexicais em análise.

[288] Na capital, a variante formada pela base *lenço* foi a única denominação produtiva.

Gráfico 37 – Produtividade das denominações para brincadeira do “lenço-atrás” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com os dados do Gráfico 37, a maioria da população do interior de São Paulo indicou a unidade lexical *lenço-atrás* (57,9%) seguida de *pato-choco*, segunda resposta mais produtiva (13,3%). Além dessas, *corre-cotia* (10%), *ciranda* (10%), *passa-passa* e *ovo choco* (3,3%). A Tabela 14, a seguir, indica a produtividade das denominações cartografadas segundo as mesorregiões do IBGE.

Tabela 14 – Produtividade das denominações para a brincadeira “lenço-atrás”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

VARIANTES	Lenço-atrás (%)	Corre-cotia (%)	Pato choco (%)	Ciranda (%)	Passa-anel (%)	Passa-passa (%)	Bobinho (%)	Ovo (%)
Araçatuba	2,8	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0
Araraquara	5,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Assis	5,6	0,0	0,0	16,7	16,7	0,0	0,0	0,0
Bauru	13,9	0,0	25,0	16,7	0,0	50	0,0	0,0
Campinas	13,9	14,3	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	50,0
Itapetininga	2,8	0,0	37,5	0,0	0,0	0,0	33,3	50,0
Litoral Sul Paulista	13,9	14,3	0,0	16,7	0,0	0,0	33,3	0,0
Macrometropolitana Paulista	5,6	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marília	5,6	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	8,3	28,6	0,0	0,0	16,7	50	33,3	0,0
Piracicaba	0,0	0,0	37,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	16,7	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	2,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	2,8	14,3	0,0	16,7	16,7	0,0	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	0,0	14,3	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

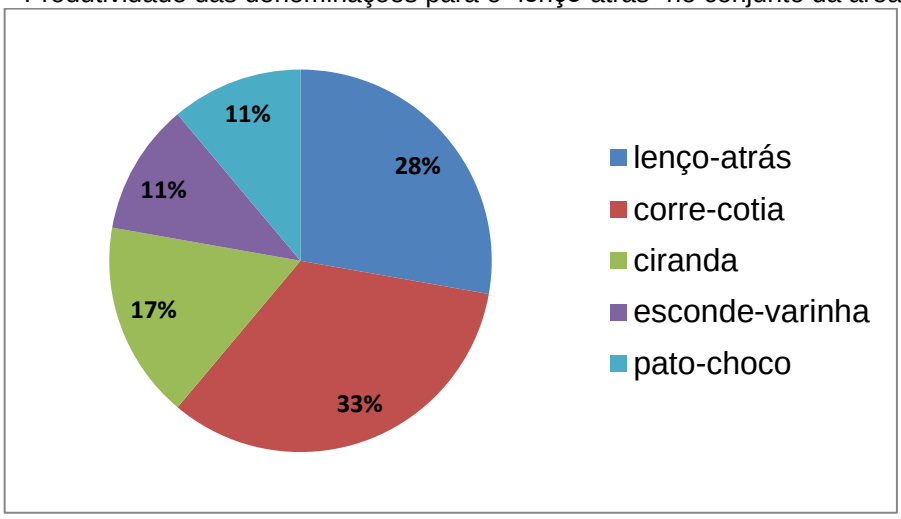
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao observar a Tabela 14[289], verifica-se que a maior quantidade da resposta *lenço-atrás* foi indicada na mesorregião de Presidente Prudente.

Ao verificar os dados da área de controle, nota-se que *corre-cotia* foi mais produtiva que *lenço-atrás*, no entanto, com valores percentuais bastante próximos, como atesta o Gráfico 38, na sequência.

[289] Não houve registro da denominação *esconde-varinha* no estado de São Paulo.

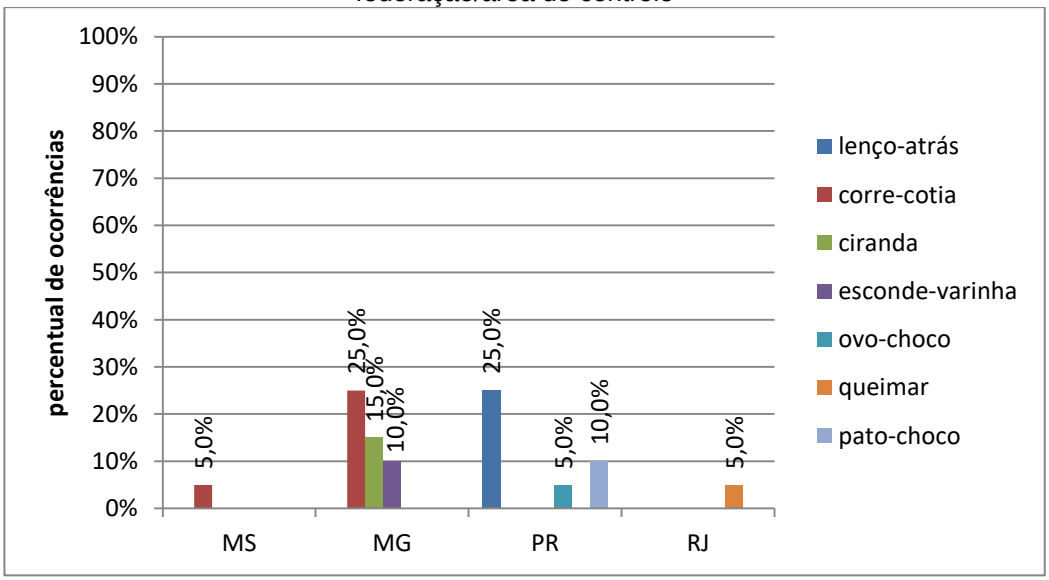
Gráfico 38 – Produtividade das denominações para o “lenço-atrás" no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao verificar os gráficos anteriores, percebe-se que as denominações *lenço-atrás* e *pato-choco* foram as mais produtivas no estado de São Paulo enquanto na área de controle *corre-cotia* e *lenço-atrás* se destacaram. Os dados obtidos na área de controle estão visualizados no Gráfico 39:

Gráfico 39 – Produtividade das denominações para o “lenço-atrás” segundo a unidade da federação/área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se ao examinar o Gráfico 39 que a pergunta foi mais produtiva no Paraná e em Minas Gerais, pois gerou maior número de respostas e, consequentemente, de denominações. Na sequência, é possível visualizar a carta 6a e 6b que indicam, respectivamente, a cartografação das denominações obtidas para a pergunta 164/QSL/ALiB no interior de São Paulo e na área de controle.

Carta 6a – Denominações para “lenço atrás” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 164 **– “**Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?"

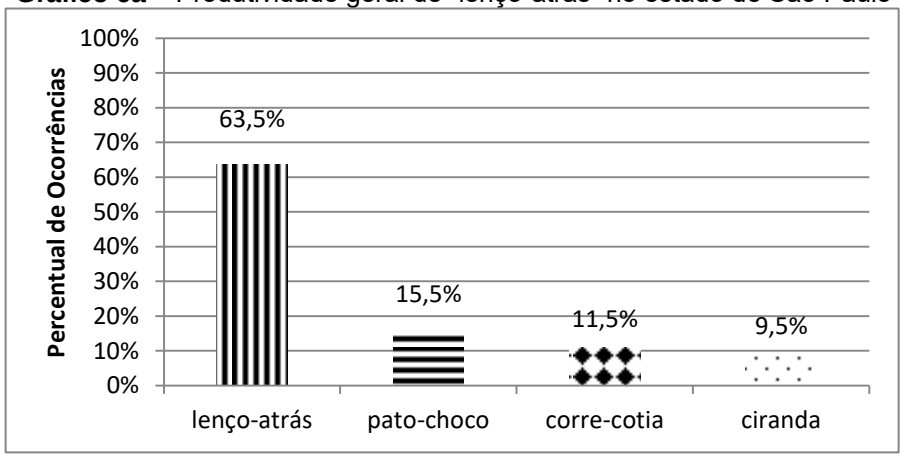
Denominações únicas: Gato e rato (Votuporanga-ponto 151, informante do sexo feminino, faixa etária I), Maria-cega (Ibitinga - ponto 159, informante do sexo masculino, faixa etária II), Põe-atrás (Caraguatatuba – ponto 180, informante do sexo feminino, faixa etária II), Serra-serra (Andradina – ponto 155, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:
INF.- Aqui chama corre-lenço./INQ.- Se ela soltar a pessoa tem que se levantar.../INF.- E saí correno e tacá nela de novo (Ibitinga – ponto 159, informante do sexo feminino, faixa etária I).

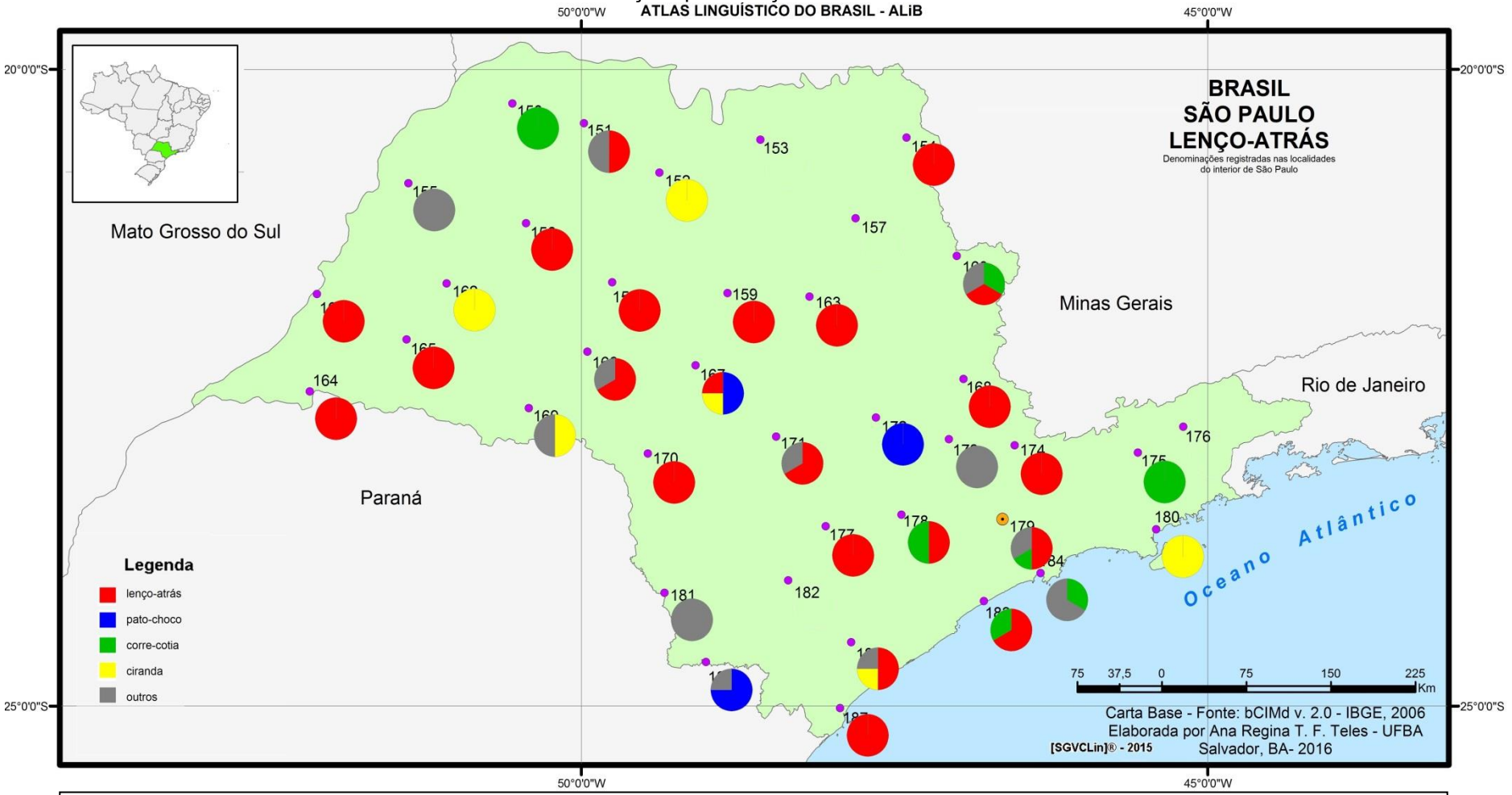
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Lenço-atrás: Brincar de lenço, brincadeira de lenço, corre atrás do lenço, corre-lenço, corrida do lenço, lenço-atrás, lenço-escondê, joga lenço, joga-lencinho, lenço que corra, lencinho branco, lenço branco, lencinho cor de rosa, passa-lenço.
Corre-cotia: Corre-cotia.
Pato choco: Pata choca, pato choco, patinho feio.
Ciranda: Ciranda, roda ciranda, brincar de roda, roda-roda.
Esconde-varinha: Esconde-varinha.
Passa-passa: Passa-passa.
Queimada: Queimadinha, queimar.
Ovo choco: Ovo choco, bota ovo.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 6a – Produtividade geral de “lenço-atrás” no estado de São Paulo



Carta 6a – Denominações para “lenço atrás” no estado de São Paulo



“Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?” - 164/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 6b – Denominações para “lenço atrás” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 164 **– “**Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?"

Denominações únicas:

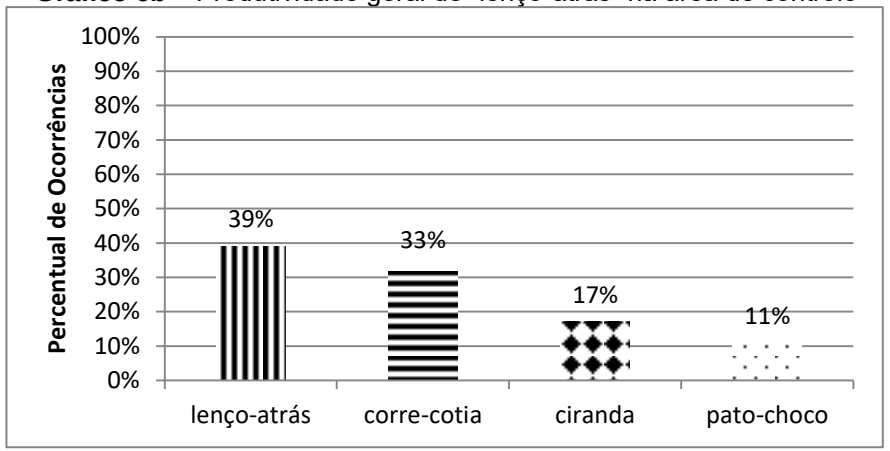
Comentários sobre dados cartografados:

Variantes agrupadas a cada item léxico:

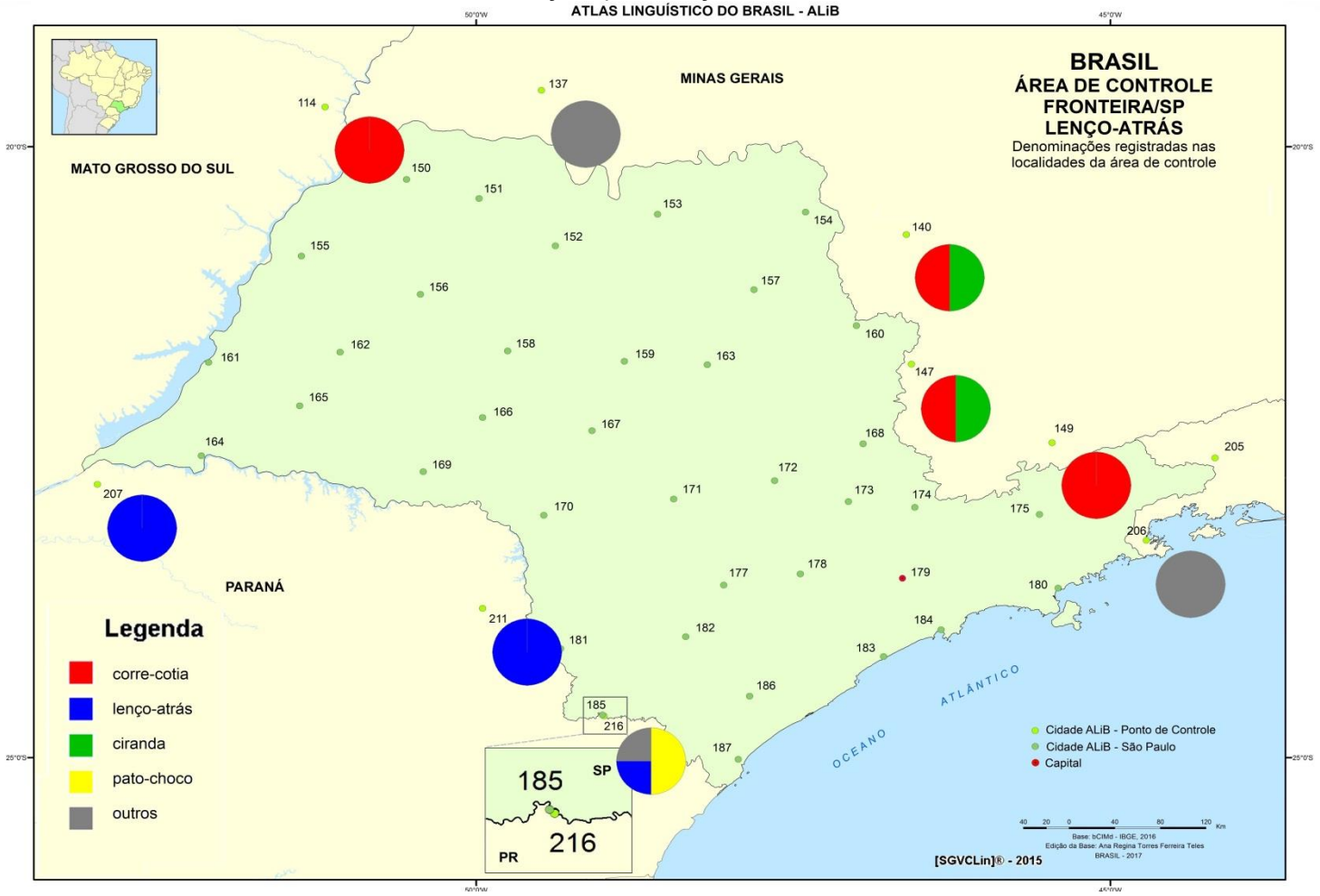
Lenço-atrás: Brincar de lenço, brincadeira de lenço, corre atrás do lenço, corre-lenço, corrida do lenço, lenço-atrás, lenço-escondê, joga lenço, joga-lencinho, lencinho, lenço que corra, lencinho branco, lenço branco, lencinho cor de rosa, passa-lenço.
Corre-cotia: Corre-cotia.
Pato choco: Pata choca, pato choco, patinho feio.
Ciranda: Ciranda, roda ciranda, brincar de roda, roda-roda.
Esconde-varinha: Esconde-varinha.
Passa-passa: Passa-passa.
Queimada: Queimadinha, queimar.
Ovo choco: Ovo choco, bota ovo.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 6b – Produtividade geral de “lenço-atrás” na área de controle



Carta 6b – Denominações para “lenço atrás” na área de controle



“Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?” - 164/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

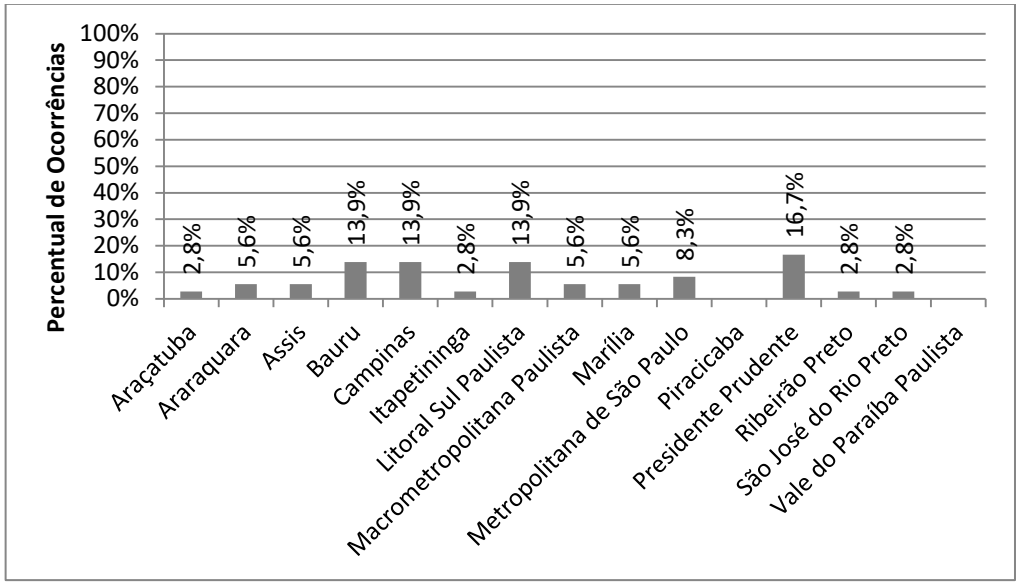
4.1.6.4 Análise diatópica das denominações para “lenço-atrás”

A análise das denominações fornecidas pelos informantes é discutida conforme a produtividade de cada variante na área investigada.

4.1.6.4.1 Unidade lexical: *lenço-atrás*

O item lexical agrupado como “lenço-atrás” foi a denominação com maior índice de produtividade no estado de São Paulo, embora não tenha sido registrada em algumas mesorregiões paulistas, como Ribeirão Preto, Piracicaba, Campinas e Vale do Paraíba Paulista. O Gráfico 40 indica a produtividade do “lenço-atrás” nas mesorregiões paulistas:

Gráfico 40 – Produtividade da unidade lexical agrupada como “lenço-atrás” nas mesorregiões do IBGE/ estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nos pontos paulistas, os registros de “lenço-atrás” estão mais localizados na região central do estado; na área de controle, as denominações agrupadas ao item lexical “lenço-atrás” foram indicadas apenas por informantes dos pontos de inquérito situados no estado do Paraná.

No Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; ALTHENHOFEN; KLASSMANN, 2011) registra-se a variante *lenço-atrás* como a quarta mais produtiva na carta produzida com os dados da área investigada, no entanto bastante recorrente nos limites estaduais do Paraná com São Paulo. Já no Atlas

Topodinâmico do Oeste de São Paulo, verifica-se que *lenço-atrás* é a única variante cartografada, porém com baixa produtividade (seis registros).

Na sequência, discute-se a unidade lexical *corre-cotia*.

4.1.6.4.2 Unidade lexical: *corre-cotia*

O item lexical *corre-cotia* foi documentado em algumas mesorregiões paulistas, sendo mais produtivo na Metropolitana de São Paulo e na Litoral Sul Paulista, em que figurou com dois registros. Nas demais localidades paulistas, (Campinas, Macrometropolitana Paulista, São José do Rio Preto e Vale do Paraíba Paulista) ocorreu apenas uma menção por mesorregião.

Os informantes das localidades que forneceram a variante *corre-cotia* como resposta parecem concentrar-se em uma determinada região do estado de São Paulo ou, ainda, indicam um possível trajeto do interior para a capital ou mesmo para o litoral.

Duas das localidades que estão situadas distantes da capital, no caso os pontos 150 (Jales) e 160 (Mococa), parecem reforçar os dados obtidos na área de controle, pois a denominação *corre-cotia* foi fornecida como resposta nos estados vizinhos de Mato Grosso do Sul (fronteira próxima a Jales) e em Minas Gerais, próximo das duas localidades paulistas do interior.

Esses dados repetem as respostas cartografadas por Santos (2016), pois, verifica-se que a denominação *corre-cotia* é registrada em pontos do estado de São Paulo e de Minas Gerais. Além disso, no falar fluminense *corre-cotia* é a denominação mais produtiva concorrendo com *chicotinho-queimado* e *ovo-choco*. Também houve grande número de abstenção de resposta nessa região, situação que também ocorre neste estudo sobre o falar paulista. Possivelmente, a ausência de resposta seja fruto do desconhecimento da brincadeira na contemporaneidade.

Na sequência, discute-se a unidade lexical *pato choco.*

4.1.6.4.3 Unidade lexical: *pato choco*

O item lexical *pato choco* foi documentado apenas em três mesorregiões paulistas: Bauru, Piracicaba e Itapetininga. Apesar de ter sido registrada em poucas localidades, teve índice de produtividade significativo, tendo obtido duas ou três menções em cada localidade: Bauru (ponto 167), Piracicaba (ponto 172) e Ribeira (ponto 185). Essas cidades estão situadas em localidades próximas às linhas dos

trens de ferro da atual América Latina Logística-ALL, o que possivelmente tenha fomentado o fluxo de pessoas ou mesmo o contato entre essas pessoas, possibilitando, assim, a manutenção de determinadas escolhas léxicas.

Além das localidades indicadas no estado de São Paulo, ainda houve duas ocorrências de *pato-choco* no ponto de inquérito 216, na cidade de Adrianópolis, no estado do Paraná (área de controle).

Na sequência discute-se a unidade lexical *ciranda*.

4.1.6.4.4 Unidade lexical: *ciranda*

O item lexical *ciranda* foi documentado em diferentes mesorregiões do estado de São Paulo, com apenas um registro em cada uma delas: São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Bauru, Assis, Vale do Paraíba Paulista e Litoral Sul.

Considerando as localidades em que foi documentada a unidade lexical *ciranda*, verifica-se que apenas São José do Rio Preto está situado próximo à fronteira com Minas Gerais, estado da área de controle onde houve uma ocorrência de *ciranda*, na cidade de Passos (ponto 140).

A seguir, discute-se as denominações com baixa produtividade.

4.1.6.4.5 Unidade lexical: *ovo choco, passa-passa, queimada, esconde-varinha*

O item lexical *ovo choco* foi fornecido como resposta nas mesorregiões paulistas de Campinas e Itapetininga, respectivamente, nas localidades de Campinas (ponto 173) e Ribeira (ponto 185). Na área de controle, a variante foi registrada na localidade paranaense de Adrianópolis (ponto 216). Cabe salientar que as localidades são distantes entre si e que a variante *ovo choco* foi mencionada apenas por informantes da faixa etária I.

O item lexical *passa-passa,* por seu turno*,* foi documentado nas mesorregiões de Bauru e Metropolitana de São Paulo, nas localidades de Botucatu (171) e Santos (184) . Em ambas as localidades, a variante foi citada pelo informante da faixa etária II, de ambos os sexos.

O item lexical *queimada* foi registrado somente em uma localidade do estado de São Paulo, em Santos (ponto 184) e na área de controle foi fornecida como resposta pelo informante de Parati-RJ (ponto 206). Cabe informar que ambas as localidades se encontram em região litorânea e a menção foi fornecida por apenas um informante, da faixa etária II, em cada localidade citada, de ambos os sexos.

Salienta-se que essa variante foi registrada no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (*RIBEIRO *et al.*, 1977) como a quinta resposta mais produtiva, com ocorrências em regiões distantes da fronteira paulista. Possivelmente, a coincidência do registro dessa denominação em localidades distantes demonstre um contato entre essas cidades em outras épocas, sobretudo por serem antigas.

A unidade lexical *esconde-varinha* não foi registrada no estado de São Paulo, apenas na área de controle, em Campina Verde/MG (ponto 137) mencionada pelos informantes mais jovens. Essa variante está registrada no EALMG (RIBEIRO *et al.*, 1977), também em Campina Verde. Possivelmente, uma denominação própria da localidade mineira que ainda se encontra viva, pois foi indicada pelos informantes da faixa etária I.

4.1.6.4.6 Outras denominações com ocorrências únicas

Os casos de ocorrências únicas foram registradas no Quadro 53, a seguir, que informa a denominação, a localidade/número do ponto e o perfil do informante que mencionou a variante:

Quadro 53 – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 164/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

RESPOSTA ÚNICA	LOCALIDADE – Ponto	PERFIL DO INFORMANTE
Gato e rato	Votuporanga-151	Mulher, faixa etária I
Maria-cega	Ibitinga – 159	Homem, faixa etária II
Põe-atrás	Caraguatatuba – 180	Mulher, faixa etária II
Serra-serra	Andradina – 155	Mulher, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as variantes produtivas neste estudo e em outros realizados no estado de São Paulo e na área de controle, produz-se o Quadro 54 que apresenta um comparativo com os dados cartografados para a brincadeira do “lenço-atrás” nos trabalhos listados:

Quadro 54 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Lenço-atrás	Corre-cotia	Esconde varinha	Ovo choco
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 36 (RIBEIRO *et al*, 1977, s/p)			X	
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 084 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 303)	X			
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 164)		X		X
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - carta 309 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), p. 711	X			X

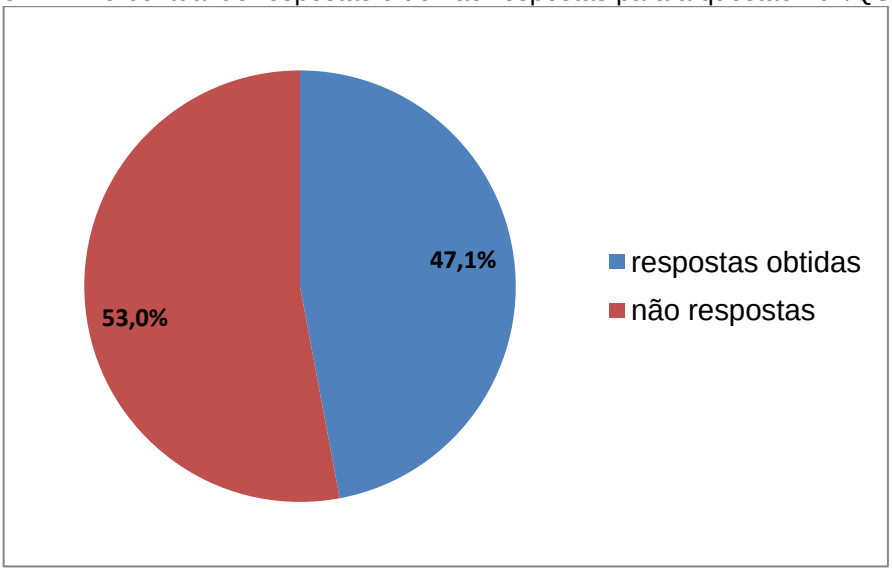
Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

No Quadro 54, verifica-se o pequeno quantitativo de cartas produzidas para a brincadeira do "lenço-atrás" na área investigada. Cabe informar que, nos trabalhos listados, outras variantes foram registradas, entretanto não foram produtivas nos dados analisados neste estudo.

4.1.6.5 Denominações para "lenço-atrás" – SP/área de controle: variáveis sociais

Inicialmente, cabe ressaltar o grande número de não-respostas registradas à questão 164/QSL/ALiB, o que aponta para uma provável ausência dessa brincadeira no cotidiano das crianças, o que gera o desconhecimento sobre esse entretenimento pelas gerações atuais. O Gráfico 41 traz o percentual de não-respostas obtidas para a pergunta em análise.

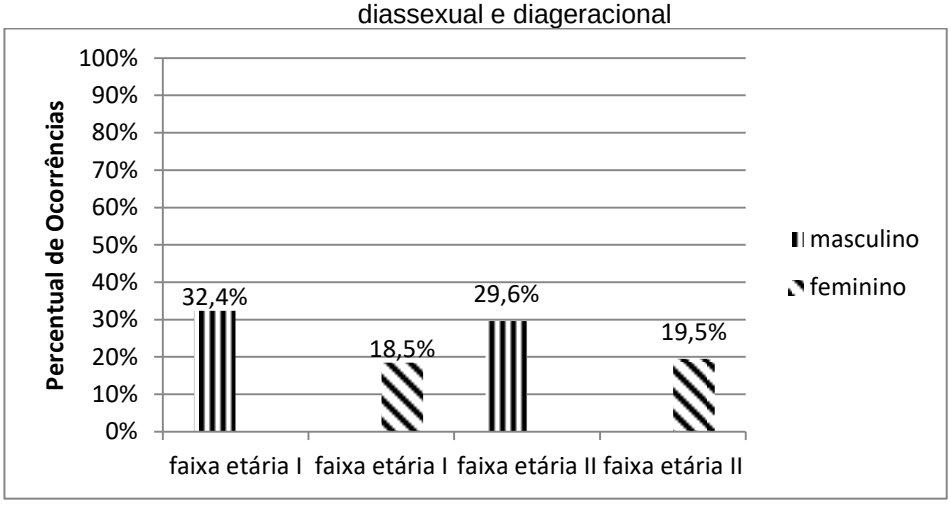
Gráfico 41 – Percentual de respostas e de não-respostas para a questão 164/QSL/ALiB



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A maior ausência de respostas para a pergunta 164/QSL/ALiB foi registrada entre os informantes do sexo masculino (62%), como revela o gráfico Gráfico 42:

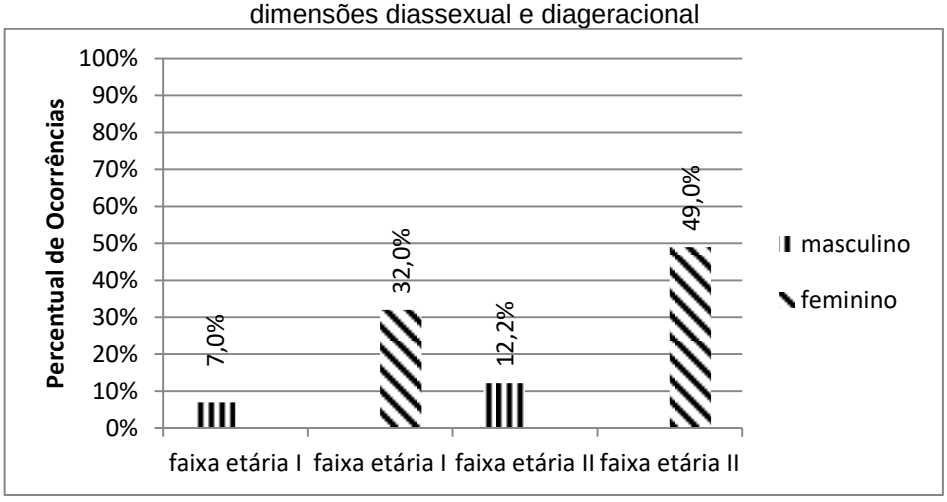
Gráfico 42 – Percentual de não-respostas para a questão 164/QSL/ALiB considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as respostas obtidas para a questão 164/QSL/ALiB, é possível observar que as denominações cuja estrutura contém o formante *lenço*, como é o caso do agrupamento *lenço-atrás*, foram mais produtivas entre os informantes da faixa etária II, do sexo feminino, como atesta o Gráfico 43:

Gráfico 43 – Realização das unidades léxicas agrupadas como "*lenço-atrás*" considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observa-se, pois, a supremacia de *lenço-atrás*. Essa tendência se manifesta também em relação às demais variantes mais produtivas (*corre-cotia e ciranda*), havendo pequenas oscilações em relação à faixa etária, enquanto *lenço-atrás* é

mais produtivo na faixa etária II (61%) e *corre-cotia e ciranda* teve preferência entre os informantes da faixa etária I.

Algumas denominações como: *pato-choco, passa-passa, esconde-varinha, queimada e ovo choco* evidenciam regularidade de registros quanto ao sexo dos informantes (50% para cada). Já em relação à faixa etária, o quadro foi outro: i) *pato-choco* alçou a mesma produtividade nas duas faixas de idades; ii) *passa-passa e queimada* foram produtivas apenas da faixa etária II e iii) *ovo choco e esconde-varinha* foram indicadas apenas por informantes da faixa etária I.

Por fim, as denominações com ocorrências únicas foram mais produtivas entre falantes do sexo feminino (60%) e da faixa etária I (60%). Em síntese, de modo geral, conforme já demonstrado, as variantes registradas como nomeação da brincadeira contemplada pela pergunta 164/QSL/ALiB foram mais produtivas entre as mulheres, possivelmente por essa brincadeira ter maior preferência entre as meninas.

Na sequência, discutem-se os aspectos léxico-semânticos dos itens documentados.

4.1.6.5 Análise léxico-semântica

Para fins de análise semântica, as variantes fornecidas foram agrupadas segundo processos associativos observados quando da obtenção das respostas e também por motivação do próprio texto da pergunta. Dessa forma, foram realizados três agrupamentos: brincadeiras de modo geral, objetos utilizados e ação desempenhada na brincadeira, sendo que cada um deles parece ter sido motivado pelo próprio texto da pergunta.

Quadro 55 – Distribuição das denominações para “lenço-atrás”, segundo a motivação da pergunta

Pergunta	Classificação	Característica	Denominações
Como se chama uma brincadeira	**Brincadeiras**	Qualquer tipo de brincadeira (caráter geral)	Corre-cotia Ciranda Bobinho Passa-anel Queimadinha Pato choco
[...] enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço	**Objeto**	Qualquer objeto usado na brincadeira enquanto as crianças ficam em círculo	Esconde-varinha Ovo choco Lenço
[...] Pega o objeto - e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?	**Ação**	Ação passível de realização durante a brincadeira solicitada	Passa-passa

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se que o primeiro grupo diz respeito a brincadeiras de modo geral, com ou sem relação direta com a solicitada pela pergunta, por isso abrange nomes de entretenimentos diversos.

No segundo grupo, a associação ao “objeto que é deixado cair atrás de uma criança” faz referência a alguma coisa, que pode ser um lenço ou uma varinha, segundo o texto da própria pergunta. Inclusive, ao grupo com relação associada ao lenço, foi realizada uma junção com a maior diversidade de unidades lexicais que, por sua vez, individualmente pode sugerir outras motivações específicas, razão pela qual foram considerados processos associativos distintos no Quadro 56.

Quadro 56 – Distribuição das variantes formadas a partir do item lexical “*lenço”*, segundo a motivação ou possível associação realizada pelo informante

Classificação	Processo associativo	Denominação
Lenço	Ação + lenço lenço+ação	Brincar de lenço, corre atrás do lenço, corre-lenço, jogar lenço, joga-lencinho, lenço que corra, lenço-esconde
	lenço+lugar	Lenço-atrás, lenço na mão,
	lenço+cor	Lencinho branco, lenço branco, lencinho cor de rosa
	lenço (geral)	Corrida do lenço, brincadeira de lenço

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Como pode ser observado nos dados apresentados no Quadro 56, o elemento comum entre as subdivisões é a menção ao referente “lenço” relacionada ora com uma ação que pode ser desenvolvida com o uso do lenço, no caso, expressa a partir da união de um verbo+substantivo lenço; ora com um lugar em que

se esconde ou joga o referido objeto; ora relacionada com a sua cor ou, ainda, de modo genérico, expresso a partir de dois substantivos sendo um deles a unidade léxica *lenço*.

Ainda no segundo agrupamento do Quadro 55, há a indicação de outros objetos envolvidos na brincadeira: *varinha* e *ovo*, sendo que o objeto também está relacionado a um verbo que indica uma ação (esconder) e (chocar).

O terceiro agrupamento (Quadro 55 e Quadro 56) é indicado por uma ação que pode ser utilizado na brincadeira, no caso: *passa-passa*, provavelmente associado ao objeto (lenço, pedra).

Para a realização dos agrupamentos e dos Quadro 55 e Quadro 56 também foram consultados os dicionários de língua portuguesa de diferentes épocas, embora esse procedimento, em especial nessa pergunta, não tenha sido muito frutífero tanto considerando os dicionários mais antigos quanto os mais recentes. Nas obras lexicográficas dos séculos XVIII e XIX, não há o registro das denominações indicadas como resposta com acepção ligada aos entretenimentos infantis. Em relação aos dicionários do século XXI, registram algumas das unidades léxicas em estudo, mas com acepções distintas da contemplada pela pergunta 164/QSL/ALiB. Na sequência, relacionam-se duas definições obtidas em dicionários de Língua Portuguesa que tratam de algum tipo de jogo/diversão infantil ou de alguma característica atribuída a alguém quando na prática de alguma brincadeira[290]. No caso, a denominação *ciranda* definida como: "[...] **dança de roda infantil ou adulta**, oriunda de Portugal; cirandinha e *bobinho*: "**Passatempo em que os jogadores fazem um círculo**, trocam passes entre si, enquanto um jogador, no centro, procura interceptar a bola".

Além disso, também são verificadas coincidências entre as definições atribuídas aos objetos e a possibilidade de "arremessá-lo atrás de outra pessoa, pegar e sair correndo com o objeto na mão", pois *lenço* pode ser definido como: "pedaço quadrado de tecido com que uma pessoa limpa o suor do rosto ou assoa o nariz; **2** pedaço de pano, geralmente quadrangular, que serve para ornar e resguardar a cabeça ou o pescoço" (HOUAISS, 2009). Essa situação se repete

[290] Ressalta-se que as demais denominações não estavam registradas no dicionário com acepções possíveis de relacioná-las a alguma das possibilidades consideradas neste estudo: brincadeira, objeto e ação.

considerando a *varinha*[291], por ser passível de arremesso. No caso, o *ovo* possivelmente teria que ser apenas colocado atrás de alguém.

Quanto às demais denominações, Cunha (1986) registra as unidades léxicas que serão apresentadas conforme os respectivos agrupamentos: i) entretenimento infantil, *ciranda*: “sf. ‘peneira’ ‘dança de roda infantil’ XVI. De origem controvertida. CIRANDAR. 1813; ii) descrição do objeto utilizado na brincadeira, o *lenço,* definido como: “sm. 'pedaço quadrado de estofo que serve para uma pessoa limpar o rosto' XIII. Do lat. lenteum, por linteum - ei. linho, tecido de linho” e iii) ações expressas a partir de verbos que compõem algumas denominações (passa-passa/passa-anel, corre-cotia e esconde-varinha); são os casos do verbo “passar” registrado como: “vb atravessar, transpor, exceder, XIII; o verbo “esconder” indicado como: “vb encobrir, ocultar, não revelar, XIV e “correr” indicado como: “vb. Mover-se, deslocar-se com rapidez, XIII”.

Ao consultar o dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012), informa-se que há apenas uma unidade léxica registrada, a denominação *ciranda*, caracterizada como um tipo de dança, de origem portuguesa. Em referência a localidades brasileiras registra-se a seguinte informação: “[...] Samba rural no Estado do Rio de Janeiro (Parati) e também dança paulista de adultos, terminando o baile rural no fandango, em rodas concêntricas, homens por dentro e mulheres por fora” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 208).

Ao examinar os dados fornecidos na localidade de Parati (206), constata-se que não houve registro de *ciranda* como resposta para a questão solicitada. Além disso, salienta-se que apesar de ser caracterizada como uma diversão/lazer, essa unidade lexical não refere-se à brincadeira solicitada na questão 164/QSL/ALiB, apesar de ter elementos comuns, situação que justifica a ausência da resposta na localidade fluminense.

Essa não correspondência com a brincadeira em causa também ocorre com a unidade lexical *anel*, que na definição apresentada por Câmara Cascudo (2012) se refere à outra diversão, à medida que é definida como:

[291] Refere-se à denominação *esconder-varinha*, em que esconder é definido como: **1.** Pôr (algo, animal, alguém, inclusive si mesmo) em algum lugar de modo a ficar oculto; OCULTAR. (Aulete, 2006).

> Jogo do anel: divertimento para crianças e pessoas adultas, constando de um anel oculto entre as palmas das mãos fechadas e fingidamente depositado nas mãos de todas as pessoas presentes. Pergunta-se quem tem o anel e o perguntado indicará um dos componentes, pagando prenda quando não coincidir com o verdadeiro depositário. O jogo do anel é uma das 'Fórmulas de Escolha', para início de jogo de prendas. O jogo é, para nós, de origem portuguesa (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 49).

Além de Câmara Cascudo, essa descrição é reforçada em Friedmann (2014) que assim descreve a brincadeira:

> [...] As meninas sentam-se na beira das calçadas. Uma delas, em pé, vai passar o anel. Ficam todas com as mãos postas no colo. A que dirige a brincadeira também conserva as mãos fechadas, em idêntica posição, escondendo o anel. Começa então a passá-lo. Vai fingindo que deixa o anel cair entre as mãos das meninas, uma por uma, e afinal, solta-o nas mãos da criança que escolhe, sem que as outras desconfiem. Feito isso, ela se afasta, dá um sopro nas próprias mãos, abrindo-as e mostrando que o anel desapareceu. E sai perguntando? – Quem tem o anel? ... Se a menina interrogada responde, por sorte, adivinhando a companheira que tem o anel, esta é que vai passá-lo na vez seguinte. Se não acertar, recebe tantos tapinhas quantos deseja a menina que tinha o anel (FRIEDMANN, 2014, p. 158).

Verificando as duas descrições, constata-se que ambas diferem do texto descritivo da brincadeira na pergunta 164/QSL/ALiB. Porém, ao examinar a descrição fornecida pelo informante nota-se outra correspondência com o divertimento investigado, provavelmente por influência de alguns elementos comuns. Na sequência, atente-se aos fragmentos retirados de dois inquéritos analisados neste estudo. No primeiro caso, o informante indica a possibilidade de realizar a brincadeira em pé e com traços semelhantes a brincadeira do "lenço", porém não assegura que *passa-anel* seja o nome do entretenimento:

> INF.- Acho que é passa anel. Acho que é o passa anel, num é? Cê tem que pegá e escondê atrai dotra pessoa e tem que sabê quem que tá, (inint) tipo passa anel, acho.
> INQ.- Eh, mas acho que o passa anel é mais sentado.
> INF.- Eh, tem o passa anel que é sentado e tem esse aí que cê põe atrás da pessoa.
> INQ.- Também chama passa anel?
> INF.- Eh ou é, eles falava: "corre vovó, na casa num sei de quem..."
> INQ.- Você lembra?/ INF.- Lembro, mai o nome eu num lembro (Mococa, ponto 160, informante do sexo masculino, faixa etária I).

No segundo caso, o informante indica que o nome da brincadeira é “passa-anel”, porém o nome da brincadeira é condicionado ao uso do objeto, ou seja, ao alterar o objeto, pode haver mudança de nome.

> INF.- É o... passa lenço, passa anel, né?
> INQ. É o passa-lenço então?
> INF. Lenço ou se é outro objeto. ... é o passa-anel (Bernardino de Campos, ponto 167, informante do sexo masculino, faixa etária II).

Essas variantes (lenço, anel, varinha) parecem causar no informante uma possibilidade de combinação entre o objeto e um verbo, o que resulta em uma nova variante para denominar o solicitado na questão 164/QSL/ALiB.

Quanto às demais denominações, não estão dicionarizadas. Buscou-se em Friedmann (2014), uma possível descrição para a brincadeira em causa e constatou-se a presença de nomeações indicadas como sinônimo para a brincadeira. O Quadro 57 reproduz as informações fornecidas pela autora.

Quadro 57 – Descrição da brincadeira do “lenço-atrás”

Lenço atrás
(Corre-cotia, lenço, lencinho branco, lenço na mão, que lenço)

3 ou mais jogadores.
Ao ar livre.
Lenço.

Dispõem-se os jogadores em círculo, voltados para o centro e ligeiramente afastados uns dos outros. Escolhida por sorte, uma criança permanecerá fora do círculo e segurará um lenço. Dado o sinal de início, o jogador de posse do lenço corrre ao redor do círculo com o fim de deixá-lo cair atrás de uma das crianças. Enquanto a criança corre, as do circulo, de olhos fechados, vão cantando:

“Corre cotia
na casa da tia
Corre cipó
na casa da vó
lencinho na mão
caiu no chão
moça bonita
do meu coração
posso jogar?
Pode!”

Se a criança atrás de quem for deixado o lenço perceber que está ali, deverá apanhá-lo e sair correndo atrás do jogador que o deixou cair, procurando prendê-lo antes de ocupar o lugar vago. Se o perseguidor for preso ficará 'choco', indo para o centro do círculo, onde permanecerá sentado. O jogador que ficar de posse do lenço continuará correndo em torno do círculo e repetirá a ação inicial. O jogo termina com a substituição do primeiro corredor.
Observações:
* o jogador 'choco' voltará a ocupar um lugar no círculo quando for substituído por um companheiro;
* os jogadores deverão deixar o lenço sem tocar no companheiro;
* o jogador que avisar o companheiro da deixada do lenço, ficará 'choco',
* os jogadores que não perceberem a deixada do lenço também ficarão chocos.

Fonte: Friedmann (2014, p. 55-56).

Ao explorar as informações fornecidas no Quadro 57, percebe-se que foram indicadas várias denominações, como: “*corre-cotia, lencinho, lencinho branco, lenço na mão, que lenço*” para a brincadeira. Além disso, ao final da descrição, há a indicação de uma criança que faz o papel de choco: “Se o perseguidor for preso ficará ‘choco’, indo para o centro do círculo, onde permanecerá sentado”.

Além de identificar um papel desempenhado por alguém, a criança que está no momento “choco” recebe a atribuição de algumas atividades:

> O jogador ‘choco’ voltará a ocupar um lugar no círculo quando for substituído por um companheiro; o jogador que avisar o companheiro da deixada do lenço, ficará ‘choco’ e; os jogadores que não perceberem a deixada do lenço também ficarão ‘chocos’ (FRIEDMANN, 2014, p. 55-56).

Acredita-se que a função desempenhada pelo “choco” de acordo com a descrição fornecida corrobora a visão da criança, no caso dos nomes mencionados anteriormente, *bobinho* e *pato-choco*, ambos por serem compreendidos como “menos espertos/ingênuos” e, consequentemente, serem aprisionados durante a brincadeira. A música, sugerida, durante a realização da brincadeira, é destacada a seguir: “Corre cotia na casa da tia corre cipó na casa da vó lencinho na mão caiu no chão moça bonita do meu coração posso jogar? Pode!” é citada por informantes quando da realização do inquérito, como pode ser visto na versão 01 do Quadro 58, que registra trechos das músicas cantadas ou versos recitados por informantes quando da lembrança da brincadeira do “lenço-atrás”.

Quadro 58 – Versões da música cantada na execução da brincadeira “lenço-atrás” conforme informações prestadas pelos informantes

VERSÕES	DESCRIÇÃO
Versão 01	INF.- É, assim, oh, corre cotia na casa da tia, corre cipó na casa da vó, lencinho na mão caiu no chão, posso corrê? Pode![292] (Sorocaba – ponto 178 – informante do sexo feminino, faixa etária I).
Versão 02	INF.- É corre cotia... "corre cotia na casa da tia, corre cipó na casa na vó, eu tenho um cachorrim chamado Totó, ele é bonitim de uma perna só." (risos) Aí conta, né, de um, de dois, de trêis (Mococa- ponto 160 – informante do sexo feminino, faixa etária I).
Versão 03	“lenço que corre.” (inint) “corra já”. “Lenço que corre.” “Corre já” (Bernardino de Campos – ponto 170 – informante do sexo feminino, faixa etária II).
Versão 04	Pato choco, tá gorado! Pato choco, tá gorado! (Adrianópolis, ponto 216, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A versão da canção 01 é bastante parecida com a citada na descrição de Friedmann (2014), pois indica os elementos corre-cotia (ação), lenço (objeto) e a casa da vó (local). A segunda também indica os elementos corre-cotia (ação) e casa da vó (local), mas, difere da anterior por inserir o cachorro Totó e suas características na história. A terceira, por sua vez, traz a indicação de correr (ação), dessa vez, sem a presença de cotia, e quem executa a ação é a pessoa que está com o lenço. Por fim, a quarta canção não apresenta elementos comuns às demais versões, pois parece indicar apenas uma informação sobre a característica dos ovos que foram botados pelo pato.

Uma das informantes que citou a música “corre-cotia” (versão 02), afirma que a brincadeira ainda existe na atualidade: “INQ. Vocês cantavam uma musiquinha?/

[292] A informante prossegue com a seguinte descrição da brincadeira: “Daí joga o lencinho, daí a pessoa fala: quantas voltas? Deiz voltas, tem que corrê deiz volta daí ‘cê joga o lencinho”.

INF. Cantava e hoje as criança canta na escola tamém” (Mococa- ponto 160 – informante do sexo feminino, faixa etária I).

De certo modo, essa informação contraria os resultados obtidos para a questão 164/QSL/ALiB pois, como já citado, teve baixa produtividade de denominações. Alguns informantes que responderam a pergunta, qualificaram a brincadeira como antiga, em desuso:

> INQ- Brincou bastante?
> INF- Nossa, e como!
> INQ- Hoje em dia as crianças não brincam mais.
> INF- Não (inint). (Sorocaba - Ponto 178, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Outros entrevistados, afirmaram conhecer a brincadeira, mas não recordam o seu nome. “INF.- Eu já vi sim, eu acho que eu já brinquei dela. Já brinquei já dela só que o nome dela eu num lembro que faiz tempo. Hoje eu tenho vinte e dói ano, eu tinha o quê? Tinha sete, oito quando brincava disso, então faz-se um tempo, né?” (Ribeirão Preto – ponto 157 – informante do sexo masculino, faixa etária I).

De modo geral, quando a resposta foi obtida, nota-se que os informantes indicam pormenores, como é o caso de alguns informantes ao detalhar algumas situações: i) nesse caso, após cantar a música, o informante explica como executar a brincadeira: “Depois ‘ocê põe atráis e o outro tem que corrê atráis pa pegá. E aquele dexo lenço é obrigado a entra no lugar daquele que saiu. E se aquele ainda pegá, aquele ainda fica fazeno feio no meio da roda. Tem que ficá de castigo na roda” (Bernardino de Campos – ponto 170, informante do sexo feminino, faixa etária II); e ii) após obter a resposta, o inquiridor solicita descrição da brincadeira:

> INF. L<u>encinho na mão.</u>
> INQ. Isso, acho que é essa mesma. Como que é?
> INF. Ai, quem, quem roda, aí fica uma andando com o lenço na mão. Aí fica cantando, lencinho na mão, caiu no chão. Aí joga o lenço na mão de um e tem que saí correndo, sentá onde que ele levantô.
> INQ. Isso (São Paulo - ponto 179, informante do sexo feminino, faixa etária II, superior).

Além disso, vários nomes são indicados e justificados pelo informante como denominações para a brincadeira relativa à questão 164/QSL/ALiB. Por exemplo: i) *serra-serra* que é descrita de modo semelhante ao solicitado na questão, porém as crianças brincam sentadas. Verifique o fragmento da fala do informante:

INF.- Serra-serra.
INQ.- Aí joga o lenço atrás de uma, aí tem que levantar e...
INF.- E correno atrái dela.
INQ.- E correr atrás dela. [...]
INF.- Serra-serra.
INQ.- Serra-serra?
INF.- Isso. Que você senta num... é, sentado, porque esse é sentado... senta na rodela, na roda assim, aí se a pessoa pará no cê (?=você), não, parô na sua colega, aí sua colega sai correno atrái dele, aí ele senta no lugar e depois ela começa de novo, né?
INQ.- É, é esse mesmo.
INF.- É esse memo.
INQ.- Serra-serra?
INF.- Serra-serra (Andradina – ponto 155, informante do (sexo feminino, faixa etária I).

Também há a denominação agrupada como: ii) ovo choco:

INF.- Éh... ovo choco. Num sei, acho que é esse nome.
INQ.- Ovo choco?
INF.- É.
INQ.- Aí ela dexa atrás de um, né? Aí o que esse um faz? Quando ele descobre...
INF.- Sai correno atráis pra pegá (Campinas - ponto 173, informante do sexo feminino, faixa etária I)**.**

iii) A brincadeira do *pato*[293] (patim feio) é descrita pelo informante da seguinte forma:

INF.- ... Patim feio.
INQ.- É? Como é que é?
INF.- Uma que vai assim eh... põe um lencinho assim, aí vai bateno, patinho, patinho, patinho, patinho feio. Aí você vai correno, tem que sentá no lugar do outro, primeiro que ele, se não ele vai, "patinho feio, vai pro meio", é, essa brincaderinha eu lembro, da creche.
INQ.- E usa o quê? Um lenço, uma pedrinha?
INF.- Tipo assim. Ou é um lenço, que 'cê vem correno assim atrás e põe. Ou então, ele vai bateno na cabeça, patinho, patinho, patinho, patinho feio, ai na hora que ele bater o outro levanta correno atrás dele. Ele tem que dá uma volta na roda, pode ficar zuano na cara dele, ficá correno, num pode saí da roda, né, aí ele tem que sentá no lugar da pessoa que tá correno atrái'dele.
INQ.- Brincou bastante, né?
INF.- Brinquei, nossa! Essa brincadeira é gostosa. (Bauru – ponto 167, informante do sexo masculino, faixa etária I).

A variante foi indicada por uma informante como uma versão moderna da "brincadeira do lenço":

[293] Indicou-se como a brincadeira do pato assim como a brincadeira do lenço, pois os exemplos tratam de denominações que foram agrupadas como *pato choco e lenço-atrás*, respectivamente.

> INF.- De lenço.
> INQ.- Atrás de alguém e sai correndo.
> INF.- É, brinca de lenço. É as criança fala agora de patinho feio, né.
> INQ.- Ah, é!?
> INF.- É, mas é a de lenço. Fala: corre lenço, que lenço, que lenço, né? Aí quando pára, ai coloca o lenço na pessoa que você qué. Aí você corre. Se a pessoa te alcançá, aí você tem que ficá lá no meio, se ela não te alcançá, ela tem que ficá no meio e você vai corrê atrás. É igual patinho feio, que as criança brinca agora: patinho feio, patinho feio, não é? Que a gente brinca na escola com as criança? Mas é a brincadeira do lenço (Bauru – ponto 167 - informante do sexo feminino, faixa etária II).

A brincadeira do *pato* também é relacionada à brincadeira de “mãe da rua”, como descrito pelo informante, a seguir:

> INF.- Mãe da rua, pata choca.
> INQ.- Como é que é mãe da rua?
> INF.- Mãe da rua um fica no meio, o oto fica tentando pegá. Daí se pegá, aquele que pegô vai po meio. E mãe... e pata choca é aquele um que a criança fica sentado e fica correndo atrás, fica correndo e põe a bolinha atrai’ da pessoa. Daí um tem que corrê atrai do oto.
> INQ.- Ah, esse é pata choca?
> INF.- É!
> INQ.- Canta uma musiquinha na pata choca?
> INF.- A galinha do vizinho bota ovo amarelinho... (risos). (Piracicaba, ponto 172, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Além de considerar as informações fornecidas pelos informantes, consultaram-se, ainda, três trabalhos realizados com dados do Projeto ALiB e que analisam a questão 164 do questionário semântico-lexical: os estudos sobre o falar baiano (RIBEIRO, 2012), o falar amazônico (PORTILHO, 2013) e o falar fluminense (SANTOS, 2016) demonstraram alto percentual de ausências de respostas e grande quantidade de variantes com poucas ocorrências. O Quadro 59, a seguir, traz uma síntese dos resultados dos trabalhos, comparados com os do “falar paulista”, objeto desta tese.

Quadro 59 – Comparação entre as denominações obtidas para a questão 164 QSL/ALiB nos estudos sobre os falares de diferentes regiões do Brasil

Denominações	Falar Baiano (2012)	Falar Amazônico (2013)	Falar Fluminense (2016)	Falar Paulista (2018)
Produtivas	Chicotinho-queimado Ciranda ciranda-cirandinha Corre-cutia/ la coxia Roda	Má cochila Corre-cotia Chicote queimado/ Chicotinho queimado Cipó queimado	Corre-cotia Chicotinho-queimado Ovo-choco	Lenço Corre-cotia Pato choco Ciranda Passa-anel Esconde-varinha Passa-passa Bobinho Queimada Ovo
Ocorrências Únicas	Berlinda Brincadeira do grilo Brincadeira do lenço Camaleão fogo queimô Galho seco Garrafão Ovo choco Queimado Sapatinho atrás	Galinha choca Galinha do vizinho Ovo choco Pira cola Sapato da Mariquinha Berlinda roda Brincadeira de roda Ciranda Brincadeira do grilo Brincadeira da garrafa Gato e rato Cai no poço Pé de chinelo/ Pata cega Corre-corre	Ovo-amarelinho Galho-seco Rabo Roda-roda Pega lenço Maria Chiquinha	Serra-serra Põe-atrás Maria cega Gato e rato Pega-pega Esconde-esconde

Fonte: Elaboração da autora com base nos estudos referenciados.

Além das denominações comuns aos diferentes trabalhos e as características já apresentadas, nota-se o grande montante de unidades léxicais com ocorrência única. Também destaca-se o grande número de variantes fornecidas com verbo (ação) duplicado, como é o caso de: corre-corre (falar amazônico, 2013); roda-roda (falar fluminense, 2016) e serra-serra, neste estudo[294].

Sendo assim, diante das informações elencadas, o agrupamento *lenço-atrás* evidencia o maior índice de registros nos dicionários consultados. E as variantes: *corre-cotia, pato-choco, ciranda, esconde-varinha, ovo e passa-passa* foram aceitas como válidas devido ao grau de produtividade alcançado, documentação em outros trabalhos dialetais já realizados ou por confirmação da resposta fornecida pelo informante. Além disso, nenhuma delas foi indicada como ocorrência única.

[294] Considerando a capital, ainda foram registradas as variantes: *pega-pega e esconde-esconde*.

4.1.6.6 Considerações sobre os dados apurados na questão 164/QSL/ALiB

De acordo com os dados examinados no decorrer da análise da pergunta selecionada e a leitura da carta 6a e 6b, é possível afirmar que:

i) A pergunta evidenciou alto grau de abstenção sendo não informada por 52,95% dos entrevistados. Essa baixa produtividade é recorrente em outros estudos que analisam a mesma questão, inclusive, neste estudo, recupera-se a afirmação de Portilho (2013): “a baixa produtividade de respostas para essa questão inviabiliza a confirmação da área dialetal do falar amazônico para o conceito em foco” (PORTILHO, 2013, p. 121). Essa conclusão aplica-se também ao falar paulista.

ii) Entre os perfis com maior grau de abstenção estão os representados pelos informantes do sexo masculino, faixa etária I (32,40%). Entre as faixas etárias e sexos, os valores percentuais de abstenção de resposta são: i) sexo masculino: 62%, ii) feminino: 38%; iii) faixa etária I: 50,90% e iv) faixa etária II: 49,10%. A maior produtividade de respostas no sexo feminino também ocorre quando do fornecimento de informações a respeito da brincadeira, o que sugere, uma possível preferência da brincadeira pelo sexo feminino.

iii) Nenhuma das variantes obtidas foi registrada em todas as localidades estudadas.

iv) As variantes formadas a partir da base *lenço,* agrupadas, neste estudo, como lenço-atrás*,* foram as mais produtivas, dados esses que diferem dos obtidos em regiões brasileiras analisadas, que identificam como mais produtivas as seguintes variantes: *chicotinho-queimado* (RIBEIRO, 2012), *má-cochila* (PORTILHO, 2013) e *corre-cotia* (SANTOS, 2016).

v) Entre as denominações obtidas neste estudo, registram-se respostas associadas a nomes de brincadeiras, objetos ou ações realizadas, além de se relacionarem, paralelamente, a elementos contemplados no texto da pergunta.

vi) Devido ao alto número de abstenções, ao grande número de variantes pouco produtivas e as informações prestadas pelos informantes, de modo geral, nota-se que a brincadeira não continua ativa entre os participantes da pesquisa. Assim, no início do século XXI, a brincadeira “lenço-atrás”

parece pertencer apenas na memória dos falantes, todavia, sem riqueza de detalhes.

vii) Outras respostas foram fornecidas pelos entrevistados: *bobinho e passa-anel*, porém não foram validadas por referirem-se a outra brincadeira e/ou por falta de elementos que os relacionassem a brincadeira em questão.

4.1.7 Amarelinha

4.1.7.1 Amarelinha: a brincadeira

A brincadeira objeto da pergunta 167/QSL/ALiB “Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.35) é conhecida popularmente como *amarelinha.* Essa atividade é considerada como um tipo de recreação tradicional e com poucas informações sobre a sua procedência e/ou modos de brincar na antiguidade. Entre as informações apuradas sobre esse divertimento, há registros da sua prática desde a antiga Grécia e Oriente (KISHIMOTO, 2015). No Brasil, a brincadeira é bastante popular e possui variados formatos e nomes. Meirelles (2007, p. 33), por exemplo, pondera que ela é:

> [...] provavelmente, uma das brincadeiras mais conhecidas. Existe uma variedade enorme de desenhos e regras espalhados pelos pés de crianças no mundo inteiro. São tantas as culturas que pulam há séculos nesses tradicionais desenhos, que dá até para nos convencermos de que se trata de gestos necessários à infância, um verdadeiro símbolo infantil” (MEIRELLES, 2007, p. 33).

A Figura 32 traz o desenho de uma criança executando a brincadeira.

Figura 32 – Crianças brincando de “amarelinha[295]”

Fonte: Depositphotos (2018).

[295]A imagem está disponível em: <https://st.depositphotos.com/1695366/1395/v/950/depositphotos_13950705-stock-illustration-cartoon-hopscotch-girl.jpg>. Acesso em 01.fev.2018.

A pergunta 167/QSL/ALiB foi bastante produtiva, embora não tenha gerado variedade de denominações como resposta.

4.1.7.2 Amarelinha: os nomes da brincadeira

Foram documentadas 20 variantes como denominação para “a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?”, que perfizeram 180 ocorrências. Além disso, houve 16 casos de ausência de resposta (15 no interior do estado de São Paulo e um na área de controle).

A Tabela 15, a seguir, detalha os dados brutos obtidos por meio da pergunta em exame:

Tabela 15 – Denominações para “amarelinha” nas localidades investigadas

	Interior de SP	**Área de Controle**	**Total**	
Amarelinha	57,24%	45,45%	107	54,59%
Marelinha	25,66%	15,91%	46	23,47%
Maré	2,63%	25,00%	15	7,65%
Pula-pula	1,97%	2,27%	4	2,04%
Quadradinho	0,66%	0,00%	1	0,51%
Cirandinha	0,66%	0,00%	1	0,51%
Pedrinha	0,66%	0,00%	1	0,51%
Marrequinha	0,66%	0,00%	1	0,51%
Pula balé	0,00%	2,27%	1	0,51%
Malha	0,66%	0,00%	1	0,51%
Cruzadinha	0,00%	2,27%	1	0,51%
Alerta-cor	0,00%	2,27%	1	0,51%
Não respostas	9,21%	4,55%	16	8,16%
Total	100%	100%	196	100,00%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que, em sua maioria, obedeceram a critérios lexicais, fonéticos e morfológicos. Excetuam-se, neste caso, as denominações *amarelinha* e *marelinha* que foram analisadas, neste estudo, separadamente devido à alta produtividade de ambas as variantes e pelas características sociais dos informantes que as mencionaram.

Sendo assim, computaram-se quatro variantes lexicais que correspondem as 180 ocorrências de respostas listadas de acordo com a produtividade: *amarelinha*, *marelinha*, *maré*, *pula-pula.* Além disso, ao item “outras denominações com

ocorrências únicas" foram agrupadas variantes que em algum aspecto se relacionam com a brincadeira (Quadro 60).

Quadro 60 – Agrupamentos de variantes que nomeiam "a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só"

Variantes lexicais	Agrupamentos
Amarelinha[296]	Amarelinha(s), pular de amarelinha, amarelim
Marelinha	Marelinha, marelim
Maré	maré, pular maré, jogar maré, a maré, brincar de marezinho,
Pula-pula	Pula-pula, jogo de pula-pula
Outras denominações com ocorrências únicas	Quadradinho, cruzadinha, pedrinha, marrequinha, pula balé, malha, alerta-cor

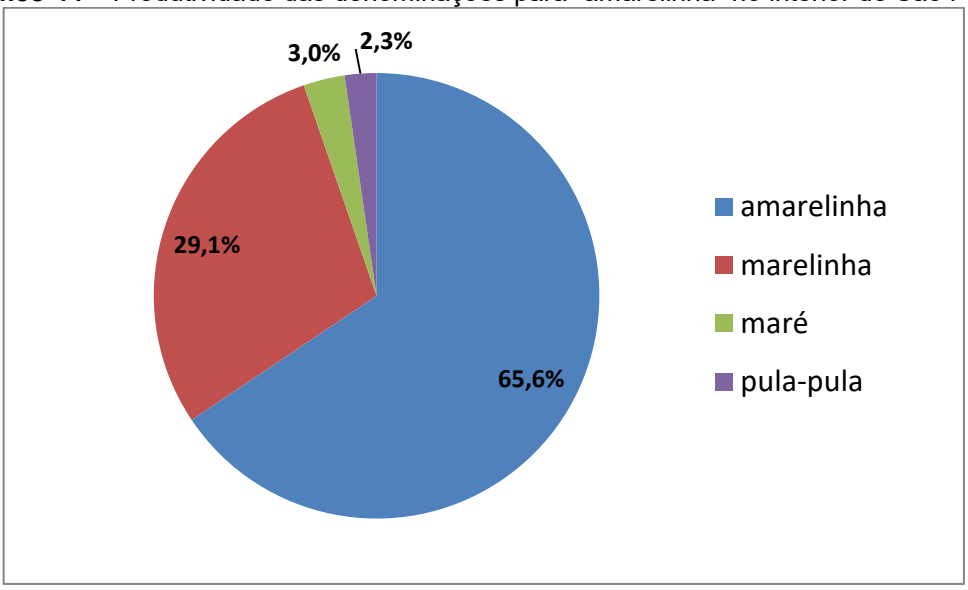
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

4.1.7.3 Produtividade das variantes

Os dados da carta nº 07a e 7b (a continuação) e a Tabela 15 apontam a supremacia de uso da unidade lexical *amarelinha* na área investigada, tanto no que se refere às subdivisões territoriais, no caso do interior do estado de São Paulo, quanto às localidades pertencentes à área de controle.

Os dados obtidos nas localidades do interior de São Paulo indicam a supremacia das variantes *amarelinha* e *marelinha* (Gráfico 44):

Gráfico 44 – Produtividade das denominações para "amarelinha" no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

[296] As denominações amarelinha e marelinha são computados separadamente devido aos resultados dos dados segundo aspectos sociais – dimensões diassexual e diageracional detalhadas durante a análise.

De acordo com os dados do Gráfico 44, a maioria da população do interior do estado (65,6%) optou pelo uso da unidade lexical *amarelinha,* seguida da variante *marelinha* (29,1%). As demais variantes alçaram valores percentuais muito próximos e baixos. A Tabela 16 detalha a produtividade das variantes mais recorrentes de acordo com as mesorregiões do IBGE.

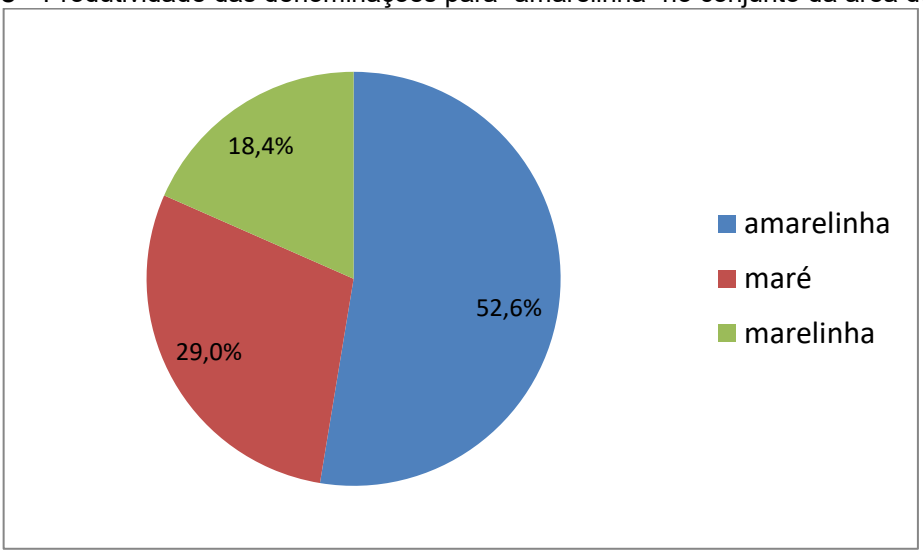
Tabela 16 – Produtividade das denominações para a "amarelinha", segundo a mesorregião administrativa do IBGE no Estado de São Paulo

VARIANTES	Amarelinha (%)	Marelinha (%)	Maré (%)	Pula-pula (%)
Araçatuba	3,2	7,5	0,0	66,7
Araraquara	6,5	2,5	0,0	0,0
Assis	6,5	2,5	0,0	0,0
Bauru	7,5	7,5	0,0	0,0
Campinas	7,5	7,5	0,0	0,0
Itapetininga	11,8	7,5	50,0	0,0
Litoral Sul Paulista	6,5	7,5	0,0	0,0
Macrometropolitana Paulista	4,3	10,0	0,0	0,0
Marília	3,2	2,5	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	10,8	5,0	0,0	0,0
Piracicaba	3,2	2,5	0,0	0,0
Presidente Prudente	6,5	25,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	6,5	7,5	50,0	0,0
São José do Rio Preto	9,7	0,0	0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	6,5	5,0	0,0	33,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Já os dados oriundos das localidades da área de controle demonstram outro cenário quanto à produtividade das variantes obtidas, apesar de *amarelinha* ainda ser a variante mais recorrente. A segunda mais produtiva é *maré*, seguida de *marelinha* como atesta o Gráfico 45, a seguir.

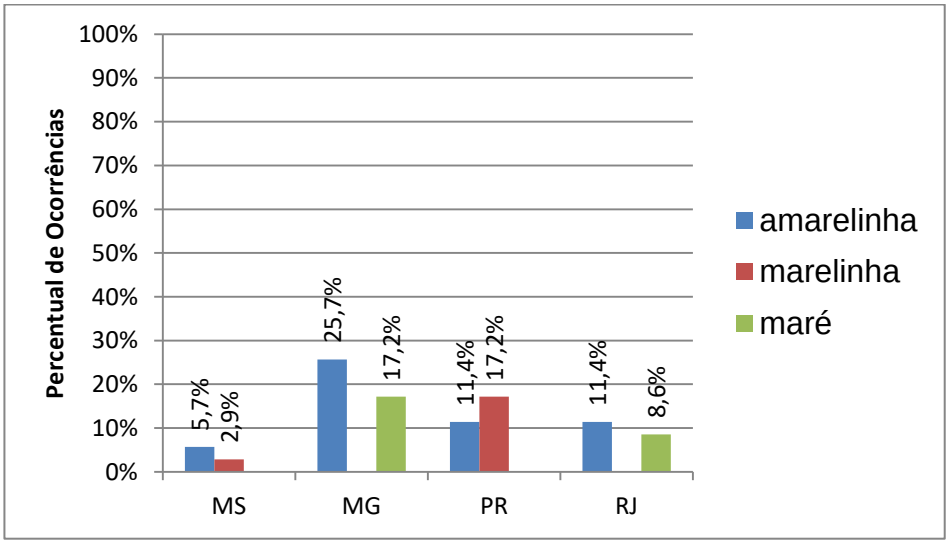
Gráfico 45 – Produtividade das denominações para “amarelinha” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nota-se que os dados obtidos na área de controle não evidenciam grandes mudanças em relação à predominância de *amarelinha* em todos os estados. É o que atesta o Gráfico 46:

Gráfico 46 – Produtividade das denominações para “amarelinha” segundo a unidade da federação/ área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados dos Gráficos 45 e 46, demonstram que a unidade lexical *amarelinha* configura-se como a variante mais produtiva considerando a totalidade dos dados da área de controle. Porém, o exame desses dados por estado demonstram que apenas no Paraná a variante *marelinha* é forma mais produtiva que *amarelinha.*

De modo geral, esses dados apontam para uma subdivisão considerando as duas respostas mais produtivas de cada estado. No caso, seriam agrupados: i) MS e

PR com as ocorrências de *amarelinha* e *marelinha* e ii) MG e RJ, com *amarelinha* e *maré.* Tendo em vista essa subdivisão, nesse particular a carta lexical nº 7b, indica a produtividade geral (área de controle) para a pergunta em estudo.

Carta 7a – Denominações para “amarelinha” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 167 – “Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?”

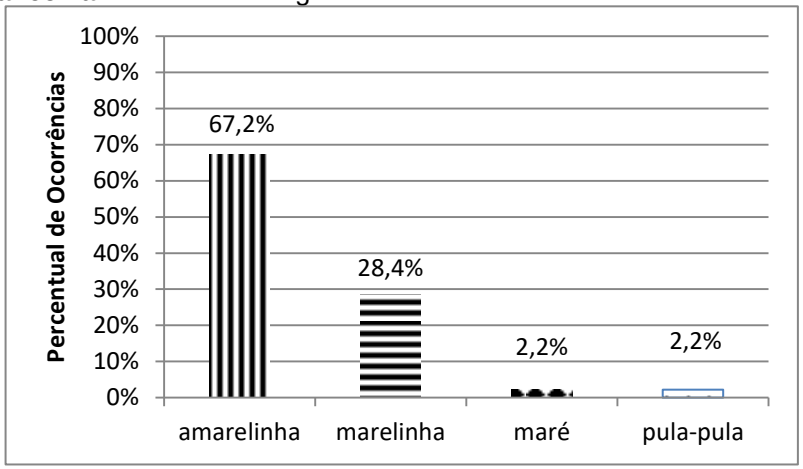
Denominações com ocorrência única: pedrinha (Lins – ponto 158, informante masculino, faixa etária II), quadradinho (Botucatu – ponto 171, informante masculino, faixa etária II), malha (Ribeira, ponto 185 – informante masculino, faixa etária II), marrequinha (Ribeira, ponto 186, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados:
“INF. É amarelinha?/INQ. Como é que é?/ INF. É a gente falava ‘brincá de a ...maré, maré/ INQ. Maré?/ INF. Jogá maré. Eles fala agora amarelinha né, na minha época era joga maré/ INQ. Na tua época era maré. E como que era?/ INF. Ah, ‘cê punha... riscava um... um risco, retângulo, cada quadrinho era um número, até acho que... até o deiz, e a gente ia pulano. Assim, num pé só” (Ribeirão Preto- ponto 157, informante homem, sexo masculino).

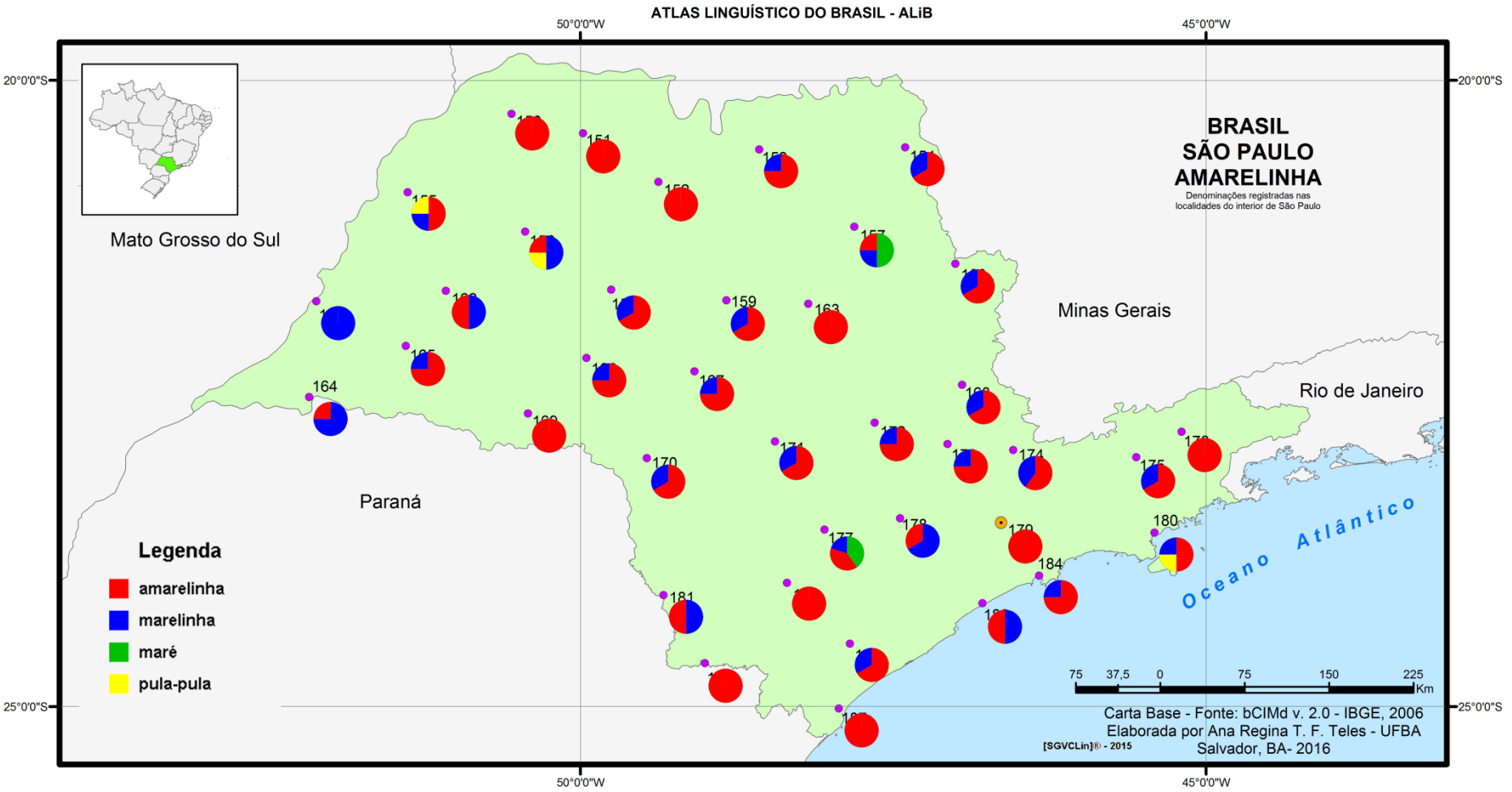
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Amarelinha: amarelinha, amarelinhas, pular de amarelinha, amarelim.
Marelinha: marelinha,marelim.
Maré: maré, pulá(r) maré, jogá(r) maré, a maré, brincar de marezinho.
Pula-pula: pula-pula, jogo de pula-pula.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 7a – Produtividade geral de “amarelinha” no estado de São Paulo



Carta 7a – Denominações para “amarelinha” no estado de São Paulo



“Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” - 167/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 7b – Denominações para “amarelinha” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 167 – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?

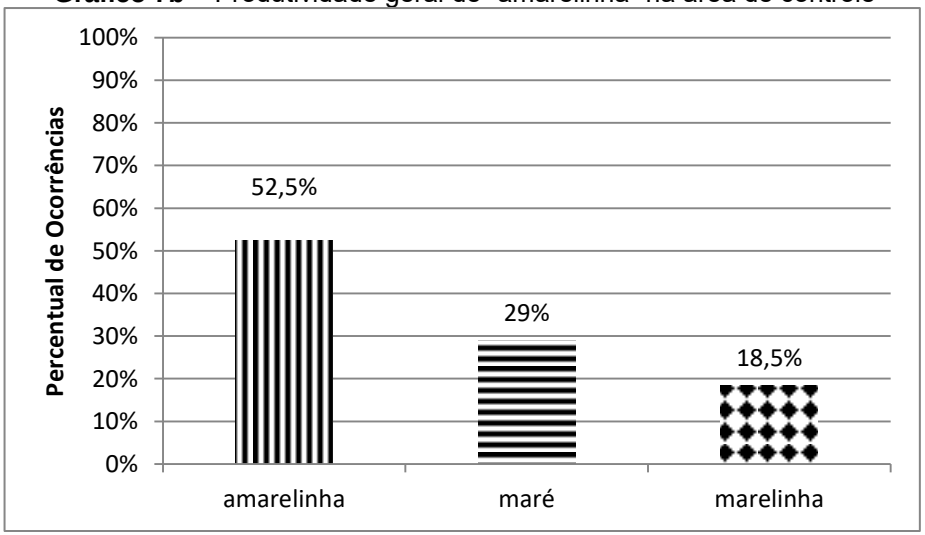
Denominações únicas: pula balé (Poços de Caldas - ponto 147, informante masculino, faixa etária II), alerta-cor (Barra Mansa - ponto 205, informante do sexo masculino, faixa etária I) cruzadinha (Adrianópolis - ponto 216, informante do sexo masculino, faixa etária I). Todas as respostas foram fornecidas por informantes com grau de escolaridade fundamental.

Comentários sobre dados cartografados:
“INF. Essa que é alerta-cor! [...] A pessoa faz, isso é muito menina também que brinca, que faz tipo quatro quadrinho aqui, põe dois no meio e tem que ir pulando. Se você errar, daí é isso... o nome, que eu já vi muitas meninas brincar, é essa. Agora sumiu que quase ninguém brinca!”(Barra Mansa – ponto 205, informante do sexo masculino, faixa etária I).

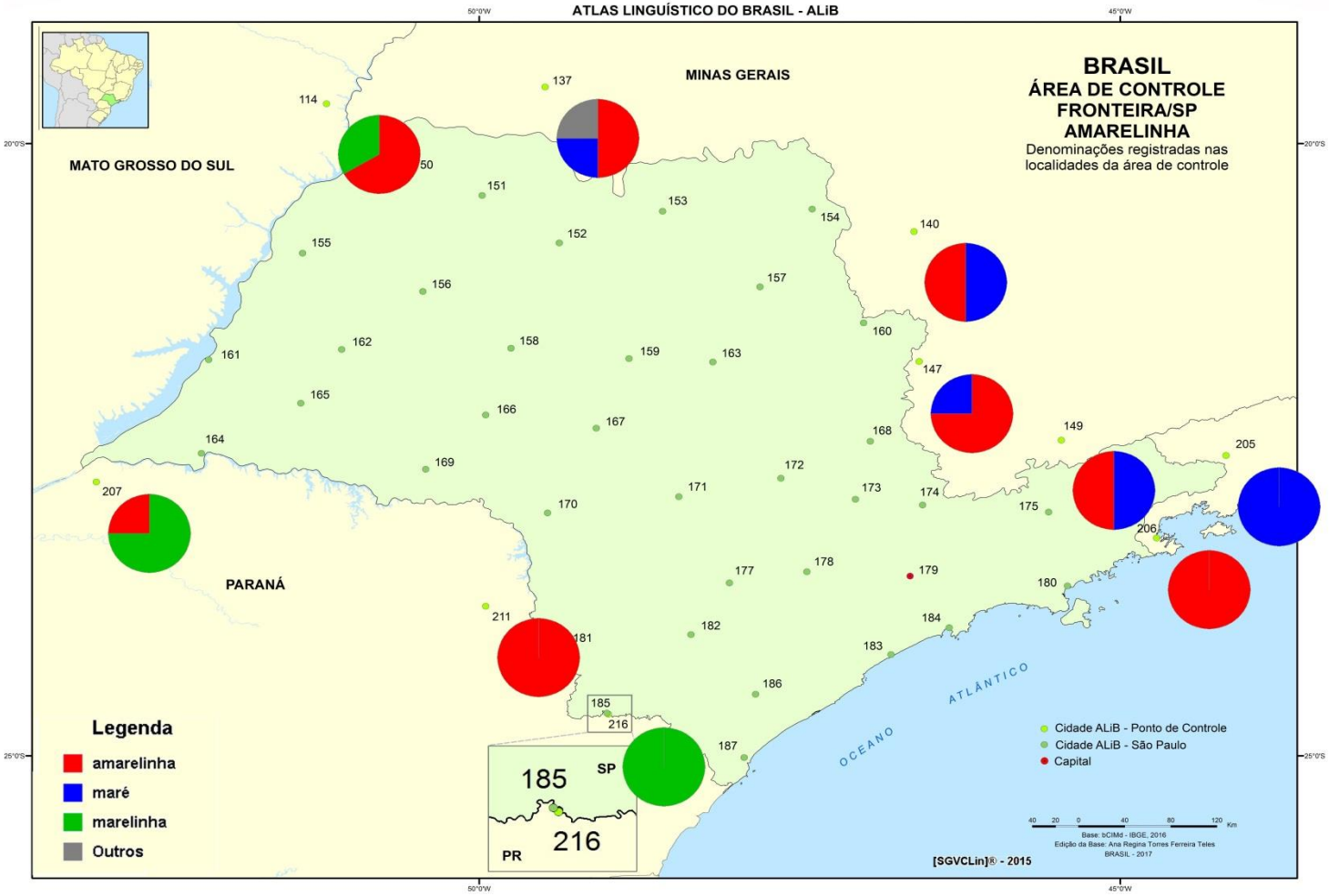
Respostas obtidas sem os agrupamentos:
Amarelinha: amarelinha, amarelinhas, pular de amarelinha, amarelim.
Marelinha: marelinha,marelim.
Maré: maré, pulá(r) maré, jogá(r) maré, a maré, brincar de marezinho.
Pula-pula: pula-pula, jogo de pula-pula.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 7b – Produtividade geral de “amarelinha” na área de controle



Carta 7b – Denominações para “amarelinha” na área de controle



“Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” - 167/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

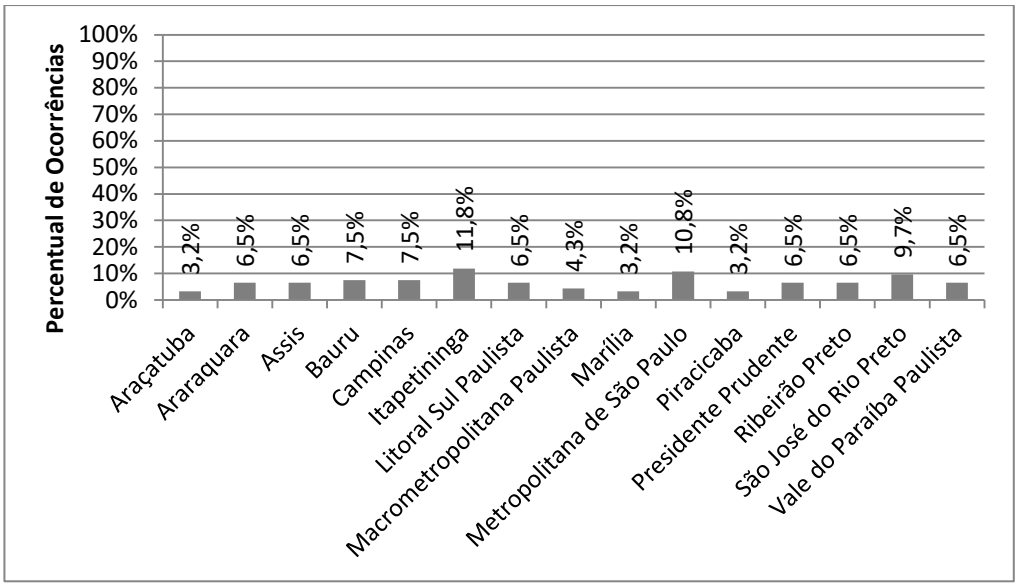
4.1.7.4 Análise diatópica das denominações para “amarelinha”

A análise das denominações fornecidas pelos informantes é apresentada de acordo com a produtividade de cada variante, em ordem decrescente, priorizando os dados obtidos no estado de São Paulo.

4.1.7.4.1 Unidade lexical *amarelinha*

O item lexical *amarelinha* teve alta produtividade em toda a área investigada para este estudo, não sendo registrada apenas em três pontos linguísticos: i) estado de São Paulo: Presidente Epitácio (Ponto 161) e, ii) área de controle: Adrianópolis (Ponto 216) e Barra Mansa (Ponto 205). As localidades estão situadas em pontos distintos da área investigada, não possuindo, portanto, proximidade geográfica. O Gráfico 47 registra a produtividade de *amarelinha* nas mesorregiões paulistas:

Gráfico 47 – Produtividade da unidade lexical *amarelinha* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nas mesorregiões de Itapetininga, Metropolitana de São Paulo e São José do Rio Preto, o item lexical *amarelinha* atinge os maiores percentuais de ocorrência.

De acordo com os dados nacionais mapeados no Atlas Linguístico do Brasil carta L23 (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 315), relativos às capitais brasileiras, a variante mais produtiva como denominação para o referente expresso na pergunta 167/QSL/ ALiB também foi *amarelinha.*

O Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994) também dispõe de uma carta para a brincadeira em exame que evidencia grande disseminação da unidade lexical *amarelinha*[297]. Como segunda denominação, documenta a variante *caracol*, esse item lexical foi bastante produtivo na região próxima à capital paranaense, dado confirmado pelo ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b) na fala dos curitibanos. O ALPR ainda registra casos pontuais como *quadrinho (a)* e *boneco*, como nomes para a "amarelinha".

O Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO *et al.*, 1977), não contém carta relativa a essa brincadeira, mas o estudo monográfico produzido por D´Anunciação (2016)[298], na carta 10, registra a predominância de *amarelinha* em Minas Gerais.

A dissertação de Santos (2016) "discute a vitalidade do Falar Fluminense[299], utilizando as 13 perguntas que compõem" (SANTOS, 2016, p. 10) a área semântica dos Jogos e Diversões Infantis (ALiB/2001) e, na carta relativa à questão 167/QSL/ALiB, também predomina a variante *amarelinha* no território investigado, sobretudo nas regiões circunscritas aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

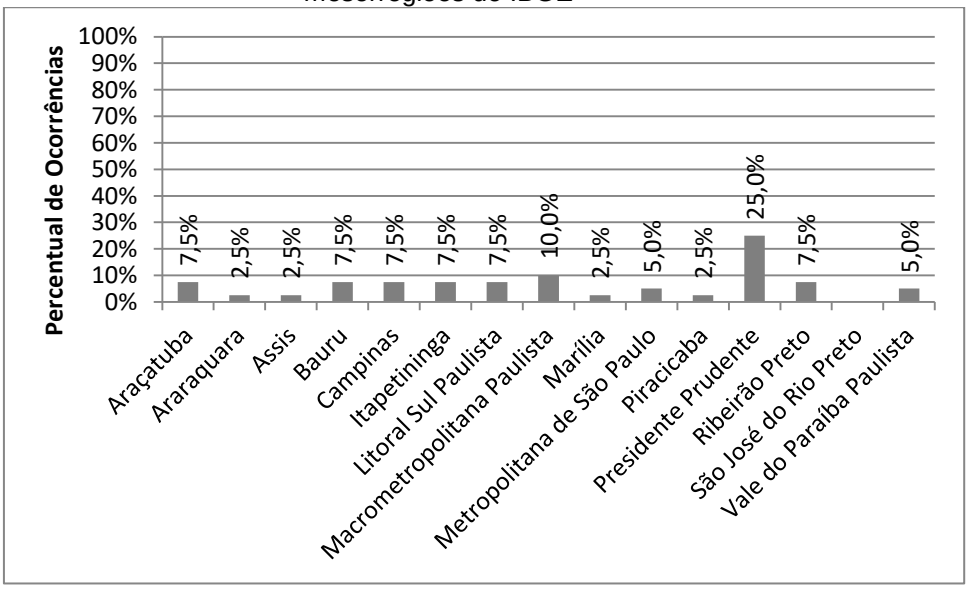
A produtividade da variante *amarelinha* ainda é destacada no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), pois a unidade léxica é a mais produtiva nessa região do Brasil e nos pontos de inquéritos próximos à fronteira PR-SP é a única registrada.

4.1.7.4.2 Unidade lexical *marelinha*

O item lexical *marelinha* foi documentado em boa parte do estado, em especial em localidades pertencentes às mesorregiões de Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Araraquara, Assis, Itapetininga, Litoral Sul Paulista e Vale do Paraíba. O Gráfico 48 indica o percentual do item léxico *marelinha* no estado de São Paulo.

[297] Salienta-se que à denominação *amarelinha* foi agrupada à variante *marelinha, o que* pode ser constatado pelas notas relativas a essa carta.
[298] A monografia foi produzida sob orientação da Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro e coorientação do Prof. Me. Leandro Almeida dos Santos.
[299] A dissertação foi produzida sob orientação da Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro e coorientação da Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim.

Gráfico 48 – Produtividade da unidade lexical *marelinha* no estado de São Paulo, segundo as mesorregiões do IBGE



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Por seu turno, as localidades da área de controle em que não houve o registro da forma *marelinha* foram as seguintes: Campina Verde/MG (137), Passos/MG (140), Poços de Caldas/MG (147), Itajubá/MG (149), Tomazina/PR (211), Barra Mansa/RJ (205) e Parati/RJ (206). A variante *marelinha* foi a única resposta fornecida por todos os informantes de Presidente Epitácio (ponto 161), cidade localizada no oeste de São Paulo, próximo à divisa com o estado do Paraná, onde foi consideravelmente produtiva, menos em Tomazina (211).

No Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014), que tem a localidade de Presidente Epitácio como ponto linguístico, não há registro de *marelinha*, apenas de *amarelinha* (única denominação cartografada) para nomear a brincadeira em causa. Porém, é provável que a autora tenha realizado a junção das formas *marelinha* e *amarelinha,* pois no verso da carta 087 (amarelinha), há o registro da nota: “Faiz aqueles quadradinho assim, jogava uma pedrinha e vai pulano só num pé só... 'marelinha” (Inf 002). Situação semelhante ocorre no Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) que registra *amarelinha* agrupada com *marelinha,* o que pode ser atestado pelas notas relativas à carta 091/amarelinha:

03 (inf. B): "aquele eu cunheço muito poco, eu vi falá marelinha";

29 (inf. A): A primeira resposta foi: "é quadrinha? Num é marelinha que fala?" [...].

Esses dados relativos justificam a permanência da variante *marelinha* no Paraná e em São Paulo nos dados do Projeto ALiB, discutidos neste assunto.

Por sua vez, no estudo de D' Anunciação (2016), a variante *marelinha* foi pouco significativa em Minas Gerais, pois "foi registrado apenas em um informante de Patos de Minas, nas demais localidades só documentamos a presença da lexia amarelinha" (D'ANUNCIAÇÃO, 2016, p.77). Logo, também houve a junção entre as unidades léxicas (*amarelinha* e *marelinha*) na referida monografia, para fins de tabulação dos dados.

Recupera-se que, neste estudo, o não agrupamento das variantes *amarelinha* e *marelinha* justifica-se pelo comportamento das duas unidades léxicas nos diferentes perfis sociais, pois mostraram dados opostos ao serem analisadas de modo separado, riqueza de dados que julgamos não ser notada se realizado o agrupamento das respostas, mesmo que as duas (com a perda ou não de um elemento gráfico) se refiram a uma mesma unidade léxica.

Na sequência, discutem-se os dados sobre o item léxico *maré.*

4.1.7.4.3 Unidade lexical *maré*

A unidade lexical *maré* foi documentada no estado de São Paulo, apenas em Ribeirão Preto (157) e em Itapetininga (177). Já na área de controle, o maior destaque para a unidade léxica se deu em Barra Mansa (205), estado do Rio de Janeiro, com três ocorrências (única documentada). Os demais registros ocorrem na área de controle, nas localidades mineiras de: Campina Verde (137), Passos (140), Poços de Caldas (147) e Itajubá (149).

Verifica-se que o item léxico *maré* foi registrado em São Paulo nas localidades próximas ao estado de Minas Gerais, o que permite traçar uma faixa de uso dessa variante que obedece aos critérios geográficos estabelecidos para a divisão das unidades federativas (Ver carta 7b).

Ainda considerando os dados documentados no estado de São Paulo, acredita-se que o registro de *maré* em Itapetininga, possivelmente represente uma influência de processos migratórios e/ou apontar para um uso pretérito da variante na área rural, já que o informante que a mencionou morou durante 30 anos em área não urbana. Ressalta-se que essa cidade também foi rota de passagem dos tropeiros no século XX e configura-se como uma cidade tradicional e importante no cenário da história do estado de São Paulo.

Embora não haja carta sobre a “amarelinha”, no Esboço de um atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al, 1977), a variante *maré* é documentada no Atlas Linguístico do Brasil, carta L23 (CARDOSO et al, 2014b, p. 315), na capital mineira, com produtividade de 50% das respostas (aproximadamente). Ademais, a denominação também é registrada em Goiânia (GO) com aproximadamente 40% das ocorrências. Em ambos os estados, a unidade léxica concorre apenas com a variante *amarelinha.*

Quanto aos dados do interior de Minas Gerais, D’Anunciação (2016) informa que a unidade léxica *maré* figura com 34,9% das ocorrências obtidas no estado, incluindo os pontos de inquéritos que se localizam mais próximos aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Em Santos (2016) a denominação *maré* foi a segunda mais produtiva.

4.1.7.4.4 Unidade lexical *pula-pula*

O item lexical *pula-pula* foi pouco produtivo no estado de São Paulo e teve apenas uma ocorrência em cada localidade pertencente às mesorregiões de Araçatuba e Vale do Paraíba Paulista, geograficamente distantes entre si. Isso também ocorreu na área de controle, pois a unidade léxica *pula-pula* foi fornecida por apenas um informante da cidade mineira de Campina Verde (137).

A princípio, acreditou-se que a menção de *pula-pula* tenha resultado de possível associação entre os dois tipos de entretenimentos infantis, porém ao repetir a audição dos inquéritos, constatou-se que todos os informantes descreveram a brincadeira, ou ainda, concordaram com a descrição proposta pelo inquiridor, que tentou esclarecer que se tratava da brincadeira descrita na pergunta 167/QSL/ALiB.

De fato, não está claro se houve esquecimento do nome da brincadeira infantil por parte dos informantes, se a denominação era/é usada para nomear a brincadeira ou, ainda, se o “verbo pular” do texto da pergunta motivou a resposta em questão.

Indiferente da razão da indicação da resposta, a denominação *pula-pula* foi documentada em outros trabalhos dialetais, como o de D´Anunciação (2016) que registrou uma ocorrência dessa variante em Minas Gerais, na localidade de Formigas (ponto 141). A cidade está localizada ao sul do estado e, consequentemente, não muito distante das fronteiras paulistas.

Além disso, a carta L23 do volume 2 do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 315), em nota, traz a informação que a variante *pula-pula* foi fornecida pelo informante masculino, faixa etária II, de nível de escolaridade universitário de Goiânia.

4.1.7.4.5 Outras denominações com ocorrências únicas

Os casos de ocorrências únicas foram registradas no Quadro 61, a seguir, que informa a localidade, número do ponto e o perfil do informante que as mencionaram:

Quadro 61 – Respostas únicas para a pergunta 167/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

Resposta única	Localidade – Ponto	Perfil do Informante
Pedrinha	Lins – ponto 158	Homem, faixa etária II
Quadradinho	Botucatu – ponto 171	Homem, faixa etária II
Malha	Ribeira – ponto 185	Homem, faixa etária I
Marrequinha	Registro – ponto 186	Homem, faixa etária II
Pula balé	Poços de Caldas – ponto 147	Homem, faixa etária II
Alerta-cor	Barra Mansa – ponto 205	Homem, faixa etária II
Cruzadinha	Adrianópolis – ponto 216	Homem, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando a cartografação de “amarelinha” em outros trabalhos dialetais produzidos no estado de São Paulo e no espaço estabelecido como área de controle neste estudo, produz-se o Quadro 62 que sintetiza os dados documentados:

Quadro 62 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Amarelinha	Marelinha	Maré	Pula-pula
Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais, carta 10, (D´ ANUNCIAÇÃO, 2016, p. 81).	X		X	X
Atlas Linguístico do Paraná I – carta 91 (AGUILERA, 1994, p. 205).	X			
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 87 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 309).	X			
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 179).	X		X	X
Atlas Linguístico da Região Sul – carta 311 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), 2011, p.715.	X			

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

Verifica-se no Quadro 62 que “amarelinha” é a variante mais produtiva em toda a região investigada, conforme os diferentes trabalhos elencados.

4.1.7.5 Denominações para “amarelinha” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

Na sequência, discutem-se as variantes considerando as dimensões diassexual e diageracional.

Tendo em vista as características da brincadeira e, sobretudo, o exame dos dados considerando a dimensão diassexual, constata-se que esse tipo de brincadeira parece realmente ser uma preferência do sexo feminino. Além disso, essa informação é reiterada por alguns informantes, como atesta, dentre outros, o fragmento de entrevistas, a seguir.

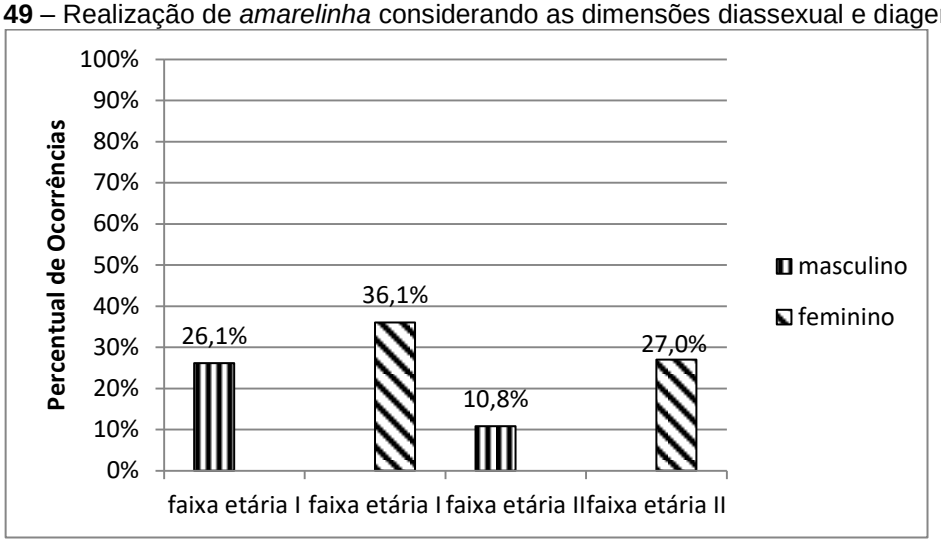
> INQ.- Você já brincou disso?
> INF.- Já.
> INQ.- Como que é ?
> INF.- Só que era de menina, era o primero quadro, segundo quadro, depois o tercero já é um, dois, um dois pa pôr cum pé, um pé, dois pé, um pé, dois pé, um pé. Aí tem que vira, pegá a pedrinha, o que ‘cê jogá lá, se acertá no no um, cê tá no dois joga no dois, cê tá no trêis joga no trêis, se erra se volta, vai ota pessoa, vê quem ganha (Ribeira - ponto 185 - informante do sexo masculino, faixa etária I).

Essa tendência de prática da brincadeira pelo sexo feminino também se apoia nos seguintes fatos: i) denominações únicas exclusivamente na fala do informante masculino; ii) não respostas majoritariamente nas entrevistas com informantes do sexo masculino[300].

Em relação à produtividade, a forma *amarelinha* foi fornecida por um número maior de informantes do sexo feminino (63,1%) em relação aos do sexo masculino (36,9%). Em termos de idade, foi mais produtiva na faixa etária I (62,2%) contra 37,8% da faixa etária II, como demonstra o Gráfico 49.

[300] Apenas duas não respostas foram indicadas por informantes do sexo feminino, também destaca-se o fato das denominações únicas serem registradas sobretudo entre os informantes mais idosos.

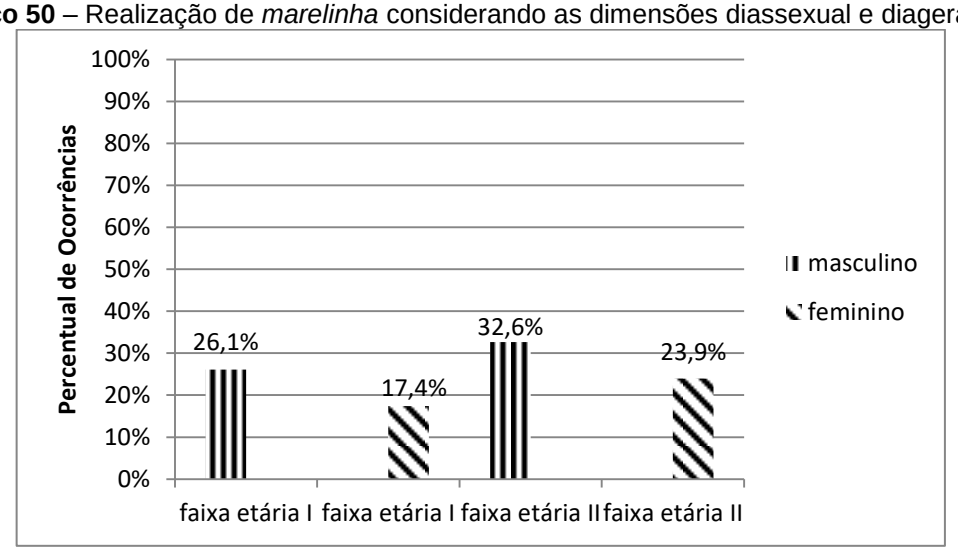
Gráfico 49 – Realização de *amarelinha* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De modo inverso, a denominação *marelinha* apresenta predominância entre informantes do sexo masculino com 58,7% das ocorrências contra 41,3% referente ao sexo feminino. No que se refere às idades, a resposta predomina na faixa etária II, com 56,5%, em oposição aos 43,5% dos informantes da faixa etária I. Verifique o Gráfico 50:

Gráfico 50 – Realização de *marelinha* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto à unidade lexical *maré*, o maior destaque recai sobre os falantes da faixa etária II (86%), com exceção de duas ocorrências na faixa etária I. Essa tendência se reforça no seguinte comentário do informante:

> INF.- É... amarelinha?
> INQ.- Como é que é?
> INF.- Eh, a gente falava “brincá de a... maré, maré”.
> INQ.- Maré?
> INF.- “Jogá maré”. Eles fala agora amarelinha né? Na minha época era jogá maré.
> INQ.- Na tua época era maré. E como que era?
> INF.- Ah, ‘cê... punha... riscava um... um risco, retângulo, cada quadrinho era um número, até acho que... até o deiz, até o deiz, e a gente ia pulano. Assim, num pé só (Ribeirão Preto - ponto 157 - informante do sexo masculino, faixa etária II).

Considerando o alto índice de ocorrência do item lexical *maré*, na faixa etária II, sugere tratar-se de uma forma conservadora que se mantém na norma lexical do grupo. Além disso, o seu registro em outros trabalhos dialetais já realizados descarta a hipótese de o informante ter fornecido essa resposta por desconhecimento e/ou esquecimento do nome da brincadeira ou mesmo por não estar habituado com o universo da recreação infantil. Já, a denominação *pula-pula* teve poucos registros e foi indicada unicamente por informantes pertencentes à faixa etária II, do sexo masculino.

4.1.7.6 Análise léxico-semântica

Para fins de análise semântica, as respostas fornecidas pelos informantes foram agrupadas seguindo alguns processos associativos realizados quando da obtenção das denominações. Para tanto, foi considerado o sema comum em um conjunto de variantes ou mesmo alguma possibilidade de combinação entre as respostas, neste caso, priorizou-se o conteúdo expresso no próprio texto da pergunta QSL/167/ALiB. O Quadro 63 traz as associações estabelecidas e, consequentemente, as denominações agrupadas:

Quadro 63 – Distribuição das denominações para “amarelinha”, segundo os traços semânticos

	Processos associativos	**Relação**	**Denominações**
Traços semânticos/ texto da pergunta	Brincadeira	Nomes de brincadeiras	Amarelinha, marelinha, maré.
	Figura riscada no chão com números	Formas geométricas do desenho	Quadradinho, cruzadinha.
	Jogar/arremessar algo	Associação com outras brincadeiras de arremesso	Marrequinha, malha, alerta-cor.
	Pular com uma perna só	Ação de pular	Pula balé, pula-pula.

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Com base no Quadro 63, observa-se que os agrupamentos foram realizados considerando o conteúdo da pergunta analisada e possíveis relações, muito

provavelmente, estabelecidas no processo de denominar o referente solicitado pelo informante. No processo de associação, a consulta a dicionários de língua portuguesa, representativos de diferentes estágios da história da língua, foi fundamental à medida que demonstrou que algumas das unidades léxicas em análise não estão dicionarizadas e/ou não estão definidas na acepção em que foi usada pelos falantes, como é o caso da unidade léxica *maré* que está registrada em Bluteau (1712-1728), Silva (1813) e Silva Pinto (1832) com acepções distintas de recreação infantil. As demais denominações não figuram como verbete nos referidos dicionários.

O Quadro 64 fornece o registro das variantes lexicais dicionarizadas nas obras listadas com a acepção da brincadeira solicitada 167/QSL/ALiB, ou ainda, como possível recreação infantil. Destacam-se nas acepções elementos que podem ter motivado as respostas obtidas.

Quadro 64 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira "amarelinha"

Dicionários	**Houaiss (2001)**	**Aulete (2006)**	**Ferreira (2010)**
Amarelinha[301]/ marelinha	"s.f (Lud) LUD B brincadeira infantil que consiste em **saltar**, com apoio numa perna só, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena **pedra** achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (**quadrado**), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto ETIM. orig. contrv. SIN/ VAR academia, macaca, macaco, maré, marela, sapata".	*"Bras. Lud.* Jogo infantil que consiste em **pular**, num pé só, uma série de **casas riscadas** no chão. [F.: Do fr. ***marelle***, posv.]"	*"S.f. Bras.* **Jogo infantil que consiste em pular** num pé só sobre casas riscadas no chão, exceto aquela em que **cai a pedra** que marca a progressão do brincante; macaco, (RS) sapata".
Maré	"s.f.LUD MG GO m.q. AMARELINHA. ETIM prov alt de **marela**. SIN/VAR ver **sinonímia de amarelinha**".		
Pula-pula[302]		"Lud. **Qualquer brinquedo próprio para pular**, como cama elástica ou inflável".	

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

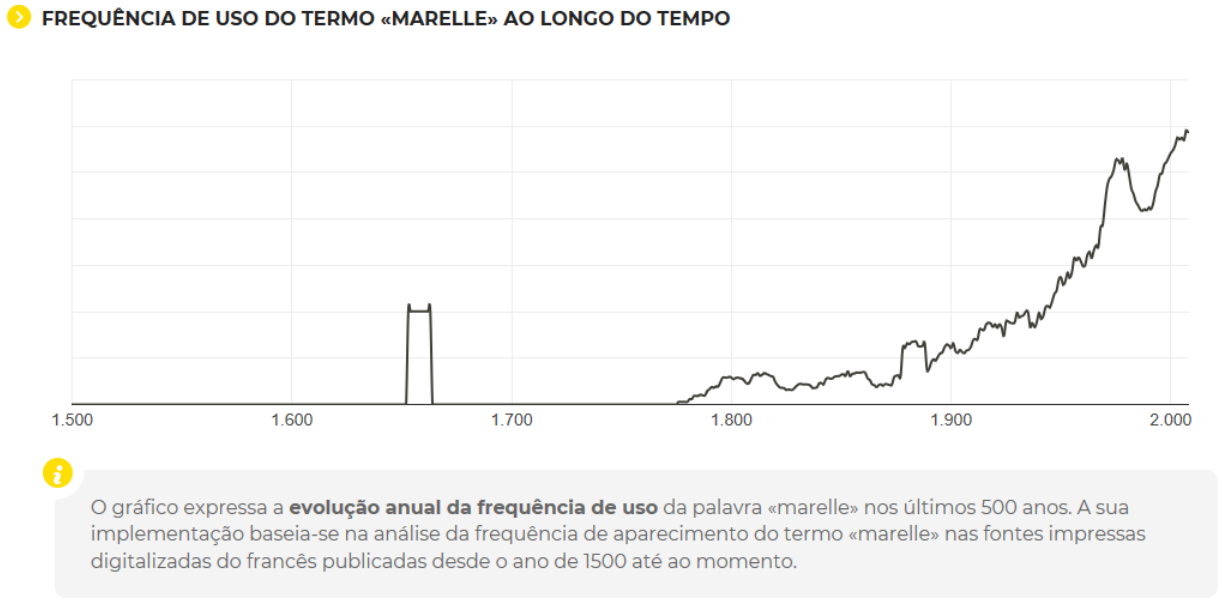
[301] Apenas a variante *amarelinha* está dicionarizada.
[302] Nos dicionários anteriores ao século XX não há o registro de *pula-pula*. No verbo pular também não há referência ao entretenimento infantil.

A definição fornecida por Aulete (2006) registra a informação da origem da denominação, *amarelinha,* de marelle (francês). Essa informação também é reiterada pelo site Livresportes[303] que fornece a informação de que a denominação "não tem nada a ver com a cor. A palavra veio do francês, 'marelle', que aos ouvidos portugueses soava como diminutivo de amarelo, amarelinha".

Barbeiro e Isquerdo (2009) acrescem às informações já elencadas, o fato de que "amarelinha se constitui em forma inovadora do português do século XVIII, um empréstimo do francês na variante europeia, que veio para o Brasil com a Família Real" (BARBEIRO; ISQUERDO, 2009, p. 114).

Sobre a ocorrência da denominação *marelle* em francês, o site Educalingo apresenta a seguinte ilustração sobre a frequência da palavra ao longo do tempo, considerando os anos posteriores a 1500. Verifique a Figura 33, a seguir:

Figura 33 – Frequência de uso do termo 'marelle' ao longo do tempo



Fonte: Educalingo(2017).[304]

Observa-se na Figura 33, o crescimento do uso da denominação *marelle* na língua francesa, porém não há como precisar se a palavra vem sendo mais usada nos últimos anos ou se o processo de digitalização das obras contemplou os

[303] A informação está disponível em: <www.livresportes.com.br/reportagem/jogo-de-amarelinha-tem-origem-francesa>. Acesso em: 16. mar. 2018.
[304] Imagem disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-fr/marelle>. Acesso em: 16 mar. 2018.

períodos mais recentes. Porém, é inquestionável o uso da denominação entre os falantes, inclusive, o próprio site indica alguns exemplos de emprego da palavra.

Considerando os agrupamentos realizados para análise semântica neste estudo, verificou-se que as denominações agrupadas como *brincadeira* reuniu os nomes mais recorrentes na nomeação desses entretenimentos infantis: *amarelinha, marelinha, maré e pula-pula*.

No segundo grupo, as denominações indicadas como “figuras riscadas no chão com números” estão diretamente relacionadas às formas dos desenhos no chão ou à imagem que possam ter gerado na memória do informante: *quadradinho* e *cruzadinha*.

Já no terceiro grupo, as denominações indicadas pela ação de jogar algo agruparam-se as respostas focadas no modo de jogar/arremessar algum objeto na brincadeira: *marrequinha, alerta-cor e malha*.

Essas denominações reforçam a informação fornecida pelo site Livresportes ao indicar que a palavra original “se referia a um pedaço de madeira, ficha de jogo ou pedrinha. Esses objetos eram usados no jogo para marcar o progresso do jogador"[305], ou seja, não indicando com precisão o que era lançado/usado para marcar o espaço do jogo.

Além disso, o site “Brincadeiras do tempo do papai e da mamãe”[306] aponta duas versões para a origem da brincadeira, em ambas circunstâncias, os objetos arremessados durante o jogo seriam distintos das pedrinhas, utilizadas na atualidade:

> Uma delas diz que, nas conquistas dos romanos, eles pavimentavam as estradas que levavam até seus novos territórios. Para distrair a criançada que ficava no meio do caminho, eles faziam desenhos no chão. Assim, as crianças pulavam amarelinha **jogando um pedaço de cerâmica** ou até um **ossinho de carneiro**. Outra possível origem vem do início da Idade Média. Naquele tempo, as pessoas **jogavam as contribuições para a Igreja nas escadarias**. Assim, os visitantes tinham que **pular as moedas** para não pisá-las.

Possivelmente, mesmo que de modo intuitivo ou por correspondência a algum jeito próprio de realizar a brincadeira, essa associação pode ter sido considerada pelo informante no momento de responder à questão 167 QSL/ ALiB.

[305] A informação está disponível em: <www.livresportes.com.br/reportagem/jogo-de-amarelinha-tem-origem-francesa>. Acesso em: 16. mar. 2018.
[306] A informação está disponível em: <http://historiabrincadeira.no.comunidades.net/amarelinha>. Acesso em: 16. mar. 2018.

As acepções extraídas do dicionário Aulete (2006) das denominações *malha* e *marrequinha* ainda são destacadas no Quadro 65, a seguir, por expressarem o caráter de arremesso de algo na prática do jogo.

Quadro 65 – Registro das outras denominações em Aulete (2006).

MALHA	Bras. Esp. **Jogo que consiste em lançar** chapas ou outros objetos de metal (ger ferraduras) em direção a pequenas estacas cravadas no chão a certa distância, **com o objetivo de atingi-las**.
MARREQUINHA	Brincadeira de rapazes que consiste em **arremessar uma pedra de modo que salte várias vezes** sobre a superfície da água; tainha (Norte). F. Marreca.

Fonte: Elaboração da autora com base em Aulete (2006).

Ainda sobre a acepção de *marrequinha,* possivelmente possa ter sido indicada por uma relação de analogia com o sema "brincadeira de jogar uma pedrinha e vai pulando", já que a acepção fornecida por Aulete difere da definição de "amarelinha" apenas quanto ao lugar em que ocorre a brincadeira, no caso, na superfície da água.

Já a variante *pula-balé*[307] refere-se diretamente ao modo de executar a ação prevista na brincadeira. Neste caso, o próprio informante justifica a sua escolha lexical motivada pelo modo de pular na execução da brincadeira:

> INF. Pula balé...acho que é balé, né?
> INQ.- É assim, tem os números aqui, aí joga uma pedrinha, onde eu joguei a pedrinha, eu não posso pula, eu não posso pisa, aí eu tenho que vir para esse.
> INF.- Aqui se chama pular balé.
> INQ.- A é?
> INF.- É porque pulá com um pé só, na ponta do pé só, na ponta do pé, se chama pula balé.
> (Poços de Caldas - ponto 147 - informante do sexo masculino, faixa etária II).

Considerando, ainda, os dados registrados em outros trabalhos que examinam o léxico das brincadeiras infantis, a variante *maia* foi documentada como resposta única para a questão 167/QSL/ALiB no ponto linguístico de Santana – Bahia (092) em Ribeiro (2012). Acredita-se que *maia* possa ser associada à variante de ocorrência única *malha* (Ribeira, ponto 185). Outra associação possível é a ocorrência da unidade lexical *quadradinho* (Botucatu, ponto 171) que permite

[307] Outra possível influência seria a denominação *maré* pela semelhança entre os sons: maré e balé.

relação com a unidade léxica *quadradinho* indicada como resposta única em Goiânia (123)[308] e o item léxico *quadrinho* documentado no ALPR (AGUILERA, 1994).

O Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo (2012) descreve a brincadeira a partir da entrada *academia*[309] como brincadeira muito difundida no país: "Jogo ginástico infantil, muito antigo e muito espalhado por todo o Brasil" (CASCUDO, 2012, p. 6). Ademais, o estudioso reforça que a difusão da recreação infantil não ocorre apenas no Brasil, mas também na América Latina e em vários países do mundo, sendo alvo de diferentes denominações:

> A academia ou cademia é conhecida como amarelinha ou marelinha no Rio de Janeiro, maré em Minas Gerais, e recentemente avião, no Rio Grande do Norte. Na Bahia dizem pular macaco. Em Portugal: jogo da macaca ou pular macaca, jogar macaca (Norte). Pela Extremadura é jogo do homem. Na Espanha: cuadrillo. No Chile é a rayuela, assim como no Peru. Na Colômbia é coroza ou golosa. Na Espanha denominam-na também infernáculo, reina mora, pata coja. No Chile a conhecem também, e mais popularmente, por luche. Na França é marelle de onde provém os nossos amarelinha e maré (CASCUDO, 2012, p. 6-7).

A brincadeira em questão recebe nomes distintos na América Latina. Destaca-se um excerto retirado de um site cubano Ecured[310] que enfatiza a origem grega e romana da brincadeira com desenvolvimento na Europa renascentista:

> El surgimiento se remonta al juego que los griegos conocían con el nombre de asculias, y los romanos como juego de odres y en otros países se conoce como rayuela. La peregrina se juega más entre las niñas, pero la pueden jugar ambos sexos. Este juego ayuda a que los niños desarrollen la coordinación viso-motora. Se cree que este juego se desarrolló en la Europa renacentista y que la temática está basada en el libro La Divina Comedia de Dante Alighieri, obra en la cual el personaje, cuando sale del Purgatorio y quiere alcanzar el Paraíso, tiene que atravesar una serie de nueve mundos hasta lograrlo.[311]

[308] Resposta única também considerada por Ribeiro (2012).

[309] O Dicionário do Folclore Brasileiro (CAMARA CASCUDO, 2012), nas entradas, *amarelinha e marelinha* remete para o verbete *academia*.

[310] Informação disponível em:<https://www.ecured.cu/Juego_La_Peregrina>. Acesso em 23 jan. 2018.

[311] O surgimento se remonta ao jogo que os gregos conheciam com o nome de *ascólias* e os romanos como *jogo de odres*, em outros países é nomeado como *rayuela*. A *amarelinha* é jogada, normalmente, por meninas, mas é possível jogar com integrantes de ambos os sexos. Esse jogo auxilia no desenvolvimento da coordenação viso-motora das crianças. Acredita-se que o jogo desenvolveu-se na Europa renascentista e que a temática esteja baseada no livro A Divina Comédia, de Dante Alighieri, obra na qual o personagem, quando sai do Purgatório e quer alcançar o Paraíso, tem que atravessar por uma série de nove mundos até conquistá-lo. (TN)

Frente ao exposto, foram adotados os seguintes critérios para validar as respostas dos informantes: i) não ser ocorrência única; ii) respostas que sejam coincidentes com o referente expresso na pergunta; iii) resposta justificada pelo informante e, iv) denominação registrada em estudos dialetais já realizados sobre a brincadeira. Sendo assim, as denominações *amarelinha, marelinha, maré e pula-pula* foram validadas como respostas para a pergunta 167/QSL/ALiB.

4.1.7.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 167/QSL/ALiB

A análise dos dados relacionados à pergunta em questão apontou para os seguintes resultados:

i) Em todas as localidades houve registro de respostas.

ii) A unidade lexical *amarelinha* foi documentada em toda a área geográfica estudada tanto na área de controle quanto no estado de São Paulo.

iii) As variantes *amarelinha*/*marelinha* foram as respostas mais produtivas, resultado que se confirma ao cotejar esses dados com outros trabalhos dialetais já concluídos: Ribeiro (2012)[312], D´Anunciação (2016) e Santos (2016). Soma-se, ainda, a predominância de *amarelinha* na carta L23 do Atlas Linguístico do Brasil, vol. 2 que traz dados das capitais brasileiras (CARDOSO *et al.*, 2014, p. 315)[313].

iv) Neste estudo, apesar de a forma *marelinha* poder ser variante de *amarelinha*, optou-se pelo não agrupamento das duas variantes por ter sido considerado particularidades de uso de ambas, segundo aspectos sociais (diassexuais e diageracionais) relacionados as respostas fornecidas pelos falantes. Ambas as denominações estão disseminadas por diferentes regiões da pesquisa, porém, *amarelinha* é mais frequente entre as informantes informantes do sexo feminino (63,1%) e faixa etária I (62,2%) enquanto *marelinha* predominou entre os falantes do sexo masculino (58,1%) da faixa etária II (56,5%).

v) A unidade lexical *marelinha* está difundida por boa parte do estado de São Paulo e é exclusiva nos estados de Mato Grosso do Sul e Paraná (área de

[312] Em Ribeiro (2012), verifica-se a seguinte particularidade: "Quando considerada a frequência em ocorrência, têm-se macaco como a resposta mais obtida (39,9% das respostas). Quando considerada a frequência em localidades observa-se amarelinha como a mais frequente (presença em 64,9% das localidades).Como um dos objetivos do trabalho de pesquisa é a identificação de áreas dialetais e a variação diatópica, optou-se por considerar *amarelinha* a lexia definidora das generalizações que são feitas para a atividade lúdica.

[313] Na carta L 23 do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 315), não está expressa na carta/verso, a informação de possível junção entre as respostas *amarelinha* e *marelinha.*

controle), enquanto *amarelinha,* além de seu amplo registro no estado de São Paulo, é mais produtiva em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, concorrendo com a denominação *maré.*

vi) O item lexical *maré*, ocorreu majoritariamente em Minas Gerais e em localidade paulista próxima à divisa estadual MG-SP, no caso Ribeirão Preto (157), o que permite o traçado de possível isoléxica nessa área.

vii) A unidade lexical *pula-pula,* apesar de nomear entretenimento diverso do discutido na pergunta selecionada foi citada como nome da "brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e que vão pulando com uma perna só", sobretudo em situações em que os inquiridores insistiram na pergunta e/ou solicitaram descrição do jogo. Além disso, registra-se em D'Anunciação (2016) a ocorrência dessa variante no estado de Minas Gerais.

viii) A brincadeira é marcada por grande diversidade tanto no ato de nomear quanto nas formas de execução em diferentes localidades do país. No fragmento, a seguir a informante ressalta essa característica da brincadeira:

> INF.- Amarelinha.
> INQ.- Como que é a amarelinha aqui?
> INF.- Amarelinha... faiz uns números de um a deiz, eh, aqui põe uma, dois, trêis, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, deiz. Aí você joga no um, joga a pedra no um, pula com os dois pés, no dois e no trêis. E assim vai ino. No quato, no cinco, no seis, sete, oito, aí depois volta. Aí volta, você não pisa e pega a pedra e pula o um. O dois a mesma coisa, você joga a pedra no dois, pisa no um e no trêis, depois já vai direto pro quatro e vai até o deiz. Aí tem o céu, o inferno, depois que termina, né? Aí você joga pedra, se saí pra fora do céu, que (inint) depois do deiz escreve céu, se saí pra fora é porque deu inferno. Aí você vai, vai pulano, depois você volta até o um de novo. É amarelinha isso.
> INQ.- Nossa Regina, e amarelinha no Brasil em cada lugar é dum jeito diferente.
> INF.- É?
> INQ.- É. Que legal. Vocês, do céu...
> INF.- Então mas tem vários, tem vários tipo também, tem esse que é um, dois, trêis, tem o outro que ele é tipo um quadrado assim, você risca no meio e divide até o deiz também; tem o céu e o inferno também, que eu conheço é esses dois. Que eu conheço é esses dois jeito.
> INQ.- A que eu brinquei, a gente fazia o céu antes do um aí era o céu e o inferno ia lá depois do dez.
> INF.- Não, lá a gente faz o céu lá depois do deiz. É cada um dum jeito, né? (Mococa- ponto 160 - Informante do sexo feminino, faixa etária I).

ix) A produtividade dos dados discutidos indica que a brincadeira em questão povoa ainda o universo infantil, apesar dos apelos dos brinquedos tecnológicos, pois foi descrita e nomeada por falantes de ambas as faixas etárias, com maior incidência na faixa etária II, em especial do sexo feminino. Trata-se de uma brincadeira comum tanto nas casas das crianças quanto no ambiente escolar.

x) A resposta *cirandinha* foi fornecida como resposta por um informante, porém não foi validada por referir-se a outro tipo de brincadeira.

4.2 Brinquedos

4.2.1 Bolinha de gude: o brinquedo

O brinquedo infantil com o uso da “bolinha de gude” é bastante antigo e foi documentado em diferentes momentos da história. Segundo Friedmann (2014, p. 92), “a julgar por descobertas arqueológicas e por registros pictóricos e escritos, o jogo praticado com bolinhas é antiquíssimo, enquadrando-se nos jogos de estratégia, que nasceram nas eras pós-neolíticas”.

Além de antigo, o brinquedo é caracterizado pela diversidade quanto ao material de que é feito, pois pode ser composto por qualquer superfície esférica (vidros, frutos, sementes). Inclusive, há registros na Roma antiga de jogos praticados com nozes e que eram considerados símbolos de infância devido a sua excessiva prática entre as crianças: “[...] o jogo com nozes tinha milhares de formas [...] Aliás, existia entre os romanos um termo para dizer que uma criança havia deixado a infância: nuces relinquere, ou seja, ‘deixar as nozes’ (MEIRELLES, 2007, p. 154).

As “coisinhas de vidro” estão presentes em uma das primeiras imagens que registram os entretenimentos para crianças, datada do século XVI. A pintura foi produzida por Pieter Brueghel (1525 – 1569)[314] e intitulada *Jogos Infantis*. Logo, essas informações de caráter histórico atestam a relevância dessa diversão popular que tem sido comum no cotidiano de crianças de diferentes épocas. A Figura 34 recupera a imagem de duas crianças brincando com a bolinha de gude.

Figura 34 – Bolinhas de gude[315]

Fonte: Colorir grátis (2018).

[314]Data provável.
[315] Imagem disponível em: <https://img1.colorirgratis.com/49b4cc1ec5005-p.gif>. Acesso em: 05. fev. 2018.

Considera-se, neste estudo, a “bolinha de gude” como um brinquedo, uma vez que é o instrumento fundamental utilizado na realização das diferentes versões do jogo: “jogos de mata-mata, triângulo, borroca, paredão, búlica, campinho, bozoca” (MEIRELLES, 2007, p. 154).

A seguir, apresentam-se as denominações obtidas para o brinquedo.

4.2.1.2 Bolinha de gude: os nomes do brinquedo

O levantamento de dados na totalidade dos 47 pontos linguísticos reuniu 32 denominações para as “coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34), perfazendo um total de 284 ocorrências. Houve apenas um caso de ausência de resposta (Assis - Ponto 169, informante do sexo masculino, faixa etária I), pois o entrevistado afirmou não se lembrar do nome do brinquedo. Desse modo, constatou-se que a pergunta foi bastante produtiva, considerando o universo de entrevistados.

A Tabela 17, a seguir, detalha os dados brutos obtidos por meio da consulta aos áudios dos informantes do ALiB das localidades pesquisadas para este estudo.

Tabela 17 – Denominações para “bola/bolinha de gude” na área investigada

	Interior de São Paulo	Área de Controle	Total	
Bolinha de gude/bolinha de grude	46,5%	41,8%	130	45,61%
Bolinha de vidro	13,5%	7,3%	35	12,28%
Biroca	10,4%		24	8,42%
Bolinha	5,2%	3,6%	14	4,91%
Burca	4,8%	5,5%	14	4,91%
Burquinha	4,8%	5,5%	14	4,91%
Bola de gude	2,6%	9,1%	11	3,86%
Búrica	2,6%		6	2,11%
Birola	0,4%	7,3%	5	1,75%
Fubeca	2,2%		5	1,75%
Biloca		7,3%	4	1,40%
Gude	0,9%	1,8%	3	1,05%
Bile	0,4%		1	0,35%
Biribinha	0,4%		1	0,35%
Biroquinha de vidro	0,4%		1	0,35%
Bolin de gude	0,4%		1	0,35%
Bolinhas		1,8%	1	0,35%
Bolinhas de gude	0,4%		1	0,35%
Borquinha	0,4%		1	0,35%
Bulica		1,8%	1	0,35%
Bulinha de gude	0,4%		1	0,35%
Bulinha de vidro	0,4%		1	0,35%
Buliquinha		1,8%	1	0,35%
Búlita	0,4%		1	0,35%
Jogá bolinha	0,4%		1	0,35%
Jogar biroca	0,4%		1	0,35%
Leiteira		1,8%	1	0,35%
Paraguainha		1,8%	1	0,35%
Pedrinha de gude		1,8%	1	0,35%
Pelota	0,4%		1	0,35%
Triângulo	0,4%		1	0,35%
Não respostas	0,4%	0,0%	1	0,35%
Total	100%	100%	285	100,00%

Fonte: Elaboração da autora da autora com base nos dados do Pojeto ALiB.

Os dados da Tabela 17 apontam um grande número de nomeações apuradas para o brinquedo em foco 156/QSL/ALiB. Por isso, para fins de organização dos itens lexicais fornecidos pelos informantes, foram realizados agrupamentos que, em

sua maioria, obedeceram a critérios lexicais e fonéticos. Computaram-se oito variantes lexicais listadas de acordo com a produtividade: *bola/bolinha de gude, bola/bolinha de vidro, burca, biroca, bolinha, fubeca, birola, biloca* e somam-se a elas seis casos de ocorrências únicas, todas elas associadas ao brinquedo.

O Quadro 66, a seguir, apresenta o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados segundo o critério fonético, por associação ou por produtividade.

Quadro 66 – Respostas agrupadas para as "coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar"

Variantes lexicais	Itens agrupados
Bola/bolinha de gude	Bola de gude, bolinha de gude, bulinha de gude, bolinha de grude, bolin de gude, bolinhas de gude, gude e pedrinha de gude
Bola/bolinha de vidro	Bola de vidro, bolinha de vidro, bulinha de vidro,
Burca	burca, burquinha, borquinha, búrica, búlica, buliquinha
Bolinha	Bolinha, bolinhas, jogá bolinha
Biroca	Biroca, jogar biroca, biroquinha de vidro
Birola	Birola
Biloca	Biloca
Fubeca	Fubeca
Outras denominações com ocorrências únicas	bile, biribinha, búlita, paraguainha, leiteira, triângulo

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A continuação, discutem-se os dados sobre a produtividade das variantes registradas.

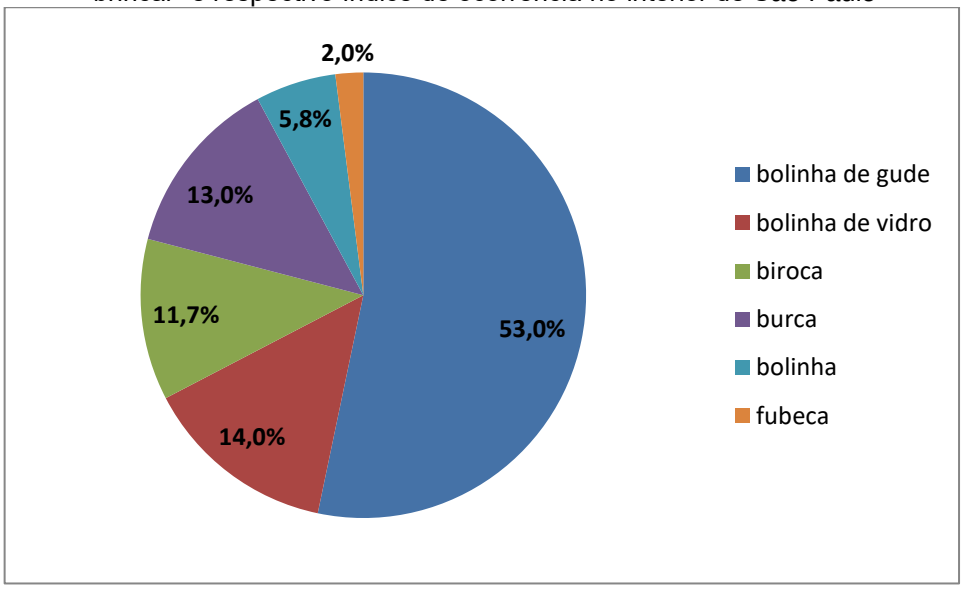
4.2.1.3 Produtividade das variantes

Os dados da carta nº08 a e 8 b e a Tabela 17 apontam para a supremacia da unidade lexical *bolinha de gude* na área investigada, tanto nas localidades do estado de São Paulo quanto nas pertencentes à área de controle.

De acordo com os dados apurados nos 37 municípios da rede de pontos do Projeto ALiB, no interior do estado de São Paulo[316], a unidade lexical *bolinha de gude* atingiu um percentual de 53% contra *bolinha de vidro* e *biroca*, respectivamente com 14% e 12%.

[316] Não se considerou os dados da capital paulista.

Gráfico 51 – Denominações para “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” e respectivo índice de ocorrência no interior de São Paulo



Fonte: Elaboraçao da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência, o Quadro 67 reúne o conjunto de variantes documentadas e respectiva produtividade.

Quadro 67 – Produtividade das denominações para a “bolinha de gude”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

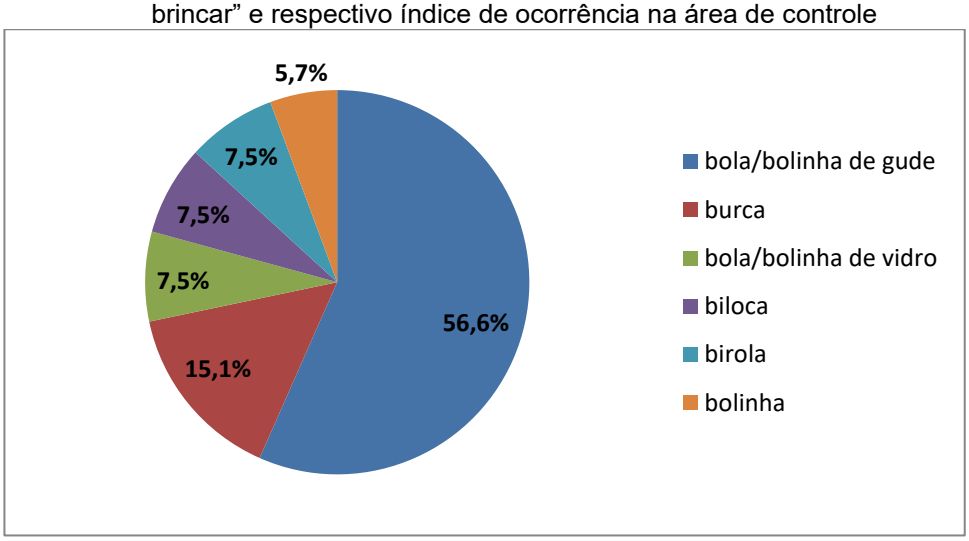
VARIANTES	Bola/ bolinha de gude (%)	Bola/ bolinha de vidro (%)	Biroca (%)	Burca (%)	Bolinha (%)	Búrica (%)	Fubeca (%)	Gude (%)	Birola (%)
Araçatuba	5,6	5,7	3,8	17,4	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Araraquara	4,8	2,9	0,0	8,7	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Assis	4,8	8,6	3,8	4,3	7,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	6,5	2,9	0,0	21,7	7,1	50,0	0,0	0,0	0,0
Campinas	8,9	8,6	0,0	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Itapetininga	12,1	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0
Litoral Sul Paulista	8,1	11,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Macrometropolitana Paulista	6,5	0,0	0,0	0,0	14,3	0,0	80,0	0,0	0,0
Marília	2,4	0,0	0,0	8,7	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	9,7	11,4	0,0	0,0	7,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Piracicaba	3,2	8,6	0,0	0,0	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	5,6	8,6	42,3	34,8	7,1	16,7	0,0	50,0	0,0
Ribeirão Preto	8,1	5,7	7,6	0,0	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	4,8	5,7	42,3	0,0	7,1	0,0	20,0	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	8,9	5,7	0,0	0,0	7,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se que a mesorregião de Itapetininga foi a que registrou maior percentual de ocorrências para *bola/bolinha de* gude.

De modo semelhante ao estado de São Paulo, *bolinha de gude* obteve 56% de produtividade nas áreas adjacentes. Entretanto, algumas variantes produtivas no território paulista não registraram ocorrências nos estados da área de controle, é o caso de *biroca, búrica e fubeca*.

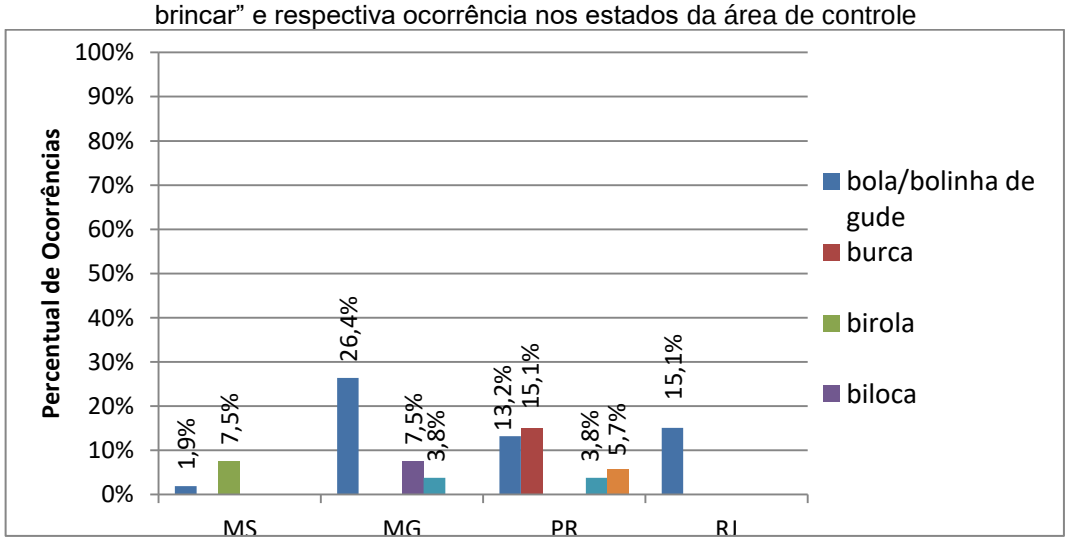
Gráfico 52 – Denominações para “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” e respectivo índice de ocorrência na área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao tratar dos dados da área de controle, verifica-se que *bolinha de gude* aparece em todos os estados, não figurando como a mais produtiva apenas em Mato Grosso do Sul. No Rio de Janeiro é citada como resposta única por todos os informantes.

Gráfico 53 – Denominações para “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” e respectiva ocorrência nos estados da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Genericamente, as demais variantes parecem concentrar-se individualmente em estados específicos, pois ocorrem apenas nos estados indicados: b*irola* (Mato Grosso do Sul), *biloca* (Minas Gerais), *burca e bolinha* (Paraná).

As cartas 8a e 8b, na sequência, demonstram a distribuição espacial das quatro variantes mais frequentes no estado de São Paulo e na área de controle.

Carta 8a – Denominações para “bolinha de gude” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 156 –“Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

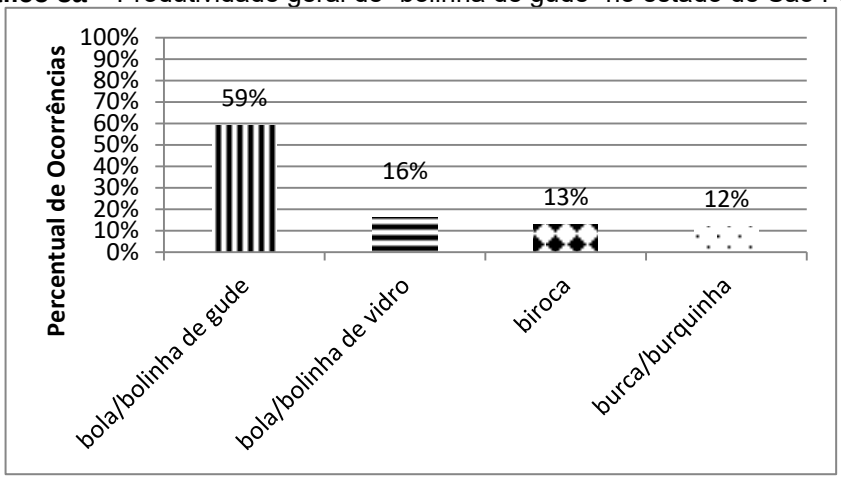
Denominações com ocorrência única: bile (Piracicaba-ponto 172, informante do sexo feminino, faixa etária II), biribinha (Barretos-ponto 153, informante do sexo feminino, faixa etária I) búlita (Marília, ponto 166, informante do sexo feminino, faixa etária I) e triângulo (Bernardino de Campos - ponto 170, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados: INF. Bolinha de gude. INQ. Tem outro nome? INF. Biroca. INQ. Mais comum aqui? INF. Bolinha de gude [...] (Ribeirão Preto, ponto 152, informante do sexo feminino, faixa etária I).

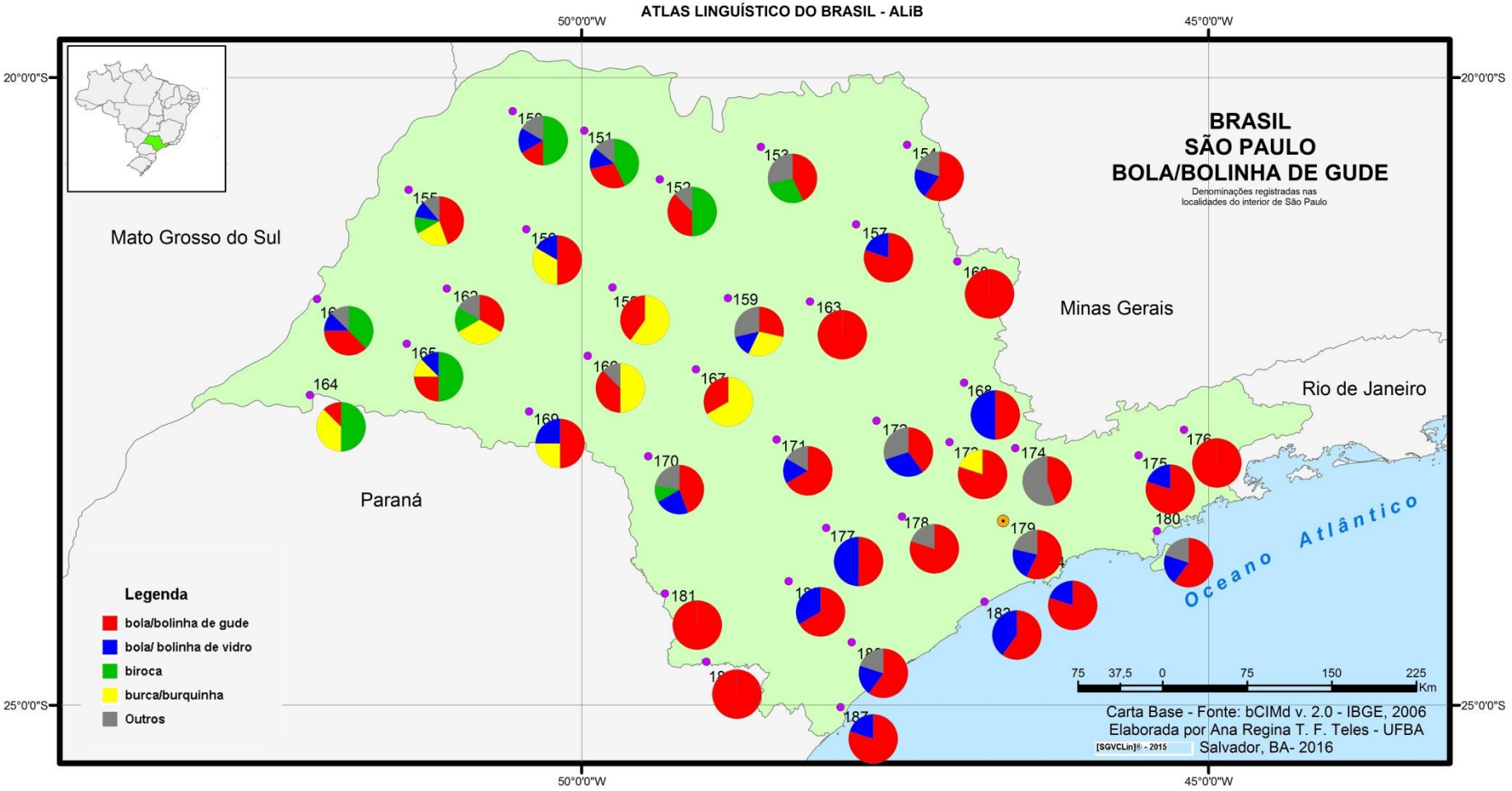
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Bola/bolinha de gude: bola de gude, bolinha de gude, bulinha de gude, bolinha de grude, bolin de gude, bolinhas de gude, gude, pedrinha de gude.
Bola/bolinha de vidro: bola de vidro, bolinha de vidro, bulinha de vidro.
Burca: búrica, burca, burquinha, borquinha, búlica, buliquinha.
Biroca: biroca, jogar biroca, biroquinha.
Bolinha: bolinha, bolinhas.
Birola: birola.
Biloca: biloca.
Fubeca: fubeca.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 8a – Produtividade geral de “bolinha de gude” no estado de São Paulo



Carta 8a – Denominações para “bolinha de gude” no estado de São Paulo



“Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” - 156/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 8b – Denominações para “bolinha de gude” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 156 – “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?”

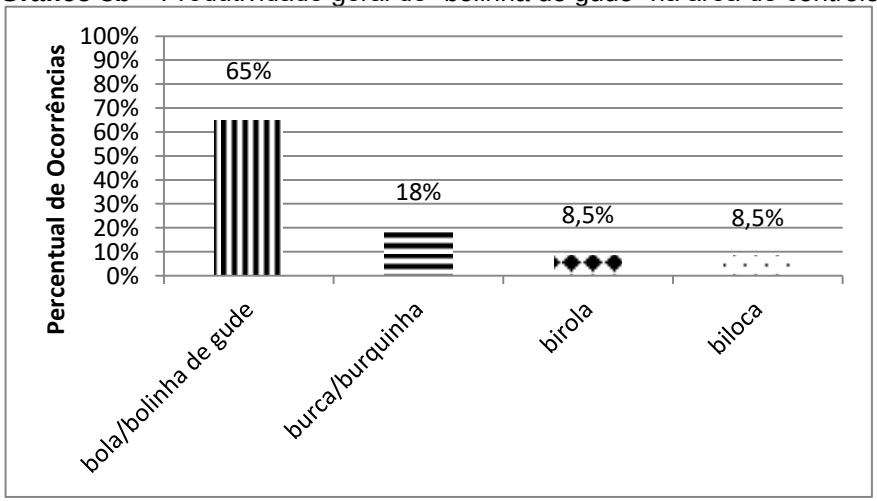
Denominações com ocorrência única: paraguainha (Nova Londrina-ponto 153, informante do sexo masculino, faixa etária I) e leiteira (Nova Londrina-ponto 153, informante do sexo masculino, faixa etária.

Comentários sobre dados cartografados:

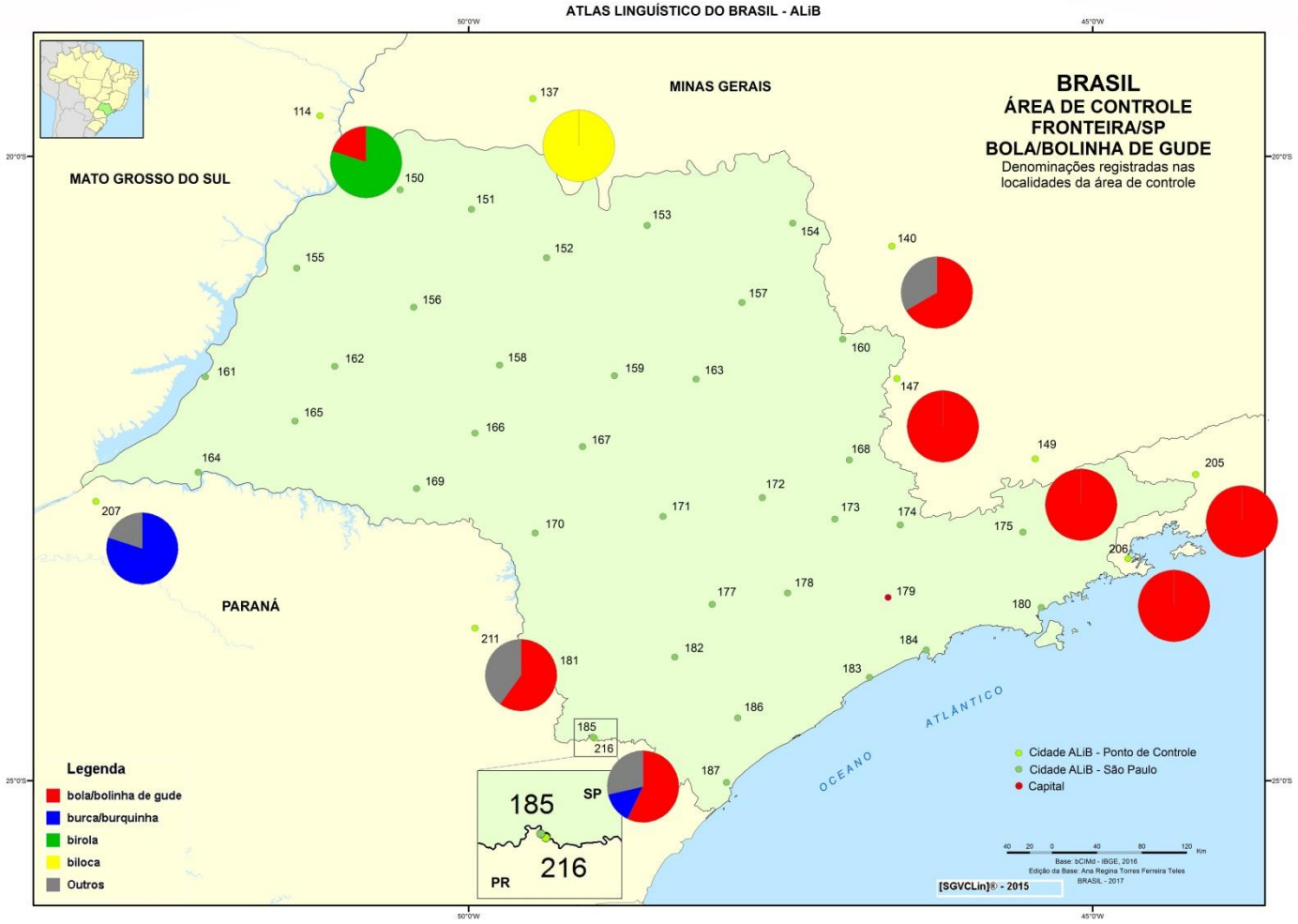
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Bola/bolinha de gude: bola de gude, bolinha de gude, bulinha de gude, bolinha de grude, bolin de gude, bolinhas de gude, gude, pedrinha de gude.
Bola/bolinha de vidro: bola de vidro, bolinha de vidro, bulinha de vidro.
Burca: búrica, burca, burquinha, borquinha, búlica, buliquinha.
Biroca: biroca, jogar biroca, biroquinha.
Bolinha: bolinha, bolinhas.
Birola: birola.
Biloca: biloca.
Fubeca: fubeca.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 8b – Produtividade geral de “bolinha de gude” na área de controle



Carta 8b – Denominações para “bolinha de gude” na área de controle



“Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” - 156/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

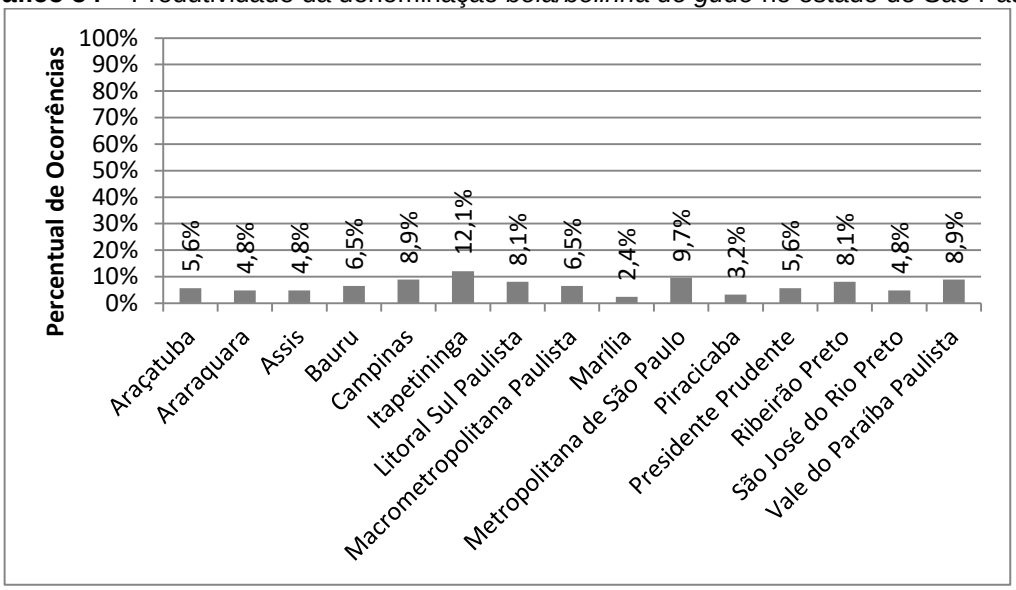
4.2.1.4 Análise diatópica das denominações para “bola/bolinha de gude”

A continuação são discutidas as variantes cartografadas considerando a sua produtividade nas áreas investigadas.

4.2.1.4.1 Unidade lexical: *bola/bolinha de gude*

O item léxico *bolinha de gude* foi o mais produtivo como resposta para a questão 156/QSL/ALiB na totalidade da área pesquisada. Considerando apenas o estado de São Paulo, é possível afirmar que a denominação propagou-se em todo o território. Verifique no Gráfico 54, a seguir, a distribuição das ocorrências de *bola/bolinha de gude* nas mesorregiões paulistas:

Gráfico 54 – Produtividade da denominação *bola/bolinha de gude* no estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

No Gráfico 54, destacam-se os percentuais das mesorregiões de Itapetininga, Metropolitana de São Paulo e Vale do Paraíba Paulista, sendo que em algumas localidades dessas regiões, a variante chega a atingir a totalidade das respostas obtidas[317].

Por seu turno, na área de controle, a variante *bolinha de gude* foi documentada em Campina Verde/MG (ponto 137), Passos/MG (ponto 140) e Nova Londrina/PR (ponto 207). Ressalta-se que, nas cidades mineira, houve o registro de *gude*.

[317] Nas localidades de Mococa, Araraquara, Guaratinguetá e Ribeira, a denominação *bola/bolinha de gude* foi a única resposta fornecida por todos os informantes.

Em relação aos dados nacionais já cartografados pelo Atlas Linguístico do Brasil – capitais (CARDOSO *et al.*, 2014b), a variante mais produtiva como denominação do brinquedo objeto da pergunta 156/QSL/ALiB foi *bola/bolinha de gude* (carta L18[318], p. 271). A variante *bola/bolinha de vidro* que também figura no volume 2 do ALiB foi indicada pelos informantes paulistas e/ou na área de controle no âmbito deste estudo.

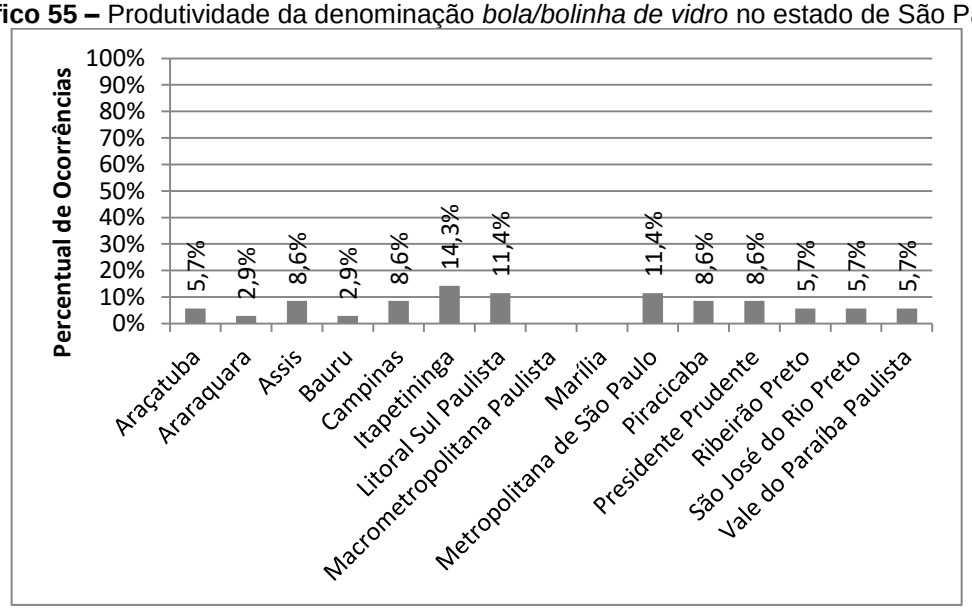
Considerando outros estudos realizados sobre os entretenimentos infantis em outras regiões do Brasil (RIBEIRO, 2012; ROMANO, 2015; SANTOS, 2016; D´ANUNCIAÇÃO, 2016), verifica-se que *bola/bolinha de gude* também alcança primeira posição no que tange à produtividade.

A seguir, discutem-se os itens lexicais *bola/bolinha de vidro*, em termos diatópicos.

4.2.1.4.2 Unidade lexical: *bola/ bolinha de vidro*

Em se tratando do item lexical *bola/bolinha de vidro,* constata-se que não foi fornecido por todos os informantes de nenhuma das localidades pesquisadas, porém, os maiores índices de produtividade ocorrem nas mesorregiões de Itapetininga, Metropolitana de São Paulo. Conforme demonstra o Gráfico 55:

Gráfico 55 – Produtividade da denominação *bola/bolinha de vidro* no estado de São Paulo.



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

[318] Ainda para a questão 156/QSL/ALiB foram produzidas as cartas: L18, L18a, L18b, L18c, L18d, L18e com denominações do mesmo brinquedo para as capitais das diferentes regiões do Brasil.

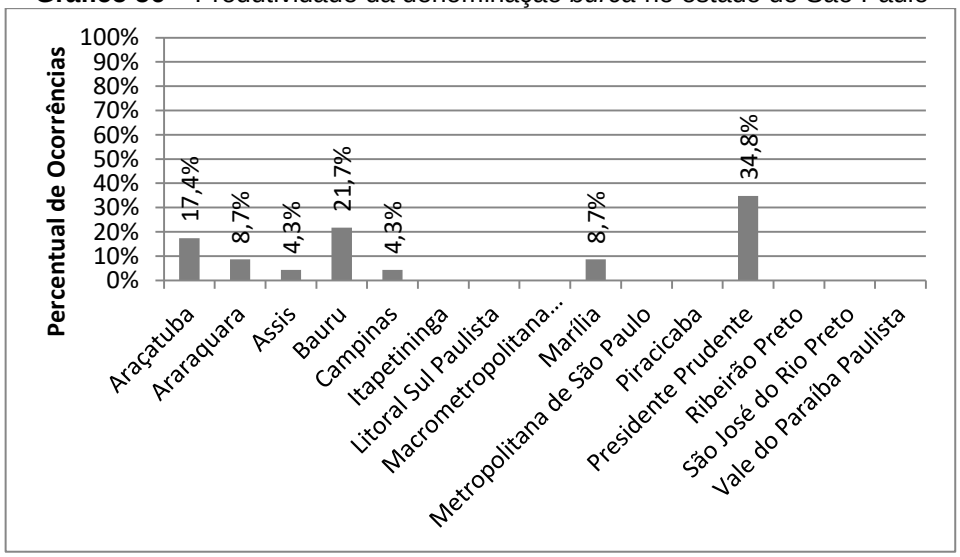
Considerando-se a carta L18 do ALiB nas capitais brasileiras (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 271), as variantes *bola/bolinha de vidro* figuram em São Paulo e na maioria das capitais dos estados pertencentes à área de controle, com exceção do Paraná.

Na sequência, discutem-se os dados relativos ao item lexical *burca*.

4.2.1.4.3 Unidade lexical: *burca*

Essas variantes lexicais foram documentadas nas seguintes mesorregiões paulistas: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Campinas, Marília e Presidente Prudente. Em continuação, o Gráfico 56 registra o percentual de ocorrências de *burca* nas diferentes regiões paulistas:

Gráfico 56 – Produtividade da denominação *burca* no estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observa-se, no Gráfico 56, que a variante *burca* foi produtiva em determinadas regiões de São Paulo, dentre elas, as regiões Oeste, Sudoeste e a área limítrofe com o estado do Paraná.

O Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP[319] (SANTOS-IKEUCHI, 2014) também registra *burca* em boa parte do território investigado, na carta 076 que tem como tema a “bolinha de gude”.

[319] No ALTOSP foi cartografado as seguintes variantes: *bolinha de gude, burca/burquinha, birola/bolinha de gude, biroca* e *burica*. Logo, as variantes *burca* e *burica* não pertencem ao mesmo agrupamento.

Salienta-se que as localidades da rede de pontos do ALTOSP e, também, algumas da rede do ALiB no estado de São Paulo onde foi registrada a variante *burca* situam-se próximas e/ou na divisa com o Paraná (área de controle neste estudo).

Em relação aos dados da área de controle, *burca* foi documentada nas cidades paranaenses de Nova Londrina (ponto 207) como resposta dos quatro informantes, e de Adrianópolis (216), com uma ocorrência.

Possivelmente, essa unidade léxica tenha migrado para o estado vizinho com os colonizadores da região Noroeste e Norte do estado de São Paulo que mudaram para o norte do Paraná, no século XX, durante o denominado ciclo do café. O Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II[320] na sua carta 311 (ALTINO, 2007) registra *burca* na área limítrofe SP-PR. Em Adrianópolis (ponto 38, no atlas estadual), há documentação de *burca* e *bolinha de gude* como denominação do brinquedo em questão.

A variante *burquinha*[321] também foi registrada no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul, carta 302 (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 697) considerando a fronteira PR-SP a par de *bolinha de gude e bolinha de vidro*.

No próximo tópico, focaliza-se a unidade léxica *bolinha*.

4.2.1.4.4 Unidade lexical: *bolinha*

Os dados relativos a essa variante demonstram que a forma *bolinha* não foi categórica em nenhuma das localidades que compuseram o universo da pesquisa, quando muito teve duas ocorrências em uma mesma mesorregião (Araraquara, Macrometropolitana Paulista, Piracicaba, Ribeirão Preto).

Na sequência, são examinadas as unidades léxicas com produtividades mais restritas.

4.2.1.4.5 Unidades lexicais: *biroca, fubeca, birola, biloca*

A unidade léxica *biroca* teve um comportamento distinto nas diferentes localidades em que foi documentada, pois foi registrada apenas em cidades

[320] O Atlas Linguístico do Paraná II foi produzido como Tese de Doutorado em 2007 por Fabiane Cristina Altino. O trabalho foi defendido na Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da profa. Dra. Vanderci Andrade Aguilera. Em relação à origem dos dados, são informações inéditas, frutos da pesquisa de campo do ALPR I, na década de 1980.
[321] Essa denominação foi fruto do agrupamento *burca* neste estudo.

próximas a limites estaduais, com exceção do Rio Janeiro. Apesar da sua alta produtividade nas áreas limítrofes, a variante *biroca* não teve ocorrência na área considerada de controle[322], ou seja, nos pontos localizados nos circunvizinhos.

Quanto às mesorregiões, a variante *biroca* foi mais produtiva em Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Além disso, foi registrada nas mesorregiões de Ribeirão Preto, Araçatuba e Assis. Esse panorama aponta para a possibilidade de uma área dialetal dessa variante no Oeste/Noroeste/Norte do estado de São Paulo. Essa disseminação por uma região específica do estado pode resultar do processo de povoamento, do deslocamento da população dentro do próprio estado ou ainda de proximidade entre as localidades.

De acordo com as respostas obtidas, a unidade lexical *fubeca* foi mencionada em duas localidades paulistas distantes entre si: São José do Rio Preto (152), com apenas uma ocorrência, e em Bragança Paulista (174), onde foi citada por todos os informantes, a par da forma *bolinha de gude*.

A variante lexical *birola* foi citada em duas localidades: Andradina/SP[323] (ponto 155), pelo informante do sexo feminino, faixa etária II, com apenas uma ocorrência e, na área de controle, em Paranaíba/MS (ponto 114), por todos os informantes[324]. Nota-se, pois, que *birola*, no ponto sul-mato-grossense figurou como resposta de todos os informantes, sendo a única de três deles. Há que se considerar também que Andradina/SP (155), a outra localidade em que *birola* foi registrada, é uma cidade próxima à fronteira leste de Mato Grosso do Sul, distância de 42 km do município de Três Lagoas (MS).

Ao recuperar os dados cartografados no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS, na carta QSL 0461.a (OLIVEIRA, 2007, p. 230), constatou-se a presença da unidade lexical *birola* nas localidades de Paranaíba (50% das ocorrências); de Três Lagoas (50%) e ainda na divisa com Goiás, em Cassilândia (50%). Portanto, a presença de *birola* em Andradina (155), mesmo como ocorrência única, pode ser uma possível influência/contato com a nomeação utilizada no território sul–mato-grossense, sobretudo na fronteira leste com São Paulo.

---

[322] *Birosca* foi registrada na capital de Minas Gerais no ALiB – carta L18d (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 277) carta relativa às capitais da região Sudeste.

[323] A cidade de Andradina pertence à mesorregião de Araçatuba.

[324] Nas localidades em que *birola* figurou como resposta foram indicadas outras variantes para nomear o objeto solicitado, como: *bolinha*, *bolinha de gude*, *bolinha de vidro*, *biroca* e *burca/burquinha* (Andradina–ponto 155). Por sua vez, em Paranaíba/MS (ponto 114), houve apenas uma ocorrência de *bolinha de gude*.

O item lexical *biloca* foi documentado apenas em Campina Verde/MG[325] (ponto 137), localidade pertencente à área de controle neste trabalho, sendo mencionada como resposta única de todos os informantes, com exceção do homem da faixa etária II que indicou, como segunda resposta, a variante *pedrinha de gude*. O fato de a designação ter sido citada por todos os informantes pode indicar um traço da norma lexical da localidade, Campina Verde localiza-se em área limítrofe com diferentes estados como São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, o que possivelmente favoreceu uma rota de passagem ou contatos com diferentes populações.

O *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (RIBEIRO *et al.*, 1977) na carta 30 registra a forma *bilosca* em áreas limítrofes de Minas Gerais, com predominância na região onde se localiza Campina Verde (5B).

Acredita-se na hipótese de que a unidade léxica *biloca,* na atualidade, seja derivada de *bilosca,* decorrente de um fenômeno fonético. Essa tese, possivelmente, possa ser comprovada a partir de estudos complementares pontuais.

A seguir, são focalizados os casos de outras denominações.

4.2.1.4.6 Outras denominações com ocorrências únicas

Os casos de ocorrências únicas foram registradas no Quadro 68, a seguir, que informa a localidade, número do ponto e o perfil do informante que as mencionaram:

Quadro 68 – Respostas únicas para a pergunta 156/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

Resposta única	Localidade – Ponto	Perfil do Informante
Biribinha	Barretos-ponto 153	Homem, faixa etária I
Bile	Piracicaba-ponto 172	Mulher, faixa etária I
Búlita	Marília-ponto 166	Mulher, faixa etária I
Triângulo	Bernardino de Campos - 170	Homem, faixa etária I
Paraguainha	Nova Londrina-207	Homem, faixa etária I
Leiteira	Nova Londrina-207	Homem, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando as variantes registradas em outros trabalhos dialetais, produz-se o Quadro 69 que traz um comparativo entre os diferentes estudos realizados na área investigada.

[325] Ademais há o registro de *biloca* no Atlas Linguístico do Brasil em capitais de duas regiões do país: i) na carta L18b (CARDOSO *et al*, 2014b, p. 275) relativa à Região Nordeste, em Natal e ii) na carta L18e (CARDOSO *et al*, 2014b, p. 281) com dados da região Centro Oeste, em Goiânia.

Quadro 69 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Bola/bolinha de gude	Bola/ bolinha de vidro	Burca	biroca	Bolinha	Birola	biloca[326]
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 30 (RIBEIRO *et al*, 1977, s/p)	X	X					X
Atlas Linguístico do Paraná II – carta 311 (ALTINO, 2007, s/p)	X	X	X		X		
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 076 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 286)	X		X	X		X	
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – carta QSL461a (OLIVEIRA, 2007, p. 230)	X	X	X	X		X	X
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 164)	X						
Atlas Linguístico da Região Sul – carta 302 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), 2011, p. 697	X	X	X		X		
Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais carta 04 (D´Anunciação, 2016, p. 55) – carta 02	X	X			X		X

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao verificar o Quadro 69, percebe-se que a unidade léxica *bola/bolinha de gude* foi registrada em todos os trabalhos/atlas consultados.

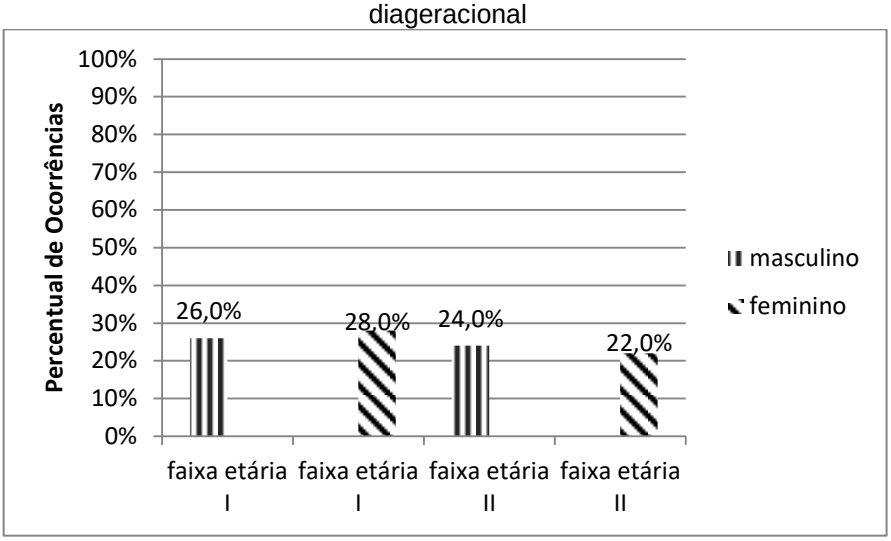
4.2.1.5 Denominações para "bola/bolinha de gude" – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

Além da dimensão diatópica, foram observados os dados segundo fatores sociais (dimensões diassexual e diageracional). Observou-se, a partir das respostas fornecidas, que o brinquedo não está em vias de desaparecimento, haja vista a produtividade de variantes registradas para nomear "as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar" e pelo fato de que apenas um informante deixou de responder a pergunta.

[326] No *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977), a variante registrada foi *bilosca*.

Considerando as dimensões diageracionais e diassexuais, iniciam-se as discussões pela unidade lexical *bola/bolinha de gude*. Essa variante foi a mais produtiva neste estudo e foi caracterizada por uma distribuição equilibrada de *bola/bolinha de gude* entre os informantes das diferentes faixas etárias e sexos, conforme atesta o Gráfico 57:

Gráfico 57 – Realização de *bola/bolinha* de gude considerando as dimensões diassexual e diageracional



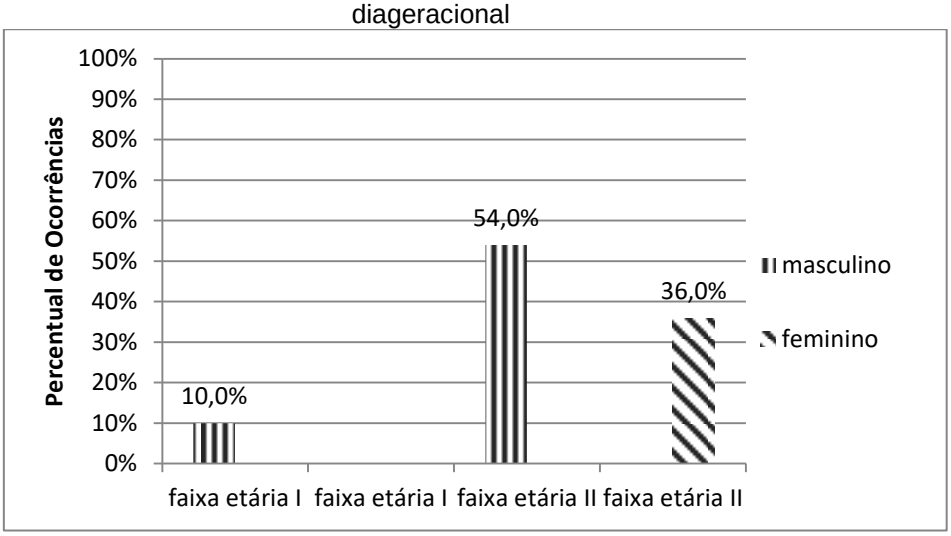
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 57 aponta que *bola/bolinha de gude* é mais frequente entre os informantes de faixa etária I, o que pode indicar uma forma de uso mais moderna empregada para nomear o brinquedo. Além disso, nota-se que as variantes *bola/bolinha de gude* foram citadas por 26% dos homens de faixa etária I e por 24% dos da faixa etária II. No gênero feminino, o percentual é um pouco maior, computando-se um percentual de 28% na faixa etária I e 22% da faixa etária II.

Em relação às demais variantes, há uma preferência dos informantes do sexo masculino por *bola/bolinha de vidro* com 64% de produtividade no conjunto das unidades documentadas. Em contrapartida, essa variante não foi citada por nenhuma informante do sexo feminino, da faixa etária I. O Gráfico 58 indica o percentual de ocorrências dessas variantes conforme o sexo e a faixa etária.

Quanto ao fator idade, essas variantes prevalecem na faixa etária II (90%), o que aponta para uma tendência de desaparecimento da forma genérica *bola/bolinha de vidro,* já que é pouco usada pelos mais jovens.

Gráfico 58 – Realização da unidade lexical *bola/bolinha de vidro* segundo as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Essas denominações, dado o seu caráter genérico, podem ter ocorrido em maior número, pelo fato de o falante não ter mais contato com o objeto, ou mesmo, ter sido influenciado pelo teor da própria pergunta, que menciona o material com o qual são produzidas as bolinhas.

Quanto à unidade lexical *burca*, há uma diferença mínima entre as variantes fornecidas pelos informantes (feminino com 52% contra 48% das ocorrências de *búrca/burquinha* masculino*)*. Já em relação à faixa etária, *burca/burquinha* foi mais frequente na faixa etária I, com 58% das ocorrências contra 42% na faixa etária II. Essa diferença indica que essa denominação está no léxico ativo da população, pois foi produtiva entre as duas faixas etárias e em ambos os sexos. Muito provavelmente, essas variantes estão sendo passadas de geração para geração, visto que os maiores índices de produtividade ocorrem entre os falantes da faixa etária II, do sexo feminino e na faixa etária I do sexo masculino, ou seja, estão passando de mãe para filho. Essa característica denota a vitalidade para a variante.

Em termos de produtividade, observa-se que as demais variantes obtidas para nomear a “bolinha de gude”, apresentaram uma sutil diferença entre as dimensões diassexual e diageracional. Entre as variantes, a produtividade de alguns itens foi destacado, como é o caso de: i) *biroca* foi mais produtiva entre os informantes de faixa etária I, alçando 54% das ocorrências; ii) *bolinha*, por sua vez, foi registrada com maior frequência entre as informantes do sexo feminino e da faixa etária II; iii) *fubeca* destacou-se entre os informantes do sexo masculino com

produtividade superior a 66% e *birola* foi um pouco mais produtiva entre informantes do sexo feminino e da faixa etária II.

Quanto às denominações com ocorrência única, informa-se que somente informantes mais jovens as mencionaram. Ao considerar a dimensão diassexual, a maior frequência foi entre os homens que atingiram percentuais superiores a 60%.

A continuação discutem-se os aspectos léxico-semânticos das variantes obtidas para nomear a “bolinha de gude”.

4.2.1.6 Análise léxico-semântica

Ressalta-se que algumas unidades léxicas fornecidas pelos informantes para nomear o referente em questão não estão dicionarizadas. Considerando os dicionários organizados por Bluteau (1712-1728), Silva Pinto (1832) e Silva (1813), apenas a variante *bolinha* está dicionarizado na acepção de forma (redonda). Por sua vez, nos dicionários gerais de língua portuguesa do século XX, assinalados para o estudo, destacam-se os registros das denominações arroladas no Quadro 70:

Quadro 70 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” nas obras lexicográficas contemporâneas

Íten lexical	**Houaiss (2001)**	**Aulete (2006)**	**Ferreira (2010)**
Bola/ bolinha de gude[327]	“LUD B 1. Pequena esfera vítrea us. no jogo de gude, us. no jogo de gude; bolinha”.	**“1** Esfera pequena de vidro us. no jogo de gude”.	
Biroca		“Bras. SP sf 1. Cada um dos buracos, na terra, onde se têm de acertar as bolinhas de gude. [Var.: birosca (2).] 2. P.ext. O jogo assim praticado”.	“Birosca: S.f. Bras., MG 1. V gude”.
Bolinha	“5. LUD B mesmo que bola de gude”	“sf. 1. Bola pequena (bolinha de sabão; bolinha de gude)”.	“5. Lud. B. m. q Bola de gude”.
Biloca	“Sf LUD GO 1 Gude jogado ger. com cinco buracos. 2 cada um desses buracos. 3 ETIM orig. desc. SIN/VAR ver sinonímia de gude”.		
Búrica	“LUD RJ m.q. BÚRACA SIN/ VAR ver sinonímia de gude”		“S.f. Bras., RJ. V. gude”

[327] É indicada como uma sub-entrada de *bola* nos dicionários em que foi registrada.

Fubeca	“Sf (1899) B infrm.1. GO pequena esfera vítrea us. em jogos infantis em que se atira uma bola contra outra; bola de gude 2 p. met. GO jogo com essa bola”.		
Gude	“S.m. (a1958) LUD B 1. Jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial 2. p.met. bolinha us. nesse jogo. 3. p. ana (da acp 1) qualquer outro jogo infantil com bolinhas de vidro ETIM provincianismo gode ‘pedrinha redonda e lisa SIN/ VAR belindre, berlinde, biloca, bilosca, birosca, bolita, búraca, buraca, búrica, peteca, pirosca, ximbra”.	“S.m. (a 1958) LUD B 1 Jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial. 2.P. met bolinha us. nesse jogo. 3. Qualquer jogo em que se use essas bolinhas de vidro. [F.: De gode, provincianismo minhoto. Sin. ger.: baleba, belindre, (Lus.) berlinde, biloca, bilosca, birosca, bolita, búraca, búrica, (Lus.) bute, cabiçulinha, firo, peteca, pirosca, ximbra].”	“s.m Bras. Jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro, ou os carocinhos pretos do vidro do fruto do saboeiro, ganhando o jogador que chega primeiramente de volta ao primeiro buraco: ‘Raul brincava sossegado com as bolas de gude’ (Lia Correa Dutra, Navio sem Porto, p. 171). (Sin. (em partes diversas do Brasil): bilosca, birosca, pirosca, bolita, búraca, búrica, firo e ximbra)”.
Búlica/ Buliquinha	“Bras. Lud. S m 1. Jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos ger. cavados na terra. 2. Bolinha us. nesse jogo. 3. Qualquer jogo em que se use essas bolinhas de vidro. [F.: De gode, provincianismo minhoto. Sin. ger.: baleba, belindre, (Lus.) berlinde, biloca, bilosca, birosca, bolita, búraca, búrica, (Lus.) bute, cabiçulinha, firo, peteca, pirosca, ximbra].”	“s. f. || (Bras., Rio de Janeiro) V. gude”.	

Fonte: Elaboração da autora com base nas obras referenciadas.

Verifica-se no Quadro 70 que boa parte das denominações obtidas como nomeação do brinquedo “bola/bolinha de gude” refere-se “as coisinhas de vidro” ou ao jogo realizado com o objeto.

O Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (CUNHA, 1986), registra *fubeca* com acepção diferente do solicitado na questão analisada e, *bola* com diversas definições e a indicação da forma geométrica: “sf qualquer corpo esférico”.

Nas obras que tratam sobre o folclore, há a menção da unidade léxica *gude*, no Dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012) e b*olinha de vidro* na Cartilha do Folclore Brasileiro (ORTÊNCIO, 2004).

Ortêncio (2004)[328] descreve a *bola/bolinha de vidro* como um entretenimento. Ademais informa que *bola/bolinha de vidro* são formas sinônimas de *gude,* mas não são do jogo de *biloca*, outra denominação do brinquedo fornecida pelos informantes do estado de São Paulo:

> Gude quer dizer pedrinha redonda e lisa, de onde se originou o nome da bolinha de vidro. Joga-se biloca como já vimos. Mas o jogo mais comum mesmo é o de percorrer as ruas, dois ou mais garotos, jogando alternadamente, ora um, ora outro. Tira-se par-ou-ímpar. Quem perder atira a chama, que é a primeira bolinha, lá adiante, numa distância mínima de cinco metros. O outro joga a sua na chama, para acertá-la. Se o conseguir, fica com ela e o perdedor tem de jogar outra chama. Se não acertar, a bolinha passa para frente. A bolinha é arremessada comumente com a mão e não com o impulso da unha do polegar presa ao dedo indicador, como no jogo de biloca. Se os jogadores forem só dois, então o primeiro pega a sua bola do chão e atira-a na do adversário, na frente. Se houver mais competidores, cada um atira a sua, por sua vez; muitas vezes ficam até mais de dez bolinhas, umas retiradas das outras, sempre para a frente. Os garotos vão andando e chegam a percorrer a cidade inteira, cada vez engrossando mais a turma de sapos (que são os assistentes, os que não tomam parte no jogo) (ORTÊNCIO, 2004, p. 99-100).

Já a denominação *bola/bolinha* foi a unidade lexical com o maior número de registros nos dicionários pesquisados, aparece em Silva (1813), Silva Pinto (1832), Houaiss (2001), Aulete (2006), Ferreira (2010), porém, apenas Houaiss (2001) e Aulete (2006)[329] trazem a acepção *bolinha de gude*. Quanto à unidade lexical *bolinha* foi fornecida pelos informantes por se tratar de uma forma genérica sendo usada para um referente específico. Provavelmente, isso pode ocorrer nos seguintes casos: i) o informante desconhece o nome do jogo, ii) o entrevistado não se lembrar do brinquedo, iii) a primeira e/ou única resposta registrada, sobretudo quando o

[328]A obra citada, além de definir os termos, fornece informações enciclopédicas sobre diversos brinquedos/brincadeiras, assim como a de Câmara Cascudo (2012).
[329] Além disso, a denominação foi registrada em obras lexicográficas do século XIII.

inquiridor não insistiu na pergunta. Essa terceira situação foi evitada na situação descrita. Observe o fragmento da transcrição:

> INF. Bolinha
> INQ. Chama bolinha de quê?
> INF. Bolinha de vidro, né? (Franca - Ponto 154/informante do sexo masculino, faixa etária II).

Ademais, alguns informantes parecem considerar as unidades lexicais *bolinha de vidro* ou *bolinha de gude* como sinônimas, por isso, inicialmente, respondem *bolinha*.

> INF. - Bolinha.
> INQ. - Mas aquelas que a gente joga assim, no chão sabe? Pequenininha...
> INF.- Bolinha de vidro, bolinha de gude (Piracicaba - Ponto 172/informante do sexo masculino, faixa etária I).

Por fim, a unidade léxica *gude*[330] foi a única registrada nos três dicionários gerais da língua portuguesa do século XX consultados e nos dois tratados sobre o folclore brasileiro, utilizados como fonte de consulta, com a acepção desejada.

Em termos de dicionarização, constata-se que apenas as variantes *bola/bolinha de gude, bola/bolinha de vidro, biloca, biroca, búrica* e *gude* estão dicionarizadas na acepção apontada na pergunta: "Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).

De modo geral, cabem considerações a respeito do uso desses itens lexicais com base em informações fornecidas pelos informantes:

1º) Influência da fala de outras regiões nas escolhas lexicais dos informantes:

[330] O item lexical *gude* não está registrado nos dicionários dos séculos XVIII e XIX consultados e nem nos dicionários etimológicos. Por sua vez, aparece em Ortêncio (2004) como sinônimo de bola/bolinha de vidro, e, em Câmara Cascudo (2012), como jogo infantil:
"Jogo infantil, com bolinhas de vidro, que se devem fazer entrar em três buracos, ganhando o jogador que chega em primeiro lugar, de volta ao primeiro buraco' (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2ª ed., 1939). Guilherme Santos Neves ("O jogo do Gude", Folclore, nos 7-8, Vitória, Espírito Santo, julho-outubro de 1950) estudou o jogo com pormenores e fixando as variantes locais. Há a barca, um grande oval, riscado no chão, onde deixam as bolinhas convencionadas, as próprias e as do adversário, e à distância de dois a três metros traçam o ponto, risco paralelo à posição das bolas na barca. Escolhido quem jogará primeiro, pela maior ou menor aproximação da bolinha privativa, a jogadeira, atirada na direção do ponto, o brinquedo consiste, com suas regras e exigências, em tirar da barca, à força dos toques da jogadeira pessoal, uma a uma das bolas que lá ficaram. Parece-me ser uma variante do velhíssimo jogo português do truco, fito ou arraioula, registrado por Jaime Lopes Dias (Etnografia da Beira, VI, 148-149, Lisboa, 1942). Há variantes por toda a Europa" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 337).

> INF.- Bile, bolinha! (risos). [...] É, eles falam bile, bolinha, bolinha de gude (Piracicaba, ponto 172, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Essa menção à *bile*, muito provavelmente possa ter sido uma referência a *bila,* forma cartografada no Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 275), nas capitais da região Nordeste (João Pessoa/PB e Fortaleza/CE), denotando possível influência nordestina.

A mesma situação ocorre com a denominação *biloca* que apresentou resposta apenas em Minas Gerais, na localidade de Campina Verde (137), região muito próxima ao estado de Goiás. Essa informação foi destacada em Houaiss (2001) que atribui ao item léxico *biloca* tanto a acepção de tipo de um jogo quanto o nome das bolinhas e informa que *biloca* é um regionalismo de Goiás que é confirmada no Dicionário do Brasil Central (ORTÊNCIO, 1983). Por sua vez, no dicionário regional, o item lexical *biloca* é definido apenas como um entretenimento e não como um objeto: "Jogo de bolinha de vidro (gude) em 5 buraquinhos no chão, dispostos como a face do 5 do dado (cubo): 'biloca é joguinho absorvente. Quando se joga biloca toda diversão é bobagem" (ORTÊNCIO, 1983, p. 47).

2º) Algumas respostas foram relacionadas possivelmente com o nome do jogo praticado com a "*bola*/*bolinha de gude"*, como é o caso de: *triângulo, biroca*[331], *paredão e biribinha*... por isso foram computados como possíveis designações para "as coisinhas redondas de vidro", por também ser considerado um entretenimento infantil.

> INF.- Bolinha de gude.
> INQ. - De jogar assim, né?
> INF.- Bolinha de gude, biroca, eh... triângulo, só que é tudo c'a mema... bolinha de gude, mas certo é bolinha de gude (Bernardino de Campos, Ponto 170, informante do sexo masculino, faixa etária I).

3º) Respostas que fazem alusão a outros nomes atribuídos as "coisinhas redondas", como a classificação de acordo com as cores das "bolas/bolinhas de gude", por exemplo: *paraguainha* e *leiteira*.

> INF. [...] já viu aquelas burquinhas branquinha que tem um risquinho dentro... aquela lá, eles tratam de paraguainha. E aquelas outras, azulzinha, tirando as branca, as outra é burquinha e a branca é a leiteira (Ponto 207/Informante 01).

[331] *Biroca* está dicionarizada tanto como o nome das bolinhas de vidro quanto como um tipo de jogo realizado com elas.

4.2.1.6 Considerações sobre os dados apurados na questão 156/QSL/ALiB

Na sequência, sintetizam-se algumas considerações sobre os dados examinados sobre a “bola/bolinha de vidro”:

i) A brincadeira não está em vias de desaparecimento, pois ainda é um entretenimento popular para os informantes entrevistados, o que pode ser comprovado pelo baixo número de abstenções e pelo significativo número de denominações obtidas.

ii) A pergunta foi bastante produtiva, pois registrou grande diversidade nas formas de nomear as “coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar”.

iii) A variante *bola/bolinha de gude* foi a mais produtiva neste estudo. Essa superioridade também foi documentada no EALMG (RIBEIRO et al, 1977), no ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014) e no estudo sobre o falar fluminense (SANTOS, 2016).

iv) A unidade lexical *biloca*[332], foi registrada apenas em localidades da área de controle, no estado de Minas Gerais. Essa escolha lexical por parte dos informantes também foi observada na carta L18 (CARDOSO et al, 2014b, p. 271), do Atlas Linguístico do Brasil (vol 2), na capital mineira e no EALMG (RIBEIRO et al, 1977) em que *bilosca* foi registrado como segunda denominação mais produtiva.

v) Considerando o comportamento das variantes *biroca e burquinha* informa-se que, a unidade lexical *biroca* está disseminada em áreas próximas às fronteiras estaduais, porém fica circunscrito aos limites paulistas, o que, de certa forma, reforça a informação disponível no dicionário Aulete (2006) ao classificar essa unidade lexical como um brasileirismo de São Paulo. As localidades cobertas pelo uso de *biroca* apontam para uma provável isoglossa, ao considerarmos as regiões Oeste/Noroeste/Norte de São Paulo, assim como as demarcações de *burca/burquinha, no limite estadual com o estado do Paran*á.

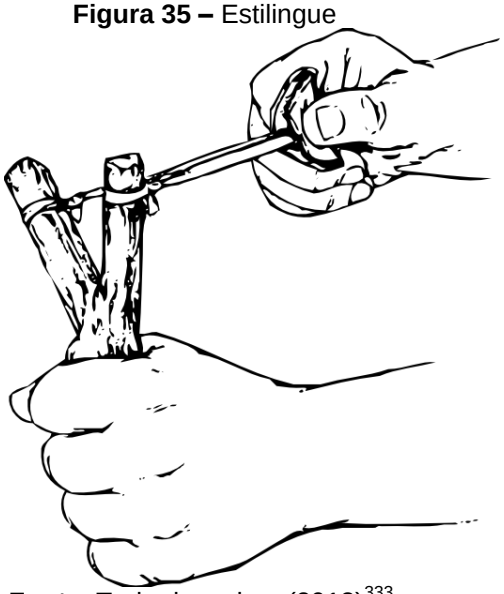
[332] Alerta-se que há a possibilidade de que *biroca* e *biloca* seja apenas uma alteração fonética sofrida pelas variantes. Isso pode ter ocorrido considerando a origem da designação ou no próprio decorrer do tempo e do uso. Ainda sobre a unidade lexical biloca, Houaiss (2001) a classifica como regionalismo de Goiás.

4.2.2 Estilingue

4.2.2.1 Estilingue: o brinquedo

O brinquedo contemplado pela pergunta 157/QSL/ALiB: “Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34) parece ter se originado de outro objeto com datação bastante antiga. Câmara Cascudo (2012) ressalta que era “o velho arco de pelouros português, arc-á-balle, Pellet Bow, Tonkugelbogen, vindo do arcus balista romano” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 116). O objeto era usado como um instrumento de defesa pessoal, como um armamento. “[...] Passou o nome do projétil à arma que apenas em 1498 foi retirada do serviço ativo militar da Península Ibérica e pouco antes na França, Itália, Inglaterra. Continuou como arma popular para animais de menor porte e aves” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 116). A Figura 35 traz a imagem do objeto.

Figura 35 – Estilingue



Fonte: Tudo desenhos (2018)[333].

Câmara Cascudo (1985) informa ainda que o *bodoque*[334] foi trazido para América e, também, acabou sendo usado como arma:

[333] Informação disponível em: <http://www.tudodesenhos.com/d/estilingue>. Acesso em 20.set.2018.
[334] Apesar da designação *bodoque* ser usada por alguns informantes, muitos entrevistados apontam diferenças entre o estilingue e o *bodoque*.

> Não desaparecera, por toda a Península, como arma tradicional, mas a pólvora e as armas curtas começavam a dominar, vitoriosamente, pela relativa eficiência. O bodoque passara, em Portugal, a batizar a arma e não mais o projétil. De sua expansão na América espanhola basta a informação de Gomara sobre os indígenas de Cumaná, na Venezuela: - "Aprenden de niños, hombres y mujeres, a tirar al blanco con bodoques de tierra, madera y cera". Passa o bodoque lentamente a ser arma de meninos, indispensável para o adestramento dos futuros guerreiros (CÂMARA CASCUDO, 1985).

No mesmo sentido, Ortêncio (2004, p.101) registra que "estilingue é arma: arma de moleque! Um bom moleque teria de ter o seu estilingue dependurado no pescoço ou no bolso".

No Brasil, desde 2005, há uma legislação do Inmetro[335] (Portaria nº 108, de 13 de junho de 2005) que considera esse instrumento como não-brinquedo "Estilingues, catapultas e arquearia, cujos arcos não tensionados superem a distância de 1,20m".

Todavia, recentemente foi sancionada uma lei estadual em Mato Grosso (nº 10.551, de 19 de junho de 2017), que reconhece a brincadeira com o instrumento como uma atividade esportiva[336]. Neste trabalho, tratou-se o objeto como um brinquedo, pois é/foi um instrumento de entretenimento para crianças, sobretudo considerando as pessoas entrevistadas (de outras épocas) em que o uso do "estilingue" tinha como finalidade a caça ou a diversão.

4.2.2.2 Estilingue: os nomes do brinquedo

O levantamento de dados nos 148 inquéritos relativos ao estado de São Paulo e nos 40 relativos à área de controle computou em 15 variantes lexicais como denominação para "o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica)?" – resultando num total de 223 ocorrências. Houve apenas três casos de ausência de resposta, todas no interior do estado de São Paulo, localidades essas geograficamente distantes entre si.

A Tabela 18, a seguir, detalha os dados brutos obtidos:

[335] Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/legislacao/rtac/pdf/RTAC000946.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2017.

[336] De acordo com a lei, o *estilingue* pode ser usado com a recomendação que a madeira não seja retirada ilegalmente da mata e que não cause prejuízo/dano à flora, fana ou ao ser humano. Além disso, exige filiação em associação, liga, federação ou órgão similar para poder transladar o objeto e requerer registro pessoal em cartório.

Tabela 18 – Denominações para “estilingue” na área pesquisada

	Interior de São Paulo	Área de Controle	Total	
Estilingue	78,2%	67,3%	171	75,7%
Bodoque	2,3%	3,8%	6	2,7%
Estelingue	1,2%		2	0,8%
Estilingo	0,6%		1	0,4%
Istilingue	0,6%		1	0,4%
Seta	1,1%		2	0,9%
Setra	9,2%	15,4%	24	10,6%
Atiradeira	0,6%	3,8%	3	1,3%
Atiradeira de pedra	0,6%		1	0,4%
Budoque	1,1%		2	0,9%
Caça-passarinho	0,6%		1	0,4%
Funda	0,6%		1	0,4%
Garrote	0,6%	1,9%	2	0,9%
Pelotiá	0,6%		1	0,4%
Passarinhá	0,6%		1	0,4%
Tiradeira		3,8%	2	0,9%
Atirador		1,9%	1	0,4%
Badoque	0,0%	1,9%	1	0,4%
Não respostas	1,7%	0,0%	3	1,3%
Total	100%	100%	226	100%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na Tabela 18, verifica-se o alto número de denominações para a brincadeira, por isso, para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que, em sua maioria, obedeceram a critérios lexicais e fonéticos. Dessa forma, computaram-se quatro variantes lexicais e somam-se a elas dois casos de denominações com ocorrências únicas, num total de 223 ocorrências: *estilingue, setra, atiradeira, bodoque* e duas denominações com ocorrências únicas *(caça-passarinho e funda*).

No Quadro 71, a seguir, apresentam-se o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados.

Quadro 71 – Respostas agrupadas para o “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha”

Variantes lexicais	Itens agrupados
Estilingue	Estilingue, estilingo, istilingue, estelingue
Setra[337]	Setra, seta
Bodoque	Bodoque, budoque, badoque
Atiradeira	Atiradeira, tiradeira, atirador, atiradeira de pedra
Outras denominações com ocorrências únicas	caça-passarinho, funda

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

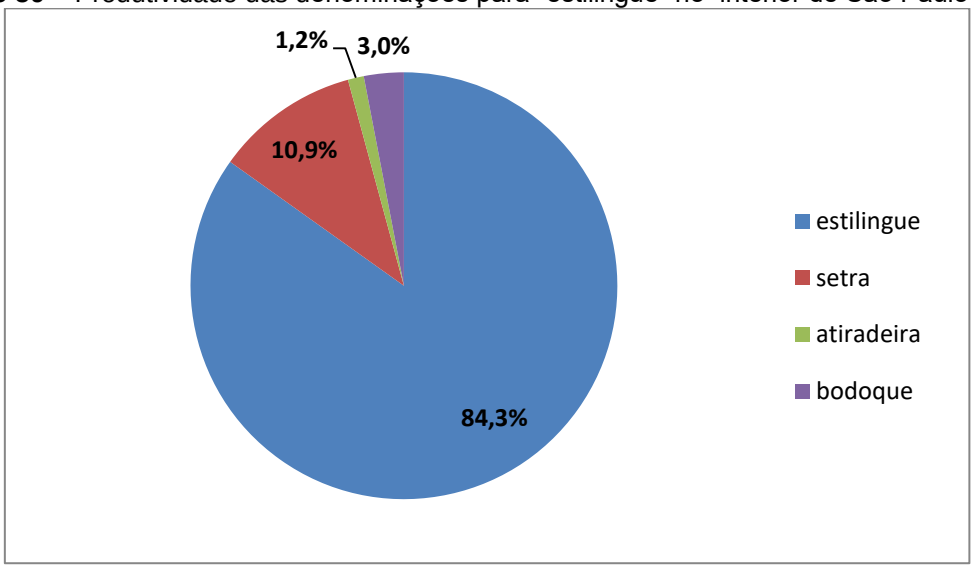
A continuação, discutem-se os dados sobre a produtividade das variantes em exame.

4.2.2.3 Produtividade das variantes

Os dados apresentados nas carta 9 a e 9 b e a Tabela 18 evidenciam a maior produtividade da unidade lexical *estilingue* na área investigada, tanto no que se refere ao estado de São Paulo quanto à área de controle.

No interior de São Paulo, assim como na capital[338], a unidade lexical mais produtiva foi *estilingue*. Verifique, no Gráfico 59, as variantes registradas para “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho”.

Gráfico 59 – Produtividade das denominações para “estilingue” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

[337] Informa-se que as entradas nos dicionários foram grafadas de formas diversas (*seta, setta*), porém, neste estudo, optou-se pela grafia *setra*, pois foi a variante utilizada pela maioria dos informantes.

[338] A carta L19 (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 283) registra as variantes *estilingue* e *badoque* em São Paulo (capital).

Ainda em se tratando de São Paulo, o Quadro 72 informa a produtividade das variantes mais recorrentes, conforme as mesorregiões do IBGE.

Quadro 72 – Produtividade das denominações para “estilingue”, segundo a mesorregião administrativa do IBGE no estado de São Paulo

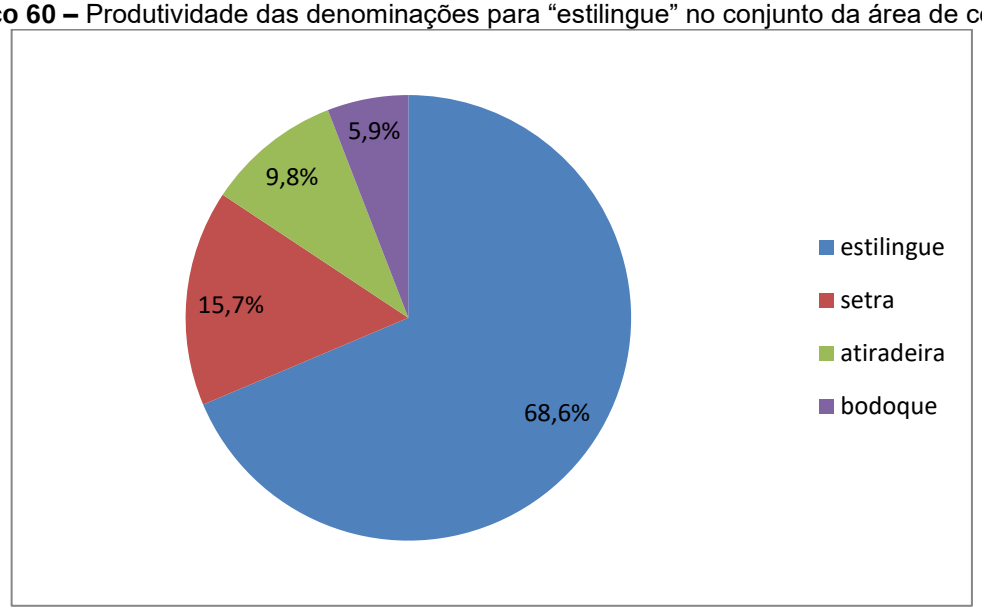
VARIANTES	Estilingue (%)	Bodoque (%)	Setra (%)	Atiradeira (%)
Araçatuba	4,7	0,0	0,0	0,0
Araraquara	5,4	0,0	0,0	0,0
Assis	5,4	0,0	0,0	0,0
Bauru	8,1	0,0	0,0	0,0
Campinas	8,1	0,0	0,0	0,0
Itapetininga	8,1	0,0	66,7	50
Litoral Sul Paulista	7,4	16,7	5,6	0,0
Macrometropolitana Paulista	4,7	0,0	16,7	0,0
Marília	2,7	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	8,1	0,0	0,0	0,0
Piracicaba	2,7	16,7	0,0	0,0
Presidente Prudente	10,8	33,3	0,0	50
Ribeirão Preto	8,1	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	8,1	16,7	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	7,4	16,7	11,1	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

O Quadro 72 indica que a denominação *estilingue* atingiu um maior percentual de registros na mesorregião de Presidente Prudente.

Na área de controle, *estilingue* segue como a variante mais produtiva, como pode ser verificado no Gráfico 60, na sequência.

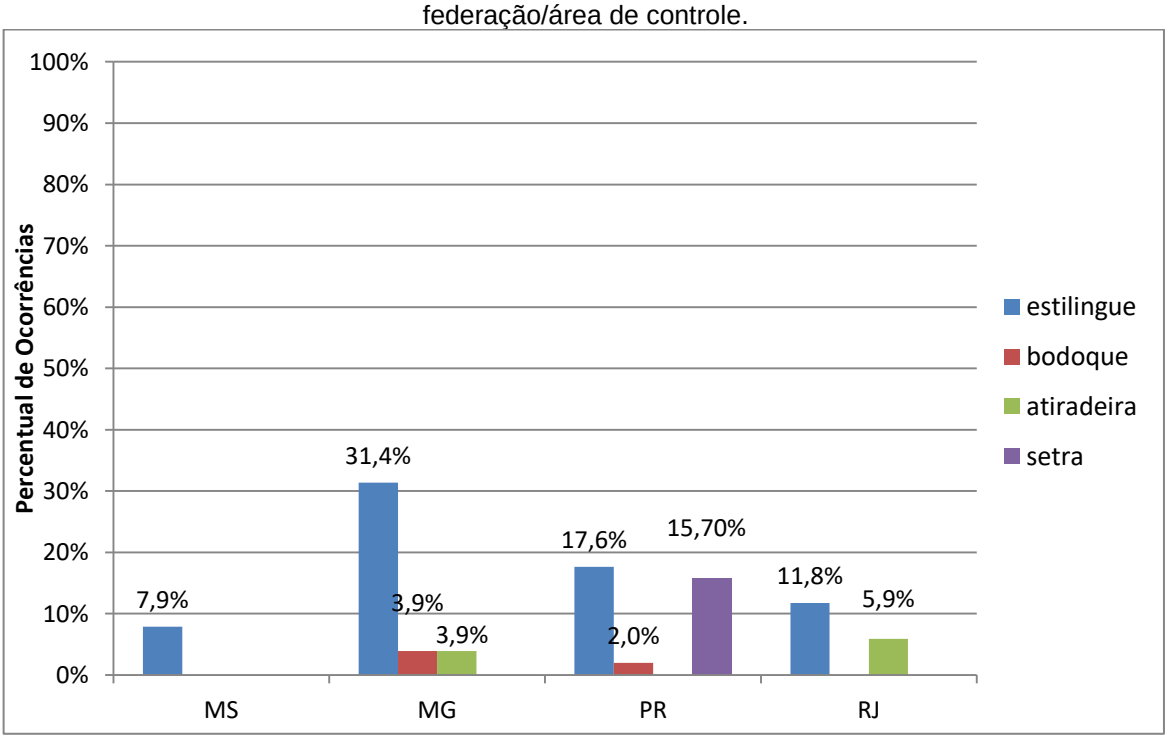
Gráfico 60 – Produtividade das denominações para “estilingue” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência, no Gráfico 61, apresenta-se o percentual de ocorrência das denominações para a brincadeira de “estilingue” de acordo com cada estado pertencente à área de controle.

Gráfico 61 – Produtividade das denominações para “estilingue” segundo a unidade da federação/área de controle.



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Em relação às demais variantes, nota-se, no Gráfico 61, que algumas nomeações parecem próprias de alguns estados, por exemplo, *setra* no Paraná,

atiradeira em Minas Gerais e Rio de Janeiro, embora também tenham sido registrados no interior de São Paulo.

Na sequência, as cartas 9A e 9B indicam a distribuição diatópica das variantes cartografadas para “estilingue” no interior de São Paulo e área de controle.

Carta 9a – Denominações para “estilingue” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 157 – “Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?”

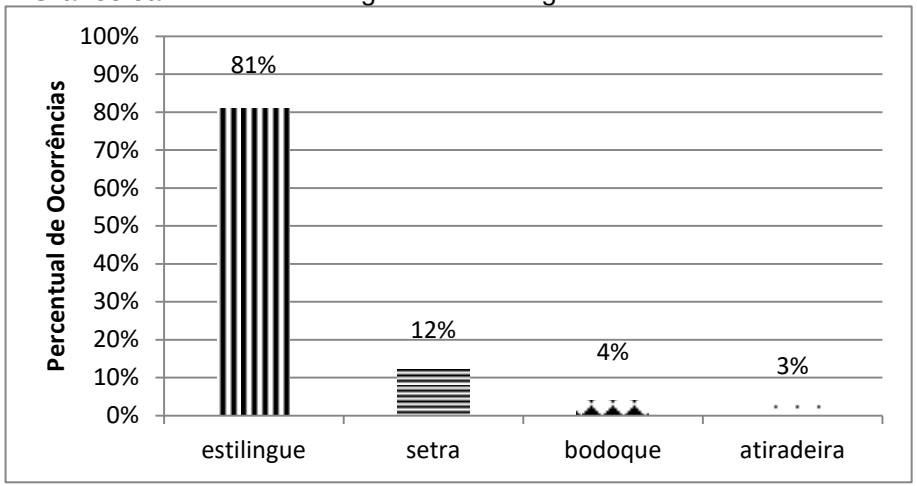
Denominações com ocorrência única: caça-passarinho (Bragança Paulista, ponto 174, informante do sexo feminino, faixa etária I) e funda (Registro, ponto 186, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados: INF.- Setra é mais antigo, né? Era setra. Eu falo estilingue/.INQ.- E você falava quando criança? INF.- Não, sempre foi estilingue, só que os meus vô falava setra” (Ribeira, ponto 185, informante do sexo masculino, faixa etária I).

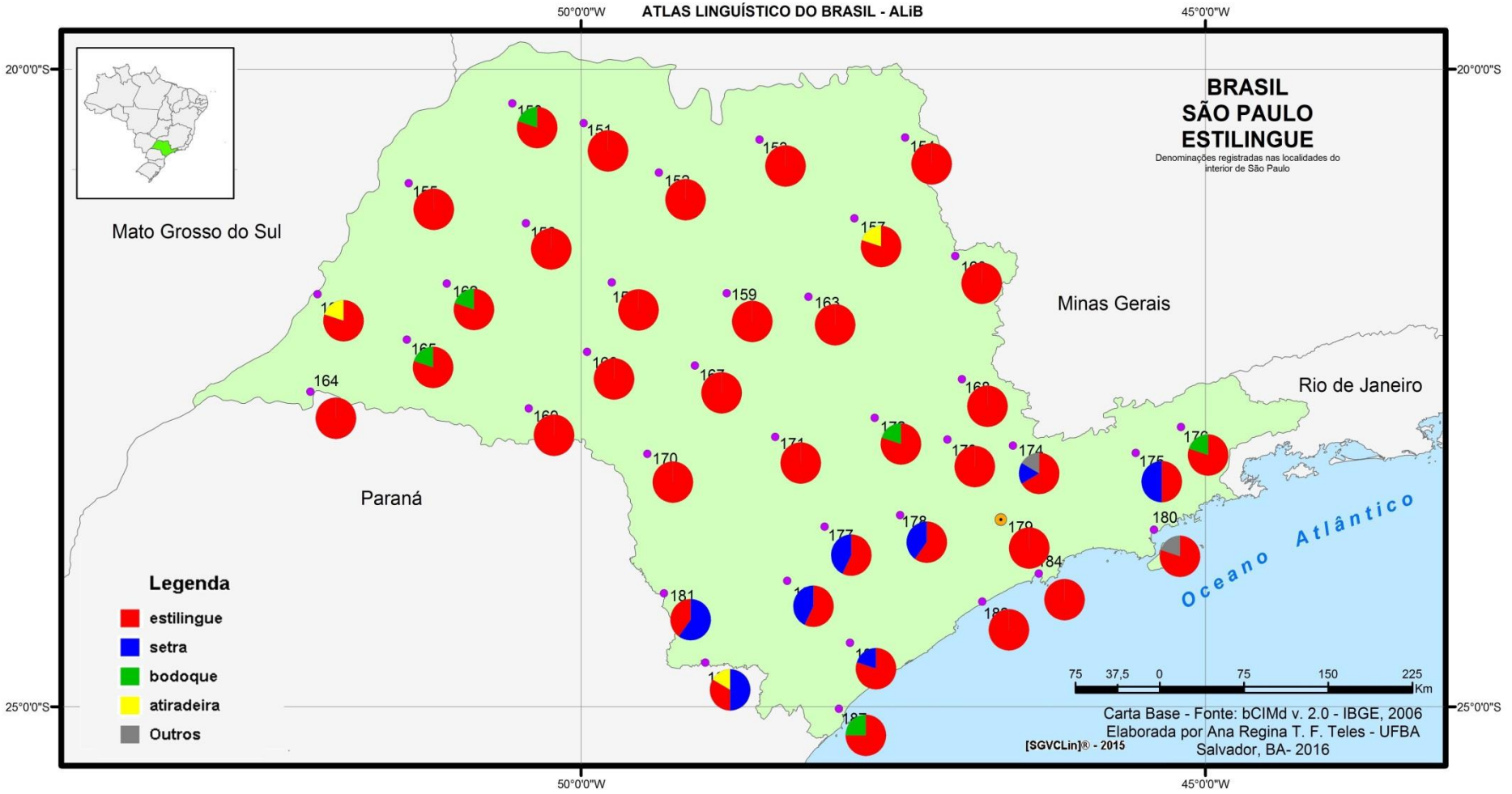
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Estilingue: estilingue, estilingo, istilingue, estelingue.
Bodoque: bodoque, budoque, badoque.
Atiradeira: atiradeira, tiradeira, atirador, atiradeira de pedra.
Setra: setra, seta.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 9a – Produtividade geral de “estilingue” no estado de São Paulo



Carta 9a – Denominações para “estilingue” no estado de São Paulo



“Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?” - 157/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 9b – Denominações para “estilingue” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 157 – “Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?”!

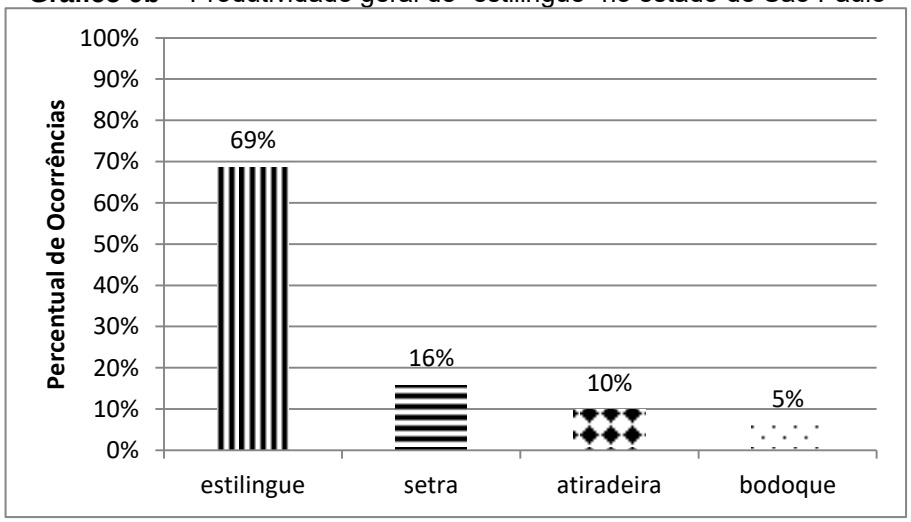
Denominações com ocorrência única:

Comentários sobre dados cartografados:
“INF - Eu conheço por estilingue. Tem, tem muita gente que fala bodoque, mas aqui na região eu conheço por estilingue (Poços de Caldas-ponto 147, informante do sexo masculino, faixa etária I)

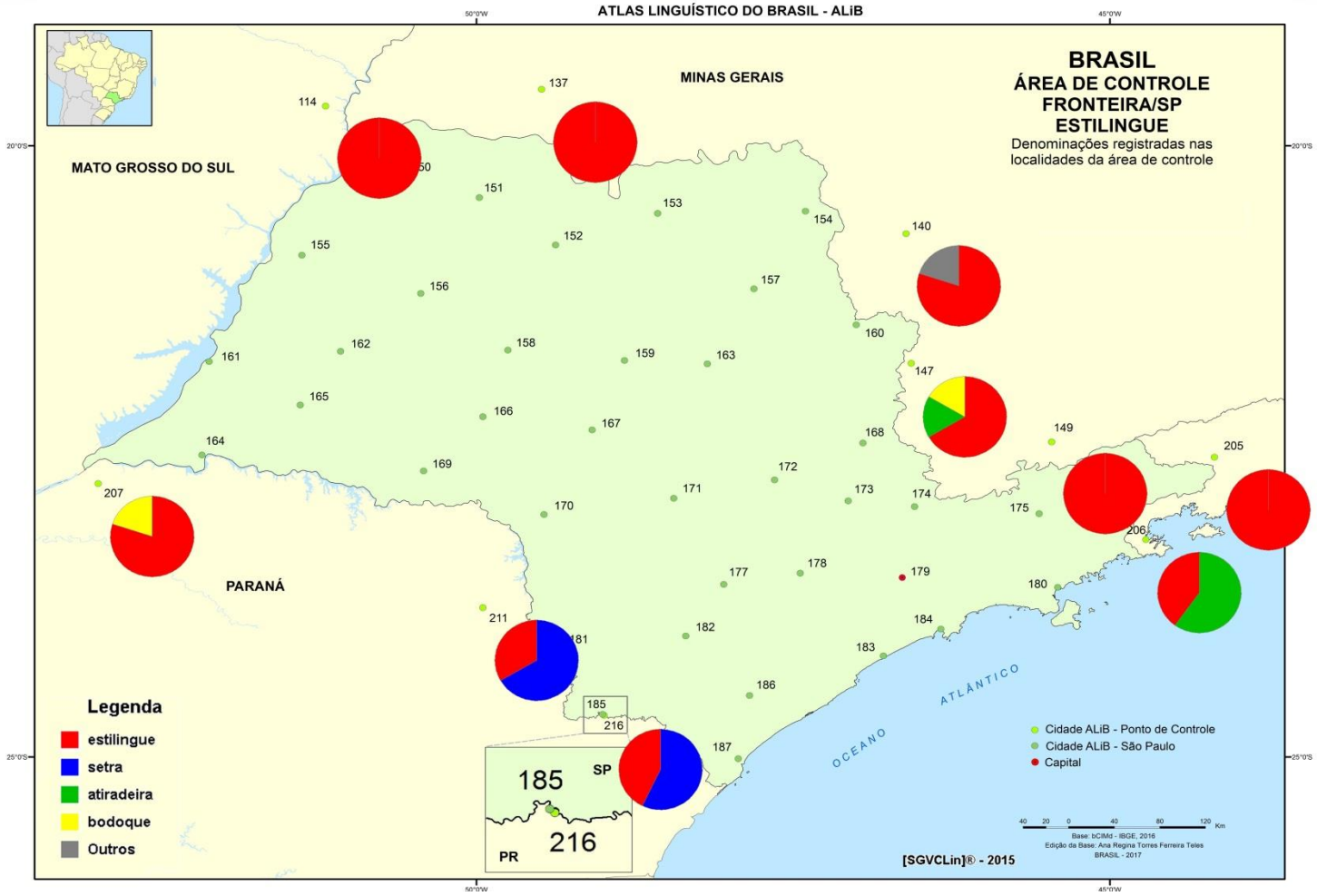
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Estilingue: estilingue, estilingo, istilingue, estelingue.
Bodoque: bodoque, budoque, badoque.
Atiradeira: atiradeira, tiradeira, atirador, atiradeira de pedra.
Setra: setra, seta.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 9b – Produtividade geral de “estilingue” no estado de São Paulo



Carta 9b – Denominações para “estilingue” na área de controle



“Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?” - 157/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

4.2.2.4 Análise diatópica das denominações para “estilingue”

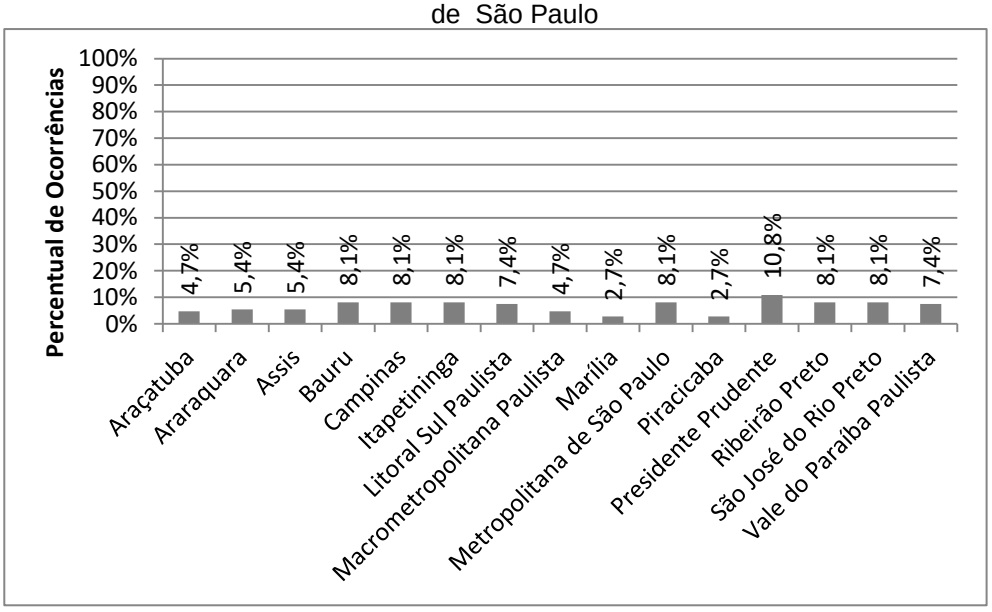
A seguir são discutidas as denominações de modo qualitativo considerando os aspectos diatópicos e a inter-relação com outros estudos já realizados na área investigada, iniciando pela unidade lexical *estilingue*, a mais produtiva neste estudo.

4.2.2.4.1 Unidade lexical: *estilingue*

O item lexical *estilingue* foi a resposta mais produtiva para a questão 157/QSL/ALiB, sendo registrada nas duas faixas etárias e documentada em todas as localidades selecionadas para este estudo.

No interior do estado, a unidade lexical *estilingue* está disseminada em diferentes regiões, sobretudo no centro do estado, atingindo em algumas localidades a totalidade das respostas. O Gráfico 62 a seguir traz percentual de ocorrência de *estilingue* nas diferentes mesorregiões do estado.

Gráfico 62 – Produtividade da unidade lexical *estilingue,* segundo a mesorregião do IBGE no estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Além da alta produtividade do item lexical *estilingue* em todo o território paulista, na área de controle, os dados também não apontaram tendências diferentes, pois essa variante foi fornecida em cada localidade por pelo menos um informante.

A presença da forma *estilingue* em tantas cidades demonstra tanto a popularidade do "objeto" quanto a disseminação desse item lexical em todo o estado de São Paulo.

A predominância de *estilingue* ocorre também em nível nacional, considerando os dados do Atlas Linguístico do Brasil, registrado na carta L19[339] (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 283) em que a denominação *estilingue* figura como a forma mais produtiva nas capitais brasileiras.

Nesta pesquisa, nos estados que fazem limite com São Paulo, foram documentadas as seguintes variantes: Mato Grosso do Sul (*estilingue*); Paraná (*estilingue e setra*[340]); Rio de Janeiro (*atiradeira e estilingue*); Minas Gerais (*estilingue e badogue*). A seguir, são discutidos os dados referentes à unidade léxica *setra*.

Considerando os registros nos demais atlas/trabalhos que foram realizados no estado de São Paulo e área de controle, a variante *estilingue* figura como resposta produtiva em todos as pesquisas.

4.2.2.4.2 Unidade lexical: *setra*

O item lexical *setra* aparece em duas variantes: *setra* e *seta* e, neste trabalho, foi considerada a forma *setra* por estar registrada em boa parte dos dicionários pesquisados e na maioria das respostas dos informantes.

Essa unidade lexical foi bastante produtiva, sendo documentada apenas em alguns pontos de inquéritos relativos ao interior de São Paulo, nas mesorregiões de Itapetininga (com alta produtividade), Litoral Sul Paulista, Macrometropolitana de São Paulo e Vale do Paraíba Paulista.

Os dados da carta 9a apontam para a presença de uma subárea dialetal com as variantes *seta/setra* na área de limite de São Paulo com o Paraná e nas cercanias do litoral paulista.

Dentre as localidades que registrou as variantes *setra/seta* estão Itararé (181); Capão Bonito (182); Itapetininga (177); Sorocaba (178) - algumas delas situadas no caminho realizado pelos tropeiros, no estado de São Paulo no século XVIII/XIX. A Figura 36, a seguir, contém um mapa com diferentes trajetos de tropas

[339] Ainda relacionadas à pergunta 157/QSL/ ALiB, o volume 2 do ALiB apresenta, além da carta L19 (geral), cinco cartas regionais: L19, L19a, L19b, L19c, L19d e L19e.
[340] A carta L19d, do ALiB que se refere, especificamente, aos dados da região Sul, registra no Paraná, Curitiba, a unidade léxica *setra*.

que vinham do Sul para o Sudeste do país: o Caminho do Viamão (1728), o Caminho da Vacaria dos Pinhais e o Caminho de Palmas/Missões (século XIX). O exame desses roteiros demonstra que os municípios finais assinalados no percurso são comuns e englobam municípios paulistas em que ocorre o uso da variante *setra*.

Figura 36 – Rotas dos tropeiros que ligavam a região Sul ao Sudeste brasileiro.

Fonte: Paixão Côrtes (2000, p. 52).

Acredita-se que o uso da unidade lexical *setra/seta* nas regiões de São Paulo mencionadas tem motivação histórica, sobretudo pelo movimento dos homens que conduziam tropas transportando produtos e conduzindo o próprio gado. Seguem alguns elementos que fortalecem esse argumento:

i) o registro de Houaiss (2009): “setra s.f. Lud SC” referindo-se à utilização dessa variante em Santa Catarina. Além disso, o argumento é reforçado pela citação extraída da obra Viagem ao Brasil: “Já o Sr. Langsdorff havia mencionado tal tipo de arco, visto por ele em Santa Catarina; encontramo-lo em todo esse litoral e, no Rio

Doce, até os adultos o empregam contra os Botocudos, quando não têm armas de fogo (STADEN, 1930, p. 36);

ii) os registros de *setra* na carta 86 do Atlas Linguístico do Paraná[341] (AGUILERA, 1994, p. 195) como a segunda variante mais produtiva, depois de *estilingue*;

iii) A carta L19d do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.,* 2014b, p. 287), documenta a variante *setra* como a mais produtiva, seguida por pequena diferença de *estilingue* na capital do estado do Paraná.

Considerando, neste particular, as características sociais relativas às ocorrências da unidade lexical *setra/seta*, constatou-se que determinados informantes a classificam como antiga e rural, como se pode observar pelos excertos de entrevistas a seguir:

> INQ. "E o setra, quem que usava?
> INF.- Setra é mais antigo, né? Era setra. Eu falo estilingue.
> INQ.- E você falava quando criança?
> INF.- Não, sempre foi estilingue, só que os meus vô falava setra" (Ribeira, ponto 185, informante do sexo masculino, faixa etária I).

> INQ.- E quem falava setra?
> INF.-. Ah, no sítio, geralmente, a gente usava mais setra, qualquer coisa que queria pra tirá uma pedra, né? Então fala: pega... pra panhá manga mesmo: pega setra (risos) a pedrinha e acerta na manga, então, depois que começô, istilingue, istilingue, né?" (Sorocaba, ponto 178, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Corroborando a assertiva dos informantes, 65,39% dos registros de *setra*, neste estudo, foram fornecidos por informantes idosos, sobretudo do sexo masculino.

Em relação à área de controle, cabe informar que houve ocorrência de *setra* apenas no estado do Paraná, em Tomazina (ponto 211) e Adrianópolis (216).

Em continuação, discutem-se os dados referentes a *bodoque.*

4.2.2.4.3 Unidade lexical: *bodoque*

Essa unidade léxica teve produtividade restrita, sendo registrada em localidades pontuais do interior de São Paulo, pertencentes às mesorregiões do Litoral Sul, Piracicaba, Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Vale do Paraíba Paulista.

[341] No Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH, ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011, p. 699) foram registradas as variantes *setra e estilingue,* na fronteira SP-PR.

Entre as mesorregiões citadas, apenas duas delas localizam-se próximas às fronteiras com Minas Gerais. São elas: Guaratinguetá (176) e Jales (150), respectivamente, localizadas nas mesorregiões de Vale do Paraíba Paulista e São José do Rio Preto. Além disso, há uma ocorrência próxima à fronteira com o Paraná, em Cananéia (ponto 187) no Litoral Sul Paulista.

Além desses registros no estado de São Paulo, a variante *bodoque* foi documentada nos atlas produzidos na área investigada (veja o Quadro 74), porém com baixa produtividade.

Na sequência, discutem-se os dados relativos à unidade lexical *atiradeira*.

4.2.2.4.4 Unidade Lexical: *atiradeira*

Essa variante registrou baixa produtividade, sendo contemplada em duas localidades do interior de São Paulo: Ribeira[342] (185) e Presidente Epitácio (161), com apenas uma ocorrência em cada cidade, respectivamente nas mesorregiões de Itapetininga e Presidente Prudente. No que se refere à área de controle, a denominação foi registrada nas cidades de Poços de Caldas/MG (147), com uma ocorrência, e Parati/RJ (206), com três ocorrências.

De acordo com o percentual de ocorrências de *atiradeira* em Parati (60%), deduz-se que as informações do interior do estado dialoguem com os dados cartografados na capital carioca. Ao considerar a carta L19c do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 286), a denominação *atiradeira* se destaca como a resposta mais produtiva na capital do Rio de Janeiro com mais de 60% de ocorrência, seguida de *estilingue*.

Considerando os dados da capital mineira, as respostas fornecidas pelos informantes são: *estilingue* e *badogue*, que, por sua vez, diferem da resposta obtida em Poços de Caldas/MG (147) onde há uma ocorrência de *setra.*

Porém, ao consultar o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977), verifica-se que, em localidades próximas ao estado do Rio de Janeiro (região da Mata), há uma grande produtividade de *atiradeira*[343], mesmo

[342] Cabe informar que Ribeira e Presidente Epitácio estão localizadas próximas a fronteira estadual, com o Paraná.

[343] Poços de Caldas (ponto 147 do ALiB) foi a única localidade mineira que registrou ocorrência de *atiradeira* (informante masculino, faixa etária II), dado que aponta para uma forma pouco usada na atualidade, mas frequente em épocas anteriores como demonstrou o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al*, 1977).

que em boa parte dos limites geográficos MG/SP, a variante *estilingue* teve maior produtividade.

No próximo tópico, são discutidos os dados referentes às ocorrências únicas.

4.2.2.4.5 Outras denominações com ocorrência única:

Na sequência, no Quadro 73, informam-se as denominações que foram registradas como ocorrências únicas, com a indicação de localidade, número do ponto e o perfil do informante que as forneceram:

Quadro 73 – Respostas únicas para a pergunta 156/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

Resposta única	Localidade – Ponto	Perfil do Informante
Funda	Registro – ponto 186	Homem, faixa etária I
Caça-passarinho	Bragança Paulista – 174	Homem, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com a consulta em outros trabalhos dialetais realizados no estado de São Paulo e nas áreas circunvizinhas, verificou-se o registro das seguintes variantes (Quadro 74).

Quadro 74 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Estilingue	Setra	Bodogue	Atiradeira
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 43 (RIBEIRO *et al*, 1977, s/p)	X	X	X	X
Atlas Linguístico do Paraná I – carta 86 (AGUILERA, 1994, p. 195)	X	X	X	
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 077 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 289)	X		X	
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – carta QSL481a (OLIVEIRA, 2007, p. 235)	X		X	
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 117)	X	X	X	X
Atlas Linguístico da Região Sul – carta 303 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), 2011, p. 699)	X	X	X	
Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais – carta 04 (D´Anunciação, 2016, p. 55)	X	X	X	X

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados cartografados nas pesquisas citadas (Quadro 74), verifica-se que as variantes *estilingue* e *bodogue* são as únicas registradas em todos os trabalhos consultados.

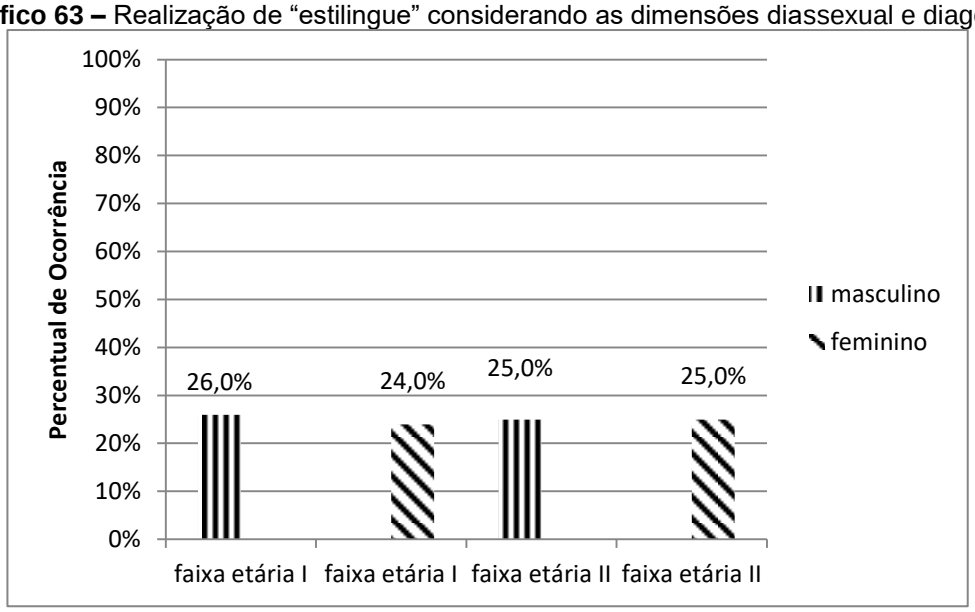
A continuação, discutem-se as dimensões sociais (diageracional e diassexual) das denominações registradas segundo os aspectos léxico-semânticos das variantes em estudo.

4.2.2.5 Denominações para "estilingue" – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

Além da dimensão diatópica, os dados foram discutidos sob a perspectiva diassexual e diageracional.

Quanto à variante *estilingue,* a mais produtiva, verifica-se que há uma pequena margem de percentuais entre homens e mulheres das duas faixas etárias (Gráfico 63), o que demonstra que o item lexical *estilingue* integra a norma lexical do grupo investigado.

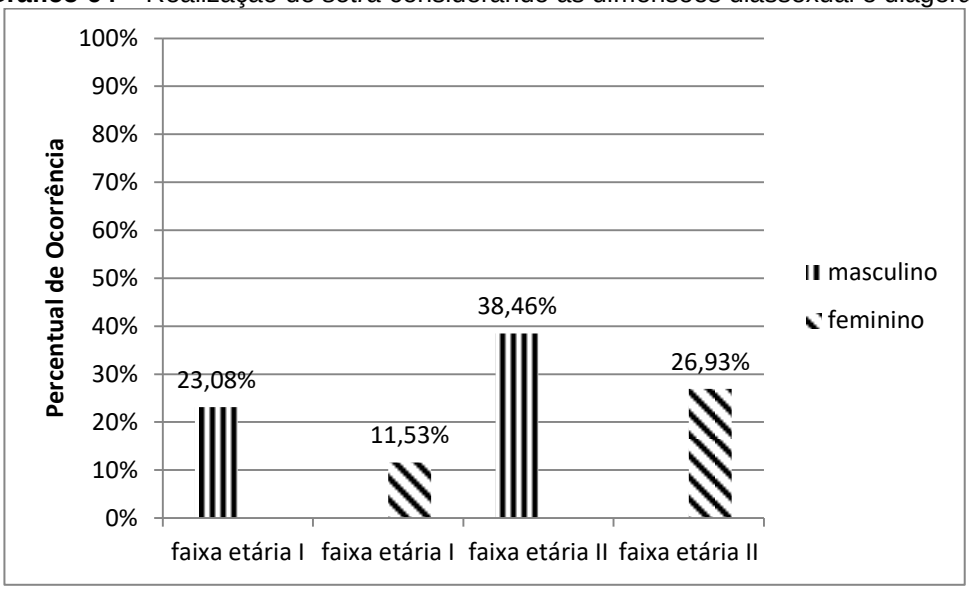
Gráfico 63 – Realização de "estilingue" considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto à *setra*, observa-se comportamento distinto, pois a maior produtividade foi registrada entre os informantes do sexo masculino, faixa etária II, conforme Gráfico 64.

Gráfico 64 – Realização de *setra* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao analisar os dados sobre as variantes *bodoque e atiradeira*, verifica-se que a maior produtividade recai entre os informantes da faixa etária II, respectivamente com 77% e 86% das ocorrências. A diferença entre as unidades léxicas foi marcada pela dimensão diassexual, pois *bodoque* foi mais produtiva entre os homens (77%) e *atiradeira* entre as mulheres (57%).

Quanto às ocorrências únicas, foram registradas apenas entre os informantes da faixa etária I, do sexo masculino.

Desse modo, considerando as discussões realizadas sobre as variáveis sociais, percebe-se que o objeto parece ser/ter sido mais comum nas atividades realizadas por meninos. Essa afirmação se baseia nos seguintes fatos: i) todas as abstenções de respostas foram de informantes do sexo feminino; ii) comentários de informantes, sobretudo, mulheres da faixa etária II, referindo-se ao brinquedo como próprio de menino, não sendo acessível às meninas por diferentes motivos e iii) maior produtividade das variantes entre os entrevistados do sexo masculino, com exceção de *atiradeira*.

Na sequência, discutem-se os aspectos léxico-semânticos das variantes registradas.

4.2.2.6 Análise léxico-semântica

Consultadas as obras lexicográficas[344] selecionadas para este estudo, constata-se que algumas das unidades léxicas em análise ou não estão registradas ou estão documentadas com acepção distinta da contemplada pela pergunta 157/QSL/ALIB. Em relação as que possuem acepção distinta, tem-se a entrada *bodoque* em Bluteau (1712-1728). De acordo com Silva (1813) e Silva Pinto (1832), as denominações *bodoque e setra* possuem registro que possibilitam uma relação com a acepção solicitada na pesquisa. *Atiradeira,* por sua vez, não está documentada nos dicionários antigos como verbete. A seguir, no Quadro 75, verifica-se a dicionarização dessas unidades lexicais.

Quadro 75 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam "o brinquedo feito de uma forquilha e de duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?" nos dicionários gerais do século XIX

Dicionários	**Acepção**	
	Bodoque	**Setra**
Bluteau (1712-1728)	"Bodoque: Bodôque. Bala de barro. Vid Befta".	----
Silva (1813)	"Bodoque: s.m. Arco com duas cordas, e uma rede no meyo, na qual se põe a bala, ou pellouro de barro, com que se atira. Besta de bodóque; aquella a que estava unido - o bodoque, o qual hoje se atira à mão".	"Sétá: s.f. Frecha de atirar com arco., se reputa da 4 magnitude".
Silva Pinto (1832)	"Bodoque: s.m. Arco com duas cordas e huma rede para atirar com balas de barro".	"Setta: s.f. Haste com ponta lisa, ou farpada, que se dispara com arco. O ponteiro do relógio, consetallação, que confina com a Via Láctea".

Fonte: Elaboração da autora com base nas obras referenciadas.

Os dados demonstram que boa parte das definições registradas no Quadro 75 refere-se a projéteis lançados ou a objetos que se lançam, não necessariamente contemplando o "estilingue". *Bodoque* está registrado na obra *O Dialeto Caipira* (Amaral, 1920) com a seguinte definição: "s.m - arco, quase idêntico ao com que os índios atiram frechas, mas de pequenas proporções (cinco, seis, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos...". Nota-se que apesar da função do objeto ser comum ao "estilingue", a descrição do objeto também é diferente do solicitado na pergunta 157/QSL/ALiB.

Ainda, considerando os dicionários do século XIX, a unidade lexical *estilingue* foi registrada em dois dicionários antigos consultados: Figueiredo (1899) e Freire

[344] O rol de obras consultadas foi informado no capítulo metodológico.

(1940). No primeiro, o item léxico *estilingue* é definido como: “m. Bras. Arma de arremesso, bodoque para caçar pássaros. Espécie de funda de elástico”, enquanto no segundo, recebe a acepção de “s. m[345]. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos”. Verifica-se que os dois dicionários definem “estilingue” como arma.

Já a consulta aos dicionários gerais contemporâneos, ampliou o número de variantes dicionarizadas e as definições parecem contemplar o referente em causa. Verifique o Quadro 76.

[345] Constam duas grafias: *estilingue* e *estilingue.*

Quadro 76 – Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam "o brinquedo feito de uma forquilha e de duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?" nos dicionários gerais do século XX

NOME	HOUAISS (2001)	AULETE (2006)	FERREIRA (2010)
Atiradeira	"s.f. (1939) LUD B arma ou **brinquedo infantil pra arrojar pedras ou objetos afins, de dimensões** reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. **boracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal** ETIM rad. do part. Atirado+-eira SIN/VAR badogue, badoque, baladeira, baleeira, beca, bodoque, estilingue, funda, peteca, seta, setra".	"1. Bras. **Forquilha de madeira (ou de metal, plástico etc) em forma de Y, em cujas pontas duplas se amarra um elástico** à maneira de funda, us. para atirar pequenas pedras; Badoque; baladeira; bodoque; estilingue; peteca".	"[Fem de atirador] **S.f Bras Forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se airam pequenas pedras, e usada geralmente por crianças para matar passarinho.** [Sin. (em vários pontos do Brasil): baladeira, beca, bodoque, badoque ou badoque, estilingue, funda, peteca, seta, setra)".
Bodoque	"s.m. (1712) 1. ant. pelota de argila cozida que se **arremessava** com certo tipo de besta. 2.p.ext.ant. besta us. para **arremessá-la**. 3. B m.q. **atiradeira**. bala de pedra ou barro para espingarda ou atiradeira'. SIN/VAR badogue (acp. 3), badoque; ver tb. Sinonímia de atiradeira".	"Sm 1. Artefato feito **de forquilha e elástico, us. para atirar pedrinhas;** ATIRADEIRA; BADOQUE; BODOGUE; ESTILINGUE. 2. Ant. Bola de barro endurecida que se atirava com a besta [é], ou com arco. 3. Ant. Arco para atirar essas bolas de barro".	"1 Bras. Arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc. 2. Qualquer dessas bolas. 3. **Bras. Ver atiradeira".**
Estilingue	"s.m (a1928) B arma de **arremesso** constituída de uma **forquilha** provida de um par de **elásticos** presos a uma lingueta de couro, **com que se lançam pedras para matar pássaros, atiradeira, bodoque. ETIM orig. obsc."**	"1. Bras. **Instrumento composto por uma forquilha (de madeira) na qual se amarra uma tira elástica, us. para arremessar objetos (ger. pequenas pedras)** à distância; ATIRADEIRA. [F.: Prov. do ing. sling 'funda', com epêntese.]".	**"Forquilha de madeira ou metal munida de elástico com que se atiram pequenas pedras"[346].**
Setra	"setra s.f. Lud SC infrm.m.q. **ATIRADEIRA** . ETIM prov. alt. de 'seta"[347].	"f. 1. Arma que se compõe de **uma haste com uma extremidade** pontiaguda e a outra dotada de penas, para ser arremessada com arco ou besta; FLECHA".	"[Do lat. sagitta pelo arc. saeta, saeta]. S.f 1 **Haste de madeira**, guarnecida de uma ponta de ferro, e que **se arremessa** por meio de um arco ou besta; flecha. 10. Bras. V. atiradeira".

Fonte: Elaboração da autora com base nas obras referenciadas.

[346] Observe que nas acepções indicadas, não há o registro de *estilingue* como brinquedo (objeto de caráter lúdico).

[347] "Seta s.f (sXIII) 1 arma de arremesso constituída por uma haste que tem uma das extremidades pontiaguda e outra provida de penas, e que se atira por meio de um arco ou uma besta; 8 LUD B m.q atiradeira (HOUAISS, 2009).

Já dentre os dicionários etimológicos consultados, Cunha (1986) registra *bodoque, estilingue e seta*. Nas obras que tratam do folclore, há a menção das unidades léxicas *atiradeira, bodoque* e *estilingue* no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CÂMARA CASCUDO, 2012) e *bodoque* e *estilingue* na *Cartilha do Folclore Brasileiro* (ORTÊNCIO, 2004).

No que se refere à forma *bodoque* obteve-se duas informações adicionais em diferentes obras. A primeira está em Câmara Cascudo (2012) que conclui tratar-se de um objeto que veio da Europa e difundiu-se no Brasil:

> Vulgaríssimo no Brasil onde está praticamente desaparecendo, mas resistindo no interior. Nunca foi industrializado, mas pertenceu ao artesanato tribal e doméstico e mesmo infantil, como ainda pude verificar e dele participar, no Nordeste. Erland Nordenskiold demonstrou que o bodoque foi instrumento trazido pelo europeu e não de produção ameríndia, tornando-se vulgar entre os indígenas (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 116).

A segunda informação que cabe destaque é a de que o *bodoque* teria sido um precursor do "estilingue", como expresso em *Dicionário do Brasil Central* (1983): "Arco retesado com cordas para atirar bolotas, muito usado pelos meninos, antigamente. Depois foi substituído pelo estilingue [...]. A caçada de passarinho era feita com esta arma, que o tempo de hoje já aboliu" (ORTÊNCIO, 1983, p. 51)[348].

Nota-se que ambas as citações indicam duas interpretações: i) o objeto configura-se como uma arma e como brinquedo; e ii) o "brinquedo" está em processo de desuso, informação prestada também por alguns informantes[349].

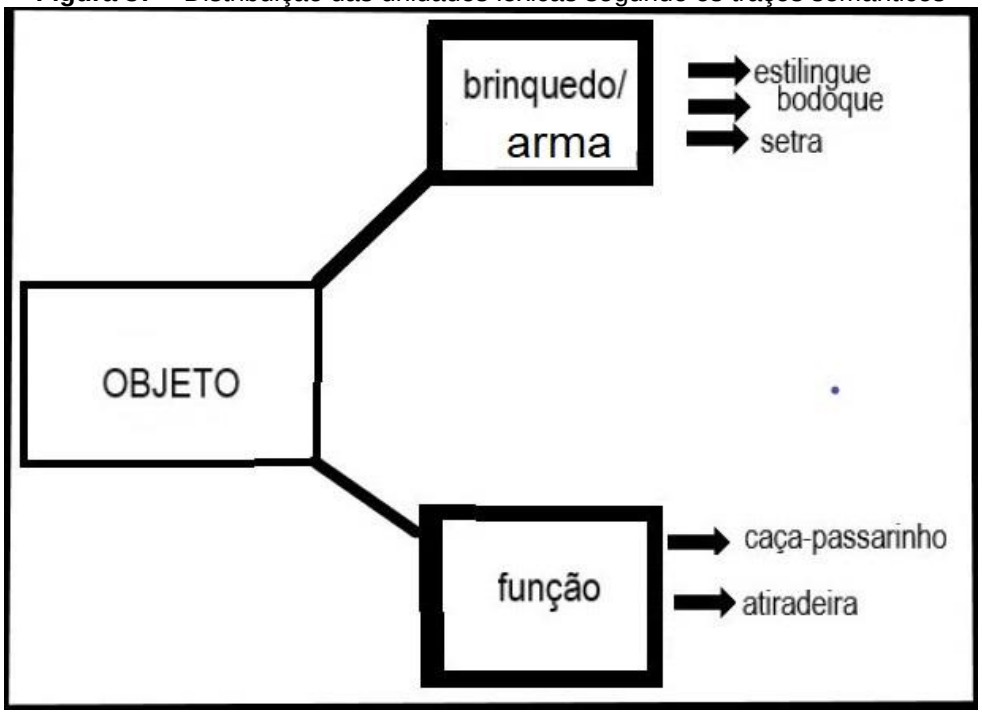
Apesar de *estilingue, setra, atiradeira e bodoque* serem as unidades léxicas dicionarizadas, ainda foi considerado no estudo, a variante *caça-passarinho* (por denotar a função do objeto/brinquedo em destaque), mesmo que não esteja dicionarizada.

Para sintetizar, após a verificação da dicionarização das variantes catalogadas, foram analisados também os traços semânticos, as possíveis motivações e relações de associação entre as respostas fornecidas e o referente em causa. Com base nessas informações, houve a possibilidade de agrupamento das unidades léxicas documentadas segundo os seguintes campos lexicais:

[348] Cabe informar que a unidade lexical s*etra* está registrada em Cunha (1986) com acepção semelhante ao informado nos dicionários do século XVIII listados, mas não está registrada em Câmara Cascudo (2012) e em Ortêncio (2004).
[349] Informações que serão exemplificadas nos comentários dos informantes ainda neste tópico.

brinquedo/arma (estilingue, bodoque e setra), função (caça-passarinho, atiradeira), ambos pertencentes ao arquilexema objeto. Observe a Figura 37:

Figura 37 – Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos



Fonte: Elaboração da autora.

A seguir, elencam-se informações fornecidas pelos entrevistados acerca do uso das variantes em exame:

1º) Os dados confirmam o consenso quanto ao uso de *estilingue* pela maioria dos informantes das localidades analisadas. As demais variantes despertam olhares distintos dos falantes:

i) A unidade lexical *bodoque* é usada por pessoas de outras regiões do Brasil, segundo o informante do interior de São Paulo:

> INF.- Istilingue, bodoque.
> INQ.- [...] Quê que usa mais?
> INF.- Istilingue.
> INQ.- Quem que fala bodoque aqui?
> INF.- Aqui no estado de São Paulo é istilingue, agora... tem outras região que eles fala bodoque[350] (Presidente Prudente, ponto 165, informante do sexo masculino, faixa etária II).

[350] Neste caso, *bodoque* não foi computado como resposta válida, pois o informante afirma que a designação pertence à outra região, diferente do estado de São Paulo.

ii) As unidades lexicais *bodoque* e *setra* são consideradas por alguns informantes como formas antigas.

> INF.- Bodoque que eles fala. Os antigo.
> INQ.- Qual que usa mais?
> INF.- É os dois, tudo o mesmo, mas é istilingue e bodoque.
> (Presidente Prudente, ponto 165, informante do sexo feminino, faixa etária II).

> INF.- Setra.
> INQ.- E o...
> INF.- Estilingue. Uns falam setra e estilingue, né? No sítio usam setra.
> (Itapetininga, ponto 177, informante do sexo masculino, faixa etária II).

iii) O item lexical *setra* é considerado próprio da zona rural, para alguns informantes:

> INF. Antigamente, mais eu conhecia, por setra, falava: pega uma setra, eu sabia o que era, depois quando fui cresceno, fui mudano, falano istilingue, istilingue fui vê era a mesma coisa, né? A setra com o estilingue era a mesma coisa.
> INQ.- E quem falava setra ?
> INF.-. Ah, no sítio, geralmente, a gente usava mais setra, qualquer coisa que queria pra tirá uma pedra, né? Então fala: pega... pra panhá manga mesmo: pega setra (risos) a pedrinha e acerta na manga, então, depois que começô, istilingue, istilingue, né? Em venda, começô, ai, saiu em venda pra sê vendido, então era estilingue. A gente no sítio falava muito setra (Sorocaba, ponto 178, informante do sexo feminino, faixa etária II).

iv) A unidade lexical *funda* foi registrada na fala do informante do sexo masculino, faixa etária I, na localidade de Registro (ponto 186). A nomeação está dicionarizada e também foi mencionada na entrevista como sinônimo de *estilingue*. “INF.- Estilingue e... como que é...? O pessoal como, fala tamém como funda, né?” (Ponto 186/Informante 01). Apesar de o informante ter citado “o pessoal”, não está claro se ele utilizou essa forma para não ser identificado, por isso a designação foi aceita como resposta do entrevistado.

2º) Registro da descrição do referente com explicações das diferenças entre as variações do brinquedo, como é o caso transcrito a seguir:

INF.- Estilingue.
INQ.- E o senhor já ouviu outro nome?
INF.- Setra. Num sei porquê que que vem de setra. Acho que vem de seta [351], (inint.).
INQ.- É, isso mesmo.
INF.- Mai' como usa errado usa setra, né?
INQ.- E essa que o senhor ouviu já faz mais tempo?
INF.- Quando eu era criança, setra e estilingue. Era mais setra. Depois que eu (inint.) que eu vi que era setra, porque era alguém que sabia, falava seta, deve sê, né? Tirô daí, depois... o bragantino fala muito errado... vai vê... ficô mascarado. Setra, estilingue, 'tiradera, tem gente que fala 'tiradera. *Atiradera* é diferente, né? Eu conheço a 'tiradera é um negócio que vira.
INQ.- A tiradera também, pra atirar pedra, né?
INF.- Tem badoque, atira a pedra tamém.
INQ.- E é tudo igual?
INF.- Não, a setra é diferente do bodoque, né? Atiradera... o estilingue e a setra é... é o mesmo, é a furquilha e eles põe... elástico e puxa, né. Agora, a atiradera já é... (inint.) ...usava isso no tempo do... (inint.).
INQ.- Mas pode usar a atiradera pra chamar o estilingue também?
INF.- Não. Atiradera é atiradera. Estilingue *e* setra é otro. A setra tem aro, o estilingue, também, num sei de onde vem, né? Estilingue e setra é os que nói' usava antes. O bodoque é diferente, o bodoque é um arco, arco e flexa, atira pedra, atira pelote (Bragança Paulista, ponto 174, informante do sexo masculino, faixa etária II).

4.2.2.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 157/QSL/ALiB

De acordo com o exame dos dados da questão 157/QSL/ALiB, verificou-se que:

i) A pergunda 157/QSL/ALiB foi bastante produtiva, pois apenas três entrevistados não souberam fornecer um nome para o brinquedo.

ii) A unidade lexical *estilingue* foi a mais produtiva na área investigada, sendo documentada no estado de São Paulo e na área de controle. Essa predominância também foi registrada no ALPR (AGUILERA, 1994), no ALMS (OLIVEIRA, 2007) e no ALTOSP (SANTOS-IKEUCHI, 2014).

iii) O predomínio da variante *estilingue* e o registro dos itens lexicais *setra*, *bodoque* e *atiradeira*, neste estudo, repetem os dados já cartografados no volume 2 do ALiB.[352] Isso demonstra que nenhuma

[351] O informante tenta explicar a possível origem da unidade lexical *setra* e, na sequência, exprime um juízo de valor sobre a fala dos moradores da localidade em que vive.
[352] Cabe registrar que *badogue* foi cartograda no Atlas Linguístico do Brasil - volume 2 (CARDOSO *et al.*, 2014) nas cartas que se referem a região Norte, Nordeste e Sudeste; *atiradeira* nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste e *seta* nas regiões Sudeste e Sul.

das quatro variantes mais produtivas indica inovação, se comparados aos dados das capitais brasileiras, sobretudo as da região Sudeste, respectivamente a carta L19c do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 286).

iv) O brinquedo “estilingue” parece manter-se presente no cotidiano e/ou na lembrança das pessoas.

v) Outras variantes foram mencionadas pelos informantes como unidades léxicas, como o caso de *garrote*, que refere-se a “torniquete para estancar hemorragia” (AULETE, 2006), que, muito provavelmente, tenha sido fornecida como resposta por analogia a borracha utilizada no brinquedo. Também não foram consideradas respostas válidas, as formas *pelotiar e passarinhar*, pois não se configuram como nomes, mas sim como verbo flexionados.

4.2.3 Pipa/papagaio

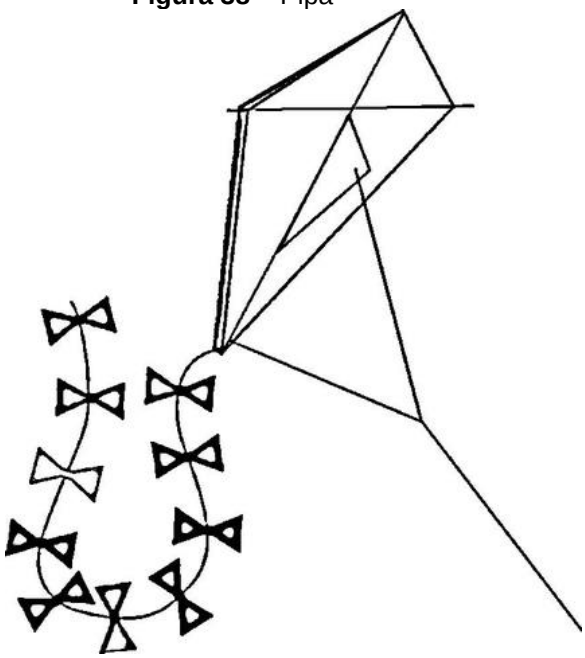
4.2.3.1 Pipa/papagaio: o brinquedo

A “pipa” é um brinquedo popular no Brasil e é produzido, basicamente, a partir de papel, varetas, cola e linha. A propulsão do brinquedo se dá com a força dos ventos e costuma ser utilizado como divertimento de crianças e de adultos nas diferentes regiões do Brasil.

Segundo registros em Câmara Cascudo (2012), há apontamentos que indicam que o objeto tenha sido produzido pela primeira vez por Arquitas de Tarento, amigo de Platão. Ademais, a “pipa” já exercia funções diversificadas em diferentes épocas, como por exemplo: “Dois séculos antes de Cristo, o general chinês Han-Sin utilizava o papagaio para enviar notícias a uma praça sitiada [...]. O papagaio, em 1752, foi instrumento de experimentação científica nas mãos de Benjamin Franklin” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 526).

Na atualidade, a “pipa” é considerada unicamente um brinquedo e recebe diversas denominações conforme a região em que é utilizado. A seguir, observe a imagem do brinquedo.

Figura 38 – Pipa[353]



Fonte: Super Coloring (2018).

[353]Imagem disponível em: <http://www.supercoloring.com/sites/default/files/styles/coloring_medium/public/cif/2010/07/kite-coloring-page.jpg>. Acesso em: 11 fev. 2018.

Examinando os dados, conclui-se que a pergunta foi altamente produtiva, além de não ter havido abstenções de respostas. A variante mais produtiva como nome do brinquedo foi *pipa*. A continuação, discutem-se as informações referentes à questão 158/QSL/ALiB.

4.2.3.2 “Pipa/papagaio”: os nomes da brincadeira

Considerando os dados obtidos por meio dos 148 inquéritos do Projeto ALiB realizados no estado de São Paulo e dos 40 pontos relativos à área de controle, nota-se que a pergunta foi bastante produtiva e gerou um grande número de denominações, porém com poucas ocorrências: 15 variantes, num universo de 343 ocorrências.

Cabe informar que, apesar da grande quantidade de variantes documentadas, a maior parte delas se caracterizou apenas por perda de vogal ou consoante. Dessa forma, foi possível realizar agrupamentos considerando os critérios lexicais, fonéticos ou por associação. A Tabela 19, a seguir, detalha os dados brutos relativos às respostas obtidas para a pergunta 158/QSL/ALiB:

Tabela 19 – Denominações para “pipa” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	**Área de Controle**	**Total**	
Papagaio	37,9%	36,6%	129	37,61%
Pipa	51,1%	53,5%	177	51,60%
Quadrado	1,5%		4	1,17%
Raia	0,4%	7,0%	6	1,75%
Maranhão	3,7%	1,4%	11	3,21%
Peixinho	1,1%		3	0,87%
Rabo de arraia		1,4%	1	0,29%
Papagai	0,4%		1	0,29%
Papa-vento	1,1%		3	0,87%
Avião	0,4%		1	0,29%
Cata-vento	0,4%		1	0,29%
Índio	0,7%		2	0,58%
Papagaia	0,4%		1	0,29%
Pexinho	0,4%		1	0,29%
Rabiola	0,7%		2	0,58%
Não respostas	0,0%	0,0%	0	0,00%
Total	100,0%	100,0%	343	100,0%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados registrados na Tabela 19 demonstram o grande número de variantes registradas, porém, para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que obedeceram a critérios lexicais, fonéticos e/ou associação semântica. Dessa forma, foram computadas nove variantes lexicais, as considerando algum traço fonético, morfológico ou semântico, além de uma ocorrência única" (Quadro 77).

Quadro 77 – Agrupamento de variantes que nomeiam o "brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha"

Variantes lexicais	Itens agrupados
Pipa	Pipa
Papagaio	Papagaio, papagai, papagaia
Maranhão	Maranhão
Raia	Raia, rabo de arraia
Quadrado	Quadrado, quadrado
Papa-vento	Papa-vento, cata-vento
Peixinho	Peixinho, pexinho
Índio	Índio
Rabiola	Rabiola
Outras denominações com ocorrências únicas	Avião

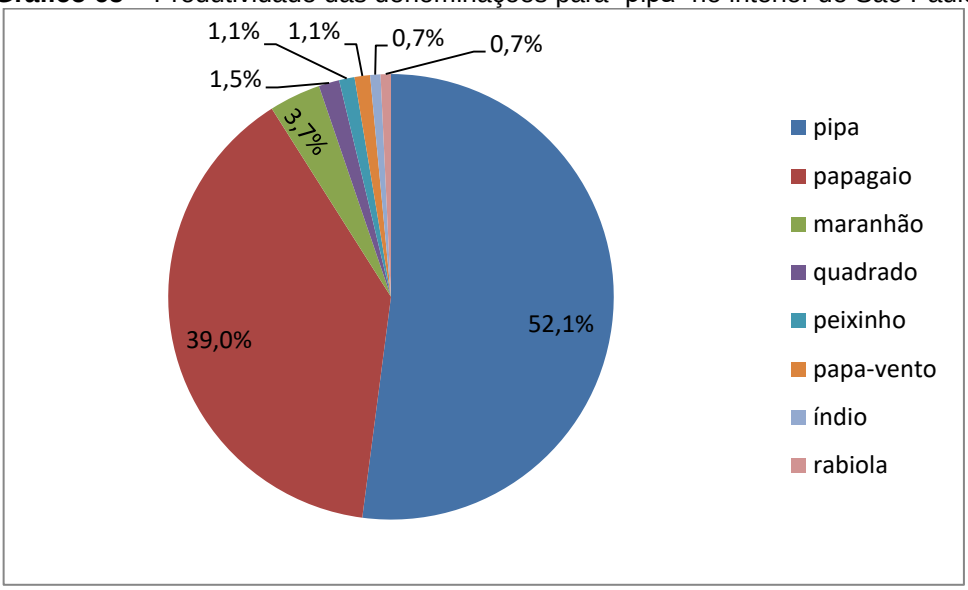
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A continuação, discutem-se a produtividade das denominações para "pipa".

4.2.3.3 Produtividade das variantes

A questão 158/QSL/ALiB motivou o fornecimento de respostas em todas as localidades investigadas. Considerando o interior do estado de São Paulo, *pipa* foi a variante mais produtiva, conforme o Quadro 77 e o Gráfico 65 que informa o percentual de registro das variantes obtidas como nomes do brinquedo descrito na pergunta 158/QSL/ALiB.

Gráfico 65 – Produtividade das denominações para “pipa” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A distribuição dessas variantes e respectivos percentuais de ocorrência estão registrados na Tabela 20, na sequência.

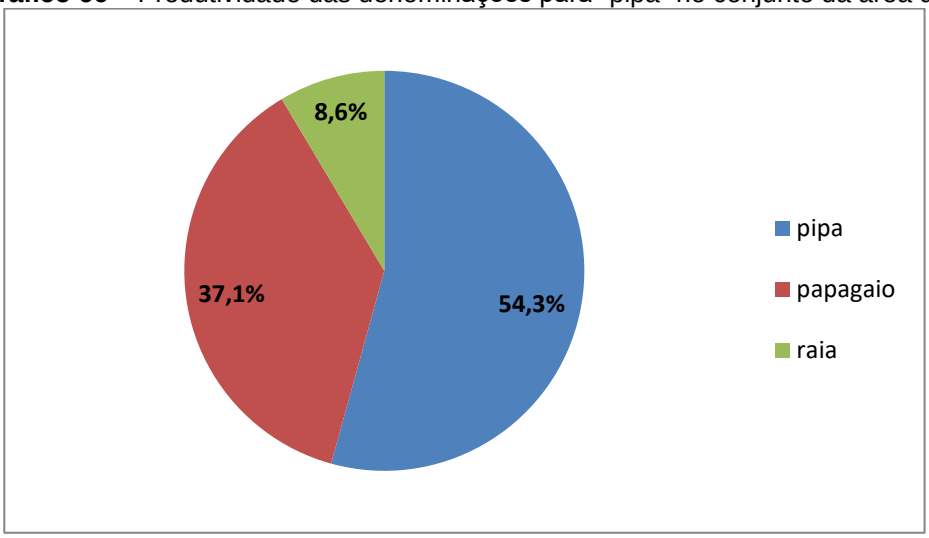
Tabela 20 – Produtividade das denominações para “pipa”, segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo

VARIANTES	Pipa (%)	Papagaio (%)	Raia (%)	Quadrado (%)	Papa-Vento (%)	Maranhão (%)	Peixinho (%)	Índio (%)	Rabiola (%)
Araçatuba	5,4	6,0	0,0	0,0	50,0	10,0	0,0	0,0	0,0
Araraquara	4,8	6,0	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0
Assis	4,8	7,0	0,0	0,0	0,0	10,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	6,8	9,0	0,0	14,3	0,0	0,0	16,7	0,0	50,0
Campinas	7,5	5,0	0,0	0,0	0,0	60	0,0	0,0	0,0
Itapetininga	10,9	11,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Litoral Sul Paulista	7,5	0,0	0,0	14,3	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0
Macrom. Paulista	5,4	7,0	50,0	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marília	2,7	3,0	0,0	0,0	0,0	10,0	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	8,2	9,0	50,0	42,9	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0
Piracicaba	2,7	4,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	10,9	9,0	0,0	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	7,5	8,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
São José do Rio Preto	7,5	8,0	0,0	0,0	0,0	10,0	16,7	0,0	50,0
Vale do Paraíba Paulista	7,5	8,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando a área de controle, os valores percentuais das duas variantes mais produtivas (*pipa* e *papagaio*) são semelhantes aos alçados no interior do estado de São Paulo. Há, todavia, o registro da variante *raia* também com produtividade significativa (9%).

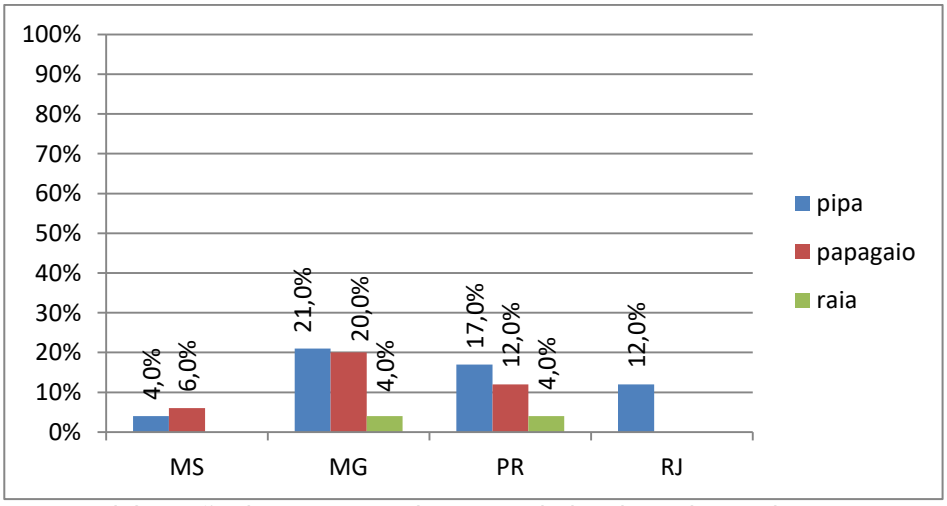
Gráfico 66 – Produtividade das denominações para “pipa” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao analisar os dados no âmbito de cada estado da área de controle, confirma-se a predominância de *pipa* em três estados, com exceção de Mato Grosso do Sul, onde predominou a variante *papagaio* (Gráfico 67).

Gráfico 67 – Produtividade das denominações para “pipa” segundo a unidade da federação/área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nas cartas 10a e 10b, na sequência, é possível visualizar a distribuição espacial das variantes lexicais mais produtivas para nomear a “pipa com varetas” no interior do estado de São Paulo e na área de controle.

Carta 10a – Denominações para “pipa” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 158 – “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?”

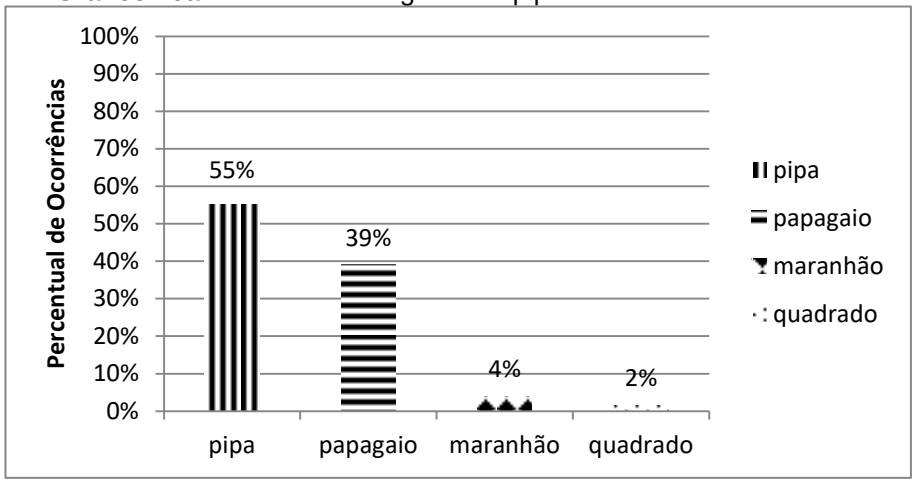
Denominações com ocorrência única: avião (Bragança Paulista, ponto 174, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados: INF. Pipa, papagaio. INQ. Qual é o nome mais comum? INF. Olha naquela época nem existia, mas é papagaio, né. Naquela época não existia estas coisas, é mais novo. INF. Pipa veio depois? INF. Pipa veio! Bem depois, pipa já é bem novo (Registro – ponto 186, informante do sexo feminino, faixa etária II).

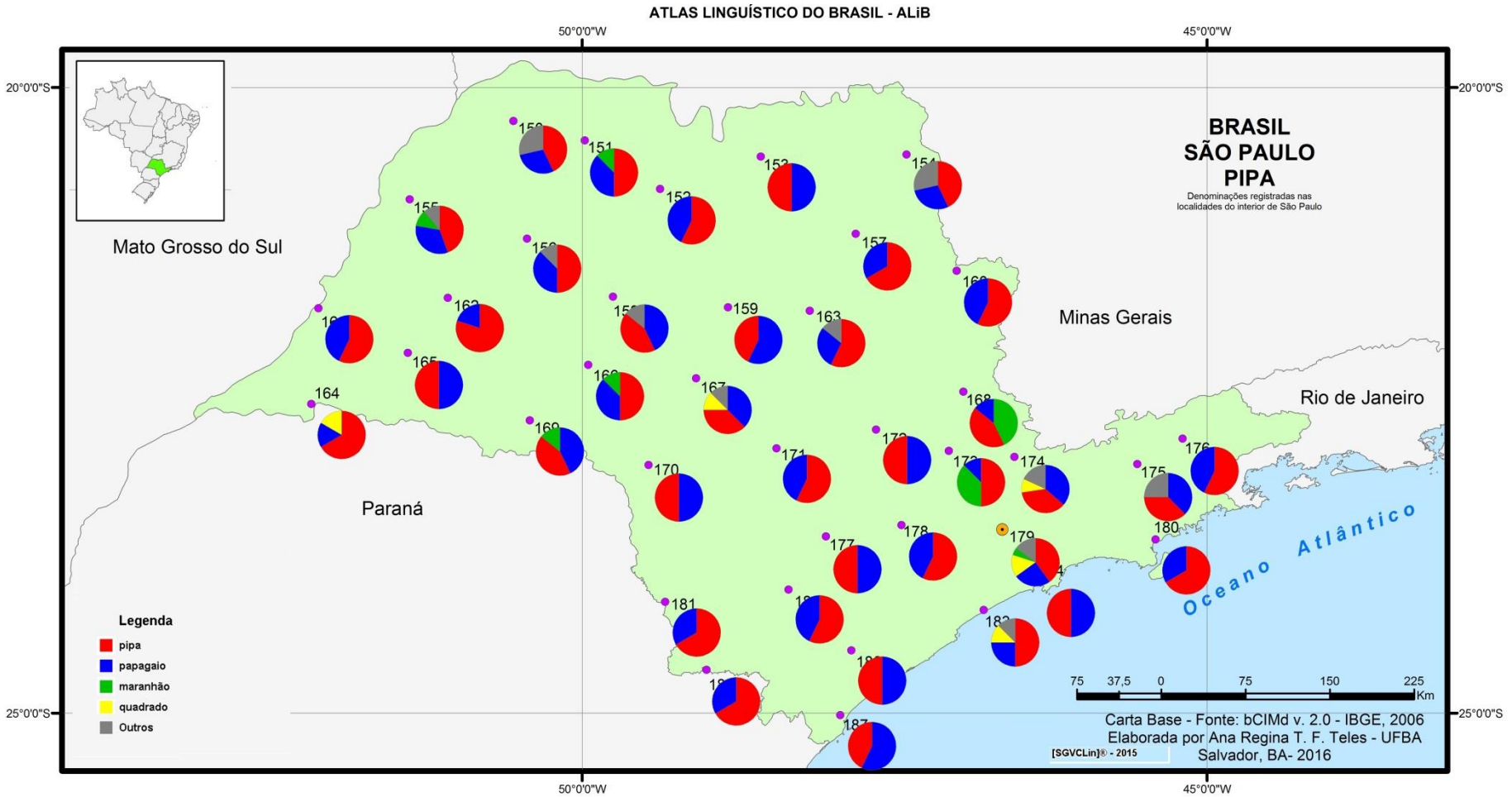
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Pipa: pipa.
Papagaio: papagai, papagaio, papagaia.
Raia: raia, rabo de arraia.
Quadrado: quadrado.
Papa-vento: papa-vento, cata-vento.
Maranhão: maranhão.
Peixinho: peixinho, pexinho.
Índio: índio.
Rabiola: rabiola.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 10a – Produtividade geral de “pipa” no estado de São Paulo



Carta 10a – Denominações para “pipa” no estado de São Paulo



“Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?” - 158/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 10b – Denominações para “pipa” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 158 – “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?”

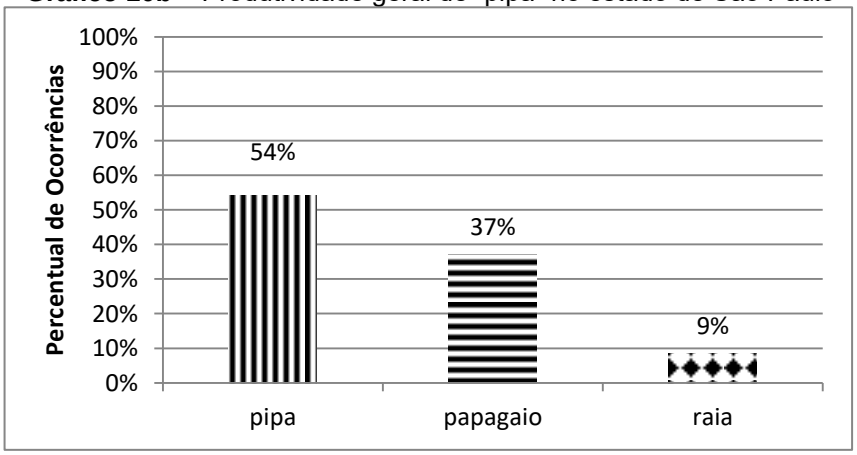
Denominações com ocorrência única:

Comentários sobre dados cartografados:

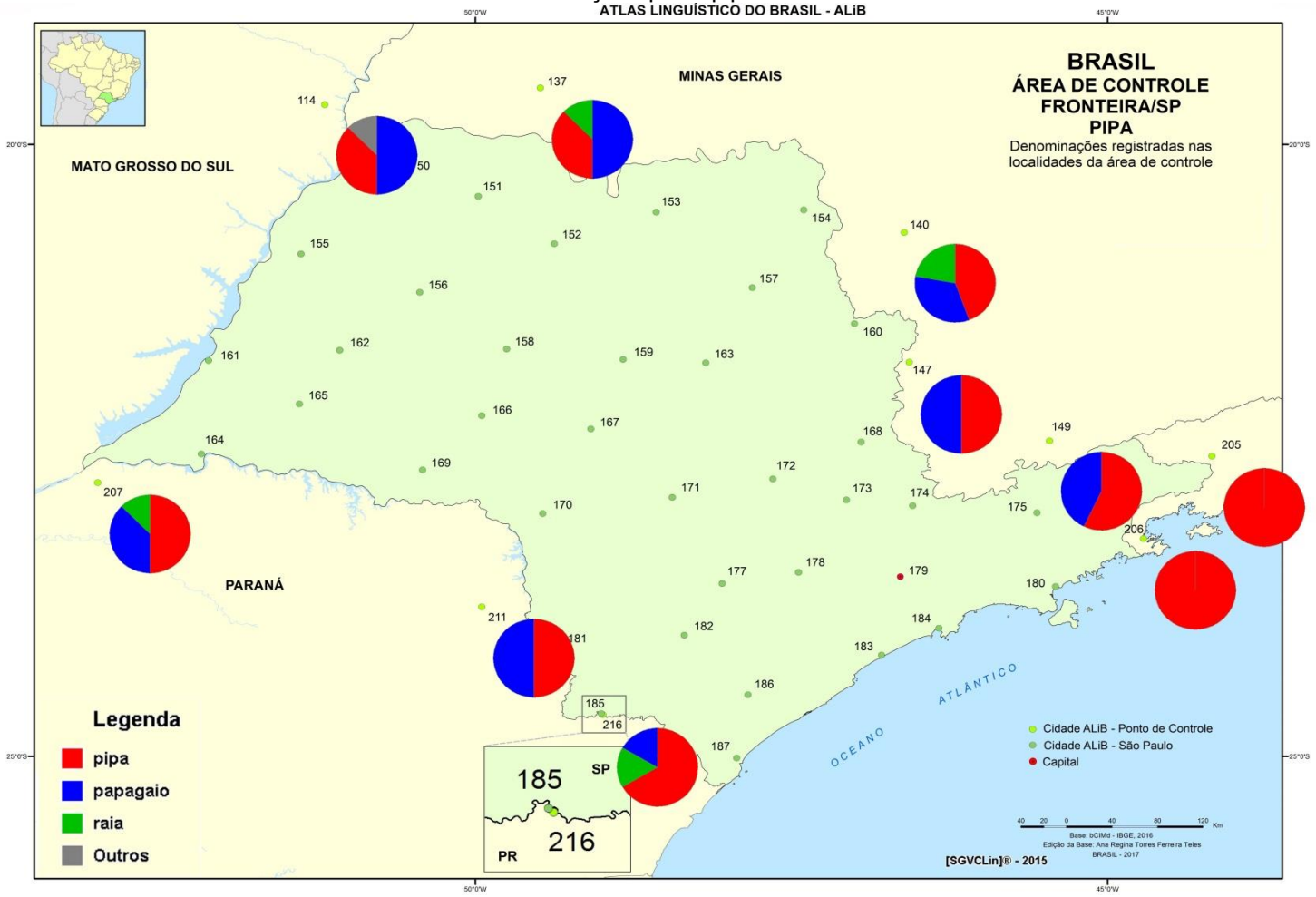
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Pipa: pipa.
Papagaio: papagai, papagaio, papagaia.
Raia: raia, rabo de arraia.
Quadrado: quadrado.
Papa-vento: papa-vento, cata-vento.
Maranhão: maranhão.
Peixinho: peixinho, pexinho.
Índio: índio.
Rabiola: rabiola.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 10b – Produtividade geral de “pipa” no estado de São Paulo



Carta 10b – Denominações para “pipa” na área de controle



“Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?” - 158/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

4.2.3.4 Análise diatópica das denominações para “pipa”

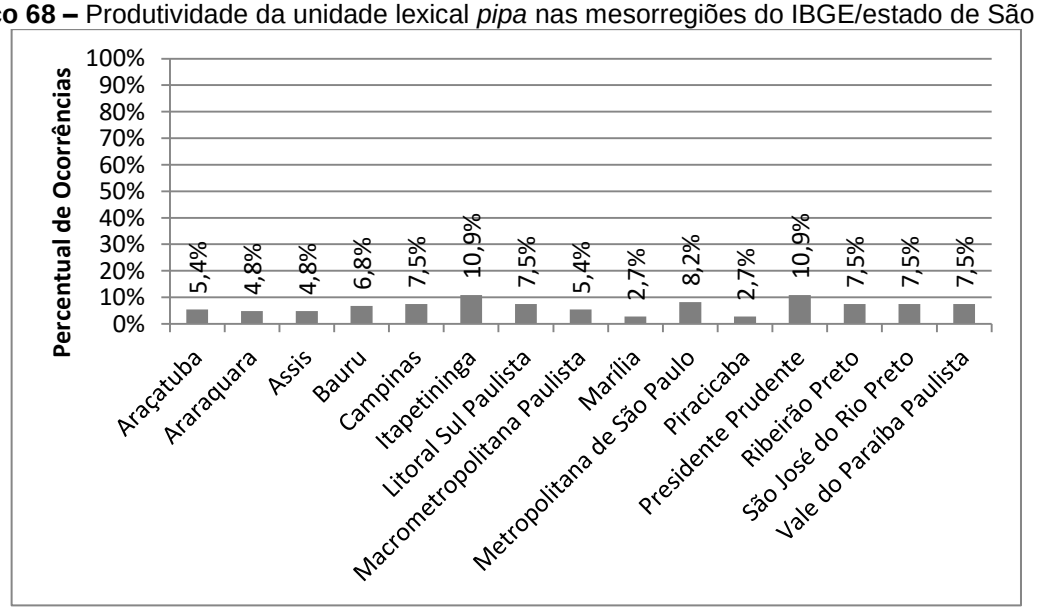
A seguir, são discutidas as questões diatópicas de cada uma das variantes obtidas, a iniciar pela unidade lexical *pipa.*

4.2.3.4.1 Unidade lexical: *pipa*

A unidade lexical *pipa* foi mencionada em todas as localidades investigadas e alçou valor percentual superior a 50% de ocorrência, tendo atingido percentuais muito próximos entre os diferentes perfis de informantes.

Verificando os dados relativos às localidades investigadas, o maior índice de produtividade de *pipa* foi registrado nas mesorregiões de Itapetininga e Presidente Prudente (Gráfico 68).

Gráfico 68 – Produtividade da unidade lexical *pipa* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Analisando os dados da área de controle, *pipa* também foi uma das respostas mais indicadas por todos os informantes das localidades[354], situadas nessa área, com exceção de dois informantes (sexo feminino, faixa etária II) em: Campina Verde/MG (137) e Paranaíba/MS (114).

Ao considerar os dados cartografados pelo Atlas nacional – ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b), dados das capitais, a variante *pipa* é a segunda resposta mais

[354] Ressaltam-se os percentuais de *pipa* no Rio de Janeiro, pois figurou como resposta única de todos os informantes para a questão 158 (QSL/ALiB).

produtiva, no conjunto dos dados, embora tenha sido documentada nas capitais de todos os estados da federação.

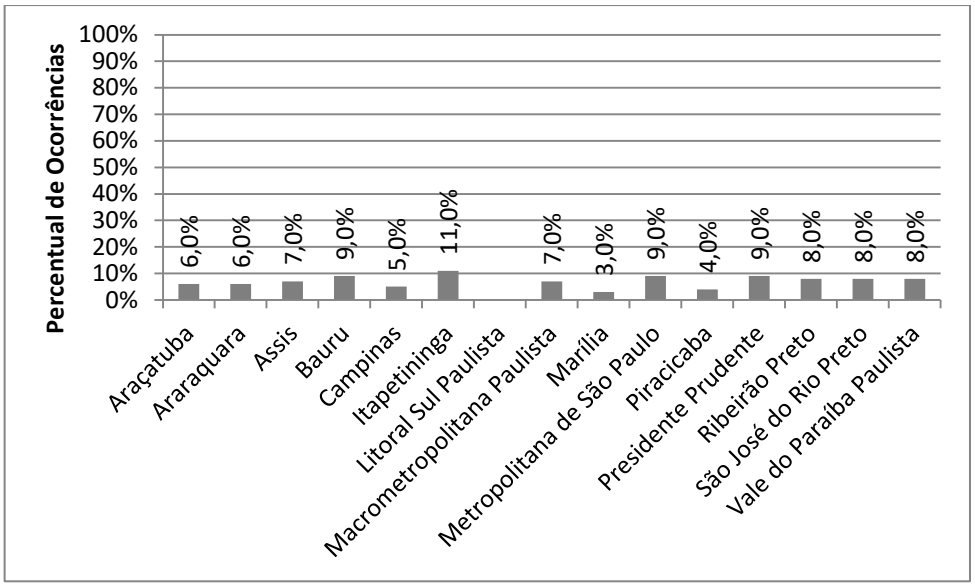
Na sequência, discute-se a unidade lexical *papagaio*.

4.2.3.4.2 Unidade lexical: *papagaio*

O item lexical *papagaio* apesar de figurar como segunda resposta mais produtiva nos dois agrupamentos territoriais realizados neste estudo (interior de São Paulo e área de controle), apresentou índice significativo de registro, computando 37,2% do total das ocorrências.

Dentre as diferentes mesorregiões do estado de São Paulo, a mesorregião de Itapetininga obteve o maior número de ocorrências do item lexical *papagaio*. Observe os percentuais no Gráfico 69.

Gráfico 69 – Produtividade da unidade lexical *papagaio* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados da área de controle, a variante *papagaio* foi mencionada em todos os estados, com exceção do Rio de Janeiro.

Os dados cartografados pelo ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 291) registrou a variante *papagaio* como a forma mais produtiva nas capitais brasileiras. Assim como *pipa, papagaio* ocorre em todas as capitais dos estados considerados neste estudo.

Na sequência, são discutidos os dados obtidos relativos à variante *maranhão, raia, quadrado, peixinho, papa-vento, rabiola e índio .*

4.2.3.4.3 Unidades lexicais: *maranhão, raia, quadrado, papa-vento, peixinho, índio e rabiola*

O item lexical *maranhão* obteve baixa produtividade no interior de São Paulo, porém teve incidência em diferentes regiões do estado: figurou como primeira resposta de alguns informantes nas localidades em que foi citada, ao contrário de boa parte das denominações obtidas como segunda ou terceira resposta dos informantes. A mesorregião de Campinas foi a única em que a variante *maranhão* teve representatividade significativa.

Considerando a área de controle, o item lexical *maranhão* só foi indicado por um informante de Paranaíba-MS (ponto 114, informante do sexo masculino, faixa etária I).

A variante *raia*[355] teve um registro no interior do estado de São Paulo, Bragança Paulista (Ponto 174, informante do sexo masculino, faixa etária I), na mesorregião Macrometropolitana Paulista. Por outro lado, a variante *raia* foi produtiva na área de controle, nos estados do Paraná e Minas Gerais.

A denominação *quadrado* teve ocorrências pontuais no interior de São Paulo, com apenas uma ocorrência nas mesorregiões de Bauru, Litoral Sul Paulista, Macrometropolitana de São Paulo e Presidente Prudente.

A unidade lexical *papa-vento* foi documentada em três localidades do interior de São Paulo, localizadas em duas mesorregiões: Araçatuba e Vale do Paraíba Paulista.

É preciso considerar que, apenas um informante mencionou *papa-vento* como primeira resposta (Taubaté – ponto 175, informante do sexo masculino, faixa etária II), e que essa variante não foi documentada na área de controle.

A unidade lexical *peixinho* foi indicada por alguns informantes do território investigado, dentre eles, destacam-se localidades pertencentes às seguintes mesorregiões: São José do Rio Preto, Araraquara, Litoral Sul Paulista e Bauru.

Verificando as localidades em que *peixinho* foi fornecido como resposta, observa-se que não há proximidade entre as cidades, inclusive algumas se

[355] Um primeiro aspecto a ser considerado sobre o item léxico *raia* é o fato de não ter sido indicado como primeira resposta no âmbito desta pesquisa.

encontram em extremos opostos do estado, como é o caso de Jales (150) e Itanhaem (183). Assim como outras denominações analisadas, a variante não foi registrada na área de controle.

A unidade lexical *índio,* por sua vez, obteve apenas duas menções em Franca (ponto 154), fornecidas pelos dois informantes da faixa etária II. A recorrência do item léxico *índio* na mesma localidade e por falantes do mesmo perfil indica um possível traço da norma regional local de uso pretérito ou ainda por possível influência dos estados do Nordeste, pois essa denominação também foi registrada no estudo sobre o falar baiano[356] (RIBEIRO, 2012).

A unidade lexical *rabiola* teve duas ocorrências, documentadas em localidades distintas e fornecidas por informantes do mesmo sexo: Lins (ponto 158, informante do sexo masculino, faixa etária II) e Jales (ponto 150, informante do sexo masculino, faixa etária I).

A variante lexical *rabiola* está registrada no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil, na carta L20a (CARDOSO *et al.*, 2014, p. 293) como uma das denominações fornecidas pelos informantes da região Norte do Brasil. Essa coincidência permite associar a ocorrência da variante em São Paulo a possíveis contatos dos informantes com falantes oriundos da referida região.

4.2.3.4.4 Outras denominações com ocorrência única

Como ocorrência única foi registrada a variante *avião* (Bragança Paulista, ponto 174, faixa etária I, sexo feminino). Acredita-se que o informante tenha associado “o empinar ao vento por meio de uma linha” a algum tipo de brinquedo que tenha como função voar, no caso o *avião*.

Tendo em vista outros trabalhos que documentaram as variantes para a “pipa com varetas” produz-se o Quadro 78:

[356] A denominação *índio* foi registrada como ocorrência única (ponto 077- Maceió-AL).

Quadro 78 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Maranhão	Papagaio	pipa	Arraia raia[357]	Papa-vento
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 41 (RIBEIRO et al, 1977, s/p).		X	X	X	
Atlas Linguístico do Paraná I – carta 087 (AGUILERA, 1994, p. 197)[358].		X	X	X	X
Atlas Linguístico da Região Sul – carta 303 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), 2011, p.701)[359].		X	X		
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo-carta 078 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 291).		X	X		
Falar Fluminense (SANTOS, 2016, p. 125/126).		X	X	X	X
Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em MG – carta 06 (D´Anunciação, 2016, p. 64).		X	X	X	

Fonte: Elaboração da autora com base nas obras referenciadas.

4.2.3.5 Denominações para "Pipa" – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

De modo geral, considerando o território investigado, a supremacia de *pipa* está mantida, sendo seguida pela denominação *papagaio*.

Tendo em vista os aspectos diageracionais e diassexuais, pontua-se que a resposta foi bastante produtiva em todos os perfis analisados. Inclusive, destaca-se o fato de que cerca de 70% dos informantes indicaram mais de uma resposta para o referente solicitado.

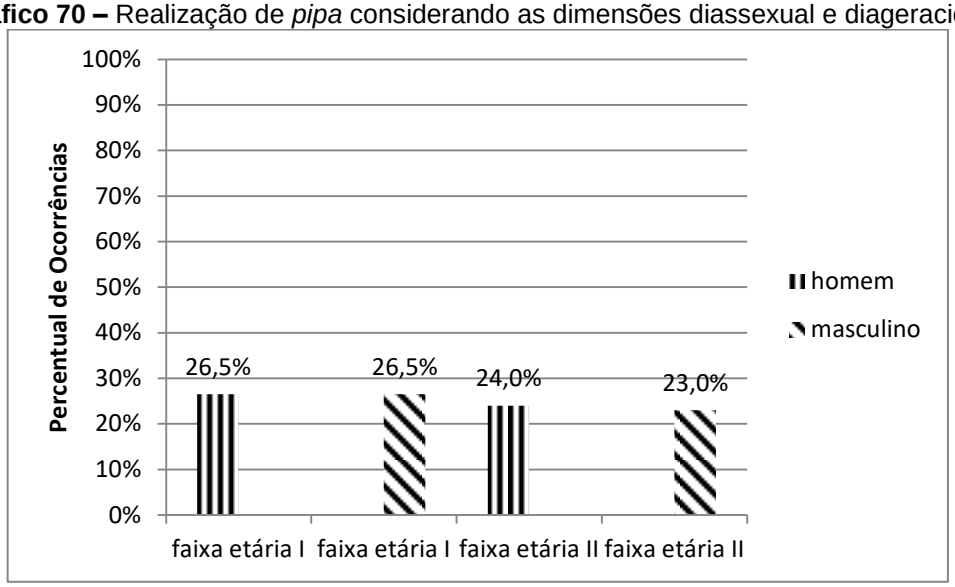
Ainda analisando as variações diassexual e diageracional, salienta-se que a denominação *pipa* é indicada com um pouco mais de frequência por informantes da faixa etária I. Observe o Gráfico 70:

[357] No estudo sobre o *falar fluminense* (SANTOS, 2016), a denominação foi cartografada como *arraia*. No ALPR (AGUILEIRA, 1994) e no estudo do léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis de MG (D´ANUNCIAÇÃO, 2016), a variante registrada foi *raia*.

[358] Não há como assegurar se a questão refere-se a "pipa sem varetas", porém devido a popularidade desse brinquedo e após a leitura da nota do ALPR, deduz-se que a questão refere-se a esse objeto de diversão infantil. Na nota, consta o seguinte registro: "A questão 309 buscava as variantes lexicais para o brinquedo conhecido por papagaio. A pergunta original seguia-se a indagação de 'outro nome" (AGUILERA, 1994, p. 196).

[359] No referido atlas, há o registro da pergunta realizada durante os inquéritos. Por isso, há como assegurar que refere-se a pipa com varetas.

Gráfico 70 – Realização de *pipa* considerando as dimensões diassexual e diageracional



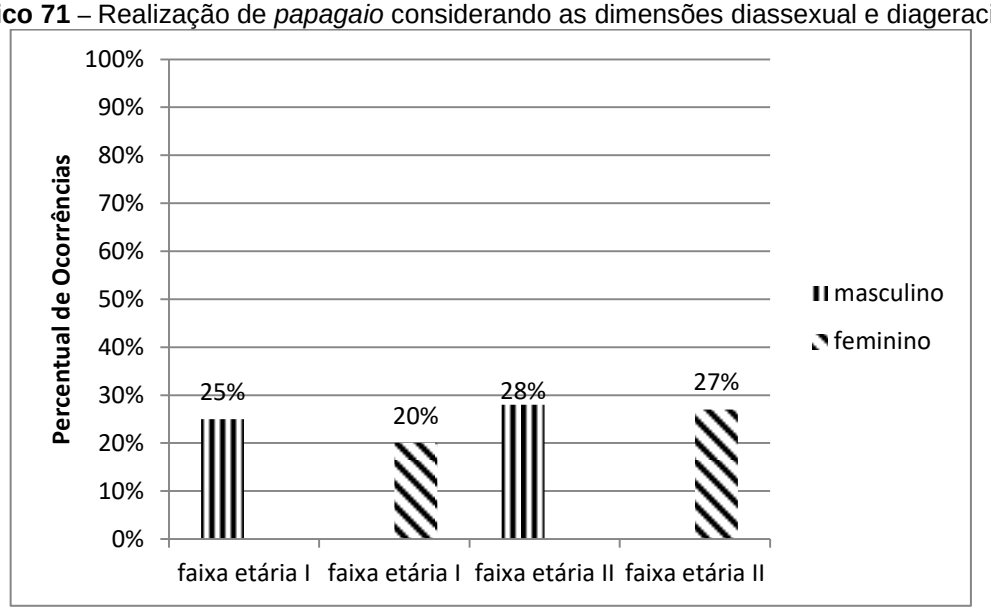
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A preferência pela faixa etária I da denominação *pipa* é pré-anunciada na audição de vários inquéritos, pois muitos informantes indicam ser um modo mais atualizado de nomear o referente.

Por sua vez, examinando a variação sexual, é nítida uma pequena vantagem na fala do informante do sexo masculino com aproximadamente 51% das ocorrências contra 49% do sexo feminino.

No que diz respeito às dimensões diassexual e diageracional, a forma *papagaio* foi resposta preferida da faixa etária II, atingindo 55% das ocorrências. O Gráfico 71, a seguir, indica os resultados segundo essas dimensões sociais.

Gráfico 71 – Realização de *papagaio* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Em relação ao sexo, a variante *papagaio* foi mais frequente entre o grupo masculino (53%). Número elevado de informantes indicaram *papagaio* como a forma antiga de nomear o brinquedo. Apesar desses julgamentos, *papagaio* foi uma variante bastante produtiva, sobretudo como segunda resposta[360], e ainda está presente na realidade de boa parte dos informantes que consideram a unidade lexical como sinônimo de *pipa*.

Quanto à variante *maranhão,* é denominação mais frequente entre os informantes do sexo masculino e da faixa etária II (58%). Essa característica evidência que *maranhão* configura-se como um item lexical de caráter mais tradicional, tanto por figurar entre falantes mais idosos quanto pelo fato de ser mais produtiva em cidades fundadas nos idos de 1770.

Em relação às demais denominações, constata-se que, a variante: i) *raia* predominou entre os informantes do sexo masculino e da faixa etária I; ii) *quadrado* foi a mais produtiva entre os informantes do sexo masculino e da faixa etária II; iii) *papa-vento* foi indicada por homens de ambas as faixas etárias, iv) *avião* foi varinte exclusiva da informante da faixa etária I, do sexo feminino.

A continuação, são discutidos os aspectos léxico-semânticos das variantes documentadas com o auxílio da pergunta 158/QSL/ALiB.

[360] A maioria das ocorrências de *papagaio* como primeira resposta são fornecidas pelos informantes da faixa etária II.

4.2.3.6 Análise léxico-semântica

A consulta às obras lexicográficas produzidas no século XVIII indicou que as unidades léxicas *pipa, raia, quadrado, maranhão, peixinho* e *índio* estão dicionarizadas em pelo menos uma das obras consultadas, mas com acepção distinta da que consta no texto da pergunta 158/QSL/ALiB.

Já os itens léxicos *rabiola e papa-vento* não estão registrados em nenhuma das obras consultadas. Desse modo, a única unidade lexical contemplada pelos dicionários com acepção do brinquedo solicitado é *papagaio* (Quadro 79).

Quadro 79 – Dicionarização da unidade léxica *papagaio* nos dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX

Papágaio/papagayo		
Bluteau (1712-1728)	**Silva Pinto (1832)**	**Silva (1813)**
“Folhas de pape eftendidas, & pegadas em huns paoinhos, ou canas com bico, & cauda tambem de papel, que os rapazes largaõ ao ar, & andaõ voando, conforme o impulso do vento.”	“Papagayo Maquina, que os rapazes fazem de papelão. ou lençaria forte, de feição oval, e chata, com huma cauda para a fazerem subir com o vento ao ar.”	“Papagáio s.m. Folhas de papel ou lenço, estendidas sobre uma cruz de canas, e cortadas em figura oval, com um rabo na parte fina, que se soltão ao ar, e lá se sostem por brinco de rapazes.”

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Já os dicionários gerais de língua portuguesa produzidos no século XXI abrigam um significativo número dos itens léxicos em estudo. Para tanto, foram consideradas as acepções que contemplam o brinquedo em foco ou algum elemento lúdico (Quadro 80).

Quadro 80 – Registro das unidades léxicas em dicionários gerais da língua portuguesa do século XXI

Dicionários	Houaiss (2001)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Pipa	"m.q. ***papagaio*** ('brinquedo')".	**"Bras. Lud. Armação composta por duas varetas cruzadas e recobertas por um papel fino, formando ger. um losango que contém em uma das pontas uma linha que facilita sua estabilidade quando posta em movimento para planar".**	"5. Bras. V. **Papagaio**".
Papagaio	"Rubrica: **ludologia. brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, e que se empina no ar por meio de uma linha; arraia, cafifa, pandorga, pipa, raia".**	**"Lud. Brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no ar preso a uma linha que o maneja; PIPA".**	**"Brinquedo que consiste em uma armação de varetas de bambu, ou de madeira leve, coberta de papel fino, e que, por meio de uma linha, se empina, mantendo-se no ar. [Sin.(nesta acepção): arraia, cafifa, pandorga, pipa, quadrado (bras.); tapioca (N.E.); balde (N.E) (q.v).]".**
Raia	"Rubrica: **ludologia**. m.q. ***papagaio".***	"No bilhar, tacada que se dá bola do parceiro, por engano".	"Raia: Pista de corrida de cavalos, seja de gramas ou areia".
Quadrado	"Regionalismo: São Paulo. m.q. ***papagaio*** ('brinquedo')".		"Bras., SP. V. papagaio (5)".
Índio	"**Rubrica: ludologia. Regionalismo: Nordeste do Brasil, Rio de Janeiro.** variedade de **papagaio de papel".**	**"N.E. RJ Lud. Certa modalidade de papagaio de papel".**	**"Bras., N.E. e RJ. Certo tipo de papagaio".**
Rabiola	"substantivo feminino **Regionalismo: Rio de Janeiro. 1. rabo de papagaio, de papel;** rabilinha. **2. papagaio com a cauda nesse formato".**	**"RJ Rabo de papel de papagaio ou pipa. 2. Papagaio ou pipa com esse rabo".**	**"1. s.f Bras., RJ Rabo de papagaio de papel;** rabilinha. **2. Papagaio que tem rabo desse tipo".**

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Embora estejam dicionarizadas, as unidades léxicas *peixinho, papa-vento e maranhão* não foram elencadas no Quadro 80, por não serem dicionarizadas na acepção que foi empregada pelos informantes do Projeto ALiB.

O Dicionário Etimológico Nova Fronteira (CUNHA, 1986) registra como verbetes: *pipa*, *papagaio*, *raia*, *índio*, porém nenhuma com a acepção ligada ao brinquedo em foco.

Por sua vez, no Dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012) foram identificadas as seguintes entradas: *papagaio, papa-vento, índio.* Entre elas, apenas a unidade lexical *papagaio* tem acepção de entretenimento infantil: "papagaio de papel, coruja, arraia" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 526). Câmara Cascudo registra a definição fornecida por Silva (1813) e informa que o brinquedo foi trazido para o Brasil pelos portugueses:

> Os portugueses trouxeram o papagaio do Oriente, Japão e China, onde é popular, em todas as classes sociais, desde remotíssimo tempo. Por intermédio português, como creio, ou peninsular, divulgou-se o papagaio de papel pela Europa (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 526).

Câmara Cascudo ainda busca justificar a razão de a variante também ser nomeada como *raia* em algumas regiões do país: "No Brasil chamam-no raia, ou arraia, em alusão à forma romboidal do peixe" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 526).

Na sequência, elencam-se alguns comentários fornecidos pelos informantes sobre o uso e o comportamento das variantes analisadas:

i) A unidade lexical *pipa* é uma denominação moderna/atual enquanto *papagaio* é empregado por pessoas mais idosas:

> INF. Hoje é pipa. Falam é pipa, na minha época era mais papagaio, hoje é mais pipa (São Paulo – ponto 179 – informante do sexo masculino, faixa etária II, escolaridade: ensino superior).

> INF.- Pipa, papagaio.
> INQ.- E outro... qual que é mais comum aqui?
> INF.- Pipa.
> INQ.- E quem que fala papagaio?
> INF.- Os adulto, as vó, as mãe.
> INQ.- As crianças falam pipa...
> INF.- Pipa (Barretos ponto 153 - pipa moderna – informante do sexo masculino, faixa etária I).

ii) Outras unidade lexicais *maranhão, índio, quadrado* são consideradas antigas em relação à *pipa*:

> INF.- É pipa. No meu tempo era papagaio, chamava maranhão, papagaio. Agora, a molecada de hoje, é pipa (Votuporanga, ponto 151 – informante do sexo masculino, faixa etária I).
>
> INF.- Pipa ou maranhão.
> INQ.- É a mesma coisa? E qual que é o nome mais comum?
> INF.- É maranhão. A juventude mais antiga que chamava de maranhão, a juventude mai' nova, as criança de hoje chama de pipa (Mogi Mirim - ponto 168, informante masculino, faixa etária II).
>
> INF. Pipa, índio. Aqui antigamente era índio, agora que a mulecada fala pipa (ponto 154 – Franca, informante do sexo feminino, faixa etária II).
>
> INF. Pipa, quadrado, uns chama de pipa, hoje é mais pipa, antigamente a gente falava quadrado, né? (São Paulo – ponto 179 – informante do sexo masculino, faixa etária II, escolaridade: Ensino Fundamental).

4.2.3.7 Considerações sobre os dados apurados na pergunta 158/QSL/ALiB:

Os dados lexicais discutidos neste tópico indicaram que:

i) A pergunta 158/QSL/ALiB foi produtiva em todas as localidades.

ii) A unidade lexical *pipa* foi a mais produtiva. Verificando as ocorrências registradas e os comentários dos informantes sobre essa varinte é possível afirmar que há uma norma implícita na região investigada e uma atitude linguística em relação a essa variante que é julgada moderna pelos entrevistados, em oposição a outras denominações usadas como sinônimos, como é o caso de *maranhão* e *papagaio*.

iii) O item lexical *papagaio* é apontado por muitos informantes como forma antiga, porém com produtividade significativa.

iv) As unidades lexicais *papagaio e pipa*, em sua maioria, figuraram como primeira ou segunda resposta nos inquéritos, ao contrário das demais denominações que ocuparam outras posições.

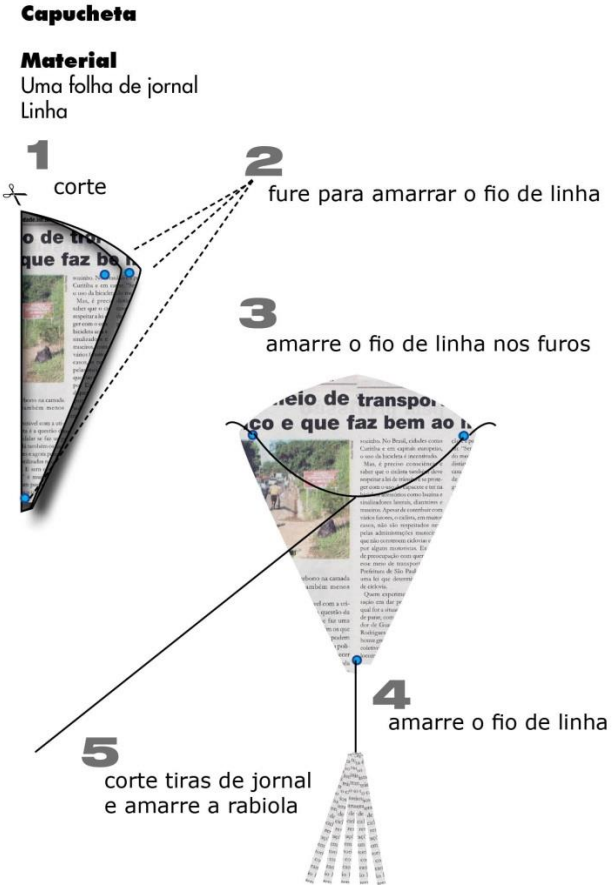
v) A vitalidade da "pipa" é ressaltada como um brinquedo comum no universo dos informantes e pelas crianças da época atual. Essa afirmação se apoia nos seguintes elementos: i) todos os informantes forneceram ao menos uma resposta para nomear o brinquedo; ii) o número de variantes documentadas e consideradas válidas neste estudo, segundo a dicionarização das variantes e comentários dos informantes; iii) vários entrevistados relataram que as crianças da atualidade ainda brincam com o objeto em questão e o nomeam como *pipa*.

4.2.4 Capucheta

4.2.4.1 Capucheta: o brinquedo

A “capucheta” é considerada pelo site Mapa do Brincar[361] como um brinquedo classificada na categoria pipa, ou seja, é uma variação da referida brincadeira. Essa informação também parece ser implicitamente conhecida por alguns informantes que indicam que a “pipa sem vareta e a com vareta” é a mesma coisa. Observe a imagem abaixo que destaca a “capucheta” e resume como produzi-la:

Figura 39 – “Capucheta” e modo de fazer[362]



Fonte: Origame para Decorar (2018).

No caso deste estudo, o levantamento da unidades lexicais fornecidas como nomes do brinquedo descrito na pergunta 159/QLS/ALiB apontou várias unidades lexicais, além de casos de não respostas (cerca de 20% dos entrevistados).

[361] Disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br)>. Acesso em: 18.fev.2018.
[362] Disponível em: <https://origamipradecorar.wordpress.com/2013/10/07/capucheta-como-fazer/>. Acesso: 13. fev. 2018.

4.2.4.2 *Capucheta*: os nomes da brincadeira

Os 148 inquéritos do Projeto ALiB realizados no interior do estado de São Paulo e os 40 relativos à área de controle indicaram alta produtividade da denominação *capucheta* a par de grande número de variantes com baixo índice de registro. Computou-se um número de 35 variantes que somaram 187 ocorrências.

A exemplo de outras perguntas já focalizadas, realizou-se um agrupamento de variantes com características similares em termos fonéticos e morfológicos.

Já a ausência de respostas ocorreu em situações como: i) entrevistado não se lembra do nome do brinquedo; ii) o informante alega não conhecer o brinquedo; iii) o inquiridor indicou a resposta acidentalmente ou por intermédio de estabelecimento de relação com a pergunta anterior. Destaca-se um exemplo da última situação:

> INQ.- E outra que é só um papel dobrado, parece com a pipa....
> INF.- Eh, pipa, agora ‘cê lembro nome aí, oh, parece com uma pipa. ‘Ocê falô pipa. Eu falei papagaio e índio, você falô pipa. Você me ajudô a lembra (Franca, ponto 154, informante do sexo masculino, faixa etária II).

A Tabela 21, a seguir, contém o conjunto de dados brutos obtidos como resposta para a pergunta 159/QSL/ALiB.

Tabela 21 – Denominações para *capucheta* nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	Área de Controle	Total	
Arraia	0,6%		1	0,4%
Aviãozinho	4,5%	6,3%	11	4,9%
Balão	1,1%	6,3%	5	2,2%
Balãozinho	0,6%		1	0,4%
Cabucheta	1,1%		2	0,9%
Cacheta	0,6%	2,1%	2	0,9%
Cachetinha	0,6%		1	0,4%
Cachuleta	0,6%		1	0,4%
Capuche	0,6%		1	0,4%
Capucheta	23,3%	12,5%	47	21,0%
capuchetinha	0,6%		1	0,4%
Capuchieta	0,6%		1	0,4%
Capuchinha	0,6%		1	0,4%
Capucho	0,6%		1	0,4%
Cartola	1,7%		3	1,3%
Cartolinha	3,4%		6	2,7%
Cartucheta	0,6%		1	0,4%
Cata-vento	0,6%		1	0,4%
Catuchepa	0,6%		1	0,4%
Catuchera	0,6%		1	0,4%
Cuíca	1,1%		2	0,9%
Encapucheta	0,6%		1	0,4%
Gamelão		2,1%	1	0,4%
Jereco		4,2%	2	0,8%
Maranhão	3,4%	2,1%	7	3,1%
Pancheta	0,6%		1	0,4%
Papagai	0,6%		1	0,4%
Papagaio	10,8%	25,0%	31	13,8%
Papa-vento	1,1%		2	0,9%
Pexinha	0,6%		1	0,4%
Pipa	18,2%	14,6%	39	17,4%
Pipinha	1,1%		2	0,9%
Rabiola	1,1%		2	0,9%
Raia	0,6%	6,3%	4	1,8%
Sapim	1,1%		2	0,9%
Não respostas	15,9%	18,8%	37	16,5%
Total	100%	100%	224	100%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A Tabela 21, atesta o número de respostas obtidas para a questão analisada, por isso, para fins de computação de frequência e estudo, foram realizados os agrupamentos de variantes informadas no Quadro 81.

Quadro 81 – Agrupamentos de variantes que nomeiam “um brinquedo parecido com a pipa também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha”

Variações lexicais	Itens agrupados
Capucheta	Cabucheta, cacheta, cachetinha, cachuleta, capuche, capucheta, capuchetinha, capuchieta, capuchinha, capucho, cartucheta, catuchepa, catuchera, encapucheta,
Pipa	Pipa, pipinha
Papagaio	Papagaio, papagai
Cartola	Cartola, cartolinha
Maranhão	Maranhão
Balão	Balão, balãozinho
Aviãozinho	Aviãozinho
Arraia	Arraia, raia
Papa-vento	Papa-vento, cata-vento
Cuíca	Cuíca
Jereco	Jereco
Rabiola	Rabiola
Sapim	Sapim
Outras denominações com ocorrências únicas	peixinha, gamelão, prancheta

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto AliB.

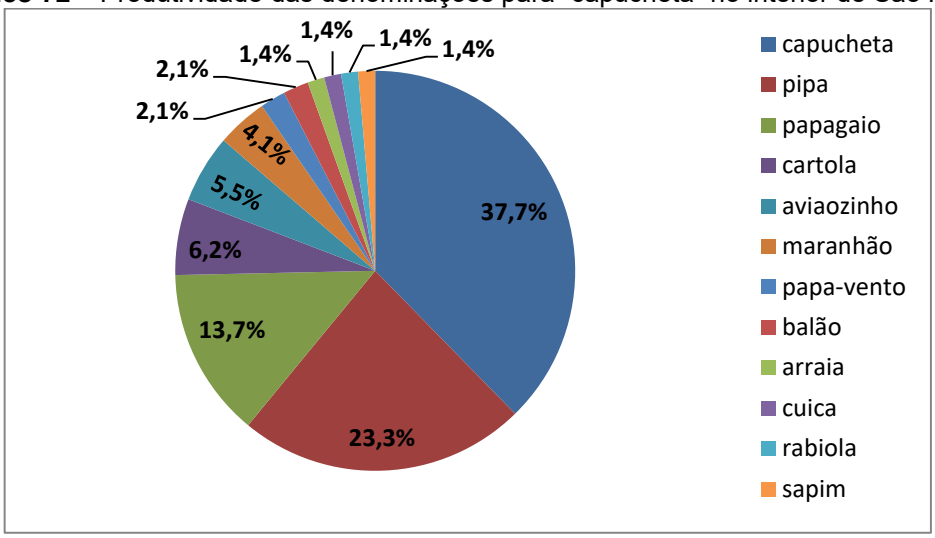
Em seguida, examinam-se os dados relativos às variantes registradas.

4.2.4.3 Produtividade das variantes

Ao analisar os dados para a pergunta 159/QSL/ALiB, nota-se que a variante *capucheta* foi a mais produtiva no interior do estado de São Paulo.

Na sequência, o Gráfico 72 traz informações quantitativas relativas à produtividade das variantes registradas no interior de São Paulo.

Gráfico 72 – Produtividade das denominações para “capucheta” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observa-se, no Gráfico 72, que *capucheta* foi a denominação mais produtiva (38%), seguida de *pipa* (23%) e de *papagaio* (14%).

No que tange ao estado de São Paulo, ainda é possível visualizar os valores percentuais obtidos para cada denominação segundo as mesorregiões do IBGE (Tabela 22).

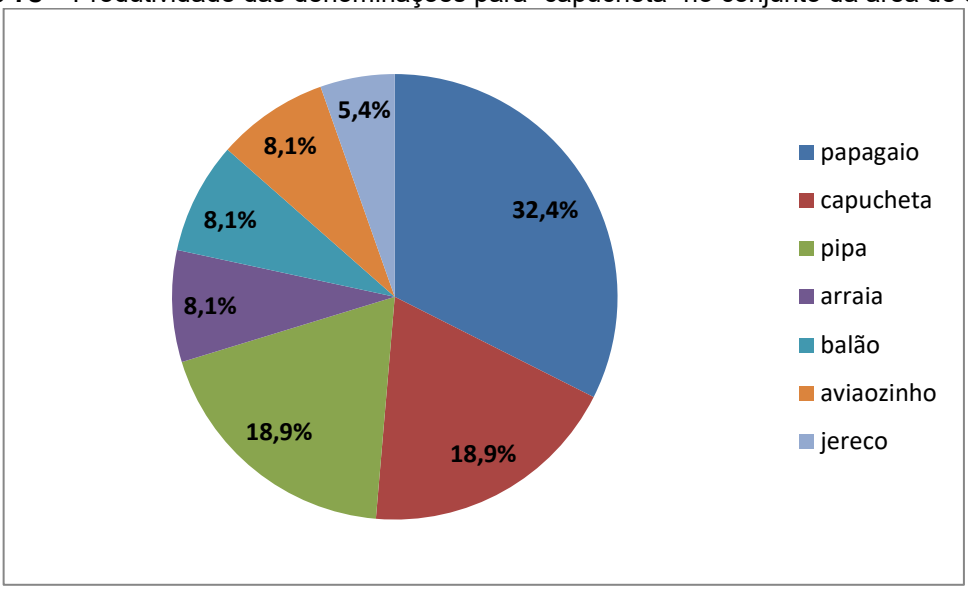
Tabela 22 – Produtividade das denominações para “capucheta”, segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo

VARIANTES	Aviãozinho (%)	Balão (%)	Capucheta (%)	Cartola (%)	Cuíca (%)	Maranhão (%)	Papagaio (%)	Papa-vento (%)	Pipa (%)	Rabiola (%)	Sapim (%)	Arraia (%)
Araçatuba	0,0	0,0	4,8	11,1	0,0	0,0	5,0	0,0	8,8	0,0	0,0	0,0
Araraquara	0,0	0,0	9,6	0,0	0,0	0,0	5,0	0,0	2,9	0,0	0,0	0,0
Assis	0,0	0,0	0	0,0	0,0	16,7	5,0	0,0	2,9	0,0	0,0	50
Bauru	12,5	0,0	1,6	0,0	100	0,0	5,0	0,0	8,8	0,0	0,0	0,0
Campinas	0,0	0,0	14,5	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	5,9	50	0,0	0,0
Itapetininga	12,5	0,0	3,2	0,0	0,0	0,0	30	0,0	23,5	0,0	0,0	0,0
Litoral Sul Paulista	25	0,0	4,8	11,1	0,0	0,0	5,0	0,0	8,8	0,0	0,0	50
Macrom. Paulista	0,0	33,3	9,7	0,0	0,0	0,0	5,0	0,0	5,9	0,0	0,0	0,0
Marília	0,0	0,0	4,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	0,0	0,0	12,9	22,2	0,0	0,0	5,0	0,0	2,9	0,0	0,0	0,0
Piracicaba	0,0	0,0	3,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,9	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	25	33,3	14,5	0,0	0,0	16,7	5,0	0,0	5,9	50	0,0	0,0
Ribeirão Preto	0,0	0,0	3,2	55,6	0,0	0,0	20,0	0,0	8,8	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	0,0	33,3	6,4	0,0	0,0	33,3	5,0	0,0	5,9	0,0	100	0,0
Vale do Paraíba Paulista	25	0,0	6,5	0,0	0,0	0,0	5,0	100	5,9	0,0	0,0	0,0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração da autora da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na área de controle, há manutenção das três denominações mais produtivas, porém de formas distintas, pois *papagaio* ocupa a primeira posição em termos de número de ocorrências (Gráfico 73).

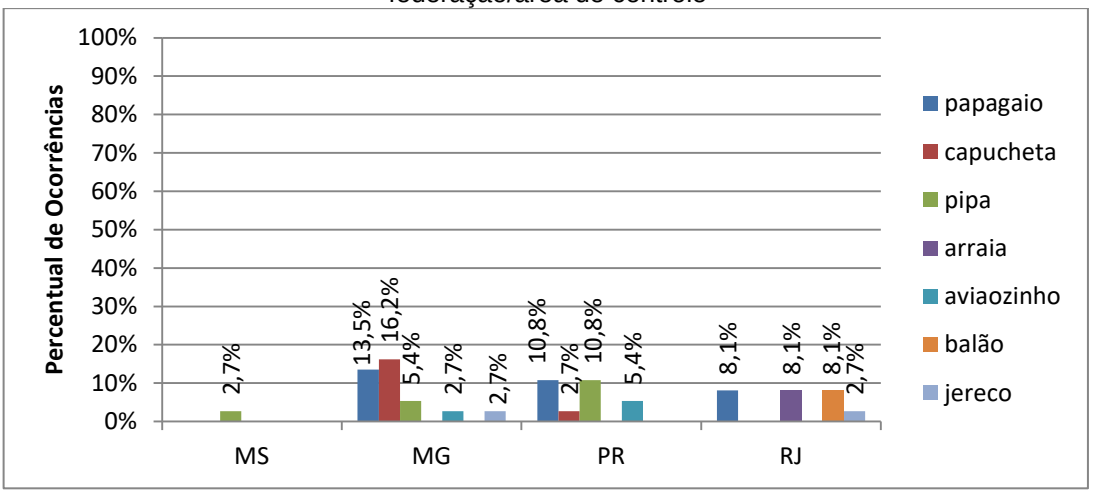
Gráfico 73 – Produtividade das denominações para “capucheta” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados específicos de cada estado, verificam-se diferentes situações: i) algumas denominações ocorrem apenas em um estado, como é o caso de *raia* e *balão* registradas no Rio de Janeiro; ii) Em Mato Grosso do Sul somente um informante respondeu a questão, indicando a denominação *pipa*; iii) *capucheta* e *aviãozinho* foram documentados apenas nos estados de Minas Gerais e Paraná; iv) *jereco* figura apenas em Minas Gerais e Rio de Janeiro (Gráfico 74).

Gráfico 74 – Produtividade das denominações para “capucheta” segundo a unidade da federação/área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

As cartas 11a e 11b apresentam a distribuição diatópica dos dados segundo dois blocos: i) interior de São Paulo e ii) área de controle.

Carta 11a – Denominações para “capucheta” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 159 – “É um brinquedo parecido com a pipa, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?”

Denominações com ocorrência única: pancheta - Araçatuba - ponto 156, informante do sexo feminino, faixa etária I) e peixinha - Botucatu - ponto 171, informante do sesxo feminino, faixa etária I).

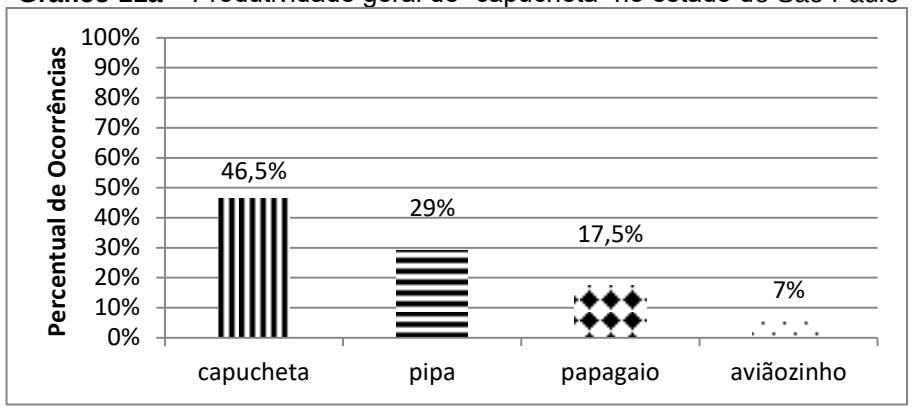
Comentários sobre dados cartografados:

Variantes agrupadas a cada item léxico:

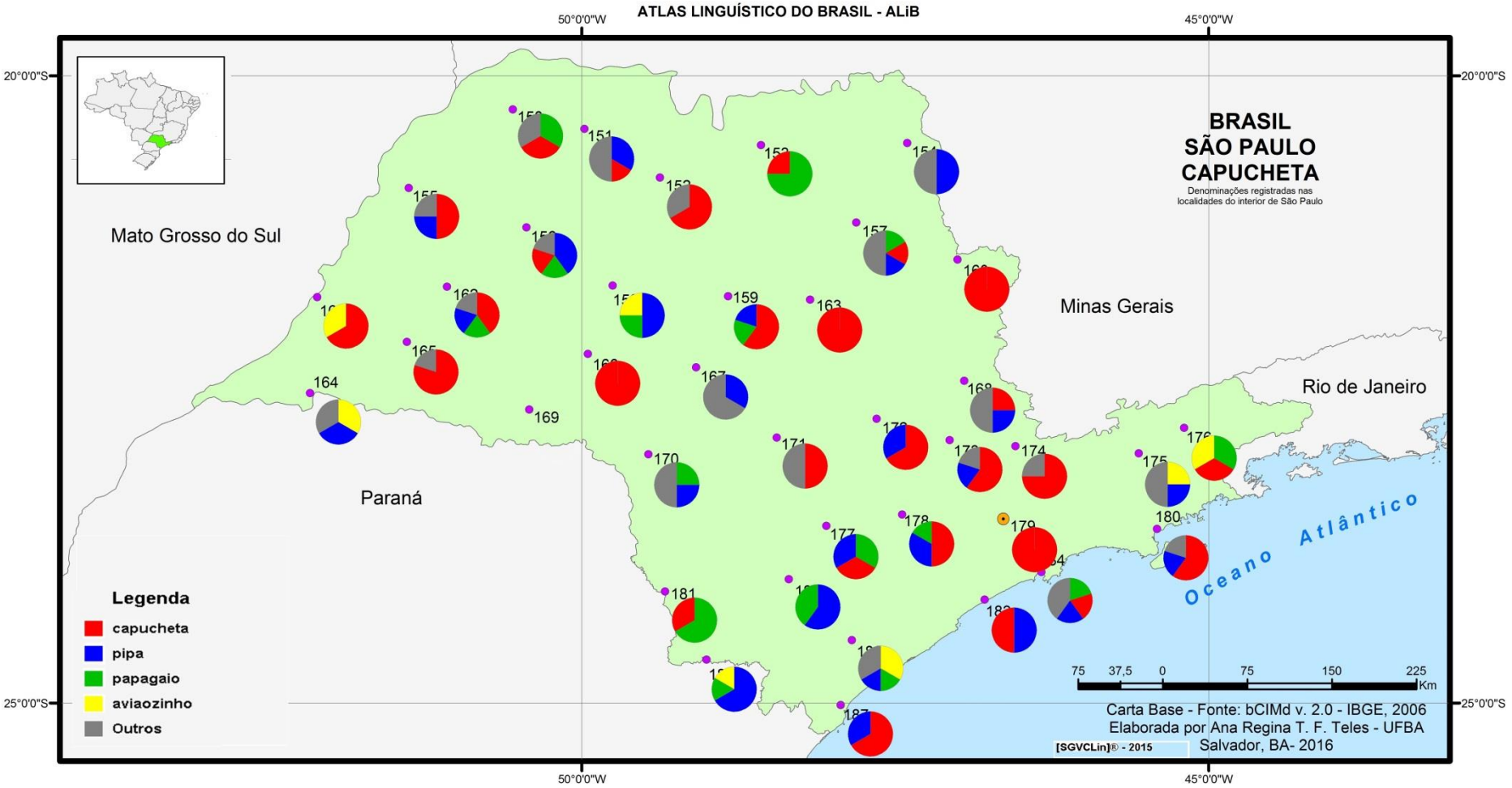
Aviãozinho: aviãozinho.
Balão: balão, balãozinho.
Capucheta: capucheta, cabucheta, cacheta, cachetinha, cachuleta, capuche, capuchetinha, capuchieta, capuchinha, capucho, cartucheta, catuchepa, catuchera, encapucheta.
Cartola: cartola, cartolinha.
Cuíca: cuíca.
Jereco: jereco.
Maranhão: maranhão.
Papagaio: papagaio.
Papa-vento: papa-vento, cata-vento.
Pipa: pipa, pipinha.
Rabiola: rabiola.
Raia: raia, arraia.
Sapim: sapim.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 11a – Produtividade geral de “capucheta” no estado de São Paulo



Carta 11a – Denominações para “capucheta” no estado de São Paulo



“E um brinquedo parecido com a pipa, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?” - 159/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 11b – Denominações para “capucheta” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 159 – “E um brinquedo parecido com a pipa, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha”?”

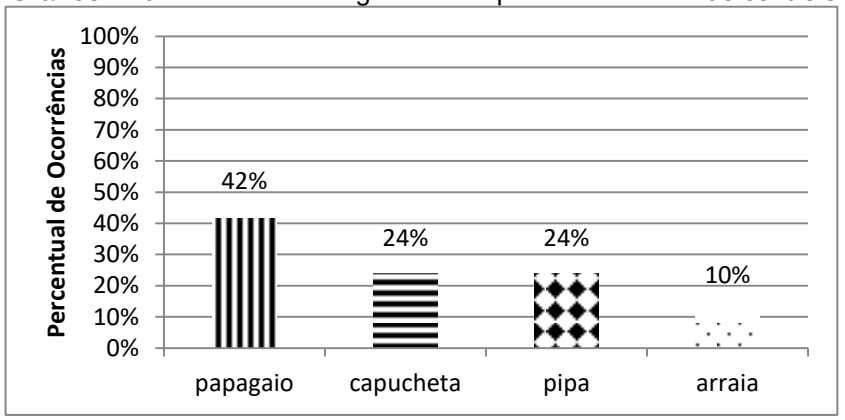
Denominações com ocorrência única: gamelão (Passos-ponto 140, informante do sexo masculino, faixa etária I).

Comentários sobre dados cartografados: Inf. “Agora quando é sem essa armação de madeira, sem a folha, tem gente que chama de capucheta” (Itajuba–ponto 149, informante do sexo feminino, faixa etária I).

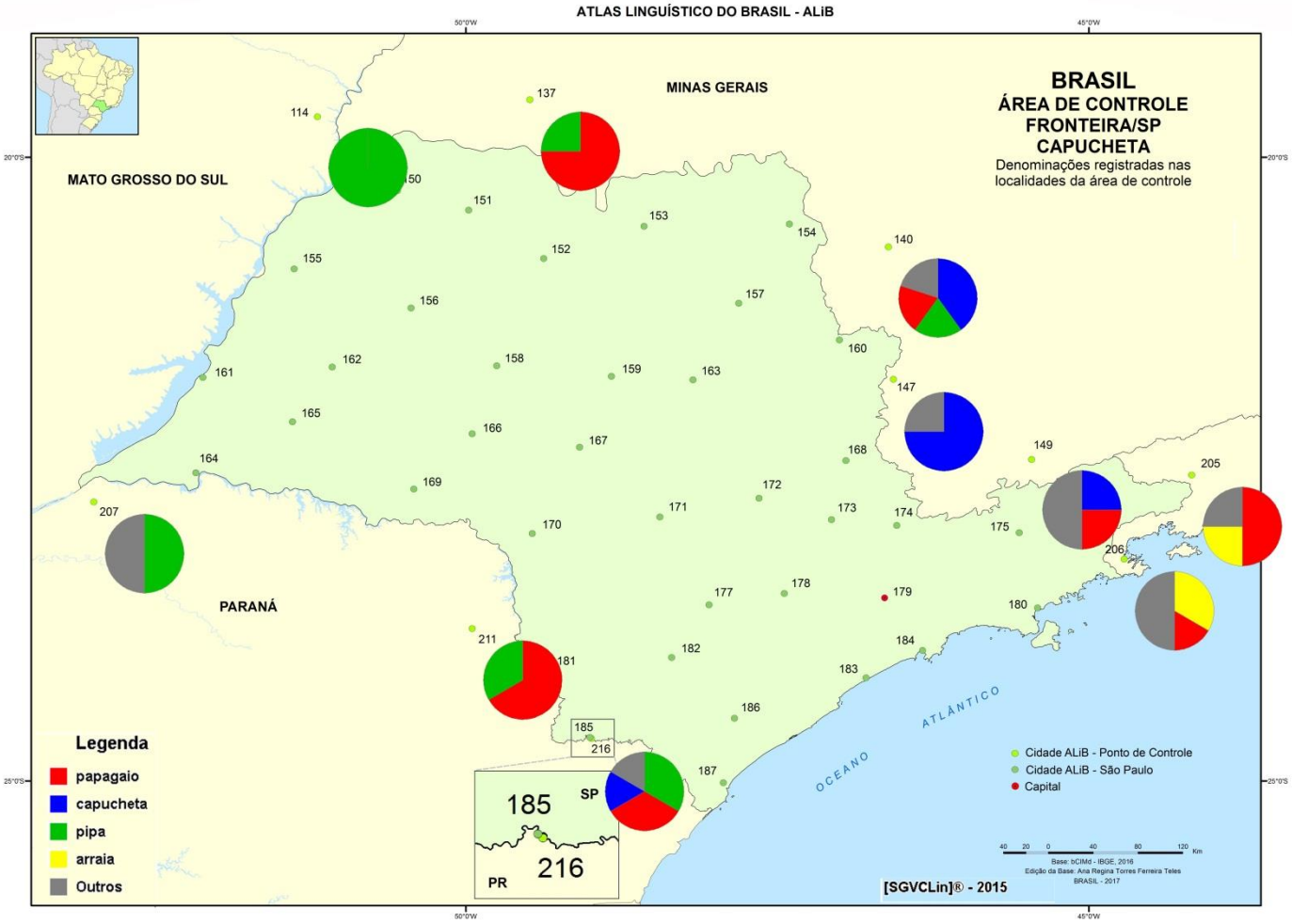
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Aviãozinho: aviãozinho.
Balão: balão, balãozinho.
Capucheta: capucheta, cabucheta, cacheta, cachetinha, cachuleta, capuche, capuchetinha, capuchieta, capuchinha, capucho, cartucheta, catequinha, catuchepa, catuchera, encapucheta.
Cartola: cartola, cartolinha.
Cuíca: cuíca.
Jereco: jereco.
Maranhão: maranhão.
Papagaio: papagaio.
Papa-vento: papa-vento, cata-vento.
Pipa: pipa, pipinha.
Rabiola: rabiola.
Raia: raia, arraia.
Sapim: sapim.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 11b – Produtividade geral de “capucheta” na área de controle



Carta 11b – Denominações para “capucheta” na área de controle



“E um brinquedo parecido com a pipa ,também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?” - 159/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

4.2.4.4 Análise diatópica das denominações para “capucheta”

A análise das variantes lexicais catalogadas considerou a produtividade de cada variante, em ordem decrescente, iniciando pelos dados obtidos no interior do estado de São Paulo.

Ao contrário da maioria das perguntas analisadas, essa se diferencia em ao menos dois quesitos: i) diferença em termos das variantes mais produtivas no interior de São Paulo e na área de controle, e ii) registro de alto índice de abstenções, (aproximadamente 20% de não respostas).

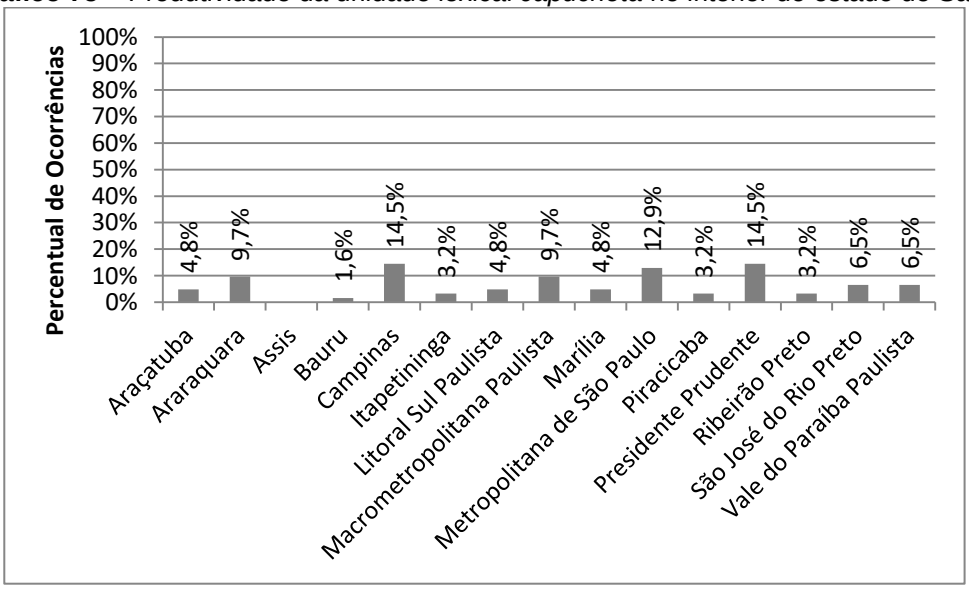
A seguir, são discutidas os aspectos diatópicos, diassexuais e diageracionais de cada uma das variantes obtidas, a iniciar-se pela unidade lexical *capucheta.*

4.2.4.4.1 Unidade lexical: *capucheta*

A unidade lexical *capucheta* foi a mais produtiva no interior do estado de São Paulo para nomear o brinquedo descrito na pergunta 159/QSL/ALiB e foi mencionada pelos diferentes perfis de entrevistados.

O Gráfico 75 registra a produtividade dessa variante conforme as mesorregiões do estado de São Paulo.

Gráfico 75 – Produtividade da unidade lexical *capucheta* no interior do estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Entre as mesorregiões mais produtivas em termos de registro da variante *capucheta* destacam-se Campinas, Metropolitana de São Paulo e Presidente Prudente. Já na área de controle, *capucheta* foi registrada em Minas Gerais e no

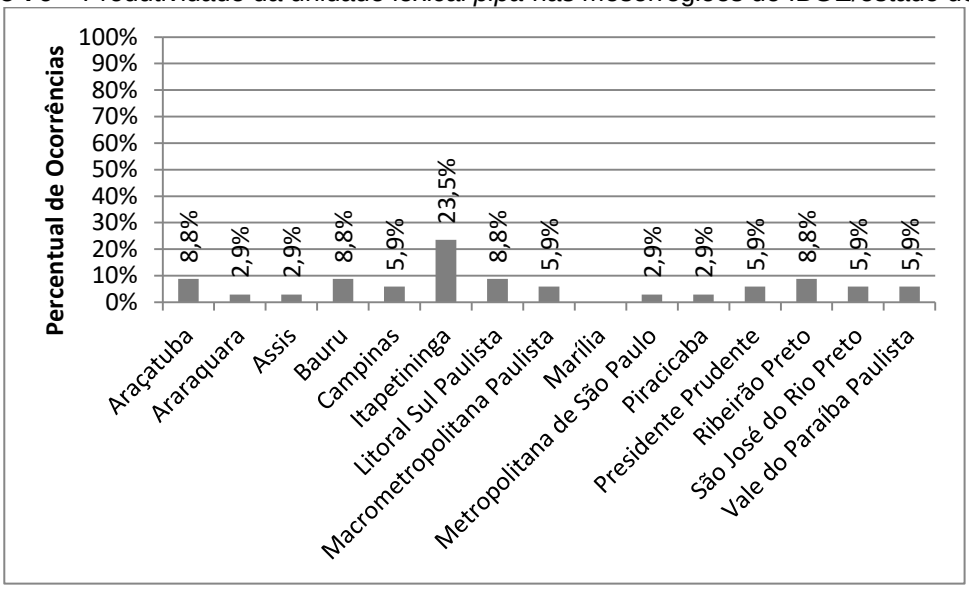
Paraná com apenas uma ocorrência em Adrianópolis. A princípio, acreditou-se que a variante *capucheta* tinha sido citada pelo informante paranaense devido à proximidade com a fronteira de São Paulo, porém, em Ribeira (ponto 185), cidade paulista vizinha, não há nenhuma ocorrência dessa variante.

Na sequência, são discutidos os dados sobre *pipa*.

4.2.4.4.2 Unidade lexical: *pipa*

A unidade lexical *pipa*, a exemplo do ocorrido com a nomeação do brinquedo com varetas (158/QSL/ALiB), foi bastante produtiva em todas as regiões investigadas, também para nomear o brinquedo sem varetas (159/QSL/ALiB), figurando como a segunda mais produtiva no interior de São Paulo, atingindo valores percentuais superiores a 19% nesse universo geográfico (Gráfico 76).

Gráfico 76 – Produtividade da unidade lexical *pipa* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nota-se pelos dados do Gráfico 76 que a mesorregião de Itapetininga destacou-se em termos de número de ocorrências de *pipa*. Algumas das cidades pertencentes a essa mesorregião situam-se na fronteira com o Paraná. Situação similar ocorre na área de controle onde a produtividade de *pipa* é mantida, com percentual bastante próximo ao alçado no interior do estado de São Paulo (18%) e com registro nos estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná.

Ao considerar os dados nacionais oriundos das capitais já cartografados, na carta L21(CARDOSO *et al.*, 2014b p. 303), observa-se que *pipa* é a denominação

mais produtiva nas capitais brasileiras, para nomear o brinquedo de empinar sem varetas.

Na sequência, discute-se as denominações com produtividade mais restrita.

4.2.4.4.3 Unidades lexicais: *papagaio, aviãozinho, cartola, maranhão, balão, papa-vento, rabiola, sapim, cuica, arraia, jereco*

A unidade lexical *papagaio* foi a terceira resposta mais produtiva no estado de São Paulo para nomear o brinquedo de empinar sem varetas. Essa variante foi documentada com uma ocorrência na maioria das mesorregiões, exceto em Itapetininga e em Ribeirão Preto.

Além de produtivo no interior de São Paulo, o item lexical *papagaio* figurou como a resposta mais recorrente na área de controle com registros nos estados de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro.

A denominação *aviãozinho* para nomear o brinquedo de empinar sem varetas foi registrada apenas em algumas localidades do estado de São Paulo, situadas nas mesorregiões de: Bauru, Itapetininga, Litoral Sul Paulista, Presidente Prudente e Vale do Paraíba Paulista, distantes entre si. Todavia, examinando-se pontualmente os locais de ocorrências da variante, nota-se a concentração de *aviãozinho* na fronteira com o estado do Paraná, no extremo oeste e próximo ao litoral.

O item lexical *cartola* foi documentado em localidades pontuais do estado de São Paulo, entre elas os pertencentes à mesorregião de Ribeirão Preto onde ocorreu o maior percentual de registros.

O item lexical *maranhão* foi produtivo neste estudo e figurou em quatro mesorregiões do território paulista, como o nome do brinquedo de empinar sem varetas. As mesorregiões de São José do Rio Preto e Campinas registraram os maiores índices de produtividade.

Em relação à área de controle, a variante *maranhão* teve um registro na localidade de Poços de Caldas/MG (ponto 147).

Já a unidade lexical *balão* contou com seis ocorrências em três municípios do estado de São Paulo, pertencentes a mesorregiões distintas.

Na área de controle, houve três ocorrências da unidade lexical *balão* em Parati/RJ (ponto 206).

A denominação *papa-vento* foi pouco produtiva no interior do estado de São Paulo, sendo registrada apenas em duas localidades: Taubaté (ponto 175), com duas ocorrências, e Caraguatatuba (ponto 180) com uma ocorrência.

A unidade lexical *rabiola*, por sua vez, também situa-se entre as variantes menos produtivas, pois teve duas ocorrências no interior do estado de São Paulo, nas localidades de Adamantina (ponto 162) e Mogi Mirim (ponto 168), cidades situadas em regiões opostas e distantes entre si.

O ponto comum entre as duas ocorrências foi o fato de ambas terem sido fornecidas por informantes do sexo feminino, embora de faixas etárias distintas. Acredita-se que a menção a essa variante seja fruto do desconhecimento do nome do brinquedo, por parte das informantes, e por possível confusão quanto aos nomes das partes que compõe o brinquedo, no caso nomeando o todo pela parte (*rabiola*) num processo metonímico.

Já o item léxico *sapim* foi mencionado em Votuporanga (ponto 151) pelos informantes da faixa etária I, sendo única resposta por parte de um dos informantes. Considerando a recorrência da variante na mesma localidade entre falantes da mesma faixa etária, acredita-se que esse nome para o brinquedo possa ser de uso corrente entre habitantes dessa localidade.

Assim como o item lexical *sapim*, a unidade lexical *cuíca* foi fornecida como única resposta pelos informantes da faixa etária I, de Bauru (ponto 167). Há a possibilidade de essa denominação ser usada nessa localidade, pelas pessoas mais jovens, para nomear o brinquedo de empinar sem varetas 159/QSL/ALiB. Acredita-se, todavia, que o uso dessa variante em São Paulo decorra de influência da região Norte do Brasil, em virtude de processos migratórios, considerando-se que a carta L21a do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 305) demonstra a predominância da variante *curica* para nomear o mesmo brinquedo em todas as capitais da Região Norte.

A unidade lexical *arraia*, por seu turno, foi pouco produtiva no estado de São Paulo contando com apenas duas ocorrências. Porém, ultrapassa as fronteiras estaduais em direção ao estado do Rio de Janeiro, onde surge com três ocorrências nas localidades de Barra Mansa (ponto 205) e Parati (ponto 206).

A carta L21 do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 303) registra a variante *raia* como a mais produtiva na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, a unidade lexical *jereco*[363] foi fornecida apenas por dois informantes da área de controle, nas localidades de Itajubá/MG (ponto 149) e de Barra Mansa (ponto 205), fornecida por falantes da faixa etária I que indicaram *jereco* como única resposta para nomear o brinquedo em questão.

4.2.4.4.4 Outras denominações com ocorrência única

Ao grupo outras denominações com ocorrência única foram reunidas as seguintes variantes com a indicação dos dados do informante que mencionou cada uma delas:

Quadro 82 – Respostas únicas para a pergunta 159/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

Resposta única	Localidade – Ponto	Perfil do Informante
Pancheta	Araçatuba – ponto 156	Mulher, faixa etária I
Pexinha	Botucatu – ponto 171	Mulher, faixa etária I
Gamelão	Passos – ponto 140	Homem, faixa etária I

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com a consulta em outros trabalhos dialetais realizados no estado de São Paulo e nas áreas circunvizinhas, verificou-se o registro das seguintes variantes (Quadro 83).

Quadro 83 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Maranhão	Papagaio	pipa	Arraia	Papa-vento	Capucheta
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 079 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 293).	X	X	X			X
Falar Fluminense (SANTOS, 2016, p. 133).					X	X
Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em MG (D´Anunciação, 2016, p. 72).		X	X	X		

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos/atlas referenciados.

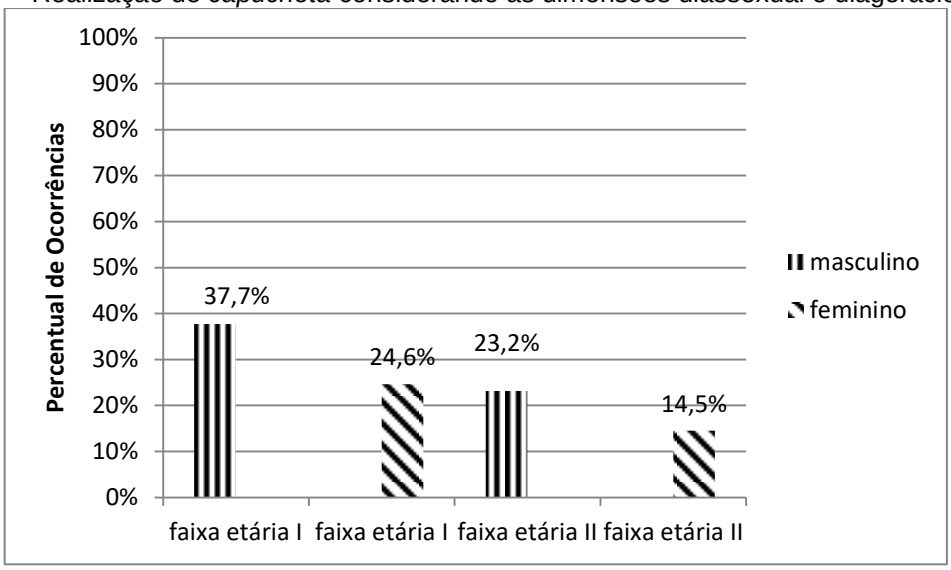
Ao verificar o Quadro 83, visualiza-se o baixo quantitativo de estudos que cartografaram os dados sobre a “capucheta”, porém ressalta-se que foram elencados apenas os trabalhos que, explicitamente, no texto da pergunta referem-se a “pipa sem varetas”.

[363] Considerando a carta L21c do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 309), foi registrado a variante *jereco* em Vitória/ES.

4.2.3.5 Denominações para “Capucheta” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

Considerando às dimensões diageracionais e diassexuais, nota-se que os registros de *capucheta* foram mais frequente entre falantes do sexo masculino, como atesta o Gráfico 77.

Gráfico 77 – Realização de *capucheta* considerando às dimensões diassexual e diageracional

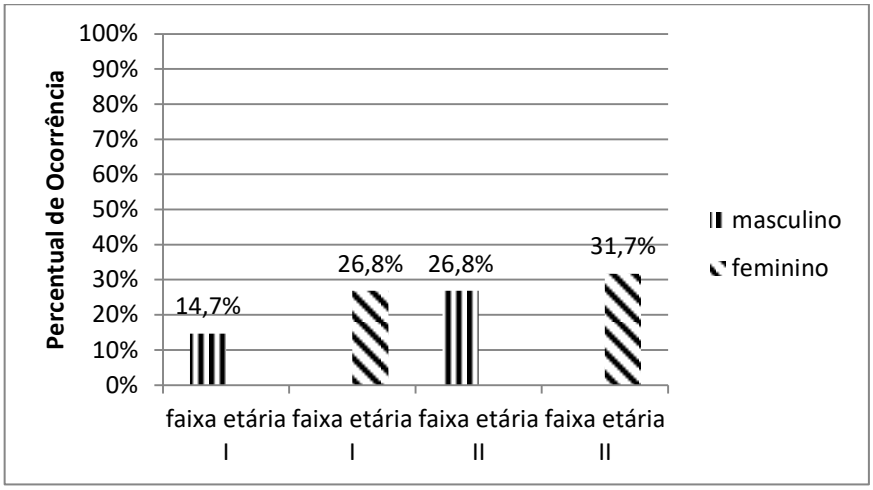


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Em se tratando das faixas etárias, o item lexical *capucheta* foi mais produtivo entre os informantes mais jovens, alçando 62% das ocorrências registradas nesse seguimento. Trata-se de uma variante própria do estado de São Paulo, pois também figura como a resposta mais produtiva na capital paulista, segundo a carta L21c do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b, p. 309).

De acordo com as características sociais, verifica-se que a maior produtividade de *pipa* ocorre entre informantes do sexo feminino (Gráfico 78).

Gráfico 78 – Realização de *pipa* considerando às dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Tendo em conta o fator idade, o item lexical *pipa* foi mais produtivo entre os falantes da faixa etária II, atingindo 58% das respostas.

Quanto às demais variantes, informa-se que: i) *papagaio* foi a resposta mais frequente entre as informantes do sexo feminino, sobressaindo-se entre os da faixa etária II; ii) *aviãozinho* é mais utilizada pelos informantes do sexo feminino e na faixa etária II; iii) *cartola* é mais frequente na fala do informante do sexo masculino; iv) *maranhão* com maior produtividade na faixa etária II.

A continuação, discutem-se os aspectos léxico-semânticos das variantes registradas a partir da pergunta 159/QSL/ALiB.

4.2.4.6 Análise léxico-semântica

Considerando que muitas unidades lexicais apontadas como nomes do brinquedo de empinar sem varetas também foram mencionadas como o nome do brinquedo de empinar com varetas, acepção em que estão dicionarizadas nas obras consultadas, nesta sessão da análise foram discutidos tão somente os itens lexicais mencionados como respostas do brinquedo correspondente à pergunta 159/QSL/ALiB. Assim, retoma-se a questão da dicionarização apenas das variantes *capucheta, rabiola, balão, arraia* (Quadro 84).

Cabe salientar que a unidade lexical *capucheta* não foi dicionarizada nas obras consultadas, mas, no dicionário informal,[364] foi definido como “pipa feita com

[364]Disponível em: <www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 20.set.2018.

jornal, sem varetas, apenas papel e linha", inclusive com registro de uso da variante em São Paulo.

Quadro 84 – Registro das unidades léxicas nos dicionários de língua portuguesa do século XX

Dicionários	Houaiss (2001)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Balão	"**artefato de papel fino e com formatos variados**, inflado pelo **ar** aquecido por uma ou mais buchas, e que se solta esp. no período das festas juninas."	**"Artefato de papel fino, de formas variadas, que se faz subir**, ger. nas festas juninas, por força do ar quente produzido em seu interior por buchas acesas."	"**Artefato de papel fino, colado de maneira que imita formas variadas, em geral de fabricação caseira**, o qual se lança ao ar durante as festas juninas, e que sobe por força do ar quente produzido em seu interior por buchas amarradas a uma ou mais bocas de arame."
Arraia/Raia	"Rubrica: ludologia. m.q. ***papagaio"***	"No bilhar, tacada que se dá bola do parceiro, por engano."	"Raia: Pista de corrida de cavalos, seja de gramas ou areia."
Rabiola	"substantivo feminino Regionalismo: **Rio de Janeiro**. 1. **rabo de papagaio**, **de papel**; rabilinha. 2. **papagaio com a cauda nesse formato**."	"**RJ Rabo de papel de papagaio ou pipa**. 2. **Papagaio ou pipa com esse rabo**."	"1. s.f Bras., **RJ Rabo de papagaio de papel**; rabilinha. 2. **Papagaio que tem rabo desse tipo**."

Fonte: Elaboração da autora com base nas obras referenciadas.

O Dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012) registra[365]: *cartola* com referência à culinária, *papa-vento* referindo-se a animal e, com a acepção de brinquedo, traz *arraia* e *papagaio*.

Ao tratar da unidade léxica *papagaio,* o dicionário informa sobre a origem do brinquedo e também lista alguns dos seus sinônimos: "papagaio de papel, coruja e arraia" (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 526).

No conjunto das unidades lexicais apuradas como nome do brinquedo de empinar é frequente a presença de formas zoomórficas, gerada pelo processo de zoomorfismo: "o emprego de formas, imagens, figurações de animais na arte, na literatura, na simbologia, etc".

Aplicando ao vocabulário dos brinquedos, observa-se o grande número de nomes que se relacionam aos animais, ou mesmo, acepções que fazem referências a esses seres vivos: *papagaio*, *sapim*[366]*, maranhão*, *aviãozinho* entre outras

[365] Há o registro da entrada: balão faceiro.
[366] A denominação não está registrada como entrada nos dicionários consultados.

denominações. O Quadro 85, a seguir, traz a dicionarização de algumas unidades léxicas que nomeiam ou fazem referência a algum animal.

Quadro 85 – Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam ou fazem referência a animais

Dicionários	Houaiss (2001)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Aviãozinho	"2. rubrica: entomologia. Regionalismo: São Paulo. mq **Libélula**"		
Maranhão	Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. m.q. ***flamingo*** (*Phoenicopterus ruber*)		Bras. V. **flamingo**. "o maranhão dorme ainda, em pé, no meio do brejo, com a cabeça metida embaixo da asa e uma das pernas encolhida" (José de Alencar, O sertanejo, p. 213).
Balão	Rubrica: ictiologia. m.q. ***peixe-agulha*** (*Hemiramphus brasiliensis*).		
Papa-vento	substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 1 Rubrica: herpetologia. m.q. 1 **camaleão** (*Iguana iguana*).2 Rubrica: entomologia. m.q. **libélula**	**(pa.pa-*ven*.to)** Bras. sm. **1.** Herp. Ver ***camaleão*** (*Iguana iguana*) **2.** Ent. Ver **libélula** [Pl.: papa-ventos.]	s.m. Bras. V **camaleão**.
Cuíca	mastozoologia.design. comum a diversos **marsupiais** da fam. dos didelfiídeos, esp. os menores, pertencentes aos gên. Marmosa, Gracilinanus e Philander, entre outros; chichica, jupati, quaiquica.	**2.** Zool. Denominação comum a diversos **marsupiais** da fam. dos didelfiídeos, semelhantes ao **gambá** mas sempre de menor porte.	s.f Bras. Designação comum às espécies de mamíferos **marsupiais** da família dos didelfídeos, gênero *Didelphis L*; exceto os **gambás**. Numerosas delas são desprovidas de bolsas **marsupiais** e muito semelhantes aos **ratos**, dos quais se diferem por terem acima de 12 dentes incisivos, ao passo que os roedores têm 12 no máximo (Sin. Jupati, quaiquica, Cf. catita).
Arraia/Raia	Rubrica: ludologia. m.q. ***papagaio***	Nome comum a vários **peixes** de forma achatada, com três barbatanas no rabo fino com um ferrão na ponta; **RAIA**.	
Peixinho	**Peixe** pequeno	Pequeno **peixe**.	

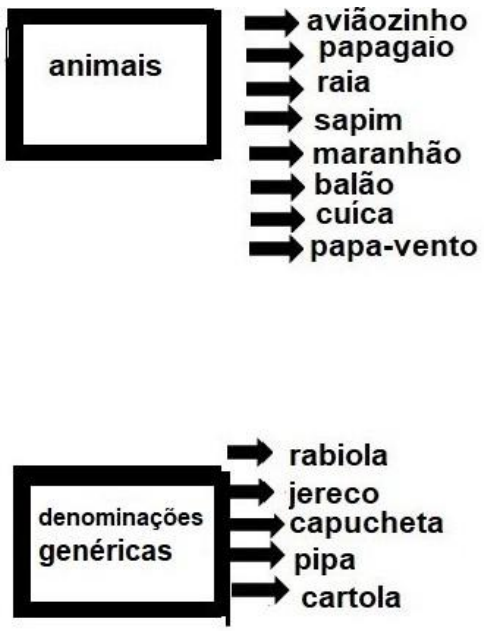
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados referenciados.

Há ainda casos de ocorrências únicas, como *peixinha* que também é uma referência ao animais, possivelmente relacionando-o com a *raia* (tipo de peixe), consequentemente, um processo de zoomorfização.

Já, *pancheta* não está dicionarizada e *gamelão* tem definição com acepção voltada para a área da música. Acredita-se que *pancheta* resulte da associação à *capucheta*, enquanto foi descrito pelo informante como “a pipa sem varetas” com acréscimo da informação de que o nome era usado na época da sua infância.

Em caráter de síntese, foram buscados, entre as variantes analisadas, os traços semânticos, as possíveis motivações e as relações de associação entre as variantes lexicais em exame com a devida associação ao brinquedo em causa. Com base nessas informações, foi efetuado o agrupamento das unidades léxicas documentadas segundo os campos lexicais *animais e denominações genéricas* (Figura 40).

Figura 40 – Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência, analisa-se o comentário fornecido pelo informante diferenciando a capucheta (sem vareta) e a pipa (com vareta):

> INF.- É pipa
> INQ.- Tem outro nome?
> INF.- Tem pipa, tem capucheta que eles falam né.
> INQ.- Tem diferença?
> INF.- Eu acho que sim né.
> INQ.- Porque tem um deles que é feito sem vareta.
> INF.- É, é a tar de capucheta né, que eles falam (Marília, ponto 166, informante do sexo feminino, faixa etária II)

4.2.4.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 159/QSL/ALiB

Considerando os dados lexicais analisados, é possível verificar que:

i) A variante lexical *capucheta* foi documentada em todas as regiões do estado de São Paulo, a par de outras denominações, em sua maioria, de formas zoomórficas, como é o caso de *papagaio, arraia, maranhão, papa-vento*, dentre outros.

ii) A denominação *capucheta* é uma marca dialetal na linguagem paulista ao comparar aos dados já cartografados no atlas nacional (CARDOSO et al, 2014b).

iii) A questão apresentou um alto percentual de dificuldades do informante tanto no que diz respeito à denominação dos dois brinquedos (pipa com e sem varetas) quanto no estabelecimento das diferenças entre ambos.

4.2.5 Gangorra

4.2.5.1 Gangorra: o brinquedo

O brinquedo descrito na pergunta 165/QSL/ALiB “Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce”? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35) é conhecido popularmente como *gangorra.* Em termos de origem, a “gangorra” também é considerado um tipo de divertimento que remonta à Grécia Antiga. Segundo Moraes (2013), "era usada no galho de uma árvore onde as crianças passavam a corda por um tipo de roldana e segurava em suas extremidades, forçando, com o peso a subida e a descida. Foi adaptada ao solo com apoio central"[367].

A Figura 41 traz o dezenho de duas crianças em uma gangorra.

Figura 41 – Gangorra[368]

Fonte: Colorir Gratis (2018).

A etapa de coleta de dados realizada diretamente dos áudios dos inquéritos, demonstrou ser a pergunta 165/QSL/ALiB bastante produtiva e com baixo número de abstenção de respostas.

4.2.5.2 Gangorra: os nomes do brinquedo

A consulta aos áudios relativos aos 148 inquéritos do interior do estado de São Paulo e aos 40 da área de controle resultou no registro de doze variantes que

[367] Informação Disponível em: <(http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_hist_pdp_salete_sonaglio_moraes.pdf)>. Acesso em: 25.fev.2018.

[368] Disponível em: <https://img1.colorirgratis.com/recomenats/49ac3274a34f9-p.gif>. Acesso em 25.fev.2018.

somaram 182 ocorrências. Muitos dos registros se configuram como variação fonética, como mostram os dados da Tabela 23, na sequência.

Tabela 23 – Denominações para “gangorra” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	**Área de Controle**	**Total**	
Gangorra	86,7%	72,1%	156	83,5%
Balanço	3,3%	9,3%	9	4,64%
Gongorra	2,0%		3	1,55%
Balango	1,3%		2	1,03%
Balança	0,7%	2,3%	2	1,03%
Chico-lorê	0,7%		1	0,52%
Canguru	0,7%		1	0,52%
Cangorra	0,7%		1	0,52%
Balancin		2,3%	1	0,52%
Sobe e desce		2,3%	1	0,52%
Barquinho		2,3%	1	0,52%
Cavalinho de pau		2,3%	1	0,52%
Não respostas	4,0%	7,0%	9	4,64%
Total	100%	100%	191	100%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

As informações expressas na Tabela 23 apontam para o alto número de variantes fonéticas, razão pela qual, para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que obedeceram a critérios fonéticos e lexicais, o que resultou em três agrupamentos e cinco variantes agrupadas no tópico outras denominações com ocorrências únicas (Quadro 86).

Quadro 86 – Agrupamento de variantes que nomeiam “uma uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, outra desce”

Variantes lexicais	**Itens agrupados**
Gangorra	Gangorra, gongorra, cangorra
Balanço	Balanço, balança, balancin
Balango	Balango
Outras denominações com ocorrências únicas	Chico-lorê, canguru, sobe e desce, barquinho, cavalo de pau.

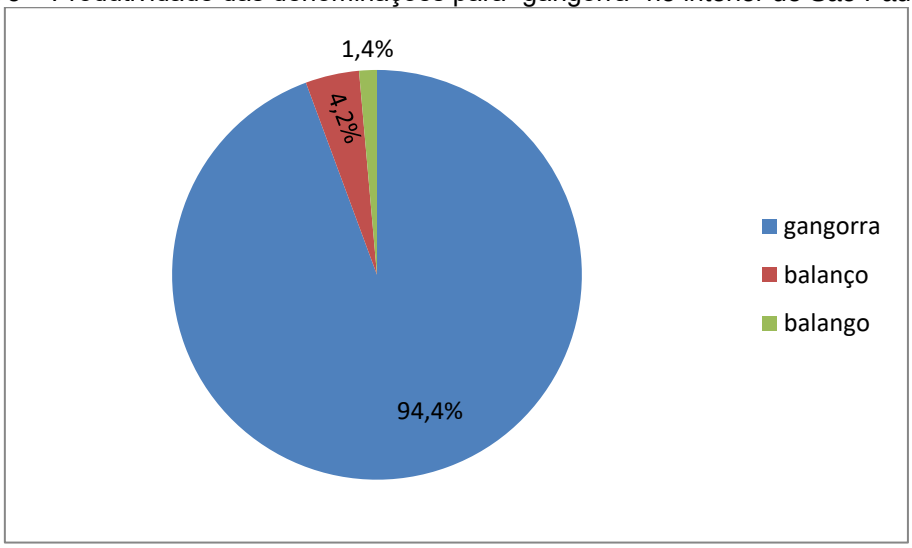
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A carta 12a relativa aos dados lexicais documentados por meio da pergunta 165/QSL/ALiB mostra a distribuição diatópica das unidades lexicais mais produtivas que nomeiam o brinquedo em foco no interior do estado de São Paulo.

4.2.5.3 Produtividade das variantes

Considerando os dados obtidos para a pergunta 165/QSL/ALiB, verifica-se que *gangorra* é a variante mais produtiva no estado de São Paulo (Gráfico 79).

Gráfico 79 – Produtividade das denominações para “gangorra” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados do Gráfico 79 evidenciam a visível preferência dos informantes do interior de São Paulo pela unidade lexical *gangorra* (94,4%), seguida pela baixa produtividade das variantes *balanço* (4,2 %) e *balango* (1,40%).

A Tabela 24 informa a produtividade das três variantes em estudo, segundo a mesorregião paulista.

Tabela 24 – Produtividade das denominações para “gangorra”, segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo

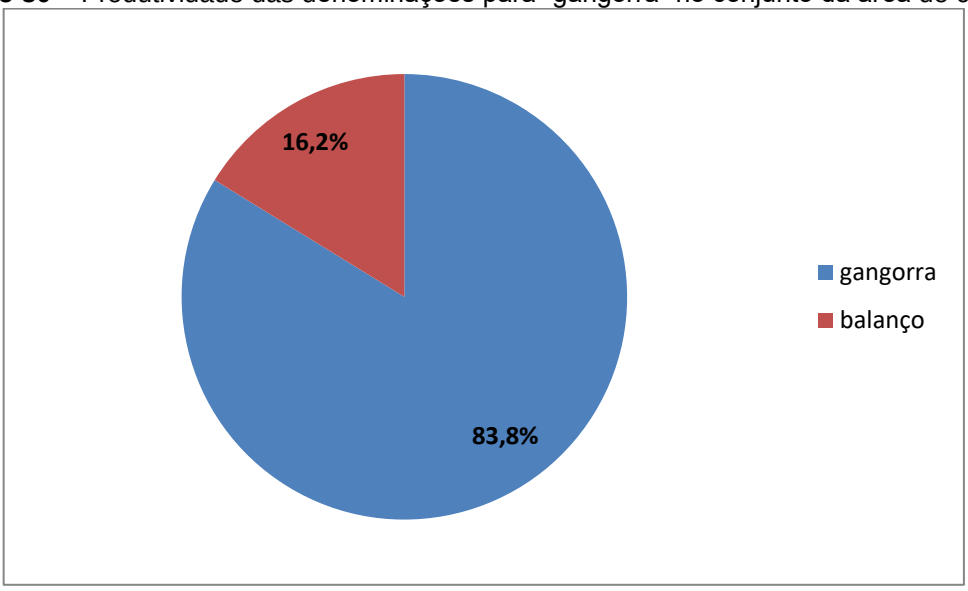
VARIANTES	Gangorra (%)	Balanço (%)	Balango (%)
Araçatuba	4,2	16,7	0,0
Araraquara	4,9	0,0	0,0
Assis	4,9	0,0	50,0
Bauru	7,0	0,0	50,0
Campinas	8,5	0,0	0,0
Itapetininga	9,2	33,3	0,0
Litoral Sul Paulista	7,0	0,0	0,0
Macrometropolitana Paulista	4,9	16,7	0,0
Marília	2,8	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	8,5	0,0	0,0
Piracicaba	2,8	0,0	0,0
Presidente Prudente	11,3	0,0	0,0
Ribeirão Preto	7,7	16,7	0,0
São José do Rio Preto	7,7	16,7	0,0
Vale do Paraíba Paulista	8,5	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

No que tange ao território paulista, os maiores percentuais de ocorrência estão localizados nas mesorregiões de Presidente Prudente (gangorra), de Itapetininga (balanço) e com produtividade semelhante em Bauru e em Assis (balango).

Quanto à área de controle, não houve mudança significativa no quadro, já que *gangorra* aparece como resposta mais produtiva, seguida de *balanço*. A única diferença é a ausência de *balango*. O Gráfico 80, na sequência, demonstra os valores percentuais das duas unidades lexicais.

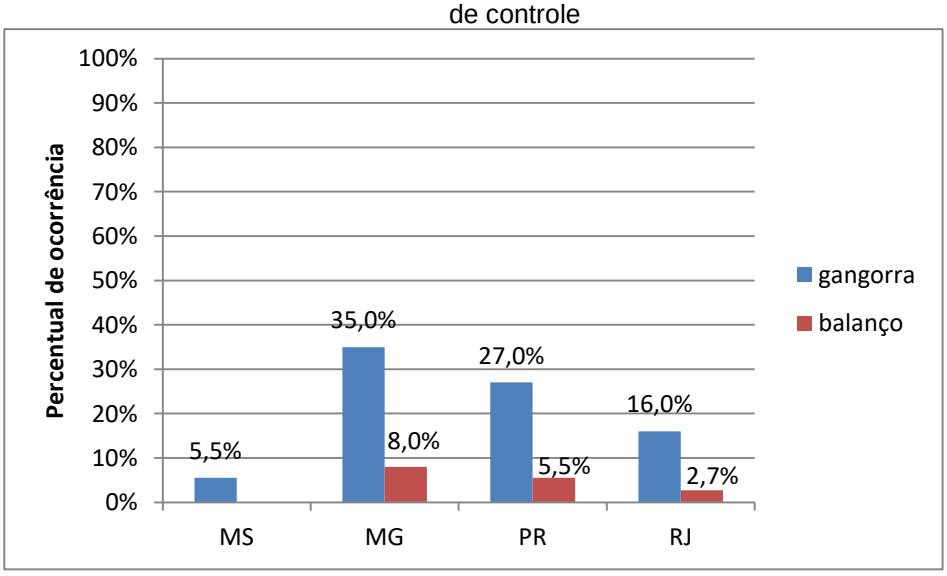
Gráfico 80 – Produtividade das denominações para “gangorra” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao considerar os dados específicos de cada estado, confirma-se a predominância de *gangorra* em todos eles (Gráfico 81). Porém, alerta-se que dois informantes não forneceram resposta para a questão 165/QSL/ALiB em Mato Grosso do Sul e em Adrianópolis/PR.

Gráfico 81 – Produtividade das denominações para “gangorra” segundo a unidade da federação/área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nas cartas 12a e 12b verifica-se a distribuição diatópica das variantes no interior de São Paulo e na área de controle.

Carta 12a – Denominações para “gangorra” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 165 –“Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? Mímica.

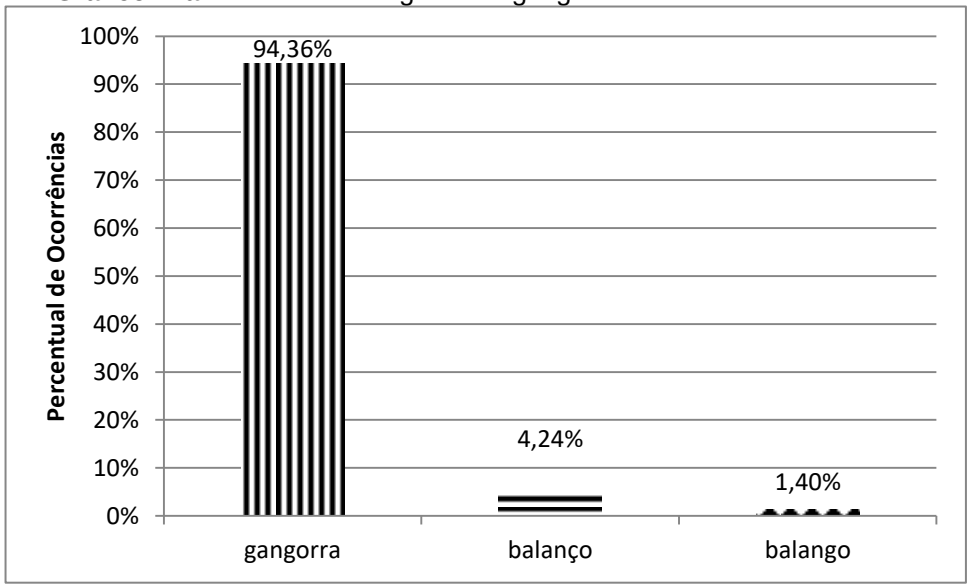
Denominações com ocorrência única: canguru (Capão Bonito-ponto 182, informante do sexo feminino, faixa etária I) e chico-lorê (Itapetininga -ponto 177, informante do sexo masculino, faixa etária II).

Comentários sobre dados cartografados:

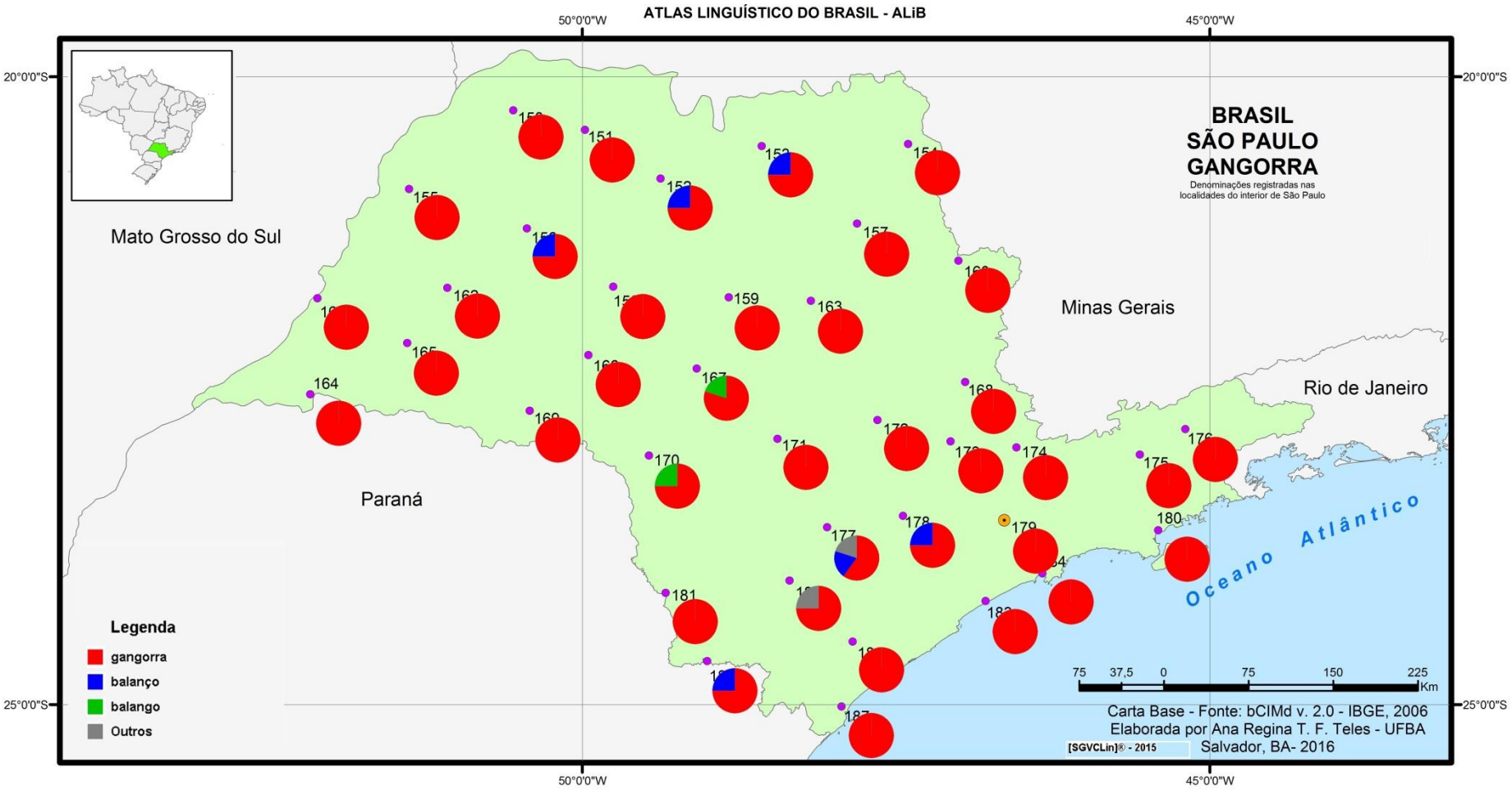
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Balanço: balanço, balança, balancin.
Balango: balango.
Gangorra: gangorra, gongorra, cangorra.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 12a – Produtividade geral de “gangorra” no estado de São Paulo



Carta 12a – Denominações para “gangorra” no estado de São Paulo



“Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?” - 165/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 12b – Denominações para “gangorra” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 165 –“Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?” Mímica.

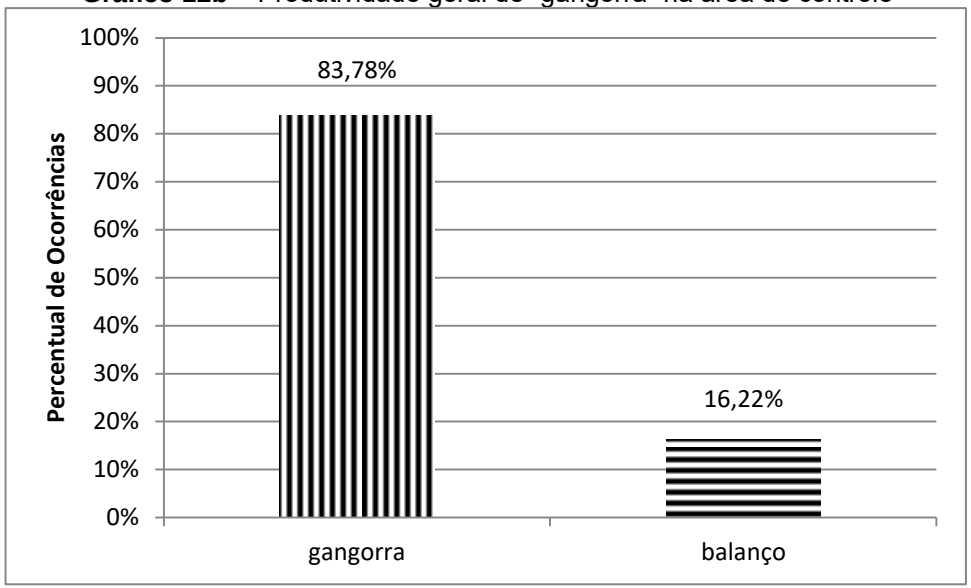
Denominações com ocorrência única: sobe e desce (Barra Mansa - ponto 205, informante do sexo feminino, faixa etária I), barquinho (Barra Mansa - ponto 205, informante do sexo feminino, faixa etária II) e cavalinho de pau (Barra Mansa - ponto 205, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Comentários sobre dados cartografados:
INF. É gangorra. INQ. Esse também não tem outro nome ai? INF. Num tem, tem balanço, né, mai gangorra, balanço é uma coisa e gangorra é ota, né (Assis, ponto 169, informante do sexo masculino, faixa etária II).

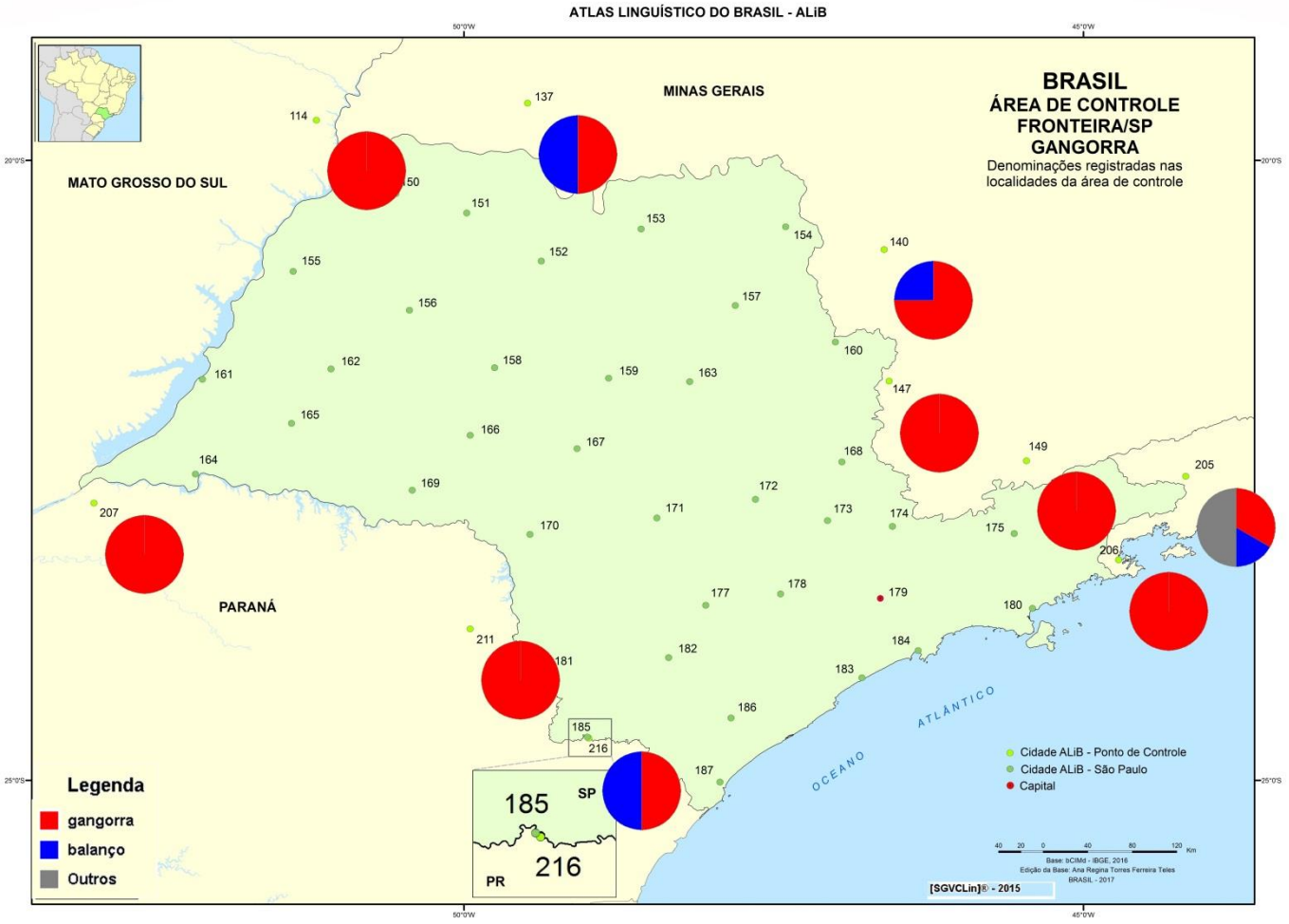
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Balanço: balanço, balança, balancin.
Balango: balango.
Gangorra: gangorra, gongorra, cangorra.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 12b – Produtividade geral de “gangorra” na área de controle



Carta 12b – Denominações para “gangorra” na área de controle



“Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?” - 165/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

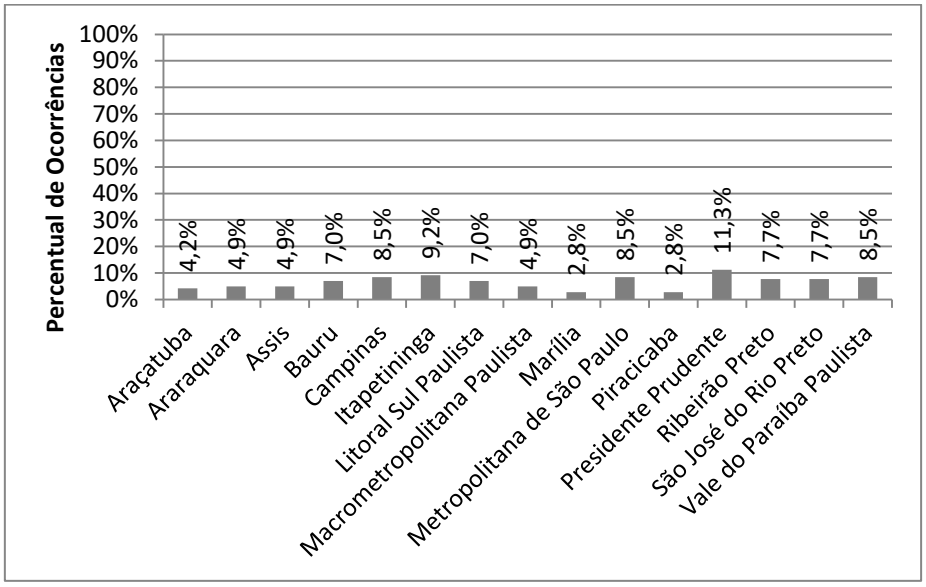
4.2.5.4 Análise diatópica das denominações para “gangorra”

A seguir, são discutidos aspectos diatópicos relacionados a cada uma das variantes obtidas, iniciando pela unidade lexical *gangorra*.

4.2.5.4.1 Unidade lexical: *gangorra*

Como já demonstrado, a unidade lexical *gangorra* foi a mais produtiva como nome do brinquedo descrito na pergunta 165/QSL/ALiB e foi mencionada por falantes de ambos os sexos e faixas etárias. Essa variante foi apurada em todos os pontos de inquéritos, figurando em várias regiões do estado de São Paulo, como atesta o Gráfico 82:

Gráfico 82 – Produtividade da unidade lexical *gangorra* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

As mesorregiões de Presidente Prudente e de Itapetininga reuniram o maior índice de ocorrências em relação às demais mesorregiões do estado de São Paulo. Por seu turno, na área de controle, a variante *gangorra* foi citada em todos os pontos linguísticos.

A seguir, discutem-se os dados relativos à denominação *balanço.*

4.2.5.4.2 Unidade lexical: *balanço*

O item lexical *balanço,* como já assinalado*,* não foi muito produtivo computando um percentual de 7,40% no total das ocorrências. Consequentemente,

a variante foi fornecida como resposta em apenas algumas localidades pertencentes às mesorregiões paulistas de Itapetininga (duas ocorrências) e de Araçatuba, Macrometropolitana de São Paulo, Ribeirão Preto e de São José de Rio Preto (uma ocorrência).

No que concerne à área de controle, *balanço* figura como resposta de informantes nos pontos linguísticos de Campina Verde (137), Passos (140), Barra Mansa (205) e Adrianópolis (216), sendo que na cidade paranaense foi apresentada como resposta por dois informantes. A seguir, são apresentados alguns aspectos relacionados ao item lexical *balango,* para posterior conclusão conjunta da análise de ambas as variantes.

4.2.5.4.3 Unidade Lexical: *balango*

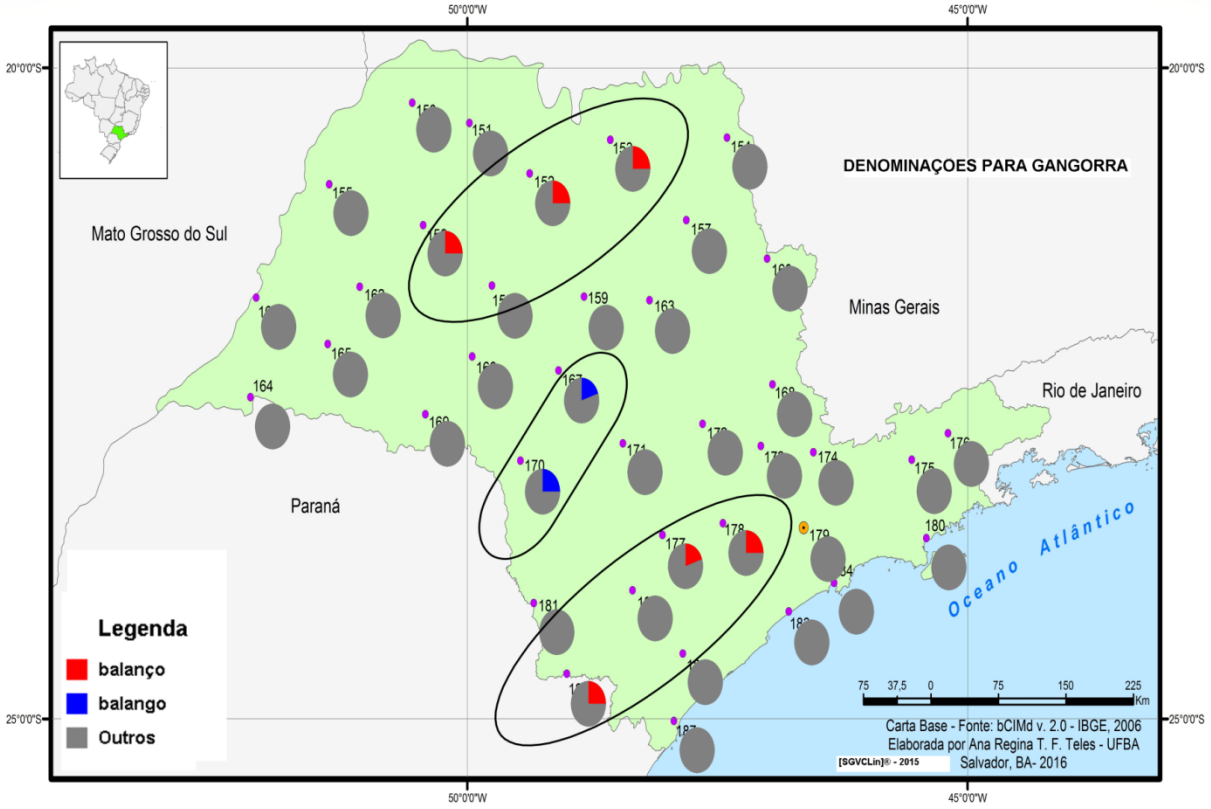
A unidade lexical *balango*[369] foi registrada em Bauru (167) e em Bernardino de Campos (170), com uma ocorrência em cada localidade, tendo sido citada como resposta única pelos entrevistados pertencentes a faixa etária II, do sexo masculino.

Comparando-se os registros das variantes *balanço* e *balango*, nota-se que o item lexical *balanço* está mais concentrado em duas regiões do estado de São Paulo: noroeste em direção as Minas Gerais e numa região próxima ao sudeste do estado*,* em direção ao Paraná. Já a variante *balango* ocorreu em uma região relativamente próxima à fronteira com o estado do Paraná, em municípios vizinhos.

Considerando essas informações, é possível propor uma isoléxica identificando as áreas em que as referidas denominações foram mencionadas como resposta para a pergunta 165/QSL/ALiB: “Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, outra desce”? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35). Veja a Figura 42:

[369] Neste particular, as respostas *balango* e *balanço* foram agrupadas.

Figura 42 – Demarcação de subárea dialetal do *balanço* e do *balango* como respostas para a questão 165/QSL/ALiB



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

As localidades em que ocorre a denominação *balanço*, possivelmente, sinalizem um caminho percorrido. No que se refere às localidades mais ao sul, provavelmente faça alusão aos caminhos dos tropeiros. Enquanto os pontos linguísticos na divisa com Minas Gerais, podem marcar rota de passagem ou de processos de povoamento.

Já o registro *balango*, pode se reportar a momentos históricos das localidades, Bauru e Bernardino de Campos, por exemplo, que possuiam estação ferroviária, sendo Bauru, um importante ponto de irradiação da estrada para outros trajetos. Não há como afirmar com segurança, mas sim aventar a hipótese da influência de ferroviários ou de pessoas externas à localidade no léxico do grupo.

4.2.5.4.4 Outras denominações com ocorrência única

Os casos de ocorrências únicas foram indicadas no Quadro 87, a continuação, que informa a localidade/número do ponto e o perfil do informante que a citou.

Quadro 87 – Respostas únicas para a pergunta 165/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

Resposta única	Localidade – Ponto	Perfil do Informante
Chico-lorê	Itapetininga – ponto 177	Homem, faixa etária II
Canguru	Capão Bonito – ponto 182	Mulher, faixa etária I
Sobe e desce	Barra Mansa – ponto 205	Homem, faixa etária I
Barquinho	Barra Mansa – ponto 205	Mulher, faixa etária II
Cavalo de pau	Barra Mansa – ponto 205	Mulher, faixa etária II

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados cartografados para “gangorra” em outros trabalhos na área investigada, produz-se o Quadro 88 que sintetiza as variantes registradas.

Quadro 88 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	gangorra	Balanço	balango	Sobe e desce
Atlas Linguístico do Paraná I – carta 92 (AGUILERA, 1994, p. 207).	X	X		
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 085 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 305).	X			
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 170).	X	X	X	X
Atlas Linguístico da Região Sul – carta 310 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011), 2011, p. 713).	X	X	X	

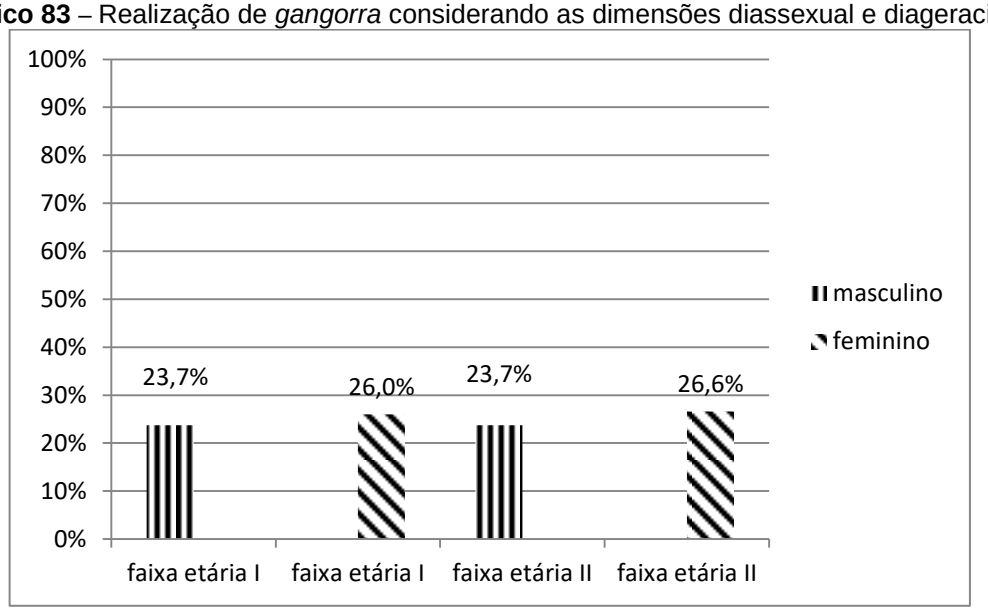
Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos/atlas referenciados.

Ao observar o Quadro 88, nota-se que *gangorra* é a variante mais produtiva para nomear “uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce”. Além disso, verifica-se a recorrência em indicar a variante *balanço* para nomear a “gangorra” em outros trabalhos dialetais já realizados.

4.2.5.5 Denominações para “gangorra” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

No que tange à variação diassexual e diageracional, verifica-se que a unidade lexical *gangorra* alçou valores percentuais muito próximos nos dois aspectos sociais considerados, à medida que houve equilíbrio entre o percentual obtido pela variante entre homens e mulheres, com predomínio entre as últimas (Gráfico 83).

Gráfico 83 – Realização de *gangorra* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Já quanto à segunda denominação mais produtiva, *balanço* foi mais utilizada na fala dos informantes mais jovens e do sexo masculino enquanto *balango* só foi registrada na fala do informante do sexo masculino, da faixa etária II.

Em relação às denominações com ocorrências únicas, a maior produtividade foi documentada entre os informantes de faixa etária II e do sexo feminino.

A seguir, discutem-se os aspectos léxico-semânticos relacionados às variantes em exame.

4.2.5.6 Análise léxico-semântica

Ao consultar as obras lexicográficas selecionadas para este estudo, nota-se que algumas das unidades léxicas em análise não estão dicionarizadas ou não estão com definição correspondente ao objeto solicitado na questão 165/QSL/ALiB. Salienta-se que nos dicionários antigos, como Silva Pinto (1832) e Silva (1813) consta a entrada balançar, porém com a acepção de movimento, agitação. Conceito que se distância da pergunta analisada.

A pesquisa aos dicionários contemporâneos, identificou a dicionarização das variantes *gangorra* e *balanço,* conforme o Quadro 89.

Quadro 89 – Dicionarização das unidades léxicas nos dicionários de língua portuguesa do século XX

Dicionários	Houaiss (2001)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Gangorra	"s.f.(1572) B 1 **LUD** prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que **duas crianças, cada qual sentada numa das suas extremidades**, **impulsionam para o alto pela pressao dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto.** 2 **LUD** esse divertimento".	"sf.1. **Brinquedo constituído de uma prancha firmada numa base central de ajustamento oscilante, de modo que duas pessoas, ger. crianças, podem sentar-se em cada uma das extremidades e lhe imprimir movimentos alternados de baixo para cima e vice-versa**".	"s.f Brasil 1. Aparelho para diversão infantil: **uma tábua apoiada num espigão, sobre o qual gira horizontalmente, ou oscila, ocorrendo que neste caso as crianças montam as extremidades, que sobem e descem alternadamente**; arre-burrinho, burrica, coximpim, jangalamarte, jangalamaste, joão-galamarte, zangaburrinha, zangaburrinho".
Balanço	"p. ext. **qualquer dos brinquedos ou aparelhos de diversão que servem para balançar**".	"1. Ação ou resultado de **balançar(-se).** 2. **Movimento alternativo em sentidos opostos**".	"Ato ou efeito de **balançar**. * Designação genérica dos **aparelhos ou brinquedos que servem para as crianças se balançarem**; balouço".

Fonte: Elaboração da autora com base nos dicionários citados.

Os dicionários contemporâneos não registram a unidade lexical *balango*, apenas o verbo *balangar*: "verbo transitivo direto, intransitivo e pronominal balangar: **pôr(-se) em balanço; balançar**[370]**"** (HOUAISS, 2001). Nas demais obras selecionadas, também não há registro da denominação *balango.*

A unidade léxica *gangorra* consta na obra de Cunha (1986) com "sf. 'Orig. tipo primitivo de engenho de cana-de-açúcar' '**aparelho para divertimento infantil, que consiste numa tábua apoiada num espigão, sobre o qual gira horizontalmente' XVI. De origem obscura**".

Entre as outras denominações, apenas *cavalo*, *canguru* e *chico* figuram na obra de Cunha (1986), mas nenhuma acepção faz referência a qualquer tipo de brinquedo. As demais variantes não estão dicionarizadas.

Dentre as variantes com ocorrência única, ao menos uma delas parece ser relacionada ao brinquedo em questão: ***sobe e desce,* pois descreve o movimento realizado pelo brinquedo infantil**. Outra possibilidade é que a resposta seja motivada pela própria pergunta que expressa essa ação. Considerando a possível motivação da pergunta, a variante *barquinho* **parece ter resultado da mesma**

[370] Balança apresenta várias acepções sendo que uma delas faz referência a "ato ou efeito de balançar".

associação, pois o barco sobe e desce quando em movimento nas águas do mar/rio.

Já com relação à variante *chico-lorê,* a explicação do informante não fornece pista para a causa da nomeação, ele apenas assegura que esse é um dos nomes usados para nomear o brinquedo:

> INF. É... aqui eles fala de... gangorra...
> INQ. E aquele que fica pendurado, assim...
> INF. É... gangorra, é... chico lorê eles falam.
> INQ. Como?
> INF. Chico-lorê
> INQ. Chico-lorê?
> INF. Que balança.
> INQ. Fica assim? Uma sobe a outra desce?
> INF. Isso.
> INQ. Chico-lorê (Itapetininga - Ponto 177/ informante do sexo masculino, faixa etária II).

A seguir, são registrados alguns comentários dos informantes sobre o uso e o comportamento das variantes analisadas, destacam-se, sobretudo, fragmentos que marcam a diferença ou a semelhança entre os brinquedos "gangorra" e "balanço".

i) O informante diferencia os dois brinquedos:

> INF.- É gangorra.
> INQ.- Esse também não tem outro nome aqui?
> INF.- Num tem, tem balanço, né? Mai gangorra, balanço é uma coisa e gangorra é ota, né? (Assis - Ponto 169, informante do sexo masculino, faixa etária II).

ii) O informante argumenta que os dois brinquedos recebem o mesmo nome[371]:

> INQ.- E essa outra que é presa a tábua aqui e uma criança senta aqui, fica um pra cá, sobe e desce assim, olha.
> INF.- Esse aí chama balanço.
> INQ.- As duas têm o mesmo nome?
> INF.- É, tem, é o memo nome as duas (Araçatuba – Ponto 165, informante do sexo masculino, faixa etária I).

4.2.5.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 165/QSL/ALiB

De acordo com os dados expostos no decorrer da análise da pergunta selecionada, foi possível notar que:

[371] Após a realização da pergunta 165 e 166, o inquiridor reformula novamente a pergunta com o objetivo de confirmar a resposta do informante.

i) A variante *gangorra* foi a mais produtiva neste estudo, seguida por larga distância de *balanço* e *balango*.

ii) A unidade lexical *gangorra* está propagada por toda a área investigada e foi documentada nos trabalhos dialetais/atlas produzidos no estado de São Paulo e/ou nas áreas circunvizinhas.

iii) O item lexical *balanço* foi utilizado para nomear a "gangorra" em algumas localidades investigadas. Essa tendência também foi registrada em outros atlas/trabalhos dialetais com dados coletados na área pesquisada.

iv) As ocorrências únicas, em sua maioria, foram justificadas por parte do informante, ou ainda, acredita-se que tenha sido fornecida como resposta por algum tipo de analogia, como é o caso de *sobe e desce* e *barquinho*.

v) O brinquedo é bastante comum e próximo da realidade dos informantes e das crianças. Essa afirmação se apoia no baixo número de não respostas, nas poucas variantes documentadas e, também, nos comentários fornecidos pelos informantes. Além disso, o brinquedo pode ser visto, com frequência, ainda hoje nos parques públicos/ particulares.

4.2.6 Balanço

4.2.6.1 Balanço: o brinquedo

O brinquedo contemplado pela pergunta 166/QSL/ALiB “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35) é conhecida popularmente como “balanço” e pode ser visualizado pela Figura 43:

Figura 43 – Balanço[372]

Fonte: Blogspot (2018)

A pergunta em questão motivou o registro de várias denominações, dentre elas, *balanço*, a mais produtiva como nomeação desse brinquedo ainda muito comum em parques infantis.

4.2.6.2 Balanço: os nomes do brinquedo

Ao examinar os dados referentes aos 148 inquéritos do projeto ALiB no interior do estado de São Paulo e, também, aos circunscritos à área de controle (40 pontos linguísticos) quanto à nomeação do brinquedo descrito na pergunta em

[372]Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-YOmnFC61YJo/TrmyvMR330I/AAAAAAAAEyw/f8AOdLqesMw/s1600/DESENHO%2BDE%2BBALAN%25C3%2587O%2BPARA%2BPINTAR.jpg.> Acesso em: 08. fev. 2018.

análise foram computadas treze variantes, num universo de 204 ocorrências. A Tabela 25 reúne os dados brutos apurados.

Tabela 25 – Denominações para “balanço” nas localidades investigadas

	Interior de São Paulo	**Área de Controle**	**Total**	
Balança	18,9%	4,4%	32	15,7%
Balanço	57,2%	75,6%	125	61,3%
Balançador	1,9%		3	1,5%
Balancê	1,9%		3	1,5%
Balancinho	0,6%		1	0,5%
Balango	15,7%	8,9%	29	14,2%
Barquinha	0,6%		1	0,5%
Rede	1,3%		2	1,0%
Beló	1,3%		2	1,0%
Cavalinho	0,6%		1	0,5%
Gangorra		6,7%	3	1,5%
Brincar de balançar		2,2%	1	0,5%
Cangem		2,2%	1	0,5%
Total	100,0%	100,0%	204	100,0%

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados apurados por meio da pergunta 166/QSL/ALiB, a exemplo dos relativos às demais perguntas, reúnem variantes fonéticas de um mesmo item lexical. Assim, para fins de tabulação dos dados algumas respostas foram agrupadas à forma de língua. Excetuam-se algumas formas que foram mantidas como variante, por se entender que podem representar dado significativo considerando as localidades em que foram mencionadas e/ou as pessoas que as citaram. Desse modo, computaram-se seis variantes lexicais e três respostas que tiveram ocorrência única, como o registrado no Quadro 90.

Quadro 90 – Agrupamento de variantes que nomeiam “uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás”

Variantes lexicais	Itens agrupados
Balanço	Balanço, balança,balancê, balancinho
Balango	Balango
Balançador	Balançador, brincar de balançar
Gangorra	Gangorra
Rede	Rede
Beló	Belo
Outras denominações com ocorrências únicas	Barquinha, cangem, cavalinho

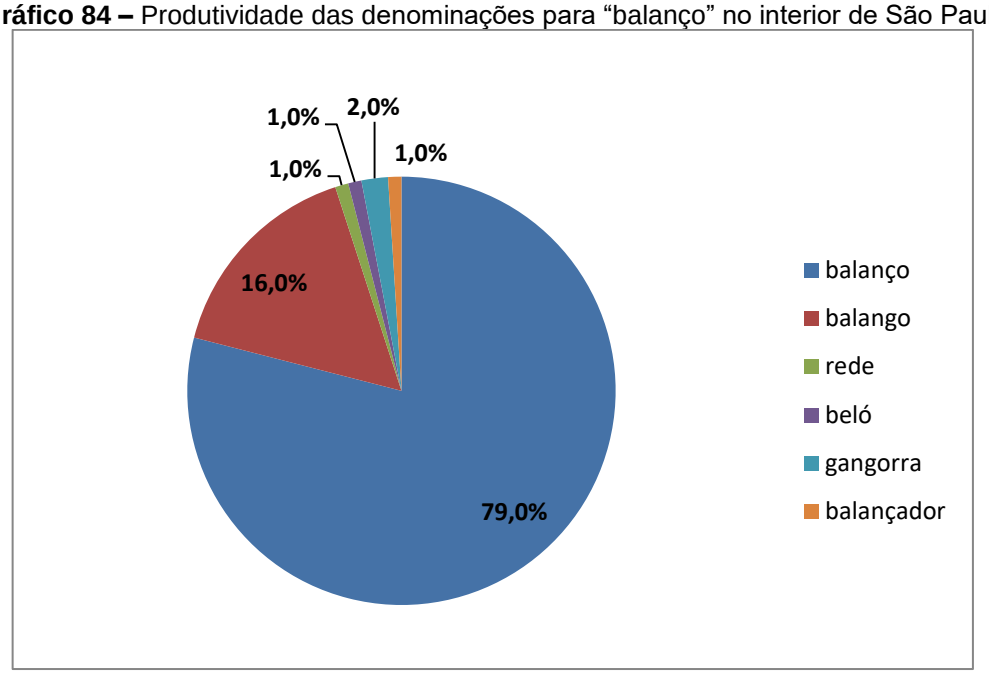
Fonte: Elaboração da autora da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na sequência, discute-se a produtividade das variantes registradas.

4.2.6.3 Produtividade das variantes

Considerando o interior do estado de São Paulo, a variante *balanço* foi a mais produtiva, atingindo 79% das ocorrências. Na sequência, o Gráfico 84 indica as denominações analisadas e seus respectivos percentuais de ocorrência, conforme as respostas válidas para a questão 166/QSL/ALiB nos pontos do interior do estado de São Paulo.

Gráfico 84 – Produtividade das denominações para “balanço” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados do Gráfico 84, evidenciam a expressiva produtividade da unidade lexical *balanço* no interior de São Paulo (79%), seguida com larga diferença de

balango (16%). Quanto às demais variantes, os valores percentuais são bastante próximos e igualmente baixos.

Em relação ao interior do estado de São Paulo, as variantes documentadas estão assim distribuídas conforme a produtividade (Tabela 26).

Tabela 26 – Produtividade das denominações para "balanço" segundo as mesorregiões administrativas do IBGE no estado de São Paulo

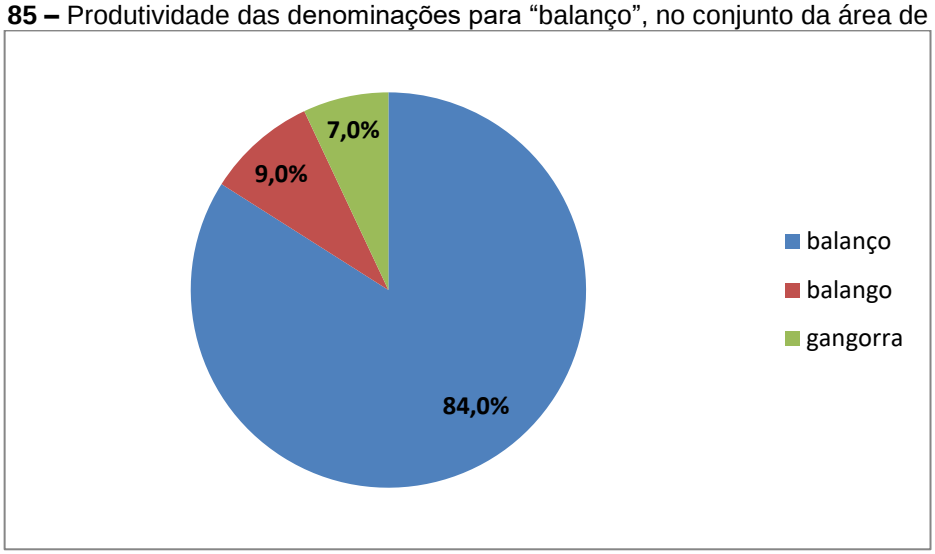
VARIANTES	Balanço (%)	Balango (%)	Rede (%)	Beló (%)	Balançador (%)
Araçatuba	1,5	24,0	0,0	0,0	0,0
Araraquara	4,5	16,0	0,0	0,0	0,0
Assis	4,5	12,0	0,0	0,0	0,0
Bauru	8,2	4,0	0,0	0,0	0,0
Campinas	9,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Itapetininga	11,2	0,0	100,0	100,0	0,0
Litoral Sul Paulista	6,7	0,0	0,0	0,0	100
Macrometropolitana Paulista	6,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marília	2,2	8,0	0,0	0,0	0,0
Metropolitana de São Paulo	9,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Piracicaba	3,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Presidente Prudente	9,0	16,0	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	9,0	0,0	0,0	0,0	0,0
São José do Rio Preto	6,7	20,0	0,0	0,0	0,0
Vale do Paraíba Paulista	9,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração da autora com nos dados do Projeto ALiB.

Conforme a Tabela 26, os maiores percentuais de ocorrência estão distribuídos nas mesorregiões de Itapetininga (*balanço, rede e beló*), de São José do Rio Preto (*balango*) e no Litoral Sul Paulista (*balançador*).

Já se tratando da área de controle, o traço diferenciador recaiu, em termos de produtividade, sobre *gangorra,* uma das variantes apuradas por meio da pergunta 165/QSL/ALiB, como atesta o Gráfico 85, na sequência.

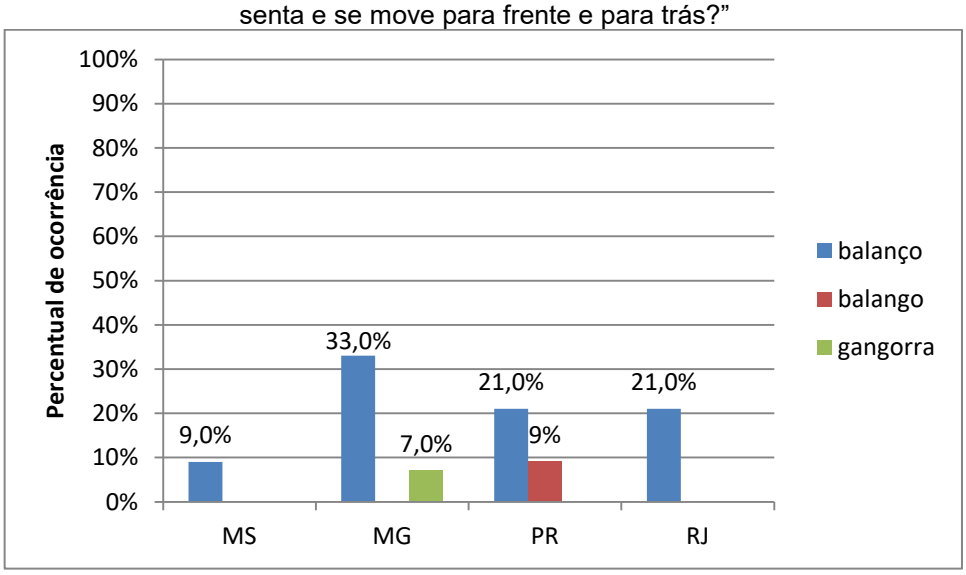
Gráfico 85 – Produtividade das denominações para “balanço”, no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observando os dados específicos de cada estado, a supremacia de *balanço* é mantida em todos eles, concorrendo, no Paraná, com *balango* e, em Minas Gerais, com *gangorra* (Gráfico 86).

Gráfico 86 – Denominações para “uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?”



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

As cartas 13a e 13b indicam a distribuição diatópica das quatro denominações mais produtivas para “balanço”, no interior de São Paulo e na área de controle.

Carta 13a – Denominações para “balanço” no estado de São Paulo – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 166 – “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” Mímica

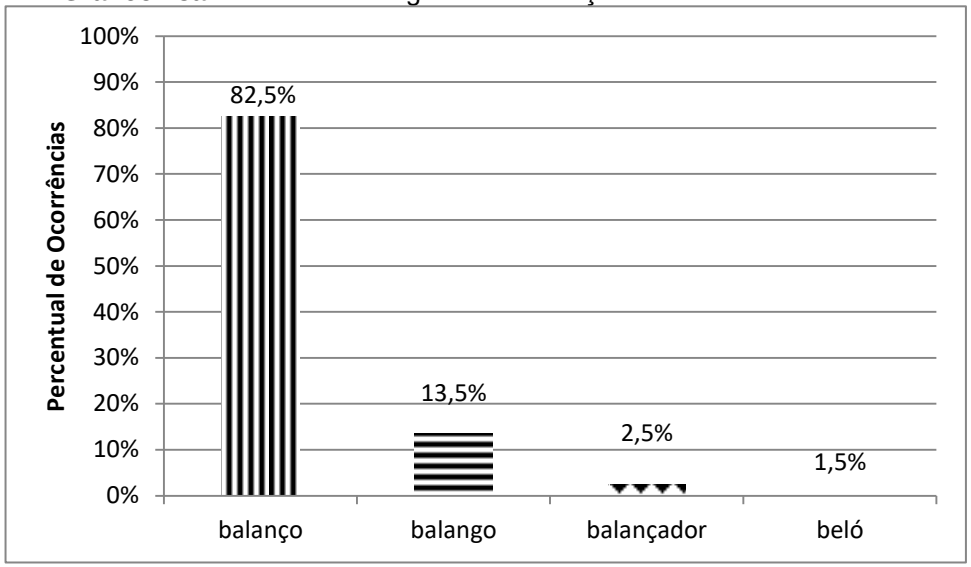
Denominações com ocorrência única: cavalinho (Ribeira-ponto 185, informante do sexo feminino, faixa etária II) e barquinha (Jales-ponto 150, informante do sexo feminino, faixa etária II)

Comentários sobre dados cartografados:
INF.“Balango, balanço. Balango, né? Balanço é balango” (Lins, ponto 158, informante do sexo masculino, faixa etária II).

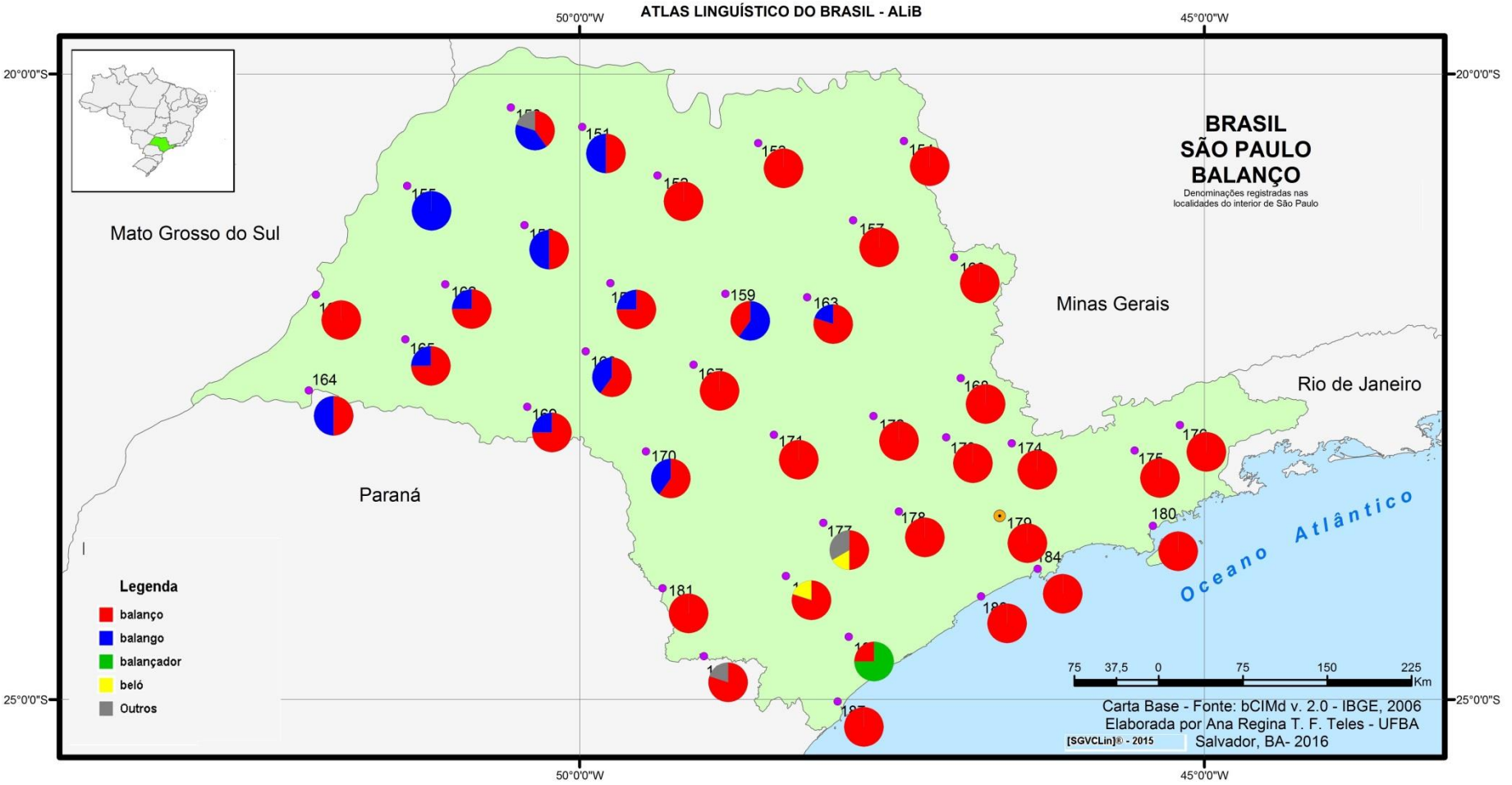
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Balanço: balanço, balança, balancê, balancinho.
Balango: balango.
Rede: rede.
Beló: belo.
Gangorra: gangorra.
Balançador: balançador, brincar de balançar.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 13a – Produtividade geral de “balanço” no estado de São Paulo



Carta 13a – Denominações para “balanço” no estado de São Paulo



“Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” - 166/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

Carta 13b – Denominações para “balanço” na área de controle – Síntese da Carta

Pergunta do Questionário Linguístico: QSL 166 – – “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” Mímica

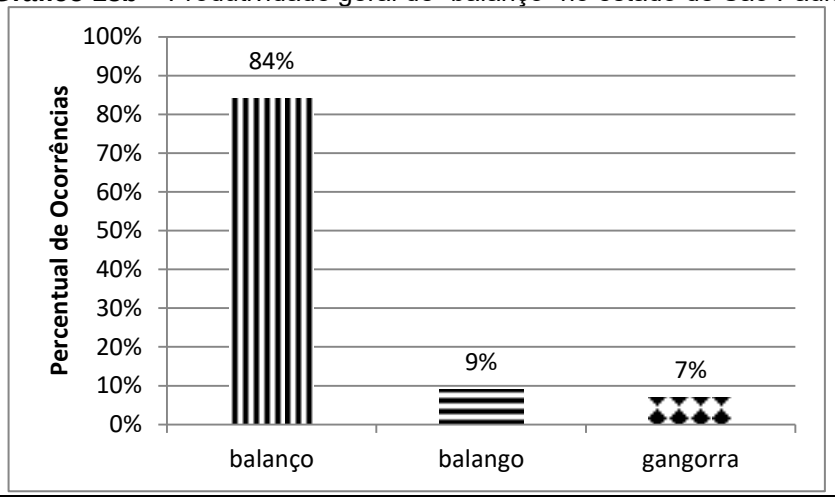
Denominações com ocorrência única: cangem (Adrianópolis-ponto 216, informante do sexo feminino, faixa etária II)

Comentários sobre dados cartografados:

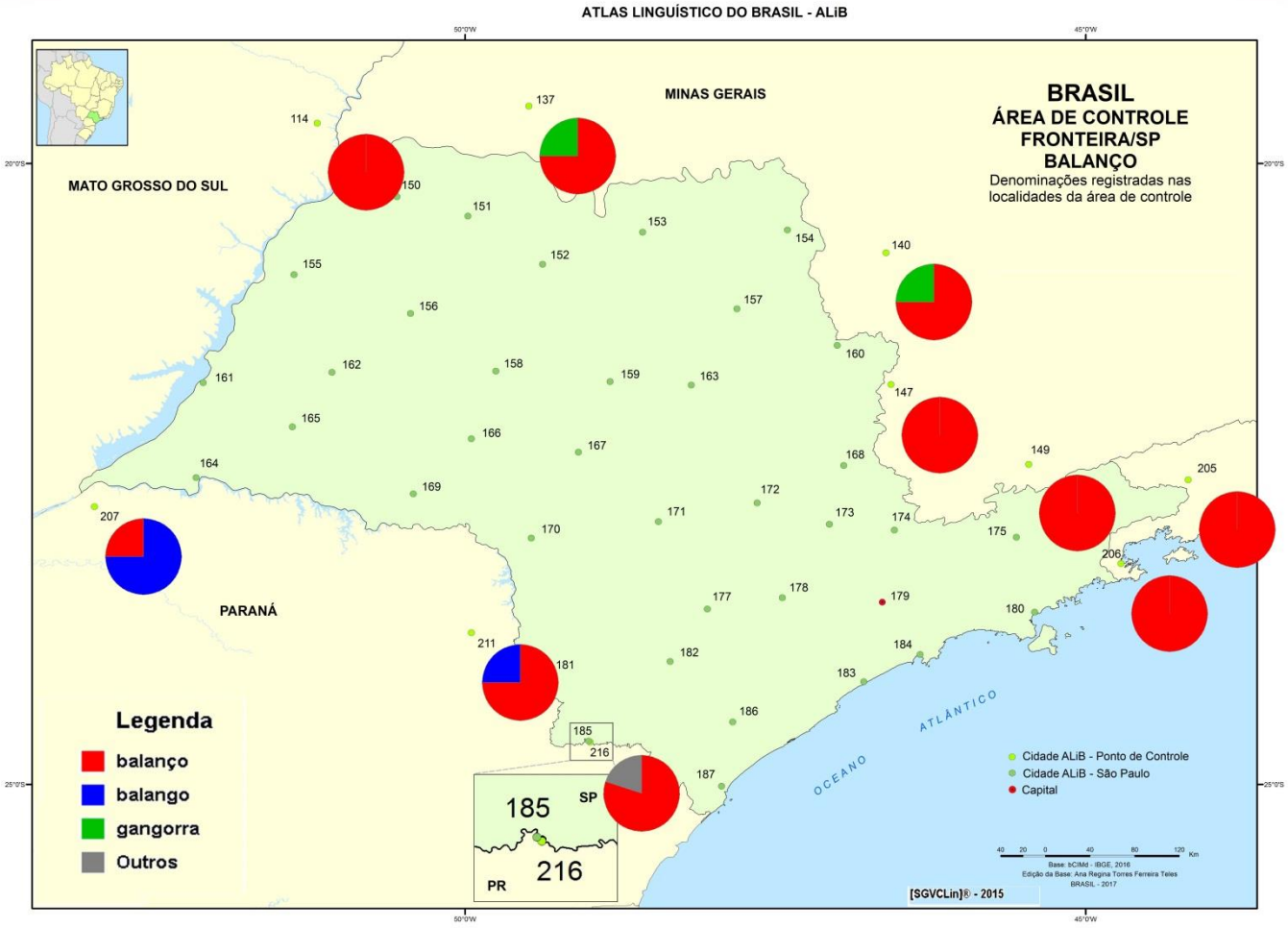
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Variantes agrupadas a cada item léxico:
Balanço: balanço, balança, balancê, balancinho.
Balango: balango.
Rede: rede.
Beló: belo.
Gangorra: gangorra.
Balançador: balançador, brincar de balançar.

Representação dos dados cartografados por gráfico

Gráfico 13b – Produtividade geral de “balanço” no estado de São Paulo



Carta 13b – Denominações para “balanço” na área de controle



“Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” - 166/QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).
Análise linguística e cartografia temática experimental: Beatriz Aparecida Alencar
Geração de cartas automatizadas: SGVCLin

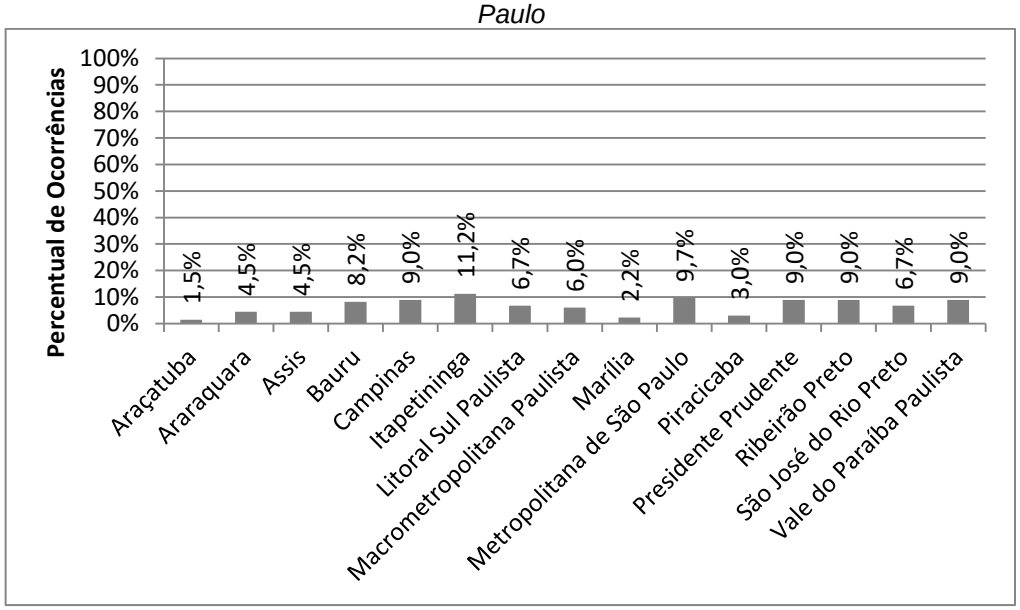
4.2.6.4 Análise diatópica das denominações para “balanço”

Na sequência, o exame das denominações fornecidas pelos informantes é apresentada conforme a produtividade de cada variante em ordem decrescente, priorizando os dados obtidos no estado de São Paulo.

4.2.6.4.1 Unidade lexical: *balanço*

A unidade lexical *balanço* foi a mais produtiva para a pergunta 166/QSL/ALiB e foi citada por falantes de ambos os sexos e faixas etárias, em todos os pontos linguísticos, figurando nas diferentes mesorregiões do estado de São Paulo. O Gráfico 87 representa o percentual de ocorrência de *balanço* conforme as mesorregiões paulistas:

Gráfico 87 – Produtividade da unidade lexical *balanço nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo*



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Observa-se pelos dados do Gráfico 87, que as mesorregiões de Itapetininga e Metropolitana de São Paulo reúnem o maior índice de ocorrências da unidade lexical *balanço.* Já, na área de controle, o item léxico *balanço* foi registrado em todas as localidades, com pelo menos uma ocorrência[373].

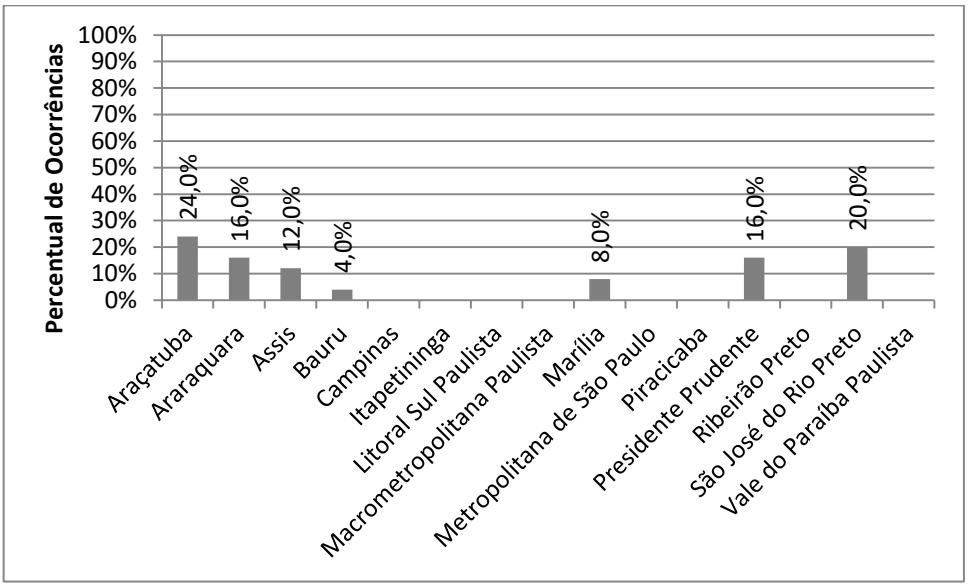
Na continuação, discutem-se os dados relativos à unidade lexical *balango*.

[373] Situação registrada em Nova Londrina (207) em que *balanço* é indicado como resposta por apenas um informante.

4.2.6.4.2 Unidade lexical: *balango*

O item léxico *balango*, embora não tenha alçado alta produtividade nas localidades em que foi documentado, merece um olhar pontual. O Gráfico 88, a seguir, indica as mesorregiões paulistas em que *balango* figurou como resposta.

Gráfico 88 – Produtividade da unidade lexical *balango* nas mesorregiões do IBGE/estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora da autora com base nos dados do projeto ALiB.

Observa-se nos dados do Gráfico 88 que a unidade lexical *balango* foi registrada em localidades próximas a toda fronteira oeste do estado de São Paulo. Já ao se considerar o sudoeste do estado, as ocorrências ultrapassam o território paulista, pois os registros de *balango* na área de controle estão localizados apenas nos pontos linguísticos de Nova Londrina (207) e Tomazina (211), respectivamente, com três e uma ocorrência.

Tendo em vista as localidades em que a unidade lexical *balango* foi documentada, é possível delimitar uma isoléxica com essa variante sobretudo na região Centro-Oeste do estado. Observa-se uma certa uniformidade nos dados no que tange à região em que a variante foi registrada que a afasta das demais localidades do estado. Aparentemente, essas localidades são marcadas por longa distância da capital e também com processo de povoamento não muito antigo, destacando-se no final do século XIX e XX. No mapa do final do século XIX (Figura 44), é possível visualizar a região do Oeste/Centro-Oeste de São Paulo que era considerada um território despovoado.

Figura 44 – Mapa do estado de São Paulo no final do século XIX[374]

Fonte: Arquivo Nacional (2018).

Ao comparar o mapa do século XIX (Figura 44) com as localidades que registraram a variante *balango*, nota-se que fazem referência a mesma região, o que sugere que o processo de povoamento ocorreu em época próxima e também com características próprias que a distinguem de outras regiões do estado, por ser uma das primeiras em que despontou a agricultura, com a lavoura cafeeira que, além de trazer migrantes para essas localidades, acabou atraindo mão-de-obra internacional (italianos, espanhóis e japoneses) – para o trabalho na agricultura.

A continuação são discutidos os dados sobre as variantes lexicais com menores índices de produtividade.

4.2.6.4.3 Unidades lexicais: *balançador*, *gangorra*, *rede e beló*

A unidade lexical *balançador*[375] foi pouco produtiva, apenas quatro ocorrências, três delas documentadas no interior do estado de São Paulo, em

374 Imagem disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/37637845541/in/photostream/>. Acesso em: 09. fev. 2018.

375 Informa-se que a variante *balançador* foi cartografada no estudo sobre o Falar Baiano (RIBEIRO, 2012).

Registro (ponto 186) e uma na área de controle, citada em Itajubá/MG (ponto 149, informante do sexo feminino, faixa etária I). Duas ocorrências foram fornecidas por informantes do sexo feminino, faixa etária I, e as demais foram citadas por informantes da faixa etária II, de ambos os sexos.

A unidade lexical *gangorra* também foi pouco produtiva na área investigada e só foi documentada na área de controle com três ocorrências no estado de Minas Gerais: i) Campina Verde: faixa etária II, sexos masculino e feminino; ii) Passos: faixa etária II, sexo masculino. Considerando as localidades em que *gangorra* foi documentada e o perfil dos informantes (faixa etária II), acredita-se que *gangorra* tenha sido utilizado, em algum momento anterior, para denominar "uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás". Também não há como excluir a possibilidade de o informante ter estabelecido uma analogia com as características do brinquedo objeto da pergunta 165/QSL/ALiB como também ocorreu com a denominação daquele brinquedo ("gangorra").

Já a unidade lexical *rede* foi pouco produtiva (duas ocorrências) e fornecida por informantes da mesma localidade (Itapetininga – Ponto 177), respectivamente, pelo homem, faixa etária I e mulher faixa etária II.

Apesar de as ocorrências terem sido registradas na mesma localidade, os falantes muito provavelmente, estabeleceram uma analogia entre o balanço (brinquedo) e a rede (usada para descanso ou entretenimento).

De modo semelhante, a unidade lexical *beló* teve duas ocorrências em municípios vizinhos (Itapetininga e Capão Bonito), ambas fornecidas por informantes do sexo masculino, faixa etária II.

A denominação *beló* parece ter sido um nome utilizado para designar o brinquedo em algum momento da história da localidade. Essa afirmação se fundamenta nos seguintes elementos: i) ter sido registrada em duas localidades próximas; ii) ter sido fornecida por informantes do mesmo perfil e; iii) pela confirmação do informante de que *beló* denominava o brinquedo, ao ser questionado pelo inquiridor.

Na sequência, discutem-se as ocorrências únicas.

4.2.6.4.4 Outras denominações com ocorrência única

Os casos de ocorrências únicas foram indicadas no Quadro 91, a continuação, que informa a localidade/número do ponto e o perfil do informante que a citou.

Quadro 91 – Respostas únicas para a pergunta 165/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

Resposta única	Localidade – Ponto	Perfil do Informante
Barquinha	Jales – ponto 150	Mulher, faixa etária II
Cangem	Adrianópolis – ponto 216	Mulher, faixa etária II
Cavalinha	Ribeira – ponto 185	Mulher, faixa etária II

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Examinando o Quadro 91, constata-se que as variantes foram citadas apenas por mulheres da faixa etária II.

Ao consultar os demais trabalhos dialetais produzidos na região investigada, verifica-se que poucos estudos cartografaram as denominações para “balanço”. Na sequência, o Quadro 92, apresenta a síntese dos dados registrados:

Quadro 92 – Quadro -síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	gangorra	Balanço	balango	Rede
Atlas Linguístico do Paraná II – carta 315 (ALTINO, 2007, s/p).		X		X
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo – carta 086 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 307).		X	X	
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p 176).	X	X	X	

Fonte: Elaboração da autora com base nos trabalhos referenciados.

Nota-se que nos diferentes trabalhos dialetais pesquisados, *balanço* é a denominação mais produtiva, seguida de *balango*, assim como os dados obtidos neste estudo.

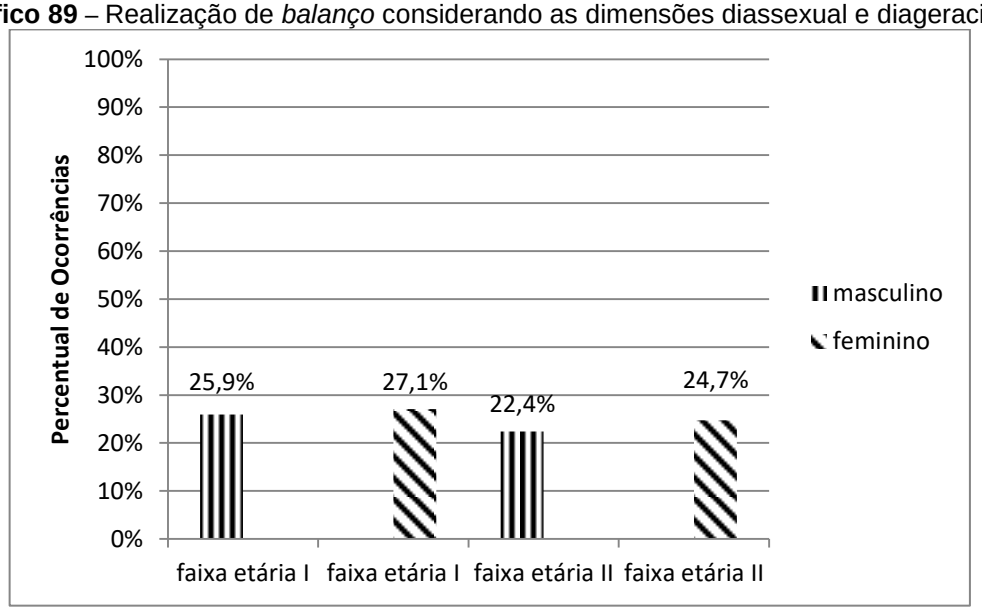
A seguir são discutidos os aspectos léxico-semânticos relacionados às unidades lexicais documentadas por meio da questão 166/QSL/ALiB.

4.2.6.5 Denominações para “balanço” – São Paulo/área de controle: variáveis sociais

Considerando às dimensões diassexual e diageracional, a unidade lexical *balanço* atingiu valores percentuais muito próximos entre os diferentes perfis: a faixa

etária I alçou aproximadamente 53% das ocorrências obtidas pela variante contra 47% da faixa etária II. Também quanto à dimensão diassexual, os valores foram muito próximos: 52% do sexo feminino e 48% do masculino (Gráfico 89):

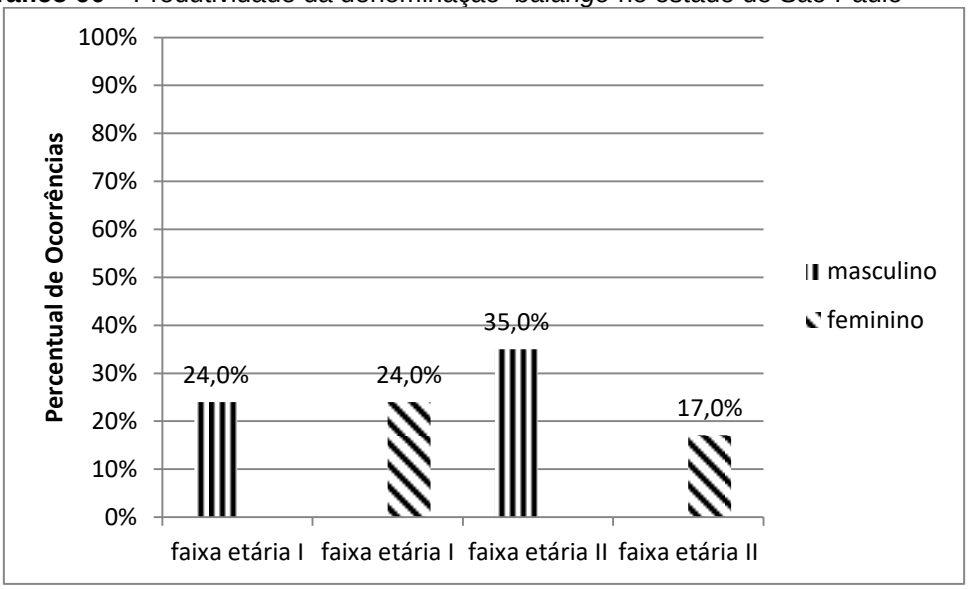
Gráfico 89 – Realização de *balanço* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto à variação diassexual e diageracional, observa-se que as ocorrências de *balango* estão mais presentes na fala dos informantes da faixa etária II (52%). Já, em relação ao sexo, é preferência na fala do informante masculino (59%).

Gráfico 90 – Produtividade da denominação *balango* no estado de São Paulo



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quanto às demais denominações registradas, informa-se que, a variante: i) *balango* foi mais frequente entre informantes da faixa etária II e do sexo masculino; ii) *rede* obteve mesmo percentual de registro entre os informantes dos diferentes sexos e idades; iii) *beló* e *balançador* foram mais produtivos entre informantes de faixa etária II; iv) *gangorra* foi registrada apenas entre informantes da faixa etária I e v) as ocorrências únicas foram registradas apenas entre as informantes do sexo feminino, da faixa etária II.

A continuação, discutem-se as unidades léxicas considerando os aspectos léxico-semânticos.

4.2.6.6 Análise léxico-semântica

A consulta às obras lexicográficas do século XVIII demonstraram que apenas *balançar* e *rede* estão dicionarizadas nas obras mais antigas. Em Silva Pinto (1832) e em Silva (1813) há o verbete *balançar*: **"**BALANÇAR: v.a Agitar no balanço, ou em cousa que se move como ele" (SILVA PINTO, 1832) e "BALANÇÁR: v.at. Agitar, fazer mover-se alguem no balanço, ou coisa que póde agitar-se como elle. Balançar o corpo; agitar: mas fallando das aves, se diz que balançao o corpo, quando se sostem no ar paradas, librar-se nas azas" (SILVA, 1813, p. 253), ambas as acepções permitem o estabelecimento de uma possível relação entre o brinquedo e o movimento que lhe é próprio.

Ainda entre as obras lexicográficas representativas de estágios pretéritos da língua*,* consta a entrada *rede* nos dois dicionários anteriores e também em Bluteau (1712-1728), embora não esteja definida com a acepção do brinquedo descrito na pergunta 166/QSL/ALiB.

Entre as acepções atribuídas à unidade lexical *rede*, uma se destaca pela possível analogia entre o objeto descrito e o solicitado pela pergunta "Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36). Observe:

> 7. Rede, no Brasil tecido de malha com rames, os quaes se atão nos extremos de huma vara, ou a duas argolas, e fica como huma funda, na qual se deitão a dormir, ou são levados ás costas de pretos, que sostem cada hum no hombro o extremo da tal vara, ou pão (SILVA, 1813).

É possível que o informante tenha associado a “rede” ao “balanço”, motivado pelo movimento “para frente e para trás”, próprio do brinquedo. Já nas obras lexicográficas contemporâneas foram identificados os itens lexicais e respectivas definições da variantes elencadas no Quadro 93.

Quadro 93 – Dicionarização das unidades léxicas registradas nos dicionários de língua portuguesa do século XX

Dicionários	Houaiss (2001)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Balanço	“**Brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes fixas num suporte, permitindo a realização de movimentos oscilatórios**; balouço, bambão.”	“**OSCILAÇÃO**; VAIVÉM: **Enjoou com o balanço do barco. Brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes presas a um suporte no alto, em que a criança se senta, e que oscila com o impulso do corpo**; BALOUÇO.”	“Aparelho que consiste num **assento composto de travessa, tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes, onde os meninos se sentam para se balançarem**; balouço.”
Balango/ Balangar	“v. (1928) t.d.int. e pron. **Pôr(se) em balanço; balançar** ETIM. orig.obsc. SIN/VAR ver sinonímia de **oscilar**.”	“v. **. Oscilar, balançar(-se), mover(-se) de um lado para o outro**; BALOUÇAR (-SE).”	“V.t.d., int. e p. **Balançar**.”
Rede	“DESP equipamento feito de rede, que se estende no centro da quadra de tênis, voleibol etc., sobre o qual a bola deve passar para continuar em jogo. DESP armação de rede que envolve as traves do gol em vários esportes (futebol, hóquei, handebol etc.)”	“Têxt. Tecido de malha larga e diversas finalidades, obtido com o entrelaçamento de fios, cordas que formam retângulos, losangos e outras figuras de tamanhos variáveis.”	

Fonte: Elaboração da autora com base nas obras referenciadas.

Para além dos dicionários já referenciados, consultou-se o Dicionário Etimológico Nova Fronteira (1986) em que figuram apenas os itens léxicos *gangorra* e *balanço.* Quanto à *gangorra*, a acepção fornecida pelo dicionário faz referência ao brinquedo objeto da pergunta 165/QSL/ALiB. Já *balanço* é definido como: “s.m. ato ou efeito de balançar. XV”.

Ainda buscou-se informação no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CÂMARA CASCUDO, 2012), embora só se tenha encontrado o registro de *rede* com outra acepção. Por seu turno, na definição da unidade léxica *rede* uma informação se

destaca entre as demais: “O uso da rede, quase sempre desconhecido na Capitania de Minas,[376] é muito espalhado na de São Paulo, a exemplo dos hábitos dos índios, outrora numerosos nesta região” (HILAIRE apud CÂMARA CASCUDO, 2012).

As variantes com ocorrências únicas, foram fornecidas impulsionadas por diferentes motivos, dentre eles: i) a relação estabelecida pelo informante com algum elemento do texto da pergunta, no caso, associando o movimento “para frente e para trás” com o “vai e volta”:

> INF. Barquinha
> INQ. Barquinha?
> INF. É.
> INQ. Que dai vai e volta assim?
> INF. Vai e volta. Barquinha (Jales – Ponto 150, informante do sexo feminino, faixa etária II).

ii) Associação a outro brinquedo ou objeto de entretenimento infantil, produzido com madeira e que a criança pode sentar e brincar, no caso o “cavalo de pau”: “Aqui no parquinho é balança... tamém cavalinho lá” (Ribeira – Ponto 185, informante do sexo feminino, faixa etária II).

iii) Confirmação por parte do informante da nomeação e da classificação da variante como denominação antiga:

> INF. Balanço também. Cangem também que eles diziam, antigamente, também...
> INQ. Pra qual?
> INF. Era o balanço de balançar, era cangem, quando era criança diziam... vamo fazê um cangem para nós, porque o cangem vai-vem... vai-vem... de corda, às vezes fazia com um pauzinho no meio pra munta e balançá (Adrianópolis - ponto 216, informante do sexo feminino, faixa etária II).

Na sequência, são recuperados mais alguns comentários fornecidos pelos informantes acerca do uso das variantes analisadas:

i) Para alguns informantes, as perguntas 165/QSL/ALiB e 166/QSL/ALiB estão relacionadas entre si, o que acaba facilitando o fornecimento das respostas ou mesmo a diferenciação dos brinquedos:

[376] Apesar de indicar região coincidente com a deste estudo, não há descrição sobre como seria a rede.

INF.- Não, aquele lá é o balango.
INQ.- Esse?
INF.- Esse é o balango.
INQ.- Esse que eu tô falando, ou o outro?
INF.- Não, esse aí. Esse aí sentado, que você senta no meio, aí um vai te balangando, você vai lá longe e volta, lá longe...
INQ.- Isso. É esse mesmo.
INF.- É, é o balango (Andradina - ponto 155, informante do sexo feminino, faixa etária I).

ii) A ocorrência da unidade lexical *rede*, sobretudo no caso seguinte, não parece ter sido explorada de modo a assegurar que o informante se foque ao brinquedo:

INF.- Ah, é o balanço, a rede.
INQ.- Uhum!
INF.- Um balanço.
INQ.- Pode ser um balanço?
INF.- Pode sê um balanço e pode sê rede.
INQ.- E pode ser rede.
INF.- Sê rede também (Itapetininga - ponto 177, informante feminino, faixa etária II).

iii) A denominação *beló* é confirmada a partir de questionamento do inquiridor, com vistas a apurar se a resposta fornecida pelo informante não se referia a outro objeto:[377]

INF.- Aqui fala balanço ou beló.
INQ.- É a mesma coisa?
INF.- Mesma coisa.
INQ.- E qual que é o nome que usa mais?
INF.- Ah, mais é balanço (Capão Bonito – ponto 182, informante homem, faixa etária II).

INQ.- Então tem um assim que pendura duas cordas, daí põe um assentozinho assim...
INF.- Aquele é... balanço, éh... beló. Beló que eles dize.
INQ.- Beló?
INF.- É.
INQ.- Vai pra frente e vai pra trás né.
INF.- Isso, vai pa frente e... (Itapetininga – ponto 177, informante masculino, faixa etária II).

4.2.6.7 Considerações sobre os dados apurados na questão 166/QSL/ALiB

A julgar pela totalidade de respostas obtidas e sobre os dados analisados sobre a questão selecionada, é possível afirmar que:

[377] Essa situação também ocorreu quando o informante indicou uma das denominações únicas (cangem), como apontado no excerto sobre as ocorrências únicas.

i) O brinquedo ainda é bastante utilizado e conhecido pelas pessoas.

ii) A resposta mais produtiva foi *balanço*, com produtividade expressiva, porém a unidade lexical *balango* figurou como uma denominação importante para os informantes do Oeste/Noroeste/Sudoeste do estado, inclusive, marcando uma possível delimitação dialetal.

iii) No processo de nomear os brinquedos solicitados pela questão 165 e 166/QSL/ALiB, houve certa relação de analogia entre as perguntas devido ao elemento uma tábua, mesmo que a descrição fornecida pela pergunta fosse distinta.

4.3 Contribuições do léxico de entretenimentos infantis para a delimitação do falar paulista

Ao examinar os dados analisados e as cartas produzidas neste trabalho verificou-se que o léxico dos jogos e diversões infantis aponta para a confirmação de um falar paulista desvinculado do falar sulista, embora se reconheça que este estudo não foi suficiente para demarcar em definitivo o território (estados e munícipios) que englobam esse falar.

Todavia, os dados contribuíram o delinear de algumas áreas dialetais no estado de São Paulo e área de controle, informação que corrobora o resultado do estudo sobre o Falar Baiano:

> Uma das constatações a que se chegou foi a de que o léxico se mostrou apropriado para traçar áreas dialetais. Para tanto, as isoléxicas estabelecidas demonstraram que os caminhos das palavras são muitos. O que possibilitou atestar áreas dialetais, a partir do estudo do léxico, foi o estabelecimento de agrupamentos de lexias distintas usadas para nomear conceitos distintos e que, quando reunidas, por sobreposição de isoléxicas (um feixe de isoglossas), puderam demonstrar a variação diatópica (RIBEIRO, 2012, p. 449).

A partir da delimitação de faixas dialetais, observa-se que esses espaços parecem evidenciar algumas tendências que, possivelmente, possam ser asseguradas, em estudos futuros, sobre o falar paulista. Na sequência, indicam-se algumas das localidades que apresentaram algum fenômeno e, atrelado a elas, destacam-se aspectos histórico-sociais da região que influenciaram, provavelmente, no traçado dessa faixa dialetal. São elas:

i) Proximidade ao Vale do Ribeira e caminho dos tropeiros[378] (Itapetininga/Sorocaba) devido ao caminho das tropas;

ii) Oeste e Noroeste do estado de São Paulo com expansão para o Norte do Paraná devido a cultura do café;

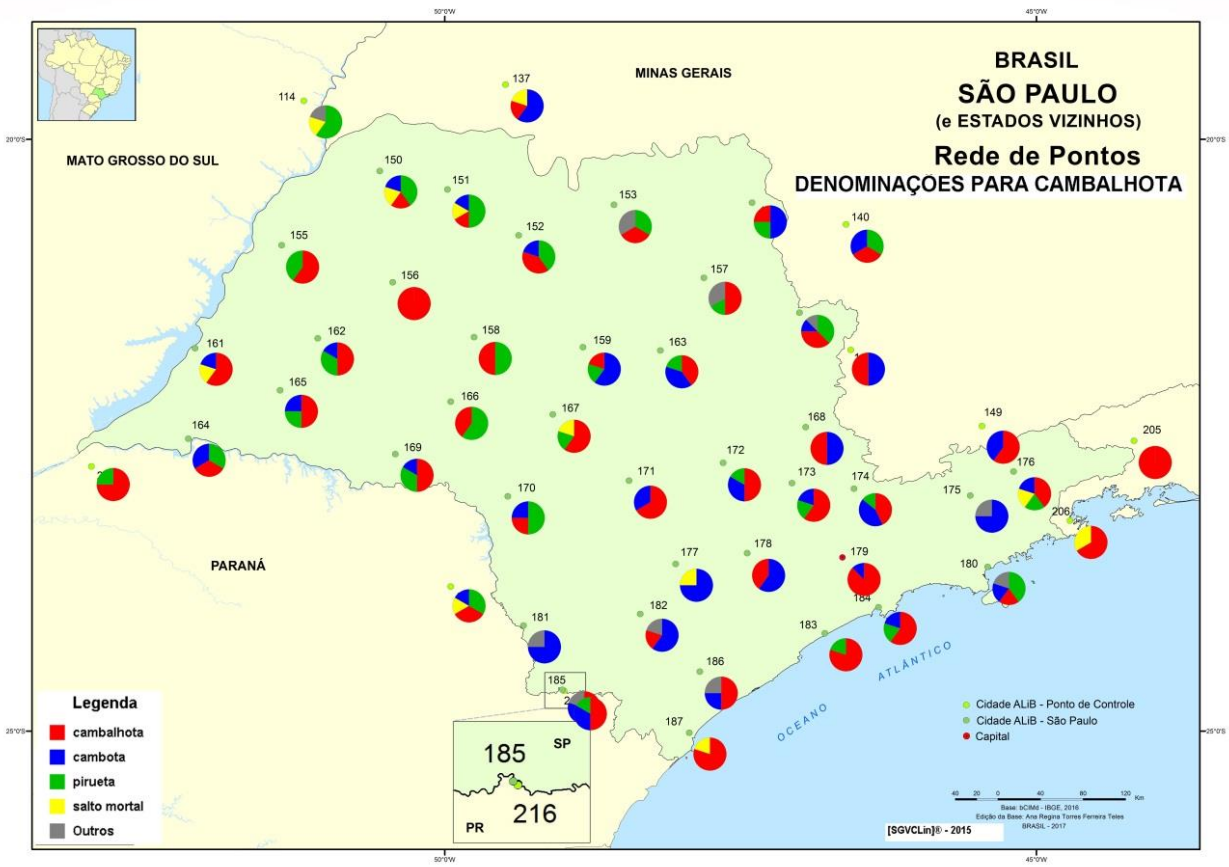
iii) Triângulo Mineiro e a expansão do falar paulista nessa região como proposto por Zágari (1998).

Considerando essas três faixas, inicia-se a exposição dos resultados com intuito de demonstrar a confirmação da existência desses traçados dialetais. Para tanto, detalham-se os dados obtidos para as questões com vistas a tecer considerações bem como fornecer informações sobre a distribuição geográfica. As questões são discutidas, respeitando a sequência das perguntas no Questionário Semântico-lexical e os seus respectivos agrupamentos, segundo as categorias *brincadeiras* e *brinquedos*, tendo como ponto de partida as relacionadas às brincadeiras:

Quanto à questão 155 foram cartografadas as seguintes variantes, de acordo com a produtividade registrada: c*ambalhota, cambota, pirueta e salto mortal*. Observa-se que todas as denominações foram bastante produtivas. A unidade lexical *Cambalhota,* por exemplo, está disseminada por todo o estado de São Paulo e área de controle, o mesmo ocorre com *cambota*. Porém, nota-se que há uma maior produtividade numa faixa central do estado e mais ao oeste, há os registros de *pirueta* que também se situam nas regiões limítrofes estaduais. Como é possível verificar na Figura 45.

[378] Essa área, em algumas questões, atinge as proximidades da mesorregião do Vale da Paraíba Paulista.

Figura 45 – Indicação das áreas com ocorrências de *cambota* e *pirueta* na totalidade da área investigada

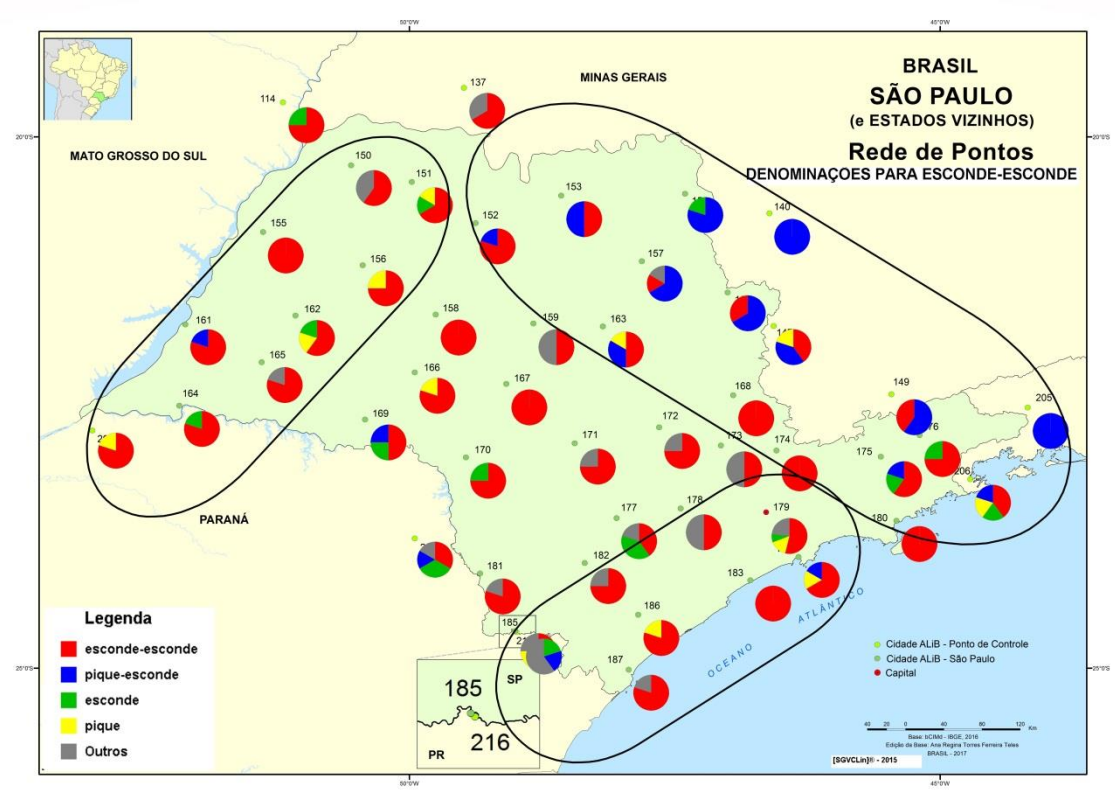


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Já a denominação *salto mortal* possui ocorrências em pontos isolados do estado paulista, com destaque nas localidades próximas às divisas com os estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, logo, a variante ultrapassa as fronteiras estaduais, pois também foi documentada em dois estados da área de controle.

Já em relação à questão 160 foram cartografadas as seguintes variantes, conforme a produtividade: *esconde-esconde, pique-esconde, esconde e pique.* Verifica-se que o item lexical *esconde-esconde* foi registrado em todo o estado de São Paulo, com exceção de um ponto de inquérito na divisa com Minas Gerais. Por sua vez, *pique-esconde* foi uma denominação mais produtiva nas áreas limítrofes do estado de São Paulo. Já *esconde* está mais concentrado na região sul e *pique* ocorre tanto no oeste, próximo à fronteira com Mato Grosso do Sul quanto no sul e litoral de São Paulo. Veja na Figura 46 a delimitação das áreas dialetais de uso das variantes:

Figura 46 – Indicação das áreas com ocorrências de *pique-esconde e pique* na área investigada (total)



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao verificar os dados da área de controle (Figura 46), é possível observar que as fronteiras geográficas São Paulo/Minas Gerais não foram delimitadoras para o controle da denominação *pique-esconde*, pois a mesma segue produtiva em ambos os estados, o que aponta para um prolongamento do falar de São Paulo em Minas Gerais, que será ressaltado na sequência.

Quanto à questão 161, foram cartografadas na carta 3a e 3b as seguintes variantes: *cobra-cega, cabra-cega, cego/cega, pega-pega.* A denominação *cobra-cega* foi registrada em todas as localidades, inclusive como única resposta fornecida por todos os informantes de alguns pontos de inquéritos. Quanto às demais unidades lexicais, verifica-se que *cabra-cega* está disseminada em todo o estado e que *pega-pega e cego* não são registrados em localidades próximas. Considerando a área de controle, nota-se que *cobra-cega* também foi a mais produtiva e que em Minas Gerais *cabra-cega* foi documentada em todas as localidades[379] enquanto no Rio de Janeiro e no Paraná forma citadas somente em uma localidade.

[379] Na divisa MG-SP, pontua-se que *cabra-cega* foi indicada nos pontos de inquérito 154, 160 e 168 (Franca, Mococa, Mogi Mirim).

Em relação à questão 162, foram cartografadas na carta 4a dos dados do estado de São Paulo as seguintes variantes[380], por ordem decrescente de produtividade: *pega-pega, pique, rela-rela e mãe*. Observa-se que o item lexical *pega-pega* está disseminado por todo o estado de São Paulo, figurando como única denominação fornecida por todos os informantes em algumas localidades (159, 174, 168, 173, 178, 184, 180, 176). Ressalte-se que boa parte desses pontos de inquérito estão situados próximos à região leste, entre a faixa litorânea e a divisa com Minas Gerais. Na área de controle, repara-se que apenas no Rio de Janeiro não foi registrada a variante *pega-pega*.

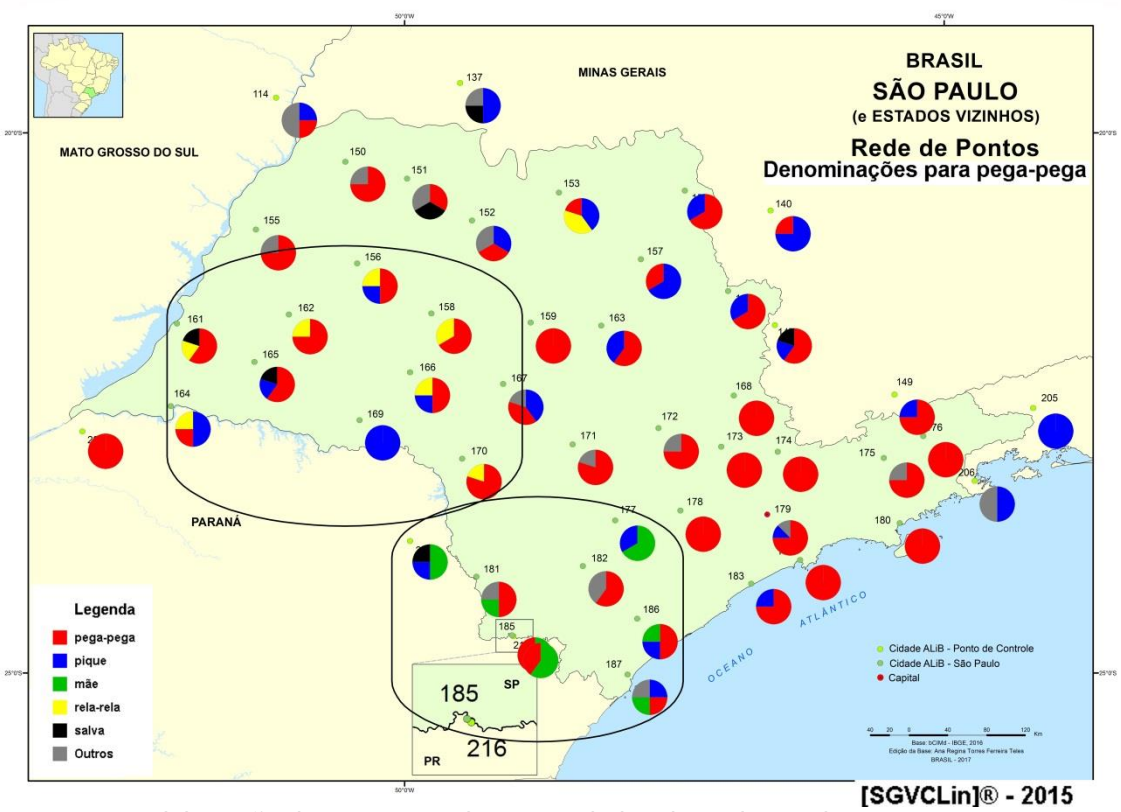
Por sua vez, a unidade lexical *pique* está registrada mais ao centro do estado e na divisa com o Paraná[381]. Porém, ao serem considerados apenas os dados da área de controle, a denominação é registrada com baixa produtividade.

A variante *rela-rela* também parece coocorrer com *pique* em localidades paulistas onde ocorre a variante, porém, com registros nas fronteiras de Mato Grosso do Sul e do Paraná. Já ao observar a carta 04 b (área de controle), a denominação não está cartografada, pois não está entre as quatro denominações mais produtivas. Porém, na Figura 47, é possível visualizar a área total de estudo com o registro de *rela-rela.*

.

[380] Há uma alteração das denominações mais produtivas ao considerar o estado de SP e a área de controle.
[381] Ainda há alguns registros de *pique* no litoral paulista.

Figura 47 – Rede de pontos (total) com a localização das denominações *rela-rela e mãe*



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na Figura 47 e, consequentemente, nas cartas 4a e 4b, um dos registros mais marcantes parece ser a unidade lexical *mãe*, pois está documentada apenas numa região do estado de São Paulo, sobretudo nas proximidades do Vale da Ribeira, e transpõe a fronteira estadual sendo produtiva também no Paraná. Os registros de *mãe* marcam a antiga localidade de Registro, cidade bastante antiga no interior paulista e que, enquanto povoado no século XVIII, "[...] recebia as embarcações com ouro que desciam o Rio Ribeira de Iguape em direção a Iguape, onde eram registradas as suas valiosas cargas e cobrados os impostos da Coroa portuguesa" (ODALIA; CALDEIRA, 2010, p. 236-237), além do Vale do Ribeira e da cidade paranaense de Adrianópolis-PR, localidade que durante muito tempo, por questões geográficas, esteve mais próxima a São Paulo.

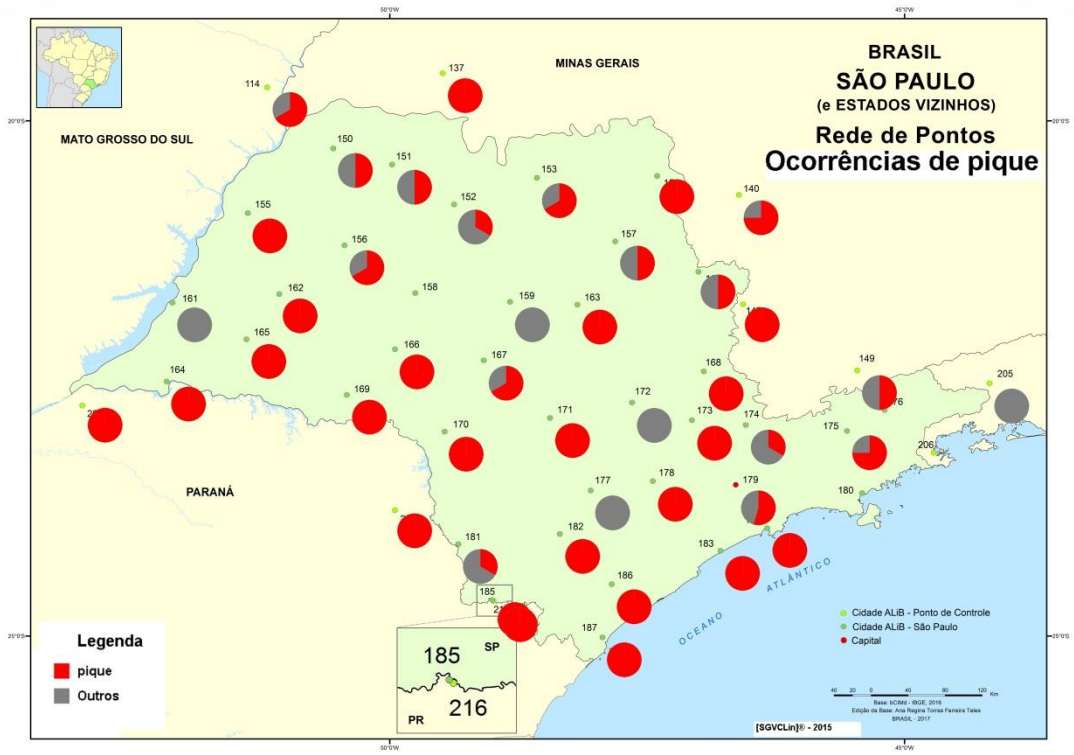
Quanto à unidade lexical *rela-rela* foi documentada na região de cafeicultura no início do século XX e, também, em localidades próximas ao norte do Paraná, região em que a cultura do café destacou-se no estado paranaense.

Considerando as denominações *mãe e rela-rela*, percebe-se nitidamente, no registro de ambas as denominações, a marca da história social do estado de São

Paulo. Cabe salientar que essas variantes já foram cartografadas no Atlas Linguístico do Paraná[382] (AGUILERA, 1994).

Em relação à pergunta 163 (“o ponto combinado para se salvar”), foram cartografadas as seguintes unidades lexicais, de acordo com a produtividade: *pique, árvore/parede/poste, ponto, bate-cara/bate-mão.* Na Figura 48 nota-se que *pique* é a denominação mais produtiva e está registrada em toda a área investigada.

Figura 48 – Identificação das localidades com registro de *pique* na área investigada



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB

Ao observar a Figura 48, pode-se afirmar que *pique* faz parte da norma lexical dos pontos de inquérito selecionados para este estudo, devido ao alto número de ocorrência dessa denominação.

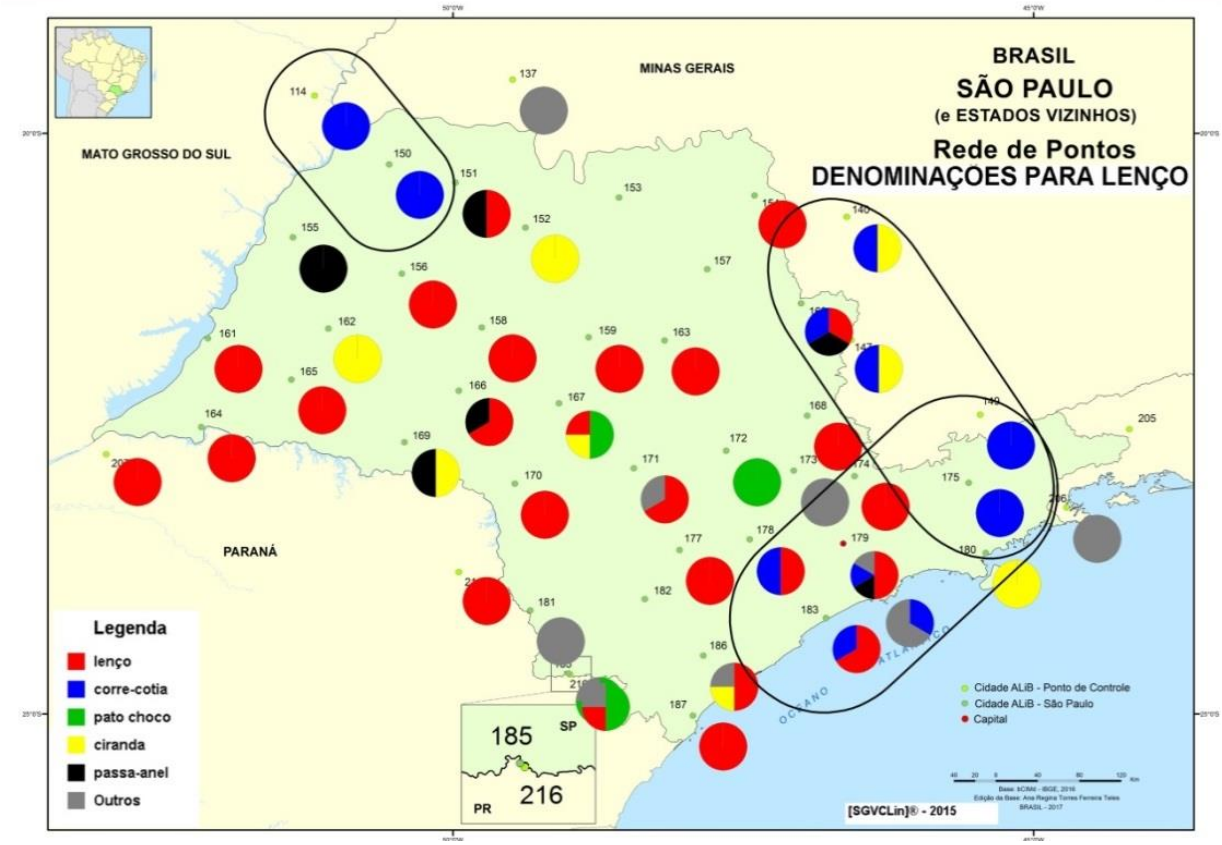
Quanto às demais denominações (*ponto, árvore/parede/poste, bate-cara/ bate-mão)* foram registradas em pontos isolados e com certa distância entre si, sendo que as variantes *bate-cara/bate-mão* não foram documentadas na área de controle.

[382] A unidade lexical *mãe* foi a segunda variante mais produtiva e há a indicação da denominação *rela*, que possivelmente possa ter influenciado na variante *rela-rela*.

Já relacionadas à pergunta 164, foram cartografadas as seguintes variantes no estado de São Paulo, de acordo com a produtividade: *lenço-atrás, pato-choco, corre-cotia, passa-anel*.

De modo geral, observa-se a superioridade dos itens lexicais agrupados como *lenço-atrás* na área investigada, porém sua presença não está registrada em todas as localidades. Já as variantes *pato-choco* e *passa-anel* não tiveram registros em pontos de inquérito próximos. Por sua vez, a denominação *corre-cotia* foi indicada em algumas localidades próximas como atesta a Figura 49:

Figura 49 – Indicação das localidades com ocorrências de *corre-cotia* na área estudada



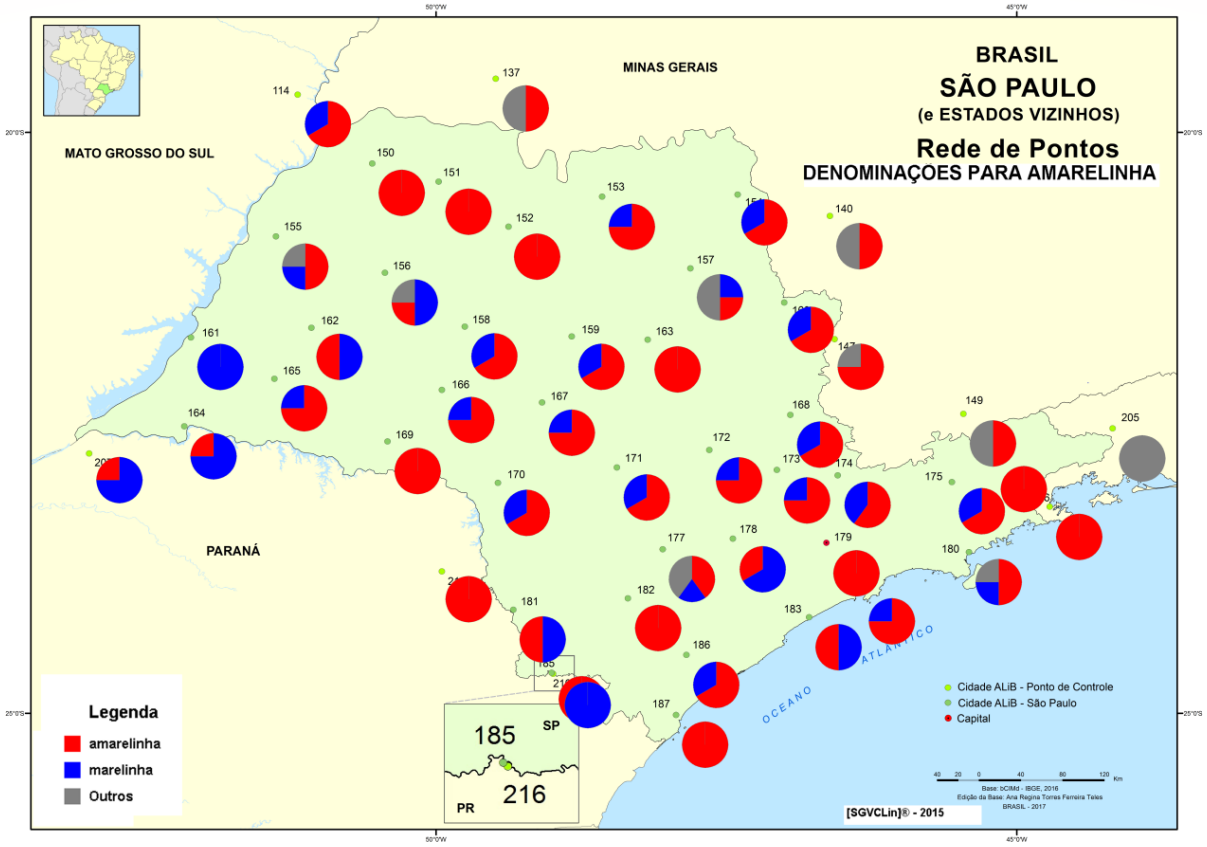
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Nota-se pela Figura 49 que a unidade lexical *corre-cotia* apresentou comportamento bastante peculiar, pois foi registrada em três regiões investigadas: i) no litoral paulista; ii) na divisa MG-SP, inclusive, transpondo essa fronteira geográfica e iii) na fronteira MS-SP. Ressalta-se que essa divisa também se localiza próxima ao estado de Minas Gerais.

Quanto à questão 167, foram cartografadas as seguintes variantes no estado de São Paulo: *amarelinha, marelinha, maré e pula-pula*. As cartas 7a e 7b

produzidas com as unidades lexicais que nomeiam essa brincadeira, demonstram que a variante *amarelinha* é a mais produtiva na área investigada e concorre em todo o estado de São Paulo com *marelinha*. Veja a Figura 50 que ilustra esse dado:

Figura 50 – Indicação das ocorrências de *amarelinha* e *marelinha* em SP e pontos de controle



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

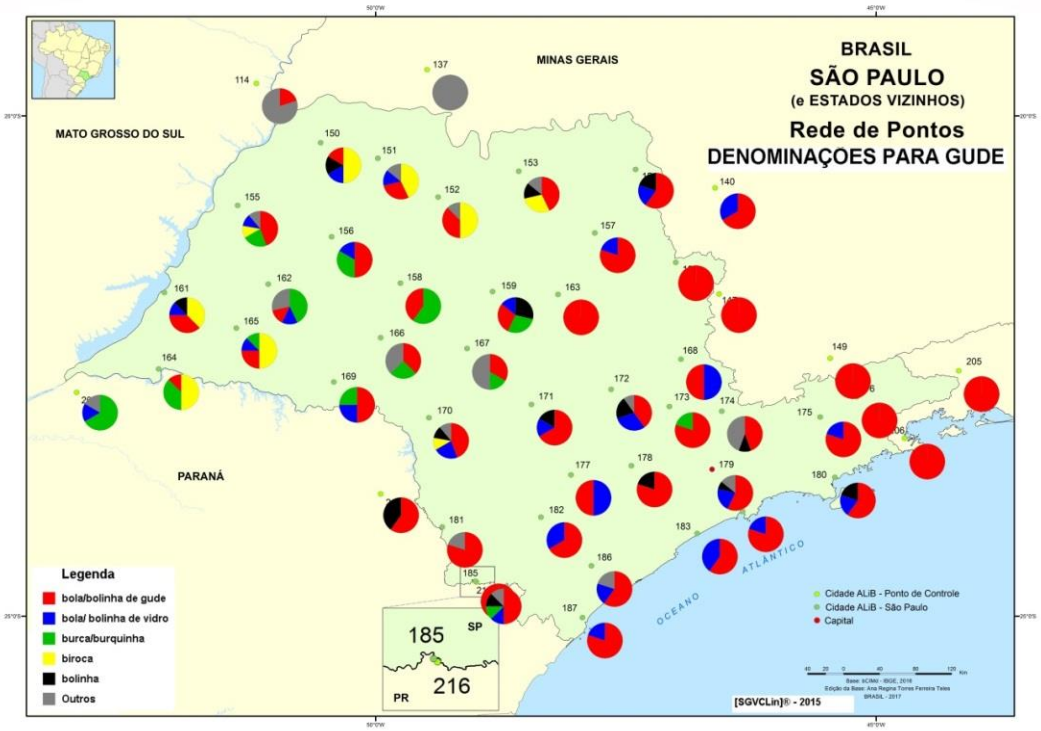
Em relação aos dados da Figura 50, alerta-se que as unidade léxicas *amarelinha* e *marelinha* despertam um olhar diferenciado em relação às demais respostas, pois elas se referem a mesma unidade léxica dicionarizada. Além disso, a disseminação de ambas na área investigada acaba por fomentar hipóteses sobre as origens desse item léxico, pois não há como estabelecer, com segurança até o momento, se *amarelinha* seria uma versão inovadora de *marelinha* ou o contrário, e se estariam em processo de mudança em curso. Sobre esse tema, ainda cabe reflexão sobre qual das duas unidades léxicas seria a primeira utilizada no Brasil, no caso, originada de *marelle* do francês[383].

[383] A autora deste trabalho já está realizando pesquisas a respeito da temática e que serão frutos de estudos futuros.

Quanto aos demais registros, *maré e pula-pula* são pouco produtivas e indicadas em localidades não próximas[384]. Por sua vez, na área de controle, os dados evidenciam informações distintas em termos de nomeação da brincadeira em questão, pois, para os estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, há o registro de *amarelinha e marelinha*; e em Minas Gerais e no Rio de Janeiro se destacam as variantes *amarelinha e maré*.

Quanto aos brinquedos, são discutidos, na continuação, conforme a sequência do questionário semântico-lexical, iniciando-se pela "bolinha de gude". A questão 156 motivou a cartografia das seguintes variantes no estado de São Paulo, de acordo com a produtividade: *bola/bolinha de gude, bola/bolinha de vidro, burca/burquinha, biroca e bolinha.* Observe a Figura 51 que apresenta o registro dessas variantes na área investigada:

Figura 51 – Indicação das denominações obtidas para a questão 156/QSL/ALiB na totalidade da área investigada



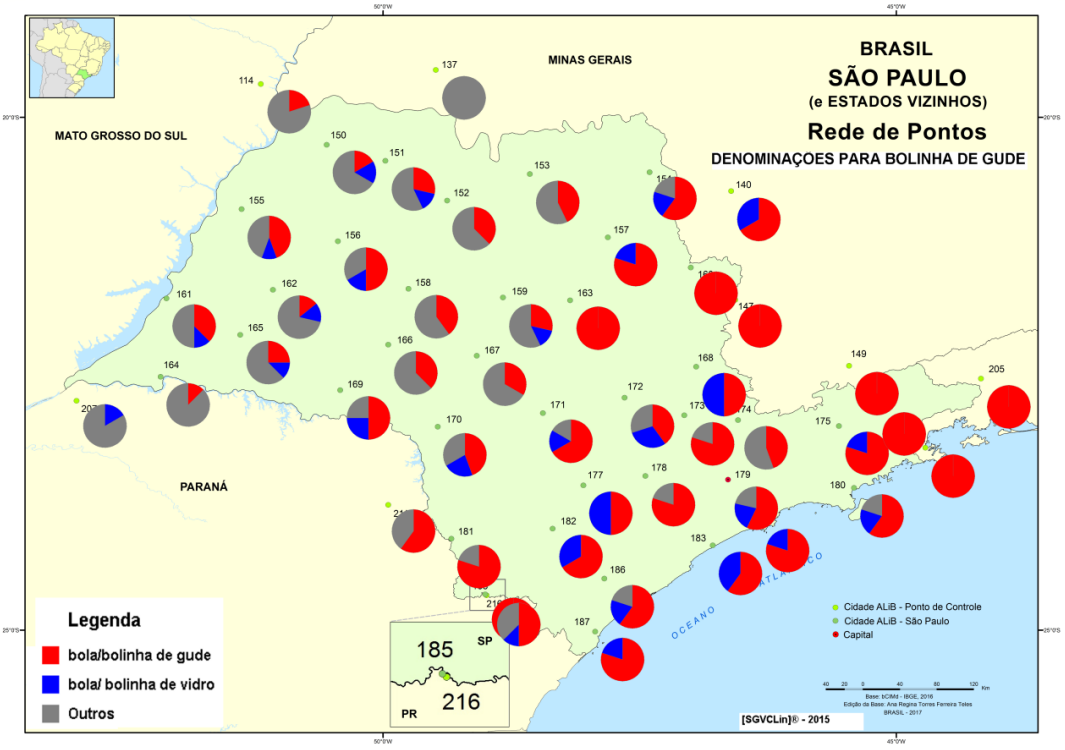
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando os dados que se referem a essa pergunta é possível realizar as seguintes considerações: i) no estado de São Paulo, a denominação mais produtiva

[384] Com exceção de *pula-pula* que ocorre em duas localidades vizinhas, os pontos 155 e 156, com apenas uma ocorrência da variante em cada localidade.

é *bola/bolinha de gude*[385], porém, na maioria das localidades com ocorrência dessa denominação, também há o registro de *bola/bolinha de vidro*, como atesta a Figura 52:

Figura 52 – Indicação das localidades com registro de *bola/bolinha de gude* e *bola/bolinha de vidro*

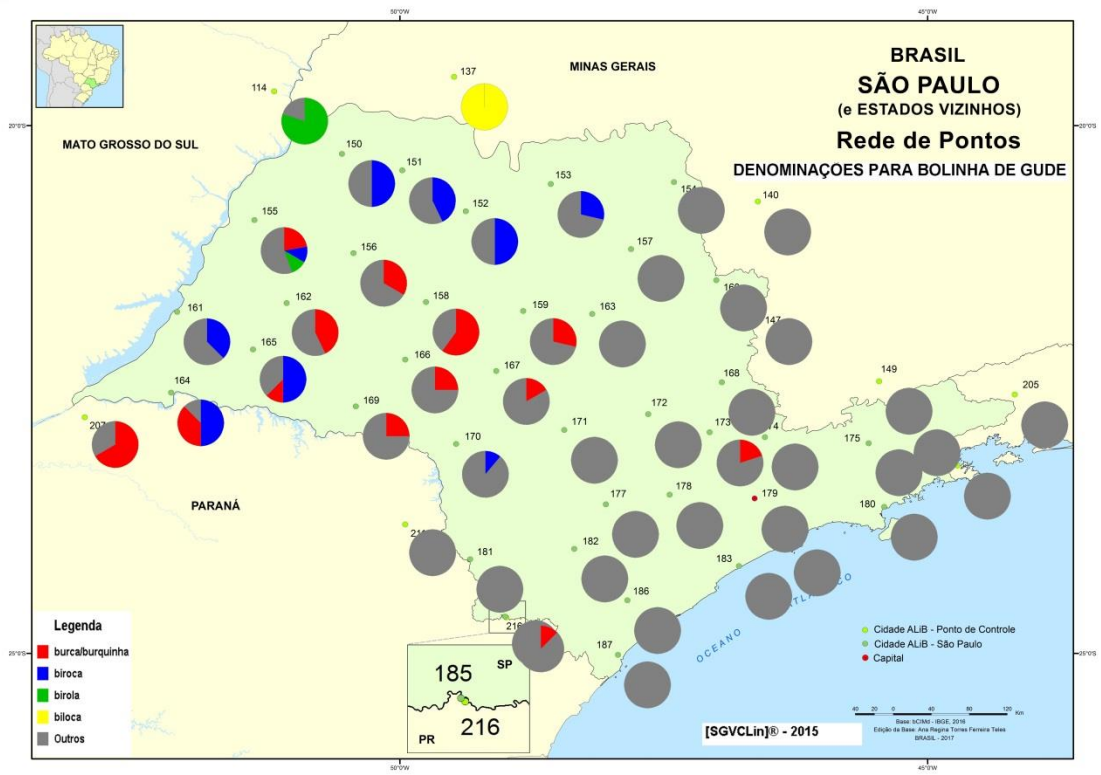


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ambas as denominações ocorrem em todas as regiões de São Paulo com produtividade variável, apesar de *bola/bolinha de gude* serem resposta única em alguns pontos de inquérito (divisa com Minas Gerais, Rio de Janeiro e parte do litoral paulista). Ainda sobre essa questão, é possível observar alguns comportamentos no que se referem às demais variantes, observe a Figura 53 que as registra:

[385] Pontua-se que apesar de *bolinha de gude/bolinha de vidro* estar registrado em todo o estado há maior número de ocorrências na região leste e central.

Figura 53 – Indicação das localidades com ocorrências das demais denominações na área investigada

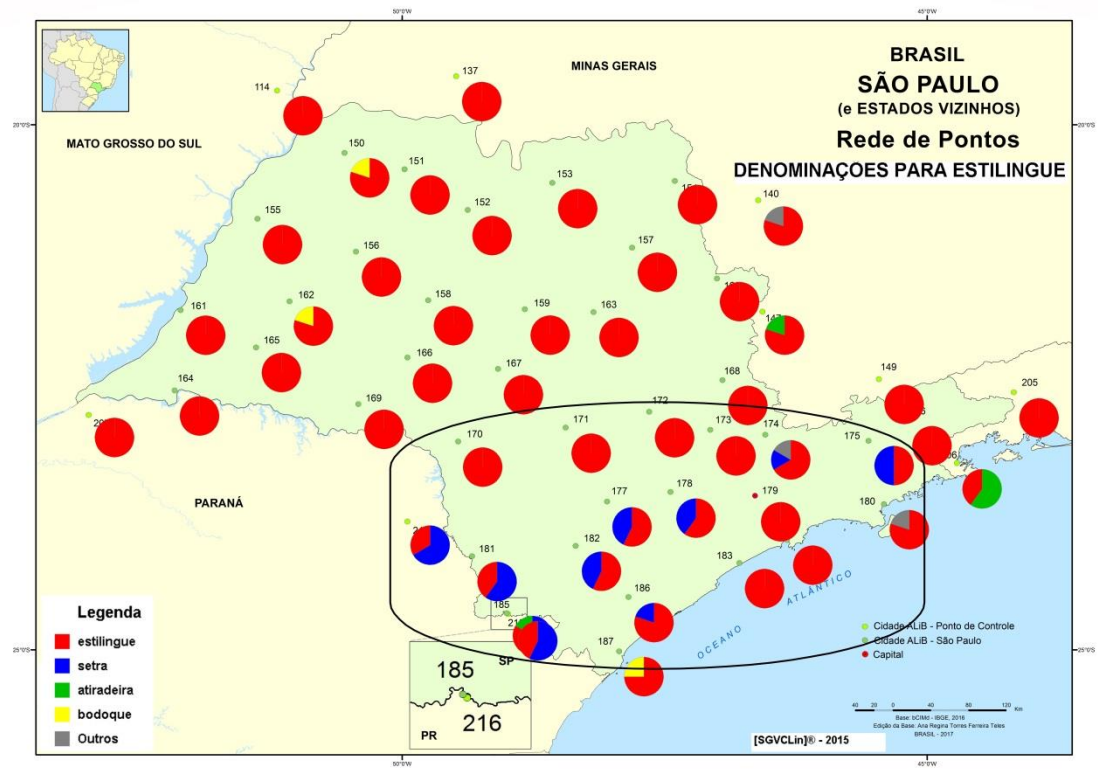


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na Figura 53 pontua-se que a região oeste, sobretudo na área voltada à cafeicultura no século XX, há uma maior produtividade de *burca/burquinha* que segue parcialmente até o noroeste do estado do Paraná. Por sua vez, *biroca* está documentada em boa parte do oeste paulista seguindo em direção aos limites geográficos com Minas Gerais (sul) e Mato Grosso do Sul (leste). Já *birola* foi registrado em dois pontos, um no Mato Grosso do Sul, com alto grau de produtividade e em ponto que demarca a divisa com o referido estado.

No que se refere à questão 157, foram cartografadas as seguintes variantes considerando os pontos de inquéritos investigados, de acordo com a produtividade: *estilingue, setra, atiradeira e bodoque*. Verifique a Figura 54 que apresenta a documentação das respostas cartografadas na área assinalada:

Figura 54 – Rede de pontos (total) com a localização das denominaçoes cartografadas para a questão 157/QSL/ALiB



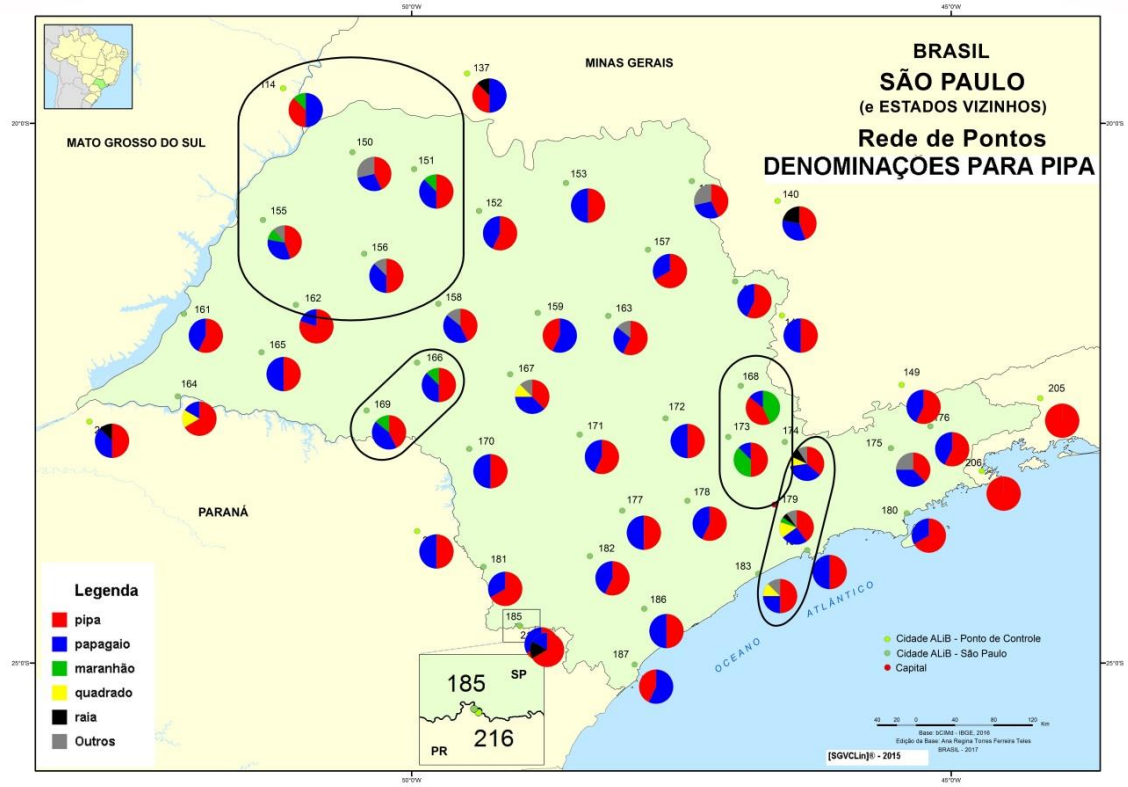
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se na Figura 54 que a denominação *estilingue* está presente em todos os pontos de inquéritos investigado, sendo que em algumas localidades foi resposta fornecida por todos os informantes entrevistados. Ainda considerando essa figura, destacam-se as ocorrências de *setra* na região de divisa com o estado do Paraná e em localidades próximas ao litoral paulista até as adjacências da mesorregião do Vale do Paraíba Paulista. Nota-se que a variante *setra* ocorre em localidades que marcam os caminhos percorridos pelos tropeiros no século XVIII e XIX.

Quanto aos demais registros: i) *atiradeira* está documentado próximo à fronteira com Rio de Janeiro e Minas Gerais e ii) *bodoque* foi fornecido como resposta próximo à fronteira oeste de São Paulo e no litoral paulista. Ambas as denominações foram registradas em localidade com certa distância entre si.

Em relação à questão 158, foram cartografadas as seguintes denominações nas localidades pesquisadas: *pipa, papagaio, maranhão* e *quadrado.* Na Figura 55 é possível visualizar as variantes cartografadas para a pergunta 158/QSL/ALiB:

Figura 55 – Rede de pontos (total) com a localização das denominaçoes cartografadas para a questão 158/QSL/ALiB



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

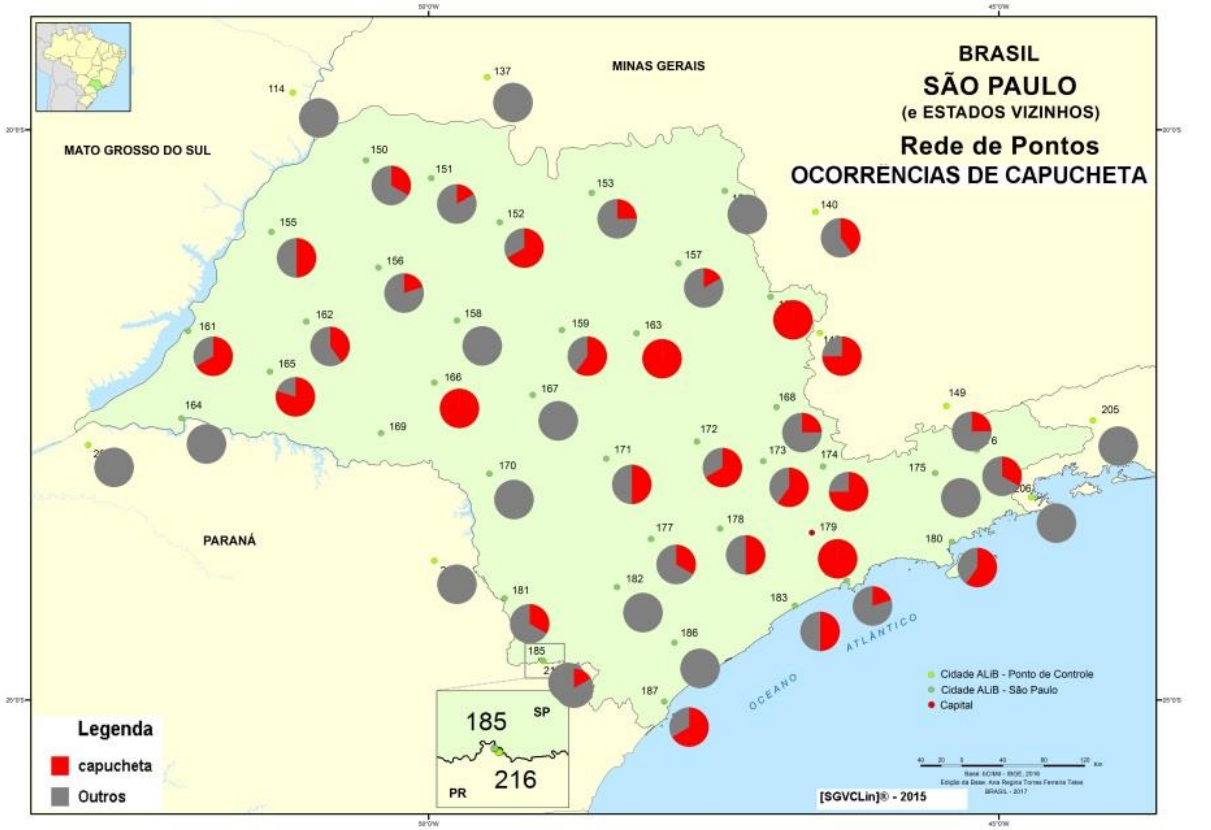
Na Figura 55 observa-se que as denominações *pipa e papagaio* estão disseminados em todo o estado de São Paulo e a área de controle. Quanto às demais denominações, notam-se os seguintes comportamentos: i) *maranhão* foi indicado em três regiões do estado, com maior número de ocorrências nas proximidades com o estado mineiro e sul-mato-grossense; ii) *quadrado* é informado na fronteira com o estado do Paraná e na região central de São Paulo (uma ocorrência/região) e com três registros em localidades entre o litoral paulista e o estado de Minas Gerais e iii) *raia* indicada em alguns pontos que já haviam sido documentadas a denominação *quadrado* e nos dados da área de controle, na fronteira com Minas Gerais e Paraná, em ambos os estados com duas ocorrências em dois extremos.

Curiosamente, verifica-se que as ocorrências de *quadrado* e *maranhão* parecem se aproximar no espaço investigado.

Quanto à questão 159, foram cartografadas as denominações: *capucheta, pipa, papagaio e aviãozinho* tanto no estado de São Paulo quanto na área de controle. Ao analisar os dados obtidos e cartas produzidas sobre a referida questão,

é possível afirmar que *capucheta* é uma denominação própria do estado de São Paulo para nomear o "brinquedo parecido com a pipa, sem varetas" devido a sua produtividade e disseminação por todo o território paulista como atesta a Figura 56:

Figura 56 – Indicação das localidades com registro de *capucheta* na área investigada



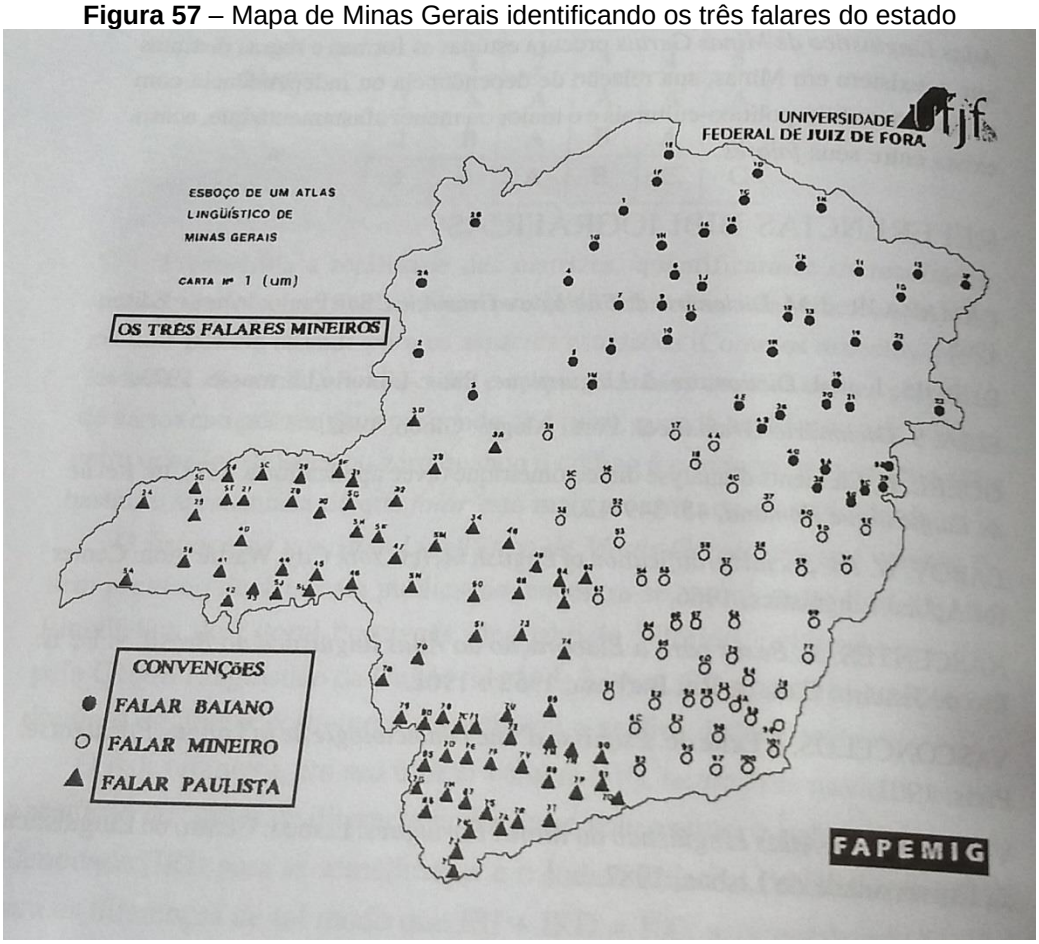
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Verifica-se na Figura 56 que a denominação *capucheta* não ultrapassa os limites territoriais paulistas, com exceção do interior de Minas Gerais, na região próxima ao Triângulo Mineiro. Esse movimento de *capucheta* adentrando para essas localidades mineiras confirma a proposição de Zágari (2005) ao afirmar que haveria um falar paulista que se expandia para o Triângulo Mineiro:

> A ocupação dos espaços imensos de Minas Gerais, através de três vias a que a geografia e a história deram vida, reforça e ajuda a explicar a existência de três falares no Estado, [...] (ii) um falar paulista que, partindo do sul do Estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo e a região sul do Estado (ZÁGARI, 2005, p. 50).

Na sequência, a Figura 57 indica a localização do falar paulista no território de Minas Gerais:

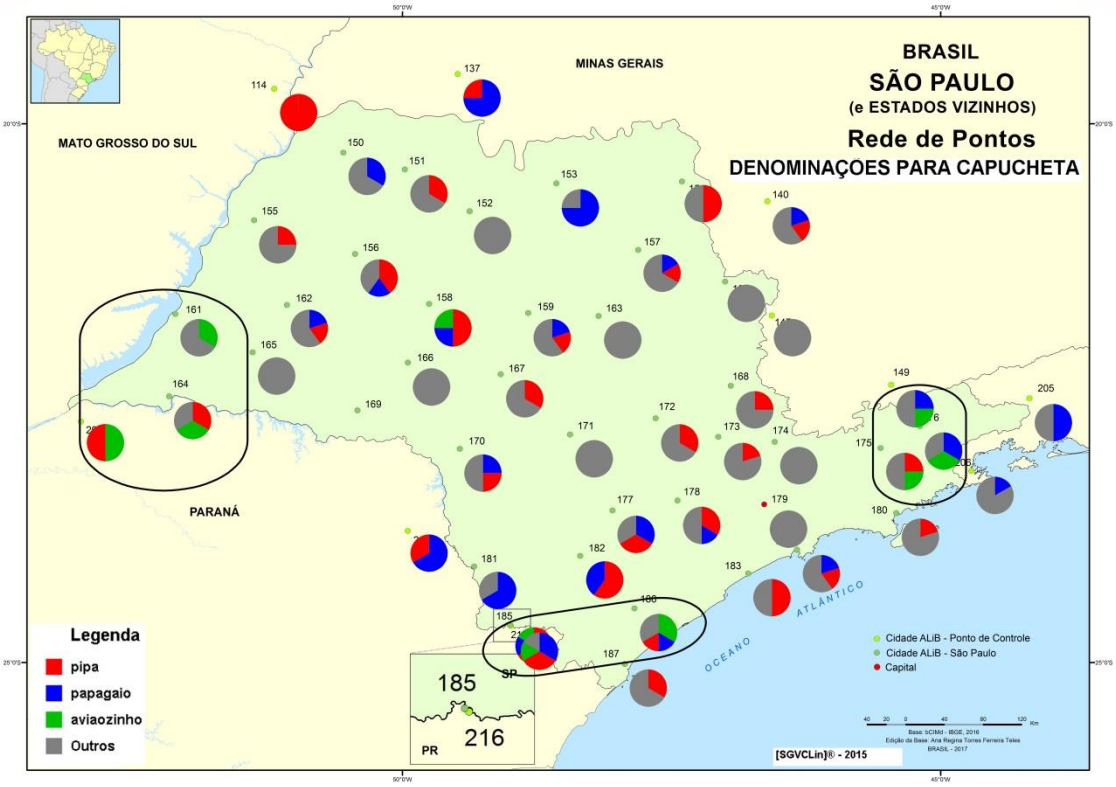
Figura 57 – Mapa de Minas Gerais identificando os três falares do estado



Fonte: Zágari (2005, p. 64).

Ao examinar as Figura 56 e Figura 57, é nítido que *capucheta* foi registrada nas localidades mineiras que Zágari classificou como falar paulista. Ainda é possível visualizar na Figura 58, as demais denominações documentadas para a questão 159/QSL/ALiB:

Figura 58 – Indicação das localidades com ocorrências das demais denominações na área investigada

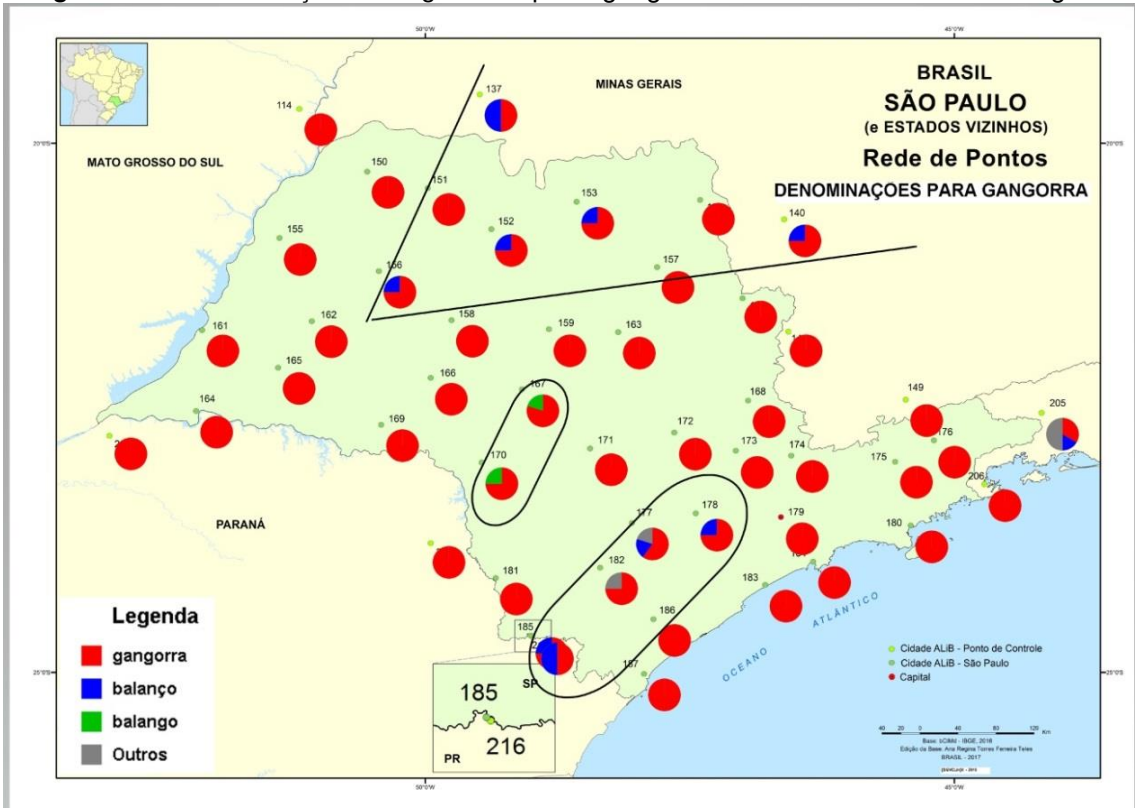


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Na Figura 58 observa-se que as denominações *pipa* e *papagaio* ocorrem em diferentes regiões do estado, já *aviãozinho* é indicada apenas em áreas limítrofes estaduais, com exceção do ponto 158. Nota-se que há registros de *aviãozinho* na fronteira PR-SP na região oeste e leste, próximo ao litoral e na delimitação SP-MG-RJ.

Em relação à questão 165, foram cartografadas as seguintes denominações: *gangorra, balanço, balango*. Verifique a Figura 59 que apresenta a distribuição das denominações produtivas na área investigada:

Figura 59 – Denominações cartografadas para “gangorra” considerando a área investigada

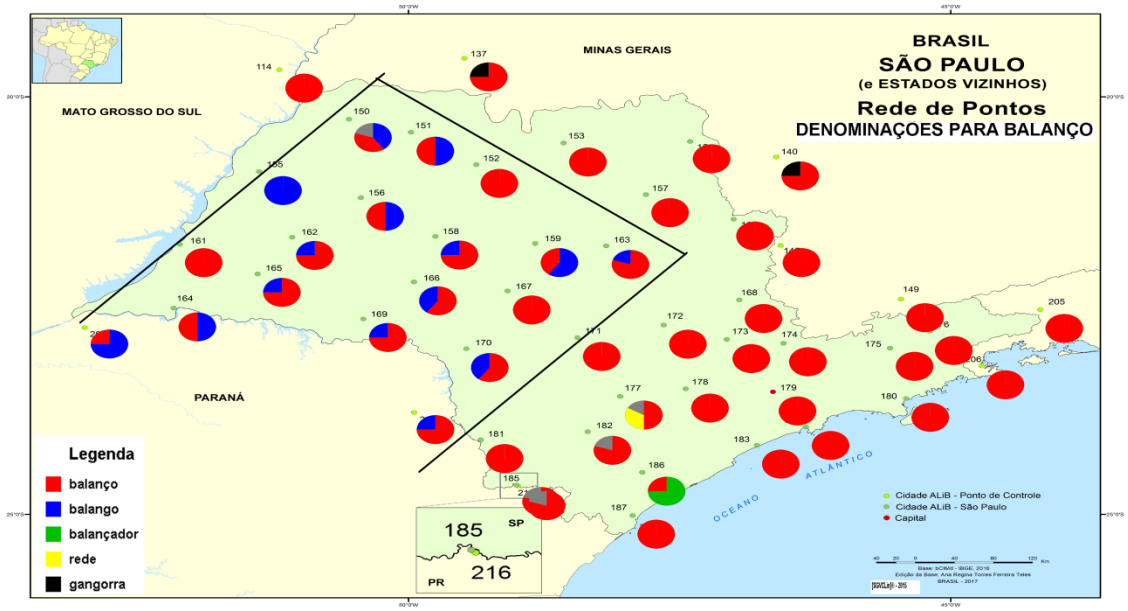


Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao examinar a Figura 59, nota-se que a variante *gangorra* é a mais produtiva e está difundida por todo o estado de São Paulo e na área de controle. Quanto às demais denominações, verifica-se a ocorrência de *balanço* em duas regiões: i) Vale da Ribeira em direção à Sorocaba, passando por Itapetininga, localidades que fazem parte do trajeto dos tropeiros e ii) na região noroeste de São Paulo próximo ao limite estadual com Minas Gerais; e, ainda, o registro de *balango* apenas na mesorregião de Bauru, em duas localidades distintas, porém vizinhas.

Quanto à questão 166/QSL/ALiB foram cartografadas as denominações: *balanço, balango, balançador, rede e gangorra* considerando os dados de toda a região investigada. Verifique a Figura 60 que apresenta a disposição das variantes cartografadas:

Figura 60 – Denominações cartografadas para “balanço” considerando a área investigada



Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Ao visualizar a Figura 60, destacam-se alguns comportamentos distintos: i) a superioridade da denominação *balanço* em toda a área investigada; ii) a demarcação de uma área de *balango e balanço* concorrendo, situada ao oeste do estado de São Paulo e que ruma ao norte do Paraná, iii) a presença das denominações: *balançador, rede*[386] exclusivamente em uma localidade paulista e iv) a denominação *gangorra* no estado de Minas Gerais.

Considerando as três áreas dialetais informadas, apresenta-se um quadro-síntese das questões que correspondem às respectivas faixas indicadas:

Quadro 94 – Variantes registradas considerando o traçado das áreas dialetais

Variantes registradas			
Questão analisada	**Cultura do café**	**Caminho das Tropas**	**Falar Mineiro**
155	pirueta	cambota	
160			pique-esconde
162	rela-rela	mãe	
164			corre-cotia
156	burca/burquinha		
157		setra	
159			Capucheta
165		balanço	
166	balango		

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

[386] A denominação *beló* também foi indicada como resposta por mais de um informante em uma localidade pesquisada. Qual?

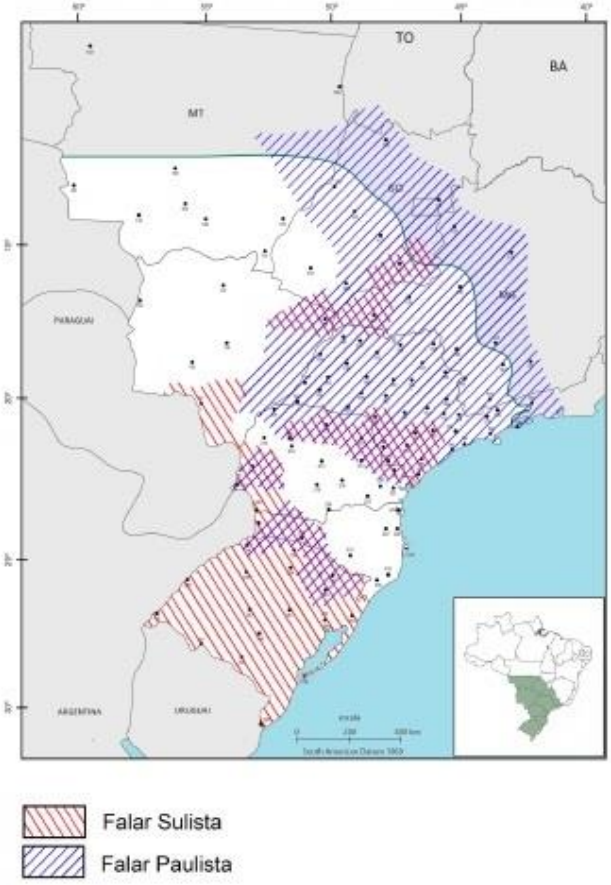
Analisando os resultados discutidos, reitera-se que a proposta da divisão dialetal produzida por Nascentes (1953) foi baseada em critérios fonéticos. Por sua vez, neste trabalho, como em outros produzidos com dados do Projeto ALiB, muitas reflexões têm surgido a respeito das delimitações e considerando, sobretudo, critérios lexicais.

Ao examinar os dados deste estudo ainda é possível tecer outras considerações:

i) O falar paulista, já citado por Zágari (1998) e proposto por Romano (2016) parece de fato estar desvinculado do falar sulista (NASCENTES,1953).

ii) Não foi possível delimitar com segurança, neste estudo, quais seriam os limites definitivos para o falar paulista. Porém, tendo em vista as cartas produzidas e análises realizadas para as questões investigadas, concorda-se com a proposição de Romano (2015) que indica a seguinte região para o falar paulista: “[...] difunde-se a partir do Estado de SP, com influência na região norte do PR, oeste do MS, sudoeste e interior do Estado de GO, sul de MG e Triângulo Mineiro” (ROMANO, 2015, p. 262). De acordo com a tese de Doutorado de Romano (2015) e estudos posteriores, como Romano (2018) destaca-se na Figura 61 a delimitação territorial para o falar sulista e paulista proposto pelo estudioso:

Figura 61 – Localização geográfica dos falares sulista e paulista



Fonte: Romano (2018, p. 140).

Quanto ao espaço circunscrito ao falar paulista, não é possível tecer considerações a respeito da região de Goiás a partir dos dados aqui discutidos, pois não foi selecionado esse estado para esta pesquisa. Ademais, salienta-se a necessidade de outros trabalhos que investiguem dados de São Paulo, sobretudo englobando outras áreas semânticas com a finalidade de solidificar a delimitação desse falar.

Além da documentação das isoléxicas na área investigada que propõem o traçado de áreas dialetais, cabe informar que ainda há indícios de mais duas faixas: a primeira que é marcada por um possível trajeto entre o Oeste do Paraná passando pelo estado de São Paulo rumo ao sul de Minas Gerais, o que é possível visualizar verificando as ocorrências de *biroca* (157/QSL/ALiB), sobretudo se a denominação for originada a partir de *bilosca*, registrada no EALMG com alta produtividade nessa região de Minas Gerais. Essa demarcação também se verifica (ao menos parcialmente) nos registros de *papagaio* (158/QSL/ALiB) e *gangorra* (165/QSL/ALiB). Já, a segunda, seria marcada na região limítrofe SP-MG-RJ e que

considera a documentação de *corre-cotia* (164/QSL/ALiB). Quanto à essa segunda demarcação, não se exclui a possibilidade de ela pertencer total ou parcialmente a uma faixa do falar paulista que adentra o estado de Minas Gerais (proximidades com o Triângulo Mineiro). Considerando de modo isolado a variante *corre-cotia*, ainda é possível afirmar que as fronteiras geográficas são simbólicas, no que se refere à delimitação das escolhas lexicais dos seus falantes, ou seja, uma variante lexical expande-se independente das delimitações geográficas.

Além disso, segundo os dados analisados, verifica-se que algumas variantes, como: *bola/bolinha de gude* (156/QSL/ALiB), *esconde-esconde* (160/QSL/ALiB), *capucheta* (159/QSL/ALiB) *cobra-cega* (161/QSL/ALiB), *pega-pega (*162/QSL/ALiB), *pique* (163/QSL/ALiB) e *amarelinha* (167/QSL/ALiB) integram a norma lexical do estado de São Paulo, pois tiveram alta produtividade no território paulista e foram disseminadas em diferentes regiões, o que evidencia que essas denominações fazem parte das escolhas lexicais realizadas pelos informantes do território investigado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a riqueza de informações que os dados inéditos do *corpus* do Projeto ALiB oferecem para a descrição da língua portuguesa do Brasil, a tese *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo* examinou a vitalidade ou não da divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) quanto à inclusão do estado de São Paulo no falar sulista. Ao examinar a área de estudo, confirma-se a existência de um falar paulista desvinculado do falar sulista, ao menos no que se refere ao vocabulário dos entretenimentos infantis, tese já defendida por Romano (2015) com base em dados de cinco perguntas do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, vinculadas às áreas semânticas *Acidentes Geográficos, Atividades Agropastoris, Ciclos da Vida, Jogos e Diversões Infantis, Alimentação e Cozinha*. Tendo em vista que, nesta pesquisa, a área investigada foi o interior do estado de São Paulo e as localidades circunvizinhas, pertencentes a quatro estados, não é possível delimitar com precisão as fronteiras desse falar sulista, porém aponta-se para um adentramento no sentido sul de Minas Gerais em direção ao Triângulo Mineiro, como alertado por Zágari (1998) ao delimitar três falares no estado de Minas Gerais.

Esta pesquisa analisou dos pontos de vista diatópico e léxico-semântico as variantes lexicais obtidas como resposta para as 13 perguntas vinculadas à área semântica Jogos e Diversões Infantis do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB e apresentou como produto 26 cartas lexicais que registram a variação diatópica considerando dois blocos: o estado de São Paulo e a área de controle. Além disso, discutiu-se sobre a produtividade das unidades lexicais que compuseram o *corpus* da pesquisa, segundo as dimensões diageracional e diassexual.

Com o propósito de contribuir com a descrição da norma lexical paulista na área dos brinquedos e brincadeiras infantis, foram analisadas variantes lexicais como *bola/bolinha de gude* (156/QSL/ALiB); *esconde-esconde* (160/QSL/ ALiB); *capucheta* (159/QSL/ALiB); *cobra-cega* (161/QSL/ALiB); *pega-pega (*162/QSL/ALiB); *pique* (163/QSL/ALiB) e *amarelinha* (167/QSL/ALiB) que tiveram alta produtividade no território paulista e foram disseminadas por diferentes regiões do estado, o que revela que essas unidades léxicas compõem o repertório lexical dos falantes do território investigado. Algumas denominações como *capucheta* parecem configurar-

se como uma marca regional paulista para nomear “um brinquedo parecido com a pipa, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha”.

Entre possíveis casos de mudança ou manutenção de unidades léxicas observou-se que a unidade lexical *cabra-cega* está sendo substituída, progressivamente, pela forma *cobra-cega* em toda a região investigada. Essa constatação se baseia no cotejo com o registro das variantes nos atlas linguísticos já produzidos na área investigada e com as produtividades obtidas para as denominações examinadas conforme as dimensões diageracional e diassexual.[387]

Tendo em vista o universo investigado, também foi constatada a recorrência das unidades léxicas *esconde-esconde, cobra-cega e pega-pega* para denominar as brincadeiras variadas contempladas pelas questões 160/161/162/QSL/ALiB, mas que, muitas vezes, foram designadas com uma mesma denominação sem estabelecimento de distinção entre os tipos de brincadeiras. Nesses casos, não foi possível elucidar os motivos pelos quais o informante atribuiu esses nomes para os três entretenimentos diversos; tem-se, todavia, a hipótese de que esse fenômeno possa ser explicado por fatores como i) esquecimento da brincadeira por parte do informante em decorrência da distância temporal que separa a prática do entretenimento na infância e a época da concessão da entrevista como adulto; ii) esquecimento (temporário ou definitivo) do nome da brincadeira; iii) influência da urbanização, por não mais visualizar crianças brincando com as atividades lúdicas em questão; iv) ações/movimentos comuns na prática das brincadeiras, motivados pelos verbos *esconder, pegar, correr*.

Ainda considerando as expectativas iniciais da pesquisa, conclui-se que:

a) Não é possível, por ora, atestar a vitalidade da área dialetal do falar sulista considerada por Nascentes (1953) no estado de São Paulo, corroborando-se a hipótese da existência de um falar paulista com características próprias que o distingue do falar sulista na concepção do eminente dialetólogo brasileiro. Porém, não é possível precisar se, realmente, esse quadro linguístico já estava em curso na época das divisões dialetais propostas por Nascentes (1953) ou se configura como uma situação mais recente decorrente da urbanização, dos avanços tecnológicos e

[387] Outra possibilidade a ser considerada é a ausência/dificuldade em encontrar o referente “cabra”, na atualidade.

da influência das imigrações do final do século XX e XXI em que o estado de São Paulo é, muitas vezes, a porta de entrada para as demais regiões do Brasil. Além disso, reconhece-se que a linguagem dos habitantes de São Paulo, em alguns aspectos, pode ter sofrido influências no nível lexical dos falantes da região Sul e do Nordeste decorrentes das diferentes mobilidades.

b) Os dados analisados possibilitaram o delinear de três subáreas dialetais na área investigada, marcadas, sobretudo, pelas influências entre a cultura e a história social de São Paulo. Essas subáreas estão situadas: i) na proximidade do Vale do Ribeira associada aos diferentes trajetos percorridos pelas tropas oriundas do sul do Brasil; ii) na região Oeste e Noroeste do estado de São Paulo, fenômeno associado à cultura do café implantada no século XX e que se estendeu até a região norte do Paraná em virtude de terras propícias para essa cultura; iii) expansão do falar paulista para além dos limites estaduais MG-SP atingindo o sul de Minas Gerais e o Triângulo Mineiro, como já vislumbrado por Zágari (1998), entendido aqui como um prolongamento do falar paulista e não simplesmente como um dos três falares mineiros.

Essas três subáreas dialetais traçadas no estado de São Paulo refletem a inter-relação existente entre a história-social de uma população e o léxico, o que muitas vezes ocorre de modo quase invisível e, consequentemente, acaba provocando lentas mudanças na língua falada por um grupo humano. Ainda há indícios de ao menos mais duas possíveis faixas que possam estabelecer subáreas dialetais, uma no trajeto entre o Oeste do Paraná e a região de Minas Gerais e outra em áreas limítrofes entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No caso dessa última demarcação, não se descarta a hipótese de que também se configure como um prolongamento do falar paulista até as regiões de fronteira estadual, na intersecção desses três estados.

c) O estabelecimento da área de controle permitiu confirmar que, na grande maioria das vezes, a delimitação geográfica não é suficiente para estabelecer limites de expansão de uma unidade lexical, como é o caso da unidade lexical *mãe* que como resposta para a pergunta 162/QSL/ALiB (*pega-pega*) foi documentada no interior de São Paulo e no Paraná (área de controle), em localidades próximas às fronteiras estaduais, com ocorrências em: i) São Paulo: Registro (186); Ribeira (185); Itararé (181); Itapetininga (177); ii) Paraná: Adrianópolis (216) e Tomazina (211). A

documentação dessa variante também foi registrada em outros trabalhos dialetais produzidos na área investigada.

Para além do exposto, esta Tese disponibilizou o produto de um amplo estudo sobre as unidades lexicais obtidas como resposta para as 13 perguntas do Questionário Semântico-Lexical, relacionadas à área semântica *Jogos e Diversões Infantis* com base nos dados inéditos do Projeto ALiB relativos ao estado de São Paulo. Tem-se a expectativa de que este trabalho tenha fornecido elementos que possam contribuir para a descrição da norma lexical veiculada entre os habitantes de São Paulo, contribuindo, assim, para o preenchimento da lacuna existente em termos de descrição do léxico dialetal dos paulistas, decorrente sobretudo da não finalização do ALESP - Atlas Linguístico do Estado de São Paulo que, com certeza, seria uma referência para a confirmação de hipóteses contemporâneas sobre as características do português falado em São Paulo.

Em síntese, acredita-se que a conjunção dos dados analisados no âmbito deste trabalho com os oriundos de outros trabalhos já concluídos sobre o léxico das brincadeiras e brinquedos infantis documentado pelo Projeto ALiB poderá contribuir com a cartografia e os estudos sobre esse recorte do léxico na produção dos volumes em curso do Atlas Linguístico do Brasil, como também estimular pesquisas na área, em especial a produção do tão aguardado Atlas Linguístico de São Paulo. Entretanto, enquanto essa empreitada não se concretiza, a continuidade de estudos sobre o léxico documentado por meio das perguntas vinculadas às demais áreas semânticas que compõem o Questionário Semântico-Lexical, contribuirá para a comprovação e/ou refutação das conclusões aqui apresentadas, em especial as relativas à configuração e delimitação do *falar paulista.*

REFERÊNCIAS

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente.** Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Presidente Prudente, 1972.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. ***A* geolingüística no Brasil:** caminhos e perspectivas*.* Londrina: Editora UEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Um caminho para a história do português brasileiro.** cruzando os brinquedos infantis com a história social. Conferência apresentada no 6º Congresso de Lusitanistas Alemães – Deutsche Lusitanistenverband – na secção "Brasilianisches Portugiesisch: Geschichte, System und Variation", 2005.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um caminho para o conhecimento da história da língua portuguesa no Brasil: As brincadeiras infantis. In: TROTTER, David (Org.). **Actes du XXIV^{e} Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Tome I. Tübigen: Max Niemeyer Verlag, 2007, p. 11-26.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. Brinquedos e divesões no Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: análise léxico-semântica. In: II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, 2015, Londrina-PR, **III Anais do CIDS**, vol. 1, p. 815-830.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. A unidade lexical 'bolita' no Mato Grosso do Sul: perspectiva geolinguística. In:**Estudos Linguísticos**: São Paulo, 2015, v.44, p. 414-426.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. A unidade lexical 'funda': dados geolinguísticos evidenciando marcas históricas no interior do Mato Grosso do Sul. In**: Estudos Linguísticos**: São Paulo, 2017, v.46, p. 366-377.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. Brinquedos e diversões no estado de São Paulo: designações para estilingue a partir dos dados do Projeto ALiB. In: **Estudos Linguísticos**, 2018, v. 47, p. 243-259.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná II.** 2007. 2 v. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ALVAR, Manuel. Qué es dialecto. In: ALVAR, Manuel. **Manual de Dialectología Hispánica**. El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009, p.5-14.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira.** São Paulo: HUCITEC, 1920.

ANJOS, Eliane Dantas dos. **Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira: um estudo término-lingüístico.** 2003. 223f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa –

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em:

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleuza de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Aulete Digital**: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa. Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://auletedigital.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2015.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (org). **Na Estrada do Anhanguera**: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1999.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org). **Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes.** RJ: Academia Brasileira de Letras, 2003. V.I., 748 p. ilus (Coleção Antonio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

BARBEIRO, Evelin Pelarin; ISQUERDO, Aparecida Negri. O atlas linguístico do Brasil e a descrição da norma lexical regional: contribuições no campo das brincadeiras infantis. In: **Encontro anual de Iniciação Científica, 16., Anais.**.. Londrina, 2007. Disponível em <http://www.eaic.uem.br/artigos/CD/1221.pdf>. Acesso em 24 ago. 2011.

BENJAMIN, Walter.**Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2009, 2º ed.

BESSA, José Rogério Fontenele (coord). **Atlas Linguístico do Ceará**. v. I- Introdução, v. II - Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), 1984a, p. 1-26.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.),1984b, p. 135-144.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Lingua Portuguesa,** São Paulo, Humanitas Publicações/ FFLCH/ USP, n. 02, 1998, p. 81-118.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. In: Basílio, Margarida (org)**. Palavra** Rio de Janeiro: Editora Grypho, 1999, p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pires. **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2001b, p. 131-144.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística:** linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: LTC Ed., 2001c.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: áulico, anatômico, architectonico**... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em:< http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1 >. Acesso em: 21 abr. 2017.

BORBA, Francisco S. (Org). **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOULANGER, Jean-Claude. A propôs du concept de 'regionalisme'. **Lexique et institutions**. Presses Universitaires de Lexique, 1985, p. 125-146.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Ministério da Cultura. Tesauro de cultura e folclore popular brasileiro. Disponível em:http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001248.htm. Acesso em: 18. jun. 2018.

BRASIL. Portaria nº 108, de 13 de junho de 2005. Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/legislacao/rtac/pdf/RTAC000946.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2017.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1985.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Antologia do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Global, 2002. v 1.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo, Editora Global, 2012.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Tinha Nascentes razão?** Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil. Estudos Linguísticos e Literários. Salvador: UFBA, n.5, 1986, p. 47-59.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O atlas linguístico do Brasil de “nascituro” a “adolescente” In: **A Geolinguística no Brasil trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Vanderci de Andrade Aguilera (org). Londrina. Eduel, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística:** Tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A História do Atlas Linguístico do Brasil. In: **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol 1, Londrina: Editora Eduel, 2014a, p. 17-29.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil.** Vol 2.Londrina: Editora Eduel, 2014b.

CASTRO, Vandersi Sant’ Ana. Revisitando Amadeu Amaral. In: **Estudos Linguísticos**,Campinas, v. 35, 2006. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/ revista20062.htm. Acesso em: 01 setembro 2016.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, SL, 1994.

COLORIR GRATIS. Disponível em: <https://img1.colorirgratis.com/49b4cc1ec5005-p.gif>. Acesso em: 05 fev. 2018.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil:** Questionários 2001. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística. **Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano**, Montevideo, n. 11, 1965.

COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e linguística geral.** Trad. Agostinho Dias Carreiro. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: Edusp, 1979.

COSTA, Mônica Rodrigues. Você sabe quem foi que inventou a maria-cadeira? Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/brinca8.htm Acesso em: 16 jun. 2017.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*.*** 2007. 772f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Estudo geolinguístico no município de São Paulo: uma abordagem com sujeitos na faixa etária de 31 a 49 anos**. In: Cadernos do CNLF, Vol XI, nº 15. Rio de Janeiro, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

D’ANUNCIAÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 86fl. 2016. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016

DEPOSIT PHOTOS. Disponível em: <https://st.depositphotos.com/1695366/1395/v/950/depositphotos_13950705-stock-illustration-cartoon-hopscotch-girl.jpg>. Acesso em: 01 fev. 2018.

DUBOIS, Jean *et al*. **Dicionário da Linguística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 2001.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Cultural.** Cambridge: University Press: 2000.

ECURED. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Juego_La_Peregrina>. Acesso em: 23 jan. 2018.

EDUCALINGO. Disponível em: <http://educalingo.com/pt/dic-fr/marelle>. Acesso em: 16 mar. 2018.

EDUCAR E KIDS. Disponível em: <http://educarekids.blogspot.com/2013/02/cantigas-da-educacao-infantil.html>. Acesso em: 01 fev. 2018.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira. Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo. 2010. 741f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

EZQUERRA, Manuel Alvar. Dialectología y lexicografia. In: In: ALVAR, Manuel. **Manual de Dialectología Hispánica.** El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009, p. 49-54.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Carlota. *et al.* **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura. Variação Linguística: perspectiva dialetológica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. In: **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1996, p. 479-502.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1899.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa**. Vol. IV. Rio de Janeiro: A noite Editora, 1940.

FRIEDMANN, Adriana. **A arte de brincar:** brincadeiras e jogos tradicionais. Petrópolis: Vozes, 2014.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de la France**. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário de etimologias da Língua Portuguesa**. Curitiba: Ed. Nacional, 1979.

GUSDORF, Georges. **A Palavra.** Lisboa: Edições 70, 2010.

HISTÓRIA BRINCADEIRA. Disponível em: <http://historiabrincadeira.no.comunidades.net/amarelinha>. Acesso em: 16 mar. 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. Tradução de J. P. Monteiro. São Paulo: Perspectivas, 1986.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. Tradução de J. P. Monteiro. São Paulo: Perspectivas,2017, 8 ed.

ISQUERDO, Aparecida Negri. “Marcas” do popular rural no nível lexical um estudo no campo do entretenimento infantil. In: Aguilera, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e Perspectivas**. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 225-233.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.; Apresentação. In: Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de. ; ISQUERDO, A. N. (org.) **As Ciências do Léxico.** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001a. p. 9-11.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de. ; ISQUERDO, A. N. (org.) **As Ciências do Léxico.** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001b. p. 89-98.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: Marin, Jérri Roberto; Vasconcelos, Cláudio Alves de. (Orgs.). **História, região e identidades**. Campo Grande, Editora da UFMS. 2003a. p. 165-181.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: o entrevistador. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy

Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (orgs). **Documentos 1: Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2003b, p. 45-54.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os atlas regionais brasileiros e em curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana A. M (orgs) **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto. 2006a. p.67- 94.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Lexicografia e Geolinguística: interfaces. In: MARTINS, Evandro Silva; CANO, Waldenice Moreira; MORAES FILHO, Waldenor Barros. **Léxico e morfofonológica: perspectivas e análises.** Vol iv. Uberlândia: Editora da UFU, 2006b. p.113-134.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil.** In: Alfa: Revista de Linguística. Unesp, v.50 (2). São Paulo: Unesp, 2006c, p. 9-24. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109>. Acesso em: 20 ago 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: GUEDES, Marymarcia, BERLINCK, Rosane de Andrade, MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Orgs.), **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**, Série Trilhas Linguísticas, n.8, Araraquara: Laboratório Editorial FCL/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006d, p. 11-29.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismo do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri, ALVES, Ieda Maria. **As Ciências do Léxico.** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande, Editora UFMS, 2007a. p. 193-208.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para estilingue em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópicas e léxico-histórica**.** In: TROTTER, David (Org.). **Actes du XXIV^{e} Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes.** Tome I. Tübigen: Max Niemeyer Verlag, 2007b, p. 533-546.

ISQUERDO, A. N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Dos sons às palavras nas trilhas da língua portuguesa***.* Homenagem à Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-59.

ISQUERDO, Aparecida Negri;PORTILHO, Danyelle Saraiva Almeida. O estilingue na região Norte do Brasil: análise das designações documentadas pelo Projeto ALiB. In: II **Encontro Regional do Grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste**. Três Lagoas, 2011, p. 310-323.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. **Discutindo a dimensão sociolinguística do Projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes.** In: Alfa: Revista de Linguística, Unesp Online, v. 56, 2012, p. 891-916. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4941/4366>. Acesso em: 20 jun 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina Torres Ferreira; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. A Rede de Pontos.In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil.** Vol.1.Londrina: Editora Eduel, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **O brincar e suas teorias.** São Paulo, Pioneira, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Práticas Pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis** (1923-1935). São Paulo: PoloBooks, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2015. 2015.

KOCH, Walter; ALTENHOFENN; Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (org). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis, Editora da UFSC, 2011.

LIVRESPORTES. Disponível em: <http://www.livresportes.com.br/reportagem/jogo-de-amarelinha-tem-origem-francesa>. Acesso em: 16 mar. 2018.

LIVRESPORTES. Disponível em: <http://www.livresportes.com.br/reportagem/jogo-de-amarelinha-tem-origem-francesa>. Acesso em: 16 mar. 2018.

LOBATO, Monteiro. **Onda Verde**. São Paulo: Brasiliense, 1979, 13 ed.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade**. Salvador: Site oficial do profesor Cipriano Carlos Luckesi, 2005, . Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. Acesso em: 01 fev. 2017.

MAGALHÃES, Celso de. **Os divertimentos tradicionais no Maranhão e na Bahia.** São Paulo: Editora Global, 2002.

MAPA DO BRINCAR. Disponíveis em: <http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/roda/554-corre-cutia-1>. Acesso em: 01 fev. 2018.

MAPA DO BRINCAR. Disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br> Acesso em: 20 fev. 2018.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **Crescimento demográfico e evolução agrária paulista** - 1700-1836. Tese (Livre Docência), São Paulo, 1974. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MARGOTTI, Felício Wessling; BASSI, Alessandra. Variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, Fabiane Cristina (org). **Múltiplos olhares sobre a diversidade lingüística:** uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012, p. 49-78.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, 3 ed.

MELO, Luciana; VALLE, ELizabeth. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. In: **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n.40, p. 43-48, jan./mar.2005.

MESGRAVIS, Laima. Apresentação. In: Taunay, Afonso de Escragnolle, **São Paulo nos Primeiros Anos (1554-1601)/São Paulo no Século XVI**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003, p.3-8.

MIAZZI, Maria Luisa Fernandez. **Introdução à linguística românica:** histórico e métodos. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1972.

MORAES SILVA, **Antônio de. Diccionario da língua portugueza**. Lisboa, 1789. Disponível em: < http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/2 >. Acesso em: 21abr. 2017.

MOTA, Jacyra Andrade. Percursos metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil.** Vol. 1. Londrina: Editora Eduel, 2014. p. 79-93.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino**. Sobre a dialectologia no Brasil: Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros.** In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). Documentos 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2015, 7ed., p. 259-288.

MOUTON, Pilar García. **Dialectología y cultura popular. Estudio de la cuestión**. In: Revista de Dialectología y Tradiciones Populares 42. 1987, p. 49-73.

MOUTON, Pilar García. Dialectología y Geografia Linguística. In: ALVAR, Manuel. **Manual de Dialectología Hispánica.** El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009, p. 63-77.

NASCENTES, Antenor. **Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.**Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, Antenor. **Divisão dialectológica do território brasileiro**: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v.17, n2 abr/jun, 1955, p. 213-219.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Süssekind de Mendonça, 1922.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NOGUEIRA, Maria Ephigênia de Andrade Cáceres. O lúdico na época de Anchieta. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos. **Jogos e Brincadeiras tempos, espaços e diversidade** (Pesquisas em Educação). São Paulo, Editora Cortez, 2016, p. 97-123.

ODALIA, Nilo; CALDEIRA; João Ricardo de Castro Caldeira. **História do estado de São Paulo/ A formação da unidade paulista.** Vol. 3: Governo e municipalidade. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial; Arquivo Público do estado, 2010, p. 236-237.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação.In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As Ciências do Léxico.** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.p.09-12.

OLIVEIRA, Dercir (org). **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

ORIGAMI PRA DECORAR. Disponível em: <https://origamipradecorar.wordpress.com/2013/10/07/capucheta-como-fazer/>. Acesso em: 13 fev. 2018.

ORTÊNCIO, Bariani. **Dicionário do Brasil Central**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

ORTÊNCIO, Bariani. **Cartilha do Folclore Brasileiro.** Goiânia: Editora da UFG, 2004.

PAIXÃO CÔRTES, J. C. **Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho.** Porto Alegre: CORAG, 2000.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira.** Typographia de Silva, 1832.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. O **falar amazônico:** uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

POTTIER, Bernard. **Presentación de la linguistica**: Fundamentos de una teoria Madrid: Ediciones Alcala, 1968.

PRIORE, Mary del; VENÂNCIO, Renato. **O livro de ouro da História do Brasil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 7ed.

RAMÍREZ, Arnulfo G. Dialectología y Sociolingüística. In: ALVAR, Manuel. **Manual de Dialectología Hispánica.** El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009, p.37- 48.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução Clóvis Barleta de Morais. **Alfa**, São Paulo, n. 28 (Supl.), 1984, p. 45-69.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

RIBEIRO, José *et al*. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. 1977.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Jogos e diversões infantis: preferências lingüísticas e variáveis sociais. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org). **Dos sons às palavras**: nas trilhas da Língua Portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 237-262.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. A brincadeira cambalhota na Bahia e em Sergipe. In: IV SiL – Seminário Internacional de Linguística – Simpósio: A abordagem do léxico em trabalhos de geolinguística. **Anais do IV SiL – Seminário Internacional de Linguística.** São Paulo: Terracota Editora, 2011, v.1, p.996-980.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. 752p. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RICARDO, Cassiano. **Marcha para o Oeste:** a influência da bandeira na formação social e política do Brasil. 2º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942 (Coleção Documentos Brasileiros), vol1.

ROCHA, Ana Paula A. Notas sobre o léxico de brincadeiras infantis usado em Minas Gerais à luz de dois trabalhos geolinguísticos: o ALEMIG (1977) e o Projeto ALiB. In: In: ALTINO, Fabiane Cristina (org). **Múltiplos olhares sobre a diversidade lingüística:** uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012, p. 79-92.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, UEL, v. 13, 2013, p. 203-242.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística**. Papéis**, UFMS, v. 18, 2014, p. 135-153.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

[SGVCLin]. Versão 1.0. SEABRA, R. D.; ROMANO, V. P.; OLIVEIRA, N., 2014. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015. Volume 1:296f. Volume 2: Uma carta introdutória, 71 cartas linguísticas e 10 relatórios.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, 2017, v.25, p. 111-150.

ROMANO, Valter Pereira. **Área lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolingeolingüística**sta de Estudo da Linguagem, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, 2018, p. 103-145.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, Anna Carolina Chierotti dos; ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para cabra-cega: um estudo geolinguístico. In: **O Desafio das letras**, Rolândia, 2007. Disponível em: http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2007_g/textos/18.htm. Acesso em: 29. mar. 2018.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. **Ainda a Geolinguistica na USP: realizações e tendências**. In: MAGALHÃES,LJ.S. de; TRAVAGLIA, L.C.. (Org.). Múltiplas perspectivas em Linguistica. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2008, v. , p. 1367-1373.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Ao findar a brincadeira, o que revelam os dados do ALiB sobre as áreas dialetais.** Inventário, UFBA Online, v. 19, 2016b, p. 1-13.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.** 2016. 197 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016a.

SANTOS, Maria Walburga dos. **História em imagens: a cultura e o lúdico no estudo dos parques infantis**/ coordenação Tizuko Morchida Kishimoto. São Paulo: FEUSP/FAFE/LABRIMP, 2009. 7p.: II. (Coleção Pontão de Cultura. Caderno 12).

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil.** São Paulo: Ed. Scipione, 1994.

SANTOS-IKEUCHI. Ariane Cardoso dos. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Estado de São Paulo**. 364f.Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência.** Rio de Janeiro: Ed. Livraria Acadêmica, 1969.

SAPIR, Edward. **A Linguagem: Introdução ao estudo da fala.** Tradução Joaquim Mattoso Câmara Junior. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Eduardo Fernando da. **Bola de gude**. Disponível em: https://anosincriveisblog.wordpress.com/2014/05/25/bola-de-gude/ Acesso em 16 jun. 2017.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. **Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT)**- São Paulo. 2012. 664f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**: versão do texto de Marburgo de 1557 de Alberto Löfgren, revista e anotada por Theodoro Sampaio. [trad.] Alberto Löefgren. Rio de Janeiro : Publicações da Academia Brasileira II / História, 1930.

SUPERCOLORING. Disponível em: <http://www.supercoloring.com/sites/default/files/styles/coloring_medium/public/cif/2010/07/kite-coloring-page.jpg>. Acesso em: 11 fev. 2018.

TASSIGNY, Mônica Mota; GUERRA, Siena Sales Freitas; ROLIM, Amanda Alencar Machado. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. In: **Revista Humanidades**, Fortaleza:v.23, n2, p.176-180, jul/dez.2008. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf Acesso em 02. Fev.2017.

THUN, Harald. **La géographie linguistique romane à la fin du XX^{e} siècle**. In RAEMDONCK, D.V *et al* (orgs). Actes du XXII^{e} Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Bruxelle, 1998, p. 367-409.

THUN, Harald. A dialetologia no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p.63-92.

TRUZZI, Oswaldo**. Italianidade no interior paulista**: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

TUDO DESENHOS. Disponível em: <http://www.tudodesenhos.com/d/estilingue>. Acesso em: 10 mar. 2018.

TUDO DESENHOS. Disponível em: <http://www.tudodesenhos.com/d/estilingue>. Acesso em: 20 set. 2018.

VARIEVO Disponível em: <http://varievo.com/infantil/brincadeiras-de-crianca-cabra-cega>. Acesso em: 29.ago.2018.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brasil: antes da sua separação e independência de Portugal. 1816-1878.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1975.

VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura.** Madrid: Editorial Sintesis, 1991.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil: Período Colonial.** V1. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

VILLA, Marco Antonio. **Quando eu vim-me embora:** história da migração nordestina para São Paulo. RJ: Leya, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). **A Geolinguística no Brasil trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). **A Geolinguística no Brasil caminhos e perspectivas.** Londrina: Eduel, 1998. p.31-54.

APÊNDICE

Quadro A – Informações gerais sobre os inquéritos no estado de São Paulo

ESTADO	LOCALIDADE	INFORMANTE	DATA DO INQUÉRITO	INQUIRIDOR PRINCIPAL	INQUIRIDOR AUXILIAR
SÃO PAULO	Jales	150/1	30/03/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Jales	150/2	30/03/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Jales	150/3	30/03/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Jales	150/4	30/03/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Votuporanga	151/1	29/03/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Votuporanga	151/2	29/03/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Votuporanga	151/3	29/03/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Votuporanga	151/4	30/03/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	São José do Rio Preto	152/1	27/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São José do Rio Preto	152/2	29/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São José do Rio Preto	152/3	27/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São José do Rio Preto	152/4	10/10/2007	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Barretos	153/1	29/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Barretos	153/2	28/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Barretos	153/3	29/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Barretos	153/4	29/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Franca	154/1	02/11/2006	Ivã Apolônio Munhoz	
SÃO PAULO	Franca	154/2	03/11/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Franca	154/3	03/11/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Franca	154/4	03/11/2006	Ivã Apolônio Munhoz	
SÃO PAULO	Andradina[388]	155/1	23/09/2004	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Andradina	155/2	23/09/2005	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Andradina	155/3	23/09/2004	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Andradina	155/4	23/09/2005	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Araçatuba	156/1	23/03/2005	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Araçatuba	156/2	22/11/2003	Aparecida Negri Isquerdo	
SÃO PAULO	Araçatuba	156/3	23/11/2003	Aparecida Negri Isquerdo	
SÃO PAULO	Araçatuba	156/4	23/11/2003	Aparecida Negri Isquerdo	
SÃO PAULO	Ribeirão Preto	157/1	27/07/2007	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Ribeirão Preto	157/2	13/02/2008	Vanderci de Andrade Aguilera	

[388] As datas referentes aos inquéritos no ponto 155 foram confirmadas considerando os dados iniciais preenchidos nas transcrições, já que algumas gravações não informam o ano de realização do inquérito, apenas o dia e mês da entrevista.

SÃO PAULO	Ribeirão Preto	157/3	03/11/2006 e 13/02/2008[389]	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Ribeirão Preto	157/4	03/11/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Lins	158/1	01/02/2006	Rosa Evangelina de Souza B. Rodrigues	Fabiane Cristina Altino
SÃO PAULO	Lins	158/2	01/02/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Lins	158/3	01/02/2006	Ariane Cardoso dos Santos	Greize A. da Silva
SÃO PAULO	Lins	158/4	02/02/2006	Greize Alves da Silva	Eloisa Elena Barbara Oliveira
SÃO PAULO	Ibitinga	159/1	31/01/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Ibitinga	159/2	31/01/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Ibitinga	159/3	31/01/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Ibitinga	159/4	31/01/2006	Rosa Evangelina de Souza B. Rodrigues	
SÃO PAULO	Mococa	160/1	02/11/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Mococa	160/2	02/11/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Mococa	160/3	02/11/2006	Ivã Apolônio Munhoz	
SÃO PAULO	Mococa	160/4	02/11/2006	Ivã Apolônio Munhoz	
SÃO PAULO	Presidente Epitácio	161/1	28/10/2005	Ariane Cardoso	Fernando Rodrigues
SÃO PAULO	Presidente Epitácio	161/2	11/10/2004	Ariane Cardoso	
SÃO PAULO	Presidente Epitácio	161/3	11/10/2004	Gilma de Roma Bordinassi	
SÃO PAULO	Presidente Epitácio	161/4	11/10/2004	Gilma de Roma Bordinassi	
SÃO PAULO	Adamantina	162/1	20/12/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Adamantina	162/2	20/12/2005	Fabiane Cristina Altino	Eloisa Elena Barbara Oliveira
SÃO PAULO	Adamantina	162/3	20/12/2005	Rosa Evangelina de Souza B. Rodrigues	
SÃO PAULO	Adamantina	162/4	19/12/2005	Rosa Evangelina de Souza B. Rodrigues	Eloisa Elena Barbara Oliveira
SÃO PAULO	Araraquara	163/1	10/02/2005	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Araraquara	163/2	28/07/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Araraquara	163/3	29/07/2006	Greize Alves da Silva	Fabiane C. Altino
SÃO PAULO	Araraquara	163/4	10/02/2005	Fabiane Cristina Altino	

[389] No ponto 157/3 a ficha do informante indica duas datas para a realização da entrevista, durante a audição do inquérito compreende-se que o inquérito foi iniciado em 11/2006, porém, em 02/2008, o inquérito foi realizado de forma completa. Portanto, considerou-se a segunda data.

SÃO PAULO	Teodoro Sampaio	164/1	23/01/2008	Greize Alves da Silva	Ivã Apolônio Munhoz
SÃO PAULO	Teodoro Sampaio	164/2	29/10/2005	Ariane Cardoso dos Santos	Ana Lúcia Pereira Cavalcante
SÃO PAULO	Teodoro Sampaio	164/3	29/10/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	Ana Lúcia Pereira Cavalcante
SÃO PAULO	Teodoro Sampaio	164/4	23/01/2008	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Presidente Prudente	165/1	19/10/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	Daniele Pastorelli
SÃO PAULO	Presidente Prudente	165/2	19/10/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	Daniele Pastorelli
SÃO PAULO	Presidente Prudente	165/3	19/10/2005	Ariane Cardoso dos Santos	Greize Alves da Silva
SÃO PAULO	Presidente Prudente	165/4	19/10/2005	Ariane Cardoso dos Santos	Greize Alves da Silva
SÃO PAULO	Marília	166/1	10/10/2007	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Marília	166/2	10/10/2007	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Marília	166/3	15/08/2003	Giovanna Maria de Campos Paes	
SÃO PAULO	Marília	166/4	10/10/2007	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Bauru	167/1	30/01/2006	Greize Alves da Silva	Fabiane Cristina Altino
SÃO PAULO	Bauru	167/2	31/01/2006	Ariane Cardoso dos Santos	Greize Alves da Silva
SÃO PAULO	Bauru	167/3	30/06/2006	Rosa Evangelina de Souza B. Rodrigues	Daniele Pastorelli
SÃO PAULO	Bauru	167/4	30/01/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Mogi Mirim	168/1	24/12/2004	Giovanna Maria de Campos Paes	
SÃO PAULO	Mogi Mirim	168/2	28/09/2004	Vandersi Sant´anna	Rosana Germina Amâncio
SÃO PAULO	Mogi Mirim	168/3	28/09/2004	Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	Mogi Mirim	168/4	23/02/2008	Vandersi Sant´anna	
SÃO PAULO	Assis	169/1	18/03/2004	Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	Assis	169/2	17/01/2008	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Assis	169/3	18/03/2004	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Assis	169/4	17/01/2008	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Bernardino de Campos	170/1	10/10/2004	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Bernardino de Campos	170/2	09/10/2004	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Bernardino de Campos	170/3	09/10/2004	Fabiane Cristina Altino	

SÃO PAULO	Bernardino de Campos	170/4	09/10/2004	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Botucatu	171/1	15/02/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Botucatu	171/2	15/02/2006	Rosa Evangelina de Santana B. Rodrigues	
SÃO PAULO	Botucatu	171/3	06/10/2007	Ivã Apolônio Munhoz	
SÃO PAULO	Botucatu	171/4	15/02/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Piracicaba	172/1	01/11/2006	Ivã Apolônio Munhoz	Vanderci de Andrade Aguilera Greize Alves da Silva[390]
SÃO PAULO	Piracicaba	172/2	01/11/2006	Vanderci de Andrade Aguilera/ Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Piracicaba	172/3	01/11/2006	Ivã Apolônio Munhoz	
SÃO PAULO	Piracicaba	172/4	01/11/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Campinas	173/1	24/03/2002	Vandersi Sant´anna/ Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	Campinas	173/2	18/02/2008	Vandersi Sant´anna	
SÃO PAULO	Campinas	173/3	30/03/2002	Vandersi Sant´anna	
SÃO PAULO	Campinas	173/4	03/03/2008	Vandersi Sant´anna	
SÃO PAULO	Bragança Paulista	174/1	13/07/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Bragança Paulista	174/2	13/07/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Bragança Paulista	174/3	13/07/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Bragança Paulista	174/4	13/07/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Taubaté	175/1	15/02/2008	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Taubaté	175/2	10/07/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Taubaté	175/3	10/07/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Taubaté	175/4	10/07/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Guaratinguetá	176/1	09/07/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Guaratinguetá	176/2	11/07/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Guaratinguetá	176/3	09/07/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Guaratinguetá	176/4	09/07/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Itapetininga	177/1	14/02/2006	Rosa Evangelista de Santana B. Rodrigues	
SÃO PAULO	Itapetininga	177/2	14/02/2006	Fabiane Cristina Altino	

[390] No ponto 172/1 a ficha de informante indica como inquiridores: Ivã Apolônio e Vanderci Andrade Aguilera; porém a partir de 01h20 de gravação há a indicação de que o inquérito será prosseguido pela pesquisadora Greize Alves dos Santos porque os dois primeiros inquiridores indicados iriam finalizar outro inquérito na localidade.

SÃO PAULO	Itapetininga	177/3	15/02/2006	Rosa Evangelista de Santana B. Rodrigues/ Aparecida Negri Isquerdo	
SÃO PAULO	Itapetininga	177/4	15/02/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Sorocaba	178/1	13/02/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Sorocaba	178/2	13/02/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Sorocaba	178/3	13/02/2006	Rosa Evangelista de Santana B. Rodrigues	
SÃO PAULO	Sorocaba	178/4	14/02/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	São Paulo	179/1	10/07/2001	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São Paulo	179/2	18/11/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	Greize Alves da Silva
SÃO PAULO	São Paulo	179/3	18/11/2005	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São Paulo	179/4	24/06/2003	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São Paulo	179/5	24/06/2003	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	São Paulo	179/6	24/06/2003	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	São Paulo	179/7	23/06/2003	Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	São Paulo	179/8	23/06/2003	Vandersi Sant´anna de Castro	Débora Domke Ribeiro Lima
SÃO PAULO	Caraguatatuba	180/1	12/07/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Caraguatatuba	180/2	12/07/2006	Ariane Cardoso dos Santos	
SÃO PAULO	Caraguatatuba	180/3	11/07/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Caraguatatuba	180/4	12/07/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Itararé	181/1	09/02/2004	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Itararé	181/2	09/02/2004	Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	Itararé	181/3	09/02/2004	Rosa Evangelista de Santana Belli Rodrigues	
SÃO PAULO	Itararé	181/4	09/02/2004	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Capão Bonito	182/1	06/03/2004	Rosa Evangelista de Santana Belli Rodrigues	
SÃO PAULO	Capão Bonito	182/2	06/03/2004	Gilma de Roma Bordinassi	
SÃO PAULO	Capão Bonito	182/3	06/03/2004	Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	Capão Bonito	182/4	07/03/2004	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Itanhaém	183/1	13/01/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Itanhaém	183/2	13/01/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Itanhaém	183/3	14/01/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Itanhaém	183/4	14/01/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Santos	184/1	07/12/2007	Fabiane Cristina Altino	

SÃO PAULO	Santos	184/2	07/12/2007	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Santos	184/3	07/12/2007	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Santos	184/4	06/12/2007	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Ribeira	185/1	07/03/2004	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Ribeira	185/2	07/03/2004	Rosa Evangelista de Santana Belli Rodrigues	
SÃO PAULO	Ribeira	185/3	07/03/2004	Gilma de Roma Bordinassi	
SÃO PAULO	Ribeira	185/4	07/03/2004	Rosana Gemina Amâncio	
SÃO PAULO	Registro	186/1	11/01/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Registro	186/2	11/01/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Registro	186/3	11/01/2006	Fabiane Cristina Altino	
SÃO PAULO	Registro	186/4	11/01/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Cananéia	187/1	12/01/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	
SÃO PAULO	Cananéia	187/2	12/01/2006	Greize Alves da Silva	
SÃO PAULO	Cananéia	187/3	12/01/2006	Fabiane Altino	
SÃO PAULO	Cananéia	187/4	12/01/2006	Vanderci de Andrade Aguilera	

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quadro B – Informações gerais sobre os inquéritos na área de controle

ESTADO	LOCALIDADE	INFORMANTE	DATA DO INQUÉRITO	INQUIRIDOR PRINCIPAL	INQUIRIDOR AUXILIAR
MATO GROSSO DO SUL	Paranaíba	114/1	20/12/2004	Aparecida Negri Isquerdo	Regiane Coelho P Reis/ Carla Regina de Souza
MATO GROSSO DO SUL	Paranaíba	114/2	11/10/2006	Regiane Coelho P Reis	Aparecida Negri Isquerdo
MATO GROSSO DO SUL	Paranaíba	114/3	21/12/2004	Aparecida Negri Isquerdo	Regiane Coelho P Reis
MATO GROSSO DO SUL	Paranaíba	114/4	21/12/2004	Aparecida Negri Isquerdo	Regiane Coelho P Reis
MINAS GERAIS	Campina Verde	137/1	13/01/2009	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Campina Verde	137/2	22/01/2009	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Campina Verde	137/3	13/01/2009	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Campina Verde	137/4	22/01/2009	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Passos	140/1	22/07/2010	Vanderci de Andrade Aguilera	Helen Cristina da Silva
MINAS GERAIS	Passos	140/2	10/08/2009	Fabiane Altino	
MINAS GERAIS	Passos	140/3	10/08/2009	Greize Alves	
MINAS GERAIS	Passos	140/4	10/08/2009	Fabiane Altino	
MINAS GERAIS	Poços de Caldas	147/1	14/08/2009	Fabiane Altino	
MINAS GERAIS	Poços de Caldas	147/2	14/08/2009	Greize Alves	
MINAS GERAIS	Poços de Caldas	147/3	14/08/2009	Greize Alves	Fabiane Altino
MINAS GERAIS	Poços de Caldas	147/4	09/04/2011	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Itajubá	149/1	08/08/2011	Fabiane Cristina Altino	
MINAS GERAIS	Itajubá	149/2	08/08/2011	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Itajubá	149/3	08/08/2011	Vanderci de Andrade Aguilera	
MINAS GERAIS	Itajubá	149/4	08/08/2011	Vanderci de Andrade Aguilera/ Fabiane Cristina Altino	
PARANÁ	Nova Londrina	207/1	14/10/2003	Giovana Maria Paes	
PARANÁ	Nova Londrina	207/2	14/10/2003	Fabiane Cristina Altino	
PARANÁ	Nova Londrina	207/3	14/10/2003	Gilma de Roma Bordinassi	
PARANÁ	Nova Londrina	207/4	14/10/2003	Vanderci de Andrade Aguilera	
PARANÁ	Tomazina	211/1	17/06/2002	Janaina Gabriel da Silva Kami	
PARANÁ	Tomazina	211/2	24/01/2002	Vanderci de Andrade Aguilera	

PARANÁ	Tomazina	211/3	24/01/2002	Vanderci de Andrade Aguilera	
PARANÁ	Tomazina	211/4	17/06/2002	Vanderci de Andrade Aguilera	
PARANÁ	Adrianópolis	216/1	26/01/2010	Rosa Evangelina	
PARANÁ	Adrianópolis	216/2	25/01/2010	Greize Alves	
PARANÁ	Adrianópolis	216/3	10/02/2004	Rosana Gemina Amancio	
PARANÁ	Adrianópolis	216/4	10/02/2004	Vanderci de Andrade Aguilera	
RIO DE JANEIRO	Barra Mansa	205/1	01/05/2009	Cláudia de Souza Cunha	Bianca Florencio de Aguiar
RIO DE JANEIRO	Barra Mansa	205/2	02/05/2009	Cláudia de Souza Cunha	Bianca Florencio de Aguiar
RIO DE JANEIRO	Barra Mansa	205/3	01/05/2009	Cláudia de Souza Cunha	Bianca Florencio de Aguiar
RIO DE JANEIRO	Barra Mansa	205/4	01/05/2009	Cláudia de Souza Cunha	Bianca Florencio de Aguiar
RIO DE JANEIRO	Parati	206/1	13/06/2013	Cláudia de Souza Cunha	Priscila Santos
RIO DE JANEIRO	Parati	206/2	16/06/2013	Cláudia de Souza Cunha	Priscila Santos
RIO DE JANEIRO	Parati	206/3	12/06/2013	Cláudia de Souza Cunha	Priscila Santos
RIO DE JANEIRO	Parati	206/4	11/06/2013	Cláudia de Souza Cunha	Priscila Santos

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quadro C – Perfil dos informantes do estado de São Paulo

Nome/nº da localidade	Nº/ nome do informante		Sexo	Idade	Faixa etária	Naturalidade	Grau de escolaridade	Naturalidade	Estado civil	Profissão
São Paulo /179	179/01	ALC	M	28	FE1	São Paulo	4ª série	Mãe: São Paulo Pai: São Paulo	Solteiro	Pizzaiolo
	179/02	CCN	F	29	FE1	São Caetano do Sul – SP	8ª série	Mãe: São Caetano do Sul - SP Pai: São Paulo Cônjuge: São Paulo	Casada	Recepcionista e operadora de telemarketing
	179/03	OHF	M	63	FE2	São Paulo	4ª série	Mãe: Penha – SP Pai: Penha – SP Cônjuge: São José do Rio Preto – SP	Casado	Aposentado (motorista)[1,] encanador e segurança
	179/04	AMM	F	62	FE2	São Paulo	4ª série	Mãe: Itu – SP Pai: Portugal Cônjuge: São Paulo	Viúva	Do lar, trabalhou como cortadeira por 6 anos
	179/05	APSS	M	25	FE1	São Paulo	Superior completo	Mãe: Marília – SP Pai: São Paulo	Solteiro	Não obtido
	179/06	ACBS	F	21	FE1	São Paulo	Superior incompleto	Mãe: São Paulo Pai: São Paulo	Solteira	Estudante
	179/07	SAM	M	51	FE2	São Paulo	Superior completo	Mãe: São Paulo Pai: São Paulo	Solteiro	Enfermeiro centro de zoonoses da prefeitura de São Paulo
	179/08	EACA	F	52	FE2	São Paulo	Superior completo	Mãe: São Paulo Pai: São Paulo Cônjuge: São Paulo	Casada	Veterinária
Jales/150	150/01	CM	29	M	FE1	Jales – SP	8ª série	Mãe: São José do Rio Preto – SP Pai:	Casado	Chefe de almoxarifado de comprar, lavador de copos, zona

								Fernandópolis – SP Cônjuge: Estrela d'Oeste –SP		azul
	150/02	RT	29	F	FE1	Santa Fé do Sul – SP	5ª série	Mãe: não sabe direito Pai: não sabe direito Cônjuge: Paraná	Casada	Serviços gerais (escola), doméstica, lavoura
	150/03	AB	60	M	FE2	Potirandaba – SP	3ª série	Mãe: Ribeirão Preto – SP Pai: Ribeirão Preto – SP Cônjuge: não obtido	Casado	Zelador do Clube Nipo-jalense, pedreiro
	150/04	IADM	56	F	FE2	Jales – SP	4ª série	Mãe: Mirassol – SP Pai: Mirassol – SP Cônjuge: Jales – SP	Casada	Auxiliar serviços gerais
Votuporanga/151	151/01	OFN	31	M	FE1	Votuporanga – SP	4ª série	Mãe: Vila Vera Cruz (região de Votuporanga) Pai: Votuporanga – SP Cônjuge: não obtido	Casado	Músico
	151/02	KMFGMP	22	F	FE1	Votuporanga – SP	7ª série	Mãe: Palmeira do Oeste – SP Pai: São Paulo – SP Cônjuge: Votuporanga – SP	Casada	Doméstica
	151/03	AB	51	M	FE2	Votuporanga – SP	4ª série	Mãe: Valentim – SP	Casado	Topografia prefeitura,

								Pai: Minas Cônjuge: Magda SP (vila perto de Votuporanga)		eletricista
	151/04	NNS	58	F	FE2	Votuporanga – SP	4ª série	Mãe: Olímpia – SP Pai: Araçatuba – SP Cônjuge: Votuporanga - SP	Viúva	Serviços gerais (educação)
São José do Rio Preto/ 152	152/01	ACO	22	M	FE1	São José do Rio Preto – SP	8ª série	Mãe: São José do Rio Preto – SP Pai: não obtido	Solteiro	Canta em barzinhos a noite, balconista e ajudante de loja
	152/02	MCM	24	F	FE1	São José do Rio Preto – SP	6ª série	Mãe: São José do Rio Preto – SP Pai - São José do Rio Preto – SP Cônjuge: Mauá – SP	Casada	Doméstica, garçonete, babá e segurança
	152/03	LSF	60	M	FE2	São José do Rio Preto – SP	Autodidata	Mãe: São José do Rio Preto – SP Pai: São José do Rio Preto – SP Cônjuge: São José do Rio Preto – SP	Solteiro	Guardador de carros
	152/04	MIJP	55	F	FE2	Nova Itaperema distrito de São José do Rio Preto – SP	8ª série	Mãe: Vila Ventura – Ibirá – SP Pai: : Vila Ventura – Ibirá – SP Cônjuge: São	Outro	Costureira, escritório

								José do Rio Preto – SP		
Barretos/153	153/01	JRL	26	M	EF1	Barretos – SP	5ª série	Mãe: Barretos – SP Pai: Barretos – SP Cônjuge: Barretos - SP	Outro	Garçom, ajudante geral, servente
	153/02	DAO	25	F	EF1	Barretos – SP	7ª série	Mãe: Barretos – SP Pai: Barretos – SP	Solteira	Secretária moto-táxi, doméstica
	153/03	VMS	54	M	FE2	Barretos – SP	8ª série	Mãe: Barretos – SP Pai: Barretos – SP Cônjuge: Minas Gerais	Casado	Recepcionista de hotel, marceneiro, mecânico, vendedor ambulante de salgados
	153/04	MHB	57	F	FE2	Barretos – SP	4ª série	Mãe: Barretos – SP Pai: Barretos – SP Cônjuge: Barretos – SP	Casada	Doméstica, operária em frigorífico
Franca/154	154/01	AP	28	M	FE1	Franca – SP	7ª série incompleta	Mãe: Mogi-Mirim – SP Pai: Franca – SP Cônjuge: Franca – SP	Casado	Franca Inn Hotel, oficina de insulfilm
	154/02	MCO	20	F	FE1	Franca – SP	7ª série	Mãe: Franca – SP Pai: Franca – SP Cônjuge: Franca – SP	Casada	Auxiliar de produção
	154/03	AJP	57	M	FE2	Franca – SP	4ª série	Mãe: Franca – SP Pai: Franca –	Casado	Cabelereiro, cortador de fábrica de

								SP Cônjuge: Mogi-Mirim – SP		calçado, vendedor ambulante de verduras
	154/04	DZFM	57	F	FE2	Franca – SP	8ª série	Mãe: Franca – SP Pai: Pedregulho – SP Cônjuge: Patrocínio Paulista – SP	Viúva	Agente administrativo (secretaria de educação), auxiliar
Andradina/155	155/01	LHSN	25	M	FE1	Andradinha - SP	3ª série	Mãe: Andradina – SP Pai: não obtido	Solteiro	Firma de conserva de asfalto
	155/02	MVS	27	F	FE1	Andradina – SP	3ª série	Mãe: São Paulo – SP Pai: Andradina – SP Cônjuge: Andradina - SP	Casada	Doméstica, lava e passa
	155/03	JV	61	M	FE2	Andradinha - SP	4ª série	Mãe: Araçatuba – SP Pai: Birigui – SP Cônjuge: Recife – PE	Casado	Encanador/eletricista
	155/04	LGC	52	F	FE2	Andradinha - SP	4ª série	Mãe: Nova Granada Pai: Não sabe Cônjuge: Bahia	Casada	Do lar
Araçatuba/156	156/01	JPCD	25	M	FE1	Araçatuba – SP	4ª série	Mãe: Araçatuba – SP Pai: Pereira Barreto - SP	Solteiro	Tapeceiro
	156/02	MM	23	F	FE1	Araçatuba – SP	3ª série	Mãe: Araçatuba – SP Pai: Araçatuba – SP Cônjuge: Araçatuba – SP	Casada	Secretária doméstica, lanchonete (cozinheira), supermercado (promotora de vendas)

	156/03	WC	52	M	FE2	Araçatuba - SP	4ª série	Mãe: Val Paraíso – SP Pai: Val Paraíso – SP Cônjuge: São Paulo – SP	Outro	Técnico em eletrônica[2]
	156/04	MMP	55	F	FE2	Avanhandava –SP	3ª série	Mãe: Promissão – SP Pai: Avanhandava – SP Cônjuge: Londrina – PR	Casada	Zeladora Faculdades Toledo, empregada doméstica
Ribeirão Preto/157	157/01	HVVS	22	M	FE1	Ribeirão Preto – SP	8ª série (supletivo)	Mãe: Uberlândia – MG[3] Pai: Ribeirão Preto – SP[4]	Solteiro	Caixa, entregador, metalúrgico
	157/02	FAP	22	F	FE1	Ribeirão Preto – SP	5ª série	Mãe: Ribeirão Preto – SP Pai: Ribeirão Preto – SP Cônjuge: Ribeirão Preto - SP	Casada (união estável)	Balconista, atualmente do lar
	157/03	RFM	M	50	FE2	Ribeirão Preto – SP	8ª série	Mãe: Ribeirão Preto – SP Pai: Ribeirão Preto – SP Cônjuge: Ribeirão Preto – SP	Casado	Gráfico
	157/04	MARD	F	49	FE2	Ribeirão Preto – SP	6ª série	Mãe: Ribeirão Preto – SP Pai: Ribeirão Preto – SP Cônjuge: Ribeirão Preto – SP	Casada	Do lar, vendedora quando solteira
Lins/158	158/0	CJA	M	24	EF1	Lins – SP	8ª série	Mãe: Birigui –	Solteiro	Açougueiro

	1							SP Pai: Cafelândia – SP		(mercado São Benedito), moto-taxi, roça.
	158/02	APRS	F	26	EF1	Lins – SP	7ª série	Mãe: Lins – SP Pai: Lins – SP Cônjuge: Bauru – SP	Casada	Balconista
	158/03	IA	M	55	EF2	Lins – SP	1ª série	Mãe: Bebedouros – SP Pai: Bahia Cônjuge: Lins - SP	Outro (amasiado)	Taxista
	158/04	ACC	F	56	EF2	Lins – SP	8ª série	Mãe: Guaiçara – SP Pai: São José do Rio Preto – SP Cônjuge: Bahia	Viúva	Serventede escola
Ibitinga/159	159/01	RVG	M	23	FE1	Ibitinga – SP	5ª série	Mãe: Ibitinga – SP Pai: Bariri – SP Cônjuge: não obtido	Casado	Moto taxista
	159/02	VFB	F	23	FE1	Ibitinga – SP	7ª série	Mãe: Ibitinga – SP Pai: Ibitinga – SP Cônjuge: Pianco – PB	Casada	Do lar, diarista, babá
	159/03	JRP	M	62	FE2	Ibitinga – SP	4ª série	Mãe: Ibitinga – SP Pai: Ibitinga – SP Cônjuge: Nova América – SP	Casado	Servente prefeitura municipal de Ibitinga
	159/04	MJM	F	59	FE2	São Manuel – distrito de Ibitinga	2ª série	Mãe: Paraná Pai: Minas Gerais[5]	Outro (divorciada)	Costureira industrial[6], bordadeira

								Cônjuge: Ibitinga – SP		industrial, doméstica
Mococa/160	160/01	CHCS	M	28	FE1	Mococa – SP	5ª série incompleta(supletivo)	Mãe: Mococa – SP Pai: Mococa – SP Cônjuge: Mococa – SP	Casado	Empilhador (Usina Ipiranga), Telefônica
	160/02	ARNP	F	27	FE1	Mococa – SP	8ª série	Mãe: Mococa – SP Pai: Mococa – SP Cônjuge: Mococa - SP	Casada	Ajudante de cozinha, doméstica
	160/03	LG	M	56	FE2	Mococa – SP	7ª série incompleta	Mãe: Mococa – SP Pai: Mococa – SP Cônjuge: Mococa - SP	Casado	Pedreiro, pintor de parede, trabalhador rural, prefeitura
	160/04	ICP	F	55	FE2	Mococa – SP	4ª série	Mãe: Mococa – SP Pai: Mococa – SP Cônjuge: Mococa - SP	Casada	Funcionária pública, balconista, doméstica
Presidente Epitácio /161	161/01	EA	M	27	FE1	Presidente Epitácio – SP	6ª série	Mãe: Minas Gerais Pai: Minas Gerais Cônjuge: Presidente Epitácio – SP	Casado	Auxiliar geral
	161/02	MAQC	F	18	FE1	Presidente Epitácio – SP	7ª série (supletivo)	Mãe: Avaré – SP Pai: Presidente Epitácio	Solteira	Não trabalha
	161/03	CRM	M	52	FE2	Presidente Epitácio – SP	8ª série	Mãe: Tomazina – PR	Outro (separado)	Escriturário

								Pai: Tomazina – PR Cônjuge: Anastácio – SP		
	161/04	MCD	F	60	FE2	Presidente Epitácio – SP	3ª série	Mãe: Diamantina – MG Pai: Rincões Paulista – SP Cônjuge: Barra Mansa – SP	Casada	Passadeira, diarista-doméstica.
Adamantina/162	162/01	MCA	M	31	FE1	Adamantina – SP	3ª série	Mãe: Adamantina – SP Pai: Adamantina – SP Cônjuge: Adamantina – SP	Casado	Funcionário municipal, cabeleireiro
	162/02	HCS	F	27	FE1	Adamantina – SP	5ª série	Mãe: Valparaíso – SP Pai: Adamantina – SP Cônjuge: Piracicaba – SP	Casada	Do lar, doméstica
	162/03	CM	M	66	FE2	Monte Alto - SP	4ª série	Mãe: Monte Azul – SP[7] Pai: Espanhol[8] Cônjuge: Brasileira – SP	Casado	Lavrador, leiloeiro de gado
	162/04	JCM	F	55	FE2	Pacaembu – SP	7ª série (EJA)	Mãe: Pernambucana Pai: Alagoano Cônjuge: Osvaldo Cruz – SP	Casada	Dona de casa, costureira, presidente de bairro
Araraquara/163	163/01	ACS	M	24	FE1	Araraquara – SP	5ª a 8ª série (supletivo)	Mãe: Araraquara – SP	Casado	Frentista, decoração

								Pai: Ribeirão Bonito – SP Cônjuge: Araraquara – SP		
	163/02	VCPF	F	23	FE1	Araraquara – SP	8ª série	Mãe: Araraquara – SP Pai: Araraquara – SP Cônjuge: Araraquara – SP	Casada	Não obtido
	163/03	DF	M	61	FE2	Jurupema município de Taquaritinga – SP	6ª série	Mãe: Jurupema – SP Pai: São Carlos – SP Cônjuge: São Carlos – SP	Casado	Aposentado, (eletricista)
	163/04	RTDF	F	56	FE2	Araraquara – SP	7ª série incompleta	Mãe: Araraquara – SP Pai: Araraquara – SP Cônjuge: Araraquara – SP	Casada	Ajudava no comércio do pai
Teodoro Sampaio/164	164/01	VBL	M	21	FE1	Teodoro Sampaio – SP	7ª série	Mãe: Aldeia dos Índios (Próximo a Teodoro Sampaio) Pai: Minas Gerais[9] Cônjuge: não obtido	Casado	Estoquista Supermercado Dourado
	164/02	AAC	F	19	FE1	Teodoro Sampaio – SP	8ª série	Mãe: Mirante do Paranapanema – SP Pai: Corgo Seco	Solteira	Não trabalha (doméstica)

								– SP		
	164/03	JC	M	51	FE2	Tarabai – Presidente Prudente – SP	Mobral	Mãe: Bahia Pai: Bahia Cônjuge: Paulista	Casado	Vendedor ambulante, lavrador
	164/04	AAM	F	62	FE2	Teodoro Sampaio – SP	4ª série	Mãe: Ouro-Verde – MG Pai: Minas Gerais[10] Cônjuge: não obtido	Casada	Do lar, cabeleireira
Presidente Prudente/165	165/01	LS	M	22	FE1	Presidente Prudente – SP	8ª série	Mãe: Presidente Prudente – SP Pai: não obtido – não foi criado pelo pai	Solteiro	Lixo aterro sanitário, office-boy, repositor, frigorífico
	165/02	APFS	F	24	FE1	Presidente Prudente – SP	8ª série	Mãe: Paraná Pai: Paraná Cônjuge: Presidente Prudente – SP	Casada	Não obtido
	165/03	JFMN	M	53	FE2	São Judas Tadeu – Presidente Prudente – SP	4ª série	Mãe: Rio de Janeiro[11] Pai: Minas Gerais[12] Cônjuge: Narandina	Casado	Motorista (secretaria da educação), pedreiro, carpinteiro e eletricista
	165/04	MLPF	F	52	FE2	Álvares Machado –SP	4ª série	Mãe: Leme – SP Pai: Leme – SP Cônjuge: Álvares Machado – SP	Casada	Serviços gerais na escola Emílio Beker
Marília/166	166/01	VMT	M	29	FE1	Marília – SP	7ª série (aproximadamente)	Mãe: Marília – SP Pai: Ibitinga – SP[13] Cônjuge: Marília	Casado	Piscineiro em condomínio fechado, porteiro

								– SP		
	166/02	LSA	F	29	FE1	Marília – SP	5ª série	Mãe: Marília – SP Pai: Marília – SP Cônjuge: interior de São Paulo próximo a Marília	Casada	Serviços Gerais Fazenda São Cristóvão, doméstica
	166/03	ABO	M	51	FE2	Tupã – SP	3ª série	Mãe: Promissão – SP Pai: Promissão – SP	Outro (divorciado)	Funcionário da prefeitura de Marília
	166/04	DMT	F	60	FE2	Marília – SP	3ª série	Mãe: Criada em Marília Pai: Ibitinga[14] Cônjuge: Sergipe[15]	Viúva	Dona de casa
Bauru/167	167/01	EIN	M	18	FE1	Bauru – SP	8ª série	Mãe: Bauru –SP Pai: Bauru – SP	Solteiro	Planfleteiro, músico
	167/02	GGG	F	21	FE1	Bauru – SP	7ª série	Mãe: Bauru –SP Pai: Bauru – SP Cônjuge: Bauru - SP	Outro (amasiada)	Do lar
	167/03	CL	M	66	FE2	Cafelândia – SP	1ª série	Mãe: Pirajú –SP Pai: Rio Claro – SP Cônjuge: Quarantã – SP		Aposentado (montador de calçados)
	167/04	LFGFB	F	50	FE2	Bauru – SP	Supletivo – ensino fundamental	Mãe: Pederneiras – SP Pai: Jaú – SP Cônjuge: Salto Grande – SP	Casada	Servente Escola Arlindo Bolga, do lar
Mogi-Mirim/168	168/01	ALSP	M	29	FE1	Mogi-Mirim – SP	3ª série	Mãe: Jaguariúna – SP Pai: Da região (não soube	Casado	Funileiro e pintor, faz vasos ornamentais

								especificar) Cônjuge: Mogi-Mirim – SP		
	168/02	LANB	F	30	FE1	Mogi-Mirim – SP	6ª série	Mãe: Gramínia – MG Pai: Mogi-Mirim – SP Cônjuge: Mogi-Mirim – SP	Casada	Do lar
	168/03	LADT	M	58	FE2	Mogi-Mirim – SP	4ª série	Mãe: Mogi-Mirim – SP Pai: Mogi-Mirim – SP Cônjuge: Santa Rita do Sapucaí – MG	Casado	Aposentado
	168/04	GFC	F	61	FE2	Mogi-Mirim – SP	4ª série (só iniciou a 5ª série)	Mãe: Campinas – SP[16] Pai: Mogi-Mirim – SP Cônjuge: Mogi-Mirim – SP	Casada	Do lar, bem antes foi vendedora da Avon, teve loja com a mãe e a irmã.
Assis/169	169/01	ASR	M	24	FE1	Assis - SP	1ª série	Mãe: falecida, não sabe se nasceu no Ceará ou Assis Pai: falecido, não sabe se nasceu Bahia ou Assis Cônjuge: Câmbara – PR	Casado	Ajudante Geral
	169/02	MISN	F	22	FE1	Assis – SP	8ª série	Mãe: Assis – SP Pai: Assis – SP	Solteira	Babá, empregada, secretária, pastelaria, madeireira
	169/03	GT	M	52	FE2	Assis – SP	4ª série	Mãe: Assis – SP Pai: São Carlos – SP	Casado	Motorista (secretaria educação),

								Cônjuge: Assis – SP		comerciante, guarda noturno
	169/04	TCS	F	56	FE2	Assis – SP	8ª série	Mãe: Avaré –SP Pai: Avaré – SP Cônjuge: não obtido	Viúva	Empregada doméstica
Bernardino de Campos/170	170/01	WFT	M	19	FE1	Bernardino de Campos – SP	7ª série (supletivo)	Mãe: Chavantes Pai: Ipaussu	Solteiro	Corte de cana, ajudante de fábrica de costura
	170/02	LHRA	F	30	FE1	Bernardino de Campos - SP	7ª série (supletivo)	Mãe: Bernardino de Campos – SP Pai: Bernardino de Campos – SP Cônjuge: Bernardino de Campos – SP	Casada	Fábrica de costura, doméstica
	170/03	AB	M	54	FE2	Batista Botelho - SP	4ª série	Mãe: Batista Botelho – SP Pai: Batista Botelho – SP Cônjuge: Bernardino de Campos – SP	Casado	Pedreiro
	170/04	DCP	F	64	FE2	Bairro Córrego Fundo – Santa Cruz do Rio Pardo – SP	4ª série	Mãe: Santa Bárbara – SP Pai: Santa Bárbara – SP Cônjuge: Cerqueira César – SP	Casada	Do lar, no sitio
Botucatu/171	171/01	WM	M	21	FE1	Botucatu - SP	6ª série	Mãe: Botucatu-SP Pai: Avaré – SP	Solteiro	Entregador de gás, servente de pedreiro
	171/02	TPBPA	F	22	FE1	Sorocaba-SP	6ª série (supletivo)	Mãe: Avaré-SP Pai: Botucatu-SP Cônjuge:	Casada	Dona de casa

								Botucatu-SP		
	171/03	HMN	M	63	FE2	Botucatu - SP	Primário completo	Mãe: Botucatu-SP Pai: Botucatu-SP Cônjuge: Botucatu-SP	Casado	Não obtido
	171/04	TLS	F	58	FE2	Sorocaba-SP	4ª série	Mãe: Pirambóia – SP Pai: Pirambóia – SP Cônjuge:	Casada	Agente de serviços escolares
Piracicaba/172	172/01	RUO	M	23	FE1	Piracicaba – SP	8ª série completo - iniciou 1º ano (supletivo)	Mãe: São Bernardo do Campo – SP Pai: Piracicaba – SP Cônjuge: São Paulo – SP	Casado	Cristalizador e manobrista, frentista, ajudante geral
	172/02	EASN	F	26	FE1	Piracicaba-SP	5ª série	Mãe: Itapetininga – SP Pai: Piracicaba – SP Cônjuge Não obtido	Casada	Serviços gerais
	172/03	OCF	M	52	FE2	Piracicaba-SP	8ª série incompleta	Mãe: Piracicaba-SP Pai: Piracicaba – SP Cônguje: Piracicaba-SP	Casado	Creche
	172/04	MHSB	F	59	FE2	Piracicaba-SP	8ª série	Mãe: Piracicaba-SP Pai: Piracicaba – SP Cônguje Piracicaba-SP	Casada	Empresária

Campinas/173	173/01	EG	M	25	FE1	Campinas – SP	5ª série	Mãe: Campinas-SP Pai: Campinas – SP	Solteiro	Xérox Unicamp
	173/02	AAS	F	22	FE1	Campinas – SP	6ª série	Mãe: Santa Rita do Sapucaí – MG[17] Pai: Santa Rita do Sapucaí – MG	Solteira	Manicure
	173/03	EPC	M	60	FE2	Campinas – SP	4ª série	Mãe: Atibaia – SP Pai: Muzambinho – MG	Solteiro	Folguista em prédio, carga (caminhão) e empreiteiro de ferragem
	173/04	LHCB	F	54	FE2	Campinas – SP (fazenda São Quirino, hoje bairro 31 de março)	4ª série	Mãe: Campinas – SP Pai: Campinas – SP Cônjuge: Campinas – SP	Casada	Lava e passa pra fora
Bragança Paulista/174	174/01	CO	M	26	FE1	Bragança Paulista - SP	5ª série	Mãe: Bragança Paulista - SP Pai: Bragança Paulista – SP	Solteiro	Desempregado, ajuda os irmãos na agricultura
	174/02	AMO	F	19	FE1	Bragança Paulista - SP	8ª série	Mãe: Bragança Paulista - SP Pai: Bragança Paulista – SP	Solteira	Babá, ajudante geral
	174/03	CR	M	56	FE2	Bragança Paulista - SP	5ª série	Mãe: Bragança Paulista - SP Pai: Bragança Paulista – SP Cônjuge: Bragança Paulista – SP	Casado	Encanador prefeitura
	174/04	AL	F	53	FE2	Bragança Paulista - SP	8ª série	Mãe: Atibaia - SP Pai: São José	Outro	Servente, empregada doméstica

								dos Campos – SP Cônjuge: São Paulo – SP		
Taubaté/175	175/01	LFG	26	M	FE1	Taubaté – SP	8ª série	Mãe: Taubaté – SP Pai: Taubaté – SP Cônjuge: Cruzeiro	Casado	Ajudante geral, canetra
	175/02	MLSS	30	F	FE1	Taubaté – SP	8ª série	Mãe: Taubaté – SP Pai: Taubaté – SP Cônjuge: Taubaté – SP	Casada	Não obtido
	175/03	LL	62	M	FE2	Taubaté – SP	4ª série	Mãe: Taubaté – SP Pai: Taubaté – SP Cônjuge: Taubaté – SP	Casado	Mestre em manutenção, agricultor até os 13 anos e contramestre em fábrica de tecido
	175/04	VLJF	57	F	FE2	Taubaté – SP	8ª série	Mãe: Taubaté – SP Pai: Taubaté – SP Cônjuge: Caçapava – SP	Casada	Não obtido
Guaratinguetá/176	176/01	CFGN	25	M	FE1	Guaratinguetá – SP	7ª série	Mãe: Cunha - SP Pai: Guaratinguetá – SP Cônguje: SP	Casado	Prefeitura
	176/02	GATS	24	F	FE1	Guaratinguetá – SP	6ª série	Mãe: Guaratinguetá - SP Pai: Guaratinguetá –	Outro (separada)	Serviços gerais (escola Maria Carmelita de Morais)

								SP		
	176/03	BCN	58	M	FE2	Guaratinguetá – SP	4ª série	Mãe: Guaratinguetá - SP Pai: Guaratinguetá – SP Cônjuge: Cunha – SP	Casado	Motorista da prefeitura
	176/04	NMR	57	F	FE2	Guaratinguetá – SP	4ª série	Mãe: Guaratinguetá – SP Pai: Pindamonhangaba – SP	Solteira	Camareira do Hotel
Itapetininga/177	177/01	JSL	30	M	FE1	Itapetininga – SP	4ª série	Mãe: Itapetininga – SP Pai: Itapetininga – SP	Solteiro	Moto-taxi, prefeitura, guarda mirim
	177/02	ECDC	31	F	FE1	Itapetininga – SP	5ª série incompleta	Mãe: Capão Bonito – SP Pai: Itapetininga – SP Cônjuge: Sorocaba – SP	Casada	Ajuda o marido (serviços rurais)
	177/03	SMF	60	M	FE2	Itapetininga – SP	2ª série	Mãe: Itapetininga – SP Pai: Itapetininga – SP Cônjuge: Itapetininga – SP	Casado	Inspetor de vigilancia da Câmara Municipal de Itapetininga, Carpinteiro, servente de pedreiro, lavrador
	177/04	ZPMG	62	F	FE2	Itapetininga – SP	6ª série	Mãe: Itapetininga – SP Pai: Itapetininga – SP	Viúva	Servente das escolas

								Cônjuge: Itapetininga – SP		
Sorocaba/178	178/01	RCS	25	M	FE1	Sorocaba- SP	5ª série	Mãe: Sorocaba – SP Pai: Sorocaba – SP	Solteiro	Jardineiro, borracheiro, vendedor, sapateiro
	178/02	DMP	28	F	FE1	Sorocaba- SP	Terminando o 2º grau (supletivo)	Mãe: Itararé – SP Pai: Sorocaba – SP Cônjuge: não obtido	Casada	Do lar
	178/03	AV	60	M	FE2	Sorocaba- SP	7ª série	Mãe: Jardinópolis – SP[18] Pai: Sorocaba – SP Cônjuge: 1ª Sorocaba, 2ª Boituva[19]	Casado	Ferroviário, tesouraria da ACAPES (Aposentados e pensionistas)
	178/04	MACM	54	F	FE2	Sorocaba- SP	4ª série	Mãe: Itu – SP Pai: Votorantim – SP Cônjuge: Itu – SP	Casada	Do lar
Caraguatatuba/180	180/01	PPNG	20	M	FE1	Caraguatatuba – SP	8ª série	Mãe: Caraguatatuba – SP Pai: Caraguatatuba – SP	Solteiro	Desempregado
	180/02	AGS	23	F	FE1	Caraguatatuba – SP	6ª série	Mãe: Caraguatatuba – SP Pai: Caraguatatuba – SP	Solteira	Já trabalhou como Balconista
	180/0	EM	51	M	FE2	Caraguatatuba	2ª série	Mãe:	Casado	Pescador,

	3					– SP		Caraguatatuba – SP Pai: Caraguatatuba – SP Cônjuge: Caraguatatuba – SP		quiosque na praia
	180/04	CJS	49	F	FE2	Caraguatatuba - SP	5ª série	Mãe: Paraibuna – SP Pai: Paraibuna – SP Cônjuge: Caraguatatuba – SP	Casada	Doceira, do lar
Itararé/181	181/01	DFOF	29	M	FE1	Sengés – PR	3ª série	Mãe: Itararé – SP Pai: Itararé – SP Cônjuge: Itararé – SP	Casado	Ajudante de serviços gerais
	181/02	CAJ	25	F	FE1	Itararé – SP	5ª série (em curso)	Mãe: Itararé – SP Pai: não obtido Cônjuge: não obtido	Casada	Do lar
	181/03	ABFL	55	M	FE2	Itararé – SP	4ª série	Mãe: Penápolis – SP Pai: Itararé – SP Cônjuge: Itararé – SP	Casado	Não obtido
	181/04	ISG	57	F	FE2	Itararé – SP (Bairro Água Nova)	4ª série	Mãe: Bom Sucesso – SP Pai: Bom Sucesso – SP	Viúva	Do lar
Capão Bonito/182	182/01	ACQ	20	M	FE1	Capão Bonito – SP	5ª série incompleta	Mãe: Guapiara Pai: Guapiara (distrito de	Solteiro	Ajudante geral (artesanato), viveiro de mudas,

								Capão Bonito – SP)		pequenos bicos
	182/02	AAF	24	F	FE1	Capão Bonito – SP	5ª série (supletivo)	Mãe: Capão Bonito – SP Pai: Capão Bonito – SP Cônjuge: Capão Bonito – SP	Casada	Do lar, na roça, estudante
	182/03	ASR	55	M	FE2	Capão Bonito – SP	4ª série	Mãe: Capão Bonito – SP Pai: Capão Bonito – SP Cônjuge: Capão Bonito – SP	Casado	Autônomo
	182/04	ARS	60	F	FE2	Capão Bonito – SP	3ª série	Não obtido	Casada	Costureira
Itanhaém/183	183/01	TLCS	18	M	FE1	Itanhaém – SP	6ª série	Mãe: Itanhaém – SP Pai: Itanhaém – SP	Solteiro	Vigia noturno, mecânico
	183/02	ASA	19	F	FE1	Itanhaém – SP	8ª série	Mãe: Juquiá – SP Pai: Iguape – SP Cônjuge: Itanhaém – SP	Casada	Do lar
	183/03	JRS	52	M	FE2	Itanhaém – SP	5ª série	Mãe: Piaságüera - Itanhaém – SP Pai: Sibratel - Itanhaém – SP	Solteiro	Músico
	183/04	DSR	61	F	FE2	Itanhaém – SP	5ª série	Mãe: Itanhaém – SP Pai: Itanhaém – SP Cônjuge: Itanhaém – SP	Casada	Aposentada (funcionária pública), enfermeira

Santos/184	184/01	MJC	23	M	FE1	Santos – SP	8ª série incompleta	Mãe: Santos - SP Pai: Santos- SP	Solteiro	Empreiteiro, estaleiro
	184/02	RCCO	25	F	FE1	Santos – SP	Ensino médio (6 meses)	Mãe: Bauru - SP Pai: Marília-SP[20]	Viúva	Desempregada/ auxiliar de serviços gerais
	184/03	EAM	52	M	FE2	Santos – SP	Não obtido	Mãe: Jequié-BA Pai: Paraíba	Solteiro	Doqueiro (porto de Santos), corretor de exportação
	184/04	VLCS	58	F	FE2	Santos- SP	5ª série	Mãe: interior de SP Pai: Santos – SP	Outro (separada/divorciada)	Vendedora da Avon e faxineira
Ribeira/185	185/01	MFS[21]	30	M	FE1	Ribeira – SP				
	185/02	MRS[22]	28	F	FE1	Capão Bonito – SP	5ª série	Mãe: Ribeira – SP Pai: Ribeira – SP Cônjuge: Itapeva – SP		
	185/03	JCMDB	65	M	FE2	Ribeira (Morro Grande) – SP	4ª série	Mãe: Afaiaí – SP Pai: Ribeira – SP Cônjuge: Ribeira – SP	Casado	Comerciante
	185/04	TSP	52	F	FE2	Ribeirão Claro – SP	4ª série	Mãe: Prumbo Pai: Sítio	Viúva	Diarista
Registro/186	186/01	CAA	24	M	FE1	São Paulo – SP	8ª série	Mãe: Parigura Pai: Registro – SP	Solteiro	Técnico de serviço, segurança
	186/02	RRGS	19	F	FE1	Registro – SP	8ª série	Mãe: Registro – SP Pai: Registro – SP	Solteira	Não trabalha
	186/0	ESP	59	M	FE2	Miracatu – SP	4ª série	Mãe: Eldorado –	Casado	Cozinheiro,

	3							SP Pai: Eldorado – SP Cônjuge: Sete Barras – SP		balconista, ajudante de **protótico**
	186/04	NLC	63	F	FE2	Registro – SP	3ª série	Mãe: Registro – SP Pai: Registro – SP Cônjuge: Registro – SP	Casado	Do lar
Cananéia/187	187/01	VMC	21	M	FE1	Cananéia – SP	6ª série	Mãe: Cananéia – SP Pai: Cananéia – SP	Solteiro	Mecânico, marceneiro, fábrica de bloco
	187/02	DAM	18	F	FE1	Cananéia – SP	7ª série	Mãe: Cananéia – SP Pai: Santa Catarina[23]	Outro	Ajudante de cozinha (restaurante)
	187/03	JJP	58	M	FE2	Cananéia - SP	4ª série	Mãe: Jaraguá do Sul – SC[24] Pai: Cananéia – SP Cônjuge: Cananéia – SP	Casado	Ajudante geral (pousada), motorista de barco
	187/04	PAL	60	F	FE2	Cananéia – SP	4ª série	Mãe: Cananéia – SP Pai: Cananéia – SP Cônjuge: Cananéia – SP	Casada	Comerciante

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Quadro D – Perfil dos informantes da área de controle

Estado	Nome/nº da localidade	Nº/ nome do informante		Sexo	Idade	Faixa etária	Naturalidade	Grau de escolaridade	Naturalidade	Estado civil	Atividades desempenhadas
MS	Paranaíba/ 114	114/01	ALO	M	26	FE1	Paranaíba – MS	4ª série	Mãe: Paranaíba – MS Pai: Paranaíba – MS Cônjuge: Paranaíba – MS	Casado	Mototaxista, tratorista
		114/02	MML	F	30	FE1	Paranaíba – MS	7ª E 8ª série (EJA)	Mãe: Paranaíba – MS Pai: Paranaíba – MS	Solteira	Doméstica, babá de crianças e pessoas idosas
		114/03	JRM	M	60	FE2	Paranaíba – MS	3ª série	Mãe: Paranaíba – MS Pai: Paranaíba – MS Cônjuge: Araçatuba – SP	Casado	Pecuarista
		114/04	ECS	F	62	FE2	Paranaíba – MS	4ª série	Mãe: Paranaíba – MS Pai: Paranaíba – MS Cônjuge: Paranaíba – MS	Casada	Do lar, costureira, bordadeira
MG	Campina Verde/137	137/01	LAF	M	19	FE1	Campina Verde – MG	8ª série	Mãe: Campina Verde – MG Pai: Campina Verde – MG Cônjuge: Campina Verde – MG	Outro (união estável)	Frentista de posto, eletricista, mecânico
		137/02	SMSB	F	25	FE1	Campina Verde – MG	8ª série	Mãe: Campina Verde – MG Pai: Iturama – MG[1] Cônjuge: Campina Verde – MG	Outro (união estável)	Recepcionista, doméstica, babá, locutora, tratorista, balconista

		137/03	MFB	M	65	FE2	Campina Verde – MG	4ª série	Mãe: Campina Verde – MG Pai: Campina Verde – MG Cônjuge: Capinópolis – MG	Casado	Aposentado (mecânico, motorista, funcionário público municipal)
		137/04	NC	F	66	FE2	Campina Verde – MG	4ª série	Mãe: Campina Verde – MG Pai: Iturama – MG Cônjuge: Campina Verde – MG	Casada	Doméstica
	Passos/140	140/01	RFS	M	24	FE1	Passos – MG	1ª série do Ensino médio	Mãe: Passos – MG Pai: Passos – MG Cônjuge: Belo Horizonte – MG	Casado	Garçom em churrascaria
		140/02	TSC	F	28	FE1	Passos – MG	5ª série	Mãe: Passos – MG Pai: Passos – MG	Solteira	Garçonete, babá, doméstica
		140/03	SCN	M	59	FE2	Passos – MG	8ª série	Mãe: Passos – MG Pai: Nepomuceno - MG[2] Cônjuge: Passos – MG	Casado	Motorista, lavrador
		140/04	MACT	F	67	FE2	Passos – MG	4ª série	Mãe: Passos – MG Pai: Passos – MG Cônjuge: não obtido[3]	Casada	Do lar
	Poços de Caldas/147	147/01	EMB	M	30	FE1	Poços de Caldas – MG	5ª série	Mãe: Caldas – MG Pai: Poços de Caldas – MG Cônjuge: Poços de Caldas – MG	Casado	Encanador (trabalhava na Danone)
		147/02	PBB	F	23	FE1	Poços de Caldas – MG	8ª série	Mãe: São Lourenço – MG Pai: Divisa Nova – MG	Casada	Agente de endemias, supermercado, confecção de fantasias de carnaval e mototaxi
		147/03	FCR	M	50	FE2	Poços de	4ª série	Mãe: Distrito de	Casado	Charreteiro

							Caldas – MG		Campestre – MG Pai: Fazenda Recreio Cônjuge: Muzambinho – MG		turístico
		147/04	DCC	F	54	FE2	Poços de Caldas – MG	7ª série	Mãe: Poços de Caldas – MG Pai: Poços de Caldas – MG Cônjuge: Vargem Grande do Sul – SP[4]	Casada	Vendedora de roupas femininas, do lar
	Itajubá/149	149/01	OHSS	M	22	FE1	Poços de Caldas – MG	8ª série	Mãe: Seritinga – MG Pai: Itajubá – MG	Solteiro	Recepcionista de hotel, motoboy, restaurante
		149/02	LASS	F	26	FE1	Maria da Fé – MG	7ª série	Mãe: Maria da Fé – MG Pai: Maria da Fé – MG Cônjuge: Itajubá – MG	Casada	Do lar, babá, empregada doméstica
		149/03	CRM	M	60	FE2	Itajubá – MG	4ª série	Mãe: Itajubá – MG Pai: Itajubá – MG Cônjuge: PNR[5]	Casado	Office-boy/ aposentado atendente de enfermagem
		149/04	MGG	F	55	FE2	Itajubá – MG	8ª série	Mãe: Biguá – Itajubá – MG Pai: Natércia – Itajubá – MG Cônjuge: Itajubá – MG	Viúva	Serviços Gerais
PR	Nova Londrina/207	207/01	JPM	M	19	FE1	Nova Londrina - PR	5ª série	Mãe: Nova Londrina – PR Pai: Minas Gerais		Produção de polvilho
		207/02	SMS	F	21	FE1	Nova Londrina – PR	4ª série	Mãe: Nova Londrina – PR Pai: Nova Londrina – PR Cônjuge: Marilena –	Casada	Trabalha na escola municipal

									PR		
		207/03	MC	M	50	FE2	Nova Londrina – PR	4ª série	Mãe: Trajano de Morais - RJ Pai: Trajano de Morais - RJ Cônjuge: Bela Vista do Paraíso - PR	Casado	Trabalhador rural, motorista
		207/04	JLM	F	58	FE2	Neves Paulista - SP	4º série	Mãe: Descalvado – SP Pai: Descalvado – SP Cônjuge: Jacobina - BA	casada	Do lar
	Tomazina/ 211	211/01	ZS	M	19	FE1	Tomazina-PR	4ª série	Mãe: SP Pai: SC	solteiro	Servente de pedreiro
		211/02	CIS	F	21	FE1	Tomazina - PR	4ª série	Mãe: veio com 1 mês de MG Pai: Tomazina – PR Cônjuge: Tomazina – PR	Casada	Operária lavradora
		211/03	NCS	M	63	FE2	Tomazina – PR	3ª série	Mãe: Pouso Alegre – MG Pai: Tomazina – PR Cônjuge: Tomazina – PR	Casado	Agricultor
		211/04	DMR	F	62	FE2	Tomazina – PR	4ª série	Mãe: Tomazina – PR Pai: Interior de MG Cônjuge: Tomazina – PR	Casada	Não obtido
	Adrianópolis/216	216/01	ACGLL	M	17	FE1	Adrianópolis – PR	8º série	Mãe: Adrianópolis – PR Pai: Adrianópolis – PR	Solteiro	Lavrador (diarista)
		216/02	ALS	F	29	FE1	São Paulo – SP[7]	4ª série	Pai e mãe: Adrianópolis	outro	Doméstica (diarista)
		216/03	LJM	M	59	FE2	Adrianópolis – PR[8]	4ª série	Mãe: Bocaiúva do Sul – PR	Casado	Taxista (aposentado)

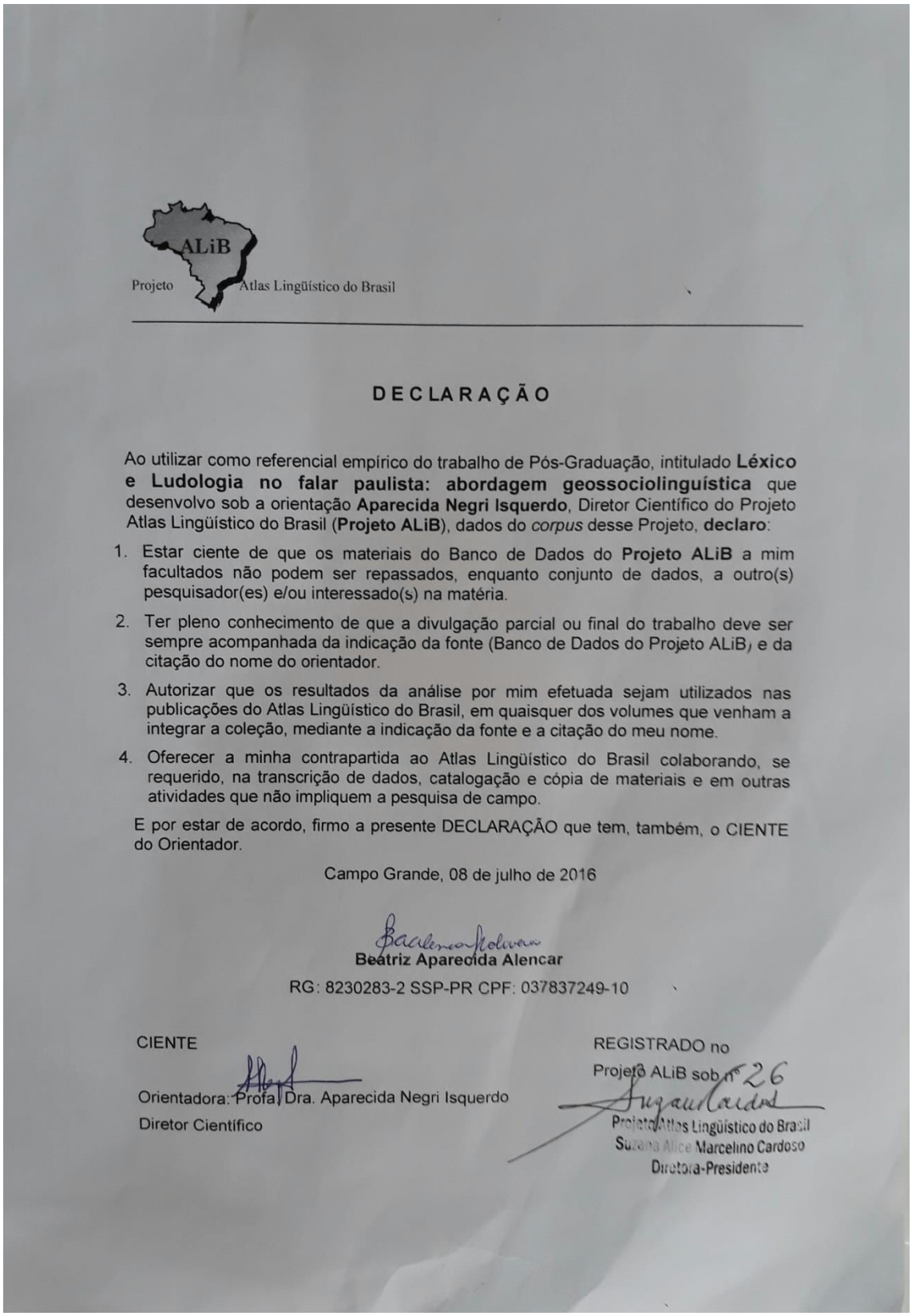
									Pai: Cerro Azul – PR Cônjuge: Boicaiúva do Sul - PR		Motorista[8]
		216/04	PFS	F	60	FE2	Barra do Ouro Fino – SP[9]	6ª série	Mãe: Barra do Ouro Fino – SP Pai: Cerro Azul – PR	Solteira	Auxiliar de serviços gerais, professora em escola rural.
RJ	Barra Mansa/205	205/01	EHM	M	26	FE1	Barra Mansa – RJ	4ª série	Mãe: Barra Mansa – RJ Pai: Barra Mansa – RJ Cônjuge: Barra Mansa – RJ (namorada)	Solteiro	Mecânico
		205/02	MS	F	24	FE1	Barra Mansa – RJ	7ª série	Mãe: Barra Mansa – RJ Pai: Barra Mansa – RJ Cônjuge: Barra Mansa – RJ	Casada	Doméstica desempregada
		205/03	PJS	M	49	FE2	Barra Mansa – RJ	6ª série	Mãe: Barra Mansa – RJ Pai: Barra Mansa – RJ Cônjuge: Ponte Nova – MG	Casado	Soldador, maçariqueiro, mecânico, serralheiro
		205/04	MGR	F	51	FE2	Barra Mansa – RJ	2ª série	Mãe: Barra Mansa – RJ Pai: Barra Mansa – RJ Cônjuge: Petrópolis - RJ	Outro	Não trabalha, já foi empregada doméstica
	Parati/206	206/01	ETS	M	25	FE1	Parati – RJ	8ª série	Mãe: Parati – RJ Pai: Parati – RJ	Solteiro	Guia turístico
		206/02	ASC	F	18	FE1	Parati – RJ	8ª série	Mãe: Parati – RJ Pai: Parati – RJ	Solteira	Vendedora loja de artesanato
		206/03	SM	M	62	FE2	Parati – RJ	4ª série	Mãe: Parati – RJ Pai: Paulista	Casado	Caiaqueiro – Praia do Pontal

									Cônjuge: Parati – RJ		
		206/04	JBS	F	63	FE2	Parati – RJ	7ª série	Mãe: Parati – RJ Pai: Minas Gerais	Solteira	Merendeira aposentada

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

ANEXOS

Anexo A – Autorização para o uso dos dados documentados pelo Projeto ALiB



Projeto ALiB Atlas Linguístico do Brasil

DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, intitulado **Léxico e Ludologia no falar paulista: abordagem geossociolinguística** que desenvolvo sob a orientação **Aparecida Negri Isquerdo**, Diretor Científico do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (**Projeto ALiB**), dados do *corpus* desse Projeto, **declaro**:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do **Projeto ALiB** a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Lingüístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Lingüístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE do Orientador.

Campo Grande, 08 de julho de 2016

Beatriz Aparecida Alencar

RG: 8230283-2 SSP-PR CPF: 037837249-10

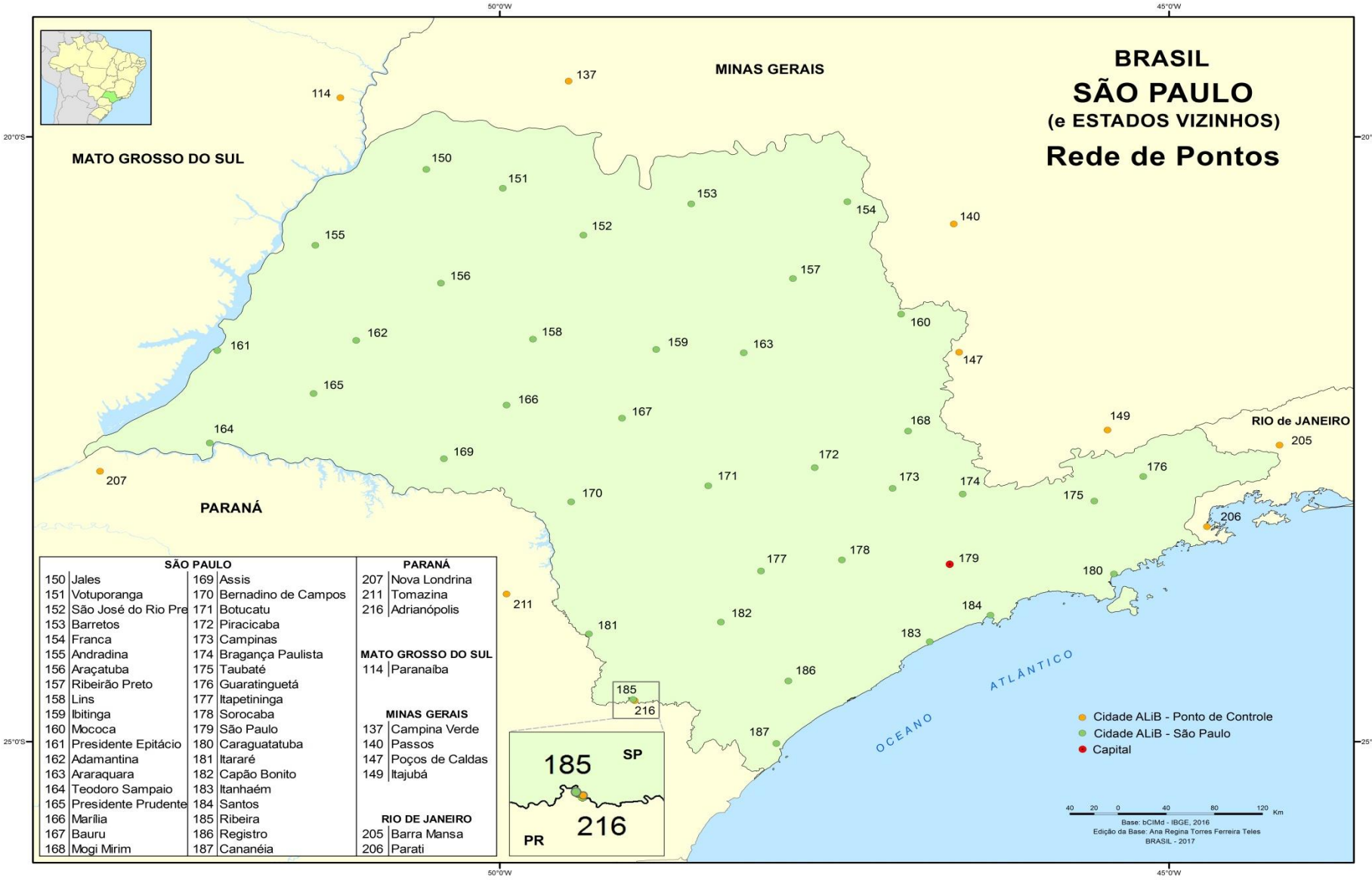
CIENTE

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Diretor Científico

REGISTRADO no Projeto ALiB sob nº 26

Projeto Atlas Linguístico do Brasil
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Diretora-Presidente

Anexo B – Apresentação da rede pontos



Anexo C – Brinquedos e brincadeiras cartografadas nos atlas linguísticos/trabalhos dialetais produzidos na área investigada[391]

Trabalhos/atlas	155 cambalhota	156 Bolinha de gude	157 estilingue	158 Pipa sem vareta	159 Pipa com vareta	160 Esconde-esconde	161 Cobra-cega	162 Pega-pega	163 pique	164 Lenço	165 gangorra	166 balanço	167 amarelinha
Esboço de um atlas linguístico de MG (RIBEIRO et al, 1977).	X	X					X		X	X			
Atlas Linguístico do Paraná I (AGUILERA, 1994).	X		X	X		X			X				X
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007).		X	X	X			X	X					
Atlas Linguístico do PR II (ALTINO, 2007).		X					X					X	
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).		X	X	X		X	X	X	X	X	X		X
Atlas Linguístico Topodinânimo do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014).	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Falar fluminense (SANTOS, 2016)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais (D´Anunciação, 2016).		X	X	X	X								X

[391] Registram-se os trabalhos, utilizados neste estudo, para a comparação/análise de dados. Salienta-se que alguns Atlas não forneciam informações sobre as formulações das questões.